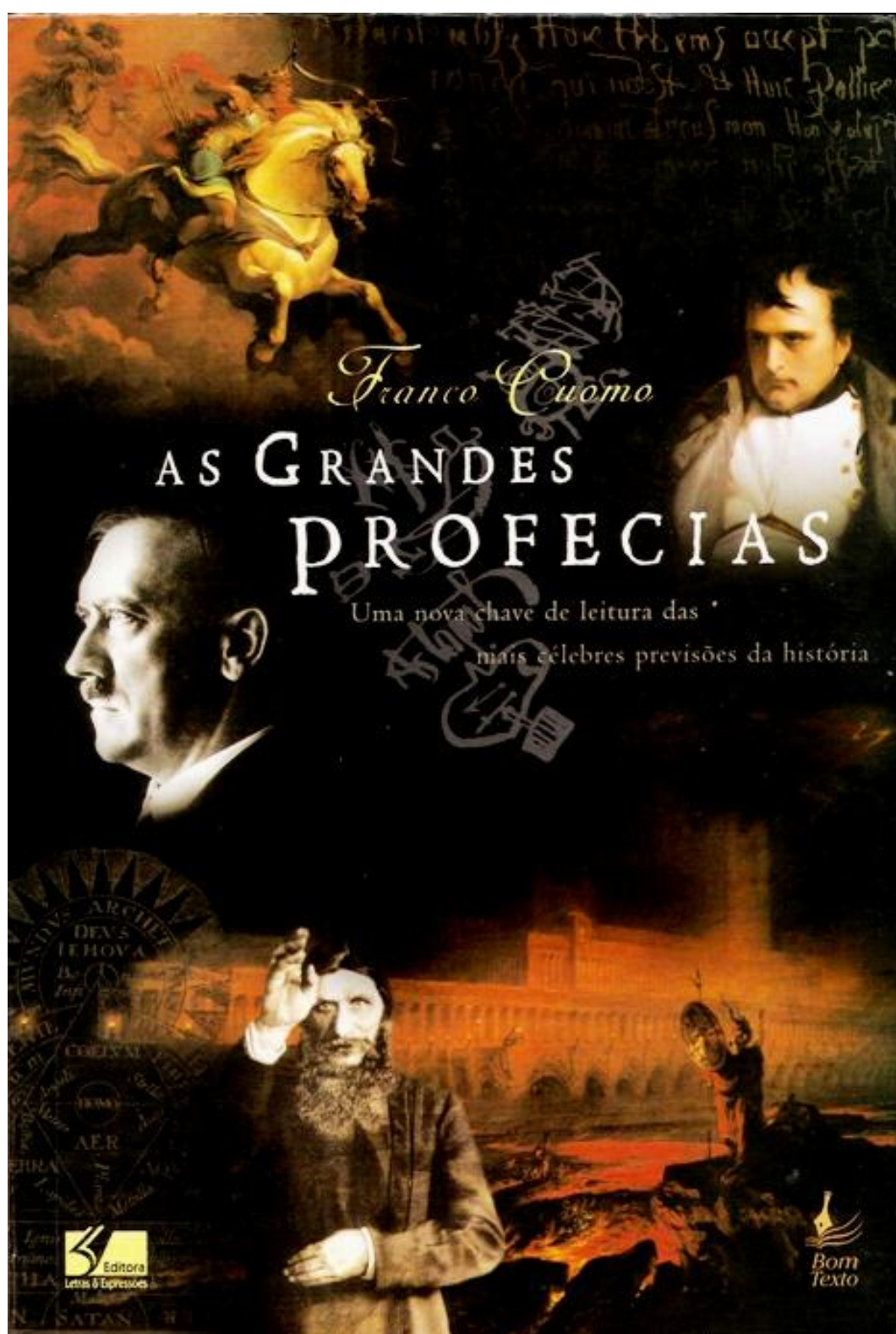






F R A N C O C U O M O

A S G R A N D E S P r o f e c i a s

Uma nova chave de leitura das mais célebres previsões da história

Tradução:

GILSON B. SOARES

Sumário

11 Mil anos em um só dia

15 1 - Fátima, o "terceiro segredo"

O sol enlouquecido de outubro. O silêncio dos pontífices. Um "grande castigo" evitava. O lobo cinzento e o cruzado azul. Milingo acusa: Satanás está na cúria

19 2 - A doença do mundo

La Salette, prólogo de Fátima. Lourdes: águas que curam, águas que convertem. A "Mãe da Solidão"

37 3 - Os seis mistérios de Medjugorje

Videntes de guerra. Uma descida ao inferno. As "horrendas verdades" de Fátima. Dez anos de tempo. Ratzinger: "Nada de espantoso" na mensagem da Virgem

49 4 - Um "leão ruge" contra Deus

O Cristo fotografado na Porta Angélica. A hora de Satanás. A Itália dos traidores e dos espiões. "Como um menino assustado..."

57 5 - O Apocalipse de João

Em comunicação com Deus. Os sete selos. Duzentos milhões de monstruosos cavaleiros. Miguel contra o dragão: crônica de uma guerra no céu. Novas pragas para não esquecer. A mãe de cada prostituição. Todas as Babilônias do mundo. O enigma dos mil anos. As forças obscuras da alma

75 6 - Profetas falsos e autênticos da Bíblia

Do Antigo ao Novo Testamento. Serpentes venenosas contra os adivinhos. Um chacal entre as ruínas. Pelo amor de Sião

85 7 - O dia da ira

A beleza humilhada pelo fogo. Cada qual com seu apocalipse. As mulheres dos anjos

93 8 - As três idades do mundo

Os encontros com o Messias. O calendário de Deus. O jardim de Alá. Gog e Magog

103 9 - Os senhores das estrelas

A "ciência dos magos". A Torre de Babel. O livro sagrado do céu. O olhar maléfico

113 10 - Os números da Grande Pirâmide

A Bíblia de pedra. O "polegar polar". Os subterrâneos do apocalipse. Do "poço do resgate" ao número grego fixo Pi. O deus do "disco luminoso"

123 11 - O poder invencível da Sina

As vontades dos deuses e as dos homens. As certezas platônicas sobre a Atlântida. Mistérios eleusinos, dionisíacos e órficos. Arúspices e profecias institucionais na Roma antiga

131 11 - As sibilas

A Cumana, sibíla de Virgílio e do Cristo. A Pérsica, a Líbia, a Déléfica e as outras. Eritréia, uma adivinha dos natalícios controversos. Os oráculos sibilinos. Uma ponte entre a antiga e a nova religião. O vaticínio da ninfa Porrina sobre a vinda de Rita de Cássia

145 13 - O crepúsculo dos deuses

O apocalipse viking da Edda. O "sacrifício ensangüentado" do deus da inocência. O místico ramo de visco. A druidesa e Diocleciano

153 14 - Um abade "dotado de espírito profético"

A disputa sobre o "milênio". Hereges e santos. A revolução cristã de Joaquim da Fiore. Dante, "fiéis do amor" e rosa-cruz. A obsessão do conto às avessas

163 15 - O último papa

Enquanto durar o Coliseu. Os 112 pontífices de Malaquias. O "lenho da vida"

181 16 - Apocalípticos aureolados

Francisco de Assis e o "poder dos demônios". Francisco de Paula, profeta da "última religião".

Santa Brígida e o oráculo das festas cruzadas. Catarina, o cisma e o papa inibido. As "sete armas" de Catarina de Bolonha. Sóror Domenica e as "atrocidades" dos fiorentinos.

A "atribulação" luciferiana de Margherita da Cortona. Encontro da peregrina Hildegunda com Pedro, o Anti-pedro e o Anticristo. Os espelhos místicos da monja Hildegarda. O extermínio dos "perfeitos"

199 17 - Merlin, o imortal

Rumo a um caos sem retorno. Roma "agitada e sacudida". O sacrifício de Becket

207 18 - O enigma de Nostradamus

As chaves do tempo. Hitler, Hilter, Hister. Peixes elétricos e pássaros a jato. O leão cegado na jaula. As "palavras de poder". "Estando sentado à noite... As "figuras nebulosas". O novo reino de Saturno. O fim de Nova York. O ataque do Grande Camelo. Piedade por quem tem fome. Morrer "no lugar de sempre". O destino dos filhos

229 19 - A grande ilusão renascentista

Paracelso entre super-homem e homunculus. Marsilio Ficino e a cúpula do mundo. O vírus de Leonardo. Giordano Bruno: do cosmo à catástrofe

- 241 20 - O excomungado, o santo, o cismático
Savonarola, terrorista de Deus. Ferrer coroado de fogo. Os diabos de Lutero
- 253 21 - Sonhos célticos
O mundo de "ponta-cabeça" de Mamãe Shipton. Uma disputa sobre o fim dos tempos. O destino atroz de Brahan Seer. As 144 luas do monge Sean
- 261 22 - O Aranha Negra
Um "dilúvio de estrelas". Ascensão e derrota ao "príncipe negro". Uma tragédia da auto-destruição. Triunfos de morte. O calendário da loucura humana. Sobre o fio da eternidade "entre fogo e fogo". Na espiral do "nazismo mágico"
- 275 23 - A monja de Dresden
A grande "inquietação" do século XXI. As três pragas. Os 6.666 dias do demônio. Anjos e venenos. As águas mortais de Veneza. O apocalipse direcionado
- 287 24 - As esposas de Deus
O Anticristo revolucionário de Jeanne La Royer A Sibila do último Céu. A vestal do santuário traído. Anna Maria dos Pontífices. Uma Pomba piedosa com os príncipes. As profecias "domésticas" de Teresa Gardi. O sonho de madre Clelia, freira menor. O Diabo no convento
- 301 25 - A dupla profecia da "amendoeira florida"
A ditadura invisível. A morte do "leão enganchado". As "serpentes" de Paulo VI e o fim do papa Luciani. O furor da "foice" sobre Roma. A múmia de Viterbo
- 313 26 - Os arcanjos da guilhotina
Os patíbulos da Razão. "Sangue, sangue, sangue..." O Anticristo "místico"
- 323 27 - Dom Bosco, profeta em sonho
As mortes anunciadas. Os "avisos" do Senhor. Tantos "grandes funerais" na corte. Sinais de fogo. Dois plenilúnios para um "íris de paz". "Distrações" e vida breve de Domenico Savio

333 28 - A grande besta

Aleister Crowley, "santo" de Satanás. A lei de Aiwass, anjo guerreiro. A nova era de Hórus. A "maldição" de Nietzsche. Meio grama de heroína. As sete eternidades da Blavatsky. Todos profetas no mundo novo de Steiner. Os brancos "cavaleiros" do Graal e os magos negros de Hitler. Entre Cristo e Sigfried

353 29 – Profecias negras

A tragédia dos Rontanov. O oráculo de Rasputin, o nazista que viu um incêndio premeditado. O mago de Stalin. A vidente que reconheceu os "demônios" do poder. O amargo destino de Kennedy e Marilyn. O messias de Aquário

369 30 - Mundos perdidos

O reencarnado da Atlântida. O "anel de fogo". A alma do mundo. A Nova Jerusalém americana. O dia da Grande Desilusão

381 31 - A grande "viagem" de padre Pio

O tormento das chagas. "Nada mais de massacres" no século XXI. Visões de sangue: Aldo Moro e Robert Kennedy. Os "despeitos" de Satanás. Voando sobre Gargano

393 32 - Fátima além de Fátima

O vidente do Liri. A ciência além da fé. A economia do paraíso. Os treze "segredos" de Albino. Os sinais. Como reconhecer os servidores de Satanás. Três dias de extermínio. Os profetas da última hora

Jamais ocorre qualquer acidente grave em uma cidade ou província que não tenha sido previsto por adivinhos ou por revelações, por prodígios ou por outros sinais celestes.

(Maquiavel, Discursos, I-56)

Mil anos em um só dia

Do Futuro só sabemos que ele virá. Do presente temos um conhecimento não raro confuso, se não totalmente distorcido, já que estamos dentro dele e que se trata de uma realidade em transformação, de êxitos incertos. A única certeza reside no passado, única fase realmente imutável da nossa existência. Podemos removê-lo, esquecê-lo, mas não apagá-lo; podemos fragmentá-lo, disfarçá-lo, jamais modificá-lo.

Contudo não vivemos senão projetados no nosso futuro. "Quase nunca pensamos no presente", escrevia Pascal, "e, quando o fazemos, não é mais do que para nos dar indicações acerca de como dispor do nosso futuro." Como o presente, instável como é entre o instante que o precedeu e aquele que o seguirá, não possui uma identidade própria reconhecível, no momento em que o atravessamos ele se esquia. Não é capaz de representar um objetivo, nem mesmo quando coincide com um resultado desejado, uma vez que no próprio instante no qual é obtido surge o problema do que fazer com ele no futuro, das responsabilidades que nos apresenta e dos riscos a que nos expõe, a começar pelo risco de perdê-lo.

Uma realidade tão fugidia assim não pode fazer às vezes de meta, mas sim de um novo ponto de partida para um projeto de vida que, por sua vez, nos surgirá consumado no seu término. E, portanto, passado e presente não passam de instrumentos para condicionar a única realidade que realmente nos interessa, ou seja, a futura. Assim, "nós não vivemos", concluía Pascal, "mas esperamos viver, e se nos determinarmos sempre a ser felizes é indubitável que jamais o seremos, a não ser aspirando a uma 'beatitude diferente' daquela da qual se pode usufruir nesta vida".

Pode-se compartilhar ou menosprezar a aspiração àquela "beatitude diferente" de que fala o filósofo, mas o seu arrazoado dá uma idéia clara das necessidades existenciais que geraram no homem a urgência de conhecer, sem cessar, o próprio futuro, ao qual se tentou dar resposta, em épocas e civilizações diferentes, recorrendo-se a práticas adivinhatórias que às vezes confiavam no acaso e outras vezes nos deuses.

Aos adivinhos que falavam por conta própria e aos sacerdotes que interpelavam os oráculos nos templos juntaram-se depois, ao longo dos séculos, profetas designados pela vontade popular ou pela própria

divindade, na tradição bíblica -, a fim de receber as mensagens de Deus e divulgá-las. A estes últimos se sobrepuseram por fim, na era cristã, as manifestações diretas de entidades que, através de aparições e outros eventos considerados miraculosos pelos crentes — ou talvez inexplicáveis à luz da razão —, comunicaram previsões de interesse universal. Fenômenos deste gênero foram se intensificando, em vez de rarearem, na idade moderna, provocando uma ressonância que alcançou o ponto culminante em eventos como os de Fátima e Medjugorje.

Se revisarmos a história das grandes profecias que alimentaram através dos séculos as mais indecifráveis fantasias humanas — e continuam a alimentar até hoje, descobriremos que correspondem a uma matriz comum, da qual brotam surpreendentes semelhanças nos mais famosos oráculos de todas as religiões, desde aquelas dos antigos caldeus e egípcios à epístola evangélica, corânica e talmúdica. Sem excluir as sibilas do mundo pagão greco-romano e os abalos cosmogônicos da mitologia germânica.

Não escapam à influência deste originário saber oracular alguns grandes mestres medievais e renascentistas ou da idade decididamente moderna — como Joaquim da Fiore e Paracelso, Nostradamus, dom Bosco — que repropõem sua substância, nem que seja através do filtro das respectivas inspirações.

Neste tecido visionário dominam medos ancestrais e luminosas esperanças, destinados a se confundir em um cenário de morte e de regeneração que tem sua expressão mais perfeita no Apocalipse de João, a mais complexa e inspirada profecia já pronunciada sobre os destinos finais do homem, mas certamente não a única.

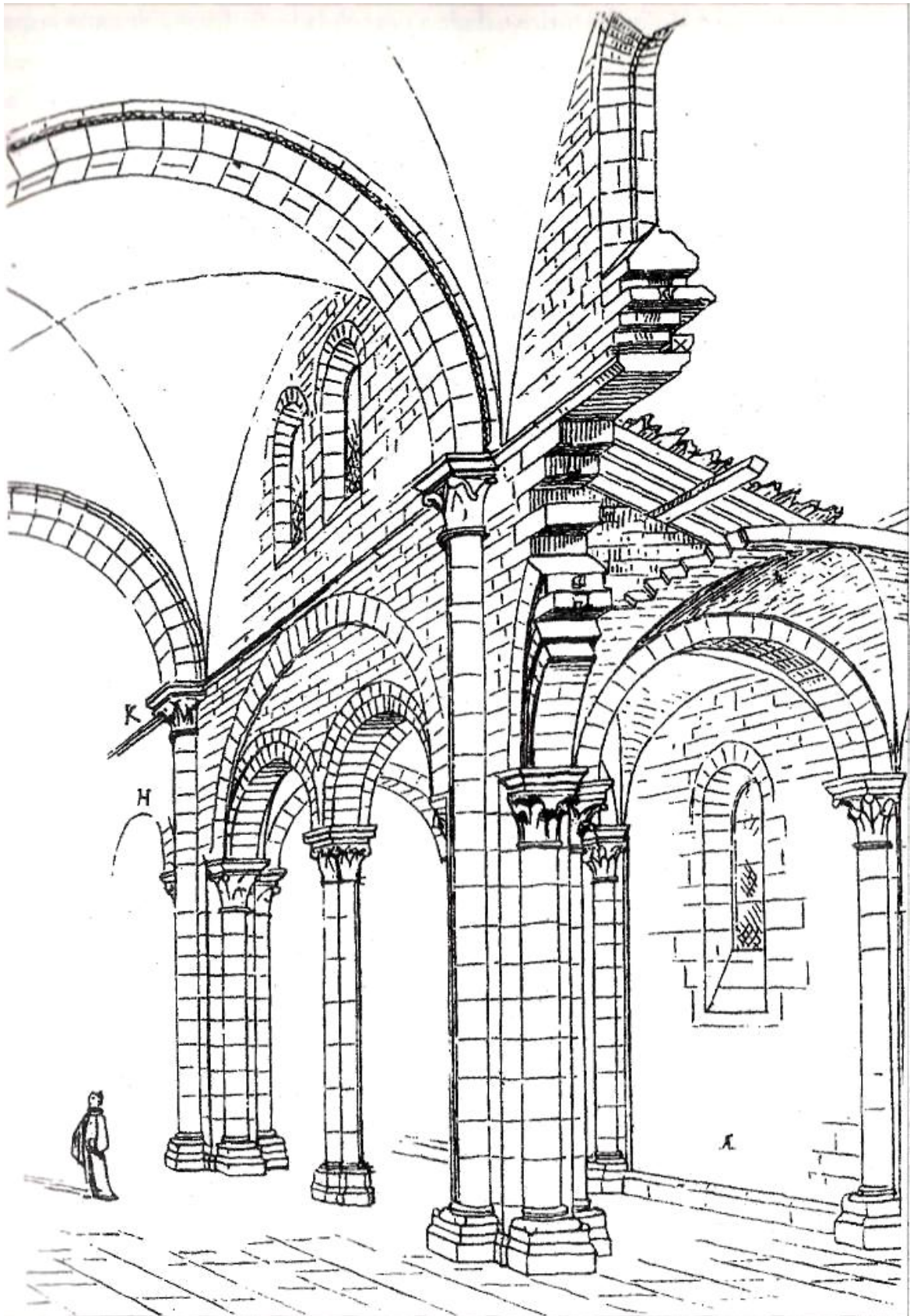
Ao se tentar interpretá-las na sua chave mais acessível, que é aquela da advertência sobre como se comportar para evitar a catástrofe vez por outra anunciada, estas profecias aparentemente espantosas demonstrariam, na realidade, o contrário do quanto transparece na superfície; e vale dizer que o fim do mundo, embora iminente, não ocorrerá. É fácil intuir a razão através de uma elementar decifração dos textos.

Do outro lado, porém, das imagens relevantes além do limiar hermético de cada oráculo — e da sua interpretação, que também faz parte dos objetivos desta pesquisa —, a principal intenção do livro é a de traçar uma história das “grandes profecias” seguindo o fio da expectativa escatológica à qual

todas correspondem. Com especial atenção aos seus significados plausíveis, ao contexto civil no qual foram expressadas, às motivações que as inspiraram.

Profecia é a revelação ou o anúncio de qualquer coisa, antes que aconteça, do grego *pro* (antes) e *phanai* (falar). Referir-se a ela em tempos sucessivos implica procurar suas correlações históricas, dada a necessidade de distinguir entre o que deveria acontecer e não aconteceu, o que deveria acontecer e aconteceu, e o que ainda deveria acontecer. Nesta última eventualidade são em geral assimiláveis as profecias realmente "grandes", que, por sua natureza, acometem os destinos do gênero humano e são, por isso, projetadas para um futuro indefinido, ainda remoto, segundo alguns, ou já iminente, na visão de outros.

Mas os tempos dos oráculos, ainda que medidos às vezes por datas explícitas, não se relacionam com o calendário profano, visto que na linguagem da adivinhação um dia pode valer mil anos, como escreve o apóstolo Pedro, e mil anos um único dia.



As arejadas curvas da catedral de Saint-Dié, cuja construção foi iniciada por volta do ano 1.000.

1

Fátima, o “Terceiro Segredo”

Está de tal forma difundido e enraizado em toda a humanidade o interesse — a sugestão, a curiosidade e também a apreensão — pelo mistério ligado à profecia mais popular do nosso tempo, ou seja, a profecia de Fátima, sempre vinculada à liberação de um "terceiro segredo", que induziu certos guias do mundo islâmico a reivindicar a aparição de Nossa Senhora como pertencente ao seu próprio contexto religioso.

Os aiatolás iranianos sustentam de fato — e o reforçaram teimosamente em outubro de 1995, dando ressonância televisiva a sua reivindicação — que não teria sido a Virgem Maria, mãe de Jesus, mas sim a santa muçulmana Fátima, filha de Maomé e Kadigia, esposa do místico guerreiro Ali, fundador da facção xiita no seio da religião corânica.

Não foi por acaso, segundo o seu ponto de vista, que Fátima optou por manifestar-se em uma localidade assinalada por seu próprio nome, embora situada no coração de um território de antiga tradição católica. O que poderia ser interpretado, ademais, como uma tentativa de realçar o significado universal da profecia, tal como envolver as pessoas de qualquer crença.

O aspecto da Senhora — como veio a ser chamada com um termo que também é sinônimo de Madona —, para as três pequenas testemunhas às quais apareceu, poderia corresponder, por outro lado, àquele de uma piedosa mulher muçulmana, a cabeça coberta e a elegante figura envolta por uma ampla túnica.

Nem se pode ignorar que o próprio nome da cidade de Fátima remeteria de modo verossímil à dominação árabe e em especial à influência dos califas fatímidas, que descendiam justamente da filha de Maomé.

A hipótese é, porém, inaceitável, devido à evidente impossibilidade de conciliar o amor da Senhora pelo gênero humano na sua complexidade planetária, sem diferenças de fé ou de doutrina, com a intransigência própria do fundamentalismo xiita, a ala guerreira do Islã, que é reconhecida exatamente na estirpe de Fátima e Ali, portadora de revolução e de martírio, até o ponto da ação suicida no nome santo da jihad.¹

(1) Literalmente "empenho", ou também "esforço". Indica a guerra santa para a expansão da fé, como indispensável dever corânico. (...) Matai os ídólatras onde quer que os encontrardes, e fazei-os prisioneiros, e assediai-os, e esperai-os em qualquer lugar que se preste a uma emboscada; mas se eles se arrependem, observam a prece e pagam o tributo para a esmola [zakàt], então deixai-os partir livres, pois Alá é sumamente misericordioso e clemente." (Corão, sura IX, 5).

Além, portanto, dessas fantasias temerárias, mas merecedoras de respeito, como expressão de um sincero envolvimento espiritual nos eventos aos quais se referem, as aparições de Fátima devem ser vistas como pertinentes à mais pura (e consolidada) tradição mariana.

Assim afiançam as próprias afirmações da protagonista, que nas suas mensagens aos três pequenos portugueses se apresentou como "Coração Imaculado de Maria" e "Madona do Santo Rosário", fazendo-se preceder por um anjo que convidava a adorar "os preciosíssimos corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo, presente em todos os tabernáculos do mundo". Palavras que tiram qualquer dúvida sobre a matriz indiscutivelmente católica da qual toma forma, ainda que numa ótica de fraternidade universal, o desígnio misterioso de Fátima e de suas profecias.

O espírito alado também é pródigo, como a Madona, em premonições e reprimendas. Apresentou-se como o Anjo da Paz e, em uma outra ocasião, de Portugal. Emanava uma luz claríssima e se equilibrava nas árvores, mostrando o aspecto de um rapaz de seus dezesseis anos. Serviu aos meninos um cálice no qual gotejava sangue de uma hóstia que levitava no ar, deu-lhes a comunhão e disse que Cristo estava "terrivelmente ofendido pela ingratidão humana", antecipando com esta consideração uma das mais severas advertências de Maria: "E se a humanidade não se opuser [à fabricação de armas cada vez mais poderosas] não poderei deter o braço de meu Filho."

Famoso entre os ensinamentos do anjo é o texto de uma curta prece, tornada popular entre os crentes por sua simplicidade, que assim diz: "Meus Deus, creio, espero, adoro e vos amo; peço-vos perdão por aqueles que não crêem, não esperam, não adoram e não vos amam."

O Sol enlouquecido de outubro

As seis aparições de Fátima, na cidade da Estremadura, a 125 km de Lisboa, ocorreram entre 13 de maio e 13 de outubro de 1917. Foram testemunhas três pequenos pastores que costumavam levar seu rebanho para pastar em uma campina chamada Cova de Iria; Lúcia dos Santos, de dez anos, Francisco e Jacinta Marto, de nove e de sete. A eles se juntaram multidões de fiéis, cuja pontual afluência se tornara possível porque as visões correspondiam a datas exatas, o dia 13 de cada mês.

Fenômenos espetaculares, visíveis aos milhares de devotos ou simples curiosos reunidos no local das aparições, aumentaram o impacto do evento. Nuvens irradiando estranhas cores sulcaram o céu de Fátima em 13 de agosto; dois relâmpagos saudaram a aparição dias depois, em 19 de agosto, não obstante o céu sem nuvens. Pálidas névoas envolveram as três crianças em 13 de setembro, enquanto uma esfera luminosa gravitava à distância e ao redor choviam pétalas brancas. Mas uma impressão totalmente particular suscitou uma espécie de eclipse solar em 13 de outubro, ainda mais sensacional pelo fato de que a Senhora já o havia anunciado em uma aparição anterior.

"Em outubro operarei um milagre", tinha dito, "de modo que todos creiam." O anúncio havia atraído mais de cinquenta mil pessoas, que não ficaram decepcionadas. O fenômeno, para justificar o que os cientistas classificaram de "aurora boreal", foi acompanhado por um movimento vertiginoso do sol, que pareceu a ponto de se precipitar sobre a terra, expandindo em torno uma combinação imprevisível de cores. Houve pânico entre os presentes, mas também um ímpeto indescritível de fé.

Lúcia, a mais velha dos três pastores, tornou-se em seguida freira e interlocutora dos pontífices que se alternaram desde então no trono de Pedro. É a única depositária direta da profecia ao aproximar-se o prazo indicado, ou seja, "antes do fim do século". Francisco e Jacinta adoeceram e faleceram pouco depois, mortos talvez pela intensidade maravilhosa de eventos insuportáveis para suas pequenas e ternas almas.

Francisco deixou de viver em 4 de abril de 1919, Jacinta em 20 de fevereiro de 1920. Seu fim também foi previsto.

É a própria Jacinta quem transmite a Lúcia, antes de morrer, a previsão

recebida em outubro de 1918: "A nossa amada Senhora me visitou e disse que em breve Francisco será chamado ao céu. Depois me perguntou se eu gostaria de converter ainda mais pecadores. Eu lhe disse que sim. Então a Santa Virgem me avisou que deverei padecer muito em um hospital para a conversão dos pecadores, como objeto expiatório para lavar os pecados contra o Coração Imaculado de Maria e de Jesus."

Diz-lhe ainda no último encontro, quando Lúcia vai visitá-la no hospital: "Maria santíssima me disse que serei enviada para outro hospital. Não a verei mais, assim como não verei mais os meus pais. Sofrerei muito, depois morrerei. Mas não deverei ter medo, porque Ela estará comigo e me levará para o paraíso." Comunica-lhe além disso que, ao contrário dela e do irmão, Lúcia viverá: "Perguntei-lhe [à Madona] se seria possível você vir comigo, e Ela recusou."

Mas Lúcia já sabia disso por ter-lhe sido transmitido diretamente pela Senhora durante a aparição de 13 de junho. "Gostaria de pedir à Senhora que nos levasse para o céu", dissera-lhe Lúcia àquela ocasião. "Sim, virei em breve para Levar Jacinta e Francisco", havia respondido a Madona, "mas deverás ficar aqui embaixo por mais tempo. Jesus quer usar-te para me fazer conhecida e amada."

Lúcia é a única dos três a ter dialogado com a Virgem. Francisco somente a viu; Jacinta a viu e escutou.

A despedida entre as duas meninas foi penosa. "Sinto-me mal em saber que eu e Francisco entraremos no paraíso enquanto você permanecerá ainda um longo tempo na terra", lastimou Jacinta ao saudar a amiga pela última vez. "Quando vier a guerra, não tenha medo. Estarei no céu rezando por você."

Com esta garantia comovente, cheia de ternura, Lúcia e Jacinta se deram adeus, depois de já terem se despedido de Francisco um ano antes.

O Silêncio dos Pontífices

É a incógnita ligada ao desfecho do "terceiro segredo", pelas terríveis implicações que subentende, que mantém desperto acima de tudo o interesse relativo aos fatos de Fátima neste nosso século, que registra mais de quatrocentas aparições marianas, com uma profusão de mensagens confiadas a personalidades humildes ou extraordinárias, como Gemma

Galgani, na Toscana; Rosalia Put, na Bélgica; Matilde von Schonewerth e Teresa Neumann, na Alemanha; Adrienne von Speyr, na Suíça; padre Pio da Pietrelcina; o monge Boutros Mounsef, no Líbano; o anarquista convertido Bruno Cornacchiola, em Roma.

Mas é realmente uma incógnita o "terceiro segredo", ou já se acha revelado? O papa o deveria ter divulgado em 1960, segundo uma data solicitada ao que parece por Lúcia, obedecendo à inspiração recebida. Se ainda não se havia consumado na ocasião tudo quanto estava previsto nas duas primeiras profecias, ambas confirmar-se-iam com límpida fidelidade. As duas foram formuladas pela Senhora na sua terceira aparição, em 13 de junho de 1917.

A primeira comunicava o iminente fim da guerra, mas prenunciava "uma outra pior", a ser iniciada "no reinado de Pio XI" (1922-1939). A segunda fazia uma exata previsão sobre o advento já próximo do comunismo (faltavam três meses para a Revolução de Outubro), mas vaticinava seu fim através "da consagração da Rússia ao meu Coração Imaculado".

Mais complexa que a primeira na sua formulação, esta segunda profecia projetava a eventualidade de um fim do mundo "por causa dos delitos da humanidade, através da guerra, da fome e das perseguições contra a Igreja e o Santo Padre". Contra estes males a Virgem pedia gestos de reparação, como a comunhão dos fiéis no primeiro sábado de cada mês. "Se meus pedidos forem ouvidos", acrescentava, "a Rússia se converterá e se fará a paz. Do contrário difundirá seus erros pelo mundo, suscitando guerras e perseguições à Igreja. Muitos bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito sofrimento, várias nações serão reduzidas a nada. Mas no fim meu Coração Imaculado triunfará. O Santo Padre consagrará a Rússia a mim. Se esta se converter, um intervalo de paz será concedido ao mundo."

E tudo isso aconteceu, seja pelo lado negativo (guerra, fome, perseguições, aniquilação e desaparecimento de mais nações), seja pelo positivo (consagração e conversão da Rússia). Até mesmo o sofrimento físico do papa, em seguida ao atentado de 1981, é relatado no mesmo contexto divinatório.

Depois da confirmação de tais previsões, começa o tempo do "terceiro segredo", comunicado na aparição de 13 de outubro de 1917 e sempre guardado nos arquivos do Vaticano, foi transcrito por Lúcia em 1943, e por ela própria entregue ao bispo de Leiria (em 1957), num envelope lacrado

que depois foi encaminhado ao papa. Nunca foi divulgado ao público, embora indiscrições amadurecidas nos ambientes diplomáticos dêem crédito às hipóteses de que, por decisão de João XXIII — ou pelo seu sucessor, Paulo VI —, possa ter caído no conhecimento dos governantes dos Estados Unidos e da União Soviética, talvez até da Grã-Bretanha. Provavelmente em outubro de 1962, coincidindo com a crise dos mísseis em Cuba, quando o mundo esteve à beira da guerra, ou pouco mais tarde, para pôr um limite à proliferação nuclear.

Não é tranquilizadora — pelo contrário, aumenta a apreensão universal mais do que seria capaz a revelação de uma efetiva ameaça — uma lamentável declaração de João Paulo II, que diz não considerar oportuna a divulgação de uma mensagem na qual "se lê que os oceanos inundarão continentes inteiros, que os homens seriam privados da vida repentinamente", ainda mais que "muitos querem saber só por curiosidade e sensacionalismo". Qual é então, à parte o silêncio, a resposta frente a eventualidades tão catastróficas? "Rezemos muito", recomenda o pontífice. "Recitemos até mesmo o santo Rosário." Coerente neste ponto com o espírito de Fátima, cujas profecias são espantosas pelos males que deixam entrever, mas que sempre oferecem ao mesmo tempo uma possibilidade de salvação, de prevenção do desastre final, através do arrependimento e da prece.

Um "grande castigo" evitável

As indiscrições sobre o "terceiro segredo", em todo caso, não se limitaram à hipótese de que tivesse sido comunicado às superpotências. Um ano depois da crise de Cuba, em 15 de outubro de 1963, um jornalista alemão (Louis Emrich) afirmou estar de posse dele e o publicou no *Neues Europe*, de Stuttgart. Jamais houve prova, confirmação ou desmentido de que se tratava do "segredo" autêntico, Há quem lhe dê crédito e quem o considere, em vez disso, uma fraude.

Eis aqui o texto, imediatamente reproduzido na imprensa mundial, nos seus trechos mais importantes:

[...] Um grande castigo cairá sobre todo o gênero humano, não hoje nem amanhã, mas na segunda metade do século XX. [...] Em nenhum lugar do

mundo existe ordem e Satanás reina nos escalões mais altos, determinando o andamento das coisas. Ele efetivamente conseguirá introduzir-se até na alta hierarquia da Igreja; conseguirá seduzir os espíritos dos grandes cientistas que inventam armas com as quais será possível destruir em poucos minutos grande parte da humanidade. Terá em seu poder as potências que governam os povos e as incitará a produzir enormes quantidades daquelas armas. E, se a humanidade não se opuser, serei obrigada a deixar livre o braço de meu Filho. E então vereis que Deus castigará os homens com severidade maior do que o fez com o dilúvio. Chegará o tempo dos tempos e o fim de todos os fins, caso a humanidade não se converta; e se tudo permanecer como hoje, ou pior, ou principalmente se agravar, os grandes e poderosos irão perecer junto com os pequenos e os fracos. Também para a Igreja chegará o tempo das suas maiores provações: cardeais vão se opor a cardeais, bispos a bispos. Satanás marchará nas suas fileiras e ocorrerão mudanças em Roma. Aquilo que está pútrido cairá, e aquilo que cair não mais se reerguerá. A Igreja será ofuscada e o mundo assolado pelo terror. Tempo virá em que nenhum rei, imperador, cardeal ou bispo esperará aquele que ainda virá, mas para punir segundo o desígnio do meu Pai. Uma grande guerra será desencadeada na segunda metade do século XX. Fogo e fumaça cairão do céu, as águas do oceano transformar-se-ão em vapor, uma onda se erguerá turbulenta e tudo afundará. Milhões e milhões de homens morrerão de hora em hora, e os que permanecerem vivos invejarão os mortos. Para qualquer lugar que se olhe será angústia, miséria, ruína em todos os países da Terra. Estais vendo? O tempo se aproxima cada vez mais e o abismo se alarga sem esperança. Os bons morrerão junto com os maus, os grandes com os pequenos, os príncipes da Igreja com os seus fiéis, os reinantes com os seus súditos. Haverá morte em toda parte por causa dos erros dos insensatos e dos guerrilheiros de Satanás, o qual então reinará absoluto sobre o mundo...

A mensagem prosseguia e concluía com um aceno ao renascimento dos sobreviventes, os quais, depois de terem implorado ao Pai, seriam benditos e reerguidos "como na época em que o mundo ainda não era tão pervertido". Mas, até mesmo diante de uma perspectiva tão catastrófica, a profecia deixava aberto um caminho de salvação. Advertia, é claro, que "o fim de todos os fins" estava próximo, porém dava espaço para uma variante

defensiva, estabelecendo uma condição para derrotar o mal: que a humanidade se convertesse. Ameaçava com eventos apocalípticos, mas somente "se a humanidade não se opuser (...) se tudo permanecer como hoje..."

Não havia mais que um de tais sinais na mensagem. Até o braço irado do Cristo podia ser parado por intervenção da Mãe, sempre que a humanidade fizesse por merecer. O próprio Satã podia ser derrotado se os líderes dos povos se submetessem às diretrizes celestes.

Todo o corpo profético de Fátima, afinal, se articula neste mecanismo de perspectivas contrapostas. Continuamente são encontrados vestígios não apenas nas seis aparições centrais, mas em cada outra forma de contato estabelecido — também sucessivamente — entre a Senhora e seus três pequenos interlocutores.

Quereis oferecer-vos a Deus para exercitar as práticas de reparação — pergunta a Senhora às três crianças no primeiro encontro, em 13 de maio -, expiar todos os pecados com os quais Ele é ofendido e solicitar a conversão dos pecadores?

- Sim, queremos.

- Devereis sofrer muito, mas a graça de Deus será a vossa força.

Com este pacto se acertam as condições para que, através do sofrimento dos três inocentes e daqueles que os imitem, sejam resgatados os males do mundo e conjurado o castigo.

Um dia, surge aos olhos das três crianças a visão do inferno: urros, lágrimas e estridor de dentes, como rezam as Escrituras.

- Vistes aonde vão acabar as almas dos pobres pecadores? — pergunta a Senhora depois que a cena atroz é dissolvida. — Para salvá-los, o Senhor quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado. Se for feito aquilo que vos direi, muitas almas se salvarão e haverá paz.

Em torno desta sucessão de "se" gravita o senso terrível das profecias de Fátima, que exatamente por isso não devem ser interpretadas segundo um ponto de vista irremediavelmente catastrófico. O que vale também para aquele temível "terceiro segredo", uma vez que não há previsão que se possa ler em separado do corpo profético ao qual pertence.

O lobo cinzento e o cruzado azul

Sobre o mistério de Fátima introduziram-se fantasias com frequência distorcidas, mimadas por elucubrações de fundo milenarista que justificam os mais artificiosos teoremas. Não podiam faltar, pelo atentado repentino ao papa em 13 de maio de 1981, aniversário da primeira aparição de Fátima, deduções tendentes a procurar motivos ligados ao fundamentalismo islâmico. Veio complicar o cenário um segundo atentado no mesmo aniversário, 13 de maio de 1982, e exatamente em Fátima, pela mão de um padre espanhol que por acaso foi ordenado sacerdote pelo bispo dissidente Lefebvre.

É fácil ceder à tentação de ligar um atentado ao outro, como sinal da coincidência entre integralismos conflitantes, porém, convergentes nos seus objetivos extremos: o islâmico, representado pelo "lobo cinzento" turco Ali Agca, e o católico, personificado pelo padre Juan Fernández Khron, ligado ao movimento tradicionalista do "exército azul de Fátima". Mas, pelo comportamento e pelo desvario de ambos, fica mais a impressão de que, além de certas coincidências superficiais, os dois autores de atentados não têm condições de representar ninguém mais senão a si mesmos.

Ambos colocam a verdade oculta de Fátima no centro de seus próprios desígnios, arvorando-se em porta-vozes de uma abstrata exigência de se conhecer o "terceiro segredo". Após ter sido preso, Khron divulga uma espécie de proclamação na qual solicita ao Vaticano — e à sóror Lúcia — a imediata revelação da profecia. Ali Agca, por seu turno, afirma em suas recentes memórias que "Deus havia ordenado por meio da Madona que aquela mensagem deveria ser impreterivelmente anunciada no ano de 1960", lamentando que se pudesse chegar ao ponto de "calar, bloquear a mensagem do Eterno, onipotente, criador, dominador do universo".

Neste ponto a confusão é grande. Ali Agca contesta, inclusive, os sinais exteriores do catolicismo como a Capela Sistina, que, segundo ele, "ridiculariza a idéia do Juízo Final" de maneira idólatra, e preconiza o advento do Mádi, o novo Mestre islâmico que "virá para o fim do mundo" a fim de instaurar o império de Alá, embora se faça fiador da vontade do Deus cristão, que transmite ordens pela voz da Madona.

Mas tudo isso não pode causar tanto espanto, caso se leve em conta as

coisas por ele ditas na audiência de 28 de maio de 1985, quando, diante do tribunal que o julgava, declarou, com a maior naturalidade: "O atentado ao papa está ligado ao terceiro segredo de Fátima. Em nome do Deus onipotente, eu anuncio o fim do mundo. Eu sou Jesus Cristo, o Verbo encarnado e reencarnado... Todos podem dizer que sou um louco, mas reflitam: o papa foi até minha cela e definiu o nosso encontro como maravilhoso, excepcional, da vontade de Deus..."

E eis João Paulo II transformado por Ali Agca, após ter sido definido por ele como "comandante dos cruzados [contra o Islã] camuflado em líder religioso", em interlocutor privilegiado para um diálogo que, por mais que tenha fluído, girou em torno da idéia cristã do perdão.

O roteiro não simplifica nem explica tais contradições — mais decorativas que substanciais — de coincidências, presságios e surpreendentes casualidades ligadas ao desígnio homicida contra o papa na ótica de Fátima. Até o nome do lugar de nascimento de Ali Agca, pelo modo como soa em italiano, evoca desoladoras perspectivas de sofrimento: Malatia [doença]. Dele emerge, como um vírus homicida, o "lobo cinzento". E impelido por forças obscuras, que alimentam nele a presunção de ser o Mádi ou Jesus ou, mais modestamente, "um anjo em forma humana", como grita aos jornalistas na audiência de leitura da sentença de prisão perpétua, em 29 de março de 1986. Vê sinais e presságios em toda parte. Para ele é um sinal que sua irmã se chame Fátima e que tenha nascido em 1960, ano da revelação frustrada. É um sinal também que a primeira pessoa a bloqueá-lo na Praça de São Pedro, depois de ter atirado no papa, tivesse sido uma freira chamada Lúcia, como a vidente que preserva o segredo em um convento português. É um sinal que na noite anterior ao atentado tivesse dormido no Hotel Isa, visto que Isa em árabe significa Jesus. "Que fato singular", se permite escrever, "partir do Hotel Jesus para ir disparar contra o líder da religião de Jesus."



Um anjo portador de notícias proféticas em todas as religiões, sobre vitrais da catedral de Bruges, século XIII.

Mas, além do vazio que se esconde por trás de todos esses matizes por si sós, insignificantes, caso se queira ler os atentados contra o papa em relação à Fátima, isto deve ser colocado no contexto profético das aparições. Que o papa teria muito a sofrer foi dito textualmente pela Senhora na parte já anotada de sua mensagem, onde prenunciava também a consagração da Rússia.

Seguindo-se, portanto, literalmente as previsões transcritas por sóror Lúcia, o sofrimento do papa devia — ou ao menos podia — estar ligado ao fim do comunismo em termos de causa-efeito.

Agca e Khron foram, portanto, segundo esta ótica, instrumentos da profecia. Se depois relacionarmos as ocorrências do pontificado de João Paulo II com o declínio e o esfacelamento do império soviético, então o foram de forma mais ampla, incidindo sobre um processo histórico de dimensões de época.

O "lobo cinzento" entendeu isso perfeitamente, e é esta, não obstante os tons exaltados nos quais a exprime, sua única intuição verdadeiramente grande: "Eis o atentado ao papa, uma das causas que determinarão o colapso do império soviético e do comunismo internacional. (...) Serei eu a provocar, com o atentado ao papa, o incêndio da floresta stalinista, que será queimada e destruída em poucos anos."

Atribui sua ação a solicitações indecifráveis, dificilmente cabíveis em parâmetros humanos. Não foi ele quem decidiu: "os 'misteriosos' decidiram por mim", diz. Deve ao estímulo deles o fato de ter assumido o papel histórico que, em função do mistério de Fátima, ele assumiu.

Seja como for, o papa Wojtyla o reconheceu, dando-lhe uma medalha comemorativa das aparições e do atentado: de um lado estão as três crianças aos pés da Virgem e a data 14 de maio de 1917; do outro lado a efígie do pontífice e a data 13 de maio de 1981.

No décimo aniversário do atentado, o pontífice ofertou à Senhora, como prova de amor e agradecimento, o projétil que o tinha atravessado. Encontra-se agora em Fátima aquele fragmento de chumbo que deveria tê-lo matado, engastado como uma gema entre as pedras do místico diadema de Maria. É inquietante que, às acusações de Agca e de Khron contra a hierarquia do Vaticano pelo silêncio sobre o "terceiro segredo", tenham se juntado recentemente as do cardeal africano Emanuel Milingo, que por sua formação carismática de certo exerce influência sobre amplas camadas de

fiéis.

Para Milingo, a cúria romana estaria infiltrada por forças satânicas, que colocariam obstáculos à divulgação da profecia. Mais explicitamente, sequazes do demônio estariam entre os altos prelados, ativamente empenhados em impedir que a mensagem da Virgem possa chegar ao seu destino, ou seja, ao conhecimento da humanidade.

Além de ser famoso por suas missas de cura, no decorrer das quais registraram-se fenômenos considerados prodigiosos por milhares de devotos, Milingo patrocina encargos de alta responsabilidade religiosa e também social, na qualidade de adido à secretaria vaticana para a imigração. É arcebispo de Lusaka e muito amado pelos católicos que se identificam com a religiosidade espetacular, capaz de produzir efeitos visíveis, análogos àqueles proporcionados pelos milagres descritos nos Evangelhos. Tudo isso confere às suas afirmações um peso particularmente dramático, já que provêm de uma voz digna de crédito no seio da cristandade, bem distante da loucura criminosa de Agca e Khron.

Milingo é também famoso por seus exorcismos, o que lhe confere uma particular "competência", se assim se pode dizer, em questões demoníacas. Por um lado, aquilo que diz parecer coincidir com as proféticas advertências da Senhora, nas quais há claras referências à intromissão de Satanás no seio da alta hierarquia eclesiástica, que por isso será dividida por contrastes irremediáveis. Por outro lado, porém, deve-se levar em conta que em tais profecias o papa está acima de qualquer suspeita e é apontado como uma vítima, jamais como cúmplice, da iniquidade geral.

Portanto, não havendo dúvidas sobre o fato de que o "terceiro segredo" esteja guardado numa caixa-forte à qual somente têm acesso o papa e seus assessores de confiança, e qualquer referência à influência de poderes satânicos sobre a decisão de torná-lo público (decisão que compete exclusivamente ao pontífice) carece totalmente de fundamento. Contrariamente, não carece de fundamento, sendo coerente com a profecia, a afirmação de que outros expoentes da hierarquia vaticana podem estar ligados a tais poderes. O que é espantoso, de qualquer modo, mas não há nada que se possa fazer quanto à divulgação sonegada da profecia.

O efeito demolidor da acusação lançada por Milingo (em 23 de novembro de 1996, durante um congresso internacional sobre o tema "Fátima 2000: a paz

mundial e o Coração Imaculado de Maria") ganhou força pelo fato de o monsenhor Martin Malachi, ex-secretário do cardeal Augustin Bea, ter saído em campo nos Estados Unidos para endossá-la. Bea esteve ao lado de João XXIII no momento em que este abriu o envelope contendo o texto da profecia que acabara de chegar de Portugal, em 1957. Foi o primeiro, portanto, a vê-la junto com o papa e compartilhar a decisão de não divulgá-la.

Não é um detalhe desprezível que a adesão de Malachi ao ponto de vista de Milingo tenha sido expressa através da revista Fatima Crusader, ligada às facções extremistas do integralismo católico, particularmente ativas nas duas Américas. Nela surge um teorema, indemonstrável na sua complexidade, porém sobrecarregado de indícios que reconduzem ao atentado de Khron, ao citado "exército azul de Fátima" e, em sentido mais geral, ao fundamentalismo lefebvriano.



2

A Doença do Mundo

"Já revelei isto em La Salette, às crianças Mélanie e Maximin. Hoje o repito a ti." Tal frase, inserida no texto apócrifo do "terceiro segredo" de Fátima, fornece uma chave útil de leitura comparada para as profecias de origem mariana.

De fato, a referência à aparição anterior em La Salette (19 de setembro de 1846, também testemunhada naquela ocasião por dois pequenos pastores:

Mélanie Calvat e Maxim Giraud, de quinze e onze anos) induz a realçar algo mais do que uma simples relação entre as diversas mensagens atribuídas à Madona, que se fundem ligadas por uma espécie de conseqüencialidade, graças à qual talvez seja possível retomar o fio.

Em outras palavras, pode-se tentar, retrocedendo a Fátima através de Lourdes, La Salette e outros encontros até agora registrados (997, do século 1 até hoje, dos quais 367 com crianças), traçar uma espécie de anamnese do dom profético mariano no seu vocabulário e no seu conteúdo, para dizer como chegou até nós.

La Salette, prólogo de Fátima

Em La Salette a Senhora antecipa a mensagem apocalíptica de Fátima, impondo as mesmas condições para que a catástrofe seja evitada: prece e expiação. O vocabulário é idêntico: "Se as pessoas não se converterem, serei obrigada a deixar livre o braço de meu Filho". Idênticos são os infortúnios preconizados: "Muitas grandes cidades serão queimadas e quase destruídas, outras engolidas por terremotos. (...) Os justos muito sofrerão. (...) Um precursor do Anticristo fará sua aparição. (...) Roma perderá a fé e tornar-se-á a sede do Anticristo."

Totalmente similares são, por fim, as perspectivas referentes à disposição ordenada dos planetas, destinados a um transtorno sem igual: "As estações mudarão, bem como o clima. A água e o fogo provocarão terremotos terríveis e grandes destruições; montanhas e cidades cairão. As Estrelas e a Lua não terão mais a força para resplandecer (...) os demônios do ar produzirão fenômenos prodigiosos no céu e sobre a terra."

A profecia de La Salette, todavia, mesmo afetando, como a profecia posterior de Fátima, o destino de todo o gênero humano, se dilui em um diálogo de tom minimalista com os camponeses locais, aos quais fornece previsões agrícolas, desastrosas mas circunscritas — assim pareceria — aos seus campos: "Se a colheita se perde, a culpa é vossa. Mostrei isto o ano passado com as batatas, mas não levastes em conta. Mas sim, quando deparastes com os danos, blasfemastes contra o nome de meu Filho. Continuarão a apodrecer este ano. No Natal já não haverá mais. Se tiverdes trigo, não o semeéis. O trigo semeado será comido pelos insetos, e aquele

que vingar acabará em pó quando for debulhado. Sobrevirá uma grande escassez. (...) As nozes mofarão e a uva apodrecerá."

Vale para esta escassez de âmbito local aquilo que se disse para a guerra e para as mais espantosas catástrofes planetárias. Ela pode ser prevenida — pode-se definitivamente inverter a tendência dos eventos e transmutar a desgraça temida em um triunfo de prosperidade, mas sob uma condição: "Se vos converterdes, então as pedras e as rochas transformar-se-ão em fartura de trigo e as batatas nascerão espontaneamente, nos campos."

O tom da exortação à prece é materno, pleno de ternura, indulgente. A Virgem pergunta afetuosamente, em dialeto: "Dizeis a vossa prece, filhos meus?" E logo depois acrescenta: "Ah, filhos meus, deveis dizê-la bem, de manhã e à noite. Quando não tiverdes tempo, rezai ao menos um pai-nosso e uma ave-maria, Quando puderdes, rezai a mais."

Não deve causar espanto esta extrema elasticidade dos tons, às vezes severos outras vezes clementes, definitivamente afáveis, que resultam dos testemunhos daqueles aos quais a Mãe de Deus apareceria. A Madona comunica-se e mostra-se nas modalidades mais díspares, afirmam os especialistas marianos, segundo a mentalidade e a sensibilidade dos interlocutores pré-escolhidos, adaptando-se aos costumes do lugar, à língua, aos hábitos e ao nível cultural.

É mulher de cor ou de pele branca, de cabelos louros ou negros, festiva ou chorosa, menina ou amadurecida, ensangüentada ou radiosa, em conformidade com o que as circunstâncias sugerem, mas há um denominador comum em todas as imagens que a Senhora propõe de si: a sua beleza, sempre recoberta de uma dulcíssima piedade para com aqueles aos quais se dirige. É uma entidade sobrenatural que se manifesta como considera mais conveniente, com a intenção, prevalecente sobre qualquer outra, de assegurar uma recepção correta da mensagem na sua verdadeira essência.



As sete dores da Virgem Maria em um entalhe em madeira do século XVI.

Também os trajes são mutáveis, correspondendo, como a linguagem, aos usos e particularidades da época, do território, da vicissitude na qual a aparição se verifica. Mutáveis são do mesmo modo as cores e os efeitos luminosos que acompanham a visão, correspondentes a uma simbologia de fácil interpretação, funcional como qualquer outro detalhe do fenômeno para ilustrar os significados profundos.

Lourdes: águas que curam, águas que convertem

Além de profetizar sobre os destinos da humanidade — e sobre aqueles mais restritos dos lavradores locais —, a Virgem de La Salette estabelece uma espécie de nexos divinatório com futuras aparições. Comunica a Mélanie uma data precisa — 1858, ano de Lourdes — até a qual evitará divulgar o terrível segredo do qual se tornou depositária.

É como subentender que dentro em breve o "testemunho" desta mensageira sacra passará para outra mocinha, também ela paupérrima, além de doente e totalmente carente de instrução.

Bernardette Subirous, de catorze anos, encontrará a Senhora em uma esquelética (e mal-afamada) gruta da periferia de Lourdes, em 11 de fevereiro de 1858. Comerá o capim entre as pedras como uma cabra, fará brotar uma fonte cavando a terra com as mãos nuas, cairá em êxtases maravilhosos ou assombrosos. Ouvirá horrendas vozes infernais e suavíssimas notas celestiais. A Madona revelar-lhe-á em dialeto que é a Immaculada Conception.

Na sua ignorância primitiva, Bernardette não podia saber o que era a Imaculada Conceição. Foi perguntar ao pároco, e este negou-se a esclarecer qualquer dúvida acerca de sua fé. Foi tratada igualmente como louca por muitos anos e humilhada de todas as maneiras pelas irmãs do convento para o qual se retirou.

A Senhora também revelou "segredos" a Bernardette, entre os quais uma prece de misteriosos poderes, que não deveria ser divulgada. Mas no itinerário profético das aparições marianas, Lourdes representa algo diferente de Fátima e La Salette, encontros caracterizados por uma preponderante tensão divinatória. Assinala, outrossim, o momento taumatúrgico da misericórdia divina, pronto a privilegiar a cura do corpo em

sentido simultaneamente piedoso e ilustrativo, como nos Evangelhos, onde o milagre reunia o duplo objetivo de curar o doente e de gerar o estupor no ânimo dos incrédulos, predispondo-os à conversão.

As águas de Lourdes curam e convertem. Ao seu apelo se deve o afluxo de dois milhões de peregrinos por ano. Há muitos doentes entre eles, mas também curiosos e céticos. Dentre os últimos as conversões são freqüentes, provocadas não raro por terem presenciado curas cientificamente inexplicáveis.

No extraordinário poder curativo desta fonte brotada de modo também inexplicável, ao toque de dedos movidos por inspiração mística, reside o verdade no segredo de Lourdes.

Neste sentido, é sintomática a exortação dirigida a Bernardette pela Senhora na sexta aparição, em 21 de fevereiro: "Reza pelo mundo doente."

Ela nunca havia usado, nem usará nas subseqüentes aparições, uma expressão do gênero. É uma metáfora a ser lida em significado mais amplo, entende-se, mas não deve ser subestimada a eficácia puramente figurativa do termo.

A "Mãe da Solidão"

Referências precisas às profecias de Fátima e La Salette continuam a surgir no arco das aparições que se sucedem na segunda metade do século XIX e no início do XX. Confirmam-no as revelações confiadas a Mélanie e Maximin, antecipam-no aquelas sobre as quais darão testemunho Lúcia, Jacinta e Francisco.

Especialmente em La Fraudais, no departamento do Loire, a vidente Marie Julie Jahenny é protagonista desde 1873 até 1941, ano de sua morte, de fenômenos extáticos ligados à paixão de Cristo (cicatrizes, chagas da flagelação, lividez por ligação pelos pulsos e, por fim, o sinal de um místico anel nupcial no dedo), no decorrer dos quais "vê" os mesmos cenários de morte descritos nas mensagens de Fátima e La Salette. Os seus silêncios induzem um outro grande estigmatizado, padre Pio, a dizer sobre ela que "é como uma violeta na sombra, à espera de resplandecer na luz da verdade".

No hospital de Lyon, em 1882, comparecendo por dezenove vezes à cabeceira de uma jovem mulher chamada Anne Marie Coste, que sofre de

tuberculose óssea, a Senhora (apresentada como "Mãe da Solidão") enuncia uma sentença já proferida: "Se a humanidade não se converter, não posso mais deter a mão de meu Filho, já por demais paciente."

Repete a mesma coisa em 1884 em Diemoz, nos Alpes franceses: a interlocutora, Marie Louise Nerbollier, 27 anos, recebe as cicatrizes. Torna-se ela também promotora do culto da "Mãe da Solidão".

Muitas outras profecias sobre a guerra iminente, sobre revoluções e sobre males provocados pela degeneração da humanidade se sucedem entre La Salette e Fátima: em 1848, na cidade de Obermauerbach, Alemanha, uma Madona vestida de rosa e com véu branco chora porque não pode mais "impedir, a punição de Deus"; em 1850, em Lichen, na Polônia dividida entre a Prússia e a Rússia, anuncia que um dia "os povos do mundo se espantarão ao constatar que a sua esperança de paz dependerá da Polônia" (e assim se viu); em 1859, em Green Bay, EUA, exorta uma vidente a realizar prodígios para que os americanos "aprendam a amar Jesus" (a Guerra de Secessão é iminente); em 1867, em Kirchdorf, Áustria, repete que "se a humanidade ainda resistir à conversão haverá uma grande desolação e muitas desgraças" (assinala que "muitos raios cairão do céu e muitas casas serão tomadas pelas chamas"); em 1871, em Pontmain, cidadezinha francesa prestes a ser ocupada pelos prussianos, exorta os habitantes a não fugir, pois uma intervenção divina os protegerá ("Rezai", diz, "meu Filho se deixa enternecer", e na mesma noite o exército prussiano batia em retirada).

Em 1876, na Alemanha, nas imediações de Trier, repete-se a mesma situação de Lourdes: Maria aparece para três crianças de oito anos declarando ser a Imaculada Conceição, termo incompreensível para os pequenos videntes, que confirma — como no caso de Bernardette — a autenticidade da visão. Brota então no lugar uma fonte, à qual afinem muitos doentes que obtêm curas prodigiosas. A Senhora se separa das crianças anunciando que retornará "em épocas de perigo e de ameaça".

No mesmo ano em Pellevoisin, França, confia a uma dona-de-casa chamada Stella Faguet uma mensagem profética, na qual exprime entre outras coisas o seu lamento pelos futuros sofrimentos daquele país: "A França sofrerá", diz, "apesar de eu ter feito muito por ela." Como em La Salette, em Fátima, e em tantas outras ocasiões, insiste em afirmar que o primeiro remédio contra tal ameaça é "a conversão dos pecadores".

Em 1896, cerca de cinquenta eruditos e algumas freiras tornam-se portadores de uma trágica profecia para a cidadezinha francesa de Tilly-sur-Sculles. A Virgem prenuncia a destruição de Tilly, e o vaticínio é acompanhado de espetaculares fenômenos celestes, como ocorrerão em Fátima.

A pequena cidade será arrasada durante a Segunda Guerra Mundial.

Premonições exatas da grande guerra dar-se-ão mais uma vez na França em 1909, em Gray, durante uma missa, e em Alzonne, em 1913, diante de quinhentas pessoas. Ainda em Alzonne, em 1921, é renovada a profecia de Fátima sobre o segundo conflito mundial.

Intervenções simultaneamente proféticas e protetoras causarão estupor na longínqua China, durante a feroz Revolta dos Boxers. Muitos católicos, ocidentais e chineses, serão perseguidos e mortos, com freqüência de modo atroz, no decorrer daquela insurreição motivada pela urgência quase mística de preservar o que restava do Império Celestial da contaminação estrangeira.

MARIAVIRCO MINESTER DE TEMPVLOCEROSATE



Um antigo testemunho do culto de Maria sobre pedra tumular do século V, achada em Saint-Maximin, na Provença.

Como que evocada pela aflição dos fiéis, a Virgem aparecerá três vezes naquele ano de 1900, diante de numerosas testemunhas: uma vez no céu de Pequim, em companhia do anjo guerreiro Miguel; depois em Tong-Lu e em San-Tai-Dse, cidades ameaçadas pelos rebeldes.

Nesta última verificou-se um caso de lacrimação, interpretado por seus habitantes como sinal da vontade divina em protegê-los contra a seita xenófoba, agora a ponto de demolir as defesas ocidentais. Era função disso, foi dado às lágrimas o sentido de uma premonição sobre a iminente derrota dos Boxers.

Tomando conhecimento do fato, estes ficaram, de tal forma impressionados, que encerraram o assédio e se retiraram. Pouco depois, foram dispersados pelo corpo expedicionário europeu, que retomou o controle de todo o território chinês.



5

Os Seis Mistérios de Medjugorje

Ao aproximar-se o ano 2.000, as aparições marianas intensificaram-se desmesuradamente e adquiriram uma realidade predominantemente profética. Seu número cresceu a ponto de fazer com que cerca da metade das manifestações de que se tem notícia desde o início da era cristã aos nossos

dias (isto é, 455 de 997) fosse registrada no século XX.

Quase todas, além disso, voltam a propor, com variações mínimas, as profecias de Fátima e La Salette.

Uma profecia específica sobre o início da Segunda Guerra Mundial, a curto prazo, deu-se a 15 de setembro de 1938 na área rural da Bretanha, onde uma jovem mulher que ordenhava vacas (Jeanne-Louise Ramonet, de vinte anos, natural de Kérizinen) teve a primeira de muitas visões marianas, que se sucederam por anos. A Senhora comunicou-lhe que uma nova guerra estava às portas e acrescentou melancolicamente: "Eu a retardarei por alguns meses, porque não posso ficar surda às preces pela paz que neste momento me são dirigidas, lá em Lourdes."

A tensão mundial era grave, e muitos haviam recebido as anteriores exortações Marianas à prece. Hitler já anexara a Áustria e exatamente naqueles dias obtinha a cessão dos Sudetos com os acordos de Munique.

Maria conseguiu "deter o braço de seu Filho, como já o dissera em outras ocasiões, por um ano: em 1º de setembro de 1939 o Reich invadia a Polônia, provocando a intervenção tardia da França e da Inglaterra.

Referia-se também à Segunda Guerra Mundial a imagem da "luz do sol obscurecida pelas nuvens da batalha desencadeada pelo maligno", preconizada em 1925, pela vidente alemã Anna Henle, parálitica e estigmatizada desde os sete anos de idade. Disse ter recebido a visita da Senhora de La Salette, que a exortava a rezar prometendo-lhe que depois do escurecimento o sol tornaria "a iluminar o mundo na presença de Deus".

Videntes de guerra

As visões proféticas se multiplicaram nos anos da guerra, e nem sempre foram de tom catastrófico, mas portadoras muitas vezes de esperança. Em Dublin, em setembro de 1939, nos primeiros dias do conflito, uma mulher quase cega "viu" a Madona, com o Menino nos braços, pisando um dragão infernal. "Nada a temer", disse-lhe a Senhora, "a guerra não alcançará a Irlanda." Como de fato aconteceu.

Em Bauxières, na França, foram recebidas mensagens com as quais a Virgem explicava que a tragédia devia ser atribuída às blasfêmias dos homens, sem prever, porém, qualquer arrependimento, uma vez que nos

anos seguintes — disse Maria — o fervor religioso seria ainda mais reduzido. Diminuiria o afluxo dos fiéis à missa dominical, acrescenta, e o rito do matrimônio perderia a antiga sacralidade. Mas isso só aconteceria depois da guerra, o que significava que o massacre atroz devia acabar: não era o fim do mundo.

O conflito em curso e a ânsia de avistar seu fim não desviaram, contudo, a atenção dos videntes das perspectivas apocalípticas de fim de milênio. Em 1941, em Lauquiniz, Espanha, a Senhora aparece vestida de preto — cor insólita nas manifestações marianas, densa de presságios lúgubres — anunciando que num dia não muito distante "ver-se-á reluzir uma grande cruz no céu e a justiça divina descenderá sobre o mundo". Naquele dia "um vento uivante se elevará sobre toda a terra, e muitos morrerão de terror".

Nesta ocasião renovou suas advertências, fazendo uma referência acurada às profecias que continuavam sem ser ouvidas, "Já apareci em diversos lugares do mundo", disse, "mas ainda são poucos os que crêem em mim."

Coube a uma empregada holandesa chamada Ida Pederman, mulher de vida aparentemente melancólica, mas destinada a passar por uma das mais intensas experiências místicas deste século sob a orientação do dominicano Frehe, testemunha de muitas de suas visões, receber em 25 de março, em Amsterdã, a profecia mais esperada: "Vejo cair cruzeiros gamadas..."

O anúncio do fim da guerra num momento em que a Alemanha parecia evidentemente derrotada (o país assinará a rendição em 18 de maio) não seria à primeira vista tão excepcional. Todos podiam ver que as cruzeiros gamadas caíam por toda parte na Europa. Mas a visão de Ida Pederman é muito mais complexa do que parece, pois se articula numa grande variedade de indicações simbólicas para lançar a disposição futura do mundo nos mais imprevisíveis desdobramentos políticos e religiosos.

Ida Pederman viu, simultaneamente à queda das suásticas, estrelas que desapareciam. Viu mais adiante uma pomba negra voar embora do Vaticano e uma branca chegar. Maria tomou-lhe a mão e conduziu-a pelo jardim sobrenatural da Jerusalém Celeste, onde está "a verdadeira justiça, que precisa ser reencontrada caso não se queira perder o mundo novamente". Viu por fim a Madona desaparecer, na última visão de 1958, e apresentar no seu lugar uma história sangrenta sobre um cálice que transbordava ao se encher, inundando a terra.

Pode-se interpretar as estrelas desaparecidas do céu como sinal do iminente desaparecimento de nações de antiga tradição religiosa, como as repúblicas bálticas anexadas à União Soviética. No revezamento das duas pombas sobre a Igreja pode-se, em vez disso, colher o sentido da renovação destinada a surgir do Concílio Vaticano II: a pomba negra leva embora consigo o antigo espírito religioso, a branca introduz o novo. É a própria Virgem quem fornece esta chave de interpretação, dizendo à vidente que ocorre entre os fiéis "uma nova educação, mais alinhada com o tempo, mais social".

Quanto ao sangue que transborda do cálice sobre a terra, não é aquele trágico das carnificinas, mas sim o sangue redentor do Cristo. Teólogos e exegetas do simbolismo religioso concordam, ao interpretar esta imagem, que ela é fruto de uma ótica salvadora, como sinal de regeneração para a humanidade através do rito da Eucaristia. É o mito portentoso do Graal que sobrevive na moderna simbologia visionária: o sangue que transborda da taça da mística ceia é vacina e remédio contra qualquer mal para todos aqueles que se deixam inundar.

A visão de Ida Pederman era, por outro lado, acompanhada pelo eco de uma voz máscula que assim ressoava, sem qualquer equívoco: "Quem me come e me bebe recebe a vida eterna e o verdadeiro Espírito."

A Senhora apresentou-se à vidente holandesa como "Mãe de todos os povos", uma denominação em harmonia com a urgência universalmente sentida, depois dos horrores da guerra, de solidariedade internacional.

Uma Descida ao Inferno

Com o pós-guerra retornam as mensagens que reconduzem de maneira mais direta à tradição apocalíptica de Fátima e La Salette.

Em 1947, em Montichiari, Lombardia, a Madona aparece durante uma função na catedral e diz: "Jesus não pode mais suportar as ofensas graves. Queria mandar um castigo sobre a terra. Mas eu", prossegue, repetindo uma expressão recorrente em diversas aparições anteriores, "contive sua mão e ainda obtive misericórdia."

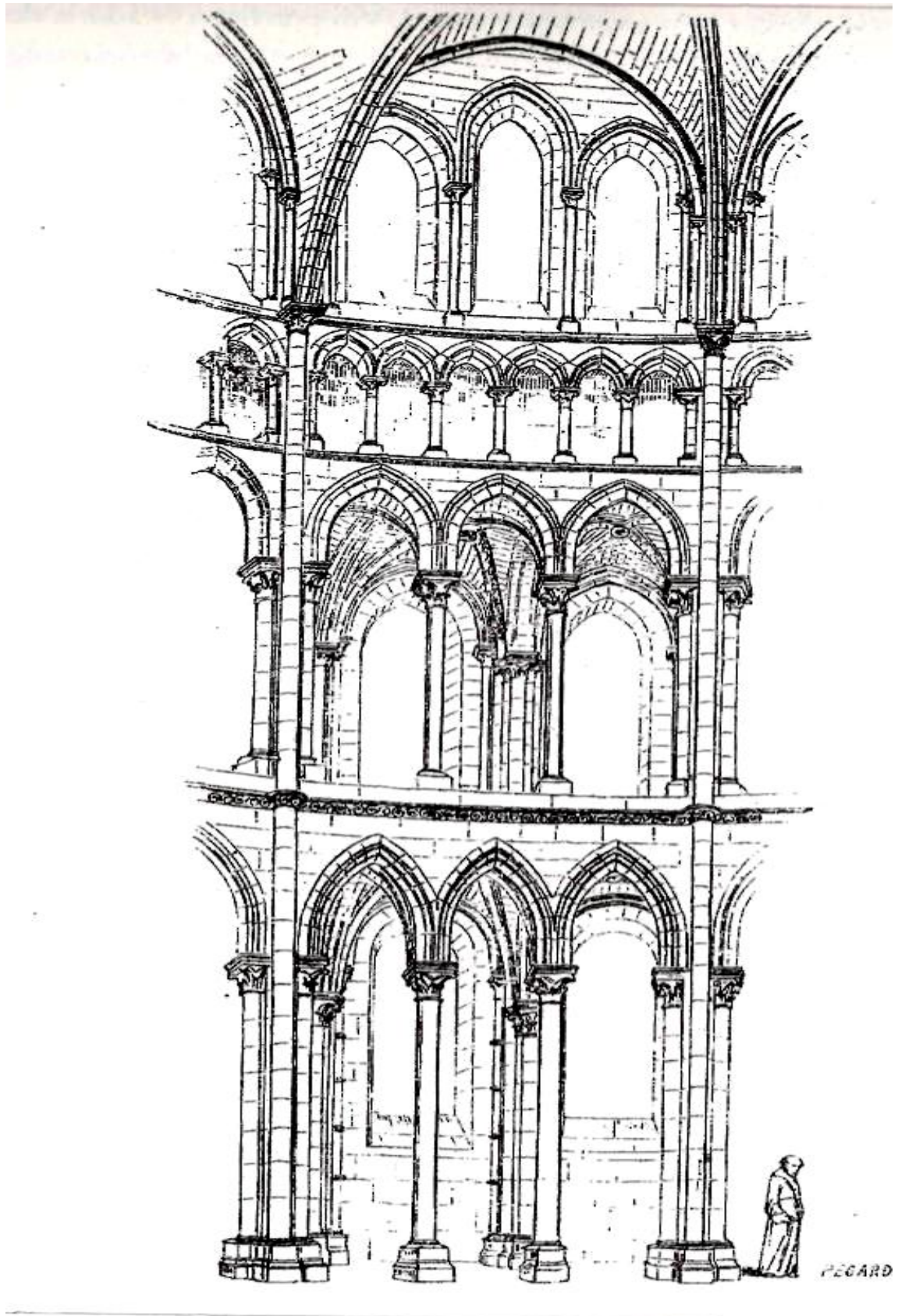
Sua interlocutora é Pierina Gilli, uma enfermeira do hospital de Montichiari que já havia sido protagonista de fenômenos ocultos. Recebera inclusive a

visita noturna de demônios que a espancaram violentamente, recobrando-a de hematomas. Para escapar, foi obrigada a refugiar-se junto às freiras do hospital onde trabalhava. Naquela assustadora circunstância, teve uma visão do inferno.

Era um lugar superpovoado, conforme relatou depois, de padres negligentes aos seus votos: "A primeira fileira de amaldiçoados é formada pelas almas consagradas dos religiosos que traíram sua profissão, a segunda daqueles que morreram em pecado mortal, a terceira pelos sacerdotes de Judas..."

Vinte anos depois, em 17 de abril de 1966, sempre através de Pierina, a Senhora enriquecerá de significados os fenômenos de Montichiari, criando uma analogia com Lourdes. Ordenará à mulher que se dirija às imediações da gruta de Fontanelle, um pouco distante do centro habitado, onde existe uma nascente, e lhe dirá: "Meu Filho é pleno de amor e enviou-me a este lugar para tornar a fonte taumatúrgica." Note-se que a linguagem difere daquela que usou com Bernardette. Maria emprega o adjetivo "taumatúrgica", que a pequena vidente francesa, na sua ignorância, jamais compreenderia, enquanto Pierina, pela sua experiência em assuntos sanitários, tem condições de interpretar corretamente.

"Desejo que os doentes e todos os meus filhos possam vir a esta fonte miraculosa", dirá, além disso, "mas diga aos fiéis que desejo também a devoção deles ao Santíssimo Sacramento, para que vão primeiro à igreja honrar o meu filho divino e agradecer a Ele por tanta graça e misericórdia." É a dialética de Fátima, que tende a solicitar ao povo de Deus, a prece como pressuposto da graça. Quer se trate de curar, como neste caso, quer de escapar ao flagelo punitivo final. Também com Fátima, tal como com Lourdes, a Senhora de Montichiari estabelecerá um nexos, algumas semanas depois, aparecendo em um campo de trigo no dia de Corpus Christi, em 9 de junho. "Quero que este trigo", dirá a Pierina, "chegue em muitas hóstias a Roma, e de lá a Fátima, em 13 de outubro."



A harmonia geométrica e espiritual da arquitetura religiosa medieval:
interior da catedral de Soissons, século XIII.

Assim, entre prodígios, graças e profecias que se entrelaçam, a rede dos fenômenos marianos se adensa com a aproximação do novo milênio, tendendo a traduzir todas as coisas ditas pela Madona em uma única mensagem. Que pode aparecer no seu complexo repetitivo, porém tinge-se cada vez mais de milenarismo no encurtar do tempo.

"Quando todos os homens adquirirem fé no meu poder haverá paz", diz a Virgem em um bosque perto de Pfaffenhofen, Alemanha, em 25 de abril de 1946. Esta mensagem, comenta o bispo, "sintetiza quase tudo o que foi dito nas aparições precedentes".

A Senhora dirá a mesma coisa em Turzovka, na Tchecoslováquia, no verão de 1958: "Se as nações se converterem a Deus viverão sobre a terra em paz, felicidade, harmonia e beleza." Dirige-se à uma guarda-florestal, que depois das primeiras aparições será internada em um manicômio pelas autoridades comunistas. Mensagem idêntica será recebida em Saigon em 1963 pelas freiras de um convento no qual a Madona se manifesta mais vezes: "Deus quer doar-vos a paz, mas somente se praticardes a prece e o amor ao próximo."

As "horrendas verdades" de Fátima

Vez por outra, tem-se a impressão de que a Madona, ao lastimar-se pela escassa influência exercida sobre a humanidade por suas mensagens, leva em conta a revelação sonegada do "terceiro segredo" de Fátima. Significativo no seu amargor desolado, aparece em tal sentido aquilo que a Virgem confia à pequena vidente napolitana Teresa Musco, de oito anos, acometida de uma doença terrível, em 30 de setembro de 1951: "Apareci em Portugal, em Lourdes, em La Salette, onde deixei minhas mensagens, mas quase ninguém me deu ouvidos. (...) Agora te falarei do terceiro mistério de Fátima. As autoridades eclesásticas querem reservá-lo só para elas, ninguém quer assumir a responsabilidade de torná-lo público antes da vinda de Paulo VI. [...] O atual papa não ousa divulgá-lo porque o mistério contém verdades horrendas!"

A época o trono de Pedro era ocupado por Pio XII. Depois dele, tornar-se-ia papa, em 1958, o cardeal Roncalli, sob o nome de João XXIII. Este só em 1963 seria sucedido pelo cardeal Montini, nomeado Paulo VI, e a pequena

Teresa não poderia saber disso.

A Senhora renova em termos mais destacados a advertência sobre as conseqüências desastrosas da indiferença humana em Heroldsbach, na Alemanha, a 31 de outubro de 1952. Tem como interlocutores quatro mocinhas entre doze e treze anos, às quais já apareceu várias vezes. "Não quiseram ouvir minha vontade nem a de meu Filho", diz a elas. "Agora é tarde demais para que a humanidade se converta."

Deixa, porém, uma esperança, embora em forma de ultimato: Este é o último apelo que dirigimos aos homens." Mas um apelo, ainda que o último, representa uma possibilidade de salvação para quem sabe acolhê-lo.

As visões de Heroldsbach foram acompanhadas de fenômenos óticos singulares, como o surgimento de uma coroa de rosas (segundo alguns da própria Virgem, com o Menino nos braços, em torno do sol. Espetacular foi a descrição que as mocinhas fizeram do último encontro, no decorrer do qual Maria foi precedida por um cortejo de anjos e vários santos. Entre estes reconheceram Teresa de Lisieux, Bernardette, Gemma Galgani e Antônio de Pádua.

O apelo repetiu-se mais vezes nos anos que se seguiram, em tom de ultimato severo, diluído porém por uma piedade que sempre induz a Senhora a sugerir meios de escape.

"A jarra está cheia, a água transborda", diz a Madona na aldeia espanhola de Garabandál, em 18 de junho de 1965, a Conchita Gonzáles, uma jovem de quinze anos que, junto com três outras jovens da mesma idade, tinha visões desde 1961.

Lamenta que uma de suas mensagens precedentes (sempre em Garabandál, datada de 18 de outubro de 1961) não tenha sido acolhida, e por isso se despede dizendo: "Esta é minha última reprimenda neste lugar."

A compaixão, porém, prevalece, na dureza da despedida: "Devereis de fato preocupar-vos para que a ira divina não desabe sobre vós. Se implorardes o perdão com sinceridade de alma, vós o tereis. (...) Amo-vos muito e não quero a vossa maldição. Chegamos às últimas advertências..."

Depois de cinco anos de uma alternância de êxtases e horrores, verificações acuradas do estado físico e mental das quatro jovens, confrontos sobre notícias por elas divulgadas em torno de fatos que não podiam conhecer objetivamente, os acontecimentos de Garabandál foram definidos por Paulo

VI como "a segunda estada de Maria sobre a terra, a história mais bela já escrita da encarnação de Cristo".

Conchita e suas amigas puderam ver, além da Virgem, os próprios anjos zeladores. Um deles "aparentava cerca de nove anos e irradiava uma poderosa luminosidade; tinha os olhos negros, a pele morena e cachos louros; envergava um traje azul comprido e trazia às costas halos reluzentes de coloração rosa-claro".

Mas viram também coisas tremendas, que o arcanjo Miguel lhes mostrou na noite de 19 de junho de 1962, e que se recusaram depois a contar. Conchita gritou, em transe: "É terrível! Não, não escreverei isto!"

Outras testemunhas relatam ter ouvido ecos apavorantes e vozes humanas. Foram apanhadas no tumulto das frases excitadas que ressoaram como lamentos: "Fazei morrer primeiro as crianças pequenas! Dai às pessoas o tempo para se confessarem!"

As mocinhas, em lágrimas depois da visão, não quiseram falar com ninguém.

- Vimos o fim dos tempos - limitaram-se a dizer mais tarde, — Foi terrível, como se fôssemos postas na fogueira.

Uma profecia análoga foi colhida na Bélgica por um senhor muito equilibrado, o funcionário belga Leon Theunis, de 44 anos. A Madona apareceu-lhe em 1967, durante suas férias nas Ardenas, e depois na igreja de Mortsel, onde ele vivia.

"Os habitantes sobre a terra serão aniquilados", disse Maria. "Só uns poucos sobreviverão. (...) As cidades serão abandonadas, as fundações da terra abaladas."

Ela falou também em Akita, Japão, em 1973, de um grande "castigo" em preparação para toda a humanidade. Quem recebeu a profecia foi uma monja japonesa chamada Sagarawa Katsuko, tratada pelas outras irmãs de sóror Inês.

"A ira de Deus contra o mundo está agora acesa", disse Maria, contrapondo, porém, a esta ameaça sua vontade de salvar de qualquer modo o gênero humano: "Tento junto a meu Filho mitigar a cólera do Pai celeste. Por isso me mostrei com tanta freqüência no mundo."

Em uma aparição posterior, Sagarawa descobriu (e transcreveu) de que teor seria o castigo que estava nos planos de Deus se a humanidade não se

redimisse: "(...) Uma punição mais dura que o dilúvio universal, uma punição como jamais houve até aqui. Não há dúvidas quanto a isso. O fogo cairá do céu e muitos homens morrerão, inclusive padres e devotos. E os sobreviventes sofrerão a ponto de invejar os mortos."

Além do significado geral, a profecia relata também, como bem evidencia a última frase, aquilo que já fora dito em Fátima. E mais uma vez o cenário maléfico é mitigado por uma estratégia de amor. Maria recomenda como "único meio de defesa" a recitação do Rosário e o sinal-da-cruz. Existe, portanto, a possibilidade de salvação. E ela, a Mãe de Deus, mostra-se decidida a exercer todo o seu poder, sobre os homens e seu Filho, para que isso aconteça.

"Se for necessário, aparecerei em cada casa", dirá em 1981 em Medjugorje.

Dez anos de tempo

Foram confiadas aos videntes de Medjugorje (seis jovens entre quinze e vinte anos: Manja Pavlovic, Jakov Colo, Mirjana e Ivan Dragevic, Ivanka e Vicka Ivankovic) seis profecias, uma para cada um deles. Acompanhadas de uma ordem rigorosa, jamais adotada antes de forma tão radical: não as revelar, nem sequer aos padres e ao próprio pontífice, senão na época devida.

Sobre estes seis segredos sabe-se apenas que dizem respeito ao futuro da Igreja e de toda a humanidade, ao culto de Maria e a eventos ligados à vida dos depositários.

A eles a Virgem, apresentada como "Rainha da Paz", disse também alguma coisa de significativo sobre a maneira de discernir as falsas profecias das autênticas.

"As verdadeiras", disse Maria, "duram no tempo; as outras são esquecidas. Manifesto-me quando assim deseja meu Filho. O mundo diz que apareci outras vezes, mas em certos casos é por interesse ou fantasia. A verdade está em Lourdes, em Fátima, em Garanbandál, em Medjugorje, em Roma..."

Além disso, opôs-se ao hábito difundido de interpretar suas previsões sob uma ótica assustadora, mesmo quando aparentemente prenunciam catástrofes: "As pessoas têm necessidade de fé, não de temores" (28 de junho de 1981).

É uma nova possibilidade de leitura das mensagens apocalípticas, procurando e privilegiando nelas os elementos capazes de neutralizar o castigo, mediante a observância das condições impostas pela vontade divina, não apenas em termos de expiação, e sim de fé, atribuindo à prece um valor festivo.

Neste sentido, o prodígio de Medjugorje representa uma autêntica epifania da evolução da tradição profética mariana.

É um sinal que redimensiona a profunda derrota sentida pelo homem frente à própria perversidade insanável, determinando uma verdadeira e singular reviravolta. Perdem assim credibilidade aquelas mensagens subseqüentes que, prescindindo disso, insistem em propor atrozes soluções finais.

O que não é válido para limitar sua proliferação. Muitas foram registradas a partir de então, e a tendência foi sua ascensão no intervalo de tempo que separou estes eventos da chegada do ano 2000.

Em Marpingen, Alemanha, uma profecia de tom insólito pela sua dureza foi coletada por um camponês em 1983. As palavras atribuídas à Madona são repletas de ressentimento ("Minha mensagem foi deturpada e caiu no ridículo..."), recriminação ("Mostrei-vos o inferno com os pecadores perdidos eternamente, fiz com que vísseis o maior de todos os milagres, o prodígio do sol..."), reprovação ("Os pecados de hoje superam todos aqueles do passado pela sua gravidade. [...] Triunfa somente a escravidão do vício, o ódio, o descontentamento, o litígio, a inveja, a avidez, o livre amor dos sentidos..."), ameaça ("Desgraça e guerra de características desmesuradas vos surpreenderão..."), ma, sobretudo, carentes de misericórdia, pois não deixam vias de escape: "Vossos pecados suscitaram a ira de Deus e provocaram duas guerras mundiais. (...) Não vos espanteis se ocorrerem outras catástrofes. (...) Foi-vos concedido muito tempo para redenção e melhora. Não servirá, não terá mais sentido apelar no momento da desgraça: 'Senhor, Senhor!...'"

Pecados demais, pecadores demais pelo mundo. É uma interação que submete a esperança a uma dura prova. A mensagem é repetida a 28 de março de 1984 em Jall-el-Dib, nos arredores de Beirute, um território já devastado pela violência endêmica. É coletada por uma jovem cujo nome soa também como uma premonição, Joana d'Arc Farage, de dezoito anos, tal como a "donzela de Orléans". O indefectível anúncio de um castigo

catastrófico, porém, faz-se acompanhar de múltiplas sugestões para evitá-lo: exercícios espirituais, eucaristia, recitação do Rosário, vida devota e amigável nas relações com o próximo.



Representação popular da crucificação com elementos simbólicos, como a palmeira despedaçada e os muros da Jerusalém terrena.

Aparições e profecias de conteúdo análogo se entrelaçam na mesma ocasião entre Polônia, Burundi, Hungria, Estados Unidos, Argentina, Canadá, Egito e outras regiões de cada continente. No verão de 1985, por fim, a Virgem relança o seu ultimato (desta vez da Irlanda, em um santuário pouco distante do convento cisterciense de Mont Melleray), fixando um prazo exato: "O mundo tem dez anos de tempo para se converter — se não quiser enfrentar a ira de Deus.

Os fiéis de Melleray descobrem em que pode consistir esta ira através de

uma espantosa visão, no decorrer da qual alguns meninos assistem a uma espécie de novo dilúvio universal, com afogamentos em massa e barcos afundados por marés irresistíveis.

"Quero que caiba ao povo irlandês difundir minha mensagem pelo mundo", diz a Madona, explicando a escolha com o seu amor pela Irlanda, terra devota, que merece ser poupada.

"Deus está contente com a Irlanda. A Irlanda será salva..." Mas reservar tal esperança só para a Irlanda contrasta com a misericórdia de Maria, Mãe generosa dos povos e Rainha da Paz. Assim, a certa altura, num ímpeto de amor, dramatiza: "Se as pessoas rezarem e se converterem, Deus salvará o mundo e a Irlanda."

Deixa entender, portanto, que pôs debaixo do seu manto todos os pecadores da terra. É o rigor de Fátima que se dilui no espírito de Medjugorje.

Ratzinger: "Nada de espantoso" na mensagem da Virgem

Vem afiançar a interpretação salvadora das profecias marianas, com particular atenção ao "terceiro segredo" de Fátima, uma recente entrevista do cardeal Joseph Ratzinger, diretor da Congregação para a Doutrina e a Fé, ao jornalista alemão Peter Seewald.

O cardeal, apontado como "o único a conhecer a mensagem de sôror Lúcia junto com o papa", disse que ela não esconde nada de particularmente "perturbador" em relação às verdades anunciadas pela Igreja Católica, confirmando o que já havia defendido em outras ocasiões, ou seja, que as profecias de Fátima voltam a propor aquilo que Jesus afirma nos Evangelhos: "Se não vos converterdes, todos perecereis"

Ratzinger especificou que o "terceiro segredo" é a única profecia ainda mantida nos arquivos secretos daquilo que já foi o Santo Ofício. Depois desmentiu indiretamente a autenticidade do texto à época divulgado, afirmando que até então "não mais que três ou quatro pessoas" tiveram conhecimento dele. Por isso definiu como conclusões despidas de fundamento os boatos acerca do temido anúncio da terceira guerra mundial.

Ao ser perguntado se a leitura do segredo o tinha perturbado, o cardeal respondeu com um seco "não". Acrescentou inclusive que o texto não anuncia catástrofes iminentes e que, ao lê-lo, não se viu "diante de nada

particularmente espantoso".

Finalmente, bateu mais uma vez na tecla de que a comunicação transcrita por sóror Lúcia "não vai de modo algum além daquilo que está contido na mensagem cristã enquanto tal".

As palavras de Ratzinger, por mais tranquilizadoras que sejam na superfície, correm o risco de aumentar a inquietação provocada nos fiéis pelo veto à divulgação da mensagem mariana. Aquilo que o cardeal diz contrasta de forma surpreendente com o parecer a seu tempo expressado por João Paulo II sobre a época inoportuna para divulgar o "terceiro segredo", devido ao seu apavorante conteúdo.

Não se trata de cortina de fumaça, mas sim de referências explícitas ao que a Virgem teria anunciado: o papa fala de inundações oceânicas e homens arrancados "repentinamente" da vida, o cardeal exclui qualquer referência a catástrofes iminentes. A resposta sobre quem diz a verdade está nos arquivos do Vaticano.

4

Um leão ruge contra Deus

“Com lágrimas no coração conclamo todos à oração. Chegou a hora do Apocalipse.” É um dos 195 "apelos" atribuídos a Jesus Cristo (e transcritos entre 8 de setembro de 1987 e 23 de outubro de 1988 em Roma) pela freira queniana Anna Hadija Ali, junto ao monsenhor Emmanuel Milingo.

Sóror Anna protagonizou fenômenos que causaram sensação em 1994 após a publicação de um pormenorizado relatório, recheado de fotos — garantem — de Jesus, que lhe teria aparecido muitas vezes, confiando-lhe mensagens sobre um já próximo futuro da humanidade.

As aparições teriam ocorrido nos arredores da Porta Angélica, junto aos aposentos de monsenhor Milingo, pelo qual Anna teria sido curada anteriormente (desde pequena sofria de misteriosos sangramentos) e depois consagrada na Ordem das Filhas de Jesus, por ele fundada.

Contribuiu para creditar como plausíveis as revelações de sóror Anna a complexidade dos conceitos teológicos expostos, voltados para a proposição de uma "retomada do culto eucaristial tradicional". A jovem queniana (que

contava 23 anos à época das primeiras aparições) de fato possui cultura limitada, tendo interrompido os estudos por motivo de saúde, sem terminar o curso secundário.

É interessante destacar que são recorrentes no seu caso, como no de Fátima, nebulosas referências à cultura islâmica. Anna é na realidade filha de pai muçulmano e mãe católica. No prefácio do livro, ela agradece amorosamente a ambos.

Com extrema cautela, o arcebispo Milingo declara "não atribuir a nada mais que nossa fé humana os eventos extraordinários narrados no livro que contém revelações transmitidas à sóror Anna Ali"; e, para evitar equívocos, acrescenta não ser sequer adepto da idéia de subtrair-se ao julgamento definitivo da Igreja, à qual se submeterá "incondicionalmente".

O Cristo fotografado na Porta Angélica

Anna não fotografou a aparição por iniciativa própria, mas sim por sugestão dos seus superiores, após ter comunicado a eles aquilo que acontecia em seu quarto na Porta Angélica. Causa profunda impressão, contudo, a rígida semelhança do retrato com outras imagens consideradas sobrenaturais do Cristo, e em especial com uma foto batida na Palestina em 1876 — a fotografia mais antiga do gênero —, hoje conservada nos arquivos do Vaticano. O que há de certo é que se trata da mesma pessoa, se não exatamente do mesmo retrato, o que poderia constituir, segundo o ponto de vista no qual se baseia, uma prova a sustentar ou negar a autenticidade da foto. Mas não nos cabe estabelecer tal fato. Vejamos, em vez disso, em que termos a freira descreve, durante uma conversa com o padre Mbukanma, a entidade que se manifestou como Filho de Deus:

— Veio com a sua luz, envolto em um esplendor azul profundo como o céu. Sua presença iluminava todo o lugar. Vestia uma túnica vermelha cor de sangue, com mangas folgadas. Os cabelos eram escuros e cintilantes.

- O que disse Ele quando você o viu?
- Deu-me uma mensagem e, a Seu pedido expresso, comecei a escrever aquilo que me dizia.
- Que atitude Ele assumiu enquanto falava?
- Falava-me com uma voz repleta de piedade, e sempre faz assim quando

me aparece [a entrevista é de 9 de setembro de 1991]. Fala-me como se fosse um mendigo.

- A que horas Ele lhe apareceu?

- Por volta das duas, três da madrugada.

- Ele ainda lhe aparece? A que horas?

- Entre duas e três e meia. Na quarta-feira por volta da meia-noite, na quinta, nas primeiras horas da manhã.

- Nunca apareceu de dia?

- Não.

- Com quem vem?

- Sempre me aparece sozinho.

- Quando aparece, Jesus tem o aspecto de um ser humano normal?

- É um ser humano. Mas é diferente. Diante de Sua santidade a gente se sente miserável... É um homem de estatura mediana. Não é possível descrevê-lo. Em Sua presença emudecemos, nos sentimos perdidos.

- Quando lhe aparece está triste, gentil, sério, feliz?

- Quando passa as mensagens tem uma voz repleta de piedade, portanto é triste, mas é uma tristeza de amor. Às vezes chora lágrimas de sangue.

- Por que chora?

- Está muito magoado pelo modo como é tratado por aqueles a quem Ele confiou as almas. Alguns O insultam durante a eucaristia e O querem destruir exatamente naquela sé... Está triste também por causa da vida espiritual dos seus consagrados...

- Como você se sentiu na primeira vez em que viu Jesus?

- É difícil explicar. Senti-me num estado de torpor.

- E quando Jesus se foi? Teve medo ou se sentiu feliz?

- Continuei a pensar Nele. Nem triste nem contente. Pensava.

— Jesus ainda lhe aparece? Em quais dias?

- Ainda aparece. Às quintas-feiras à noite.

- O que lhe diz a cada vez?

- Ele me pede com freqüência para rezar por aqueles aos quais confiou as almas: os padres.

- Quanto tempo dura a conversa?

- Não saberia dizer. Quando está aqui me vejo envolvida por Sua santidade, e quando se vai demoro um pouco a voltar a mim. Não estou em condições

de explicar melhor.

A hora de Satanás

A profecia apocalíptica de Porta Angélica centra-se sobre a hipótese de uma catástrofe análoga à prenunciada pela Madona nas aparições de Fátima e La Salette. Por ser muito rigorosa, porém, Jesus pretende evitá-la e para isso pede a colaboração daqueles que, de outro modo, seriam implicados: "Preparai-vos todos, bons e maus, adultos e crianças, padres e freiras, toda a humanidade. Eu amo a todos, e concedo-vos tempo. (...) Não quero que ninguém pereça. (...) Amo a humanidade e desejo derramar minha piedade no coração dos homens. (...) Eu espero, a minha piedade é imensa. (...)\" (mensagens de 29 de outubro de 1987 e de 31 de março de 1988).

Sua intenção salvadora esbarra, entretanto, com uma situação tão degradada que Ele próprio encontra dificuldade para governá-la.

"Sou crucificado e insultado, blasfemado e renegado, e ainda assim continuo a amar. (...) Derramo lágrimas de sangue sobre a humanidade. Como um mendigo, peço meditação e consolação do mal. (...)\"

Mas o apelo até hoje não surte efeito, lamenta o Cristo: "A humanidade me trai como Judas e leva as almas a seguir amores culpados como o dinheiro, até à perdição. Satanás enegreceu os espíritos que já se haviam revoltado contra si mesmos. O mal se contorce como uma serpente monstruosa que inconscientemente envolve as almas. (...) E a hora de Satanás. (...) O demônio aprisionou as almas\" (8 de setembro de 1987).

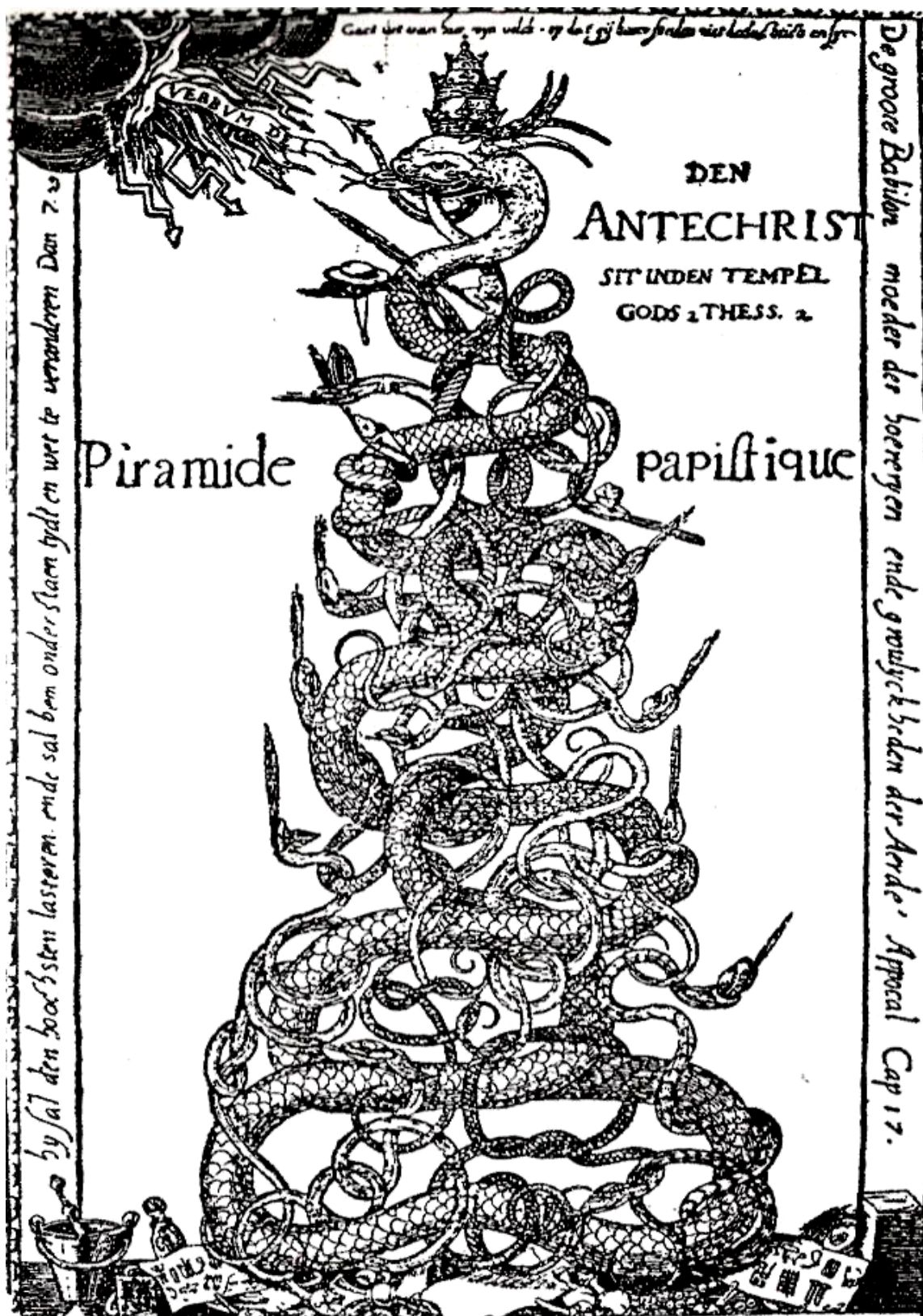
O domínio infernal não se limita nem mesmo à humanidade profana. O diabo infiltrou-se, como de resto haviam antecipado as mais congelantes profecias marianas, no próprio seio da Igreja. Misturando-se aos padres, "está fazendo de tudo até que seja abolido o sacrifício da missa\".

A profecia reproduz com certa fidelidade o escrito apócrifo do "terceiro segredo", que com estes confrontos recupera uma parcial plausibilidade. "Ocorrerão grandes porfias\", diz Jesus a sóror Anna. "Cardeais contra cardeais, bispos contra bispos. Satanás caminhará entre as suas fileiras como em um bando de lobos esfomeados. Mudanças ocorrerão. (...) O que estiver corrompido perecerá e não mais retornará à luz\" (24 de setembro de 1987).

Sobrevém, portanto, "a hora do perigo". A mensagem adverte com apreensão explícita que "o primeiro golpe está próximo" e que "o tênue fio que separa o mundo do abismo está por despedaçar-se". Em torno, "tudo está silencioso, imóvel como se o Onipotente não existisse". Do seu canto, "a justiça divina está pronta para agir". Quando?

É o próprio Cristo quem pergunta: "Será dentro de alguns meses? Ou um ano?" A tarefa é de "tal forma difícil" que tenta dar uma resposta a si mesmo. Deve admitir que "somente o Pai Eterno o sabe".

Mas, se desconhece quando se dará, o filho sabe muito bem qual será o castigo, se ele não puder ser evitado: "Um fogo imprevisto descera sobre toda a terra. Grande parte da humanidade será destruída. [18 de setembro de 1987] (...) Será um tempo de desespero para os ímpios. Irão me implorar com gritos e blasfêmias satânicas para recobri-los com as montanhas, fugirão para buscar refúgio nas cavernas, mas em vão. (...) No céu aparecerão nuvens flamejantes e sobre o mundo cairá uma tempestade de fogo. [7 de outubro de 1987] (...) Muito sangue será derramado e as estradas ficarão repletas de cadáveres. [8 de outubro de 1987] (...) As igrejas serão saqueadas; ocorrerão terremotos, doenças incuráveis, revoluções e tumultos: O mundo será transformado por completo. O grande cataclismo que se abaterá repentinamente sobre a terra será apavorante, como se fosse o fim, mas a hora final não é chegada ainda, embora não esteja distante. [13 de outubro de 1987] (...) Haverá dilúvios, terremotos, destruições, erupções, homicídios, epidemias, escassez. [14 de outubro de 1987] (...) Todas as nações serão submersas em lágrimas; haverá luto, castigo, terremotos, inundações e doenças de todo tipo. [20 de outubro de 1987] (...) O mundo inteiro estará em guerra, invadido pela ruína e pela morte. As armas mortais não só exterminarão os exércitos, mas destruirão também as coisas mais sagradas e santas, as crianças, os anciãos e os enfermos. [12 de novembro de 1987] (...)"



O Anticristo domina a "pirâmide papista" neste desenho luterano (holandês) de inspiração apocalíptica, do século XVI.

Virão "tempos piores que o grande dilúvio", prossegue a predição. "O céu será coberto por uma densa névoa e a terra será sacudida por terremotos terríveis que abrirão profundos abismos, engolindo cidades e províncias. [21 de novembro de 1987] (...) Abismos, montanhas e lava incandescente engolirão aldeias inteiras. Ocorrerão eletrocuções, mares turbulentos, suicídios, drogas, doenças. [22 de novembro de 1987] (...) O mundo atual está pior do que Nínive. (...) É uma corrente de escândalos, um pântano de fogo, de estrume, de lama. (...)"

A Itália dos traidores e dos espiões

A profecia reserva tons particularmente aflitivos ao destino da Itália, "país preferido de Deus". O seu povo "sofrerá enormes transtornos e será purificado por uma grande revolução; apenas parte dele será salvo". O Cristo de sóror Anna recorda também as Brigadas Vermelhas e fala de sua infiltração no governo, entendido evidentemente no sentido lato de classe dirigente, mas faz alusões manifestas também às intrigas institucionais: "Muitos espiões e traidores renegam a sua mãe-pátria." Destaca, além disso, que "a corrupção chegou ao limite [a mensagem é de 25 de outubro de 1987, bem anterior ao inquérito Di Pietro] e que na Itália haverá uma revolução política", talvez esta já tenha ocorrido, talvez a profecia se refira às conseqüências de propinas e clientelismo. São, de qualquer forma, esses os cenários sobre cujo pano de fundo "a Itália será estropiada por assassinos" e "a Igreja esmagada com o orgulho da violência" (18 de outubro de 1987).

A espera do que possa acontecer, "Roma está se preparando para ser destruída pelo crescimento de uma consciência atéia". Entre intrigas e ambigüidade, "os próprios romanos trairão Roma e toda a Itália".

Pode-se intuir do vocabulário profético que, "os romanos" não se refere à população de Roma, mas à classe política que, a propósito, está concentrada na capital; e também ao clero infiel, cuja traição figura entre as notas mais dolorosas da mensagem.

É constante a referência à infiltração de Satanás no Vaticano — embora atenuada por omissis — e à obra de sacerdotes infiéis, que desviam as hóstias dos tabernáculos para as missas negras, que participam de

convescotes diabólicos e profanam o sacramento da eucaristia. Com toda clareza, o Cristo de Porta Angélica vaticina: "O diabo destruirá a melhor parte do meu rebanho. (...) Os meus consagrados, que perderam todo o amor, não fazem mais que me insultar e cuspir sobre mim." Depois fala de um "leão que ruge", que avança contra a Igreja, e de um "Lúcifer vermelho" que, à testa das suas legiões, se prepara para lançar desordem sobre o povo de Deus (1º. de novembro de 1987).

Igualmente severa é a opinião acerca de um tecido social deteriorado pela indignidade dos líderes, sobre os quais recairá a responsabilidade por permitir que as leis das nações despedacem a lei divina (12 de novembro de 1987). A profecia adverte igualmente os ministros e magistrados. A advertência a estes últimos é categórica: "Se não fizerem penitência e não cumprirem sua responsabilidade, irão perecer um após outro" (8 de outubro de 1987). Deduz-se que em relação a eles o oráculo se reservara o dever de dar andamento a uma convocação mais específica, além do que foi previsto pela advertência geral a toda a humanidade.

"Como um menino assustado..."

Na sua "sede de almas", alimentada pela angústia de uma pena que não quer infligir, mas que não tem certeza de poder impedir, o Cristo fotografado em Porta Angélica é "como um menino assustado que vem pedir consolação". É ele próprio quem dá de si esta sofrida imagem. Agoniza diante de cada alma que lhe escapa "como um caçador que se deixaria ferir de morte para atrair a sua cobiçada presa".

Implora a sóror Anna a piedade que os outros lhe negam. Pede-lhe, certas noites, para não dormir: "Fica de vigília comigo, preciso da tua companhia. Mergulha na suma contemplação. (...) Esta é a minha difícil hora tenebrosa. (...) Dedicar tempo ao meu amor no meu sacramento. (...) Deixa que eu te use, abandona-te a mim sem pensar no que te acontecerá (...)" (8 de setembro de 1987).

Ao dizer isto, abre-se às mais íntimas confissões, como se fosse ele o humano e ela a divindade: "Eu amo e espero dia e noite no meu tabernáculo para poder abraçar todos. (...) Por entre os véus do meu tabernáculo continuo a olhar, mas ninguém vem me visitar" (16 de dezembro de

1987).

Em tanta solidão amadurece, junto com a inevitabilidade do castigo, uma solução salvadora que ultrapassa as vias de escape até agora apresentadas. Pela primeira vez na tradição das profecias apocalípticas, de fato, o Cristo de sóror Anna tem a dizer que a sua advertência "não é uma ordem de condenação para o inundo inteiro" (5 de dezembro de 1987).

Esclarece, em outras palavras, que o cataclismo não comportará extermínio indiscriminado, como foi dado a entender outras vezes. Pelo contrário, também na calamidade mais ruínosa "as almas justas nada terão a temer, porque serão separadas dos ímpios e dos obstinados, serão salvas" (18 de setembro de 1987).

Sela esta promessa com uma afirmação que em linguagem leiga garantiria: "Ninguém vai para o inferno sem a própria concordância" (9 de outubro de 1987).



5

O Apocalipse de João

A fonte de todas as profecias catastróficas de fim de milênio — e fim do mundo, segundo uma tradição consolidada — é o Apocalipse do evangelista João, escrito na ilha de Patmos por volta do ano 97 d.C.

Pertence ao Novo Testamento, como os quatro Evangelhos, mas assinala o epílogo coerente com uma história iniciada no Antigo Testamento, com o Gênesis. Como este último narrava a criação do mundo, o Apocalipse descreve-lhe o fim num crescendo místico e visionário que fecha o ciclo

das Escrituras.

Em grego, apocalipse significa "revelação". Para colher seus significados e interpretá-los, é necessário decodificar uma vasta gama de símbolos, correspondentes a um conjunto hermético que parece representar a quintessência de tudo o que o esoterismo profético cristão produziu nos seus primórdios.

Contudo, além dos seus cenários amedrontadores e do espanto que certas imagens suscitam na sua monstruosidade enigmática, a profecia de João parece subentender a intenção de focalizar mais as causas do que o evento da ruína final do mundo, bem como o propósito de evitá-la.

Sob esta luz, o Apocalipse pode ser lido como mensagem positiva, dedicado a denunciar maldades e aberrações humanas nos seus eventos mais catastróficos — guerra, escassez, despotismo, idolatria, doença, caos — para conjurar seus efeitos. Seria impossível, de outro modo, justificar sua colocação no contexto salvador e liberatório dos Evangelhos, que antepõe a qualquer outro objetivo a derrota do mal através do amor.

Adotando esta maneira de ver, a revelação transmitida por João é agilmente decifrável como presságio de regeneração e de alegria, de triunfo sobre o sofrimento, realizável mediante a participação corajosa dos bons na luta do Cordeiro contra a besta infernal.

O livro brota de um êxtase durante o qual João, possuído pelo Espírito, recebe de Jesus a revelação "daquilo que dentro em breve deve acontecer". Seu propósito, não obstante a aparência terrificante do conteúdo é declaradamente, benéfico. O evangelista o diz com todas as letras na abertura: "Bem-aventurado aquele que lê e escuta esta mensagem profética e entesoura tudo que aqui está escrito."

O Apocalipse não contém, portanto, um simples anúncio — uma crônica final em si mesma de fatos por vir—, mas algo a ser "entesourado", uma utilidade a perseguir pelo bem de quem lê.



O fim do mundo, com a humanidade prostrada aos pés do Anticristo e da besta do Apocalipse, numa gravura de Luca Cranach.

É temerária qualquer tentativa de dar-lhe interpretações gratuitas, mutilando ou distorcendo seu sentido, pois, "se alguém acrescentar qualquer coisa", adverte o apóstolo, "Deus o golpeará com os flagelos descritos neste livro; se alguém tirar qualquer coisa, Deus o excluirá da árvore doadora da vida e da cidade santa descritas neste livro".

Mesmo a mais banal repetição, depois de tal advertência, deve ser objeto de meditação profunda. O Apocalipse não pode ser, em outras palavras, folheado ou lido aos poucos como qualquer almanaque divinatório; deve ser lido na sua unidade, sem ultrapassar segmentos nem pular alguma passagem.

Tudo aquilo que está escrito serve para introduzir a promessa final de Jesus: "Sim, estou por vir"; e a evocação de João: "Vinde, Senhor."

E se esta é a profecia conclusiva, só podem juntar-se a ela auspícios de vida, aqueles que são os cenários de morte através dos quais — para poder ser alcançados — devemos nos aventurar. Percorramos, pois, o início desse itinerário, seguindo o fio das visões de João.

Em comunicação com Deus

Como os grandes profetas da tradição bíblica que o precederam, João recebe diretamente de Deus ordens para escrever. O destinatário é toda a cristandade tanto do seu quanto de nosso tempo.

O Senhor lhe aparece entre sete candelabros, representando as sete igrejas da Ásia (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiátira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia), nas quais se reunia à época toda a comunidade dos fiéis. Tudo em torno Dele reluz: a faixa de ouro que tem sobre o peito, os cabelos brancos como neve, os olhos ardentes como fogo, os pés como bronze na fornalha, o rosto como sol flamejante.

Tem sete estrelas na mão direita, que representam os anjos das sete igrejas.

Após ter endereçado a estas últimas sete cartas nas quais reprova ou louva as respectivas comunidades, exortando-as a enfrentar iminentes perseguições, João é chamado a ver o trono de Deus.

"Sobe até aqui e mostrar-te-ei o que ainda deve acontecer", diz do alto uma voz, enquanto diante dele se escancara uma porta que se comunica

diretamente com o céu. Lá está o trono, iluminado por um arco-íris de esmeralda, além do qual se estende "um mar que parece de vidro, límpido como o cristal".

Senta-se no trono "alguém [isso mesmo: alguém] de aspecto resplendente como pedras preciosas, jaspe e cornalina".

Aumentam a majestade da visão mais 24 assentos, para os anciãos da corte celeste, vestidos de branco e coroados de ouro. Ardem em torno sete archotes, que simbolizam os sete espíritos de Deus.

Ao lado do trono estão "quatro seres viventes", que João assim descreve: "O primeiro ser parecia um leão, o segundo um novilho, o terceiro tinha rosto de homem, o quarto assemelhava-se a uma águia em seu vôo. Cada um tinha seis asas e era cheio de olhos por todo o corpo e também sob as asas. Continuamente, dia e noite, repetiam: 'Santo, santo, santo é o Senhor, Deus do Universo...'"

São as qualidades "viventes" de Deus, que no conjunto exprimem a Sua glória: a força do leão, a energia e a potência do touro, a inteligência e a consciência do homem, a visão aguçada da águia. Têm asas múltiplas, para voar além dos limites da imaginação, e inúmeros olhos, para perscrutar o infinito.

Apertado na sua mão há "um livro em forma de rolo, escrito por dentro e por fora, lacrado por sete selos". Um anjo exorta a abrir os selos. Mas quem?

"Quem é digno de romper os lacres e abrir o livro?"

Ninguém lhe responde, porque — pensa João — não há ninguém no céu nem na terra capaz de fazê-lo. Assim, presa de uma tremenda emoção, desata em lágrimas.

"Eu chorava desmedidamente, porque não se encontrava ninguém digno de abrir e ler o livro."

O pranto de João é o sinal da devota crise de quem teme que a humanidade, incapaz de acatar a vontade divina, seja excluída do Reino.

Um dos anciãos, porém, o consola.

"Não chores", diz-lhe. "Aquele que se chama Leão da tribo de Judá e Rebento de Davi venceu a sua batalha e pode abrir o livro e os seus sete selos."

Como acontece com freqüência no trecho das predições, as profecias

reclamam-se umas às outras, dando — e ao mesmo tempo recebendo — confirmação: Leão de Judá e Rebento de Davi são, na escritura bíblica, denominações habituais do Messias: daquele que vem justamente para cumprir a vontade de Deus, no caso específico rompendo os selos.

Neste ponto, João vê diante de si "um Cordeiro que parecia degolado, mas estava firme de pé", E o Cordeiro de Deus, alegoria do Cristo que superou a prova do sacrifício. Traz o sinal, mas se mantém ereto como um vencedor, mostrando no seu insólito aspecto os símbolos do poder divino. "Tinha sete chifres e sete olhos, que representam os sete espíritos de Deus mandados ao mundo."

Recebe diretamente das mãos do Senhor o livro dos sete selos e começa a rompê-los, enquanto em torno os 24 anciãos e os quatro seres de corpo semeado de olhos se ajoelham cantando:

És digno de pegar o livro
e de romper os selos
porque foste imolado
e resgataste para Deus com teu sangue
homens de cada tribo, raça, língua e nação...

Os sete selos

O Cordeiro abre o primeiro lacre sob os olhos de João, fazendo aparecer um cavalo branco montado por um cavaleiro armado de arco. Recebe uma coroa, símbolo de invencibilidade.

Abre o segundo e adianta-se um cavalo vermelho, cor de fogo. Ao cavaleiro é dada uma espada, e o poder de fazer desaparecer a paz na terra para que os homens se degolem entre si.

Abre o terceiro selo e avança um cavalo negro, cujo cavaleiro tem na mão uma balança. Uma voz anuncia preços dos quais se deduz sobrevirá uma assustadora carestia: "Por uma medida de trigo a paga de um dia, por três medidas de cevada a paga de um dia..."

Abre o quarto selo e surge um cavalo de cor lívida, esverdeada. É montado por um cavaleiro chamado Morte, seguido por um exército de cadáveres. Recebe o poder sobre um quarto da terra e o direito de

exterminar seus habitantes com as armas, a epidemia e a fome.

Abre o quinto selo e se elevam de sob o altar os mártires da fé, perguntando em voz alta: "Até quando, Senhor santificado e voraz, esperareis para fazer justiça sobre os habitantes da terra e vingar o nosso sangue?"

"Falta pouco", responde Deus, fazendo dar a cada um deles uma túnica branca. "Esperai que se complete o número daqueles que serão imolados como vós."

Abre o sexto selo e a ira de Deus se manifesta em todo o seu ímpeto. Tem-se assim a primeira exemplificação cumprida, em termos históricos e literários, do modelo escatológico — ou seja, relativo aos destinos finais do mundo, do grego éskata, as "coisas extremas" — que atingirá as grandes profecias catastróficas da idade moderna.

"Houve um forte terremoto. O sol fica escuro como roupa de luto e a lua adquire cor de sangue. As estrelas do céu caem sobre a terra, como os figos verdes caem da árvore quando golpeados pelo vento impetuoso. A abóbada celeste se despedaçou e enrolou-se como folha de pergaminho; todas as montanhas e as ilhas foram arrancadas do seu lugar. Os reis da terra, os governantes, os comandantes dos exércitos, as pessoas mais ricas e poderosas refugiaram-se nas cavernas e entre as rochas junto com todos os outros, escravos e livres; e diziam para as montanhas e as rochas: 'Desabai sobre nós e nos escondi, que Deus não nos veja do seu trono, e não nos aflija o castigo do Cordeiro.' (...)"

Mas este castigo, que pareceria até aqui universal, baseado na impiedosa determinação de golpear indiscriminadamente todo o gênero humano, revela-se empenhado em punir apenas os ímpios, poupando os justos. Quatro anjos nos quatro cantos da terra detêm os quatro ventos, para que nem um sopro de ar possa mover uma folha. Um quinto anjo, surgindo do oriente como um sol, intima-os: "Não devasteis nem a terra nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos assinalados a nossa frente os servos de nosso Deus."

Foram assinalados 144 mil, provenientes das doze tribos de Israel. Salvaram-se, e não são os únicos, junta-se a eles "uma grande multidão de pessoas de cada nação, povo, tribo e língua, que ninguém conseguia contar".

Todos cantam, agitando ramos de palmeira diante do trono e do Cordeiro: "A salvação pertence ao nosso Deus, que senta no trono, e ao Cordeiro."

São os mártires, explica um dos 24 anciãos a João, que vêm da "grande perseguição", purificados pelo sangue do Cordeiro.

"Por isso estão diante do trono de Deus, e prestam-lhe serviço dia e noite no Seu santuário, e Deus que senta no trono estará sempre junto a eles. Não mais terão nem fome nem sede, nem sofrerão o ardor do sol. O Cordeiro irá cuidar deles como o pastor cuida do seu rebanho, e os guiará até a nascente da água doadora de vida, e Deus enxugará cada lágrima dos seus olhos."

Só agora que foram assinalados aqueles a salvar — agora que foram impostos limites a certos castigos regeneradores — o Cordeiro abre o sétimo selo.

"Fez-se silêncio no céu por cerca de meia hora."

Duzentos milhões de monstruosos cavaleiros

A ira de Deus, uma vez rompido o sétimo selo, foi anunciada pelas trombetas dos sete anjos.

Ao primeiro toque despeja-se sobre a terra "uma tempestade de granizo e fogo amalgamados em sangue": um terço da terra arde, um terço das árvores é carbonizado e toda a relva verde torna-se árida.

Ao segundo toque precipita-se no mar "uma massa ardente similar a uma montanha em fogo": um terço do mar vira sangue, um terço das criaturas marinhas morre, desaparece um terço dos navios.

Ao terceiro toque cai do céu "uma grande estrela, ardente como uma tocha", cujo nome é Absinto, que em grego quer dizer amargor: contamina e envenena um terço dos rios e das nascentes. Muitos morrem ao beber das suas águas.

Ao quarto toque é atingido um terço do sol, da lua e das estrelas, cuja luz desaparece em um terço.

Cumpre-se com os primeiros quatro toques a destruição da natureza, criada para a felicidade dos homens. Mas não é o fim do mundo: um terço da terra e do céu é poupado, para aqueles que ainda são dignos de

desfrutá-lo. Vem agora para os outros uma pena mais direta.

Ao quinto toque, uma estrela caída do céu abre um poço que conduz ao mundo subterrâneo: dele sobe uma fumaça que escurece o ar, e da fumaça se expandem nuvens de gafanhotos "similares a cavalos encilhados para a guerra". Têm ordem de poupar a relva e as plantas, atacando "apenas as pessoas que não ostentam o sinal de Deus na testa", mas sem matá-las. Com o intuito de "fazê-las sofrer por cinco meses, como quem foi picado por um escorpião".

Nasce deste detalhe atroz um outro modelo de futuras profecias. Como na mensagem de Fátima e em outros oráculos apocalípticos, os homens ainda vivos "buscarão a morte, mas não a encontrarão, desejarão morrer, mas a morte fugirá deles". É, porém, digno de nota que não se fale genericamente dos vivos — não de uma humanidade irremediavelmente assolada por um castigo comum —, mas daqueles que por suas culpas não foram considerados dignos de ser marcados. Os outros, reconhecíveis pelo sinal, serão poupados.

Monstruosa é a descrição que João nos dá dos gafanhotos: "traziam na cabeça uma espécie de coroa de ouro, e sua face era como o rosto de um homem. Tinham cabelos longos como as mulheres e dentes similares aos dos leões. Tinham o tórax semelhante a uma couraça de ferro, e o farfalhar de suas asas era como o estrondo dos carros de guerra que vão ao ataque puxados por muitos cavalos. (...) À frente dos gafanhotos havia um rei, o anjo do mundo subterrâneo, cujo nome hebraico é Abaddon, que quer dizer exterminador."

Ao sexto toque de trombeta começa o verdadeiro massacre. São liberados "os quatro anjos acorrentados nas imediações do grande rio Eufrates", cuja missão é o aniquilamento de um terço dos homens.

Duzentos milhões de cavaleiros se espalham pelo mundo às suas ordens. São guerreiros monstruosos, como os animais que montam.

"Cavalos e cavaleiros me aparecem revestidos de couraças, alguns vermelhos como o fogo, outros azuis como a safira, outros amarelos como o enxofre. Os cavalos tinham cabeças que pareciam de leões; e fogo, fumaça e enxofre saíam de suas bocas. Um terço dos homens morreu desses três flagelos. (...) O poder dos cavalos estava na boca, e também na cauda: de fato suas caudas eram como serpentes, que feriam os homens na

cabeça. (...)"

Tudo isso não basta para redimir os sobreviventes, que persistem na idolatria e no delito.

"Não abandonaram os ídolos feitos com as suas mãos e não deixaram de ajoelhar-se diante dos demônios e estátuas de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, que não têm condições de ver, de ouvir e de caminhar. Não renunciaram sequer aos seus delitos, à magia, à prostituição e aos furtos."

Há uma pausa entre o sexto e o sétimo toques, para que João possa ser instruído sobre o que fazer. Aprende novos segredos pelo ribombar de sete trovões. Deles vai tomar nota, mas é detido por uma voz que intima: "Não, não escrevas o que disseram os sete trovões, pois deve permanecer em segredo."

Recebe depois, de um anjo, um livro para "devorar", e o faz sem metáfora, mastigando-o e deglutindo-o, sendo porém advertido: "Será amargo para teu estômago, ainda que na boca o sintas doce como o mel."

De tal modo compreende-se que o profeta se nutre da palavra de Deus, alimento que à doçura infinita da sua essência acrescenta o amargor de certas verdades cruéis da mensagem: o castigo, as desgraças a se cumprir, a regeneração através da dor.

Só depois de ter devorado o livro é que João recebe uma ulterior solicitação divina: "Deves profetizar ainda sobre muitos povos, nações, línguas e reinos." E assim encarregado de medir com um bambu o santuário de Deus e contar as pessoas em adoração no seu interior. A parte externa não deve ser medida: foi deixada para os Seus inimigos, que "por 42 meses pisotearam a cidade santa de Jerusalém".

A obra dos inimigos irá se contrapor, porém, aquela de "duas testemunhas vestidas de saco", indicadas também como "duas azeitonas" e "dois candelabros". Talvez se tratasse de Pedro e Paulo. São, portanto, apóstolos que sofreram por sua vez o martírio, como o Cordeiro.

"Os seus cadáveres permanecerão expostos nas praças da grande cidade, lá onde o seu Senhor foi crucificado, chamada simbolicamente Sodoma e Egito. Por três dias e meio, gente de cada povo e raça, língua e nação estará olhando seus cadáveres e não os deixará sepultar, e os habitantes da terra festejarão trocando presentes, comemorando a morte das duas testemunhas, porque foram um tormento para todos os habitantes da

terra."

Mas as duas testemunhas ressurgirão (a alusão às suas roupas feitas de saco também faz supor que o evangelista estivesse se referindo à obra de apostolado das ordens mendicantes, nas quais ressurgirá o espírito original da pregação evangélica) e subirão ao céu, "enquanto os seus inimigos ficarão olhando". Sete mil dentre eles morrem no mesmo instante, num grande terremoto que destruirá um décimo da cidade.

Miguel contra o dragão: crônica de uma guerra no céu

O sétimo toque de trombeta faz-se acompanhar de vozes que do céu celebram a vinda do reino de Deus e a "prestação de contas".

"É chegado o momento de julgar os mortos", dizem, "e de recompensar os profetas teus servidores, e todos aqueles que te pertencem e respeitam teu nome, pequenos e grandes; e de aniquilar todos aqueles que corrompem a terra."

Escancara-se entre as nuvens o templo de Deus e aparece, visível aos olhos humanos, a arca da aliança. Em torno desencadeiam-se relâmpagos, trovões, uma tempestade de granizo e um terremoto.

A abertura do templo segue-se "um sinal grandioso". Surge uma mulher vestida de sol que preconiza no aspecto a moderna iconografia mariana: está coroada por doze estrelas e tem a lua sob os pés. Dá à luz um menino destinado a "governar todas as nações com um bastão de ferro". Um dragão infernal quer devorá-lo — é um animal horrendo, vermelho como o fogo, enorme, com sete cabeças e dez chifres —, mas o pequeno é levado a salvo para junto do trono de Deus.

"Depois irrompeu uma guerra no céu: de um lado Miguel e seus anjos, do outro, o dragão e seus anjos. Mas estes foram derrotados e não houve mais lugar para eles no céu, e o dragão foi arremessado para fora. O grande dragão, ou seja, a antiga serpente, que se chama 'Diabo' e 'Satanás', e é o sedutor do mundo inteiro, foi jogado sobre a terra, e seus anjos também foram escorraçados."

Arremessada no mundo, a serpente persegue a mulher celeste, isto é, a

Igreja representada como uma Madona, que escapa voando com asas de águia. Três anos e meio depois, é lançada no deserto, onde busca refúgio. O dragão vomita sobre ela um dilúvio de água, mas a terra vem em seu socorro, abrindo-se e engolindo-a.

O dragão se lança então contra a prole da mulher, ou seja, a comunidade de fiéis. Não está só na sua fúria perseguidora. Um outro monstro se põe a seu lado.

"Vi então uma besta que emergia do mar", e aqui João fornece uma das mais emblemáticas descrições do poder dedicado à realização do mal, fonte de uma literatura que nos seus símbolos individualizou referências precisas a monstros políticos de cada época, como o Império Romano e o nazismo. "Tinha sete cabeças e dez chifres. Em cada chifre trazia um diadema, e sobre cada cabeça estava escrito um nome que era uma blasfêmia. O monstro parecia uma pantera. Tinha patas de urso e boca de leão. O dragão confiou-lhe o seu poder, o seu trono e uma grande autoridade. (...) Então toda a terra foi tomada de grande espanto e obedeceu ao monstro. (...) Ao monstro foi concedido dizer palavras arrogantes e insultar a Deus, e teve o poder de fazê-lo por 42 meses. (...) foi-lhe permitido guerrear contra aqueles que pertencem ao Senhor e vencê-los; foi-lhe dado poder sobre cada raça, povo, língua ou nação. (...) Se esta besta retrata o mal no seu sentido institucional, isto é, a adesão dos governantes ao projeto de Satanás, uma segunda besta de aspecto mais suave representa o homem que se põe a seu serviço. Não possui atributos terrificantes, mas prosaicos chifres de cordeiro, e dedica-se com espírito dialético à sedução das almas. É muito mais temível que a outra, pois exercita sua persuasão sutil por meio de milagres e artifícios que lhe permitem impor as idolatrias mais aberrantes. É distinguível no seu logro a intenção de converter a humanidade ao demônio, coroada em nossos dias com a proliferação de cultos e seitas satânicos.

"Vi uma outra besta que subia da terra. Tinha dois chifres como os de um cordeiro, e a voz como a de um dragão. (...) Realiza grandes milagres: faz até mesmo cair fogo do céu sobre a terra diante dos olhos de todos. Com os milagres que pode realizar, engana os habitantes da terra, ordenando-lhes que construam uma estátua para o monstro. (...) A besta teve o poder de dar vida à estátua do monstro para que falasse e fizesse matar todos

aqueles que não o adoravam. (...)"

É o Anticristo, que para se tornar o reflexo do seu inimigo, veste-se por sua vez de cordeiro. Junto ao dragão (Satanás) e à outra besta (a igreja de Satanás), forma uma trindade diabólica, na qual representa o papel de messias. Marca com um ferrete seus próprios fiéis e persegue os demais. Quem não traz impresso o seu sinal não tem possibilidade de sobrevivência na sociedade por ele controlada: não pode desenvolver nenhuma atividade, não pode comerciar, não pode comprar nem vender. Como um cristão no Império Romano ou no soviético; como um homem de coração em uma sociedade sem coração, na qual prevalece o fetiche do dinheiro.

Escolhe por ferrete "um número que corresponde a um nome de homem": o 666, tornado atual pelo uso recorrente que fizeram dele no século XX os satanistas de cada tendência, sem, porém, decifrar-lhe o enigma.

O número, segundo João, conduz à identidade de uma pessoa. Para individualizá-la "é preciso sabedoria".

Não é, pois, tão difícil. Diz o evangelista: "Quem é inteligente que calcule. (...)"

Novas pragas para não esquecer

Ao signo da besta se contrapõe aquele dos 144 mil justos resgatados por Deus. Estão reunidos no monte Sião junto ao Cordeiro. Em torno espalha-se "um som forte, como o fragor do oceano e o ribombar do trovão". Três anjos surgem sobre o eco dessas notas, que só os justos podem entender.

Anunciam a hora do juízo final, a punição dos ímpios e a queda da grande Babilônia, na qual é distinguível Roma, a cidade que "fizera todos os povos beberem o vinho inebriante da sua prostituição.

Inicia-se, logo depois, a ceifa sobre a Terra. Anjos de justiça ceifam os cachos de sua parreira e os jogam no grande tonel para a pisadura, "que representa o terrível castigo de Deus".

Ao final, "o sangue jorrado do tonel foi tanto que chegou à altura da boca dos cavalos até a quase 300 km de distância".

À visão horrenda se sobrepõe uma sublime. Além de um mar de cristal e

fogo, todos aqueles que venceram o monstro cantam loas ao Senhor, fazendo-se acompanhar por harpas recebidas Dele mesmo.

Grandes e maravilhosas
são as suas obras
Senhor, Deus do universo...

Poder-se-ia considerar concluída a batalha, mas sete flagelos ainda deveriam abater-se sobre a humanidade. Servem, em termos simbólicos, para estabelecer uma continuidade com as grandes profecias do passado: João, ao evocá-las, propõe mais uma vez o tema bíblico das sete pragas do Egito. Por que o faz? Para lembrar que tais calamidades não representam uma memória já sepultada no tempo, mas sim uma constante da história, destinada a produzir os seus efeitos todas as vezes em que o homem, esquivando-se a Deus, subverte a vida e a ordem natural das coisas a sua volta.

O fato de que as pragas provenham de Deus — e que sejam os seus anjos que a distribuem no mundo — não significa que seja Ele a causa. Indica simplesmente a inevitabilidade dos efeitos (previsíveis, na sua repetição) que comporia qualquer processo de destruição.

A mãe de cada prostituição

No santuário de Deus, sobre as nuvens, João vê sete taças de ouro sendo entregues a sete anjos, e ouve uma voz que ordena: "Ide derramar sobre a terra as sete taças do terrível castigo divino."

Os anjos obedecem e horrendas chagas se formam na pele dos homens; peixes morrem nos oceanos, rios e nascentes se tingem de sangue para que aqueles que derramaram o sangue dos justos sejam agora obrigados a bebê-lo; o sol se torna abrasador.

Junto com um calor insuportável, espalha-se sobre a terra uma densa escuridão, depois que a quinta taça é vertida sobre o trono do monstro.

A sexta é derramada no Rio Eufrates, que ressecado transforma-se em uma estrada "pronta para o rei do Oriente".

Neste ponto irrompem na visão três demônios, que saltam como rãs da

boca dos três monstros infernais. Exibem milagres e desafiam os reis da terra para a batalha final, "em um lugar que em hebraico se chama Armagedon".

O sétimo anjo a esta altura derrama no ar a sua taça, e uma voz do santuário proclama: "Está feito!"

Segue-se um espantoso cataclismo, as cidades do mundo desabam, as ilhas desaparecem, as montanhas não existem mais, e um dos sete anjos convida João para "ver o castigo da grande prostituta". O espírito se apossa dele, enquanto uma força divina o transporta no deserto.

"Lá, vi uma mulher sentada sobre um monstro de cor escarlate, todo coberto de blasfêmias. O monstro tinha sete cabeças e dez chifres. Os trajes da mulher eram púrpura e escarlate. (Carregava jóias de ouro, pérolas e pedras preciosas, e tinha na mão um cálice dourado contendo algo repugnante: as impurezas da sua prostituição. Tinha um nome misterioso escrito na testa: 'Babilônia', a grande cidade, a da prostituição e das obscenidades de todo o mundo. Então me dei conta de que a mulher estava embriagada do sangue do povo de Deus e de todos aqueles que morreram por sua fé em Jesus. (...)"

João, diante desta visão, é tomado por grande estupor, mas o anjo intervém para traduzir-lhe o sentido em imagens proféticas:

"Por que te espantas? Explicar-te-ei", diz, o significado misterioso da mulher e do monstro que a carrega, aquele que tem sete cabeças e dez chifres. O monstro que viste representa alguém que vivia e agora não vive mais, porém, está prestes a subir do mundo subterrâneo e seguir para a sua destruição definitiva."

Não é difícil decifrar a mensagem, mas "é preciso um pouco de inteligência", diz o anjo. "As sete cabeças são as sete colinas sobre as quais a mulher está sentada. São também sete reis. Cinco já caíram, um reina no momento, e o sétimo ainda não veio. Quando vier, durará pouco. O monstro que viveu e que agora não vive mais é o oitavo rei, mas é também um dos sete, e seguirá para a destruição definitiva. Os dez chifres que vêes são dez reis, que ainda não chegaram a reinar, mas terão a possibilidade de reinar por uma hora junto com o monstro. Os dez reis estão todos de acordo: querem ceder ao monstro sua força e seu poder. Lutarão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os derrotará, porque ele é o

Senhor acima de todos os senhores e o Rei acima de todos os reis."
Para coroar a profecia, um outro anjo desce do céu e anuncia:

Caiu!
A grande Babilônia caiu!
Tornou-se morada de demônios,
refúgio de todos os espíritos imundos,
ninho de pássaros impuros e repugnantes.
Todas as nações
beberam o vinho da sua prostituição desenfreada,
os reis da terra se prostituíram com ela
e os mercadores enriqueceram com seus tesouros fabulosos.

Todas as Babilônias do mundo

A referência à queda do Império Romano, que à época perseguia os cristãos, é clara. Mas esta profecia também deve ser entendida, como aquela dos sete flagelos, sob uma ótica universal, projetada no tempo além do evento ao qual se refere. O próprio fato de que, para designar Roma simbolicamente, se evoque na profecia a Babilônia, pátria de ídolos e de tiranos, terra de exílio e sofrimento para o povo de Israel, corresponde claramente à tentativa de evidenciar — como pelas sete pragas do Egito — uma continuidade enraizada na tradição bíblica. É útil para fazer compreender de imediato que outras Babilônias caíram antes de Roma e outras cairão no futuro, por derramarem o sangue do povo de Deus na acepção mais ampla de humanidade, não apenas o dos cristãos ou dos hebreus. Cairão os baluartes dos totalitarismos, mas também — e este é o sentido da profecia, muito explícito — os templos das novas idolatrias, nos quais são venerados o dinheiro e a vaidade.

É significativo que desta vez a narração do evangelista seja redigida — diferentemente do que acontece em outras partes — no futuro, graças ao qual se reconhece no esfacelamento de Roma aquele de cada império por vir. A Babilônia, portanto, ainda deve cair. Está entre nós, e sua corrupção é reconhecível ao olhar.

Num só dia, todos os castigos se abaterão sobre ela: doença mortal, luto,

escassez. E será consumida pelo fogo. Poderoso é Deus que a condenou. Os reis da terra, que viveram com ela uma existência de luxo e prostituição, chorarão por ela e se levantarão quando virem a fumaça da cidade incendiada. (...) Os mascates da terra chorarão e lamentar-se-ão por causa dela, porque ninguém mais comprará suas mercadorias: ouro, prata, pedras preciosas, tecidos finos, púrpura, seda, perfumes, objetos de marfim e de madeira de lei, de bronze, de ferro ou de mármore, canela, especiarias, aromas, óleo perfumado, vinho e azeite, farinha e cereais, bovinos e ovinos, cavalos e carroças, e por fim seres humanos vendidos como escravos. (...) Capitães e marinheiros, navegantes e qualquer um que trabalhe no mar estarão também eles bem distantes, olharão para a fumaça da cidade incendiada e dirão: "Nunca existiu uma cidade grande como esta..."

Babilônia não é apenas uma cidade cruel além de qualquer descrição, na qual "corre o sangue dos profetas e dos santos, e de todos aqueles que foram mortos sobre a terra", mas uma gorda e opulenta predadora, que domina os mercados mundiais. Deve suas riquezas ao furto e, sobretudo, ao logro.

"Com tuas bruxarias enganaste todas as nações", grita contra ela um anjo, após ter jogado no mar uma pedra grande como uma mó de moinho, para mostrar de que modo desaparecerá para sempre.

"Ninguém te verá mais. Em ti não se ouvirá mais soar a harpa nem os cânticos, não serão mais ouvidas as flautas e trombetas. Não haverá mais nenhum artesão, não se ouvirá mais o ruído do moinho, não se verá mais a luz dos lampiões, não serão mais ouvidas as vozes de marido e mulher. (...)"

O resto é celebração da glória de Deus, mas também a continuação da batalha, para uma solução final que, porém, não é definitiva. A confirmação daquela continuidade sem tempo que a profecia pareceria subentender.

O enigma dos mil anos

Fileiras de cavaleiros brancos exterminam o monstro e todos os reis da terra, seus aliados. Nuvens de pássaros descem sobre o campo para devorar as carnes dos derrotados. A besta e o seu falso profeta são jogados vivos em um lago de fogo, enquanto o dragão (isto é, Satanás, a antiga serpente) é acorrentado por mil anos no mundo subterrâneo.

Assim, com o anúncio deste prazo de mil anos, após o qual o dragão deverá ser solto "por um período de tempo", tem origem o mais controvertido e tormentoso medo desencadeado pelo Apocalipse entre os fiéis.

De início acreditou-se que o ano 1000 assinalaria a libertação do Anticristo, portanto uma catástrofe comparável ao fim do mundo; depois, esgotado tal prazo sem que a eventualidade se realizasse de maneira plausível, recorreu-se a cálculos fraudulentos para especificar novos prazos. Foi indicado o ano 2000 entre outras datas apocalípticas, como era, aliás, previsível. Procurou-se de todos os modos individualizar os sinais do incipiente desastre ou identificar exatamente um Anticristo vivente ou vivido. Houve quem acreditasse reconhecer-lhe os traços no imperador Nero, ou nos artífices das mais recentes perseguições do gênero humano, como Hitler ou Stalin. Não faltaram vaniloquentes bruxos dispostos a gabar-se de uma identidade messiânica em tal sentido, proclamando-se "a grande besta" e assumindo para próprio símbolo — como o inglês Aleister Crowley no século passado — o 666. Mas nada de plausível se pôde deduzir em relação ao sentido da indicação de mil anos da reclusão de Satanás e da nova guerra que se tornará necessária para que se possa atirá-lo definitivamente no lago de fogo.

E, portanto, sensato admitir, coerentemente com o espírito também metafórico de toda a profecia de João, que o cômputo dos mil anos não deve ser interpretado em sentido cronológico. Fala-se de mil anos como se falou pouco antes de uma hora para indicar o tempo, limitadíssimo, no qual ainda reinarão com o monstro os reis da terra, quando ele emergir novamente do abismo.

As forças obscuras da alma

Pode-se interpretar os mil anos do reino de Deus — e o breve parêntese da sua interrupção, uma única hora — como uma espécie de lição sobre a periculosidade constante do mal, que, ainda que reduzido à impotência e acorrentado nas profundezas mais escuras, pode sempre reemergir, provocando novos conflitos devastadores. Vale para a sociedade como um todo, vale para a consciência individual. Por isso é necessário zelar, segundo o ensinamento de João, pelo objetivo de colher, tão logo se manifestem, os sinais de um recomeço do mal que se acreditava ter sido derrotado, impedindo sua sublevação.

O prazo de mil anos significa, portanto, a necessidade de uma nova guerra contra as forças obscuras da alma, tanto como as do universo, para rechaçá-las de volta às prisões onde já estiveram confinadas.

Apenas depois desta nova vitória — que também pode ser também interpretada como uma verificação da efetiva capacidade humana para neutralizar os próprios impulsos negativos — será possível conhecer "a cidade santa, a Nova Jerusalém, ornamentada como uma esposa pronta para ir ao encontro do marido".

Conclui-se deste modo sublimado, após tantas visões terrificantes, a profecia de João, chamado por um anjo para contemplar "a esposa do Cordeiro", em cuja grandiosidade é possível distinguir o presságio de uma felicidade infinita.

Tinha o esplendor de Deus, brilhava como uma pedra preciosa, como uma gema cristalina. Suas muralhas eram sólidas e elevadas, com doze portas. Às portas postavam-se doze anjos, e acima delas estavam escritos os doze nomes das tribos de Israel. (...) As muralhas se apoiavam sobre doze alicerces, e sobre cada um estava escrito o nome de um dos doze apóstolos do Cordeiro. O anjo que falava comigo tinha uma vara de ouro para medir a cidade, suas muralhas, suas portas.

A cidade era quadrada. (...) O anjo a mediu: 12.000 estádios [mais de 200 km]. Comprimento, largura e altura eram idênticos. A seguir mediu as muralhas: 144 cúbitos [70 m], segundo a medida humana usada pelo anjo. A cidade era de ouro puro, reluzente como cristal; suas muralhas eram de

jaspe. As bases das muralhas estavam ornadas de pedras de todos os tipos: de jaspe a primeira, de safira a segunda, de calcedônia a terceira, de esmeralda a quarta. A quinta base era de sardônica, a sexta de cornalina, a sétima de crisólito, a oitava de berilo, a nona de topázio, a décima de crisópaso, a 11ª de jacinto, a 12ª de ametista. As doze portas eram doze pérolas, cada uma extraída de uma ostra só. A praça era de ouro puro, reluzente como cristal. Nada de impuro ali poderá entrar, ninguém que pratique a corrupção ou cometa o falso...

A Jerusalém Celeste não é apenas uma visão beatífica; é também um recipiente de dádivas reais para todos os que derrotaram o mal — que está neles e fora deles — em nome da revelação evangélica. Entre seus muros escorre "o rio da água que dá vida, límpido como cristal, proveniente do trono de Deus e do Cordeiro". Cresce na praça "a árvore da vida", cujas folhas curam as nações.

Com estas imagens João abandona as metáforas para assegurar aos homens que "Deus impedirá qualquer maldição sobre a terra".

A mensagem do Apocalipse não pode, portanto, ser lida como uma ameaça, quaisquer que sejam os horrores descritos para exemplificar a crueldade das provações a superar ao final da regeneração. O apóstolo convida e Jesus confirma, para encerrar: "Quem tiver sede que venha: quem quiser da água doadora da vida que a beba gratuitamente."

O que há de catastrófico nisto?



6

Profetas falsos e autênticos da Bíblia

O Apocalipse de João não é o único texto profético do Novo Testamento. Mensagens voltadas a fornecer indicações sobre o futuro da humanidade e da Igreja são encontradas também nos quatro Evangelhos e nos Atos dos apóstolos.

Em alguns casos trata-se de profecias que antecipam as revelações apocalípticas: "(...) Porque aqueles serão dias de tanto sofrimento como não houve ainda desde que Deus criou o mundo até hoje nem haverá mais coisa igual. E se o Senhor não abreviasse aqueles dias, ninguém se salvaria. Mas Deus os abreviou por causa dos Seus eleitos." [Marcos, 13, 19-20]. Também no Evangelho, portanto, a premonição da catástrofe é mitigada pela certeza de que o castigo não será indiscriminado, e que Deus escolheu os seus para os salvar. A mensagem é ainda mais explícita quando se trata de salvaguardar os eleitos contra os falsos profetas: "Não lhes deis ouvidos, não os sigais! Quando ouvirdes falar de guerras e de revolução, não vos assusteis. São fatos que devem acontecer, mas isto não significa que depois sobrevirá o fim". (Lucas, 20, 8-9).

Entre estas antecipações da profecia de João figuram indícios de como será o juízo universal: "Todos os povos sentar-se-ão diante Dele, e Ele os apartará em dois grupos, como faz o pastor quando separa as ovelhas das cabras: colocará os justos de um lado e os ímpios de outro." [Mateus, 25, 31-32). Prevalece de qualquer modo, na dramaticidade do juízo — e das calamidades que o prenunciam — o encorajamento da "jubilosa mensagem" apostólica, enobrecida pela efusão de dádivas extraordinárias, como as inúmeras curas verificadas durante a sua pregação.

Outras profecias abordam os sofrimentos que Jesus sabe que terá de enfrentar: "O Filho do homem deverá sofrer muito. É necessário. Os Anciãos do povo, os líderes dos sacerdotes e os mestres da lei o condenarão; será morto, mas depois de três dias ressuscitará." (Marcos 8, 31-32). O texto evangélico sublinha a inelutabilidade desses eventos, cujo cumprimento corresponde a uma urgência específica de regeneração: "É

necessário que o Filho do homem sofra muito." (Lucas, 9, 22).

Mas não existe apenas dor no centro dessa espiral profética, existem também a felicidade e o triunfo que são sua consequência fatal. Jesus explica isso aos apóstolos com palavras simples, quando aparece diante deles como um fantasma, após a ressurreição: "Este era o sentido dos discursos que vos fazia quando ainda estava convosco. Disse-vos claramente que devia acontecer tudo aquilo que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos escritos dos profetas e nos salmos. (...) Assim está escrito: o Messias deveria morrer, mas no terceiro dia deveria ressuscitar dentre os mortos. Por ordem Dele agora deve ser levado a todos os povos o convite para mudar de vida e receber o perdão." (Lucas, 24, 44-46).

Do Antigo ao Novo Testamento

Os profetas, que no Antigo Testamento representavam o tecido da revelação divina, estão presentes no Novo Testamento através de confrontações de coisas já ditas na Bíblia. São profecias que podemos definir como de retorno, tendentes a confirmar a veracidade das Escrituras passadas para dar crédito às novas, que se reconhecem na sua verdade.

Uma evidência elementar entre estas profecias para apurar fatos posteriormente acontecidos durante a vida de Jesus revisa, por exemplo, os ditos de Miquéias sobre Belém ("não és por certo a menos importante entre as cidades da Judéia, porque de ti sairá um líder que guiará o meu povo, Israel"), os de Jeremias sobre os massacres dos inocentes ("um grito se ouviu na região de Arimatéia, prantos e longos lamentos: é Raquel quem chora os seus filhos e não quer ser consolada porque eles estão mortos") e sobre a traição de Judas ("pegaram as trinta moedas de prata, preço que o povo de Israel havia pago por Ele, e as usaram para comprar o campo do oleiro"), os de Isaías sobre a vinda do Batista ("uma voz grita no deserto: preparai o caminho para o Senhor"), e ainda sobre a pregação na Galiléia ("Galiléia habitada por gente paga: o seu povo que vive nas trevas verá uma grande luz").

São os profetas bíblicos, afinal, os pais da vidência religiosa entendida naquela perspectiva histórica e social que caracteriza de modo todo peculiar o profetismo hebraico — e depois cristão — em relação a

qualquer outra forma divinatória praticada na Antigüidade. A deles é a profecia de inspiração divina por excelência, da qual se deduz uma orientação sobre as ações a empreender no interesse comum. Da sua correta interpretação e da execução das suas diretrizes dependem os destinos de todo o povo de Israel, do rei, dos seus inimigos e perseguidores. Diferentemente daquilo que acontece nos cultos pagãos, onde as práticas oraculares aparecem prevalentemente voltadas para a satisfação de interesses e curiosidades individuais — embora mantidas também naquele contexto de inspiração divina e às vezes geridas em forma institucional, através de arúspices e adivinhos estatais.

Serpentes venenosas contra os adivinhos

As Escrituras exprimem uma severa condenação das artes divinatórias exercidas fora da revelação mosaica — e depois cristã —, comparando-as à feitiçaria e à idolatria mais blasfemas.

O Antigo Testamento condena sem atenuantes "qualquer um que pratique a adivinhação, o sortilégio, o augúrio, a magia, quem faça encantamentos, quem consulte os espectros ou o adivinho, quem interrogue os mortos" (Deuteronômio 18, 10-11). Pela boca de Ezequiel, Deus anuncia que sua mão "se voltará contra os profetas das visões vãs" (13, 9). Pela boca de Jeremias, ameaça arrojá-los em cima deles "serpentes venenosas contra as quais não há encantamentos" (8, 17). Mais categoricamente, ordena no Êxodo: "Não deixarei viver os praticantes da magia." (22, 17).

O Novo Testamento decidiu, por outro lado, evidenciar a natureza execrável de qualquer forma de magia, e, portanto, da adivinhação, da astrologia. Atestam-no os efeitos deteriorantes que provoca sobre a própria personalidade de quem exerce tais práticas. O mago Simão, embora batizado, está "repleto de mal e é prisioneiro da maldade" (Atos dos apóstolos 8, 23). Um outro pseudoprofeta de nome Bar-Iesus é "homem repleto de cada engano e malícia, filho do diabo, inimigo de toda justiça" (Atos 13, 6-12). Tenta bloquear a entrevista de Paulo e Barnabé com o governador de Chipre, homem inteligente e desejoso de ouvir a "palavra de Deus". Para impedi-lo, portanto, de "perturbar os projetos do Senhor", Paulo o cega com a força do Espírito Santo, embora

só provisoriamente: "Por um certo tempo não poderás mais ver a luz", diz-lhe.

O prodígio teve o duplo objetivo de neutralizar o mago e deixar perplexo o governador, induzindo-o a abraçar a fé cristã. O primeiro se descobriu "nas trevas mais escuras", necessitado de alguém que o guiasse pela mão; o segundo foi iluminado pela revelação divina. Não se pode fazer menos do que colher o significado marcadamente simbólico desse contraste entre a cegueira e a luz.

Além da firme condenação às artes mágicas, porém, o Novo Testamento insere a profecia entre os maravilhosos dons do Espírito Santo, análoga ao poder de curar, de exorcizar, de falar línguas desconhecidas. E a vidência de origem divina, igual àquela exercida pelos profetas bíblicos, e, portanto, digna da máxima consideração. Nela são investidos os evangelistas quando preconizam eventos futuros, mas, também, figuras de segundo plano, espalhadas pela comunidade cristã.

Os fiéis de Tiro dizem a Paulo que não vá a Jerusalém "por sugestão do I Espírito" (Atos 21,4). O mesmo texto nos informa que em Ptolemaida, o diácono Filipe "tinha quatro filhas não casadas dotadas do dom da profecia" (Atos 21, 9).

Um chacal entre as ruínas

Questão essencial da Bíblia, em recompensa ao exercício da profecia, é a necessidade de distinguir os verdadeiros dos falsos profetas.

O falso profeta não é apenas um mistificador, mas um elemento de desagregação social. É para o povo de Israel "como um chacal entre as ruínas" (Ezequiel, 13, 4), em busca de sinais e prodígios de conseqüências imprevisíveis, que arriscam até a transformar-se em vantagem para os estrangeiros. Se isso acontecer, o profeta "deverá ser condenado à morte por apostasia pelo Senhor, pelo verdadeiro Deus, que resgatou o povo da escravidão, fazendo-o sair da terra do Egito" (Deuteronômio 13, 3).

Enorme na civilização patriarcal é a culpa daqueles que ousam fazer passar por oráculo do Senhor as próprias fantasias pessoais. Deus os desafia pela voz de Ezequiel, ameaçando excluí-los da comunidade dos

seus eleitos: "Não serão admitidos no conselho do meu povo, não serão inscritos no livro de Israel, não entrarão na terra dos filhos de Jacó." (13, 8-9).

Aos verdadeiros profetas é conferida novamente a incumbência de manter os contatos de Deus, recebendo as mensagens e trazendo as indicações necessárias ao cumprimento das escolhas de mais empenho. A função deles não é simplesmente receptiva. O profeta tem também a missão de transmitir a Deus as demandas do próprio povo. Moisés é porta voz do Senhor junto ao povo, mas também do povo junto ao Senhor.

"O Senhor não faz nada, diz Amós, talvez o primeiro a apresentar por escrito a própria experiência profética, no século VIII a.C., "sem ter antes revelado o próprio conselho aos seus servidores, os profetas" (3,7). Autor de estilo impetuoso como o vento do deserto, Amós compara a revelação de Deus ao rugido do leão: "O leão ruge: quem não há de tremer? O Senhor falou: quem pode se abster de profetizar?" (3, 8).

Entende-se, levando em conta os poderes reconhecidos aos profetas, por que jamais na Bíblia sejam tão evidenciadas — e especificadas nos detalhes — as modalidades através das quais se adquire e se administra a vidência. É Deus, nos casos mais excelentes, quem escolhe os próprios porta-vozes: "Encontrarás um grupo de profetas descidos das alturas, precedidos por harpas, timbales, flautas e cítaras", diz Samuel a Saul. "O espírito do Senhor também te investirá e passarás a ser profeta com eles, transformado em um outro homem." (Samuel, 10, 5-6).

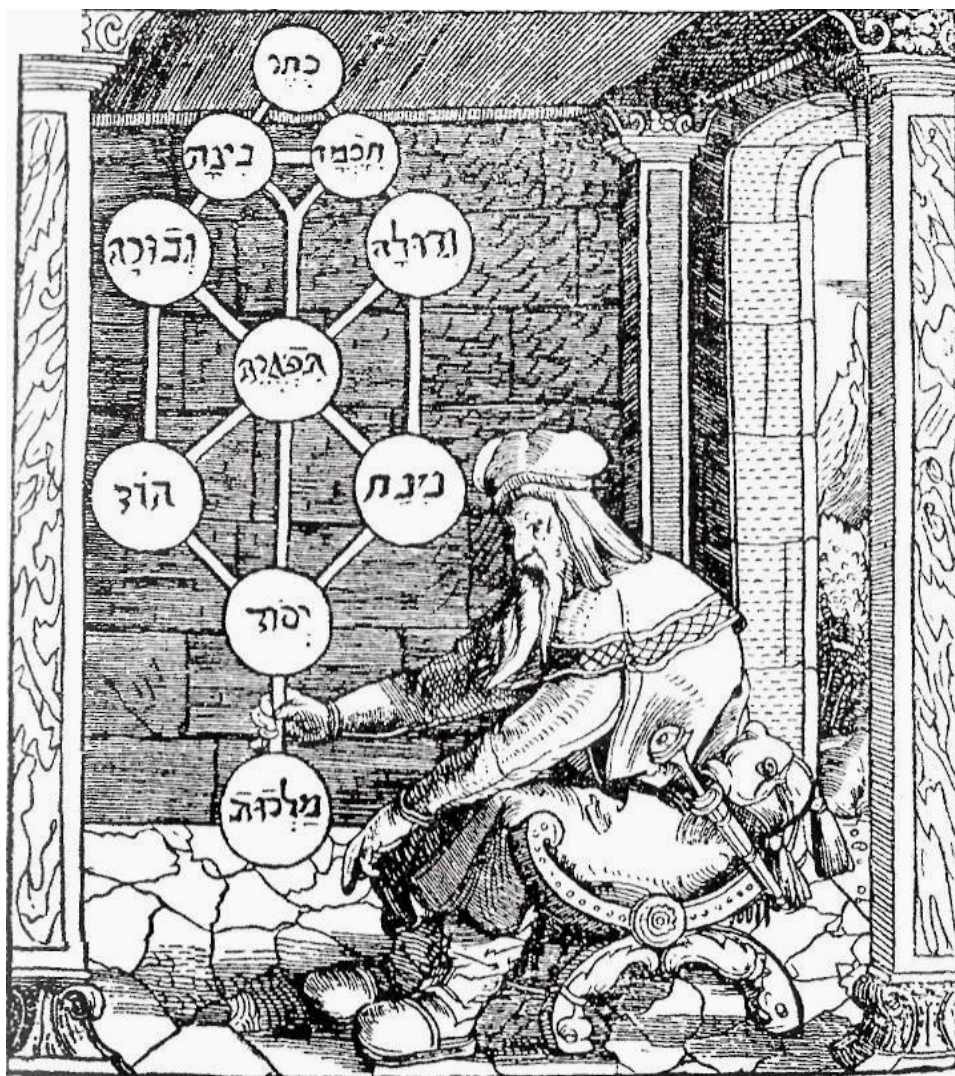
Trata-se em certos casos de uma autêntica e própria investidura. Assim o é para Ezequiel: "Desce sobre mim a mão do Senhor, e o Senhor me infunde o Espírito." (37,1). Para Isaías: "Vai e dize a meu povo: escutai bem, mas sem compreender; observai bem, mas sem reconhecer." (6,9). Para Jeremias: "Eu te conheci antes de te formares no ventre, antes de saíres do seio materno te consagrei: profeta dos povos te designei." (1, 4-5). Mas o é também para certos grandes protagonistas do Novo Testamento, como o batista, "repleto de Espírito Santo desde o seio materno (Lucas, 1, 15), e Paulo de Tarso, também ele "escolhido e chamado mediante a graça desde o seio de sua mãe" (Carta aos gálatas 1,15).

Os outros videntes, sobre cujas faculdades não há certeza, quando também

não incorrem nos rigores das leis, são tratados pelos mais autorizados profetas bíblicos com um pedantismo desdenhoso. "Para mim são todos como Sodoma", diz Jeremias, referindo-se aos profetas de Jerusalém (23, 14). "Profetizam a paz apenas se têm alguma coisa para comer", ironiza Miquéias (3,5).

A verificação da efetiva credibilidade de um profeta é complexa. Aquele que anuncia paz ou guerra, escassez ou felicidade, prodígios ou catástrofes, é submetido a controles que poderemos definir como cruzados. Não basta que aconteça aquilo que diz. É necessário que ele seja coerente com a lei do Senhor, tanto na boa quanto na má notícia.

"Só será reconhecido como profeta realmente designado pelo Senhor", diz Jeremias, "quando a sua palavra se realizar" (28,9).



Frontispício de um livro cabalístico com a "árvore sefirótica", na qual

estão reunidos os dez números primordiais (sefiroth) do conhecimento universal.

Se a coisa dita pelo profeta em nome do Senhor não se realizar, ecoa o Deuterônômio, "isso significa que não foi dita pelo Senhor, mas pelo profeta, por presunção." (18, 22).

Mas façamos de conta, diz ainda o Deuterônômio, texto fundamental do exercício profético, que "se eleva entre vós um profeta ou um sonhador que vos proponha um sinal ou um prodígio, e se realize o sinal ou prodígio anunciados, e ele vos diga: 'sigamos os outros deuses', que não conheceis, e os cultuemos', não deveis ouvir as palavras de tal profeta ou sonhador" (13, 2-4).

Superada a prova da credibilidade e recebidas as credenciais para aquela que, para todos os efeitos, é uma função pública, em sentido religioso e civil, ilimitada é a autoridade dos profetas assim considerados por designação divina, como é o caso de Moisés, Abraão, Elias e daqueles que foram nomeados, além de alguns outros. A palavra de Elias "queima como um archote". Nada acontece sem ser previsto por ele. Ide o diz sem meios-terminos, como uma maldição, como fez ao fraco rei Acab, induzido a praticar os mais desenfreados ritos orgiásticos por sua esposa fenícia Jezabel, no primeiro Livro dos Reis: "Pela vida do Senhor Deus de Israel, em cuja presença me encontro, não haverá orvalho nem chuva nestes anos a não ser quando eu o disser." (17, 1).

É compreensível que o esforço para dar uma idéia majestosa do poder profético, por parte daquele que o detém, seja em certos casos maior do que o do profetizar.

Amós compara a urgência de ser iluminado pelos profetas à necessidade de alimento: "Virão dias nos quais", faz dizer ao Senhor, "mandarei a fome no país, não fome de pão nem sede de água, mas de escutar a palavra de Deus" (8, II). Miquéias a sintetiza num grilo: "A voz do Senhor grita para a cidade: escutai-a!" (6, 9).

Pelo amor de Sião

Pela sua contingência histórica e social, as profecias bíblicas aparecem na maior parte dos casos — ao contrário de outras, que investem os destinos da humanidade no seu complexo — vinculadas ao tempo em que foram pronunciadas. Os seus objetivos são, na maioria, imediatos, dirigidos a orientar escolhas, impor modelos de comportamento, reclamar observância religiosa e civil aos transgressores da lei. Servem para prevenir perigos, preparar as almas, infundir prudência ou coragem em vista de eventos não distantes, de agressões a repelir, de expiações às quais se submeter.

Com frequência a admoestação em referência a responsabilidades sociais específicas assume o tom do anátema. Como é o caso das repreensões dirigidas por Isaías a quem formula e administra mal as leis: "Ai dos que decretam leis iníquas e emitem sentenças opressivas para negar justiça aos pobres e defraudar o direito dos oprimidos, para explorar as viúvas e pilhar os órfãos." (10, 1-2).

Do mesmo modo, Amós apostrofa as "vacas de Basan", como chama as ricas samaritanas que instigam os próprios maridos a oprimir os fracos para alimentar seus luxos: "Virão sobre vós dias em que sereis presas com anzóis e arpões de pesca, saireis pelas brechas das muralhas e sereis arrastadas para além do Hermon." (4, 2-3). Refere-se ao costume mesopotâmico de deportar os prisioneiros enganchando-os com anzóis pelos lábios: é a previsão da escravidão que as espera em breve na Babilônia, quando serão prisioneiras dos exércitos de Nabucodonosor.

Jamais havia apreciado, de resto, os excessos da aristocracia hebréia, por mais pródiga de ofertas: "Detesto, repudio as vossas festas e não aprecio vossas reuniões; mesmo que me ofereçais holocaustos, não aprecio as vossas dádivas, e as vítimas gordas que me sacrificais em sinal de pacificação, sequer as olho. Longe de mim a estridência de vossos cantos: o som de vossas harpas nem posso ouvir. (5,21-23).

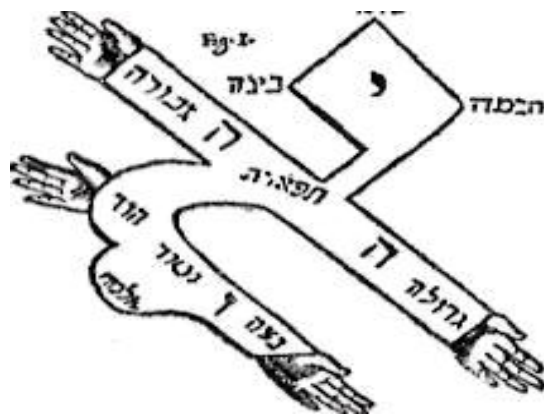
Mas é também missão dos profetas infundir esperanças com previsões alegres, além de preconizar castigos. Nesta direção se voltam com frequência as profecias de Oséias, contemporâneo de Amós, que se

distingue pelo esforço de mostrar a constância indestrutível do amor de Deus por Israel, não obstante os erros deste último,

Israel tem culpas graves, diz o profeta, uma vez que “como uma ingênua pomba privada de inteligência chama ora o Egito, ora a Assíria” (Oséias, 7, II), e por isso será logo devorado “como uma torta não virada” (7, 8), mas Deus não se dará paz pelo amor de Sião e de Jerusalém “até enquanto não surgir como estrela a sua justiça e a sua salvação não brilhar como lâmpada” (62, I). Naquele dia a cidade santa “será uma magnífica coroa na mão do Senhor, um diadema régio na mão de Deus” (62, 3). Ninguém a chamará mais de Abandonada, nem a sua terra será chamada Devastada, mas sim Alegria e Esposa de Deus.

Deve-se à ternura lírica de Oséias um dos raros momentos nos quais o intransigente Deus do Velho Testamento se pronuncia com espírito de perdão e de amor, em vez de vingança, sobre a iniquidade pela qual se tornou responsável o seu povo, trazendo-o a si “como quem levanta um menino pelas bochechas”:

Eu os curarei da infidelidade,
os amarei de todo o coração,
pois minha ira se afastou deles.
Serei como guia para Israel,
que florescerá como lírio
e fincará raízes como uma árvore do Líbano.
Seus brotos se expandirão
e haverá a beleza da azeitona
e a fragância do Líbano.
Voltarão a sentar-se à minha sombra,
farão renascer o trigo,
cultivarão as vinhas,
famosas como o vinho do Líbano. (14, 5-8)



7

O dia da ira

Além da contingência que caracteriza as profecias do Antigo Testamento, circunscrevendo os efeitos ao âmbito específico de Israel, não faltam na Bíblia referências aos destinos futuros de toda a humanidade. E a mensagem escatológica que antecede a grande saga visionária de João, cronista do fim dos tempos.

"O dia do Senhor chega cruel, na indignação e na cólera, para fazer da terra um deserto e exterminar os pecadores", escreve Isaías. "As estrelas e as constelações do céu não farão brilhar a sua luz, o sol escurecerá ao nascer, e a lua não difundirá o seu clarão."

Terrível é o anúncio que a majestade dos céus, pela boca do profeta, dirige aos homens: "O espanto, a cova e o laço vos sobrepujam. E haverá aquele que tentará fugir e cairá na cova pelo espanto, e quem tentar sair dela ficará preso ao laço. As cataratas do céu se abrirão e as fundações da terra tremerão. A terra vacilará como um ébrio fora de seu prumo, e cairá para não ressurgir mais. Naquele dia o Senhor dos exércitos infligirá castigos." (24, 17-21). Dir-se-ia que definitivamente Isaías, com seu aceno ao planeta oscilante, fora da posição na qual deveria encontrar-se estivesse fazendo alusões a um deslocamento do eixo terrestre.

A beleza humilhada pelo fogo

Para esse dia Isaías redige uma espécie de decálogo apocalíptico, enumerando os objetivos dos chamados privilegiados da ira divina. As armas do Senhor, escreve o profeta, levantar-se-ão "contra cada arrogante e altivo, contra qualquer um que se levante para abatê-lo, contra todos os cedros altos e elevados do Líbano, contra todos os carvalhos do Basan, contra todas as altas montanhas, contra todas as colinas elevadas, contra cada torre imponente, contra cada muro inacessível, contra todos os navios de Tarso, contra todas as embarcações de luxo" (2, 12-16). Vale a pena levar a sério a modernidade da sua concepção de justiça, que para golpear a soberba leva em conta as embarcações de luxo. Para o resto, orgulho e arrogância são individualizados não só nos comportamentos humanos, mas nas aparências que transparecem da natureza e das coisas: desaparecerão as árvores e os montes, se altos e elevados, e as torres, se imponentes.

Será punida nesse dia a vaidade das "filhas de Sião", sobre a qual Isaías se mostra minuciosamente informado. O Senhor coibirá às mulheres o uso de "ornamento de fivelas, broches e lunetas, brincos, braceletes, véus, correntinhas nos pés, cintas, frasquinhos de perfume, amuletos, anéis pendentes do nariz, roupas preciosas e capinhas, xales, bolsinhas, espelhos, túnicas, chapéus e robes", deixando-lhes "em vez de perfume, podridão, em vez de cinta, uma corda, em vez de cachos, calvície, em vez de roupas, um saco, em vez de beleza, queimaduras" (3, 18-24). Reduzidas a esse estado piedoso, as mulheres de Israel figuram no vocabulário apocalíptico de Isaías qual representação simbólica de todo o gênero feminino.

No mais, a terra será horivelmente recoberta de insetos "nesse dia", pois "o Senhor dará um assovio às moscas que estão na extremidade dos canais do Egito e às abelhas que se encontram na Assíria", as quais "virão pousar todas nos vales ricos em peras macias, nas fissuras das rochas, sobre cada moita e sobre cada pastagem" (Isaías, 7, 18-19). É uma imagem que parece antecipar a invasão dos monstruosos gafanhotos de João, como de resto queria fazer Joel quando descreve o irromper dos inimigos "com aspecto de cavalo" na cena daquele que também ele chama "dia do

Senhor, muito terrível".

"Como corcéis eles correm, como fragor dos carros que saltam pelo cimo das montanhas, como crepitar da chama flamejante no restolho, como povo enfileirado em batalha. (...) Arremetem sobre cidades, se precipitam sobre muralhas, sobem sobre as casas, entram pelas janelas, como ladrões" (Joel 2, 4-9).

Esse será "o dia da ira, dia de angústia e de aflição, dia de extermínio e de ruína, dia de treva e de nevoeiro, dia de nuvem e escuridão, dia de toques de trombeta e de alarme" (Sofonias, 1, 15-16). Coincide com as previsões de Isaías o cenário descrito pelo profeta Sofonias sobre o fim do século VII a.C., mas este último se distingue pelo esforço de evidenciar as possibilidades de salvação que se tornarão claras no Apocalipse de João.

Como o último profeta de todo o ciclo, de fato, Sofonias, que está entre os primeiros, prevê um juízo divino que à severidade no tocante aos ricos corruptos contrapõe a clemência pelos deserdados, pelos pobres, pelos justos. A eles se dirige incitando-os a procurar o Senhor, em vista da catástrofe iminente, e se colocarem sob a sua proteção.

Diz-se que profetas como Isaías e como Sofonias, que escrevem em época anterior ao exílio da Babilônia, identificam a catástrofe final com esta prova trágica para o povo de Israel. O ar fortemente simbólico das descrições, todavia, fogem a qualquer delimitação de época, conferindo a suas profecias uma espessura alegórica universal que as coloca entre os portais de qualquer outra visão escatológica. Tanto é que, no mesmo Apocalipse, escrito oito séculos mais tarde por João, a cidade de Babilônia permanece mais como uma idéia do que como uma localidade real, quintessência simbólica de todo mal na terra. Por isso a sua ruína, qualquer que seja a época e o lugar em que aconteça, representa a ruína de qualquer outra civilização na qual prevaleçam as potências infernais.

Não pode mais se enquadrar como antecipação da visão de João, aliás, o acúmulo catastrófico de revelações que foram razoavelmente definidas, no seu conjunto, Apocalipse maior e Apocalipse menor de Isaías. Do primeiro citou-se a passagem que vê a terra de tal forma desordenada, a ponto de vacilar fora de seu prumo natural. No segundo são descritas as coisas que acontecem "no dia da vingança do Senhor", quando a Sua espada estará "gotejante de sangue, eivada de gordura":

Os nos daquele país virarão piche,
a poeira se transformará em enxofre,
a terra se tornará lava ardente.
Não se extinguirá nem de dia nem de noite,
sua fumaça subirá eternamente.
Ficará deserto por todas as gerações futuras
e jamais alguém por ali passará.
Não o habitarão o pelicano e a coruja,
o mocho e o corvo.
O Senhor estenderá sobre este país a régua da solidão
e o nível do vazio...
Nos seus palácios crescerão espinhos,
urtiga e cardo nas suas fortalezas.
Tornar-se-á um covil de dragões,
uma charneca de aves de rapina.
Felinos selvagens e hienas brigarão entre si,
os demônios chamar-se-ão uns aos outros.
Aí as serpentes também farão ninho,
e extrairão seu sustento.
Aí encontrará refúgio a coruja para pôr seus ovos,
enterrá-los e chocá-los na sua sombra.
Virão também os abutres
procurando uns aos outros.
Ninguém se fará esperar. (34, 9-16)

É através de tais excursões entre os escombros de catástrofes situáveis em um futuro remoto que a literatura bíblica encontra conexão exata com os grandes medos contemporâneos. Também a resposta é a mesma. Tanta desolação não se esgota de fato em si mesma, não põe o selo definitivo sobre a história do homem. É em vez disso preâmbulo, como no Apocalipse de João, para uma paz messiânica que transmutará a terra em um novo Éden, no qual

o lobo morará junto com o cordeiro,
a pantera se estenderá junto ao cabrito,
o novinho pastará em companhia do leão

e uma criança os guiará. (Isaías 11,6)

Cada qual com seu apocalipse

Outros apocalipses, dentro e fora do contexto judaico-cristão, enchem o quadro das profecias voltadas a investigar as metas de morte rumo às quais a humanidade parece, segundo um recorrente lugar-comum, estar direcionada. A de João é certamente a mais completa e abrangente revelação sobre o fim dos tempos — ainda que, como se viu, deva ser lida em um sentido salvífico e regenerador, não destrutivo —, mas não é a primeira nem a última digna de interesse.

É a única reconhecida nas Escrituras como "palavra de Deus", isto sim, igualando-se aos Evangelhos, mas não a única da qual se reconhece a autenticidade histórica, ainda que negando a matriz divina da inspiração.

Existem apocalipses apócrifos, que reconduzem tanto à tradição do Novo quanto do Antigo Testamento, cuja paternidade é atribuída por cálculo dos autores, deliberadamente anônimos, a prestigiosas figuras de santos e de profetas, apóstolos e patriarcas. Por isso são chamados de apócrifos, isto é, ocultos, do verbo grego apocripto, que significa exatamente ocultar: porque os seus verdadeiros autores preferiram ficar na sombra e servir-se de nomes já consagrados a uma fama universal, conferindo assim maior autoridade às próprias profecias.

Não lograram seu intento em relação à autoridade, mas certamente obtiveram uma atenção que de outra forma lhes teria sido negada, ainda que, às vezes, em termos de simples curiosidade, como convém a uma coletânea de belas narrativas, raiadas talvez de algumas ingenuidades, que gravitam em torno dos grandes filósofos que especulam sobre o que somos e de onde viemos, mas sobretudo para onde vamos.

Pertencem a esta literatura escatológica os apocalipses atribuídos a Esdras, Baruc e Moisés, no que diz respeito à nomenclatura do Antigo Testamento, e a Pedro, Paulo e Tomé, em relação à cristã. Embora os três primeiros tenham sido escritos em épocas posteriores à do nascimento de Cristo.

Diz-se que o Apocalipse de Baruc é um texto sírio do século I que por certo nada tem a ver com o autêntico profeta Baruc ("o bendito"),

secretário e companheiro de Jeremias na escravidão de Babilônia, relator de maravilhosas visões sobre o futuro renascimento hebraico. O apócrifo, ao contrário do autêntico Livro de Baruc (581 a.C.), limita-se a um catastrofismo artificioso, enunciando ao leitor "aquilo que acontecerá no fim dos dias".

É indicado como Apocalipse de Esdras o último dos quatro livros proféticos de um autor hebreu do século I, no qual em sua tradução latina (do grego) são encontrados alguns acréscimos cristãos. Ilustra o juízo final, e os sinais que o precederão, em sete visões, confirmando que a sorte dos bons será diferente da dos maus. Está entre os livros que a Igreja se permite ligar às Escrituras — em seqüência, logo depois do Apocalipse de João —, porém excluindo o que possa ser considerado expressão da vontade divina.

É, no entanto, de autor cristão, apesar da referência ao grande interlocutor do Deus originário de Israel, o Apocalipse de Moisés, escrito em grego. Vem em seguida uma Ascensão de Moisés, texto também apócrifo, que conta a história de Israel desde as origens até o advento do Cristo.

Situam-se no mesmo âmbito profético o Livro dos Jubileus, também chamado Pequeno Gênesis, que a partir da visão mosaica da criação reconstrói a cronologia dos hebreus, e o Testamento dos doze patriarcas, no qual os grandes protagonistas da Bíblia dispensam previsões e ensinamentos extraídos da própria existência.

Não se revestem de um interesse específico no âmbito da literatura escatológica os apocalipses atribuídos a autores do Antigo Testamento, nos quais prevalece a imitação do insuperável modelo joanino. Neste mesmo limbo literário são colocados os de Pedro, Paulo e Tomé.

Distingue-se de qualquer modo o primeiro, citado, entre outros, por Clemente de Alexandria, pela abrangente descrição insólita feita pelo autor de como seria após o juízo final a existência dos beatos e dos amaldiçoados. Menos interesse suscitaram os outros dois, não obstante permanecerem desconhecidos até o século V quando foram mencionados no decreto do papa Gelásio, que distinguia os escritos canônicos — isto é, que conservavam a "palavra de Deus" — dos apócrifos.

A aceitação da literatura apócrifa neotestamentária por parte da Igreja não foi totalmente indolor.

Ao contrário do que aconteceu para os apócrifos de tradição hebraica, os de inspiração cristã criaram uma notável confusão pela pretensão de atribuir a cada apóstolo seus evangelhos, atos, epístolas ou apocalipses pessoais.

Houve um Evangelho segundo os egípcios, um segundo os hebreus, outro segundo os ebionitas, seguidores de uma seita fundamentalista que negava a divindade do Cristo e lutava por um rígido retorno à lei mosaica; e mais: um Evangelho árabe da influência do Salvador, de origem síria, um Protoevangelho de Tiago, um Evangelho de Tomé o israelita e outros levando os nomes de Pedro, Filipe e assim por diante. Não faltaram Atos de Pedro, Atos de Paulo, Atos de Pedro e Paulo juntos, e depois de André, de João, de Tomé. Enfim, pode-se bem compreender como poderia tornar-se delirante a fantasia dos anônimos nas cartas. Sensacional entre estas, é a improvável correspondência entre Paulo e o filósofo romano Sêneca (oito Epístolas de Sêneca a Paulo e seis de Paulo a Sêneca, em latim) e entre Jesus e Abgar Uchana, indicado na tradução grega como toparca de Edessa, ou seja, governador local, no ano 31 (uma Epístola a Jesus de Abgar Uchana e correspondente Resposta do Salvador por meio do mensageiro Ananias, ambas em sírio).



A guerra no céu entre o arcanjo Miguel e Lúcifer, em uma gravura de Albrecht Dürer.

Muitos desses textos nascem na ambigüidade, por artifício doutrinário e zelo religioso mal interpretado, sob influência de movimentos de identidade incerta, suscitando desconfiança e reações na comunidade eclesiástica. Daí derivaram disputas, dissidência e, em vários casos, acusações de heresia. À parte o Evangelho segundo os ebionitas, chamado também Evangelho dos doze, notoriamente em contraste com a fé cristã, o Evangelho segundo os egípcios mostrava intenções antitrinitárias, o Evangelho de Filipe era decididamente gnóstico, o Evangelho de Pedro aceitava o docetismo, insistindo em que o corpo do Cristo era apenas aparente, e revelavam conteúdo herético também os Atos de Pedro, de André, de João e de Tomé.

As mulheres dos anjos

Ganha um destaque maior, entre os apócrifos bíblicos de teor apocalíptico, o Livro de Enoc, que reconstrói as origens do mundo aprofundando os mistérios da criação, com acenos de uma certa sugestão poética às moradas dos anjos e dos justos, às perseguições destes últimos e à sua libertação, com o castigo dos "áridos de coração, para os quais nunca haverá paz" (1, 5).

Aos anônimos que se ocultam atrás do nome do Enoc (e são vários, pois a compilação recua até o tempo dos macabeus, cerca de 160 anos a.C., e vai até o século II d.C.) se deve uma das lendas mais belas que se pode imaginar sobre a origem da arte profética e da magia em geral, as quais teriam brotado do amor dos anjos pelas filhas dos homens.

Lê-se de fato no livro — cuja originalidade é aumentada pelas línguas nas quais é escrito, etíope e eslava — que logo depois da criação do mundo alguns anjos se apaixonaram pelas mulheres e renunciaram ao céu por elas. Adquiriram natureza humana, se uniram àquelas jovens belíssimas e ensinaram a elas os segredos das estrelas, dando-lhes condições de ler o destino dos homens e de cumprir cada encantamento.

Das esposas dos anjos, segundo o Livro de Enoc, nasce a estirpe dos magos.

Quanto aos anjos que se deixaram seduzir pela beleza delas, pode-se dizer que o seu pecado foi semelhante ao de Adão, transgressor por amor a uma mulher. Um pecado, afinal de contas, venial, comparado ao dos anjos

rebeldes que, por orgulho, seguiram Lúcifer em sua revolta contra Deus.



8

As três idades do mundo

Mas quando acontecerá tudo aquilo que João e os outros escritores apocalípticos descreveram com tanta profusão de detalhes?

A resposta está na Ghemara, a tradição oral judaica, colhida na Mishná do rabino Yeudá, chamado Judas o Santo, e depois comentada no Talmude por mestres da mais alta ordem.

O destino do mundo deveria ser cumprido, segundo os cálculos expressos neste resumo não apenas religioso da civilização hebraica, abrangendo uma faixa de seis mil anos, que é dividida em três fases de igual duração: a idade das leis naturais, a idade da lei mosaica, a idade da lei messiânica. Portanto, o fim do mundo deveria ocorrer após dois mil anos do aparecimento do Messias, que em língua hebraica significa o Ungido (Mashih, traduzido em grego Christòs). Na sua volta o Messias deveria chegar, atendo-se a uma contagem convencional do tempo, dois mil anos após Moisés, portador da lei divina em um mundo dominado pela lei natural. Ao encerramento de uma era primitiva, uma espécie de aurora da humanidade prolonga-se também por dois mil anos.

Às contagens, caso se recorra aos parâmetros comuns, não recomeçam.

Os dois mil anos do Messias já terminaram, se considerarmos Jesus como tal. Mas os compiladores do Talmude, como bem sabem todos, não se referiam ao Cristo, mas sim a alguém que, segundo as certezas hebraicas, ainda deve chegar. E em todo caso, quando também se quisesse agitar esta convicção identificando o Redentor cristão no Messias, não decorrem dois mil anos — mas somente treze séculos — entre Cristo e Moisés.

Os encontros com o Messias

O Messias, se os anos a serem contados são relacionados à cronologia comumente aceita, deveria chegar por volta do século VII d.C., o século XX depois de Maomé. Tal prazo corresponde à vinda de Maomé, cujo apostolado começa no ano 632. Mas é claro que nem mesmo a Maomé aludem o rabino Yeudá e os sábios compiladores do Talmude.

Se, portanto, o Messias ainda não veio, como insistem com firme convicção os hebreus, excluindo a eventualidade de ser Cristo ou Maomé, então o cômputo talmúdico parece defasado. Passaram-se 3.400 anos desde o tempo de Moisés, e o Ungido de Deus não se mostrou.

Vem a complicar posteriormente a elaboração do cálculo a dificuldade de individualizar — e limitar a dois únicos milênios — o tempo dito da lei natural. De fato, retrocedendo-se dois mil anos da época de Moisés, chega-se ao ano 3.300 a.C., época na qual floresce a civilização de Ur, na Mesopotâmia, fixam-se ao longo do Nilo as bases para os reinos do Alto e do Baixo Egito, cultiva-se o arroz na China e o milho onde é hoje a América. O homo sapiens já fizera sua aparição na terra havia mais de trinta mil anos, e certamente não se pode negar que a vinda deste portador da primeira centelha de inteligência humana deva remontar à origem da que o Talmude chama de lei natural.

Mas também pondo de lado estas considerações e aceitando a cronologia hebraica tradicional, o cálculo não fecha, pois a data da criação está fixada pelos Setenta em 5.634 a.C., 43 séculos antes de Moisés. É digno de nota que a versão deles fosse aceita não apenas pelos hebreus, mas também pelos primeiros cristãos, até ser adotada pela Igreja e impressa por deliberação do Concílio de Trento, em 1586.

Os termos da questão também não são deslocados pelo fato de que à data indicada pelos Setenta sobrepõem-se mais tarde outras, originadas pelo zelo de historiadores, ascetas, ocultistas e exegetas, não raro atraídos pela idéia de que a descoberta pudesse fornecer-lhes uma chave essencial de acesso a futuros mistérios da humanidade. Mas pouco representa, para fins do cálculo talmúdico das eras do mundo, que tivesse tido início em 5.634, como pretendiam os Setenta, ou por volta de 3.950, como sustentaram Flávio Josefo nas suas Antigüidades Judaicas e Beda, o

Venerável, na Crônica sobre seis eras deste mundo; em 4.295, segundo uma variante atribuída à tradição samaritana em relação à hebraica, ou no fim da tarde de 12 de outubro de 4.004, como delirou em época mais recente o excêntrico bispo Ussério (James Usher), primaz da Irlanda. Foram bem 117, de resto, os sistemas de cálculo inventados durante os séculos para conciliar a história sacra com a profana sobre a criação, com resultados que fazem oscilar a data entre o máximo o ano de 6.984 a.C., segundo o Regiomontano (o astrônomo Johann Müller), o mínimo em 3.616, segundo o veneziano Alvise Lippomano.

Até aqui a leitura superficial dos elementos permite deduzir, segundo o Talmude, a data do fim dos tempos. Caso se concorde também sobre o fato de que a solução de um tal mistério deva forçosamente exigir, em qualquer religião que se queira colocar, uma leitura profunda do texto no qual está baseado, se deverá também concordar então em que a contagem dos seis mil anos — e da sua subdivisão cíclica — não pode ser efetuada em termos convencionais.

Vale para o fim do mundo, vale para a criação do mundo. Também para esta última é indicada na Bíblia uma faixa de tempo aparentemente reportável a um esquema totalmente comum, que restringe a seis dias a realização do desígnio divino. E vale igualmente para qualquer estágio do plano preordenado para o homem: a Noite do Decreto — como o Corão chama a noite em que Maomé recebe a revelação de Alá — "vale mais de mil meses" (sura 97,2-5).

O Calendário de Deus

Na abertura do Gênesis lemos que por seis vezes, "da noite até o amanhecer", o Senhor dedicou-se a sua obra, criando céus e firmamento, águas, animais, frutos da terra, e por fim o homem, e descansou no sétimo dia. E não é dado ao crente duvidar de que as coisas tenham realmente ocorrido assim, mas tampouco se pretende que ele aplique rigidamente ao "calendário" de Deus a própria concepção de tempo.

É opinião difundida e teologicamente aceita que a palavra "dia" no uso bíblico não deva necessariamente ser interpretada no sentido literal, mas "enquanto época ou tempo de extensão indeterminados", sem

impedimentos de ordem histórica ou cronológica. Ninguém pode de fato conhecer de que plano ideal — ou didático — pretendia o profeta tornar-se porta-voz no seu vocabulário.

O mesmo se pode dizer quanto à longevidade dos patriarcas, que o registro bíblico estima em centenas de anos: Enoc viveu 365 anos, Lamec, 777, Malaleel, 895, Set, 912, Matusalém, 969, mais do que Adão, que não passou dos 930 (Gênesis 5, 4-31). Mas nenhum fiel é obrigado a crer que os anos de Matusalém, como os dias da criação, correspondam a uma contagem de tempo real.

Não faltaram tentativas de estabelecer uma espécie de equação entre os seis dias do Gênesis e os seis mil anos do Talmude, como se o arco da criação devesse identificar-se, na representação bíblica, com todo o ciclo vital do mundo. A obra criadora de Deus, segundo esta leitura, nunca chegaria a cumprir-se, e quando isso acontecer (ao findar do sexto dia, ou do sexto milênio), o mundo deixará de existir. Só então Deus poderá repousar; e eis então explicado — da maneira mais simples — o significado do sétimo dia, o dia de repouso.

São citadas como sustentação desta teoria as palavras dos apóstolos Pedro e Barnabé. Diz o primeiro que "um dia está diante de Deus como dois mil anos, e mil anos como um dia" (2ª. Epístola de Pedro 3, 8). O outro acrescenta: "Ide cumpriu as suas obras em seis dias, o que significa que a duração deste mundo deve ser de seis mil anos e que este é o prazo designado por Deus a todas as suas obras." (Epístola de Barnabé 15, 4-5).

Uma explicação complementar sobre o sentido do sétimo dia é dado por São Jerônimo, doutor da Igreja, o qual afirma que depois dos seis mil anos correspondentes aos seis dias da criação "virá o número setenário e octonário, no qual será celebrado o verdadeiro sábado ou repouso".



Anjos difundem a graça do céu sobre a cabeça do Profeta, do genro Ali e dos dois filhos que este teve com Fátima, em uma miniatura persa ao século XVIII.

Tais certezas são abraçadas por numerosos padres da Igreja do Oriente e do Ocidente, seguidos por um magote de bispos, mártires e místicos, entre os quais Franco, Irineu, Cipriano, Hipólito, Ambrósio, Gaudêncio, Hilário, Agostinho, Anastácio, Justino, Germano, Isidoro, Cirilo e, em tempos mais recentes, Roberto Bellarmino, acusador de filósofos e cientistas como Giordano Bruno e Galileu, portadores de novas visões do mundo incompatíveis com a sua. Nem faltaram entre os mantenedores da equação bíblica, à parte os santos e os eclesiásticos, livres-pensadores da estatura de Pico della Mirandola.

Mas se existe uma chave para a decifração de certas passagens obscuras tanto da Bíblia como do Talmude, seu segredo não pode corresponder a um código de domínio público, mas reportar-se a um sistema interpretativo mais hermético, para ter acesso àquele que requer uma complexa iniciação. Não necessariamente sacra, mas pelo menos de estudo. Por outro lado, é isso que quer dizer literalmente Talmude: "estudo". E, no caso específico, é o estudo de uma "segunda lei" ou "repetição" (em hebraico mishná) ligada a uma base oral que por sua vez quer dizer, em outro sentido, "estudo" (em aramaico ghemàr, que quer dizer justamente estudar ou também completar). Definitivamente, portanto, este documento essencial do pensamento hebraico é o estudo de um estudo através de instrumentos que certamente não estão ao alcance de qualquer um.

Não se trata também de um texto voltado à enunciação de profecias astrais vazias, pois todo o seu conteúdo está direcionado a investir, no seu conjunto, os mais variados aspectos do viver civil hebraico, como direito, medicina, geografia, matemática, história e folclore, estendendo-se dos extremos do misticismo aos da praxe, sem descuidar os usos e costumes dos outros povos. E também para temáticas aparentemente distantes da especulação esotérica uma leitura superficial não é suficiente. É necessário, para poder colher seu sentido, o aprendizado de uma doutrina — ou, mais especificamente, de um método, de uma técnica — que só alguns poucos mestres peritos estão em condições de transmitir.

Esta é, em cada verossimilhança, a herança oculta dos sábios que trabalharam na elaboração escrita da tradição oral de Israel, e que pela diversidade das funções desenvolvidas devem distinguir-se ao menos em

duas ordens principais, a dos tannaiti (de tannaim, que quer dizer repetidor ou expositor) e a dos amoriti (de amorá, interlocutor). Os primeiros colaboraram com o rabino Yeudá na Mishná, portanto na transcrição (repetição, exposição) do quanto se podia deduzir do testemunho dos padres; os segundos no Talmude, portanto na análise, examinando a obra de seus predecessores. Tratou-se assim de uma pesquisa profunda, conduzida sobre mais níveis, com êxitos aos quais não é imaginável atribuir os significados que a aparência didática do texto poderia sugerir.

O Jardim de Alá

Os muçulmanos também crêem no fim do mundo, tanto que apresentam numerosas analogias com o Apocalipse de João e com outras profecias dos dois Testamentos. Existe sobre esta espera do juízo universal — e sobre a maneira como deveria desenvolver-se — uma sólida identificação de visões entre as três grandes religiões monoteístas, cujas origens comuns criaram mais elos e coincidências entre si do que as antigas discórdias permitiram intuir. Assim se explica a coexistência na doutrina islâmica, na cristã e na hebraica de profetas como Abraão (Ibrahim para os árabes), Moisés (Musa), Jesus (Isa); de anjos como Gabriel (Jabra), Miguel (Mikal), Rafael (Israfil); de demônios como Satanás (Iblis ou Saytan). Explica-se que Maomé "encontra" Jesus durante uma prodigiosa ascensão ao céu. Explica-se que seja o arcanjo Gabriel o portador do pergaminho de Alá ao seu profeta, como o fora para Maria.

Como vemos nas escrituras judaico-cristãs, o Corão prevê (nas suras 81 e 82) que "o juízo final venha precedido de assustadoras catástrofes naturais, não só terremotos e inundações, mas ainda quedas dos astros e escurecimento do sol. Prenuncia, além disso, combates sangrentos na aparição do Anticristo al-Daijal, que no entanto será derrotado e morto por Isa-Jesus.

É decisiva nesta fase conclusiva da história do homem a reaparição do Cristo, em trajes islâmicos, na cidade de Damasco; um Cristo mortal, que fundará um reino de paz, viverá entre os homens e por fim morrerá, para ser sepultado em Medina.

Também as profecias corânicas sobre o fim do mundo, como aquelas que

examinamos até aqui, a começar pelas mensagens marianas, deixam à humanidade uma margem de salvação, pois os homens serão julgados por suas ações, registradas por Deus em um grande livro, e os justos, os devotos, os fiéis fervorosos serão recompensados. Não é de espantar, portanto, que a profecia de Fátima, não obstante sua peculiaridade católica, seja reivindicada pelo Islã como sua.

Por mais que se possa julgá-la ampla, a margem de salvação reservada aos homens da tradição islâmica não é fácil de dizer. "Encherei o inferno de deidades pagãs e de homens", ameaça Deus no Corão (sura 32), aludindo a um destino que nem sempre as obras estão em condições de modificar, dada a dificuldade de que o livre-arbítrio possa prevalecer sobre a predestinação. Mas isso é matéria de uma disputa teológica que nem mesmo os mais sagazes mestres do Islã resolveram até agora.

Diferentemente do inferno cristão, que em todo caso poderia também estar vazio, o inferno muçulmano deveria transbordar de infiéis ao encerramento do juízo. A verdade é que "os justos vão para um lugar de delícias [o al-ganná, o jardim] e os pecadores para o inferno [o an-nar, o fogo]", mas todos deverão atravessar a gigantesca boca dos infernos, chamada também de "golfo do inferno", equilibrando-se sobre uma ponte mais fina que um fio de cabelo e mais afiada que uma cimitarra. E é de presumir que não serão muitos a evitar o abismo para poder repousar no jardim de Alá, entre regatos de mel, vinho e leite, em companhia das encantadoras jovens denominadas huri, literalmente "brancas".

Gog e Magog

A profecia de Maomé sobre o fim do mundo é assinalada pelas mesmas recomendações formuladas pelos profetas bíblicos e por João. Haverá muitos impostores que, passando-se por profetas, farão o jogo do Anticristo, mas os tempos serão reconhecíveis por sinais bem precisos, muitos dos quais já evidenciados nas Escrituras. A fé andará desaparecendo entre os homens, como já assinalado pelo evangelista Lucas ao perguntar: "Mas, quando vier o Filho do homem, acreditais que encontrará a fé sobre a terra?" (18, 8). Mudarão os valores até serem todos subvertidos, com a elevação dos menos merecedores às mais altas

dignidades e haverá troca de papéis entre servos e senhores. Haverá derramamento de sangue, mas os sobreviventes deverão sofrer grandes atrocidades, a ponto de invejar os mortos, como se lê também no Apocalipse e em certas profecias marianas. Fará sua aparição uma besta monstruosa, idêntica à descrita por João, e depois dela o Anticristo, que terá um único olho e estampadas na testa as três letras CFR, cujo som cafer se aproxima de "infiel". Irromperão na Palestina os bárbaros provenientes de Gog e Magog, chamados pelos muçulmanos como Yadjoudj e Madjoudj, que saquearão Jerusalém, mas serão aniquilados quando Jesus matar o Anticristo.

Digna de nota na profecia corânica é a indicação do lugar no qual este supremo divulgador do mal deveria fazer sua aparição. Deveria acontecer no Iraque ou na Síria, províncias rebeldes do Islã, que se recusarão a pagar — assim está escrito — o seu tributo à causa divina.

Ocorrerão sinais ligados às turbulências entre os homens e outros às da natureza. Entre os primeiros, uma série de revoluções, uma guerra contra os turcos e uma contra os gregos, chamadas no Iêmen, a destruição do templo sagrado da Caaba em Meca pela mão de inimigos provenientes da Etiópia. Entre os segundos, inversão do curso do sol, que surgirá no Ocidente em vez de no Oriente, e uma catastrófica inundação provocada pelo transbordamento do Eufrates, em cujo leito será descoberta uma inestimável quantidade de ouro e prata, enquanto no céu uma grande fumaça se expandirá.

À parte as guerras contra os turcos e contra os gregos, travadas no passado pela independência na nação árabe, suscita uma certa inquietação o entrelaçamento de sinais que claramente evocam acontecimentos ligados à recente política iraquiana (a guerra do "grande diabo" Saddam contra o Irã, a invasão do Kuwait) e à intervenção ocidental (simbolizada pelo nascer do sol não mais no Oriente, como importaria o espírito da jihad, mas sobretudo à descoberta de um inesgotável tesouro na bacia do Eufrates (o petróleo, o ouro negro) e à fumaça dos poços incendiados.

Digna de nota é também a referência à proliferação de seitas e cultos idólatras que a profecia maometana indica, tal como a cristã e a hebraica, entre os sinais do fim iminente.



Talismã árabe com fórmula protetora contra a magia "no nome de Alá, o Onipotente".

Inserem-se na profecia tradições estranhas ao Corão, mas aceitas pelo Islã, segundo as quais o fim dos tempos será selado pela vinda do Mádi, descendente direto de Maomé e executor da vontade de Alá. O nome com o qual é designado significa exatamente "o direto", em ambos os sentidos da estirpe e da orientação: direto descendente do profeta, direto de Deus. Segundo alguns círculos muçulmanos, este último imã já vive, há séculos, e espera o momento no qual Deus ordenará que se revele.

9

Os Senhores das Estrela

Desde a Antiguidade mais remota, antes que tomasse forma a literatura profética da Bíblia, a incógnita do futuro foi praticamente o centro de cada pesquisa de caráter oculto e sacerdotal. Uma enorme tarefa, já que as práticas divinatórias acabariam por conquistar um papel importante tanto nas artes mágicas quanto no ritualismo religioso, com freqüência

coincidentes entre si. Isso vale para as sociedades primitivas, como também para as mais evoluídas. Existem vestígios na civilização mesopotâmica, onde historicamente teve origem a magia, e também na egípcia, no mundo helênico, entre os celtas e nas sagas escandinavas, entre os romanos e os etruscos, na antiga China e na cultura indiana, onde filosofia e religião se entrelaçam no maravilhoso desígnio dos Vedas.

É significativo, considerada a extrema variedade deste contexto — a similitude da abordagem humana à magia —, que as diversidades culturais e ambientais não costumem se diferenciar muito. Prova disso, em especial no tocante às revelações e profecias, é a relativa uniformidade dos métodos adotados por videntes para perscrutar além do véu do futuro, interpelando demônios e estrelas, perscrutando os sinais da natureza, lendo na fumaça dos sacrifícios ou elaborando textos oraculares sagrados. Além da lenda, tudo isso torna crível a hipótese de uma origem das tradições mágicas. De fato, é lícito deduzir desta espantosa semelhança a eventualidade de que todas, no seu conjunto, possam remontar a uma só raiz.

Pode-se explicar esta última com a existência, às vezes imersa submissamente no curso dos séculos, de canais ocultos de comunicação entre os adeptos pertencentes às mais diversas civilizações. Mas, um certo peso deve ser também atribuído ao fato de que magia e adivinhação corresponderiam de qualquer modo, não importa o lugar e as circunstâncias de suas práticas, às mesmas necessidades humanas.

A "ciência dos magos"

Os autores da Antigüidade falam de "ciência dos magos" como de um complexo de doutrinas que vão da religião à matemática, à medicina e a qualquer forma de conhecimento, mas, sobretudo, à arte de ler no destino do homem sem ter de submeter-se a nenhuma convenção temporal. E isso vale tanto na tradição ocidental quanto na oriental, na ótica mediterrânea e na nórdica.

Envolvem-se nas suas origens personagens diversos, com freqüência enquadráveis dentro de um esquema religioso. O romano Plínio, o Velho, historiador e naturalista, atribui sua invenção a Zoroastro na Pérsia e a

Moisés entre os hebreus. Figuram, além disso, entre os progenitores míticos da magia, o deus Thot no Egito e Brahma no hinduísmo.

Existe, porém, uma figura central na origem da magia que se coloca na encruzilhada de cada tradição: Hermes Trismegisto, de cujo nome deriva justamente o vocábulo "hermetismo", que significa a cultura secreta dos magos. É evidente a possibilidade de identificá-lo como o Hermes divino dos gregos — o Mercúrio dos romanos—, mensageiro dos deuses, e assim portador de verdades inacessíveis e ocultas.

Trismegisto quer dizer "três vezes grande". Além disso, o número três remete este arquétipo mitológico a um vasto conjunto de doutrinas mágicas e religiosas, inclusive a cristã.

Atribui-se a ele a formulação da Tábua de esmeraldas, documento alegórico no qual são indicados os princípios fundamentais da pesquisa esotérica. A tradição defende tratar-se de uma inscrição adiada por Alexandre Magno em uma das pirâmides de Gizé, onde, segundo a lenda, foi depositada a múmia de Hermes. Mas nada disso tem respaldo histórico, sendo Trismegisto uma figura de natureza simbólica, que nunca existiu. É, contudo, curioso que a parte mais significativa do seu ensinamento, condensado na Tábua de esmeraldas, tenha sido efetivamente destacada sobre um papiro encontrado (após escavações realizadas em 1828) na tumba de um sacerdote ou mago anônimo da Tebas do Egito, um pouco mais ao norte da atual Luxor, Nilo acima.

A Tábua exprime verdades ocultas que estão na base de qualquer processo mágico ou religioso, com particular referência à alquimia — foi notado no Renascimento por filósofos neoplatônicos —, como empreendimento voltado à conquista da graça divina mediante uma evolução interior simbolizada pela transmutação em ouro dos metais mais inferiores.



Retrato alegórico de Hermes Trismegisto, com luz divina sobre a cabeça.

Lemos na Tábua que "o que está no alto é igual ao que está embaixo, e o que está embaixo é igual ao que está no alto", de modo a criar uma substância única da qual derivam todas as coisas do mundo. Seguem-se ensinamentos alquímicos mais específicos, a fim de que o adepto separe "a terra do fogo, o fino do espesso, delicadamente, com grande cuidado", obtendo assim "toda a glória do mundo" e o afastamento das forças obscuras. Não se trata mais do que reproduzir o processo da criação, gerando "a força das forças. A fim de vencer tudo aquilo que é frágil e penetrar tudo que é sólido".

Assim foi criado o mundo, e assim será possível obter "todas as inumeráveis adaptações" das quais o homem tem necessidade, para prosseguir no caminho da sua elevação.

A Torre de Babel

As primeiras notícias certificadas de práticas divinatórias remontam ao terceiro milênio antes de Cristo, época em que floresceu na Mesopotâmia a civilização dos caldeus, senhores de Babilônia. São eles os progenitores históricos da astrologia e de todas as outras tentativas de transpor a soleira do desconhecido, os primeiros homens capazes de invocar demônios e interrogar as estrelas.

Foram os caldeus que erigiram o mais célebre monumento mágico da Antigüidade, uma grande torre sagrada denominada Ziggurat ou "montanha da terra", conhecida na Bíblia como Torre de Babel.

Era, segundo a tradição hermética, um templo astrológico, edificado sobre sete pisos, cada qual representando um planeta. Diz-se que tinha forma quadrada, uma vez que os caldeus conheciam a geometria, além da astronomia, e era utilizada para fins divinatórios.

O quadrado era a base do seu sistema planetário e era orientado de modo a simbolizar os quatro ângulos do mundo.

Pela sua altura parecendo projetada entre os astros, a torre sagrada era também chamada El-Temen-Na-Ki, que significa "casa de fundação do céu e da terra. Para ela confluíam peregrinos e sábios de todas as procedências, determinando com a diversidade dos seus idiomas aquela caótica mistura

de sons que ainda hoje é lembrada como a babel das línguas.

Também as cores, como os números e as proporções geométricas, eram funcionais no exercício da profecia. Os sete andares da Ziggurat eram tingidos segundo uma coloração correspondente aos diversos planetas: de preto o andar mais baixo, dedicado ao Sol da Noite, apelido do funesto deus Adar, que na teogonia greco-romana se tornará Saturno; de dourado o último andar, consagrado a Samas, como era chamado o Sol. Reluziam entre estes dois opostos as retrações prateadas de Sin (a Lua), as azuis de Ishtar (Vênus), amarelas de Nergal (Marte), vermelhas de Nebo (Mercúrio), as majestosamente brancas de Marduk (Júpiter). Outros nomes, atribuídos a cada uma das divindades da fantasia popular, eliminavam qualquer dúvida sobre o gênero de auspícios que podiam trazer: Adar, propício nos oráculos de interesse público, mas letal naqueles particulares, era chamado a Grande Desgraça; Nergal, deus da epidemia e da morte, e também da guerra, era cognominado o Inimigo ou também o Persa, o que queria dizer a mesma coisa; Nebo era chamado o Escriba, definição aparentemente neutra, mas que indicava a incerteza das respostas por ele condicionadas, que, como a escrita de um publicano, podiam trazer boas ou más notícias.

Tal como os deuses e os planetas, que eram estreitamente ligados, as cores contribuíam para facilitar a leitura do futuro pela influência que representavam. A proximidade de um animal de pêlo dourado, por exemplo, cão ou gato que fosse, fazia pressagiar desastres ou triunfos, segundo as tonalidades fossem mais semelhantes ao infausto amarelo de Nergal ou à dourada silhueta do Sol.

O mesmo valia para os outros sinais do acaso, como um chiado repentino, ou da natureza, como o relâmpago e a chuva, o vento e as nuvens.

Estes sinais independentes da vontade humana eram chamados assaput, isto é, "vozes proféticas". Não era possível se esquivar às mensagens delas.

Se um cão vermelho entra no templo, os deuses o abandonarão.

Se um cão branco entra no templo, este resistirá por longo tempo.

Se um cão amarelo entra no palácio do rei, este será destruído.

Se um cão é encontrado sobre o trono do rei, o palácio será incendiado...

Cada um, porém, podia provocar o surgimento de sinais na medida do

próprio problema por meio de ações responsivas a um preciso código divinatório. Era freqüente o uso de flechas consagradas, por parte do rei ou dos generais, para determinar suas estratégias de guerra.

Para decidir que inimigos atacar primeiro, escreviam os nomes deles nos dardos, que eram recolocados na aljava. Esta era sacudida com um determinado ritual, acompanhando os movimentos com encantamentos apropriados. Extraía-se por fim ou se deixava cair no solo uma flecha. O nome correspondente indicava o objetivo a atacar.

O Livro sagrado do céu

Era obrigação dos adivinhos, reunidos em uma casta sacerdotal privilegiada, fornecer indicações periódicas sobre escolhas a cumprir no interesse do Estado. Os astrólogos compilavam relatórios oficiais cada fim de estação e todas as vezes que, por motivos particulares, a necessidade recomendava. Nenhum empreendimento podia ser levado a cabo sem que antes fosse consultado o quadro astral para dar validade à ocasião.

Líderes de grande coragem inverteram a marcha dos seus exércitos, batendo em retirada diante de um infausto presságio. Memorável foi a renúncia a invadir o Egito por parte do assírio Senaqueribe, vencedor dos medas e babilônios, assustado com a aproximação de um bando de ratos, que seus sacerdotes consideravam de péssimo auspício.

Eventos similares ajudam a entender a dimensão histórica que tiveram as diretrizes proféticas dos videntes caldeus e quais foram suas responsabilidades.

Semelhantes aos dos hebreus, estes sacerdotes influenciavam de maneira decisiva a vida pública com as suas respostas. Havia, contudo, diferença entre a adivinhação caldaica e a vidência bíblica. Os profetas hebreus e cristãos falavam por inspiração divina, os mesopotâmicos por interpretação dos sinais deduzidos da ordem natural das coisas. Uns eram a voz de Deus, e falavam exclusivamente para transmitir o que lhes era sugerido do alto. Os outros eram técnicos capazes de decifrar— ler, interpretar — os arcanos do mundo visível. Seu livro sagrado era o firmamento, o seu oráculo, o universo, com suas leis imutáveis, suas estações, seus ventos.

Carentes de uma investidura divina, os profetas caldeus baseavam a sua

arte divinatória principalmente no estudo e na doutrina transmitida por seus predecessores. É nesta ótica que se deve interpretar o significado iniciático e simbólico dos sete níveis da Torre de Babel, preordenados a fim de assinalar os diversos graus da sabedoria sacerdotal, da evolução interior, da mestria na formulação de horóscopos e predições.

Muitos outros templos em terraços sobrepostos, projetados segundo o desenho ideal da Ziggurat, surgiam pela vontade do rei caldeu ao longo das margens do Tigre e do Eufrates. Sua função era política e administrativa, além de religiosa: da observação constante do céu os sacerdotes extraíam inspirações sobre leis a formular e sobre decisões a impor ao governo. Serviam, portanto, de orientação ao soberano e de garantia para uma legislação que refletisse a ordem universal.

Mas a magia dos caldeus não era apenas a magia superior dos números e das estrelas. Era também a magia negativa dos demônios e das maldições. E no seio desta civilização que nasce, junto com a vingança, a tradição do mau agouro e da magia negra. É aqui que tem origem a prática maléfica de moldar estatuetas de argila para queimar ou furar com alfinetes, a fim de transmitir o mal a distância. Os demônios nos jardins de Babilônia e sobre os terraços de Ur não são evocados apenas para prever o futuro, mas também para levar a cabo maldições e sortilégios.



Astrólogo árabe com os instrumentos da sua pesquisa

O Olhar Maléfico

Testemunhou-se, a partir de antigas inscrições, a existência de bruxos capazes de lançar feitiços mortais ou até mesmo de matar com um olhar — de praticar literalmente o "mau-olhado" na sua forma mais extrema. Odiosa é a imagem daquele que lança o feitiço", reconhecível, pelo que se lê em um conjuro, pelo rosto cruel, o olhar maligno, os lábios maléficos, as maléficas palavras...".

Com frequência a vontade de prejudicar se traduzia em espírito profético, o que era, aliás, normal em uma sociedade tão sensível à adivinhação. Daí derivava uma linguagem agourenta, na qual a maldição era anunciada profeticamente, como desdita inevitável para o infeliz a que era dirigida. Com conseqüências terríveis:

A imprecação age sobre o homem como um demônio cruel,
a voz estridente pende sobre ele,
a maldição o estrangula como a um cordeiro,
a estridente voz, similar à da hiena, o sobrepujou
e o domina...

A maldição não era sempre individual, mas com frequência dirigida a uma comunidade numerosa quando não diretamente à humanidade inteira. Assumia então tons proféticos de sabor apocalíptico, como na "profecia de Akkad", em 1.500 a.C., assim chamada a partir do nome da capital imperial mesopotâmica, situada em um ponto jamais localizado exatamente ao norte da Suméria.

Eram previsões animadas, na prática, pelo mesmo espírito de anátema que em seguida caracterizaria a literatura apocalíptica preconizando desastres universais devidos à impiedade humana. Divindades indignadas fizeram carga contra ela, predispondo a uma lavagem geral do mundo.

Médicos e sacerdotes reagiam o melhor que podiam à ameaça social dos feiticeiros. Era indispensável, para que as vítimas escolhidas tivessem quaisquer possibilidades de salvação, que estivessem em condições de pureza espiritual e gozando de boa saúde.

Daí a necessidade de uma intervenção conjunta do médico e do vidente.

Procedia-se depois, subsistindo as condições prescritas, a uma espécie de exorcismo no templo de Marduk, ou de outra divindade apropriada ao caso: "O meu poder de encantamento", entoava o oficiante, "é o de Marduk. (...) Sua palavra santa está mesclada com a minha palavra, sua saliva santa com a minha saliva. (...)"

No plano do direito não havia piedade para quem era reconhecidamente culpado de ter praticado magia negra, independentemente do êxito nefasto da operação: "Se um homem fez malefício a outro homem", recitava o Código de Hamurábi (2.000 a.C.) em um de seus primeiros parágrafos, "ele é passível de morte."

A cultura do malefício contrapunha-se, porém, na Mesopotâmia, como sempre na história religiosa dos povos, uma cultura benéfica, protetora, representada pelos sacerdotes e pelos depositários autênticos da "ciência dos magos".

A este contexto de sabedoria positiva, voltada para a realização do bem, liga-se de maneira indefinida, mas certa uma das mais belas histórias de tradição cristã: a dos Reis Magos, que levam presentes simbólicos para o Redentor.

Fontes medievais os apontam como caldeus.



Os números da Grande Pirâmide

Tudo o que é inteligível, alegava Pitágoras, pode ser explicado e comunicado através dos números. Se isso é verdade, as pirâmides egípcias (e em especial o monumento funerário do faraó Quéops, denominado por suas dimensões de a Grande Pirâmide) representam a mais espetacular tentativa de transmitir o saber antigo ao longo dos milênios. Mas como o conhecimento científico era herança exclusiva e secreta da casta sacerdotal, depositária de poderes sagrado e mágicos, deve-se sustentar que às pirâmides não fosse confiada simplesmente à transmissão de verdades de interesse profano, relativas, por exemplo, à técnica das construções, porém alguma coisa mais complexa e fugidia, relativa a todo o percurso (também futuro) do gênero humano. Daí a convicção, cada vez mais apoiada pela elaboração de símbolos e dados numéricos, de que a Grande Pirâmide fosse, na realidade, um oráculo monumental, de cuja interpretação se poderia deduzir tudo que se precisaria saber sobre os destinos do homem. Assim, se chegou a atribuir-lhe profecias que se estendem até a nossa época, e além, colocando no terceiro milênio, segundo alguns no início, segundo outros por volta de 2.900) o fim dos tempos.

Isso pareceria igualá-lo a outros apocalipses, que situam o juízo mais ou menos na mesma época. No seu conjunto constituem, entre estes calendários escatológicos — o mais antigo situando a construção da pirâmide pelo menos no reinado de Quéops e, portanto, na quarta dinastia —, 26 ou 27 séculos antes de Cristo.

A Bíblia de pedra

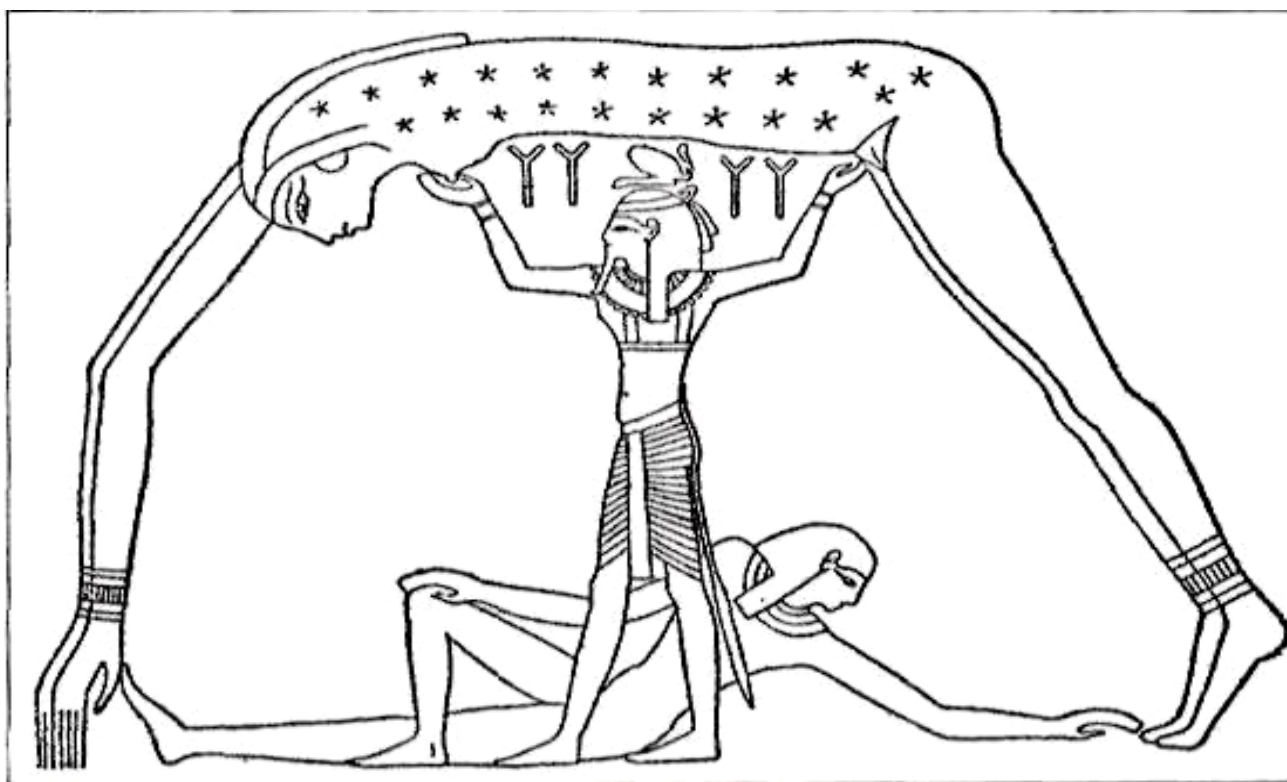
Foi enorme o interesse de historiadores, literatos, astrônomos e matemáticos da Antigüidade pela pirâmide de Gizé. Heródoto de Halicarnasso, que a visitou por volta de 450 a.C., coletou de seus guias informações pormenorizadas sobre a mão de obra e sobre o tempo gasto na sua realização, que avalia em vinte anos. Eratóstenes de Cirene, dois séculos depois, efetuou, juntamente com o estudo da pirâmide, pesquisas astronômicas das quais extraiu pela primeira vez a circunferência da terra.

No âmbito dos mesmos estudos calculou o ângulo de inclinação da elipse sobre o equador, avaliando-o em $23^{\circ}51'$, e o arco do meridiano compreendido entre os trópicos, atribuindo-lhe um valor de $47^{\circ}42'$, com um erro de apenas dois minutos do que veio depois a ser convencionalizado (vinte séculos depois) pela Academia de Ciências de Paris.

Dela falaram de várias maneiras Estrabão, Plutarco, Diodoro de Sicília, Porfírio, Jâmblico e outros mestres mediterrâneos. Dedicou-lhe uma particular atenção o historiador egípcio Mâneton, sacerdote e escriba no século III a.C., ao redigir por ordem do rei Ptolomeu II Filadelfo o seu tratado em grego sobre a antiga civilização do Nilo (Aygíptiaka), elaborando entre outras coisas a teoria historiográfica (sempre aceita) da subdivisão dos soberanos do Egito em trinta dinastias. Deu testemunho da sua obra, que foi perdida, o historiador hebreu Flávio Josefo, ao final do século I da era cristã, citando-lhe trechos essenciais nas suas Antigüidades Judaicas.

Deve-se destacar, porém, que, não obstante a fama da Grande Pirâmide no mundo antigo, época em que foi celebrada como a primeira entre as sete maravilhas, somente na Idade Moderna, depois da campanha napoleônica de 1798, as pesquisas voltadas para uma análise sistemática dos seus segredos tiveram início e desenvolvimento.

Foram de fato os artistas e os cientistas que acompanhavam o exército francês — graças também à criação, desejada por Napoleão, de um Institut d'Egypte no Cairo que suscitaram na Europa aquela difundida curiosidade pela antiguidade egípcia que daria vida aos modernos estudos de egiptologia. Teve assim andamento, sobre a onda de uma crescente popularidade, a exploração metódica da maior entre as três pirâmides: estudou-se o traçado interno e foram calculados os volumes, as distâncias, as proporções. Decolaram ao mesmo tempo as tentativas de interpretar símbolos e hieróglifos que culminariam com a decifração — em 1821, por parte de Jean-François Champollion — da pedra de Roseta, chave da escrita egípcia perdida.



A abóbada celeste sustentada pelos deuses da terra e do ar em uma decoração funerária egípcia.

Ao interesse científico foi logo se entrelaçando e sobrepondo-se, porém, uma difundida propensão para ler em perspectiva esotérica as características da pirâmide, procurando nas suas medidas (e na disposição das galerias, das câmaras, dos volumes) significados que estivessem além da funcionalidade estritamente arquitetônica e funerária do projeto.

Contribuíram para confirmar a grande pirâmide como uma espécie de apocalipse de pedra, contendo revelações análogas, certos aspectos às do evangelista João, relevos dos quais se deduz que suas medidas correspondem àquelas indicadas na Bíblia para o templo de Salomão. Parece possível afirmar, em especial, que a câmara sagrada do templo, ou Câmara do Oráculo, tivesse a mesma capacidade cúbica da Câmara do Rei, ao centro da pirâmide. Parece finalmente que se pode calcular que o volume do sarcófago real é idêntico ao dos vasos de bronze mandados fundir para o templo de Hiram, rei de Tiro, fornecedor de mão-de-obra e materiais para sua construção.

Foram feitos confrontos análogos com as medidas relativas à Arca da Aliança, na qual foram depositadas por Moisés as tábuas da lei. E também

neste caso poder-se-iam levantar curiosas analogias de volume com o sarcófago.

No livro do Êxodo (37,1) é dito que a Arca tinha comprimento de dois cúbitos e meio, largura de um cúbito e meio e altura de um cúbito e meio. No primeiro livro dos Reis (6, 2-20) diz-se que o templo mandado construir por Salomão media sessenta cúbitos de comprimento, vinte de largura e trinta de altura; e que a Câmara do Oráculo no seu interior era de 20 x 20 x 20 cúbitos.

O cúbito era uma medida aleatória, variável de um povo para outro. O greco-romano tinha cerca de 44 cm, o egípcio variava dos 52 cm do cúbito real (meah suten) aos 38 cm do cúbito piramidal (menez). Todos os povos do Mediterrâneo possuíam seu próprio cúbito. Havia ainda aquele usado pelos astrônomos árabes, proporcional à distância aparente entre Castor e Pólux na constelação de Gêmeos (cúbito maior) ou entre Prócion e outras estrelas na constelação do Cão (menor).

Totalmente incerta (e continua sendo) era a medida do cúbito hebraico, subdividido em palmos e dedos. Havia pelo menos quatro versões: de cerca de 52, 48, 46 e 38 cm. Não passou despercebida a coincidência da máxima e da mínima com as duas unidades egípcias. Isso facilitou certamente os cotejos, mas colocou indagações ulteriores sobre esta curiosa equivalência entre os parâmetros utilizados pelos arquitetos das duas civilizações. Que poderia também ser explicado (racionalmente) por meio da escravidão no Egito do povo hebraico, destinado a trabalhos de massa que envolviam um estreito contato com operários e técnicos de construção, e conseqüentemente o aprendizado de noções de uso comum na obra desenvolvida.

O "polegar polar"

Muitas foram as orientações seguidas no século passado por defensores de uma arqueologia teosófica, tendente a procurar na geometria da arquitetura egípcia a chave de futuros mistérios, mas as teorias que, por sua originalidade, descartaram todas as outras foram elaboradas por um matemático e um astrônomo, respectivamente o inglês Robert Taylor e o escocês Piazzzi Smyth. O primeiro efetuou em 1850 um fracionamento do

culto piramidal, extraindo uma unidade denominada "polegar polar", com base na qual pudesse efetuar as medidas necessárias para deduzir, dos detalhes arquitetônicos, a mensagem oculta. O segundo, após numerosas vistorias e pesquisas na Grande Pirâmide, chegou em 1865 à conclusão de que o seu percurso interior se articulava segundo uma sucessão temporal, e que a cada corredor, câmara, subterrâneo, correspondia um período histórico.

Como o de Taylor, o raciocínio de Piazzzi Smyth era apoiado pela meticulosa precisão dos cálculos voltados para estabelecer uma comparação detalhada entre as medidas dos vários espaços e a época de referência. O que contava, de um ponto de vista científico, era a exatidão da planimetria por ele traçada, pela qual foi calorosamente elogiado também por especialistas que repeliam qualquer interpretação arcana, como Ernest Wallis Budge, egiptólogo do Museu Britânico, e Flinders Patrick, arqueólogo famoso, que quer repetir as medições destacando sobre todo o percurso uma variante mínima, de setenta polegares, equivalentes a menos de dois metros.

As teses de Piazzzi Smyth foram abraçadas por esotéricos e teósofos, que sobre o mapa por ele elaborado reconstituíram o passado da história do mundo, juntaram ao tempo atual e arriscaram previsões catastróficas para o futuro. Foram divulgadores apaixonados, na década de 1920, os escritores Davidson e Morton Edgar.

Os subterrâneos do apocalipse

O itinerário profético da Grande Pirâmide abarca uma faixa de tempo que vai da criação ao fim do mundo. Está relacionada a datas precisas, uma vez que o "polegar polar" não é apenas uma unidade de comprimento como o cúbito, mas de tempo, computável na virada de um ano. O que permite redigir uma cronologia ligada aos espaços, levando em conta principalmente a distância entre determinados pontos de época.

Assim, se, por exemplo, percorremos o corredor que desce para a câmara subterrânea, que corresponde à degradação da humanidade depois da queda de Adão, chega-se em um nível de decadência final que antecede o "segundo advento do Cristo". O cálculo dos polegares-anos o coloca um

pouco além do ano 2000.

Do mesmo modo, se percorremos em subida a galeria correspondente à idade evangélica, continuação da bíblica, depois do "primeiro advento do Cristo" alcança-se a Antecâmara da Revelação, além da qual se cumpre o renascimento espiritual dos eleitos.

Naturalmente, o cálculo dos anos se estende além destas abstrações, individualizando pretensos confrontos que vez por outra revelam-se como momentos de crise ou de retomada. Por exemplo, no século XX os anos de 1914, 1929, 1936, 1938 remetem à série nefasta (Primeira Guerra Mundial, colapso da economia americana, Guerra Civil espanhola e agressão italiana à Etiópia, impotência das democracias e início da expansão hitlerista, nova vigília de guerra), e os anos de 1945, 1953, 1963, ao renascimento (fim da Segunda Guerra Mundial, fim da Guerra da Coreia, acordo EUA-URSS contra a proliferação nuclear). Por outro lado, ressalta-se que os anos de 1945 e 1953 correspondem à morte dos dois ditadores mais sanguinários de todos os tempos, Hitler e Stalin, ambos apontados como o Anticristo.

Uma decisiva retomada pela humanidade deveria ocorrer, segundo as profecias extraídas da pirâmide, a partir de 1981, ano em que seriam expostas as premissas (não necessariamente patentes) para o advento de um "novo reino do espírito". Mas, estranhamente, 1981 é o ano do atentado ao papa.

Previsões completam o vaticínio de que o "novo reino" tomará forma perto do fim do milênio, para depois consolidar-se em 2025. As datas fariam pensar naquele surto de espiritualidade da qual se atribui comumente mérito à incipiente era de Aquário ou, mais realisticamente, a certas conseqüências emotivas de impulsos milenarísticos em ação. Sinais de confirmação nesse sentido poderiam com algum esforço ser entrevistados no difuso crescimento de religiosidade (o que fez, porém, contrapor-se um igual aumento de agressividade, violência e decadência civil) ou também nos fenômenos reunidos sob o rótulo genérico de new age, jamais totalmente esclarecida na sua real identidade e objetivos.

Outros defendem que a evolução deveria requerer um espaço de tempo mais longo, entre 2010 e 2090.

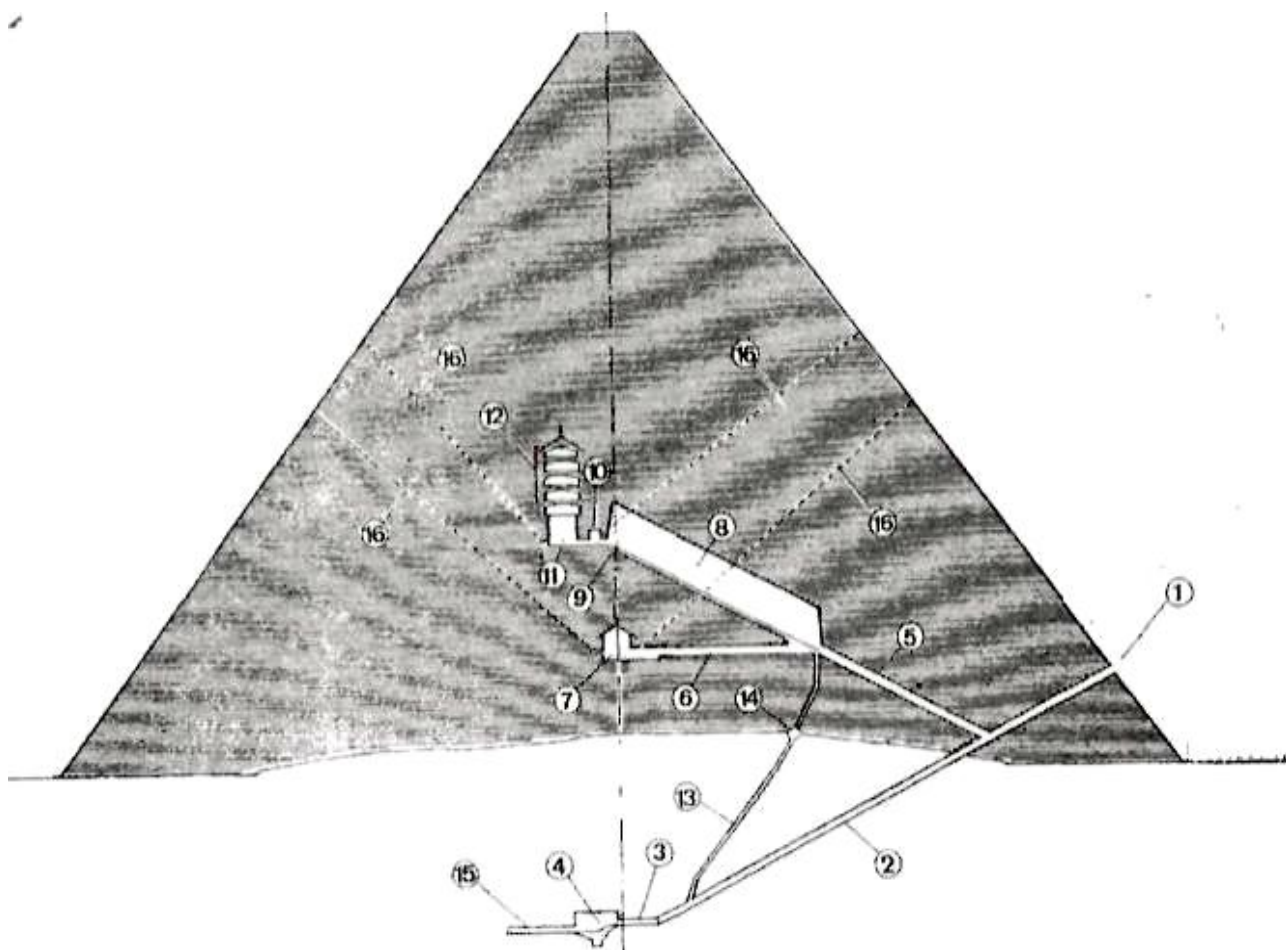
Quanto à mensagem escatológica da Grande Pirâmide, são discordantes as

opiniões daqueles que até aqui se esforçaram para decifrá-la. O mais pessimista é o inglês Thamson, que fixa no ano 2000 o término "daquela longa fábula que se chama história". O mais otimista é Rutheford, que o procrastina até 2979, praticamente mais mil anos.

Mas, como para cada apocalipse diferente, existe também para as revelações deduzidas da pirâmide a possibilidade de uma interpretação salvadora. O fim dos tempos poderia significar — e não faltam os defensores desta tese — o fim de um ciclo e a abertura de outro, com novos adventos do Messias e outros prodigiosos sinais de regeneração.

Do "poço do resgate" ao número grego fixo Pi

Uma breve leitura do mapa elaborado por Piazzzi Smyth e desenvolvido nos detalhes por seus epígonos vai ajudar a compreender este emaranhado de previsões, articuladas sobre fases alternadas de decadência e de progresso.



Entra-se na história depois do dilúvio [1] por um corredor descendente [2] que leva, como se diz, à depravação derradeira (e à condenação) da humanidade. Esta se exprime através de um breve corredor horizontal [3] que conduz ao sepulcro [4], no qual deverá cumprir-se uma nova regeneração messiânica, indicada como "segundo advento do Cristo". Aqueles que não se deixarem redimir perecerão em um estreito corredor subterrâneo [15], chamado na toponomástica iniciática de Morton Edgar de "segunda morte", que do sepulcro não conduz a lugar algum. Os redimidos poderão em vez disso iniciar de novo a fatigante subida para o "poço do resgate" [13] e alcançar, depois de uma parada na gruta que simboliza a expiação [14], o nível da "perfeição humana", correspondente ao plano em que se situa a Câmara da Rainha [7].

Mas não é esta a única via de salvação. Não é dito que a humanidade inteira deva alcançar a mais ínfima degradação para depois ser redimida. Foi-lhe dada na idade patriarcal, durante a fase inicial da descida, a possibilidade de mudar o percurso entrando no "corredor da lei hebraica" [5], que conduz ao ponto histórico essencial do nascimento de Jesus. A partir deste ponto os homens poderão prosseguir em subida para o "corredor da lei evangélica" [8] ou Grande Galeria, das altas curvas espaçosas, até o nível da "perfeição espiritual", onde está a Câmara do Rei [11], ou proceder horizontalmente rumo à Câmara da Rainha, ao longo do corredor estreito mas seguro da "nova aliança" [6].

Na Câmara da Rainha cumpre-se a era cristã. Na do Rei cumpre-se a edificação final do homem e seu repouso. Para ter acesso a ela deve-se superar a Grande Escadaria [9] e passar através da Antecâmara da Revelação [10], chamada também "do triplo véu". Além da Câmara do Rei, nos vãos a ela sobrepostos [12] tem início a "reconstrução".

Não têm significado esotérico os canais de ventilação [16], que do exterior alcançam a Grande Galeria, a antecâmara e as câmaras do Rei e da Rainha. Em vez disso têm a disposição geométrica dos locais e dos corredores, os ângulos e as interseções entre as diversas passagens, as circunferências que delimitam determinados pontos.

Significativa é a linha ideal que individualiza no exterior da pirâmide os momentos da criação e da queda de Adão: trata-se na prática de uma perpendicular que se precipita verticalmente do nível da "perfeição

humana" à poeira terrestre, sobre o perímetro do edifício. Significativa também é o gradil que enquadra numa sucessão arcana de quadrados os diversos momentos do percurso. Significativa é, por fim, a constatação, por parte do inglês John Taylor, estudioso das analogias geométricas do templo de Salomão, que a altura da pirâmide de Quéops (146 m) corresponde ao raio de um círculo cuja circunferência (916,88) é igual, com um descarte mínimo, ao perímetro do quadrado de base (920).

Para avaliar a circunferência do círculo inscrito na pirâmide, multiplica-se o raio por dois e pelo número grego fixo pi (π) ou 3,14:

$$146 \times 2 \times 3,14 = 916,88$$

Para o perímetro do quadrado de base se multiplica o lado (230) por quatro: $230 \times 4 = 920$ A diferença é de pouco mais de 3 m sobre pouco menos de 1 km. Nem chega perto da hipótese, cara a tantos egiptólogos de orientação teosófica, de que as medidas da Grande Pirâmide contivessem o segredo, entre tantos, da quadradura do círculo.

O deus do "disco luminoso"

A presença de uma marcante vocação apocalíptica na cultura religiosa egípcia é demonstrada não tanto pelo paradigma profético da Grande Pirâmide — que representa de qualquer forma o resultado de uma projeção intelectual moderna, embora referível a dados milenares — quanto pelo tom e pelos conteúdos explícitos de certos textos sagrados, em geral transcritos sobre papiros funerários.

Exemplar em tal sentido é a dura revelação de um desígnio destrutivo por parte do deus solar Aton, cujo nome significa "disco luminoso", habitualmente representado como um astro e cujos raios terminam com mãos estendidas. Diz Aton, repropoando imagens para certos aspectos análogos aos cenários de outros apocalipses, que pretende destruir tudo que criou com o seu calor.

"Esta terra irá ao céu, que tornou a ser oceano como era originalmente." Assim comunica o deus, evocando o mito do dilúvio, comum a muitas

outras religiões. A profecia, como testemunha o papiro onde ela é relatada, remonta novamente ao século XIX a.C., mais de um milênio antes que se iniciasse a compilação da Bíblia.

A enunciação apocalíptica adquire tons de profunda especulação filosófica no mais conhecido papiro Anana, redigido por um escriba do século XIV, que fornece ensinamentos úteis para uma prática divinatória elevada. O escriba se dirige às gerações futuras, exortando-as a ler a sua mensagem, da qual transparece a consciente certeza de que passado e futuro sejam, como no itinerário profético da Grande Pirâmide, estreitamente ligados:

[...] Não deixeis de lê-la, vos que a encontrareis nos dias ainda não nascidos, se vossos deuses vos tiverem dado a capacidade. Ireis ler sobre o futuro, ou filhos, e conhecer os segredos do passado que já vos é tão remoto, enquanto a verdade é tão próxima.

Explica que a vocação profética é correlata à reencarnação, que através das vidas vividas fornece novas chaves de abordagem do futuro:

Os homens não vivem só uma vez para depois desaparecerem para sempre. Vivem muitas vezes em lugares diferentes, e não apenas neste mundo. Entre uma vida e outra existe um véu de obscuridade, mas as portas serão abertas no fim para nos mostrar todas as câmaras através das quais nossos pés vaguearam. (...)

Conclui sublinhando com espírito apocalíptico a necessidade de que o mundo acabe para que o homem possa finalmente ter acesso à verdade:

A força do tempo invisível ligará longamente as almas depois que o mundo estiver morto. Mas no fim todos os tempos passados se revelarão.



O Poder Invencível da Sina

Num mundo dominado pela Sina, no qual não se tinha noção de livre-arbítrio, a fé nos oráculos devia ser forçosamente ilimitada.

Sendo o futuro alguma coisa de predeterminado e imutável, que a intervenção humana não podia de modo algum alterar, nem conformando-se nem contrariando a vontade divina, videntes e adivinhos tiveram na Grécia antiga um papel totalmente diverso daquele representado na sociedade bíblica. Não dispensavam conselhos, mas forneciam informações sobre o que fatalmente aconteceria. Isso não limitava, antes aumentava a ânsia geral de conhecer o futuro, tanto no nível individual quanto no coletivo.

Ao contrário, porém, do que acontecia entre os hebreus, onde os profetas eram investidos de responsabilidades inerentes, escolhas de interesse da época projetadas em uma ótica escatológica universal, entre os gregos prevalecia a tendência de interrogar os deuses sobre questões pessoais. O que não excluía que, em determinadas ocasiões, viessem a ser interpelados sobre eventos relativos ao destino de uma comunidade inteira, de uma cidade, de um povo, mediante cerimônias de particular solenidade.

Mas também nessas ocasiões a pergunta e a relativa resposta não iam além da esfera histórica casual, limitando-se a prever o êxito de uma guerra, a duração de uma escassez, a iminência de uma calamidade natural.

Esforçar-se para ir além, sugerindo soluções que pudessem modificar o curso dos eventos predispostos pelos deuses, não era apenas inútil, mas também perigoso para o adivinho, que, assim fazendo, se expunha a terríveis represálias.

As vontades dos deuses e as dos homens

Na saga homérica isso é atestado pelo destino que tiveram os videntes troianos que tentaram opor-se com suas profecias à entrada do cavalo de

madeira nos muros da cidade sitiada. Tanto Cassandra quanto Laocoonte exortaram com apelos desesperados a população que festejava o aparente fim da guerra, a empurrar para fora o presente dos aqueus, esperando desse modo conjurar a catástrofe. Mas, além de não serem ouvidos pelos concidadãos, foram cruelmente punidos pela sorte. Cassandra foi violentada junto ao altar de Atena e arrastada pelos cabelos, como presa de guerra, pelo guerreiro Àjax de Oileu; Laocoonte foi triturado junto com os filhos por duas monstruosas serpentes marinhas na praia, onde tencionava sacrificar um touro em honra do deus Netuno.

Bem diferente, no mesmo contexto lendário, é o comportamento de Calcante, sacerdote de Apolo no séquito dos aqueus, que se limita a formular — como dele se espera — previsões realísticas sobre o êxito e sobre a duração da guerra. Corre igualmente algum risco, opondo-se às vezes aos desejos de Agammenon, comandante supremo do exército grego, como quando o exorta a libertar a escrava Criseida, filha do sacerdote troiano Crises, para que cesse a epidemia de peste no acampamento grego. Mas todo o mal que recai sobre ele é alguma injúria. Agammenon o chama de "profeta de desgraças" e o acusa de experimentar prazer no "coração maligno" ao prever desastres, sem, porém, mover uma palha.

Para os gregos uma coisa é contrariar o desejo de um rei, outra é contrariar a vontade de um deus.

Laio, rei de Tebas — cujo oráculo previu que seria morto pelo filho Édipo, que depois se acasalará com a mãe, Jocasta — acredita poder escapar do próprio destino. Édipo, por sua vez, crê que pode esquivar-se ao próprio destino, quando vier a conhecer a terrível profecia. Criado em outro lugar, ele abandona os pais adotivos — que acredita legítimos — e foge para Tebas, onde matará Laio, sem saber que é seu verdadeiro pai, e desposará Jocasta, que ignora ser sua verdadeira mãe.

De nada serviu conhecer a profecia, que inevitavelmente se cumprirá, não obstante a ilusão de ter prevenido seus eleitos.

As certezas platônicas sobre a Atlântida

Não havia espaço, nessa concepção da arte divinatória, para revelações de caráter apocalíptico sobre os destinos remotos do homem. Os limites do

interesse de cada um — pessoa ou comunidade — eram bem delimitados no tempo e não iam além de algumas gerações. Vale dizer, a própria geração e a dos filhos, dos sobrinhos, dos descendentes mais próximos. Não havia curiosidade em torno do fim do mundo, pelo simples motivo de que o mundo dos gregos não podia acabar: sua filosofia da história deslizava sobre a onda das certezas platônicas rumo a um futuro sem fim preordenado como o movimento dos corpos celestes, em uma contínua transformação. Jamais nenhuma catástrofe, portanto, poderia assinalar o ocaso definitivo da humanidade, mas apenas um revezamento no seu progredir, e em seguida um recomeço. Como no caso do "grande e maravilhoso império da Atlântida", ao qual Platão atribui o mérito de ter salvo da escravidão e generosamente libertado todos aqueles que habitavam "o interior das Colunas de Hércules", isto é, os progenitores da civilização helênica.

A Atlântida desaparece nas profundezas marinhas, conta o filósofo no Timeu, "entre violentos terremotos e inundações, em um só dia e uma só noite de desgraças". Mas não foi um apocalipse, embora se veja alguns tons na linguagem do texto platônico, pois não assinalou o fim do gênero humano, nem o impacto da captura no seu envolvimento com diversas civilizações.

Mistérios eleusinos, dionisiacos e órficos

Um destaque particular no cenário mágico religioso da Antigüidade clássica revestia a prática dos grandes cultos secretos, ditos mistérios, do verbo grego *myò*, que quer dizer "manter a boca fechada", donde *my'stes*, ou seja, "mantido em segredo". Grande espaço nos seus ritos era reservado à adivinhação, que na própria língua grega tomou o nome de arte *mântica*, do verbo *màinesthai*, que significa "estar tomado de (sacro) furor", Famosos na sociedade helênica eram os mistérios eleusinos, dionisiacos e órficos, que impunham aos seguidores uma complexa iniciação. Elemento comum a todas as cerimônias de acolhida em tais confrarias era a morte simbólica do candidato, que assim renascia para nova vida, passando da escuridão à luz.

Orfeu era tido como o pai de todos os mistérios, a ele atribuí-a-se, portanto, a paternidade de cada profecia.

ISIDIS
Magnx; Deorum Matris
APVLEIANA DESCRIPTIO.



DEUSA ÍSIS, protagonista de antigos mistérios não só entre os egípcios, c
aqui igualada a outras divindades femininas, como Minerva e Vênus.

Por isso os adivinhos eram comumente chamados orpheotelestai, independentemente das técnicas adotadas, que variavam da observação do vôo dos pássaros (ornitomancia) à interpretação dos fenômenos naturais (aeromancia e botanomancia). Uma panorâmica, mesmo que sucinta, dos modos adotados na Antigüidade para predizer o futuro — e que se propagam em certos casos até nossos dias - pode dar uma idéia conclusiva dos excessos visionários derivados da presunção de colher mensagens significativas nos movimentos de um sapo (batracomancia) ou de um galo amestrado (aletriomancia), na fumaça dos sacrifícios (capnomancia), nos fulgores de uma chama (piromancia), nos reflexos dos espelhos (catotromancia), nos rumores intestinais (gastromancia), no aroma de uma essência perfumada (lebanomancia), no vaguear incessante de um rato faminto (miomancia), no encrespar da água de um charco (hidromancia), na manipulação de números (aritmomancia) ou nas letras deduzidas de um nome (onomancia, popularizada pela escola pitagórica). Pode-se intuir quanto espaço havia, na espiral de tais esquisitices, para a mistificação e o aproveitamento da credence popular.

As práticas divinatórias eram muito difundidas nos templos, onde massas de devotos acorriam para escutar os oráculos de sacerdotes e videntes universalmente famosos, como a Pitonisa de Delfos, Epimênides de Festo, Tirésias de Tebas e sua filha Manto, fundadora do santuário de Claro, na Ásia Menor. Mas era, sobretudo, no âmbito dos cultos secretos que a arte de predizer o futuro encontrava sua colocação natural.

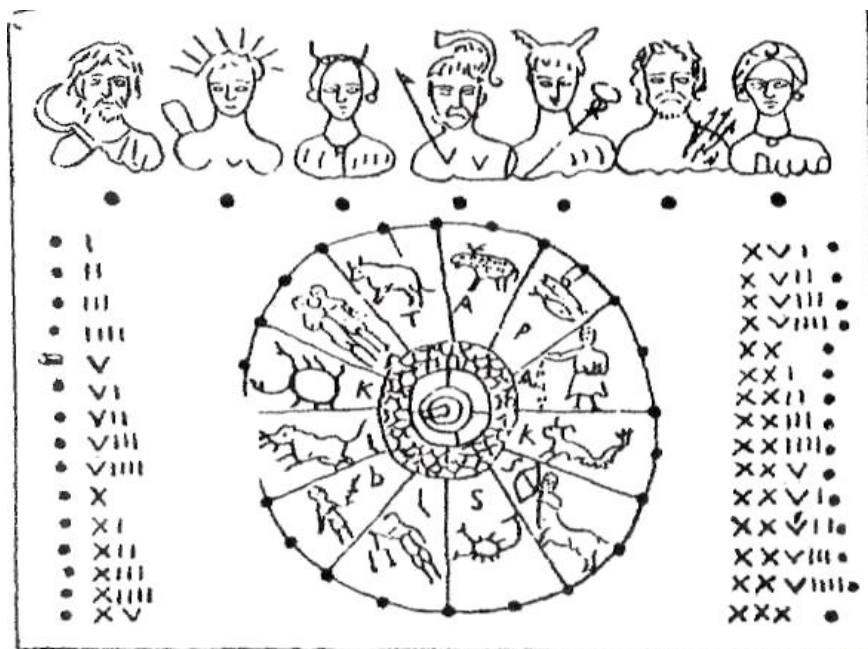
O objetivo de suas doutrinas era de lato evocar de novo para difundir entre os próprios iniciados, as revelações dos deuses. Mas o ensinamento divino não podia ser transmitido senão àqueles que tivessem sido primeiro purificados, deixando-se para trás as escórias da vida profana. Por isso a finalidade definitiva do orfismo era de restituir ao espírito sua pureza original, libertando-o através do ascetismo.

Os mistérios eleusinos eram supervisionados por Deméter, deusa da terra, exilada voluntariamente no Olimpo após o rapto da filha Core (Prosérpina para os romanos) por parte do deus infernal Hades (Plutão). Não obstante o clima secreto dos ritos, pode-se historicamente afirmar que no conjunto representassem uma escola de regeneração espiritual, através da qual passaram os maiores expoentes da classe intelectual grega.

Parece certo que a iniciação previsse a travessia de um assustador labirinto subterrâneo, ao término do qual o neófito era acolhido com cantos e danças, coroado com guirlandas e cumprimentado por seu renascimento. É opinião comum que os ritos eleusinos divulgassem um segredo mágico de valor inestimável, ainda que de fácil aprendizado. Aristóteles declarou que para conhecê-lo não havia nada a aprender, mas só a experimentar.

Esta era a vertente nobre da vidência, que se contrapunha ao pitoresco bando de charlatães e presunçosos. Estes últimos, por outro lado, mesmo tendo facilidades ao lidar com as massas incultas, eram, por sua vez, alvo de sátiras pungentes e críticas às vezes ferozes por parte dos intelectuais.

Demonstrações exemplares nesse sentido ocorreram no século IV a.C. da parte do comediógrafo Aristófanes e do filósofo Teofrasto, discípulo de Platão e de Aristóteles. O primeiro põe na berlinda, na comédia *As rãs*, justamente Dioniso, deus dos possuidores de espírito profético, representando-o com todos os limites e defeitos de um medíocre ser humano. O segundo situa a presunção e o oportunismo dos charlatães entre as categorias psicológicas descritas no opúsculo *Características morais*, galeria de retratos em afresco diluindo o desprezo no escárnio.



Antigo calendário romano, com os símbolos das constelações e dos planetas, sobre uma lápide conservada no Museu de Wurzburg,

Arúspices e profecias institucionais na Roma antiga

A religiosidade helênica e a conseqüente propensão ao exercício da arte profética em termos atuais, relacionando as predições a fatos de interesse histórico imediato, foram herdadas nos seus aspectos essenciais pelos romanos, que, porém, tiveram de enquadrar as práticas divinatórias dentro de rígidos esquemas institucionais.

Desde os tempos lendários da fundação de Roma (753 a.C.) coube ao Estado gerir as profecias através do colegiado dos áugures, ou seja, sacerdotes encarregados de interpretar — ou melhor, de encaminhar — a vontade dos deuses, deduzindo-a mediante o recurso a metodologias mais austeras que aquelas em uso entre os gregos.

Prevalecia entre estes a observação do vôo dos pássaros. É o que demonstra a própria etimologia do termo áugure, derivado do substantivo avis, isto é, pássaro, e do verbo gerere, que, entre os seus significados, inclui tanto o de encarregar-se quanto o de mostrar-se. Era de fato obrigação desses videntes, extrair presságios do que os pássaros mostravam nos seus vôos. Pode-se entender que tipo de credibilidade os romanos atribuiriam a essa função divinatória pelo lato lendário de que, exatamente pelas evoluções dos pássaros, Rômulo tivesse extraído auspícios favoráveis á fundação da cidade quadrada.

De outros sacerdotes esperava-se a tarefa de extrair prognósticos das vísceras dos animais sacrificados, segundo um procedimento em uso junto aos etruscos, predecessores dos romanos na Toscana e no Lácio. Eram chamados arúspices, por derivação léxica do sânscrito haru, veias ou vísceras, e do latim spicere, observar.

Além dessas técnicas altamente especializadas, de qualquer modo, os sacerdotes romanos não negligenciavam em considerar como sinal da vontade divina aquilo que lhes parecia insólito ou estranho, como a passagem de um cometa, o desabar repentino de um temporal, o nascimento de criaturas monstruosas, a aparição inesperada ou o comportamento singular de determinados animais.

O número de adeptos ao exercício das artes mânticas foi crescendo com a evolução do aparato estatal e a urgência cada vez mais premente de veredictos confiáveis que confortassem os chefes nas suas decisões.

também porque, ao contrário dos gregos, os romanos não tinham aquela visão tão perfeitamente harmônica do universo para inibir a presunção humana de poder intervir materialmente na história para mudar seu curso. A mesma cosmogonia latina, se bem que modelada sobre arquétipos gregos, exprimia valores caóticos e incertos pelas contínuas contaminações a que se via exposta, dada a tradicional vocação romana para assimilar os cultos das populações submetidas.

Aos três áugures designados por Rômulo, portanto, Sêrvio Túlio acrescentou um quarto, e os tribunos do povo, na era republicana, mais cinco, levando-os conjuntamente a nove em 454 a.C. E Silas incluiu outros seis. E assim acabaram se tornando quinze.

Eram supervisionados no seu trabalho por um magister de extraordinário prestígio, que era o decano do colegiado e tinha de modo verossímil o dever de conduzir as profecias segundo uma ótica religiosa de caráter marcadamente político e nacional. Assim, a arte divinatória correspondia, na sociedade romana, à intenção de conciliar mito e praxe no interesse superior do Estado. Por isso é compreensível que em torno da composição do colegiado surgissem encarniçados conflitos de interesse, resultando em confrontos também violentos durante a luta entre patrícios e plebeus no século IV a.C.

Esse contraste, que dá a medida do valor político inferior assumido pelo colegiado dos áugures, foi abrandado pela lei Ogúlnia, imposta pelo povo aos patrícios no ano 300, com a qual era estendido aos plebeus o direito de ter acesso a ela.

Em 391, o imperador Teodósio, o Grande, coerente com a escolha, sancionada naquele ano, de proclamar o cristianismo como única religião - do Estado, aboliu o colegiado e vetou toda e qualquer prática divinatória.



12

As Sibilas

Um papel totalmente especial é representado no cenário mágico greco-romano pelas sibilas, que, com suas profecias a longo prazo, substituíam o costume pagão de manter os oráculos ancorados à atualidade. Por isso, diferentemente das respostas formuladas pelos augures e pela maior parte dos profetas atuantes na Antigüidade clássica, os ditos das sibilas assumiam em muitos casos a carga de revelações escatológicas, projetadas além dos milênios, rumo a um futuro no qual se cumpriam os destinos finais da humanidade. Em outras palavras, eram autênticos apocalipses, análogos em vários aspectos aos de matriz judaico-cristã.

Diferentemente dos outros videntes gregos e romanos, as sibilas se pronunciavam sobre o futuro extremo do mundo, além de ler a sorte dos mortais que as vinham consultar, envolvendo nas suas sentenças todo o gênero humano.

Falavam por inspiração divina — por "possessão do nume", escreve Hcráclito — e como endemoninhadas "atravessavam com a voz milhares de anos".

A Cumana, sibila de Virgílio e do Cristo

Existe sobre as sibilas uma vasta literatura em grego e latim, rica em achados históricos e lendários. Um dos primeiros a falar delas foi Platão, que enumerou cinco: a Frígia, a Cumana, a Eritréia, a Délfica ou Pitonisa, a Helespontina. Outras tornaram-se populares nos anos seguintes. O romano Marco Terêncio Varrão chegou a enumerar dez: a Pérsica, a Líbia, a Ciméria, a Sâmia e a Tiburtina, além daquelas já listadas pelo filósofo grego.

Outros autores falam delas difusamente: Eurípides menciona Líbia no prólogo da tragédia Lâmia. Crisipo cita Délfica no tratado Sobre a Adivinhação, Névio fala de Ciméria no quarto livro do poema sobre a guerra púnica, Eratóstenes cita Sâmia, Pausânias e Apolônio, Eritréia e

assim por diante, acrescentando-se com frequência novas sibilas.

Mas o testemunho mais relevante de época diz respeito a Cumana, sobre a qual Virgílio se detém tanto na Eneida quanto na Égloga IV, atribuindo-lhe uma profecia que foi depois, na Idade Média, interpretada como uma previsão do advento do Cristo.

Chega agora a última idade da profecia cumana,
remontando ao início do ciclo dos grandes séculos,
volta até a Virgem,
voltam os reinos de Saturno,
uma nova raça chega enviada do alto dos céus.
Benévola sejam, casta Luzinha, com a criança que agora nasce,
e cuja vinda dará um fim à raça do ferro
para fazer surgir em todo o mundo aquela de ouro...

Por esses versos da Égloga, escritos quarenta anos antes do nascimento de Jesus, Virgílio conquistou fama de grande iniciado e, aquilo que mais conta em uma ótica cristã, de vaticinador da era evangélica. A impressão que os seus versos suscitaram nos círculos culturalmente mais evoluídos da cristandade medieval deve-se, em medida, talvez decisiva, à elevação do poeta latino, por parte de Dante, como próprio guia e mestre naquele itinerário infernal da Divina Comédia, que, visto de mais perto, lembra os cenários do além-túmulo pagão.

Sempre se mostra surpreendente, de resto, a colocação do tempo do nascimento da divina criança como abertura de um miraculoso ciclo de reprodução de fenômenos históricos, voltados a reproduzir a felicidade original da idade de ouro — o reencontro, em outras palavras, do Éden perdido — através de um processo de regeneração universal.

De menor interesse esotérico, uma vez que se refere a eventos passados e já conhecidos pelo poeta, é a profecia contida em vez disso no livro VI da Eneida, onde Enéias descobre que no Lácio se cumprirão os seus grandes destinos; e que seus descendentes serão os reis albanos, Rômulo, integrantes da família Giulia. É, porém, de grande interesse antropológico, pois dela se extrai uma idéia do tipo de transformação psicofísica que podia provocar na vidente o esforço divinatório, a descrição do transe que

precede o vaticínio.

A sibila se transfigura temerosamente. Muda não apenas a expressão do rosto, mas também a voz e por fim a estatura. Cresce nela, fisicamente, a "força agora próxima do Deus". Até que,

de repente, nem o rosto Lhe resta, nem uma cor,
os cabelos despenteados, mas o afã infla o peito,
feroz, o coração se enche de raiva,
é maior de se ver, a voz nem sequer soa humana...

Virgílio indica também o método utilizado pela vidente para predizer o futuro, usando folhas espalhadas no seu antro, sobre as quais escreve as próprias sentenças. É provável que em realidade consistisse em extrair respostas da mistura das folhas, provocada por repentinas rajadas de vento.

(...) E sobre as folhas repõe as sinas: sobre as folhas [...], escreve aquilo que prevê e na gruta, estendidas e ordenadas, onde sejam lidas, as deixa.

É ela a alinhá-las "para uso dos mortais", mas o vento a toda hora as desarruma e saem voando pelo antro.

Assim, pelo profundo conhecimento que o poeta demonstra ler dos mistérios da Antigüidade, bem como da profecia sobre o iminente nascimento do Salvador, tomará corpo na Idade Média a tradição de Virgílio mago, culminada no costume popular de extrair previsões dos versos das suas obras. A difusão desses oráculos virgilianos será favorecida pela simplicidade do método habitualmente usado para a consulta, que consistia em abrir o volume ao acaso, procurando uma resposta ao próprio quesito no primeiro verso da página, talvez combinado com outros, segundo uma numeração combinada previamente.

A Pérsica, a Líbia, a Delfica e as outras

Cada sibila tinha a sua particularidade histórica ou lendária, com ligações tanto à tradição mitológica quanto à bíblica. A Pérsica era considerada nora

de Noé, a Líbia, filha de Júpiter, a Délfica extraía seu poder da morte da monstruosa serpente Píton, trespassada por uma flecha de Apolo, daí o seu apelido de virgem Pitonisa. Este último não indicava uma única vidente, mas — como era de uso comum na nomenclatura sacerdotal da Antigüidade — todas aquelas que se sucediam a profetizar no santuário de Apolo em Delfos, meta de peregrinação por séculos.

A notoriedade desse templo, um dos mais freqüentados no mundo helênico, deve-se ao fato de sua sibila ser uma das mais faladas na Antigüidade. Sabe-se por Diodoro Sículo que as sacerdotisas do Apolo délfico que deviam estar nos templos mais antigos eram virgens e bem jovens, mas que em seguida ao estupro de uma delas, a bela Equécrates, estabeleceu-se que não poderiam ter menos de cinquenta anos.

Sabe-se ainda que a Pitonisa pronunciava os seus oráculos apenas uma vez por ano, e que naquela data Delfos era praticamente invadida por milhares de devotos. A vidente jejuava três dias e se banhava em uma fonte consagrada a Apolo. Mastigava folhas de loureiro e outras ervas que a predispunham à vidência. Acomodava-se em seguida de pernas abertas sobre um tripé acima de um orifício no terreno do qual saía uma fumaça inebriante, que se acreditava proveniente dos restos do monstro morto pelo deus, e esperava. Quando a fumaça havia envolvido e penetrado todo o local — fisicamente, como parecia querer simbolizar a posição aparentemente indecorosa por ela assumida no tripé, na intenção de abrir o seu corpo à possessão divina —, a Pitonisa caía em transe, profetizando. De tal modo a sacerdotisa "se abandonava ao sopro do seu deus", escrevia Jâmblico ainda no século IV d.C., "e era iluminada".

Parece que foi ela, a Délfica, a receber pela primeira vez o nome de sibila (que em dialeto eólico significava "aquela que traz o conselho dos deuses": de sisis, "deuses", e boullan, "aconselhar"), embora a Líbia seja geralmente apontada como a mais antiga.

Diz-se ainda que esta última esteve por um certo período em Delfos, predizendo o futuro sob o nome de Trofile. Mas vestígios de sua presença lendária são encontrados também em Samos, em Claro e em diversos outros santuários.

Deduz-se que a fama das sibilas não estava sempre radicada em um determinado lugar, antro ou santuário, mas que com freqüência a viagem

representava o desafogo essencial da sua busca. Também neste caso, contudo, não se pode dizer que um nome devesse corresponder necessariamente a uma única mulher, sendo muito mais verossímil que diversas iniciadas — em tempos e lugares diferentes — se descobrissem no rastro de uma mesma tradição.

Lactâncio, um dos primeiros escritores cristãos a ocupar-se do tema, defende sabiamente que seus nomes teriam um valor puramente convencional: "Deveríamos chamar a todas de Sibila", diz no seu manual das Divinas instituições, "sem fazer distinção, toda e cada vez que tivermos necessidade de recorrer ao seu testemunho."

Entre as mais errantes das sibilas por assim dizer itinerantes, cuja presença é registrada em mais lugares, figura junto à Líbia a Sâmia, que debutou como sacerdotisa no templo de Apolo em Samos, daí o nome, para depois empreender uma série de viagens que a levaram a exercitar a arte profética na Frígia. Lá, construiriam para ela um monumento no templo de Apolo Esminteu, perto do qual seria encontrado o seu sepulcro, assinalado por uma coluna com a seguinte epígrafe:

Sou a renomada Sibila que Apolo escolheu para interpretar os seus oráculos, virgem eloqüente, agora muda sob este mármore e ao silêncio eterno condenada. O favor do deus, embora morta, me concede a companhia de Mercúrio e das ninfas a cuidar de mim.

Simulacros de Mercúrio e de ninfas adornariam, até onde se sabe, este túmulo impossível de achar entre as ruínas da cidade perdida de Marpessa, nas proximidades de um curso d'água.



Retrato ideal de Jâmblico, depositário dos segredos da arte divinatória na Antigüidade.

Eritrêia, uma adivinha dos natalícios controversos

Muito popular entre os povos da Ásia Menor era a sibila Eritrêia, considerada de origem babilônica ou, segundo o testemunho de Apolodoro, jônica. Prevalece a segunda hipótese, que a queria nativa de Eritre, cidade famosa por seus vinhos e adivinhos na península de Mimas (atual Karaburum, na Turquia), fundada pelos cretenses, colonizada pelos jônicos, submetida pelos atenienses (em 453 a.C.) e depois pelos persas.

Tal variedade de dominações justifica a fama cosmopolita dessa vidente, à qual se atribui, entre outras coisas, a profecia da guerra e da queda de Tróia. Predisse que um grande poeta cego cantaria a história, mas isso derruba a teoria de Apolodoro sobre seu nascimento, pois a saga de Tróia remonta ao século XI a.C. e os poemas homéricos ao século VIII, muito tempo antes que fosse fundada a cidade de Eritre.

Esta sibila dos natalícios contidos entre as duas grandes civilizações de Babilônia e de Creta é também apontada como autora de um hino a Apolo por Pausânias o Periegeta, assim chamado pela compilação de uma obra geográfica com o título *Periegesis da Grécia*, na qual são colhidas noções de ordem histórica, mitológica e lendária, além de científica, sobre as terras do Peloponeso.

De remotas névoas barbáricas, distantes da solandade helênica e mesopotâmica, parece emergir em vez disso a sibila Ciméria, embora sua fama seja ligada por Névio e Pisão a acontecimentos mediterrâneos, como a guerra entre Roma e Cartago. Sua lenda entraria de fato na tradição mitológica grega através das migrações de tribos nômades (os cimérios) provenientes das margens do mar de Azov sob o assédio dos citas. Pouco se sabe deles: viviam por volta do ano 1.000 a.C. em Táurida, mas foram obrigados a parar na Assíria e, depois de terem sido escorraçados, na Lídia. Extinguiram-se como povo depois de serem expulsos também de lá, dispersando-se pela Europa, onde foram presumivelmente absorvidos pelos cimbros.

A sibila Frígia, radicada da cidade de Ancira, e a Helespontina, famosa na Tróade de Ciro, o Grande, e de Sólon, possuíam maior fama de estabilidade. Particularmente venerada pelos romanos foi depois a Tiburtina, cujo culto era praticado em Tivoli. Varrão a chama também de Albunéia. Era muito

popular nos assentamentos pastorais ao longo das margens do rio Aniene, em cujas águas uma estátua sua foi encontrada com um livro na mão.

Detentora, porém, de toda primazia entre os romanos foi a citada sibila Cumana, e não apenas pela fama que Virgílio lhe concedeu. Aos seus oráculos estão de fato vinculados os destinos de Roma desde a era mítica dos reis. Foi ela, segundo uma lenda transformada em cânone político e religioso, quem vendeu a Tarquínio Prisco (segundo outros, a Tarquínio o Soberbo, o que limita a questão entre o quinto e o sétimo rei de Roma, com menos de um século de descarte) os famosos Oráculos sibilinos, que continham o segredo das sinas futuras da cidade (Fata urbis Romae).

Os oráculos sibilinos

Conservados no templo de Júpiter Capitolino desde o século VI a.C., tais escritos eram consultados pelos sacerdotes encarregados da sua custódia somente em raras ocasiões, quando momentos críticos ou dificuldades nas escolhas de governo o exigiam. Daí a sua validade política, além de religiosa..

A consulta, por outro lado, acontecia por ordem — e sob a autoridade — do Senado. Que preparou por sua vez, em 76 a.C., uma expedição para reconstruir os livros destruídos no incêndio de 83. A procura se restringiu às cidades de Cumas e Eritre, despertando a suspeita — totalmente infundada — de que a sibila Cumana e a Eritréia fossem a mesma pessoa.

É plausível pensar que esses Oráculos sibilinos tivessem sido redigidos por mais videntes, tanto de origem etrusca quanto grega. Seja como for, parece que havia uma certa unidade no seu estilo, rigorosamente em versos. Mas a característica de exprimir-se em forma poética é comum a todas as sibilas, que costumavam geralmente improvisar as suas respostas em hexâmetros.

Certamente se pode dizer que não eram textos de fácil decifração, sendo compilados em versos de significado hermético, que para exprimir conceitos de sentido consumado deviam ser variadamente articulados entre si. A dificuldade da operação era acrescida pelo fato de que a escrita era parcialmente velada pelo uso de caracteres obscuros e hieróglifos.

Uma morte atroz era prevista para o sacerdote que, violando a consignação, permitisse que deuses profanos copiassem os textos sagrados. Isto é

contado pelo historiador Valério Máximo, ao descrever com cruéis detalhes a execução do sacerdote Túlio, condenado à mesma pena dos parricidas, isto é, afogado em um saco, por ter-se deixado corromper por um cidadão de nome Petrônio Sabino, permitindo que ele transcrevesse o oráculo.

Não parece, porém, que condenações tão ferozes servissem para deter os predadores do segredo oracular, pois exemplares de tais livros sempre circularam por Roma, sobretudo na era imperial. O fenômeno atinge a máxima extensão sob Augusto, que, para pôr-lhe um freio, ordenou o seqüestro e a destruição das cópias em poder de particulares.

Foram queimadas mais de duas mil.

Ao mesmo procedimento deveriam recorrer Nero e Juliano o Apóstata, o qual os consultou pouco antes de ser morto em 363. O último a ordenar sua incineração foi Honório, em 408, enquanto o Império se esfacelava sob a pressão de vândalos e godos. O executor material de sua destruição foi Estilício, que logo depois foi morto.

Uma ponte entre a antiga e a nova religião

As numerosas transcrições dos livros sibilinos, que as proibições imperiais não eram capazes de impedir, permitiram sua reconstituição — mesmo através de inevitáveis manipulações —, no início da era cristã, por parte de apologistas propensos a demonstrar como os oráculos pagãos haviam previsto o advento da nova religião. Havia ainda, nos oráculos atribuídos às sibilas, uma visão apocalíptica da história que não somente lhes conferia uma inspirada solenidade como também encontrava detalhadas semelhanças com as grandes premonições bíblicas sobre o fim do mundo. Falava-se ali de "juízo universal do grande Rei", com impressionantes descrições da catástrofe que se abateria sobre a humanidade degenerada, em tudo e por tudo similar àquelas narradas pelo apóstolo João e por seus precursores hebreus.

Ali eram listados sinais celestes, sobretudo cometas, prenunciando mudanças sazonais. Ali se traçavam espantosos cenários de morte e regeneração, alguns dos quais, referidos ao passado, evocando desastres como a erupção do Vesúvio em 79, enquanto outros, referidos ao futuro, podiam ser interpretados como confirmação (insuspeitável, porque de fonte

paga) das profecias conclamadas da nova religião. A ponto de fazer Clemente de Alexandria, primeiro doutor da Igreja, dizer em meados do século II que as visões proféticas das sibilas deviam ser consideradas antecipatórias das verdades evangélicas.

O que Clemente afirma demonstra em toda evidência a intenção de relacionar o estudo das Escrituras à cultura da Antigüidade, dando-lhe aval. "Aprendeis da Sibila como se deu a conhecer Deus e as coisas futuras", incita ele no seu Protrettico, que em grego quer dizer justamente exortação, "Se lerdes a Sibila encontrareis enunciado em grande destaque e clareza testemunhos sobre o filho de Deus e sobre como muitos reis moveram guerra contra o Cristo, odiando-o, e sobre aqueles que defenderam o seu nome, sobre o seu martírio e sobre o seu triunfo."

Outros santos e intelectuais do primeiro século, como Justino, que deu testemunho de sua fé com o martírio em 165, e Agostinho de Hipona, que soube encontrar na filosofia neoplatônica elementos congeniais à sua grande especulação teológica, tiveram uma respeitosa consideração pelas sibilas, distinguindo as suas sentenças da desordenada idolatria dos outros oráculos. Agostinho é severo em relação a astrólogos e adivinhos na Cidade de Deus, mas indulgente em relação a essas videntes que jamais contrariaram as verdades da fé. Justino, por seu turno, reconhece nelas um certo mérito por terem "reprovado as falsidades dos pagãos" com as suas predições sobre o advento do Cristo.

Diferentemente do que acontece para as predições de qualquer outro adivinho da Antigüidade, as das sibilas foram consideradas dignas de crédito pela Igreja.

Determinantes para a absorção dos Oráculos sibilinos por parte do cristianismo foram, como se disse, os passos que reconduziam à tradição apocalíptica, tanto pelo tom quanto pelo conteúdo. Como demonstra a repetição detalhada das referências à "cólera do grande Deus", mas também à glória que advirá para o vencedor da batalha final.

Deus dará um sinal: uma estrela cintilará no céu imaculado, como uma brilhante coroa, por mais dias. Será a auréola da vitória pela qual os homens combaterão. A grande luta conduzirá de fato [o vencedor] à cidade celeste. Cada povo se empenhará em duelos imortais. (...) Mas o ignóbil

não poderá coroar-se de prata. (...)

As calamidades que afligirão os homens à aproximação do juízo são as mesmas de qualquer outro apocalipse:

[...] fome, peste, guerras. Os tempos mudam em um coro de lamentos e nos de lágrimas. [...] Explode uma grande confusão também entre os justos e fiéis, quando então as estrelas de todo firmamento se mostram a todos em pleno dia, junto com o sol e a lua, enquanto o tempo acossa, veloz [...] Uma densa nuvem envolve o mundo infinito, do oriente ao ocidente, da meia-noite ao sol a pino. Um rio ardente de fogo escorre do céu sobre a terra, causando ruínas em todo lugar: são invadidos o oceano, o mar azul, os lagos e as fontes, os abismos do Hades [o vocabulário sibilino é aqui ainda o mesmo do paganismo greco-romano] e a abóbada do céu. Os corpos celestes se fragmentam e são velados pela negra escuridão. Do céu, as estrelas se precipitam no mar...

Servem de contraponto a essas imagens assustadoras, nos Oráculos sibilinos cristãos, como em outras revelações catastróficas e na mesma mensagem de Fátima, ecos de dor desoladora:

Ai das mulheres grávidas nesse dia! Ai das mães que amamentarem! Ai daqueles que moram perto do mar!...

E aos lamentos, às súplicas, aos gritos, inevitavelmente se mistura, como nas Escrituras, o "estridor de dentes". A repetição tem intenção de evidenciar, por parte dos transcritores cristãos, a analogia também formal entre a profecia sibilina e a bíblica.

Nesta perspectiva, tem significado especial o fato de que o apocalipse das Sibilas também previa, além do limiar do horror, a possibilidade de uma solução salvadora. Em benefício não só dos justos, mas até dos maus que, penitenciando-se, imploraram a misericórdia divina.

[...] Algo será concedido às almas que suplicarem ao Deus onipotente incorruptível, que lhes concederá a salvação do tormento do fogo e do incessante estridor de dentes. [...] E as mandará para longe da chama que não se extingue, da vida eterna e diversa, na planície dos Campos Elíseos,

além das ondas agitadas do Aqueronte...

Para esta sua trégua entre mitologia e revelação cristã, as sibilas constituíram de fato na história das grandes profecias uma ponte sobre o abismo que separava os cultos da Antigüidade clássica da nova cultura religiosa.

Para confirmar o efetivo interesse suscitado no imaginário ocidental por essas filhas inquietantes do paganismo, depositárias de segredos ligados ao exercício de práticas execradas pelas Escrituras como blasfemas, e portanto aceitas em função de um desígnio escatológico mais avançado, existem as obras-primas de numerosos artistas que nelas se inspiraram para decorar catedrais e santuários.

Destacam-se entre as grandes protagonistas dessa insólita vertente da arte sacra as cinco sibilas retratadas por Miguelangelo ao redor da Capela Sistina (a Pérsica, a Líbia, a Eritréia, a Délfica e a Cumana) e aquelas quatro sem nome nos afrescos de Rafael na igreja romana de Santa Maria della Pace. foram também atraídos pelo fascínio indecifrável das sibilas Andréa Del Castagno, o Guercino, o Domenichino, o Pinturicchio, Guido Reni e tantos outros mestres.

Esplêndidas sibilas adornam com seus rostos enigmáticos a catedral de Siena (junto com Hermes Trismegisto e Pitágoras) e as paredes da Casa de Loreto, um dos mais populares centros do culto mariano. Lado a lado com os anjos e santos, elas figuram entre os motivos recorrentes na pintura renascentista.

Estão presentes até na liturgia. Uma sibila é mencionada no canto sacro do Dies irae, introduzido no repertório religioso de Inocêncio III, papa de 1198 e 1216:

Dies irae, dies illa
solvat saeculum in favilla
teste David cum Sibylla.

É um chamado ao fim do mundo, ao dia da ira e ao século que se dissolve no fogo, como testemunham as Escrituras (Davi) e a Sibila.

O Vaticínio da ninfa Porrina sobre a vinda de Rita de Cássia

Uma profecia sobre cuja autenticidade se podem nutrir muitas dúvidas, mas que demonstra de qualquer modo a sugestão exercida pelas sibilas sobre o imaginário católico, é aquela que uma gentil tradição úmbrica indica como precognição paga do nascimento de Rita de Cássia, mística e taumaturga das mais veneradas pela cristandade. É a profecia da sibila Porrina, que viveu em um mitológico passado no vale de Roccaporena, onde nasce no fim do século XIV Rita Lotti, destinada a se tornar a "santa dos impossíveis" pelos extraordinários milagres que lhe são até hoje atribuídos, sobretudo relacionados a curas.

No vale onde nasceu Santa Rita paira sempre uma espécie de encantamento indefinível, que uma toponomástica inquietante torna ainda mais misterioso. A ele se tem acesso através de duas gargantas chamadas Passo Inferno e Passo Male. Sobrepõe-se ao minúsculo povoado de Roccaporena, ao nível daquele que era o pomar miraculoso de Rita, onde brotavam figos e rosas em pleno inverno, uma majestosa caverna chamada Grotta Nera, na qual os devotos hoje vão solicitar graças. Na vertente sul contígua à Grotta d'Oro, que se dizia ter sido morada da ninfa Porrina, uma adivinha exilada em Úmbria dall'Arcadia, para onde fugira com a irmã Carmenta, ela também dotada de poderes mânticos, e com o filho desta última, Evandro, soberano expulso do seu reino de líricos pastores.

Ambos tinham procurado pela Itália um local adequado ao mistério requerido para o exercício da arte profética: Carmenta se fixara com o filho no alto do monte Palatino, a outra no vale em que Santa Rita viria ao mundo, alguns milênios depois.

A voz do povo atribuía a Porrina uma profecia, da qual o texto só foi transcrito na década de 1930 pelo historiador Cassiano Adolfo Morini, que assegurou tê-lo lido de um manuscrito em posse de um velho camponês, o qual, porém, não o quis entregar, permitindo-lhe apenas copiá-lo à mão.

"Esta é a terra sagrada que me foi indicada pelo meu deus", dizia a sibila e antecipava os futuros esplendores "até às mais longínquas gerações". Seguia-se a verdadeira e autêntica profecia: "Decorrerão vinte centenas de anos depois de mim, e destes penhascos rochosos brilhará uma luz divina,

desconhecida para o mundo, à qual curvarão a cabeça até mesmo as feras da floresta. E haverá a segunda. Destas paredes de granito, junto com outras cinco, virá à luz uma pedra preciosa, a margarida, que iluminará depois mais cinco outras. E será a maior, e superará as terras e os mares, pois que a humildade vencerá a vaidade. Para cá ainda acorrerão pessoas atraídas de todo lugar para glorificar o Deus eterno, e este vale estreito e miserável terá nome eterno no mundo."

O sentido da mensagem parece corresponder à intenção de estabelecer uma continuidade entre a herança sacromágica do paganismo itálico primordial, as alvoradas míticas da civilização romana e a nova grande tradição cristã, na qual Rita é envolvida junto com outras "luzes divinas". A Úmbria é pródiga em tais presenças luminosas, mas entre todas, a margarida é a mais resplandecente, diz a sibila, e está destinada a transpor com sua fama mares e montanhas, conclamando peregrinos de cada canto do mundo.

Não se pode ter certeza da autenticidade do manuscrito ao qual se refere Morini, mas é significativo que avalie a data em torno da primeira metade do século XVII (isto é, aos anos do processo de beatificação, que representou, de fato, o reconhecimento do culto de Rita de Cássia, já popular) pela qualidade do papel, dos caracteres gráficos e pelo estilo "empolado, excessivamente prolixo".

A falta do documento, extraviado depois da morte do camponês, desde que tenha existido, autoriza a suspeita de que a "descoberta" pudesse reentrar na política cultural do regime fascista, propenso a impor ascendência latina às grandes tradições populares, procurando também parentescos ou filiações diretas, até onde era possível, entre os grandes santos católicos e as deidades romanas.

Morini escreveu também que o velho camponês havia encontrado o texto da profecia entre os papéis amarelecidos de um fidalgo morto cinquenta anos antes. O que cheira a romance popular, ingenuamente interpretado por arquétipos perfeitos — como o vilão e o senhor — daquela Itália rural e aristocrática que a retórica da época privilegiava.

Qualquer dúvida é justificada posteriormente pelo ano da publicação (1933) e o caráter da revista *Latina Gens*, à qual foi confiado o furo de reportagem. Mas isso em nada prejudica a importância efetiva daquela devoção popular que o vaticínio, por mais que falso, exprimia. Demonstra

como nunca a penetração na Idade Moderna daquilo que na Antigüidade foi uma atitude recorrente do poder político em relação à arte divinatória: manipular as respostas ou simplesmente inventá-las, em apoio aos seus próprios desígnios.

13

O Crepúsculo dos Deuses

Existiram sibilas nórdicas, que por volta do ano 1000 previram aquilo que na sua tradição é chamado de o "crepúsculo dos deuses". É o apocalipse dos escandinavos, que assinala o fim trágico do Midgard, o "recinto do meio", criado por Odin para hospedar os homens. Também esta catástrofe é o prelúdio, como as outras profecias escatológicas, do surgimento de uma nova idade de ouro.

A prestação de contas detalhada desse apocalipse viking está na Edda, coletânea de cantos escritos entre os séculos IX e XIII, mas descobertos somente em 1645 pelo bispo islandês Brynjolf Sveinsson em um único códice, hoje conservado na Biblioteca Real de Copenhague (Codex regius 2365). O primeiro de tais textos é atribuído a uma profetisa não de outro modo definida (intitula-se Predições da vidente, na antiga língua nórdica Volospa), a qual começa impondo o silêncio e asseverando ter crescido junto ao povo dos gigantes. Destes teria aprendido a verdade acerca da origem e do fim do universo. Do deus supremo Odin teria depois recebido o dom de prever o futuro, tornando-se assim uma volva, ou seja, uma adivinha.

O apocalipse viking da Edda

O relato da Volospa começa com a aparição do gigante Hrymir, primeiro habitante do cosmo, quando ainda não existiam nem terras, nem águas, nem céu, e prossegue através da criação do mundo dos homens por parte de Odin, do nascimento das filhas dos gigantes (as três Norne: Urd, Verdandi e Skuld) que eram encarregadas de supervisionar as questões humanas, o irromper do mal sobre a terra por meio da rivalidade entre as estirpes

divinas dos Asi (descendentes de Odin) e dos Vani.

O "crepúsculo dos deuses" é anunciado como próximo e inevitável. Os deuses desapareceram em combate contra os monstros, e somente alguns deles renasceram em um mundo regenerado do sangue. O sol escurecerá, as estrelas cairão do céu, a terra se afundará nos abismos marinhos.

Os sinais premonitórios do cataclismo final serão, como para qualquer outro apocalipse, os pecados dos homens:

[...] A culpa se difundirá sobre a terra, os irmãos se mancharão de sangue fraterno, os filhos praticarão muitos homicídios contra os pais, incesto e adultério se tornarão um hábito, não haverá piedade pelo amigo.

Não faltarão sinais ligados à alteração das estações. Três invernos se sucederão, cada qual mais desolador que o outro. Nevará até que a terra fique completamente gelada, e então os monstros romperão suas correntes para atacar os deuses.

Agitar-se-á no oceano o Grande Dragão [a nomenclatura evoca precedentes bíblicos], e movendo-se fará transbordar as águas sobre a terra, provocando inundações e terremotos. [...] O exército dos gênios malvados combaterá contra os deuses.

Mas Odin reagirá, erguendo uma barreira contra os seus malefícios, embora a maioria dos heróis alinhados do seu lado vá sucumbir no confronto.

A batalha será tremenda, mas no final uma nova terra ressurgirá dos abismos, para poder acolher os progenitores de uma humanidade redimida.

A terra emerge do mar, e é verde e bela; nos campos as colheitas crescem sem sementeira...

Prevalece, portanto, também nesta obscura saga nórdica, a mensagem salvadora e regeneradora, típica de qualquer outro apocalipse. Ocorrem tragédias e sacrifícios, mas não hecatombes generalizadas, pois os justos serão chamados a remar sobre uma terra de clima moderado, livre da mordida do gelo, pródiga de frutos e bem-estar.

A profecia é difusamente retomada pelo islandês Snorri Sturluson na sua

Edda do século XIII, que ao contrário da precedente é um tratado verdadeiro e próprio — não um florilégio poético — de mitologia e folclore antigo.

O "sacrifício ensangüentado" do deus da inocência

Há uma vítima sacrificial de natureza divina também neste apocalipse do gelo: Baldr, filho predileto de Odin. Ele é o deus da inocência, luminoso e cândido como um cordeiro.

O seu "sacrifício ensangüentado" é um prelúdio da guerra contra o mal e a vitória final do bem.

Baldr morre pela traição do pérfido Loki, descendente degenerado de uma estirpe de gigantes. É um ser que na tradição nórdica evoca os traços de Lúcifer: é "belo de aspecto, mas de alma malvada" e "autor de cada fraude".

Traz a tragédia à família dos deuses ao instigar o ignaro cego Hodr, também filho de Odin, a golpear Baldr com um ramo de visco, a única planta que, ao contrário de qualquer outra força, elemento ou criatura viva da natureza, não havia jurado poupá-lo.

Para se esquivar à punição divina, Loki se transforma em salmão. Mas o deus Thor, senhor das tempestades, consegue desentocá-lo e pegá-lo pelo rabo. Por isso o salmão, como narra a Edda de Snorri, tem o rabo fino.

Uma vez capturado pelos deuses, este príncipe do mal é acorrentado em uma caverna na ilha infernal de Lyngi. É amarrado à rocha com as vísceras do filho Narni, esquartejado pelo irmão Vali. Uma serpente lhe derrama veneno no rosto, e seus espasmos provocam terremotos.

Do mesmo modo que Satanás no Apocalipse de João, Loki deverá ficar aprisionado até o tempo da batalha final. Nela tomarão parte monstros de proporções físicas enormes, que com sua fúria levarão destruição a todo lugar, até subverter a ordem universal dos planetas.

Aqui começa a parte especificamente profética desta crônica bárbara sobre os destinos do mundo, que figura entre as mais espetaculares da literatura apocalíptica de qualquer tempo e país.

Ao término dos três invernos previstos da volva, irromperão nos céus lobos famélicos, que engolirão o sol e a lua, provocando a queda de todos os

outros astros e consequências terríveis sobre a terra, Tudo começará com a redução de antigos equilíbrios naturais: o famélico lobo Skoll, que das árvores do mundo seguia o curso do sol, conseguirá alcançá-lo e engoli-lo; o mesmo fará o lobo Hati, perseguidor da lua. Ao mesmo tempo, nos oceanos, a grande serpente do Midgard — assim chamada porque cinge o mundo inteiro dos homens mordendo o próprio rabo — se agitará enfurecida, provocando maremotos e inundações.

Sobre as águas agitadas aparecerá a horrível nave Nagifar, construída com as unhas dos mortos. Será pilotada pelo gigante Hrymir, maléfico príncipe do gelo e da noite. Obedecerão aos seus comandos os monstros das terras geladas, que formarão junto com os "gigantes da geada" e as criaturas dos infernos o exército do mal.

Sairá em campo inclusive Loki, libertado das suas correntes milenares. Acorrerão para engrossar as fileiras deste exército devastador a escória de uma humanidade degradada pelas torpezas dos últimos tempos.

O imenso lobo Fenrir, gerado por Loki e por uma mulher bicho-papão, irá escancarar as aberturas da terra até o céu, mordendo e devorando tudo que encontrar no seu caminho, enquanto a serpente espalhará o seu veneno pelo mundo.

Serão enfrentados pelos deuses do Valhalla, paraíso dos heróis, guiados por Odin. Combaterão ao seu lado os guerreiros caídos em batalha e as divinas walkirie montadas nos seus cavalos alados.

Odin investirá contra o lobo Fenrir a sua mágica Gungimir, arma de extraordinários poderes, que desta vez, porém, não ferirá o adversário. Fenrir de fato pegará o deus de surpresa, engolindo-o. A gula do monstro irá perseguir outro de seus filhos, Vidharr, que conseguirá porém levar a melhor, despedaçando-lhe as mandíbulas com uma bota reforçada de couro invulnerável. Thor matará a serpente do Midgard, mas sucumbirá por sua vez às exalações tóxicas da besta moribunda. Cairão em combate Freyr e Tyr, divindades da fartura e da guerra. Liquidarão a contenda Loki e Heimdall, conhecido como o "deus branco", que com sua corneta mágica tinha dado início à batalha chamando à formação as forças do bem.

Um incêndio consumirá a terra, iluminando com suas chamas a morte dos deuses. Sobreviverão, porém, Viddhar e Vali, filho de Odin o primeiro e de Loki o segundo, juntos com Modi e Magni, filhos de Thor, e armados com

o invencível martelo que pertenceu ao pai, eles se unirão na recordação das glórias perdidas, constituindo o embrião de uma nova teogonia.

Dividirão seus aposentos divinos com "os provados guerreiros" de Odin, destinados a gozar de prazeres infinitos. Serão também poupados das chamas dois seres humanos, Lif, cujo nome significa vida, e Lifthrasir, vida de desejo, para serem nutridos de orvalho na sagrada floresta de Hoddimir. Eles darão origem à estirpe feliz da nova idade de ouro.

Neste reino de paz renascerá o deus da inocência, para viver no novo Valhalla em companhia do seu matador Hodr, instrumento involuntário da maldade de Loki, definitivamente derrotada:

Baldr retorna e mora com Hodr,

o mal é banido da Terra...

Muitos interpretaram estes versos como alusão ao retorno do Cristo, depois do sacrifício, e ao advento da eterna paz cristã. É o que vale para muitas outras profecias escatológicas, todas de algum modo coincidindo pelos mais variados elementos.

O místico ramo de visco

Um chamado ao espírito da crucificação poderia também ser colhido nos versos que exaltam a sacralidade do "ramo sangüíneo", isto é, do galho de visco que serviu para matar o filho de Odin.

Tal como na cruz, instrumento do martírio de Cristo, de fato, a madeira que provocou a morte de Baldr se torna, segundo esta interpretação, objeto de culto. Para todos os eleitos, é uma relíquia dotada de grande força regeneradora, como os cravos ou os fragmentos da cruz.

Em tal sentido se explica a tradição que atribui poderes exorcísticos ao visco, considerado pelos antigos druidas como a planta mágica por excelência, indispensável aos seus ritos religiosos.

Mais surpreendente ainda, no que concerne à analogia com a revelação cristã, é a estrofe que conclui o canto:



Cenas do "crepúsculo dos deuses" sobre uma trompa escandinava do século XVIII.

Depois vem do alto para o grande juízo
o forte senhor que domina tudo:
a luta ele decide, compõe as discórdias
e dá as leis que duram eternamente.

A influência do texto evangélico é tão manifesta que faz surgir sérias dúvidas sobre a autenticidade desses versos, talvez acrescentados seguidamente por uma mão cristã. Muito se discutiu em torno do fato de que "o grande senhor" não tenha nome. Leitores ingênuos insistiram em poder extrair a conclusão de que a portadora da mensagem tenha sido uma maga ou vidente pagã, na prática uma bruxa, que por sua familiaridade

com os demônios não tivesse o poder de mencionar Cristo.

A druidesa e Diocleciano

À classe das sibilas nórdicas, de religião céltica, deve-se acrescentar uma certa druidesa de Tongres, florescente cidade da Gália belga à época da dominação romana, nas proximidades da atual Liège. Merece ser recordada, tanto por ser ignorado seu nome quanto pela particularidade da profecia que lhe foi atribuída.

Era o inverno de 270 d.C. e notáveis contingentes de tropas romanas estavam aquartelados em Tongres à espera da primavera. Alguns legionários se haviam alojado numa taverna no limiar do bosque, onde os druidas, sacerdotes da religião céltica local, costumavam celebrar seus ritos. Havia entre estes soldados um dálmata de bela aparência e físico robusto, com cerca de 25 anos de idade. Estava taciturno, isolado dos outros, comendo uma refeição frugal. Frugal demais — ou pelo menos assim pareceu à mulher que o observava curiosa das sombras, como atraída por um misterioso chamado — para um jovem de tanto vigor físico.

Assim, quando o legionário terminou a refeição e pagou a conta com uma moeda de cobre, a mulher dirigiu-lhe a palavra com uma ponta de ironia, como para chamar-lhe a atenção.

— Tu és sovina — disse. O legionário se virou, fitando-a nos olhos. A tradição diz que se tratava de uma bela mulher, de físico imponente, e que se vestia da maneira excêntrica dos magos celtas. O jovem dálmata viu-se então diante de uma criatura de ar selvagem e cabelos escorridos sobre os ombros, como convinha a uma freqüentadora da floresta sagrada, que provavelmente envergava "um curto manto negro zebrado de bandeirolas vermelhas, caindo sobre calças largas de flanela branca, e botas de couro, também brancas", cobrindo os ombros com "uma mantilha de lã grossa com xadrezes vermelhos".

Os circunstantes pareciam demonstrar um grande respeito por essa mulher de ar tão pitoresco e uma particular curiosidade pelo que tinha dito. Por isso fez-se um grande silêncio na taverna, rompido apenas pelo crepitar do fogo e pelo uivar do vento lá fora.

O legionário então, sentindo-se o centro da atenção geral, respondeu à

mulher com igual ironia:

— Serei mais pródigo — disse — quando me tornar imperador.

- Serás imperador - rebateu ela de imediato, continuando a fitá-lo —, quando matares o javali.

Ao dizer tais palavras, a mulher saiu e desapareceu na noite.

— Quem era? — perguntou o soldado aos presentes.

- Uma sacerdotisa que vive na floresta — responderam. — Passa todo o seu tempo debaixo de um carvalho sagrado, à espera das revelações divinas. Os deuses a usam para dispensar seus conselhos aos homens. Nunca se equivocou.

— Quando acontecer o que ela predisse — concluiu um outro —, lembre-se de Tongres.

A partir daquele momento, começou para o jovem dálmata, que se chamava Diocles, uma incessante caça ao javali. Onde quer que se encontrasse, dedicava-se a isso com um zelo maníaco, matando uma dezena deles. Nada, porém, acontecia que pudesse fazê-lo pensar, por mais remotamente que fosse, no cumprimento da profecia.

Sendo um bom servidor do Estado, dotado de um forte espírito militar além de coragem, ia sendo promovido, subindo na carreira. Mas não bastava acumular funções — por mais prestigiosas, como aquela de administrador do palácio imperial — para poder considerar crível a eventualidade prevista pela druidesa.

Os imperadores se alternavam em uma sucessão de delitos, e ele estava sempre junto a eles, mas sem levar qualquer vantagem. Caíram Aureliano, Tácito, seu irmão Floriano, Probo, Caro, seus filhos Carino e Numeriano, todos assassinados. Mas somente na morte deste último, em setembro de 284, em Calcedônia, Diocles teve a iluminação decisiva.

O jovem imperador tinha sido de fato apunhalado por seu padrasto Aper, que significa justamente javali. Era ele então a besta que teria de sacrificar para subir ao trono. Diocles (que havia latinizado o seu nome para Diocleciano) o fez pessoalmente, e o exército o aclamou imperador, Seu reinado foi funesto para os cristãos, que por dez anos sofreram perseguições cruéis.



14

Um abade “dotado de espírito profético”

Desde os primeiros séculos do cristianismo, teólogos e intérpretes das Escrituras se esforçam para entender o que significaria aquele prazo de mil anos que o Apocalipse de João indicava como o tempo da prisão de Satanás (20, 2-3), e o que aconteceria com a sua soltura (20, 7-10). Entre diversas interpretações prevalece a idéia de que aqueles mil anos representassem o limite extremo da tolerância divina às más ações dos homens, além do qual não haveria mais misericórdia para os pecadores.

Donde se deduz que a libertação do antigo inimigo significaria não só o início do confronto definitivo entre as forças do bem e do mal, mas também o juízo universal. E isso, no imaginário religioso da época, só podia significar o fim do mundo.

A disputa sobre o "milênio"

A perspectiva era tremenda só na aparência, dado que à catástrofe se seguiria o advento do reino de Deus, destinado a durar também mil anos. Este era o sentido profundo da promessa da qual nasceriam as teorias medievais milenaristas, dilaceradas entre felicidade e desespero, ânsia e terror, temia-se o fim, mas esperava-se o renascimento com indizível esperança. Uma felicidade milenar estava nos planos do Senhor. Entende-se por que era preciso superar as provações para ter acesso a ela.

O primeiro a formular explicitamente essa hipótese foi o bispo Papia di Girapoli por volta do ano 130, a menos de cem anos, portanto, da crucificação do Cristo e de quarenta da compilação do Apocalipse, nos seus cinco livros Exegeses da palavra do Senhor. Papia insistia em que,

com o fim do mundo, o cristianismo triunfaria definitivamente sobre a morte: teria início um milênio de beatitude plena e a terra seria transfigurada por dádivas do Senhor.

Houve dissensões sobre esta interpretação materialista do reino de Deus à qual se contrapuseram formas de gnosticismo cristão, tendentes a ler a mesma mensagem em termos simbólicos, como o anúncio de uma renovação interior do homem.

Juízos conflitantes foram expressos em relação a Papia pelos mestres da cristandade primordial. Eusébio de Cesaréia, considerado "o pai da história eclesiástica", o classificou prontamente como indivíduo de inteligência curta. Da mesma opinião foi santo Agostinho, orientado por uma leitura alegórica do Apocalipse, bem distante das promessas materiais de Papia.

Outros padres da Igreja, porém, ficaram do lado de Papia, reconhecendo que em sua Exegese ressoava o eco do ensinamento evangélico, amorosamente filtrado através do testemunho dos anciãos. Pontificaram em tal sentido são Justino e os apologistas Tertuliano, Militão de Sardes e Teófilo de Antioquia.

Um papel decisivo na afirmação deste milenarismo nascente foi representado pelo líder da comunidade asiática transmigrada para Lyon, Irineu, bispo daquela cidade e já discípulo de Papia, divulgador apaixonado dos seus escritos. E, embora Papia tenha sido o primeiro a falar, é Irineu quem é considerado o verdadeiro pai histórico do pensamento milenarista, chamado também quiliasta, do grego chilíoi, que significa mil.

A disputa abordou a própria autenticidade do Apocalipse de João, sobre o qual também Eusébio exprime reservas, dando espaço na sua História eclesiástica à opinião de Dionísio de Alexandria, dito o Grande, que o julgava uma obra de estilo por demais confuso e incompreensível para poder ser atribuída ao quarto evangelista. Chega-se assim a sustentar que fossem dois Joões, e que a confusão derivou da existência das tumbas de ambos em Éfeso. Mas o nó central da polêmica foi a contraposição entre aqueles que insistiram em poder interpretar a mensagem apocalíptica, como algo destinado a realizar-se "aqui e agora", de maneira tangível, e aqueles que em vez disso se esforçaram por lê-la em um sistema metafórico.

Hereges e santos

Foi esse o prólogo de uma diversidade dilacerante que, depois de se projetar por toda a Idade Média no interior da comunidade cristã, com fortes conseqüências nos séculos seguintes, sobretudo, à época da Reforma, reaflore hoje entre todas que esperam o cumprimento de antigas profecias ao fim do milênio, olhando para os eventos futuros com o ânimo condicionado pelas mais variadas sugestões.

Na prática, tratou-se de um contraste ideológico, pois o advento real de uma nova ordem — e a perspectiva de que pudesse projetar-se mil anos — tinha implicações revolucionárias, inquietante tanto para os detentores do poder religioso quanto do temporal. Ao que se opuseram, por isso, soberanos e pontífices, hostilizando qualquer ilusão sobre a realização daquela que os devotos chamavam de a Jerusalém Celeste.

Os hussitas na Boêmia e os anabatistas na Alemanha fizeram um uso revolucionário do milenarismo. Os primeiros fundiram vontade de independência nacional e espírito de reforma religiosa, rebelando-se duplamente contra o papa e o imperador. Os segundos fundaram em Münster o "reino da Nova Jerusalém". Foram perseguidos e exterminados em massa, uns e outros, com os próprios líderes. Sua visão do mundo sobrevive até hoje nos movimentos protestantes dos mórmons, dos adventistas, dos batistas e dos pietistas.

Sensíveis ao apelo milenarista foram também, em ampla medida, místicos e videntes de fé católica. Suas profecias tiveram uma influência relevante sobre pregações e digressões da teologia medieval. Elas foram de todos os gêneros. Sentenças de tom oracular sobre os destinos do mundo foram pronunciadas por grandes santos, como Francisco de Assis e Brígida de Uppsala, Margherita de Cortona e Catarina de Siena. Em muitos casos, todavia, a miragem milenarista provocou fenômenos de integralismo religioso, julgados heréticos pela Igreja.

Isso acontece, sobretudo, quando os excessos dos penitentes e a intransigência mendicante de certos pregadores chegam ao ponto de comprometer os equilíbrios sociais e, mais do que nunca, a unidade religiosa. Impiedosa foi então a reação civil e eclesiástica que se abateu com particular violência sobre monges proscritos por zelo de pobreza pela

ordem franciscana (os espirituais, chamados também fradinhos, irredutivelmente polêmicos em relação aos luxos pontificais) e por outras comunidades monásticas.

Especialmente feroz foi a perseguição contra Gherardo Segarelli e a seita dos apostólicos, chamados depois dolcinianos, quando o discípulo Dolcino Tornielli sucedeu o mestre (queimado vivo em 1296). Também Tornielli — inadequadamente chamado "frade Dolcino", pois nem frade era — acabou na fogueira (em 1307), após ter resistido no monte Zebello, com a própria companheira Margherita e cinco mil seguidores, ao assédio de um exército enviado pelo papa Clemente V

Dante Alighieri tem palavras de reprovação contra Dolcino (Inferno, XXVIII, 55-60), ao passo que manifesta uma admiração devota por Joaquim da Fiore (Paraíso, XII, 136-138), fundador também ele de uma fraternidade destinada a criar perturbação no mundo católico por sua forte vocação escatológica, mesmo tendo tido, ao contrário dos outros, a aprovação do papa Celestino III. Mas a diferença entre Joaquim e os outros pregadores milenaristas não reside tanto no reconhecimento obtido da Igreja — que por certo lhe teria faltado se ao menos o pontífice tivesse podido prever os efeitos do seu pensamento, inspirador entre outras coisas da rebelião dos fradinhos—quanto na complexidade filosófica que o seu desígnio profético soube exprimir.

É nesta perspectiva que encontra justificação o admirado juízo que Dante faz do "abade calabrés Joaquim, dotado de espírito profético”.

A revolução cristã de Joaquim da Fiore

As profecias de Joaquim da Fiore, monge cisterciense que viveu na Calábria entre 1130 e 1202, articulam-se num sistema temporal que divide a história da humanidade, em três grandes eras, dominadas respectivamente pelo Deus Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. A primeira devia considerar-se inspirada pelas leis do Antigo Testamento, a segunda, pelo espírito evangélico do Novo e a terceira — que preconizava o advento dali a poucos decênios, em 1260 —, pelas leis universais do amor.

Teria tido início com o advento desta última uma época de liberdade, depois da servidão das duas primeiras, Mas o que historicamente criava

maiores expectativas no povo cristão - e inquietação entre as autoridades eclesiásticas — era o anúncio do triunfo iminente de uma nova Igreja do Espírito Santo, em lugar daquela vinculada às hierarquias tradicionais. Teria caracterizado esta fase de passagem o nascimento de uma nova grande ordem religiosa, destinada a desenvolver um papel decisivo na história da Igreja.

Os franciscanos heréticos do movimento espiritual reconheceram-se nessa profecia, tomando a si a tarefa de enfrentar "a última e mais terrível prova do Anticristo", em nome da renovação em andamento. Encontrarão assim um motivo digno para suportar as terríveis perseguições a que serão submetidos. Muitos desses fradinhos, antes de serem mandados à fogueira, serão pregados pela língua às portas das igrejas, querendo-se assim enfatizar a gravidade das coisas pregadas por eles.

No momento em que Joaquim transcreve as suas profecias em obras de forte conotação simbólica, como o Comentário ao Apocalipse e a Concordância entre o Antigo e o Novo Testamento, a alternativa está para ser cumprida com base em uma contagem precisa. Joaquim afirma que a primeira época se estende desde o tempo de Abraão até o de Cristo num total de 42 gerações, fixando a genealogia bíblica. Outras 12 gerações devem, portanto, passar para que se cumpra a segunda época. Calculando então um razoável tempo de trinta anos para cada geração, estabelece que a data fatídica deva se concretizar em 1260. E como fórmula tais vaticínios no final do século XIII é certo que faltavam apenas duas únicas gerações (sessenta anos, exatamente) para o cumprimento do seu desígnio escatológico.

Suas convicções são corroboradas pelo significado que, vez por outra, ele atribui aos grandes símbolos apocalípticos. As 42 gerações correspondem aos meses de vida da besta, os gafanhotos são os hereges patarinos, os sete anjos do juízo representam outros tantos momentos históricos. Enfim, a mulher ameaçada pelo dragão, passa 1.260 dias no deserto, depois de ter dado à luz a criança que "deverá governar todas as nações com o bastão de ferro" (Apocalipse, 12, 6). Mas por trás desse véu hermético o seu discurso é simples e suscita uma apaixonada espera entre os fiéis, perturbando os círculos intelectuais mais evoluídos da cristandade medieval.

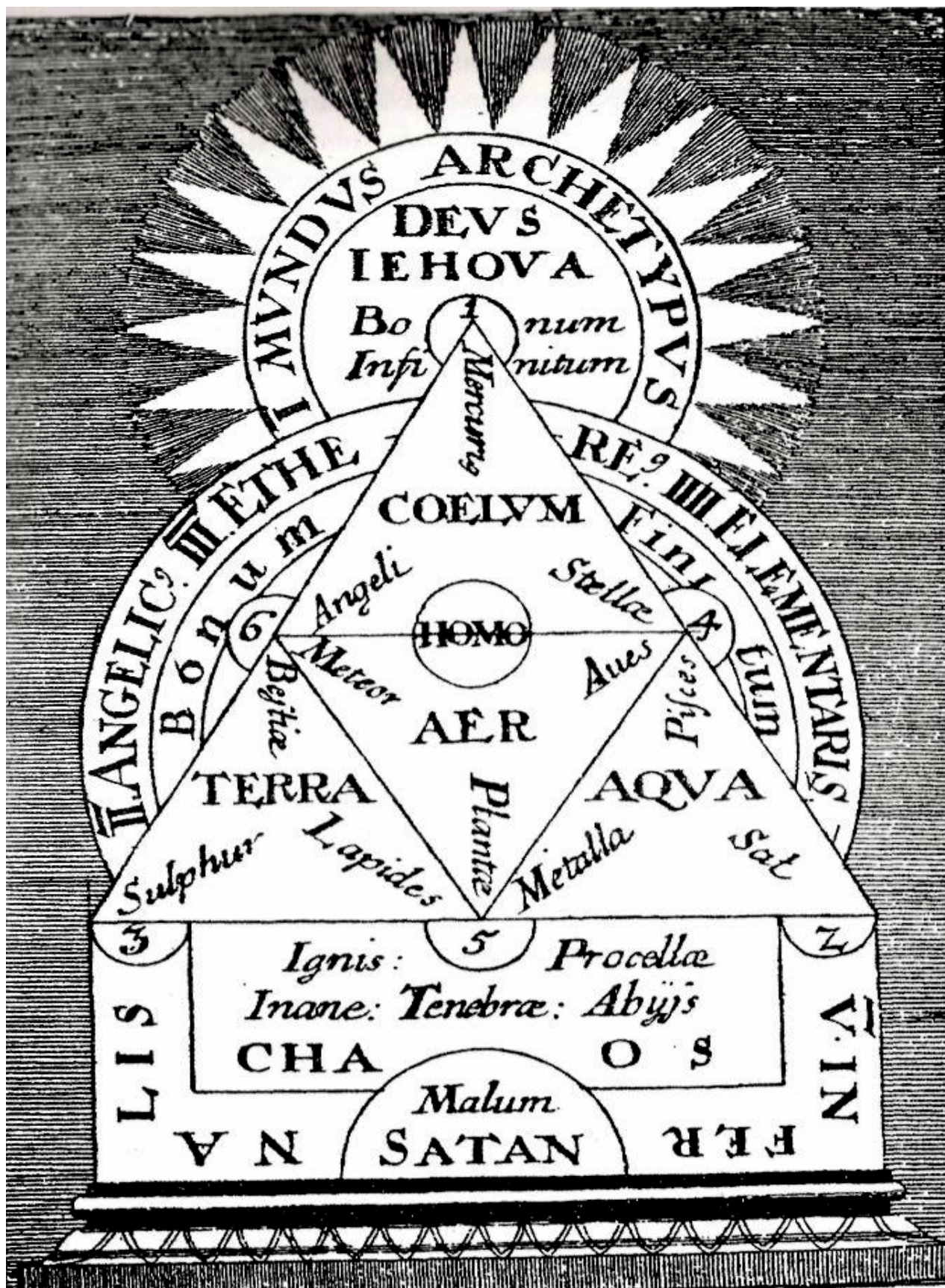
Para o monge cisterciense a revolução cristã não se realizou como deveria.

Não se realizou na fase que aconteceu a revelação de Jesus nem na seguinte. Não se realizou no evento triunfal da criação, gerido pelo Pai, nem na instauração da ordem social proclamada pelo Filho. Deverá, portanto, cumprir-se ao final do prazo indicado, por intervenção do Espírito Santo, ou seja, daquela terceira pessoa que pela verdade de fé procede das duas primeiras. Não será, porém, herança exclusiva desta última, mas de toda a Trindade, em coerência com o dogma que sanciona a unidade das três figuras; e que, se contrariado, exporia Joaquim à acusação de heresia. Nas visões do profeta a nova era exprime um retorno à pureza original do estado edênico, infância da humanidade: "O primeiro período pertence aos velhos, o segundo aos jovens, o terceiro às crianças. (...) No primeiro era-se dominado pelo temor, no segundo se repousa na fé, no terceiro se arde de caridade."

Um véu de poeira genuína caracteriza a descrição do que aconteceu ao homem e do quanto ainda está para acontecer: "No primeiro [período] reluziam as estrelas, no segundo clareava a aurora, no terceiro resplandecerá o dia. O tempo do primeiro é o universo, do segundo a primavera, do terceiro o verão. No primeiro floresce a urtiga, no segundo a rosa, no terceiro o lírio. (...)"

Dante, "fiéis do amor" e rosa-cruz

É compreensível o interesse que Dante manifestou por Joaquim da Fiore, se considerarmos que ambos eram presumivelmente ligados a cenáculos esotéricos fortemente interessados em um projeto de renovação universal. Enquanto monge cisterciense, Joaquim tinha ideais e aspirações próximas àquelas da ordem templária, que havia recebido de são Bernardo de Claraval os seus preceitos. Dante, por sua vez, enquanto fiel do amor, era com toda probabilidade iniciado numa doutrina secreta que tinha muitos pontos de contato com os templários. Significativo é, além disso, que sejam ambos considerados — Joaquim da Fiore pela sua visão escatológica, Dante pelo uso que faz no paraíso de símbolos como a águia da justiça divina e a rosa dos beatos — precursores do movimento rosa-cruz.



Representação hermética do universo como emanção divina.

Vestígios das visões de Joaquim podem ser rastreados, ao longo de quatro séculos, em algumas obras chave da cultura dos rosa-cruz, tais como a *Fama fraternitatis* (1614) e o *Confessio fraternitatis* (1615), atribuídas ao pastor luterano Valentin Andreae, animador de uma seita de Tubinga direcionada à alquimia, depois fundador de grupos denominados "uniões cristãs", de inspiração teosófico-utopista,

Na *Fama* vinha enunciado o credo da ordem dos rosa-cruz, que reconduzia à afirmação de que "de Deus se nasce, em Jesus se morre, no Espírito Santo se ressurge", relatada em um escrito (*ex Deo Nascimur, in Jesu morimur, in Spiritum Sanctum reviviscimus*) colocado no sepulcro imaginário do cavaleiro Christian Rosenkreuz, lendário fundador da ordem oculta Rosa-Cruz. A parte mais significativa da *Fama*, sob o perfil esotérico, referia-se à descoberta metafórica do sepulcro no qual jazia, circundado por livros, espelhos mágicos, hieróglifos e outros símbolos de sapiência arcaica, o seu corpo intacto e iluminado por uma lâmpada eterna. Impõe-se justamente acima deste cenário redundante de emblemas antigos o Credo aqui citado, correspondente nos seus elementos essenciais à perspectiva escatológica de Joaquim da Fiore.

Elementos mais especificamente apocalípticos estavam em vez disso presentes no *Confessio fraternitatis*, síntese divulgada da *Fama*. De particular interesse, em termos filosóficos e religiosos, era pois a tentativa, por parte do enigmático pastor Andreae, de considerar o "ponto Ômega" da história como emanção e evolução do "ponto Alfa" ou "Arquétipo dos arquétipos", isto é, Deus, do qual tudo provém.

A obsessão do conto às avessas

A sensação provocada pelas profecias de Joaquim da Fiore, dois séculos depois da virada fatídica do ano 1000, demonstra como foram radicais um dia as fobias milenaristas na consciência ocidental. Não bastou remover a superação da hora que todos insistiam ser a do fim do mundo.

Haviam alimentado o grande medo, com a aproximação da data presumida do Apocalipse de João, as homílias assustadoras de pregadores que colhiam em qualquer lugar sinais da iminente catástrofe, enfatizando-lhe o horror aos olhos da população aterrorizada. Aos excessos visionários

sobrepunham-se depois eventos reais de alcance trágico, dos quais as crônicas da época dão ampla descrição: escassez, pestilência, saques e violência de todo tipo. Nasce neste período lendas horríveis, como aquelas das orcas que devoram os meninos, originadas das atrocidades cometidas pelos húngaros nas suas incursões. Vikings e sarracenos aterrorizam os habitantes do litoral. Doenças contagiosas se espalham em tais proporções que dizimam várias vezes a população da Europa. A fome em muitas regiões induz os homens ao canibalismo, um costume alimentar que a memória histórica da Europa banira, mas que durante a primeira cruzada era ainda praticado entre as fileiras dos andrajosos em guerra.

Servem de contraponto a esses horrores as obras de piedade e expiação. Peregrinos e penitentes percorrem as estradas do mundo conhecido, alguns se dirigindo para os lugares santos, outros sem rumo, entoando litânias e flagelando-se. Novas igrejas são construídas, cresce a população dos conventos, heranças e doações afluem com cada vez mais freqüência e generosidade aos cofres das ordens religiosas, das abadias, dos santuários. Sem um objetivo aparente, uma vez que até um concílio (em Trosby, no ano de 909) confirma que o mundo está para acabar.

Jamais na história uma profecia teve tal peso e influência sobre o comportamento humano como a revelação apocalíptica nas suas várias interpretações, ao aproximar-se do ano 1000. A cronologia incerta e os erros determinados por uma contagem aproximada dos anos, com freqüência, relacionados a parâmetros profanos, como o nascimento de um imperador, o advento de uma dinastia, a fundação de uma cidade, aumentam a confusão determinada pelo pânico, fazendo assim com que o temido encontro viesse a cair em épocas e lugares diferentes, segundo o quanto permitia o nível de cultura histórica e científica das populações envolvidas. E quando o ano 1000 passou, em vez de soltarem um suspiro de alívio, teólogos e devotos começaram a se perguntar em que haviam errado os seus cálculos e sobre que bases deveriam elaborar os novos cálculos para determinar o dia, de qualquer modo inevitável, do juízo final. Imaginaram assim variantes sobre as contas até então efetuadas, reabilitando o parecer do venerável Beda, monge inglês renomado pela sua vocação enciclopédica, segundo o qual o milênio deveria decorrer não do nascimento, mas da morte de Cristo. Deduz-se que o fim do mundo

aconteceria em 1033. Outras teorias foram elaboradas sucessivamente, manipulando com a mais bizarra desenvoltura os números dos apocalipses e as datas consideradas de particular interesse religioso, enquanto outros pregadores se ocupavam em manter viva a tensão do imaginário popular, sobretudo ao final de cada século,

Em um desses momentos de passagem coloca-se a atividade divinatória de Joaquim da Fiore, que foi o mais representativo dos profetas milenaristas, graças também a sua capacidade surpreendente de prever acontecimentos comuns, facilmente verificáveis pelas massas, como a morte do imperador Henrique VI e a queda do reino da Sicília, geograficamente vizinha a sua Calábria.

Deve-se dizer que, embora gozando em vida de alta consideração junto ao papa, que deu o seu reconhecimento à congregação por ele fundada em Fiore em 1196, Joaquim ganhou depois de sua morte um indício de heresia. Quem arcou com as conseqüências foram os seus discípulos, chamados gioacchimitas, que foram perseguidos em diversas ocasiões. A bem da verdade, deve ser dito que isso acontece não tanto por causa da mensagem profética de Joaquim quanto pelos excessos polêmicos dos gioacchimitas em relação à Igreja oficial, que deveria ser expulsa da nova Igreja do Espírito Santo.

De tais excessos — e das perseguições conseqüentes — foram trágicos protagonistas, como se viu, os apostólicos, os dolcinianos e os fradinhos.



15

O Último Papa

Um lugar todo especial entre os videntes medievais é ocupado pelo irlandês Malaquias, bispo e santo católico, cujo nome em gaélico soa Mael (Malachy) Maedos Ua Morgair (O'Morgair). A ele são atribuídas espantosas profecias sobre papas, que têm a particularidade de antecipar, por meio de uma epígrafe específica para cada pontífice, as características mais salientes do seu pontificado, em referência tanto à sua pessoa quanto ao contexto geral dos eventos. Algumas são totalmente herméticas e não é possível dar-lhes um sentido, senão através de interpretações artificiosas, mas em sua grande maioria exprimem um significado consumado, agilmente reconduzível ao pontífice do qual se fala.

Malaquias, que viveu entre 1094 e 1148, enumera 112, inclusive alguns antipapas, a partir do seu tempo. O primeiro é Celestino II, papa nos anos 1143 e 1144. O último é indicado com a epígrafe *Petrus romanus*, e, de acordo com a profecia, deveria concluir o arco dos romanos pontífices, portanto também da Igreja e — segundo crenças remotas — da cidade de Roma. Aumenta o sentido apocalíptico de uma predição semelhante a existência de antigos oráculos, antecedendo Malaquias em vários séculos, que vinculavam a sorte de Roma e do mundo a um único destino.

Enquanto durar o Coliseu

Outro grande iniciado da magia do além, o venerável Beda, que viveu quatrocentos anos antes, havia predito que Roma só existiria até quando durasse o Coliseu, e que, uma vez acabada Roma, o mundo também acabaria:

Coliseus stabit et Roma.

Quando cadet Coliseum, cadet et Roma.

Quando cadet Roma, cadet et mundus.

"O Coliseu resistirá e também Roma. Quando cair o Coliseu, cairá também Roma. Quando cair Roma, cairá também o mundo."

(O fim de Roma (e da Igreja, dos seus pontífices) significava, portanto, nesta ótica, o fim do mundo. Vaticínio idêntico as sibilas haviam legado à posteridade, segundo uma tradição retomada da literatura cristã dos primeiros séculos. Também o havia divulgado o cartaginês Tertuliano, um dos escritores mais rigorosos da África cristã, antes de romper com a Igreja para aderir à heresia de Montano, que pregava já então (ao findar do século II) um retorno à fé original.

A profecia permaneceu viva no imaginário popular romano de qualquer época. Tanto é que, no início deste século, versos lapidares lhe foram dedicados por um poeta dialetal famoso à época, Luigi (Giggi) Zanazzo, cujo busto enegrecido ornamenta hoje uma esquina do bairro histórico Campitelli, aos pés do Campidoglio.

Quanno er Coliseo crollerà

Tutto er monno s'a da scapicollà.

A espantosa queda, de acordo com as profecias de Malaquias, deveria estar próxima, pois não restou mais que um único papa entre o atual pontífice João Paulo II (número 110 da lista) e Petrus Romanus (112, o último). O mistério conclusivo do oráculo está, portanto, destinado a ser desatado somente depois da morte do sucessor de Wojtyła.

É difícil não ler em sentido altamente dramático a atribuição metafórica do nome Pedro ao último pontífice — chamado também por certos autores de Petrus secundus —, como a querer necessariamente indicar o encerramento de um ciclo inaugurado vinte séculos atrás pelo primeiro vigário de Cristo. De fato, não podem ser ignorados os motivos profundos pelos quais aquele nome nunca mais foi retomado por nenhum dos sucessores de Pedro. Mas damos agora ao oráculo de Malaquias uma olhada que permita relevar a desconcertante adesão de suas definições à imagem histórica e humana de cada pontífice. Com especial relação aos últimos, que por sua colocação temporal reentram no grande entrecho escatológico de fim de milênio.



Cristo e a Virgem, com os apóstolos Paulo e Pedro, sobre a porta central em bronze de São Pedro. É uma das cinco encomendadas por Eugênio IV ao Filarete, primeiro exemplo da arte renascentista em Roma.

Os 112 Pontífices de Malaquias

As frases são ordenadas segundo a cronologia dos papas aos quais se referem. Nem sempre é a tradução literal que dá o sentido da profecia, mas sim o chamamento do pontífice pelo cognome e as suas conotações heráldicas, seu lugar de origem, aos cargos exercidos ou qualquer outro detalhe da sua existência.

1. Ex castro Tiberis (Do castelo do Tibre). Celestino II (1143-1144) provinha de Città di Castello, sobre o Tibre. Também o seu nome profano, Guy du Chatel, sublinhava esta procedência.
2. Inimicus expulsus (Inimigo caçado). Lúcio II (1144-1145) pertencia à família bolonhesa dos Caccianemici. A epígrafe soa como uma tradução exata do cognome.
3. Ex magnitudine montis (Da grandeza do monte). Eugênio III (1145-1153) nasceu em Monte Magno, perto de Pisa.
4. Abbas suburrannus (O abade da Suburra). Anastácio IV (1153-1154) se chamava Corrado Suburri, isto é, da Suburra.
5. De rure albo (Do campo branco). Adriano IV (1154-1159) era originário da aldeia inglesa de Saint Alban e foi bispo da diocese de Alba. A epígrafe pode também querer aludir às túnicas brancas dos canônicos de Saint Ruf, da qual foi abade.
6. Ex ansere custode (Guardião do ganso). Alexandre III (1159-1181) chamava-se Rolando Papero Bandinelli. Mas a alusão poderia também relacionar-se à proteção exercida sobre o Campidoglio, juntamente com os tradicionais gansos capitolinos, contra o Imperador Frederico Barba-Ruiva.
7. Ex tetro carcere (Do escuro cárcere), Vítor IV, antipapa (1159-1164), foi cardeal de San Vittore no Cárcere. A epígrafe pode também referir-se à prisão na qual encarcerou por certo tempo o legítimo papa Alexandre III.
8. De via Transtiberina (Da via trasteverina, ou além do Tibre). Pascoal III, antipapa (1164-1168), foi cardeal de Santa Maria no Trastévere. Foi também protagonista de várias fugas para o outro lado do Tibre.
9. De Pannonia Tusciae (Da Hungria à Túscia). Calixto III, antipapa (1168-1178) proveniente da Hungria, foi cardeal de Túsculo.
10. Lux in ostio (A luz na foz). Lúcio III (1181-1185) pertencia à família

dos Allucignoli, daí a referência à luz, e foi bispo de Ostia, que contribuiu também para a assonância na epígrafe.

11. *Sus in cribro* (O porco no crivo). Urbano III (1185-1187) provinha da família dos Crivelli e tinha sobre o brasão um porco em uma joeira ou crivo.

12. *Ensis Launntiis* (A espada de Lourenço). Gregório VIII (1187) foi cardeal de São Lourenço em Lucina e trazia uma espada no brasão.

13. *De schola exiet* (Saído da escola). Clemente III (1187-1191) provinha da família dos Scholari.

14. *De rure bovensis* (Da campina de Bovi). Celestino III (1191-1198) era um Orsini do ramo dos Bovoni, proprietários de terra na campina de Bovi.

15. *Comes signatus* (O conde assinalado). Inocêncio III (1198-1216) descendia dos condes de Segni e tinha por epígrafe a invocação bíblica: "Senhor, dai-me um sinal da vossa benevolência."

16. *Canonicus de latere* (Canônico ao lado, ou ao flanco). Honório III (1216-1227) foi canônico em Laterano.

17. *Avis ostiensis* (O pássaro de Ostia). Gregório IX (1227-1241) tinha uma águia no brasão e era cardeal de Ostia.

18. *Leo sabinus* (O leão sabino). Celestino IV (1241) foi bispo de São Marcos, daí a referência ao leão, e depois de Sabina. Tinha, além disso, um leão no emblema.

19. *Comes Laurentius* (O conde Lourenço). Inocêncio IV (1242-1254) era o conde Lourenço Sinisbaldi dos Fieschi. Foi também cardeal de São Lourenço em Lucina.

20. *Signum ostiense* (O signo de Ostia). Alexandre IV (1254-1261) pertencia aos condes de Segni e foi bispo de Ostia.

21. *Hierusalem Campaniae* (Jerusalém de Champagne). Urbano IV (1261 - 1264) era natural de Troyes, no departamento de Champagne, e foi patriarca de Jerusalém.

22. *Draco depressus* (O dragão esmagado). Clemente IV (1265-1268) tinha adotado o brasão dos guelfos, retratando uma águia que esmaga um dragão (símbolo gibelino) sob suas garras.

23. *Anguineus vir* (O homem da serpente). Gregório X (1271-1276) era um Visconti de Piacenza, em cujo brasão destaca-se a serpente que prende um homem na garganta.

24. *Concionator gallus* (O pregador francês). Inocêncio V (1276) foi um dos mais persuasivos pregadores transalpinos.
25. *Bônus comes* (O conde bom). Adriano V (1276) chamava-se Ottobono, dos condes Fieschi.
26. *Piscator tuscus* (O pescador tosco). João XXI (1276-1277) tinha por nome de batismo Pedro, como o apóstolo pescador, foi bispo de Túsculo e morreu na Túscia, em Viterbo.
27. *Rara composita* (A rosa composta). Nicolau III (1277-1280) foi cognominado *Compositus* pelos seus esforços em compor cada disputa religiosa. Leva por isso em grande conta a necessidade de ditar regras certas às ordens religiosas e criou uma célebre bula, para impor a pobreza aos franciscanos. Tinha também uma rosa no brasão.
28. *Ex telonio liliacei Martini* (Do banco do liliáceo Martinho). Martinho IV (1281-1285) foi por muitos anos o tesoureiro de San Martin de Tours, cidade dominada pela dinastia francesa dos Capetos, assinalada heraldicamente por lírios (liliacea). Aparece estranhamente na epígrafe, além do nome da localidade, aquele que assumirá como pontífice.
29. *Ex rosa leonina* (Da rosa leonina). Honório IV (1285-1287) tinha no brasão de família dois leões levando rosas.
30. *Picus inter escas* (O pica-pau entre os chamados). Nicolau IV (1288-1292) provinha de Ascoli Piceno. Diz-se que seus primeiros habitantes tinham tomado o nome de um pica-pau (*picus*) que aparece nos seus brasões.
31. *Ex eremo celsus* (Elevado do ermo). Celestino V (1294) foi elevado ao trono pontifical da sua condição de eremita, à qual por outro lado quis retornar depois de ter expresso aquilo que Dante chama de "grande renúncia".
32. *Ex undarum benedictione* (Da benção das ondas). Bonifácio VIII (1294-1303) chamava-se Benedito e tinha no brasão faixas azuis onduladas.
33. *Concionatur patareus* (O pregador de Patara). Benedito XI (1303-1304) pertencia à ordem dos frades pregadores e tinha como santo padroeiro Nicolau, nascido em Patara, na Lícia.
34. *De fasciis aquitanicis* (Das faixas de Aquitânia). Clemente V (1305-1314) era natural da Gasconha, na Aquitânia, e tinha no brasão vistosas

faixas douradas.

35. De sutore osseo (Do sapateiro de ossos). João XXII (1316-1334) era filho de um sapateiro, que se chamava Deuse (ou d'Euse).

36. Corvus schismaticus (O corvo cismático). Nicolau V, antipapa (1328-1330), era natural de Corvara, perto de Rieti. A alusão é reforçada pela referência ao cisma que o papa promoveu.

37. Frigidus abbas (O frio abade). Benedito XII (1334-1342) foi abade do mosteiro de Fontanafredda (Font-froid) na diocese de Narbona.

38. Ex rosa atrebatensi (Da rosa de Arras). Clemente VI (1342-1352) foi bispo de Arras, chamada pelos antigos celtas de Atrebat. Tinha o brasão salpicado de rosas.

39. De montibus Pammachii (Dos montes de Pammachio). Inocêncio VI (1352-1362) teve o título cardinalício de Pammachio. No seu brasão destacavam-se seis montes.

40. Gallus vicecomes (O visconde francês). Urbano V (1362-1370) tinha o título de visconde e era francês de nascimento. Foi também núncio apostólico junto aos Visconti de Milão.

41. Novus de virgine forti (Novo da virgem forte). Gregório XI (1370-1378) cumpriu um ato de renovação à época transferindo o papado de Avinhão para Roma por incitação de Catarina de Siena, uma virgem forte, que o havia severamente advertido a comportar-se como homem forte ("Sede viril, Santidade"). E de se destacar também que antes de ser papa foi cardeal de Santa Maria la Nova, em Nápoles, mas é uma motivação menor em relação à primeira.

42. De cruce apostólica (A cruz apostólica). Clemente VII, antipapa (1378-1394), tinha uma cruz no próprio brasão e foi cardeal do título dos Doze Apóstolos. Mas cruz apostólica pode ser entendida também como sofrimento da Igreja pelo cisma por ele provocado.

43. De inferno praegnanti (Do inferno à mulher grávida). Urbano VI (1378-1389) pertencia à família dos Pregnani, cujo nome remete ao termo latino de gravidez, e havia nascido em uma localidade chamada Inferno, em Nápoles.

44. Cubus de mixtione (Cubo da miscelânea). Bonifácio IX (1389-1404) tinha muitos cubos sobre o brasão, que davam a impressão visível de se misturarem, sobrepondo-se uns aos outros. Além da interpretação

heráldica, pode-se extrair uma explicação simbólica da pedra (o cubus) sobre a qual apoiava-se o edifício da Igreja, composto por um conjunto (mixtione) e elementos diversos.

45. Luna cosmedina (Lua de Cosmedin). Benedito XIII, antipapa (1394-1423), chamava-se Pedro de Luna e foi cardeal de Santa Maria em Cosmedin.

46. De meliore sidere (A melhor estrela). Inocência VII (1404-1406) pertencia à família Migliorati e tinha por emblema heráldico uma estrela luminosa.

47. Naula de Ponte Nigro (Navegante de Ponte Negra). Gregório XII (1406-1415) foi cardeal de Negroponte. O atributo de navegante (nauta) refere-se à sua origem veneziana. Malaquias o usará também para João XXIII, enquanto patriarca de Veneza.

48. Flagellum solis (O flagelo do sol). Alexandre V, antipapa (1409-1410), exasperou o cisma, agravando aquilo que era considerado pela Igreja um flagelo. Tinha um sol sobre o brasão.

49. Cervus sirenae (O cervo da sereia). João XXIII, antipapa (1410-1415), provinha de Nápoles, cidade simbolizada na Antigüidade pela sereia Partenope. Foi depois cardeal de santo Eustáquio, que tinha por emblema um cervo.

50. Columna veli aurei (A coluna do velocino de ouro), Martinho V (1417-1431), da família Colonna, foi cardeal de San Giorgio del Velo d'oro.

51. Schisma barcinonicum (O cisma de Barcelona). Clemente VIII, antipapa (1424), provinha de Barcelona, onde tinha amadurecido a sua decisão cismática.

52. Lupa coelestina (A loba celestina). Eugênio IV (1431-1447) foi canônico dos celestinos e tinha uma loba no brasão.

53. Amator crucis (Amante da cruz). Félix V, isto é, Amedeo de Savóia, antipapa (1440-1449), ligou-se à fé por uma paixão atormentada e contraditória. Tinha sobre o brasão a cruz de sua linhagem.

54. De modicitate lunae (A modéstia da lua). Nicolau V (1447-1455) teve nascimento humilde em Sarzana, que tem por sua vez origem da romana Lua.

55. Bos pascens (O boi no pasto). Calixto III (1455-1458) ostentava sobre as próprias insígnias um boi no pasto, tradicional emblema dos Borgia.

56. De capra et albergo (Da cabra e do albergue). Pio II (1458-1464) foi secretário das famílias Capranica e Albergati.
57. De cervo et leone (O cervo e o leão). Paulo II (1464-1471) foi bispo de Cervia e cardeal de São Marcos, o evangelista do leão alado. O leão remete também ao seu brasão gentílico.
58. Piscator minorita (O pescador menorita). Sisto IV (1471 -1484) era filho de pescadores ligúrios e frade menor.
59. Praecursor Siciliae (O precursor da Sicília). Inocêncio VIII (1484-1492) tinha o nome de João Batista, precursor de Cristo, e foi núncio apostólico na corte de Fernando I de Castela, rei da Sicília.
60. Bos Albanus in porto (O boi albano no porto). Alexandre VI (1492-1503) traz sobre o trono de Pedro o tradicional boi heráldico dos Borgia. Mas a epígrafe de Malaquias fornece desta vez duas indicações a mais, em relação a Calixto III, evocando os períodos episcopais no Porto, em Portugal, e depois em Albano, perto de Roma.
61. De parvo homine (O pequeno homem). Pio III (1503) era um Piccolomini.
62. Fructus Iovis iuvabit (O fruto de Júpiter amadurecerá). Júlio II (1503-1513) era fruto da dinastia do carvalho (della Rovere), árvore sagrada para Júpiter, retratada também no seu brasão. Teve virtudes políticas e militares que serviram (deram frutos) às fortunas da Igreja. Mas a digressão mitológica pode também querer aludir a sua paixão pela arte clássica.
63. De graticula politiana (Da grade poliziana). Leão X (1513-1521) era filho de Lourenço de Médici e discípulo do Poliziano. A grade recorda justamente o martírio do santo de batismo paterno.
64. Leo Florentius (O leão Florent). Adriano VI (1522-1523), de origem holandesa, se chamava Florent. Tinha no brasão um leão flamengo.
65. Flos pilae aegrae (A flor da coluna frágil). Clemente VII (1523-1524) tinha por emblema a flor medíceo. A coluna frágil é provavelmente a Igreja vacilante sob o seu pontificado por causa do cisma na Inglaterra, provocado por sua oposição ao divórcio de Henrique VIII.
66. Hyacinthus medicorum (O jacinto dos Médici). Paulo III (1534-1549), da família Farnese, cujo brasão era adornado por seis jacintos, sucedeu a um papa dos Médici, após tê-lo servido com muita fidelidade. Mas a epígrafe poderia também referir-se ao título cardinalício dos santos Cosme

e Damião, doutores em medicina, e que lhe foi conferido antes de assumir o trono.

67. De corona montana (Da coroa os montes). Júlio III (1550-1555) chamava-se Giovanni Maria del Monte, era nascido em Monte San Savino e tinha três montes coroados de louros no brasão.

68. Frumentum floccidum (Frumento estéril). Marcelo II (1555) foi papa por 23 dias, muito pouco para deixar vestígios. Por isso o frumento do seu brasão é flácido, estéril.

69. De fide Petri (Pedro e sua fé). Paulo IV (1555-1559), que se chamava Pedro, foi um zeloso promotor do Tribunal da Fé, instituindo entre outras coisas o Index dos livros proibidos.

70. Aesculapii pharmacum (A medicina de Esculápio). Pio IV (1559-1565) havia estudado medicina, mas a referência a Esculápio pode também remeter indiretamente a sua estirpe, que era a dos Médici.

71. Angelus nemorosus (O anjo do bosque). Pio V (1566-1572) tinha nome de anjo, Miguel, e nascera em Bosco, perto de Alessandria.

72. Medium corpus pilarum (O corpo partido entre as esferas). Gregório XIII (1572-1585) dirigiu a Igreja nos anos da reforma copernicana, que na prática revolucionou a relação do homem com as esferas celestes. Tinha, além disso, sobre o seu brasão um dragão de corpo partido ao meio, circundado por bolas.

73. Axis in medietate signi (O eixo na metade do signo). Sisto V (1585-1590) tinha por emblema um leão, signo também zodiacal, dividido ao meio por um eixo.

74. De rore coeli (O orvalho do céu). Urbano VII (1590) teve o pontificado mais breve da história: treze dias. O orvalho indica talvez o espaço de uma manhã. Poderia, porém, referir-se a uma lenda de Rossano Calabro, onde foi bispo e onde se acreditava que certas noites caísse do céu o maná, expandindo-se sobre a relva úmida e leve como orvalho.

75. De antiquitate urbis (Da antiga cidade). Gregório XIV (1590-1591) procedia da antiga cidade de Cremona, fundada em 218 a.C. como posto avançado romano, mas não basta para dar um sentido completo à sentença, que poderia referir-se à intervenção nas guerras religiosas na França por parte do novo pontífice, o qual excomungou Henrique IV e enviou (de Roma, a antiga cidade) uma tropa de mercenários. Muitos interpretaram a

excomunhão como intromissão da antiga cidade da Igreja. É significativo de qualquer modo, de um ponto de vista histórico, que as profecias de Malaquias tenham sido notadas pela primeira vez durante o conclave que elegeu este papa, com a intenção de usar o prognóstico a favor do cardeal Girolamo Simoncelli, proveniente de Orvieto. Tentou-se de fato manipular sobre a etimologia de tal localidade, que em latim seria *urbs vetus*, isto é, cidade antiga, para dar aval à candidatura. Mas foi eleito o cardeal Nicolau Sfrondati de Cremona, cuja epígrafe teve de adaptar-se com relativa dificuldade.

76. *Pia civitas in bello* (A pia cidade em guerra). Inocêncio IX (1591) censurou de maneira sensível o peso das guerras religiosas na França, nas quais o papado foi envolvido por seu predecessor. Por pia cidade não se deve interpretar necessariamente Roma. Poderia tratar-se de Paris, dilacerada por carnificinas entre católicos e huguenotes.

77. *Crux romulea* (A cruz romúlea). Clemente VIII (1592-1605) pertencia à família Aldobrandini, que se gabava de descender dos primeiros cristãos. Havia por isso sobre o brasão uma cruz romana, ou seja, romúlea.

78. *Undosus vir* (O homem similar à onda). Leão XI (1605) passou pela história da Igreja como uma onda. Seu pontificado durou 25 dias.

79. *Gens perversa* (Raça perversa). Paulo V (1605-1621) teve de lidar com eventos de particular crueldade humana, como o eclodir da guerra dos Trinta Anos. Deu, além disso, grande impulso às missões na África, na Ásia e nas Américas, junto a povos considerados perversos. Mas foi ele próprio acusado de grande maldade, entre outras coisas fazendo condenar à morte o autor de um libelo, nem sequer publicado, que o comparava em ferocidade a Tibério.

80. *In tribulatione pacis* (No empenho da paz). Gregório XV (1621-1623) foi mediador de paz, mas também se deixou envolver em guerras sangrentas, como a dos Trinta Anos. Pesado foi o tributo religioso em cima dos conflitos da época: a assinatura de um tratado com o império otomano, em 1621, teve por consequência a feroz guerra empreendida pela Polônia contra os hereges.

81. *Lilium et rosa* (O lírio e a rosa). Urbano VIII (1623-1644) provinha de Florença, cidade do lírio. Instruiu o processo pela beatificação de Rita de Cássia, uma das santas mais populares da cristandade, que tem por

emblema a rosa. Mas a sentença poderia também referir-se à guerra que eclodiu durante o seu pontificado entre França (o lírio) e Inglaterra (a rosa),
82. *Iucunditas crucis* (A alegria da cruz). Inocêncio X (1644-1655) foi eleito papa em 14 de setembro, dia da exaltação da cruz.

83. *Montium custos* (O zelador dos montes). Alexandre VII (1655-1667) tinha no brasão colinas sobrepostas por uma estrela. Criou em Roma os Montes da Piedade, instituição destinada a conservar um grande valor econômico e social.

84. *Sidus olorum* (O astro dos cisnes). Clemente IX (1667-1669) foi eleito papa na Sala dos Cisnes. Teve grande consideração por poetas e artistas.

85. *De flumine magno* (Do grande rio). Clemente X (1670-1676) se torna papa em um dia de cheia do Tibre. Mas conta-se ainda que, ao seu nascimento, o rio transbordou e as águas invadiram o quarto onde se encontrava o berço, que flutuou.

86. *Bellua insatiabilis* (Fera insaciável). Inocêncio XI (1676-1689) foi chamado ironicamente de insaciável porque não podia ficar um instante sem Cibo, aludindo à intimidade com o cardeal de tal nome [que significa alimento], o qual visitava assiduamente. A fera era o leopardo sobre o brasão da família.

87. *Poenitentia gloriosa* (Penitência gloriosa). Alexandre VIII (1689-1691) foi eleito papa no dia de São Brunone, grande penitente da Igreja. Mas, em se tratando de uma penitência gloriosa, é provável que a epígrafe se refira ao arrependimento de Luís XIV no leito de morte pelos vexames em relação à Igreja na França.

88. *Rastrum in porta* (O rastelo na porta). Inocêncio XII (1691-1700) era da família Pignatelli Del Rastello, cujo palácio gentilício esteve algum tempo às portas de Nápoles. Pode-se dar um sentido político à epígrafe, remetendo-a às perdas territoriais do império otomano, chamado a Porta, em seguida às vitórias russas.

89. *Flores circumdati* (As flores circundadas). Clemente XI (1700-1721) mandou cunhar depois de eleito uma medalha na qual o seu brasão aparecia circundado por flores, com a legenda em latim "Flores circumdati".

90. *De bona religione* (A boa religião). Inocêncio XIII (1721-1724) distinguiu-se na tentativa de fazer com que o povo discernisse entre a boa religião e o jansenismo.

91. *Miles in bello* (Soldado em guerra). Benedito XIII (1724-1730) tentou impor em Roma uma rígida austeridade, punindo com o cárcere os prelados que usavam barba ou peruca, proibindo a loteria e mandando a Inquisição perseguir as prostitutas. Sua missão se transformou, portanto, em uma verdadeira guerra moral, confundindo os assuntos do Estado e da alma à maneira dos integristas islâmicos. Mas isso, ao que tudo indica, não é suficiente para explicar a epígrafe de Malaquias.

92. *Columna excelsa* (A coluna excelsa). Clemente XII (1730-1740) era um Colonna, deu grande impulso às obras públicas e mandou erigir a colunata de São João em Latrão.

93. *Animal rurale* (Animal de campo). Benedito XIV (1740-1758), o genial papa Lambertini, foi comparado por seus dons intelectuais ao boi de santo Tomás de Aquino, doutor da Igreja.

94. *Rosa Umbriae* (Rosa da Úmbria). Clemente XIII (1758-1769) foi governador da província úmbrica de Rieti. Foi comparado por seu caráter doce a uma rosa. Morreu obcecado por ter de tomar uma decisão sobre a supressão, imposta por fortes pressões externas, da ordem dos jesuítas.

95. *Ursus velox* (O urso veloz). Clemente XIV (1769-1774) absolveu sem delongas a Companhia de Jesus. A epígrafe poderia aludir à precipitação freqüentemente irracional das suas decisões, mas também, mais gloriosamente, às velozes vitórias reportadas do urso russo sobre os turcos otomanos durante o seu pontificado.

96. *Peregrinus apostolicus* (Peregrino apostólico). Pio VI (1775-1799) foi arrastado em dolorosa peregrinação pelos franceses que o fizeram prisioneiro: em Florença, Siena, Bolonha, Parma, Turim e por fim na França, onde morreu.

97. *Aquila rapax* (A águia rapace). Pio VII (1800-1823) foi feito, também ele, prisioneiro pela rapace águia napoleônica, que na prática privou o papado do poder temporal.

98. *Canis et coluber* (O cão e a serpente). Leão XII (1823-1829) foi julgado fiel como um cão (aos interesses da Igreja) e insidioso como uma serpente (em relação aos seus inimigos). O cão poderia também indicar a vigilância imposta pelo seu regime policialesco contra a serpente carbonária, que tramou implacavelmente contra ele.

99. *Vir religiosus* (Homem religioso). Pio VIII (1829-1830) se distingue

pelo seu generoso e incondicional espírito de piedade, expresso também pela sua tolerância em relação aos carbonários.

100. De balneis Etruria (Dos banhos da Etrúria). Gregório XVI (1831-1846) provinha dos camáldulos de Balneis na Toscana (Etrúria), cujo mosteiro ficava próximo das fontes hidrominerais de Moggiona.

101. Crux de cruce (Cruz da cruz). Pio IX (1846-1878) viu a cruz dos Savóia sobrepor-se à da Igreja. Foi esta, em sentido espiritual, a sua cruz: toda uma sucessão de adversidades geradas pela cruz da qual era obrigado, como pontífice, a defender a independência.

102. Lumen de coelo (Lume do céu). Leão XII (1878-1903) tinha por emblema um cometa que atravessa o céu. Mas também em sentido metafórico, o seu pontificado foi iluminante pela coragem das questões sociais das quais se fez promotor, lançando entre outras coisas um firme anátema contra a exploração do trabalho, incluído, como o homicídio, entre os pecados que "gritam vingança em presença de Deus".

103. Ignis ardens (Fogo ardente). Pio X (1903-1914), o popular papa Alfiate foi animado por uma religiosidade que se pode, sem retórica, comparar a um fogo ardente. Conservou a humildade e os hábitos do pároco rural que foi, não quis títulos para os próprios parentes, deixou que o irmão continuasse como modesto empregado nos correios. Indiferente às críticas modernistas, colocou um fervor especial na salvaguarda dos antigos valores contra certas manifestações difusas de intolerância leiga. Ao fogo da santidade se sobrepôs, quando morreu, aquele trágico da guerra mundial.

104. Religio depopulata (A religião despovoada). Benedito XV (1914-1922) viu a sociedade do seu tempo despovoada pela mais terrível guerra jamais travada até então.

105. Fides intrepida (Fé intrépida). Pio XI (1922-1939) resistiu intrepidamente aos regimes totalitários, lançando anátemas contra o nazismo e o comunismo. Impôs ao fascismo uma concordata com plena vantagem da Igreja.

106. Pastor angelicus (Pastor angélico). Pio XII (1939-1958) foi o pastor que angelicamente partilhou os sofrimentos do seu rebanho na tempestade da Segunda Guerra Mundial. A interpretação parece genérica e amortecida. Adquire, porém, maior consistência se remetida às perseguições sofridas

pelo clero nos países comunistas (também no nível da alta hierarquia, como no caso do cardeal Mindszenty). Sob este aspecto, a profecia encontra respaldo naquela de Fátima, que prenuncia uma hecatombe pela qual o "O Santo Padre terá muito a sofrer". Também de "reino humano do Angélico genitor fala Nostradamus (na X Centúria, quadra 42), aludindo deste modo a um papa que procura salvaguardar união e paz no furor de uma guerra eclodida na metade do seu pontificado ("no meio da sua clausura"), como se deu efetivamente para Pio XII.

107. *Pastor et nauta* (Pastor e navegante). João XXIII (1958-1963) foi patriarca de Veneza e teve como seu próprio emblema um barco com a vela enfunada. Inaugurou o hábito das longas viagens pastorais.

108. *Flos florum* (Flor das flores). Paulo VI (1963-1978) tinha flores-de-lis no seu brasão gentílico. A sentença inclui-se entre aquelas de citação heráldica, as mais recorrentes no oráculo de Malaquias, mas pode também referir-se à extrema gentileza de espírito do papa Montini.

109. *De medietate lunae* (A metade de uma lua). João Paulo I (1978) foi pontífice por 33 dias. Morreu na metade do mês lunar.

110. *De labore solis* (A fadiga do sol). João Paulo II, pontífice desde 1978, é assinalado por uma epígrafe que, interpretada literalmente, poderia referir-se à busca por fontes alternativas de energia, típica de nosso tempo, da qual são emblematicamente representativos os resultados obtidos em matéria de energia solar. Mas o termo trabalho, na acepção latina, significa também empenho ou sofrimento. Pode-se, portanto, entender a profecia como destaque do mal-estar geral que aflige a humanidade, com particular respeito àquelas pragas planetárias — fome, tensões, violações dos mais elementares direitos humanos — que estão hoje à luz do sol, também pela extensão capilar da grande comunicação. Há enfim que se levar em conta a grande fadiga deste papa itinerante, sempre em viagem pelo mundo apesar da idade e das seqüelas de um ferimento doloroso, que pode fornecer posteriores chaves de leitura para uma compreensão profunda da imagem proposta.

111. *De gloria olivae* (A glória da oliveira). A epígrafe pareceria preconizar um momento de paz, mas também — como freqüentemente acontece nas sentenças de Malaquias — a ascensão de uma pessoa ligada de algum modo, por questões heráldicas ou de outra natureza, ao símbolo da oliveira.

Poderia em tal sentido ser interpretado como o advento definitivo na cidade de Roma — cujos destinos estão exorcisticamente ligados, como se disse, àqueles do papado — de uma força que se exprime no símbolo da oliveira. Poderia com mais verossimilhança referir-se a Jerusalém, preconizando o êxito feliz do processo de paz entre palestinos e israelenses. Poderia também significar uma evolução decisiva do ecumenismo cristão. Lida, porém, superficialmente, pelo valor pacífico da imagem sobre a qual se baseia, a profecia poderia ser considerada auspiciosa. Parece, porém, sinistra a continuação, que repropõe tradicionais cenários apocalípticos. A glória da oliveira seria, portanto, efêmera, caso se leve em conta aquilo que o oráculo prevê para os anos imediatamente subsequentes.

112. Petrus romanus. Ao contrário das outras sentenças, esta, que diz respeito ao último papa, faz-se acompanhar de uma nota explicativa. Nela se lê que o segundo Pedro reinará no momento de "extrema perseguição da Santa Igreja Romana", pastoreando suas ovelhas "entre muitas tribulações, ao fim das quais a cidade das sete colinas será destruída e o Juiz tremendo julgará o seu povo". Tudo isto deveria acontecer por volta de 2000. Tem-se a impressão de que a epígrafe deseja contradistinguir, mais que uma pessoa física, uma situação histórica.

O "Lenho da vida"

Há boas razões para se considerar apócrifas as profecias de Malaquias. E tal é o parecer da Igreja, sustentado pelas argumentações dos padres bolandistas, assim chamados pelo nome do jesuíta belga Jean Bolland, fundador em 1643 de uma nova historiografia eclesiástica, tendente a enquadrar as vidas dos santos e qualquer outro argumento de interesse hagiográfico em uma ótica científica.

Em primeiro lugar, parece suspeito o fato de que se tenha começado a falar disso apenas em 1590 (a 442 anos da morte do pretenso autor) e no decorrer de um conclave, com a evidente finalidade de influenciar o êxito. Essas perplexidades não são reduzidas pela publicação, em 1595, de uma obra dedicada a Filipe II da Espanha intitulada *Lignum Vitae*, ornamentam et decus Ecclesiae (O lenho da vida, ornamento e decoro da Igreja). Organizada por um monge beneditino de origem flamenga, um tal Arnold

de Wion, nascido em Douai, a obra transcreveu as sentenças sem fornecer indicações adequadas sobre como ele estaria de posse delas.

O título do volume tem um forte valor esotérico, além de religioso, uma vez que o Lenho da vida na simbologia cristã indica a cruz, porém em sentido mais hermético pode ser entendido como Bosque da existência. Em tal moldura o autor insere, sem razão aparente, junto às vidas dos beneditinos ilustres, aquele que chama "uma certa profecia sobre os sumos pontífices", asseverando ter decidido divulgá-la "porque é curta, jamais foi publicada e muitos desejam conhecê-la".

É certamente estranho, como salientaram os bollandistas, que o oráculo não mencionasse nenhum contemporâneo de Malaquias, que, no entanto, gozava de notável fama na cristandade enquanto primaz da Irlanda. Mas é absolutamente desconcertante que não fale tampouco de Bernardo de Claraval, em cujos braços morreu o vidente, seu confrade na ordem cisterciense. Ainda mais que Bernardo escreveu uma apaixonada biografia de Malaquias, reportando outras profecias dele, que por certo tiveram o seu peso na causa de canonização, indicada em 1190 por Clemente III, o papa apontado como aquele que "sai da escola".

Um outro argumento adotado pelos bollandistas contra a originalidade do texto é a confusão que o autor faz entre papas e antipapas, sem sombra de distinção. Mas se poderia refutar esta abordagem dizendo que foi tanta a confusão sobre dilacerações cismáticas na Igreja, a ponto de induzir a erro os seus mais devotos servidores. Assim como se poderia perguntar se as profecias não teriam sido mantidas em segredo por seus depositários, na ordem cisterciense ou nas hierarquias pontificais, a fim de evitar que interferissem na livre eleição dos papas; pelo menos até quando, para ter sido anotado por Wion, essa exigência cessasse.

Definitivamente, as opiniões expressas através dos séculos sobre as profecias de Malaquias foram múltiplas e discordantes. Entre os primeiros a negar-lhes autenticidade, depois da divulgação por parte de Wion, foi o sacerdote François Carrière com sua História cronológica dos pontífices romanos e precognições daqueles futuros segundo são Malaquias (Lugduni, 1602). Opuseram-se a ele Gabriele Buccellino, com uma ampla compilação no seu Núcleo histórico universal (Ulm, 1659), e Pietro Graffio com uma poderosa Disputa histórica sobre a sucessão dos pontífices romanos

(Marburgo, 1677). Em 1689, a menos de um século da publicação do *Lignum de Wion*, havia pelo menos dez edições diferentes do oráculo, contra o qual se lançaram com particular fervor, a este ponto, os bollandistas, defensores da verdade fundamentada sobre bases racionais e certezas comprováveis. Destacou-se como porta-voz desta polêmica o jesuíta Claude-François Menestrier, com um tratado denominado *Filosofia das imagens enigmáticas* (Lyon, 1694), no qual refuta extravagâncias, anacronismos e falsidades divulgadas pelas pretensas predições de São Malaquias, baseadas na maior parte em nomes supostos e em brasões quase totalmente desconhecidos à época.

São estes os pressupostos dialéticos de uma disputa que, nem mesmo o Iluminismo conseguiu sufocar e que dura até hoje, contrapondo as ânsias escatológicas de todos aqueles que atribuem às discutidas predições de Malaquias uma credibilidade apocalíptica — no sentido vocabular de revelação nada mais que presságio funesto — e daqueles que em vez disso as colocam entre as curiosidades divinatórias de fim de milênio. Talvez não existam pontos de encontro entre as duas posições. Uns excluem que a Providência possa dar razão à "burla de um cardeal humanista e literato que tinha tempo para matar durante um conclave". Os outros respondem citando o apóstolo Paulo: "Não apagueis o espírito, não desprezeis as profecias.""



Apocalípticos aureolados

As Profecias Medievais gravitam na sua grande maioria em torno do fim do mundo; e a Igreja, por mais desconfiada ou absolutamente contrária em certos casos ao abuso do milenarismo, deveria em geral tolerar esta difusa tendência dos pregadores — e dos videntes, santos ou charlatães — em revolver os medos humanos mais ancestrais.

A doutrina, de resto, não era preventivamente contrária à afirmação de um espírito profético que canalizasse terrores e esperanças voltadas para perspectivas contempladas das Escrituras, a fim de que isso não degenerasse em histeria niilista e abuso letal de expiação. Era desta opinião o maior teólogo da ortodoxia, Tomás de Aquino, que na Summa reconhecia à profecia possibilidade de inspiração divina, enquanto disposição do espírito — portanto proveniente do Criador — que podia licitamente investir tanto questões religiosas quanto políticas, com o fim de orientar as ações humanas (*ad directionem humanorum actuum*).

Não houve, portanto, limitações à divulgação de oráculos e predições apocalípticas por um grande lapso de tempo depois do ano 1000, uma vez que a primeira proibição formal de preconizar o fim do mundo se deu somente em 1516, por iniciativa do quinto concílio de Latrão. Tentou-se assim conter o uso sem critério e com freqüência intimidatório das profecias por parte de pregadores às vezes improvisados, mas não se pode dizer que o edito do concílio produzisse efeitos decisivos, como, por exemplo, inculcar na alma popular o difuso sentimento da espera escatológica. Não é motivo de espanto, portanto, o crédito adquirido junto a vastíssimas multidões de devotos pelas profecias de certas altas personalidades do Ocidente cristão, assinalado naqueles séculos por um crescendo de fervores místicos, êxtase e visões.

Francisco de Assis e o “poder dos demônios

Foram atribuídas a Francisco de Assis profecias relativas a "tempos repletos de grandes tribulações e aflições, nos quais [...] a caridade de

muitos esfriará e se instalará a iniquidade dos perversos". Em tais tempos, "o poder dos demônios será deixado mais livre que de hábito", lê-se mais adiante no texto, que faz parte dos Escritos latinos do santo, e "a pureza imaculada tanto da nossa ordem quanto de outras será abalada".

Parece evidente a referência à contaminação herética que envolverá certas ordens monásticas, não apenas franciscanas, por causa de seus excessos mendicantes e de outras dissensões em relação a Roma. Porém, o mais importante é que Francisco previa com mais de um século de antecedência o grande cisma do Ocidente:

Pouquíssimos cristãos de coração autêntico e de caridade perfeita obedecerão ao sumo pontífice e à Igreja romana. Um aspirante ao papado, sem ser canonicamente eleito, naquela tribulação utilizará qualquer astúcia para insinuar em muitos a corrupção do seu coração.

Vão se multiplicar então os escândalos, nossa religião será dividida, e inúmeras subdivisões posteriores se sucederão entre todos que não resistirem ao erro, ou que nele tenham consentido. Haverá tais e tantas opiniões e cismas no povo, nos religiosos e no clero, que se aqueles dias não forem abreviados segundo a promessa evangélica e se não forem sustentados pela misericórdia de Deus, também os eleitos serão envolvidos pelo erro.

A virtude, naqueles dias, será coberta pelo silêncio dos pregadores, oprimida, negada. A santidade da vida será ludibriada.

Tal como outras revelações apocalípticas, a profecia de Francisco distingue entre "aqueles que perderam o entusiasmo pela religião, que não resistiram constantemente às tentações previstas como prova para os eleitos", e aqueles que, em vez disso, "por amor e zelo da verdade se dedicaram à piedade, suportando perseguições e injúrias". A estes últimos só "aparecerá um refúgio em Deus, que os salvará, porque confiaram Nele".

Francisco de Paula, profeta da “última religião”

Também gozou de grande fama como profeta Francisco de Paula, o santo taumaturgo formado na solidão da vida eremita em um selvagem barranco calabrês, onde em competição de humildade com o seu grande homônimo

de Assis fundou a ordem dos frades "menores". Foram-lhe atribuídos milagres espetaculares, como atravessar o estreito de Messina sobre o próprio manto, fato pelo qual é considerado o padroeiro dos marinheiros italianos. Pisou uma vez numa moeda de ouro da qual escorreu sangue, sob os olhos de Ferrante de Aragão, rei de Nápoles, para mostrar-lhe o quanto eram iníquos os tributos que impunha a seus próprios súditos.

Não fazia mistério, não obstante o caráter esquivo, de seus poderes divinatórios, que tinham a intenção de trazer luz ao futuro da Igreja. "Foi-me concedido o espírito da profecia", escrevia em 5 de fevereiro de 1482 ao nobre Simone de Limena, senhor de Spoleto, "e dizer com frequência coisas maravilhosas que surgem a respeito da reforma da Santa Assembléia do Altíssimo."

Profetizou o advento de uma era de regeneração, na qual "não estará mais no mundo nenhum senhor que não seja da ordem da santa milícia do Spiritu Sancto". A profecia não se refere ao surgimento de uma nova ordem de cavaleiros, como pretenderam alguns, induzidos evidentemente ao erro pelo fato de que nela é mencionada uma fraternidade de "cavaleiros armados, sacerdotes solitários e hospitalários devotíssimos", que eram as qualidades recorrentes nos guerreiros monásticos de uma época, como, por exemplo, os templários. Retoma de preferência a mensagem do Apocalipse sobre o juízo final, no decorrer do qual se salvarão aqueles que são apontados pelo Senhor.

Na profecia se lê de fato que os senhores desta milícia "trarão o signo de Deus vivo no peito, porém muito mais no coração". Tal signo, contudo, "só será concedido àqueles que hão de ser salvos e eleitos". Não resta dúvida, portanto, de que por este seu esclarecimento Francisco de Paula deva ser colocado entre os videntes apocalípticos mais ligados à revelação de João.

A ordem à qual se refere, de fato, será "a grande fundadora de uma nova religião [a última religião, como destaca mais adiante], que destruirá a seita maometana, extirpará os hereges e todos os tiranos do mundo, pilhará pela força das armas um grande reino e fará um curral de ovelhas e um só pastor, e induzirá o mundo a um modo de viver santo e reinará até o fim dos séculos". É este, claramente, o reino da promessa que torna salvadora a mensagem do Apocalipse de João e de seus epígonos. Claro é o aceno aos eleitos que para este reino afluirão,

clara é a referência a sua duração eterna, claríssimo é o anúncio da conversão Universal à única religião, ainda que cruelmente retratada sem qualquer misericórdia — como aliás era praxe no estilo da época — pela "seita maometana" e por todos os hereges.



S. FRANCISCO ORA PER NOI

SÃO Francisco de Assis recebe os estigmas no alto do Verna, entalhe em madeira do século XVII.

Junto a este vislumbre de paz, escreve Francisco em uma das suas cartas proféticas, o mundo inteiro "não terá mais que doze reis, um imperador e um papa e pouquíssimos senhores, e estes serão todos santos". Expressa com tal simplicidade esta sua visão harmônica da sociedade humana, regida por tantos governantes quanto foram os apóstolos, submetidos com eqüidade aos supremos detentores de autoridade divina e temporal, o santo eleva um fervoroso agradecimento ao Senhor por ter-se dignado a dar-lhe "espírito profético com grandíssimas profecias, não obscuras como as de outros de seus servos".

Não há dúvida na "suavidade de divino amor" que essas revelações suscitarão naqueles que "se deleitarão a lê-las com freqüência e tirar cópia com enorme fervor, que tal é a vontade do Altíssimo".

Francisco de Paula profetizou com três meses de antecedência a própria morte, retirando-se para esperá-la em uma cela onde ela o colheu em 2 de abril de 1507, aos 91 anos de idade, bicou insepulto por onze dias, emanando um delicado perfume de flores.

Santa Brígida e o oráculo das festas cruzadas

Deve-se a santa Brígida da Suécia (Birgitte Persson, 1303-1373) uma profecia totalmente incomum, vinculada a exatas cadências temporais. Sempre surtia efeitos no calendário se fossem verificadas determinadas condições. Eis o texto, elaborado em 1360 e encontrado em uma caixa de chumbo no cemitério beneditino de Nápoles:

"Quando a festa de são Marcos coincidir com a da Páscoa, a festa de santo Antônio com a de Pentecostes, a festa de são João Batista com o Corpus Christi, haverá dificuldades para todo o mundo."

É indubitável que ocorreram dificuldades sérias em 1791, quando a conjunção se verificou, na plena sublevação da ordem revolucionária na França, destinada a provocar conseqüências duradouras em toda a sociedade civil. A santa havia profetizado para aquele ano "a ira de Deus sobre toda a terra".

As datas voltaram a coincidirem 1848, no decorrer de um dos períodos mais tormentosos do século, quando os movimentos ressurgimentais italianos abalaram antigos equilíbrios, com resultados sangrentos. Vacilou

também naquele ano o poder temporal dos papas, e Pio IX viu-se obrigado à fuga. Brígida tinha previsto para aquela data a revolta de "povo contra povo".

O último enredo funesto das seis festividades se deu em 1943, em meio à mais assustadora guerra de todos os tempos, envolvendo todos os povos da terra. Voltarão a conjugar-se em 2038, ano, porém, que vai além das profecias de santa Brígida, pois prevêem o fim do mundo em 1999, quando "as luzes se extinguirão".

São recorrentes nos oráculos da vidente sueca, transcritos em latim por seus confessores no livro das Revelações, diversos eventos históricos contradistinguidos tanto por valores religiosos quanto políticos. Neste âmbito se colocam as previsões, por ela expressas ao atravessar a Grécia em direção à Terra Santa, sobre o fim do império cristão do Oriente e sobre a submissão das populações balcânicas ao jugo otomano.

"O império, os reinos e as senhorias [dos gregos] jamais estarão seguros nem em paz, mas submetidos a inimigos dos quais padecerão danos horrendos e longas misérias."

A tomada de Constantinopla por Maomé II, em 29 de maio de 1453, e a heróica morte em batalha de Constantino IX, último imperador do Oriente, autenticaram a profecia, pouco mais de oitenta anos após ter sido formulada.

Destacam-se, além disso, entre as Revelações surpreendentes acenos à Revolução Francesa, indicada como o movimento que expulsaria "o lírio reinante" (emblemata da monarquia dos Capetos) para hastear "o signo da impiedade" (a árvore da liberdade). Referências mais específicas permitem individualizar, no contexto de tais profecias, a figura de Napoleão, definido como "a águia que recolherá a coroa perdida do lírio".

"Naquele tempo sairá da ilha [a Córsega, evidentemente] um terrível filho do homem, que traz a guerra no seu valoroso braço, que à frente dos gauleses combaterá itálicos, germanos, russos, ibéricos e turcos, subvertendo cada coisa."

É a epopéia, segundo Brígida, do "filho de um homem obscuro [de nascimento plebeu] vindo do mar". Terá o mérito de "portar o admirável signo na terra da promessa", fará com que os árabes conheçam a cruz, do Egito à Síria, mas provocará grande "tribulação na Igreja de Deus", invadindo

Roma e fazendo o papa refém de seus soldados (Pio VII, 1809).

"Ai de nós, quando o filho [do homem escuro] sentar-se no trono do lírio."

O interesse de tais profecias reside nas descobertas realizadas com séculos de distância, mas deve-se dizer que Brígida da Suécia gozou de notável popularidade em vida por suas extraordinárias visões, com frequência destinadas a funcionar como advertência e como conselho sobre o comportamento de papas, príncipes e reinantes. Teve grande significado a mensagem com que induziu Gregório XI a romper a "escravidão avinhonesa", regressando a Roma.

O papa tergiversava contra as expectativas de toda a cristandade, e então Brígida, agora à beira da morte, comunicou-lhe ter sabido numa visão da Madona que ele morreria se não levasse o papado de volta a Roma.

"Bem pouco poderá rejuvenescê-lo a ciência dos médicos, nem o ar puro da sua terra", dissera sobre ele a Virgem, segundo Brígida, "se não se decidir a regressar."

Impressionado, o papa apressou-se a seguir a ordem "da Madona", levando o trono de Pedro de volta a Roma em 1374, após humilhantes sessenta anos de exílio na França. Brígida partiu pouco depois, em sinal de santidade não só pelas suas profecias, pelas visões recebidas em êxtase e outros fenômenos místicos que protagonizou, mas também pela intensa obra de caridade que desenvolveu no extremo norte da assolada Terra Santa, por suas peregrinações apaixonadas e pela fundação, enfim, da ordem do são Salvador, chamada "das brigidinas".

Catarina, o cisma e o papa inibido

A profecia da santa sueca sobre o papa duvidoso se cruzou com a intervenção resoluta de uma outra mulher da cristandade, Catarina de Siena, como ela, decidida a retirar Gregório XI, último pontífice francês, da sua vergonhosa passividade.

Não se sabe quantas mulheres, mesmo com fama de santidade, poderiam tomar a liberdade de dizer ao papa: "Sê viril, santidade, não temeroso." Catarina Benincasa o fez, interpretando com amorosa firmeza o mal-estar de toda a comunidade cristã pelas hesitações de Pierre Roger de Beaufort, feito cardeal aos dezoito anos pelo tio Clemente VI e depois papa pelo

partido avinhonês, incapaz de esquivar-se às pressões dos prelados da França, submissos por sua vez ao rei.

Eram tempos mortificantes para os fiéis. Enquanto Gregório tergiversava em Avignon, os bispos em Londres se riam, dizendo que "se o papa é francês, Cristo é inglês". Emergiam assim, abertamente, os sinais da crescente impaciência pela centralidade da Igreja romana, desautorizada agora por uma situação mais comparável à escravidão de Israel na Babilônia.

Decisiva foi nesta situação crítica a profecia de Brígida, decisiva foi a advertência de Catarina, sensível dotada de uma marcada intuição divinatória. Testemunha isso seu confessor Raimondo da Cápuia: "Em Catarina habitava um espírito profético tão perfeito e contínuo, que nada lhe ficava escondido das coisas que lhe diziam respeito ou que pertenciam àqueles que com ela conviviam, ou que a ela recorriam para a saúde de suas almas."

Existem numerosas provas desse "espírito profético", no quadro das previsões por ela formuladas sobre o futuro da Igreja, que em sua enunciação pormenorizada vão muito além do que um intuito comum, mesmo afinado por uma intensa prática política, poderia sugerir.

Não vacilou ao prever que a corrupção dos eclesiásticos superaria a das cortes seculares, mas, sobretudo, ao delinear no seu alcance efetivo as repercussões do cisma sobre a fé.

A um sacerdote que lhe perguntava por que o povo estava perdendo a fé, respondeu: "Verás o quanto saberão fazer de pior os eclesiásticos tão logo o papa queira expurgar os seus costumes escandalosos. Provocarão um escândalo em toda a Igreja de Deus, um cisma que, como peste herética, a dividirá e a fará passar tribulações."

Negou que aquela que estava para sobreviver pudesse ser considerada "uma verdadeira e própria heresia", Preferiu defini-la como "uma espécie de heresia", uma vez que geraria "uma certa dissensão na Igreja e em toda a cristandade".

E previu também o resgate da Igreja, que descreveu com uma elegante alegoria: "A esposa que agora está feia e malvestida será belíssima e adornada de pedras preciosas e coroada com o diadema de todas as virtudes."

As "sete armas" de Catarina de Bolonha

Uma outra Catarina, também ela santificada pela Igreja, distingue-se alguns decênios mais tarde no uso da profecia como instrumento de influencia política e religiosa. Foi Catarina dei Vigri, uma freira clarissa muito popular em Bolonha na primeira metade do século XV, que, tal como santa Brígida, prevê a queda de Constantinopla e a morte do último imperador cristão do Oriente.

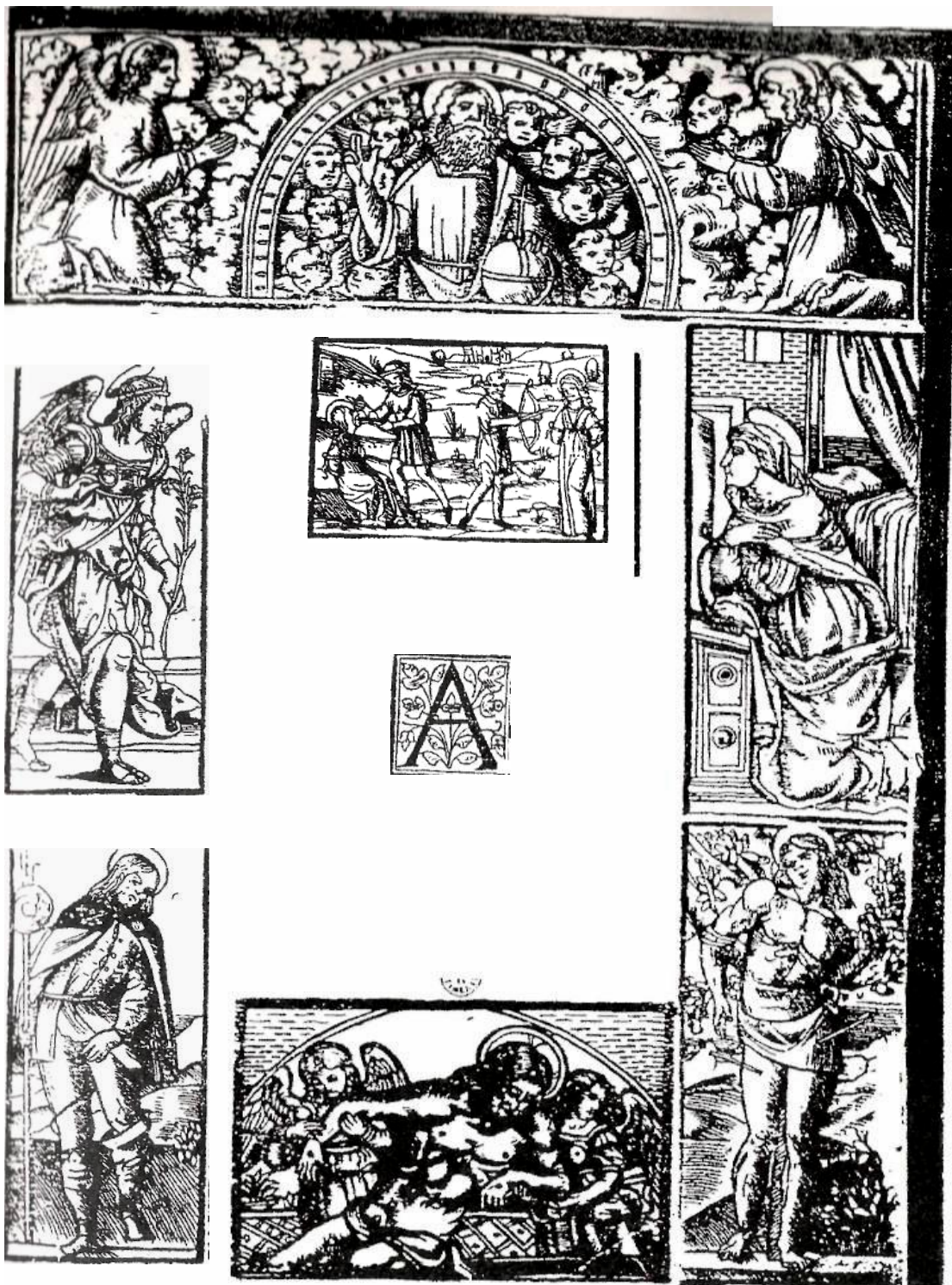
Notável foi o peso das profecias de Santa Catarina de Bolonha e de suas miraculosas intervenções — pelo que foi transmitido — nas ocorrências da cidade. Profetizou em 1443, enquanto se encarniçava o assédio posto em prática pelo conde Luigi dal Verme de Milão, que as milícias deste último seriam repelidas pelos bolonheses comandados por Annibale Bentivoglio. O que efetivamente aconteceu na véspera da Assunção, data que só aumentou o seu crédito divinatório, considerada a fama que tinha de poderosa mediadora de graças, além de vidente.

A família Bentivoglio voltou a aparecer nos seus vaticínios quando ela previu o fim dessa linhagem, o que, de fato, aconteceu depois de sua morte. Suas profecias estão coletadas no livro das Revelações, tal como o de santa Brígida. Descreve acuradamente o seu itinerário místico e visionário, como Catarina de Siena, em uma espécie de confissão íntima que chamou de Tratado das sete armas espirituais.

Sóror Domenica e as "atrocidades" dos florentinos

Muitas foram as sibilas aureoladas da cristandade medieval. Prevaleceu em todas, com raras exceções, uma vocação escatológica entremeada de referências ao Apocalipse de João e aos seus símbolos.

Falam difusamente do Anticristo, figura central da confusão catastrófica que precede o juízo final, Margherita de Cortona e Hildegunda de Colônia.



Anjos e santos sobre Legendario impressos em Veneza em 1513, e conservados nos Uffizi.

Já Hildegarda de Bingen fala de monstros e cavaleiros celestes, de anjos e de vinte regeneradores. A monja florentina Domenica Del Paradiso, antes perseguida por suas visões e depois beatificada, fala da ira divina em termos que parecem antecipar as modernas mensagens marianas de Fátima e La Salette, com profusão de apelos à redenção dos maus. Ela se diferencia das outras pelo âmbito restrito ao qual se referem as suas mensagens, que, provindas do Cristo em visão, não abarcam a humanidade como um todo, mas sim o povo de Florença. A coisa é historicamente marcante, porque as predições de sóror Domenica começam por volta de 1517, projetando-se por toda a primeira metade do século, portanto nos anos imediatamente subseqüentes ao anátema lançado pelo Concílio de Latrão contra os pregadores milenaristas. Não se deve por isso excluir que a vidente tivesse desejado deste modo — restringindo o alcance das suas profecias somente a Florença — conjurar o risco de incorrer no rigor das sanções eclesiásticas.

Há uma espécie de diálogo apaixonado e dolente entre a sóror e a aparição, que poderia ter se estendido, ainda que não transpareça dos relatórios da monja, a horizontes mais amplos. Jesus lamenta as ofensas recebidas dos florentinos, repetindo vezes sem conta que deseja "castigá-los severamente". Sóror Domenica suplica para que não o faça e que envie os castigos unicamente para seu corpo. E atendida, mas não basta, uma vez que as "grandes atrocidades dos florentinos continuam a crescer, sem que transpareçam das suas ações sinais de arrependimento". A aparição volta então a discorrer sobre a calamidade que está prestes a se abater sobre a cidade: "Dentro de poucos dias verão que mandarei um dilúvio sobre Florença, que será alagada por vinte palmos de altura, e as pontes ruirão, e os campos não darão frutos. (...) Mandarei escassez, outras inundações e pestilências, e os florentinos serão testemunhas no futuro da minha ira e da minha justiça."

Mais uma vez sóror Domenica implora para que a cidade seja poupada e o castigo aplicado sobre ela. É outra vez atendida. O resto se repete com reiterada monotonia, num alternar de misericórdia e ressentimento divino. Tudo foi transcrito fielmente e entregue aos cuidados da ordem das monjas da Crocetta, fundada por sóror Domenica, até o século XIX. O documento foi descoberto em 1846 e dado à imprensa, provido de notas relativas às

calamidades prenunciadas e em boa parte acontecidas.

Muitos castigos, anunciados em um primeiro momento para o presente, foram prorrogados nos séculos. “Para que vejas que tuas orações me agradaram”, lê-se numa das mensagens do Cristo à sóror Domenica, “e para que tenhas um coração amoroso para com teu próximo, não mandarei mais estes flagelos. [...] Saibas, porém, que chegará o tempo em que os castigarei por 28 anos, e nos sete finais depois de 1700 os florentinos teus compatriotas ficarão sem príncipe. [...] Os castigarei depois nos quarenta sobre o 1700 com uma inundação e muita escassez. [...] No próximo século nono [leia-se o XIX], levantar-se-ão três diferentes coroas com suas grandes pretensões sobre a Toscana, tua pátria estimada.”

Assim, entre números e charadas, a profecia se difunde sobre a história futura de Veneza, oferecendo aos exegetas referências às vezes nítidas, outras vezes nebulosas.

O que interessa não é tanto o nível de confirmação que se consegue quanto à modernidade da prova divinatória que, se bem que referida a uma comunidade restrita, repropõe a linguagem das advertências dirigidas seguidamente (e principalmente no século XX) a todo o gênero humano.

"Se não se converterem e não deixarem o mal, ai de todos quando virem no céu um cometa próximo ao pólo Ártico."

A "atribulação" luciferiana de Margherita da Cortona

Distinguem-se, pela idoneidade das fontes que as ilustram, as visões proféticas de Margherita da Cortona, sendo objeto de estudo por parte dos padres bollandistas, isto é, daqueles historiadores católicos que foram os primeiros a expor — como se diz — a necessidade de ancorar a hagiografia a uma documentação adequada. São estes rígidos defensores de uma nova historiografia religiosa, de fato, a contar que, em uma das tantas aparições a Margherita — presa de uma crise mística no decorrer da qual vertia copiosas lágrimas —, o Cristo lhe teria prenunciado "uma grande tribulação no mundo, provocada pelo demônio Lúcifer".

Continua o relato da visão mostrando que o demônio "fará a volta ao mundo e preparará solicitamente o caminho para o Anticristo, como um seu precursor, suscitando uma tal confusão que muitos padres sairão de

suas ordens e muitas monjas dos próprios mosteiros", Reinarão naqueles dias homicídio e traição, e "uma falange completa de demônios se arrojará contra o gênero humano".

Margherita (1247-1297) era uma belíssima criatura de passado agitado, que merece um esboço para que possa ajudar a compreender o repentino surgimento nela de uma sensibilidade visionária, devida talvez à passagem traumática da felicidade profana à vida mística. Os biógrafos a descrevem como mulher desejosa de entregar-se desmedidamente, que se apaixona aos dezesseis anos pelo nobre Arsenio di Montepulciano, que depois será morto. É uma obscura tragédia medieval, de amor e sangue. Morto o amante ao qual se entregara com tanta paixão — e com o qual tivera um filho —, Margherita descobre que "nenhum objeto terreno pode conter a abundância do seu amor e se retira para o convento, onde se consumirá em um crescendo de penitências, êxtases e jejuns.

Existem outros achados, fora do círculo bollandista, dos seus dons proféticos. Os cronistas estão em geral de acordo ao relatar "que o Senhor lhe concedera o dom de interpretar, propiciando-lhe uma luz particular a fim de que as palavras com as quais predizia as coisas futuras resultassem verdadeiras".

Reza a tradição que o Redentor, em uma das suas primeiras aparições, a tivesse exortado a divulgar as suas profecias: "Não descuides de avisar aos homens viciosos e arranja o tempo que te seja possível para extirpar os vícios deles e inserir-lhes nas mentes a virtude. Infundirei maravilhosas graças nas palavras que te caberão proferir [até que] possam prenunciar o que infalivelmente acontecerá."

Encontro da peregrina Hildegunda com Pedro, o Antipetro e o Anticristo

São os olivais de Jerusalém, ao cair da noite, o cenário no qual o Anticristo e seus acólitos se manifestarão em visão à alemã Hildegunda, peregrina na Terra Santa. A mulher seguia recitando salmos junto aos outros devotos ao longo de um beco, quando surgiram diante deles três homens, dois envoltos em amplos mantos vermelhos e o terceiro adornado de preciosos

paramentos sacerdotais.

A lenda diz que eles não passaram despercebidos, sem contar o aspecto vistoso, porque deixavam rastros de fogo, dos quais se elevavam vapores de fumaça.

- Quem sois? — perguntou Hildegunda.

Os três, aproximando-se, fitaram-na com olhos terríveis, revelando sua identidade.

- Eu sou Pedro — disse o que envergava os paramentos sacros.

— Eu sou o Antipetro — disse o segundo.

- E eu sou o Anticristo — declarou o terceiro, que caminhava no meio dos dois.

Significava que quando viesse o tempo do Anticristo também o papa se teria alinhado com ele, caminhando junto ao antipapa. A antiga profecia do Apocalipse adquiria de tal modo uma conotação moderna, antecipando o que certos videntes dos nossos dias teriam dito acerca da infiltração de Satanás no Vaticano.

Declarada sua identidade à atônita Hildegunda, os três sinistros mensageiros desapareceram, deixando ao seu consternado estupor esta santa lendária, da qual nem mesmo se sabe com certeza o sexo. Também sua história — como a de Margherita, que, no entanto, se baseia em dados mais concretos — merece ser recordada como contribuição à compreensão da aura fabulosa que pairava em torno dos depositários do mistério divinatório.

Segundo a hagiografia, Hildegunda viveu sob identidade masculina no mosteiro cisterciense de Schoenau, perto de Heidelberg, fazendo-se chamar frei Giuseppe. A mãe, pertencente à nobreza de Colônia, tinha morrido ao dar à luz, e, uma vez que a recém-nascida também esteve a ponto de morrer, o pai fizera uma promessa de levá-la à Terra Santa se sobrevivesse. Assim aconteceu, e a menina, tornada adolescente, foi levada a Jerusalém. Para evitar os riscos da viagem, cortaram-lhe os cabelos, deram-lhe roupas masculinas e ela foi chamada de Giuseppe pelo pai, que veio a morrer em Tiro, no caminho de volta. Vendo-se de repente só, a jovem continuou fingindo-se de rapaz, mendigando nas ruas. Até que um mercador alemão, movido pela piedade, levou-a de volta à pátria.

Na Europa, continuou fazendo-se passar por homem e teve muitas

aventuras perigosas. Foi também enforcada, sendo confundida com um ladrão, mas um anjo sustentou-lhe o peso por três dias, salvando-lhe a vida. Inspirada por Deus, recolheu-se em seguida ao convento, onde viveu entre os frades, como um deles.

A morte sobreveio na Semana Santa de 1188, e diz-se que só então os frades descobriram, ao lavar seu corpo, a natureza feminina de frei Giuseppe.

Os espelhos místicos da monja Hildegarda

Sem nada de lendária, bem enraizada na história, foi em vez disso a mística figura da monja Hildegarda, nascida no ano da primeira cruzada (1098) que se tornou em uma pregadora aclamada em Trier, Mogúncia, Colônia e muitas outras cidades da Alemanha, cujo gênio se expressou não apenas na poética complexidade das suas profecias, mas também na música sacra, na prática herbalista e no estudo da natureza. Tem-se a medida de sua fama pelo tom com que o abade de Brauweiler, uma das mais célebres comunidades monásticas da Europa, escreve-lhe suplicando-lhe para "indicar por carta o que Deus poderá inspirar-te ou revelar-te a este propósito [um exorcismo contra um demônio de excepcional poder] mediante uma visão".

E sua vida foi, com efeito, uma inexaurível sucessão de visões, que inspiraram a escritura do Scivias (imperativo que soa Conhece os caminhos [da fé]) e de dois outros livros, Dos méritos divinos e Das obras da vida, obras-primas iniciáticas destinadas a provocar diversas disputas teológicas, recebendo por fim a aprovação do papa com o aval de São Bernardo. O grande místico de Claraval lhe havia captado o significado profundo, esplendidamente passado através de uma simbologia redundante de preciosas imagens, Como estas que se seguem:

Vi uma figura cujo rosto e pés reluziam com tal esplendor que meus olhos foram cegados. Sobre o traje de seda branca trazia um manto verde magnificamente ornado de gemas. Das orelhas pendiam jóias, tinha braceletes e adereços de ouro fino cravejados de pedras...

Além da interpretação, que indica com tanto brilho a sabedoria preeminente da beatitude divina, este retrato sobrenatural mostra uma

magnificência visível que se impõe também pelas qualidades literárias. Assim prossegue a visão:

Vi uma segunda figura. [...] Tinha no lugar da cabeça um esplendor deslumbrante e no centro do ventre uma cabeça de homem barbudo, de cabelos grisalhos e garras de leão nos pés. Era sustentada por seis asas vertiginosas; duas partiam para trás e subiam acima do esplendor, duas baixavam sobre a nuca, duas desciam pelos quadris até os calcanhares. Se elevavam e distendiam como para alçar vôo. Seu corpo não era coberto de penas, mas de escamas, como um peixe. As asas eram adornadas de espelhos...

Esses espelhos traziam inscrições de significado esotérico cristão, como “caminho e verdade” e “porta de todos os arcanos de Deus”. É a própria Hildegarda que insere em seu texto chaves de interpretação. Os espelhos indicam "os cinco luminares de diferentes épocas: Abel, Noé, Abraão, Moisés e, por fim, o Filho de Deus". Seguem-se explicações complexas sobre a figura coberta de escamas e outros detalhes deste cintilante afresco, que parece querer levar às últimas conseqüências os horrores e as maravilhas da revelação apocalíptica.

Sobre o fim dos tempos, a vidente de Bingen fornece uma indicação que, lida hoje em dia, evoca medos sinistros, ligados substancialmente ao cenário delineado por Malaquias sobre o crepúsculo do papado. Deixou de fato escrito que o Anticristo chegaria a trazer a rebelião e a morte entre os povos "quando sobre o trono de Pedro sentar-se um papa que terá adotado os nomes de dois apóstolos de Jesus”.

Se assim fosse, deveria tratar-se entre nós do breve pontificado de João Paulo I, no ano de 1978.

O extermínio dos "perfeitos"

Além de difundir-se no imaginário apocalíptico, Hildegarda ancorou boa parte das suas profecias ao próprio tempo. Volta a aparecer nesses oráculos a curto prazo a premonição sobre a ascensão na Europa da heresia cátara, que com efeito atingiu sua expansão máxima nos anos imediatamente seguintes a sua morte, ocorrida em 1179.

Aos seguidores desta doutrina de origem maniqueísta, que pregava um radical dualismo entre o reino de Deus e o do demônio, considerado o único príncipe do mundo terreno, Hildegarda atribui "pensamentos de escorpião e ações de serpente", anunciando nestes termos a vinda:

Virá um povo seduzido pelo Diabo e por este mandado à terra, com rosto pálido e postura de grande santidade. [...] Vestirá mantos ordinários de cores desbotadas, com tonsura austera e aparência de serena tranqüilidade. [...] Não manipulará dinheiro e praticará uma tal abstinência que será difícil encontrar nesse povo qualquer defeito. O diabo estará com eles...

A vidente rechaça assim como hipócrita a propalada austeridade dos cátaros, chamados também albigenses pela sua forte concentração na cidade de Albi, no Languedoc. E, com efeito, eles eram notórios pelo seu desprezo pela vida, da qual se libertavam deixando-se morrer de inanição, Tratava-se efetivamente de um suicídio, que assinalava o coroamento de um rito regenerador, chamado endura.

Esta religião de teor marcadamente místico era administrada por sacerdotes denominados perfeitos pelo rigor da sua existência, que os tornava emaciados e hieráticos.

A profecia de Hildegarda teve imediata confirmação na história. Os cátaros conquistaram enorme poder na França meridional, exportando sua doutrina para muitos outros estados da Europa, sendo por fim exterminados durante uma cruzada feroz pregada contra eles pelo papa Inocêncio III em 1208, que se estendeu num crescendo até 1243, ano da tomada de Montségur, seu último refúgio.

A vidente, que certamente contribuiu com sua profecia para agitar os ânimos contra os cátaros, juntamente com tantos outros pregadores católicos, previu também o fim. "Os príncipes e outros personagens de grande estatura se lançarão contra eles e os matarão como lobos raivosos", lê-se na predição por ela divulgada, "onde quer que os encontrarem."

E foi o que aconteceu.



17

Merlin, o imortal

A profusão medieval de místicos e videntes de inspiração religiosa, intérpretes de uma realidade maturada nos rigores da vida monástica e na ascese, não bastou para impedir a proliferação de oráculos ligados à tradição mágica mais espúria, assinalada por superstições que representavam a herança extrema de um pagansmo agora declinante. Contudo havia uma tal confusão no imaginário popular, que coube aos próprios homens da Igreja endossar na maior parte dos casos o resgate de antigas lendas, mais próximas da fábula que da história, manipuladas em uma ótica profética e projetadas rumo ao fim do mundo.

A mais espetacular destas manipulações não podia senão referir-se ao mais célebre dos magos gerados das névoas de histórias sem tempo: Merlin, o imortal, artífice de reinos e encantamentos, que segundo a lenda, permanece vivo e aprisionado para sempre numa gruta — ou numa floresta, ou no oco de uma árvore — por um feitiço de amor.

Suas predições começaram a circular na segunda metade do século XII, depois que o bispo inglês Geoffrey de Monmouth, que viveu entre 1100 e 1155 em Oxford, onde ensinava, transcreveu em latim um pequeno volume (em língua galesa) intitulado Profecias de Merlin, consultado à margem de uma pesquisa histórica mais complexa sobre a antiga Britânia. O texto foi extrapolado e inserido por Geoffrey no seu tratado sobre a História dos reis

da Britânia, também este inspirado em um antigo livro galês, que depois se perdeu. Não é, portanto, possível formular hipóteses sobre a procedência efetiva das profecias — como das notícias sobre soberanos da Britânia, entre os quais avultam personagens como Lear, Uther Pendragon e Arthur —, mas os dons mágicos de Geoffrey fizeram suscitar grande curiosidade em torno de suas narrativas e, especialmente, sobre as profecias atribuídas a Merlin.

Rumo a um caos sem retorno

O oráculo é lido a partir de uma dupla perspectiva: uma de interesse especificamente histórico, no que diz respeito aos destinos da Inglaterra; a outra de significado escatológico, assimilável aos grandes cenários do fim do mundo.

A primeira se articula sobre toda uma série de pequenas fábulas referentes àquele tecido proto-histórico do qual germinaram as grandes lendas de cavalaria de Arthur e da Távola Redonda, de Excalibur e da procura do Graal. Prevaecem neste afresco os símbolos. A luta entre povos é a luta de dragões e de guerreiros de bárbarico poder, na qual interagem prodígios e encantamentos de natureza mais demoníaca que divina. Extraí-se em cada caso luzes sobre a identidade histórica de Arthur, sobre a dimensão tribal do seu poder e sobre a origem totêmica do nome Artus ou Arthur, que em gaélico significa Urso.

A outra perspectiva é mais pertinente ao grande trecho profético medieval, com uma nota de interesse mais relacionado às comuns especulações apocalípticas, uma vez que denota um conhecimento astrológico avançado. A catástrofe do céu e da terra não é provocada por um genérico desequilíbrio natural, mas por um preciso jogo dos astros, reconhecíveis nos respectivos papéis zodiacais. Os Gêmeos deixarão de abraçar-se entre si, as águas do Aquário serão sugadas de volta às nascentes, a balança [Libra] penderá desequilibrada de um lado, Áries tentará soerguê-la com seus chifres, a Virgem cavalgará o Sagitário, a cauda do Escorpião arremessará setas em volta, o Câncer jogará sua sombra sobre o Sol e assim por diante, num caos sem retorno.

É este, segundo Merlin, o fim do mundo. Provocado por estrelas que

parecem evocar com seus caprichos as divindades pagãs das quais extraem o nome: Marte chamará Vênus para si com os reflexos do próprio elmo, Mercúrio jogará longe o escudo, Saturno transformará em chuva o seu triste rancor, Vênus desaparecerá no céu, Júpiter inverterá a rota e as "doze casas planetárias chorarão ao ver-se abandonadas por seus inquilinos". Servirão de contraponto ao seu pranto os lamentos das Plêiades, enquanto a Lua percorrerá enlouquecida o zodíaco conduzindo sua carruagem.

Um contexto mitológico desses representa a prova mais patente, se é que se poderia pensar de outra forma, da falsa ingenuidade que se oculta atrás da atribuição de tais profecias a um mago qualquer de tradição céltica, como se subentende Merlin (Myrrdin, em gaélico) ou quem quer que seja, uma vez que a referência à nomenclatura greco-romana dos planetas exclui qualquer parentesco do profeta com o paganismo druídico contíguo e misturado nas ilhas britânicas com as emergentes idealidades cristãs.

É exatamente essa proximidade, de resto, o único dado correto na lenda de Merlin e nos pálidos achados históricos relevantes por volta de 450, sete séculos antes da operação de Geoffrey sobre o texto das suas pretensas profecias. Não são explicadas, diferentemente, as razões por que Merlin, depois de ter gerado o plano para a coroação de Arthur, tenha ficado à sombra do bispo Dubric, que colherá seus frutos. Toda a operação é conduzida por Merlin desde o primeiro momento do nascimento de Arthur: é ele quem consente a Uther Pendragon (o Grande Dragão, predestinado a gerar a nova estirpe real depois das sangrentas lutas dos barões) acasalar-se, sob disfarce e com falso nome, com Ygrein para que seja concebida a criança chamada pelo destino; é ele quem o toma em confiança e o educa para seu futuro papel régio; é ele quem enterra a espada mágica na rocha. Mas cabe ao bispo Dubric celebrar a cerimônia de investidura; é Dubric quem fala ao exército arturiano antes da decisiva batalha contra os saxões; é Dubric quem se torna tutor espiritual do reino. O que se entende, pois a nova Britânia tinha necessidade de um rei cristão, mas para poder coroá-lo devia primeiro derrotar os outros pretendentes com todas as forças de que podia dispor por herança ancestral: as da magia.



Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda em uma rara edição alemã da
saga de Lancelot
(Lancelot von See, 1488).

Por isso não é arriscada a hipótese daqueles que insistem em que Merlin e Dubric sejam a mesma pessoa, que entre originalmente em cena nas vestes de mago para depois envergar os paramentos sacros do bispo. Como também não é arriscado insistir em que o autor do volume chegado às mãos de Georffrey deva ser um monge ou, de qualquer modo, um escritor de cultura cristã, talvez o próprio arcediogo de Oxford do qual o havia recebido por empréstimo.

Significativo, no que diz respeito a esta imagem dividida de Merlin-Dubric, é que a ambos são atribuídos nascimentos profanos e não-naturais. Assim como Merlin é o lendário filho de um demônio dos bosques com uma virgem, Dubric nasce da união entre uma freira e uma criatura que, segundo a tradição monástica, poderia ser identificada como um diabo da espécie dos incubos.



Um astrólogo traça um horóscopo consultando a abóbada celeste.

Roma "agitada e sacudida"

A multiplicidade das características que remetem à figura de Merlin não diz respeito apenas à sua identidade religiosa, dilacerada entre o paganismo céltico e a nova fé cristã. História e lenda contribuem para a suposição de que os modelos reais do personagem tenham sido mais de um, justificando assim o envolvimento em situações históricas diversas, com frequência de grande dimensão política.

É com base nas profecias de Merlin que Eduardo III justifica as pretensões inglesas ao trono da França em 1346, mas é sempre por um oráculo de Merlin que os franceses confiam as suas esperanças de independência a Joana d'Arc, oitenta anos depois. E por fim um papa dos mais intransigentes na luta contra a feitiçaria e a superstição, Inocêncio III, apela para uma predição de Merlin na sua cruzada contra os cátaros.

Merlin é chamado de muitas maneiras por aqueles que utilizam suas profecias, mas todos concordam em estabelecer suas origens no século V, na Britânia entregue a barbárie com a retirada das legiões romanas. De especial destaque, entre essas figuras pendentes entre mito e história, é o Merlin chamado Ambrósio, que evoca com toda a credibilidade o general Ambrósio Aureliano, romano de origem, mas alinhado com os britânicos na luta contra os saxões. Foi ventilada em tempos recentes a hipótese de que Ambrósio pudesse ser uma personificação do próprio Arthur, pelo seu papel de chefe na guerra contra os saxões. Não é de espantar, portanto, que outros tivessem entrevisto nele Merlin, confortados nesta sua suposição pelo valor sagrado do nome Ambrósio, que significa, aliás, divino. Também a datação histórica da presença deste mago-comandante na Britânia, por outro lado, coincidiria com a fase transitória de domínio do rei traidor Vortigern, aliado dos saxões em 449, aquela de Uther, pai de Arthur, portanto com os anos da tradicional saga de Merlin.

Atribui-se a Merlin Ambrósio (ou Merlin o Divino, se quisermos interpretar o segundo nome como um atributo) um oráculo de particular interesse para a Itália, publicado em Frankfurt em 1640 pelo italiano Davide Zanazzo.

Trata-se evidentemente de um apócrifo posterior à época do Merlin histórico-lendário, no qual não teria sido possível formular indicações tão específicas sobre a geografia política da Itália, com referências ao reino da

Sicília, à Marca Anconitana e assim por diante.

É um oráculo de tom apocalíptico, que anuncia eventos desastrosos, sem porém acenar para o fim do mundo, A ruína assola boa parte das cidades italianas. Está especificado em termos um tanto vagos o destino que caberá a cada uma. Roma será "agitada e sacudida", Lucca cairá "na escuridão de espantosos equívocos, Arezzo pagará "o fio das suas ações", Siena e Pisa sofrerão "os efeitos da ira de Deus". Igual destino tocará a Perugia, que "não poderá escapar ao flagelo". Florença será oprimida por "uma espantosa vendeta", mas o pior estará reservado à Bolonha, definida pelo redator das profecias como "covil de filósofos", a qual "cessará de existir".

Nem todas as regiões serão golpeadas do mesmo modo. A Toscana e a Emília (as mais citadas) ficarão "grandemente aterrorizadas", a Campânia será "punida" com todo o reino da Sicília, mas a Lombardia terminará "completamente em ruína". Milão será "desenraizada do solo" e Gênova deverá "sofrer muito pelas mãos dos seus inimigos". Veneza terá de defender-se de "gente pior do que os turcos". O ducado de Spoleto será devastado.

Tudo isso acontecerá, como é da tradição escatológica ocidental, com o advento do Anticristo, cuja fúria será, porém, contida graças à intervenção de um homem "tão forte e robusto" que será comparado a Sansão. Este herói sem nome será de família italiana. Por enquanto, não parece identificável em nenhum personagem histórico determinado,

O sacrifício de Becket

De profecias apócrifas, inventadas imediatamente após a morte do vidente em questão, a história divinatória está cheia. Seu objetivo foi quase sempre o de interferir no mérito de questões contingentes, de interesse político e religioso. Era indispensável, para que tal pudesse acontecer, que se lhes conferisse a paternidade de personagens de particular importância histórica ou lendária.

É, por exemplo, o caso de uma predição atribuída a Thomas Becket, o arcebispo de Canterbury, massacrado em 1161 por ter se recusado a submeter-se à autoridade de Henrique II, transformando-se depois disso num dos santos mais populares da Inglaterra. Tratava-se de um escrito

"descoberto" em um convento inglês por volta de 1660, a cinco séculos portanto do martírio do prelado, e enviado rapidamente a Roma.

Continha informações de vários tipos sobre o futuro da Inglaterra e da humanidade inteira, entre as quais se destacava o anúncio de um retorno da Igreja anglicana (depois que todas as heresias tivessem sido extirpadas) debaixo da asa de Roma. Pode-se entender qual fosse o interesse do papado em fazer circular uma tal profecia em uma época de grandes conflitos, marcada pela aspereza da fratura religiosa. Mas, além desse evidente fim instrumental, o que prova com toda a clareza a implausibilidade do documento é a alusão à Igreja anglicana, que ainda não existia na época de Becket. O cisma, de fato, só veio a ocorrer em 1534, pelo ressentimento de Henrique VIII em relação a um pontífice que lhe negava o divórcio, quando o arcebispo de Canterbury já havia muito deixara este mundo.

Não se pode negar, porém, com tanta ingenuidade, uma certa agudeza por parte de quem quer atribuir a paternidade da profecia exatamente a Becket, morto por proteger da invasão régia a autonomia da cristandade inglesa.

Contribui para evidenciar a falsidade do texto o estilo (e, em certos casos, o conteúdo) das outras profecias nele formuladas, que repropõem imagens e intuições tornadas populares um século antes pelo grande Nostradamus, cujas Centúrias já eram célebres e submetidas a múltiplas interpretações em toda a Europa.

Fala-se, entre outras coisas, no apócrifo inglês de armas capazes de causar a morte mediante um fogo que não deixa rastros, de um lírio (a França) destinado a perder a coroa, de uma águia que sobrevém trazendo extermínio e obscurecendo o sol com suas asas. São símbolos recorrentes nas estrofes de Nostradamus, que para a consciência do homem contemporâneo evocam os fantasmas da hecatombe nuclear, da revolução francesa, das guerras napoleônicas e — como veremos — do nazismo.



O Enigma de Nostradamus

A enorme popularidade de Michel de Nostredame, que depois latinizou o nome em Nostradamus à maneira dos humanistas da Renascença, não é válida para desbastar os tantos lugares-comuns acumulados sobre sua conta, no decorrer dos séculos. Não é válida, especialmente, para permitir um real aprofundamento histórico das variadas atividades por ele desenvolvidas, com intuições geniais, sobretudo, no campo da medicina e das ciências naturais. Essa popularidade também não é válida, em definitivo, para individualizar o efetivo alcance cultural da sua pesquisa, transversalmente conduzida através dos mais distantes campos do saber.

De Nostradamus muito se disse, muito se escreveu e também muito se fantasiou, elaborando conjecturas com frequência carentes de toda credibilidade, escassamente plausíveis, de modo algum documentadas, alimentadas o mais das vezes pela curiosidade mórbida que paira em torno da sua fama de bruxo, de mago. Poucos sabem que foi também um grande médico, capaz de enfrentar com modernos sistemas de prevenção o flagelo da peste. Poucos sabem que foi um estudioso sério dos procedimentos biológicos naturais, e que graças a estas suas pesquisas pôs em funcionamento uma verdadeira e autêntica indústria de cosméticos e produtos de beleza, elixir da juventude, creme fortificante e essências regeneradoras, da qual dá testemunho um livro intitulado *Receitas singulares para manter o corpo são*. Poucos sabem que foi, enfim, um atento observador dos fenômenos astronômicos — além de astrólogo — e ao mesmo tempo um pesquisador da sabedoria perdida, um viajante incansável, um decifrador de alfabetos remotos, conhecedor de várias línguas, leitor apaixonado de obras fundamentais do gênio universal, como a *Divina comédia* de Dante e as tragédias de Ésquilo, que comentou com devota diligência.

Apesar da superficialidade com a qual é transmitida a sua história, em suma, Nostradamus foi um intelectual finíssimo na exata acepção do humanismo renascentista, que pressupunha a satisfação das curiosidades mais disparatadas em nome de uma cultura generalizada, mas ao mesmo tempo profunda. Por certo, pode-se dizer que foi o típico expoente — como

Paracelso, Marsilio Ficino, Giordano Bruno — daquela classe intelectual que tinha grande desprezo pela idéia de "especialização" no sentido moderno, entendida como divisão do conhecimento em fragmentos para privilegiar ou dispor em razão de escolhas contingentes, tendo em vez disso optado por dedica-se à análise do conhecimento na pluralidade dos seus aspectos, da filosofia à medicina, à física, às literaturas de cada civilização e, em certos casos, à magia, à alquimia, à adivinhação. Foi este último aspecto que polarizou o interesse popular, até quando Nostradamus viveu, graças, sobretudo, à extraordinária difusão das Centúrias, ou seja, o conjunto do seu "corpo profético", dividido em dez blocos de cem quartetos cada, onde se podem colher circunstanciais alusões a fatos, coisas e personagens ainda por vir no tempo.

As chaves do tempo

Publicadas em duas tiragens (em 1555 as quatro primeiras partes, em 1588 as seis restantes) e muitas vezes reimpressas, traduzidas, interpretadas, as Centúrias são um entrecho de profecias formuladas em versos herméticos e sibilinos, sem nenhuma ordem cronológica, abarcando uma faixa de tempo que se estende até o ano 3797. Muito além, portanto, das previsões milenaristas comuns, que gravitam, na maior parte dos casos, em torno do ano 2000.

Muitas dessas predições (às quais se juntaram os Presságios, escritos entre 1555 e 1566, ano da morte de Nostradamus) chegaram a achados detalhados em eventos já ocorridos, outros são confiados à fantasia dos exegetas, com freqüênCia, propensos a basear as suas hipóteses em complexos cálculos matemáticos e procedimentos de tipo enigmático. Além de desordenar toda norma de escrita e cunhar novos vocábulos, de fato, o autor recorre a anagramas, metáforas, metaplasmos (transformação fonética de palavras) e metáteses (inversão de letras ou sons), metalepses (metáforas duplas e triplas), epênteses (inserção de letras), encaixes, transposições e assim por diante.

Daí resulta ter de reconhecer Paris no vocabulário Rapis e em Luas o nome deturpado de Saul, que indica o povo hebraico. O que não é tão difícil assim. Mas o jogo se complica, por exemplo, se tiver de vir à baila o motivo

por que nunca um "grande rei" proveniente da região francesa de Angoulême (Angolmois, em um léxico arcaico) deveria representar para a Europa uma terrível ameaça, destinada a explodir "o sétimo mês de 1999". Libera-se o arcano traduzindo Angolmois em Mongólia, da qual é o anagrama. Daí que na geografia simbólica de Nostradamus deve-se interpretar Mongólia como um lugar terrificante, não uma região específica do Oriente, da qual se espera um temível agressor da humanidade, provavelmente o Anticristo. E é, portanto, no final do milênio, em julho de 1999, que tal flagelo deveria, segundo a fatídica estrofe - uma das poucas em que se especifica uma data —, abater-se sobre a civilização ocidental.

No sétimo mês do ano de 1999
virá do céu um grande rei do horror
para ressuscitar o grande rei da Mongólia.
Marte reinará felizmente antes e depois.

Hitler, Hilter, Hister

Permanece totalmente inexplicável, entre os tantos enigmas ligados às profecias de Nostradamus, a precisão com que o vidente preconiza os horrores do nazismo e o holocausto do seu povo (era de família judia, embora convertida há muitas gerações) chamando Hitler pelo nome bem umas quatro vezes, três nas Centúrias (II—24, IV—68, V—9) e uma nos Presságios (15). Ao fazê-lo, recorre a uma leve transposição de letras, pela qual Hitler se torna Hilter, e duas por uma substituição consonantal, transformando-o em Hister. Parecia entrever nesta última manipulação a intenção de evocar por assonância a loucura histérica do ditador. Mas vejamos em detalhes o que Nostradamus diz de Hitler. No 15º. presságio o chama de "o indigno ornado" (ornado, entende-se, pelas insígnias do poder agora conquistado) e acrescenta que por sua causa "o eleito primeiro (isto é, o povo hebraico) receará a grande fornalha" (a referência aos fornos crematórios é evidente). Explica depois na segunda centúria o andamento da guerra desencadeada por "bestas de fluvial fome" (fome insaciável), quando baixará em campo contra Hitler "a maior parte dos outros" (os aliados) enquanto ele deportará os perseguidos "em jaulas de ferro" (os vagões

chumbados) sem que o perceba "nenhum rapaz da Alemanha" (todos diriam de fato que nunca souberam de nada). Segue-se na quarta centúria uma alusão à estratégia dos "dois maiores (Hitler e Mussolini), para a conquista dos territórios africanos e asiáticos, que provocará luto e pesar "de Malta à costa da Ligúria" (nas rotas, isto é, dos navios sacrificados na batalha do Mediterrâneo). Completam a seqüência - que porém não corresponde, segundo os hábitos de Nostradamus, a nenhuma ordem cronológica — referências à liberdade traída, ao "bloqueio naval aberto por Hitler" (a tentativa de isolar a Inglaterra mediante a guerra submarina) e ao nascimento de uma " república, faschéa" na Itália setentrional, isto é, uma república "enraivecida" com um "s" a mais, que parece ali colocado para criar uma assonância com o adjetivo "fascista", à época desconhecido. Em cada uma das estrofes indicadas aparece o nome de Hitler, alterado, como se disse, em Hilter ou Hister.

Peixes elétricos e pássaros a jato

Deve-se destacar que só se chega à compreensão de muitas estrofes indecifráveis apenas depois da verificação do evento descrito, mas isso não redimensiona a extraordinariedade de citações relativas a nomes e detalhes que ninguém à época do vidente podia conhecer. Muitos são, em tal sentido, os achados deduzidos da história deste nosso século: a propósito do rogo vivo que reduz cidades a pó com a "morte escondida dentro de globos horríveis e assustadores" (evidente premonição da explosão nuclear e da radioatividade que continua em seguida a matar, invisível) ou do "cospe-fogo" que domina os céus da batalha da França (tradução literal do caça inglês spitfire) ou do avião a jato, tecnicamente descrito como um "insólito pássaro" que se move impelido por um "tubo que respira" (a turbina, exatamente) com velocidade tal que "desaparece célere no horizonte" lançando em torno um sibilo dilacerante (huy huy, escreve o vidente, formulando uma clara onomatopéia do som provocado pela máquina).

Uma outra surpreendente antecipação técnica é aquela do submarino, não tanto pelo fato de que Nostradamus previa o irromper ameaçador de um "peixe de ferro" que tornará mais cruel a guerra para quem tem "a sua frota bem distribuída no mar" (os comboios, principal objetivo da guerra

subaquática), mas pela explícita referência à eletricidade "selada" (etlettre enfermee) no interior do escafo. Causa particular estupor a lexicalidade incerta daquele vocábulo à época inexistente, que muitos entenderam prosaicamente como referência a uma letra ([et] lettre) e não a uma forma de energia que o autor não podia conhecer. Mas que sentido teria uma "letra selada" em um submersível? Sabe-se, por outro lado, que entre as técnicas adotadas por Nostradamus para impedir aos profanos a compreensão de certas profecias suas consta o uso freqüente de palavras transcritas de modo a poder chamar a atenção dos leitores comuns para outras desconhecidas ou totalmente inexistentes, mas capazes de poder adquirir um sentido perfeito no futuro.

Quando do interior de um peixe de ferro
sairá para depois fazer guerra a letra selada
[quem?] tiver a sua frota bem ramificada
pelo mar aparecendo perto a terra latina.

O Leão cegado na jaula

Hitler com a sua espantosa "fornalha" representa algo mais que uma simples profecia. E uma tentativa assombrosa — uma das mais inexplicáveis já registradas na história divinatória — de evocar realidades futuras com o nome delas. O vidente chega inclusive a uma minuciosa descrição de certas atitudes típicas do ditador, evidenciando entre outras coisas a delirante agitação oratória: chama-o de "raivosa língua" e "vencedor ensangüentado que arenga". Mas não são subestimadas, no afresco visionário das Centúrias, outras surpreendentes antecipações: da Revolução Francesa (em especial, uma autêntica e adequada crônica da fuga de Varennes), da subida ao poder de Napoleão ("mais carniceiro do que príncipe"), da execução de Mussolini e de seus hierarcas (o "negro feroz", com os seus "penduricalhos no pescoço e nos pés"), das duas guerras mundiais, do comunismo (a "foice") e da queda do muro de Berlim, das infundáveis tensões entre a civilização islâmica e a ocidental, citando exatamente no processo com a sua sigla histórica (UAR) a República Árabe Unida, constituída em 1958 por Egito e Síria.

Não devemos de qualquer modo subestimar o fato de que para a verificação de muitas profecias precisou-se esperar séculos — como no caso das que citamos em relação ao nosso tempo —, enquanto para outras o achado foi rápido. Neste caso inclui-se a previsão da morte do rei da França Henrique II, marido de Catarina de Medici, protetora do vidente, que, por suas modalidades singulares e totalmente imprevisíveis, suscitou enorme ressonância quando Nostradamus ainda era vivo. Eis o texto:

O jovem leão superará o velho
no campo bélico em singular duelo.
Na jaula de ouro os olhos lhe furará,
duas feridas em um só golpe, para morrer de morte cruel.

Bem, o soberano foi derrotado numa justa pelo jovem Gabriel de Lorcey, conde de Montgomery. Henrique tinha quarenta anos, seu adversário, 29. Ambos traziam no escudo a insígnia de um leão. O rei tinha a cabeça protegida por um elmo com celada de ouro, que lhe cobria o rosto como as grades de uma jaula. A ponta da lança de Montgomery, quebrando-se no impacto, enfiou-se na celada, furando os olhos de Henrique, que antes de morrer padeceu de uma dolorosa agonia de dez dias.

O episódio, tão minuciosamente descrito por Nostradamus, aconteceu em 30 de junho de 1559, quatro anos após a publicação do texto profético, inserido na primeira centúria. À época o vidente, já popular em toda a França, tinha 56 anos, tendo nascido em Saint-Remy-de-Provence em 1503, e estava no ápice da sua atividade.



Hermes Trismegisto, representado sobre um mosaico ao domo de Siena, que demonstra a proximidade entre certos mitos pagãos e a tradição cristã.

As "palavras de poder"

A origem judia não havia acarretado restrições ou confiscos para Michel de Nostredame. Além do mais, sua família era composta de médicos e notários fiéis às instituições monárquicas e ao culto católico, adotado muitas gerações atrás. Ele próprio, mesmo sendo depositário de segredos herdados da antiga estirpe de Issacar, uma das mais nobres e ortodoxas tribos de Israel, praticava com respeito e devoção a nova fé.

Pôde, portanto, estudar livremente medicina nas universidades de Avignon e Montpellier, distinguindo-se como estudante na luta contra a peste de Lyon.

Mas seus sucessos científicos atraíram a inveja dos outros médicos, motivo por que optou por atuar num âmbito mais reservado, dedicando-se à produção de fármacos prodigiosos para o seu tempo e às práticas divinatórias. Contribuiu para a sua retirada do exercício ativo de uma profissão muito amada a perda da jovem esposa Adriele e dos filhos, mortos por uma fatal ironia do destino exatamente daquela doença que ele havia em tantas ocasiões derrotado.

Nostradamus viajou muito, depois desta fase preliminar da sua vida, e hospedou-se em mosteiros nos quais aprofundou seus conhecimentos esotéricos. Vivenciou o rígido regulamento monástico da abadia de Orval, chamada também de Áurea Vallis, em cuja biblioteca pôde consultar livros essenciais a sua formação espiritual. Teve contatos e experiências no mundo islâmico e no Ocidente, em Veneza, no Egito, na Alemanha e junto a diversas cortes da Itália, acolhido em todos os lugares com uma deferência e uma disponibilidade que permitem acreditar que ele tenha pertencido a uma ordem iniciática. Nada se sabe desta misteriosa fraternidade, mas é presumível que se enquadrasse naquela rede de relações clandestinas entre intelectuais e viajantes interessados — como o alemão Agrippa von Nettesheim, fundador de uma "comunidade dos magos" com ramificações em toda a parte, o inglês John Dee, o italiano Giordano Bruno, o suíço Paracelso — na troca de segredos, sobretudo científicos, aprendidos durante suas peregrinações. Não se deve, portanto, ignorar que Nostradamus também tenha pertencido a esse círculo de "veneráveis camaradas", a partir do qual se formou posteriormente, no início do século XVII, a sociedade secreta rosa-cruz.

O sucesso e a notoriedade do vidente, após a publicação das primeiras Centúrias, induziram Catarina de Medici a chamá-lo à corte, em Paris, como médico pessoal de seu filho Carlos IX, rei de mente tão frágil quanto sua saúde física. Não deixou por isso de perscrutar as névoas do futuro, criando em torno de si mistério e estupor, também em seguida às curas realizadas mediante a aplicação de métodos modernos, sem mistificações nem truques. Costuma-se dizer que o segredo mais significativo de Nostradamus consistisse na sua capacidade de pronunciar com a entonação certa as "palavras de poder" aprendidas através do estudo dos hieróglifos do Egito, durante uma estada no vale das pirâmides. Que não se esqueça, de resto, que

o vidente foi também um decifrador perito de alfabetos perdidos, do qual se conhece a familiaridade com os antigos textos (comenta-se que estivera de posse do *Almagesto* de Ptolomeu) e com as inscrições rupestres de civilizações remotas.

Além de qualquer conjectura sobre a real essência de seus poderes, é certo que a vida do "mestre de Salon", assim chamado pelo nome da aldeia provençal na qual se estabeleceu depois de suas longas andanças, foi rica de episódios espantosos e inexplicáveis, nem sempre documentados através da inserção no complexo profético das Centúrias, e, portanto, lendários.

Digno de nota entre estes é o encontro, nas imediações de Pádua, com um anônimo padre franciscano, diante do qual o jovem Michel se ajoelhou de repente, como subjugado por um imperativo sobrenatural. O religioso, embaraçado também pela surpresa dos confrades que haviam assistido à cena, convidou-o a levantar-se com um gesto resolutivo, perguntando-lhe por que se comportava daquele modo; e Nostradamus, sem hesitação, respondeu com uma pergunta ainda mais espantosa do que aquela inesperada genuflexão:

— Não deveria talvez me ajoelhar diante daquele que um dia estará sentado no trono de Pedro?

O anônimo franciscano era de fato Felice Perretti, que dali a algum tempo seria coroado papa, com o nome de Sisto V.

Nostradamus não viveu o suficiente para poder constatar pessoalmente o cumprimento desta sua profecia juvenil (em 1585), mas é certo que o papa Perretti terá recordado, ao ouvir a resposta do conclave, a extravagante previsão do desconhecido viajante encontrado anos atrás na bruma da planície vêneta.

"Estando sentado à noite..."

De viajante incansável, que tinha sido, até o retiro na aldeia de Salon, o mais popular vidente da França — e se pode bem dizer da Europa — mudou de hábitos depois de então, confiando o êxito das próprias incursões no futuro a uma nova pesquisa metódica, marcada por horários precisos e rituais bem definidos. Tornou-se a partir de então um hábito cotidiano para ele recolher-se ao escurecer para o seu "segredo estudo", como escreve na

abertura da primeira Centúria, e ali ficar sentado em solidão numa cadeira até o alvorecer, tentando entrever à luz de uma débil chama "aquilo em que não é vão crer". Conta ele próprio que para evocar a "divina visão" se servia de uma vara mantida ereta entre os braços — a tradicional vara mágica, posta au milieu des branches —, enquanto uma aura mística envolvia seu corpo como uma nuvem. Transparecem do seu testemunho interessantes semelhanças com as práticas sibilinas, em especial as da Pitonisa ou Déléfica, descritas por Jâmblico e Diodoro Sículo.

Estando à noite em secreto estudo
apenas sentado na cadeira de ramos
a chama exígua que da solidão cintila
faz dizer aquilo em que não é vão crer.

A vara na mão no meio dos braços
a bainha da roupa e o pé lambido pela onda
medo e voz vibram ao longo das mangas
de esplendor divino. O divino senta-se ao lado.

Nostradamus favorecia, além disso, o estado de transe indispensável para incitar nele a centelha divinatória mediante espelhos e braseiros em chamas. Daí se deduz que lhe eram familiares as técnicas da antiga catotromancia, como era chamada (do grego *kàtoptron*, espelho, e *katoptrikôs*, espelhante) a arte de extrair profecias dos brilhos das superfícies refletivas. Eram utilizados com tal objetivo, desde os tempos mais remotos, além dos espelhos comuns, às vezes côncavos ou convexos, cacos de vidro, recipientes de água estagnada ou ainda esferas de cristal, predominantes, sobretudo, entre os árabes. Parece que Nostradamus focalizava as próprias visões na água contida em uma bacia de latão, sustentada por um tripé do mesmo metal, mas mantinha aceso ao mesmo tempo um braseiro, tolerando a sugestão mântica de suas reverberações afogueadas. Tudo afinal leva a crer que o seu método divinatório pessoal se baseasse numa interação entre técnicas diversas, entre as quais se contavam — junto à catotromancia tradicional — a hidromancia e a piromancia, além naturalmente da astrologia. É ele próprio quem fala da existência de um nexos entre o movimento dos corpos celestes e as coisas por ele vistas "olhando em um

espelho ardente".

Nostradamus era ajudado nesta sua sistemática, mas extenuante pesquisa por um fiel aprendiz chamado Jean-Ayme de Chavigny, formado também em medicina na Universidade de Montpellier, autor de memórias das quais temos uma descrição acurada da aparência física do vidente, homem de forte envergadura e rosto suave, marcado por uma expressividade intensa. Tinha, como se evidencia também pela iconografia, um olhar encorajador, austero mas tendente ao sorriso. O discípulo anota, a insólita cor cinza-claro dos olhos, a testa larga, a austeridade da barba bem-cuidada, a sóbria elegância no vestir, mas também a tendência à repentina mudança de humor em relação ao próximo, como acometido por intuições que transformavam uma cordialidade inicial em manifesta desconfiança, ou vice-versa.

Era, contudo, dotado de uma característica constante para esquivar-se à influência dos eventos, capaz de suportar o peso da tragédia sem sucumbir e as lisonjas da glória sem se exaltar. Experimentou estas últimas em mais de uma ocasião em Salon, para onde afluíam príncipes e soberanos a fim de render-lhe homenagem, entre os quais os duques de Savóia e o próprio Carlos IX. Conta-se que o rei, recebido na cidade por uma delegação municipal, interrompeu prontamente o orador que lhe fazia um discurso de saudação para correr até o vidente: "Nada de discursos. Só vim por causa de Nostradamus."

As "figuras nebulosas"

Nesta fase feliz da sua vida, satisfeito nos estudos e venerado pelos poderosos, Michel quis também resgatar sentimentos perdidos com a morte da primeira mulher e dos filhos. Voltou a casar-se, portanto, aos 45 anos, com uma graciosa viúva de Salon — Anne Ponsard, dona entre outras coisas de um dote de quatrocentos florins, um capital que veio a incrementar o seu já minguado patrimônio —, com a qual teve oito filhos. A um destes, o pequeno César, nascido em 1553, quando já tinha cinquenta anos, Nostradamus dedica uma longa carta, através da qual se dirige com efeito à posteridade, fornecendo elucidações sobre as razões do modo por ele escolhido para expor as suas profecias. Nela se lê que "os reinos, os partidos e as religiões sofrerão mudanças tão diametralmente opostas em relação ao

presente que se eu fosse apontar aquilo que o futuro reservará, aqueles [os homens do presente] se veriam em desacordo com as suas visões e previsões". Mais adiante o vidente admite ter desejado "retardar com sentenças obscuras e ambíguas a respeito de fatos futuros, também os mais urgentes, a fim de que as mudanças humanas aconteçam sem escandalizar a fragilidade do ouvinte". Por isso, acrescenta sem reservas, sua mensagem é "passada através de figuras nebulosas mais do que nitidamente proféticas". Detém-se, pois, sobre a necessidade de levar em conta que "três tempos coexistem na eternidade, sendo a revolução [o evoluir dos eventos] subordinada a causas passadas, presentes e futuras".

Exprime de tal modo uma moderna concessão das práticas divinatórias, sublinhando com toda a clareza critérios próprios de uma física projetada além das barreiras do tempo, segundo o qual o futuro finca raízes no passado e, por necessária ligação, no presente.

Declara, além disso, que as estrofes das suas Centúrias "contêm vaticínios progressivos, deste momento até o ano 3797". É um dado que nenhum leitor poderia ter colhido de outra maneira, por uma leitura também profunda do texto, sendo as profecias recolhidas sem nenhuma ordem cronológica nem indicações explícitas sobre o tempo ao qual se referem.

Descobrem-se também, pela carta ao filho, detalhes relativos aos transe visionários do profeta. Para estimulá-los, costumava inalar "aromáticos eflúvios", queimando incenso no braseiro.

A carta, datada de 1º. de março de 1555, é também uma confirmação da religiosidade de Nostradamus, que, ao dissertar sobre astrologia e influxos planetários, reconduz cada devoção sua à "onipotência de Deus eterno".

Insiste em que tudo provém de Deus na seguinte e célebre carta, endereçada três anos depois, em 27 de junho de 1558, a Henrique II, atribuindo ao Espírito Santo, entre outras coisas, o papel de supremo inspirador de cada profecia. Não desmente com isso sua necessidade de recorrer a "cálculos astronômicos correspondentes aos anos, meses, semanas de regiões, periferias e da maior parte das cidades de toda a Europa e de parte da África e da Ásia", mas subordina os resultados de tais cálculos ao desígnio divino, não ao fato.

O novo reino de Saturno

A carta ao rei da França confirma as preocupações que o vidente nutria sobre as possibilidades de que suas profecias fossem interpretadas corretamente, motivo pelo qual se esforça para fornecer a chave em arcanos. Para tal objetivo se voltam presumivelmente as contagens sobre a evolução do gênero humano através de eras e patriarcas, aos quais dedica boa parte da mensagem.

Mas o que realmente interessa nessa carta é a visão escatológica de Nostradamus, que coloca a vinda do Anticristo em concomitância com eventos descritos às vezes de forma hermética, segundo o seu estilo, outras vezes claramente. Diz por exemplo que "os arcos construídos pelos antigos Marciais [guerreiros] se confundirão com as ondas", deixando intuir cataclismos análogos àqueles previstos pelos mais variados apocalipses: inundações, terremotos, cidades e restos humanos submersos. Explica, porém, em termos totalmente acessíveis, que "no Adriático haverá uma profunda discórdia, de tal forma que aquilo que estava unido será separado, e aquela que antes era uma grande cidade será reduzida a uma casa". Dir-se-ia que o profeta fala da atual situação balcânica, de uma Iugoslávia uma vez unida e agora desintegrada em comunidades hostis entre si, da sangrenta guerra que daí resultou, da tragédia albanesa e também dos ventos de secessão que sopram sobre o território do Vale do Pó. Diz, de fato, que a cidade de Veneza "abre as suas asas", como prestes a voar embora.

Neste caldeirão de discórdia deveriam manifestar-se os primeiros sinais dos eventos previstos pelas escrituras apocalípticas: "Neste período e naquela região o poder infernal levantará contra a Igreja de Jesus Cristo o poder de todos os que se opõem à sua lei, e será o segundo Anticristo!" O primeiro deveria manifestar-se em 1792, como ele diz na mesma carta, no decorrer de um evento "para considerar a renovação do século" com uma grande perseguição contra a Igreja cristã. Como realmente aconteceu no ápice da Revolução Francesa.

Também este inimigo ainda por vir "perseguirá a Igreja e o seu verdadeiro Vigário com a ajuda dos reis temporais, seduzidos por causa da sua ignorância por línguas mais cortantes que espadas nas mãos do insensato". Especificando que será o próprio Vigário a ser perseguido, Nostradamus

deixa entender que o perseguidor, isto é, o Anticristo, se apresentará usurpando como seu este título. Reforça o conceito afirmando, pouco mais adiante, que "o sangue dos verdadeiros eclesiásticos correrá por toda a parte".

O cenário projetado pelo vidente prevê, portanto, a contraposição de duas comunidades religiosas e a supremacia da legítima. Nisto sua mensagem é nítida, transparente: haverá mais uma vez o cisma, e o mal assumirá o aspecto do bem, também graças à universalidade das forças que se enfileiram contra os justos.

"A perseguição ao povo eclesiástico será sustentada pelo poder dos reis Aquilonários [setentrionais] aliados aos Orientais. Tal perseguição durará onze anos, ou pouco menos, a partir do momento em que capitulará o mais forte dos reis Aquilonários. Depois disso sobrevirá o seu aliado Meridional, que porá em ação por três anos uma perseguição ainda mais dura contra o povo da Igreja, mediante a apostasia pregada pelo detentor do poder absoluto na Igreja militante."

Eis, portanto, que ao Evangelho do papa desautorizado estará sobrepondo-se a palavra do usurpador, sustentado na prática pelos poderosos da terra. Está claramente descrita no texto uma autêntica e apropriada situação de cerceamento ao santo povo de Deus, agredido por inimigos provenientes de qualquer ponto cardeal, exceto do Ocidente.

Seria por isso a América o último refúgio, como aventam outras profecias sobre os papas, para a Igreja perseguida?

Nostradamus não deixa entender aquilo que assevera ver, mas diz que "será espalhado mais sangue humano de eclesiásticos inocentes do que vinho". O autor desses estragos será "o mais terrível rei Aquilonário". As más ações deste último evocam o afresco apocalíptico de João e de seus precursores bíblicos:

"Correrá como água de chuva torrencial o sangue nos templos e nas vias públicas, vão se avermelhar os rios mais próximos [não é dito por causa de quê, mas é evidente que Nostradamus pretende referir-se a um lugar específico] e o mar se tingirá de vermelho por causa de uma guerra naval."

À devastação vão se sobrepor epidemias irresistíveis, escassez e "aflições tão grandes jamais acontecidas desde o tempo da fundação da Igreja cristã". O mundo será reduzido a um estado de primitiva desolação e "será

novamente destruído pelo paganismo o Sancta Sanctorum [Roma?], enquanto o Novo e o Antigo Testamento serão queimados", mas a duração deste reino infernal será relativamente breve, segundo Nostradamus, pois "não durará mais que a morte natural" do Anticristo.

A guerra entre as forças do bem e do mal não deveriam, portanto, prolongar-se além de 25 anos. O vidente o diz explicitamente, determinando que em tal faixa de tempo "o príncipe infernal reinará pela última vez". Serão anos terríveis, no decorrer dos quais "tremerão tanto os reinos da cristandade quanto os dos infiéis (...) e ocorrerão espantosas guerras e batalhas, e casas queimadas, saqueadas, destruídas com grande derramamento de sangue virginal, esposas e viúvas violentadas, recém-nascidos arremessados para se arrebentarem contra os muros derrubados das cidades, e se cometerão tantas daquelas atrocidades por meio de Satanás que quase todo o mundo será desfeito e devastado".

Aqui Nostradamus insere a profecia universalmente considerada como uma antecipação da moderna guerra aérea. Tal ruína, escreve de fato, será precedida pela passagem de "insólitos pássaros" que gritarão no ar huy huy, como se viu, para desaparecer logo em seguida. É difícil não reconhecer no sibilo e na velocidade desses monstros alados as características dos atuais jatos de combate.

O resto da profecia repete em termos ortodoxos, se bem que permeado de referências astrológicas, a tradição escatológica das Escrituras, reforçando a perspectiva salvadora. Depois dos estragos e devastações "será restabelecido um outro reino de Saturno e século de ouro: Deus Criador dirá, ouvindo a aflição do seu povo, que Satanás seja enviado no abismo da voragem, na fossa profunda". Isso está escrito nos textos sacros, especifica Nostradamus, mas também "nas coisas celestes visíveis, ou seja, Saturno, Júpiter, Marte e os outros planetas em conjunto".

O fim de Nova York

É difícil estabelecer, entre as tantas estrofes de fundo catastrófico das Centúrias, quais se referem efetivamente a uma hipótese de fim do mundo e quais fazem parte, em vez disso, da normal sucessão de calamidades e guerras. As estrofes comumente interpretadas como premonitórias da

destruição de Nova York fazem pensar em algo muito similar a um desastre final. Numa delas se lê que "o fogo arderá a 45° [são graus de latitude, correspondentes, com uma aproximação mínima, à posição geográfica de Nova York] avizinhand-se da grande cidade nova e num segundo explodirá em grande chama espalhada". Em uma outra é citada uma "grande cidade sobre o oceano marítimo circundada por pântanos de cristal no solstício invernal e da primavera", e esta é uma particularidade das águas estagnadas que circundam Nova York, tornadas similares a extensões de cristal do gelo invernal e do degelo primaveril. Naqueles meses a cidade "será sacudida por um vento assustador", no qual diversos leitores entreviram uma premonição do fim nuclear.

Um sinal da aproximação da guerra final pode também ser entrevisto, segundo certos exegetas, na estrofe em que se fala da guerra do "grande muro". A referência a Berlim parece manifesta, também pela alusão a certas "nostalgias" provocadas pela liquidação histórica do marxismo, "posto à morte demasiado rápido":

Antes do conflito o grande muro cairá:
o grande [será posto] à morte demasiado rápido e pranteado.
Nave imperfeita: a maior parte nadará.
Junto ao rio a terra se tingirá de sangue.

Se o muro de que se fala é realmente o de Berlim, a nave imperfeita poderia ser o comunismo, que envolveu muitos homens no seu naufrágio, obrigando-os a nadar com as próprias forças que lhes restavam para não se afogarem. Mas poderia também tratar-se da ONU (ou de qualquer modo da sociedade internacional), incapaz de administrar as tensões geradas pela ruptura do equilíbrio entre os dois blocos.

Cabem no contexto da guerra temida como, preâmbulo do fim do mundo, — mas legíveis também à parte, como profecias totalmente autônomas — as estrofes que indicam na expansão islâmica talvez o fator principal da desestabilização mundial, com alusões às vezes explícitas à ameaça integrista.

Poderia referir-se ao surgimento desta última a estrofe (X, 72, já citada) que assinala o advento de "um grande rei do terror" a partir de julho de 1999. A

idênticas conclusões, aliás, pareceriam conduzir os versos que descrevem o Egito "trememente pelo incremento maometano" (II, 86) ou a captura do rei do Marrocos "em nome dos árabes". É evidente em ambos os casos a alusão ao agravamento das atuais lacerações no interior do mundo islâmico, com referência específica ao crescimento do fundamentalismo, dedicado a aterrorizar e abater aqueles que a ele se opõem— como os governos do Cairo e de Rabat — com uma guerra de extermínio entre fés contrapostas. Para a queda do rei do Marrocos o texto indica também uma data em código, que dir-se-ia muito próxima do ano 2000. Nostradamus fala, de fato, do "ano 1607 da Liturgia", que deveria ser calculado fazendo interromper a contagem da segunda metade do século IV, assinalada pela fixação definitiva das regras católicas (Liturgia, literalmente "serviço" tanto em favor quanto por parte do povo) em contraposição às heresias em expansão. Mas por Liturgia, visto que se fala de questão islâmica, o vidente teria podido também entender a Hégira, isto é, o evento que assinala o início da era muçulmana, cujo calendário é computado a partir de 16 de julho de 622, data da fuga de Maomé (Hégira significa exatamente isto: emigração) de Medina para Meca. Neste caso, a profecia deveria consumir-se em 2229.

O Ataque do Grande Camelo

Reconduzem ao mesmo cenário de cruzada islâmica contemporânea as estrofes que assinalam desembarques líbios nas costas do Adriático, terror em Malta e pilhagens nas ilhas vizinhas (I, 9), uma maciça infiltração maometana na França (I, 18) e o irromper sobre os Bálcãs de hordas dirigidas a dar de beber "ao Grande Camelo" no Danúbio e no Reno (V, 68). Esta invasão poderia também ser entendida em sentido de migração étnica, como aconteceu há tempos na França e mais recentemente na Itália. É sintomático que em outra estrofe seja dito: "os árabes serão aliados dos polacos". Se relacionada ao nosso tempo, a profecia poderia ter a ver com a confluência para o coração da Europa de massas desestabilizadas, provenientes tanto dos países do Leste quanto do mundo islâmico. Mas o vidente fala também de sangue derramado em grande quantidade sobre a terra, no Sena e no mar, de populações vacilantes e de uma batalha junto aos Alpes, na qual o Galo (isto é, a França, aliada a outros estados europeus)

derrotará o invasor. Pareceria, portanto, redundante circunscrever este conflito de civilizações às tensões determinadas por uma difícil convivência. Cabe no mesmo florilégio apocalíptico a crua perspectiva das perseguições a que serão submetidas, no curso dessa que parece em certos aspectos uma guerra de conquista e, em outros, um êxodo destinado a subverter o assentamento etnológico do planeta, as comunidades de religião católica ou hebraica. Nostradamus fala de violências, devastações e pilhagens dos "grandes templos". E ainda uma vez transparece de suas palavras uma acurada preocupação com a sorte do seu povo original:

A Sinagoga estéril sem mais nenhum fruto
será recebida entre os infiéis.
A filha do perseguido da Babilônia
miserável e triste lhe cortará as asas.

Aqui o vidente prevê uma tal derrota para Israel a ponto de pôr a Sinagoga, agora "estéril e sem frutos", à mercê dos infiéis, que a absorverão em seu próprio seio. Mais uma vez, como na mais pura tradição apocalíptica, fala-se da Babilônia, que neste caso não é mais apenas um símbolo, mas poderia de fato indicar a bacia do Tigre e do Eufrates, onde encontra sustentação e força a ameaça de um povo miserável e infeliz (talvez os palestinos), decidido a "cortar as asas" de Israel.

Esta eventualidade é ilustrada em outra parte por Nostradamus em termos estratégicos de uma extrema modernidade: chegado "à sua última mão", o exército de Alus (ou seja, Saul, como se disse) não poderá mais defender-se por mar. Será, ao mesmo tempo, ameaçado por um golpe militar urdido "entre dois rios" (ainda uma alusão a Bagdá, banhada pelo Tigre e o Eufrates) e posto em crise pelo "negro irado", isto é, pelo árabe.

Na sua última mão o sanguinário Saul
não poderá mais proteger-se por mar:
entre dois rios cairá por mão militar,
o negro irado o fará arrepender-se.

Uma alusão à "cidade banhada pelos dois rios" retorna ainda em uma estrofe dirigida como uma advertência ao papa:

Romano pontífice acautela-te ao te aproximar
da cidade banhada por dois rios.
Lá cuspirás teu sangue,
Tu e os teus quando florir a rosa.

A profecia parece subentender a dúvida de que eventuais mediações de paz por parte do pontífice possam de qualquer modo favorecer o adversário. Se esta é a chave certa de leitura, é preciso deduzir que pretende resguardar o chefe da cristandade de mostrar-se solidário demais com seus tradicionais inimigos. Poderiam resultar disso problemas tão sérios a ponto de ele correr o risco de "cuspir sangue".

Não através de negociações, mas contrapondo a força à força, este trabalho de povos poderá enfim abrandar-se mediante a intervenção de "falanges de ouro, de azul e de vermelho". Tais exércitos, cujas insígnias recordam as cores dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França, conseguirão "subjugar a África e roê-la até o osso". É uma imagem cruel, que deixa intuir um indigno desfrute se projetando nos séculos.

Piedade por quem tem fome

Nostradamus está sempre atento aos sofrimentos dos povos, pelos quais mostra uma sincera piedade, como quando descreve a "grande escassez" que dizimará as pessoas de boa parte do planeta. Dizimará, quando? Na estrofe se pode colher uma referência ao atual e desolador drama do Terceiro Mundo, mas também uma alusão mais geral à fome eterna das nações menos desenvolvidas.

A grande escassez que sinto aproximar-se
virá mais vezes para depois tornar-se universal,
tão grande e longa que se verá arrancar
as raízes do bosque e o bebê da teta da mãe.

Junto à escassez, entre as pragas de um futuro que parece sempre mais identificável neste fim de milênio, Nostradamus simplesmente previu uma

horrenda doença epidêmica. A particularidade da profecia, articulada sobre duas estrofes diferentes, e que esta moderna pestilência deveria insurgir — ou ser insurgida, caso se trate da Aids, como a maioria tende a interpretar — a vigília do grande conflito final, para ser depois debelada definitivamente ao seu cumprimento, quando a humanidade sobrevivente "fará renascer o seu sangue da antiga urna". E eis as duas estrofes fatais:

Um ano depois da horrível guerra que se prepara para o Ocidente
virá uma pestilência tão forte e assustadora
que [não se salvará] jovem, velho nem animal.
Sangue, fogo, Mercúrio, Marte, Júpiter na França.

Nascido sob as sombras de jornada noturna estará no reino da
bondade soberana:
fará renascer o seu sangue da antiga urna
renovando o século de ouro do bronze.

Torna-se totalmente evidente, na sucessão das duas estrofes, a intenção de estabelecer uma concatenação, como em cada apocalipse, entre expiação trágica (guerra, sangue, terror, doença) e regeneração.

Morrer "no lugar de sempre"

Nostradamus previu de modo detalhado sua própria morte. Escreve de próprio punho, no último dos Presságios, que seria encontrado "no lugar de sempre" depois de ter "ido a Deus":

... encontrado morto junto ao leito e o banco

pelos parentes mais próximos, amigos, irmãos de sangue.

Assim, em sua mesa de trabalho, junto ao leito, ao alvorecer de 2 de julho de 1566, o corpo inanimado de Michel de Nostredame foi encontrado pela mulher Anne Ponsard e pelo fiel Chavigny, discípulo e amigo, ligado ao mestre por vínculos de estreita irmandade.

Deixou para a posteridade uma advertência muito similar àquela feita por João do seu Apocalipse, convidando qualquer um a ler os seus versículos e

ponderá-los "com reflexão", punindo com a maldição do céu quem fosse regulado de outra maneira:

Quem ler estes versículos que os pondere com a devida reflexão.

Que fique longe o vulgo profano e ignorante.

Não vos aproximeis de astrólogos charlatães, tolos e bárbaros.

Maldito seja pelo céu quem se comportar diferentemente.

O Destino dos Filhos

Dir-se-ia que o primeiro a arcar com os custos dessa maldição tenha sido um dos oito filhos de Nostradamus, o desafortunado Michel, que, tentado talvez pelo orgulho de ter o mesmo nome do pai, quis imitar-lhe a fama, dedicando-se superficialmente e com má-fé à arte profética.

Carente da prudência e dos dons paternos, o jovem Michel se deixou levar por predições facilmente inteligíveis, sem recorrer a formulações herméticas, vendo-se assim privado de justificativas perante a frustrada consumação delas. Cometeu, além disso, o erro de divulgar profecias de interesse contingente e imediato, que, não se consumando, o expuseram ao ridículo.

Assim, desconfortado e desacreditado publicamente pelo insucesso recorrente de seus vaticínios, o incauto Michel recorreu a um detestável expediente. Prenunciou o incêndio de Pouzin, cidadezinha do Vivarais assediada pelas tropas reais, e tentou ele próprio provocar o sinistro durante a noite.

Foi descoberto por uma ronda enquanto ateava fogo nas casas da periferia, pateticamente certo de que a consumação do incêndio lhe valeria grande prestígio. Capturado e julgado sumariamente, foi condenado a um fim tão infamante quanto atroz, que consistia em ficar amarrado ao solo e pisoteado por cavalos enfurecidos.

Assim morreu, sob a indiferença dos cronistas, envergonhando o grande nome que levava, Michel de Nostredame, filho, por vaidade e mal-intencionada imitação paterna, em 1567, um ano apenas depois da morte do pai.

Diferente foi a sorte dos outros sete filhos, que, graças também às riquezas

deixadas pelo pai, estimadas em trinta mil escudos de ouro, além de credenciais de grande valor junto aos poderosos da França, tiveram uma vida respeitável e abastada.

O mais feliz foi César, filho predileto do vidente e por isso mesmo instruído pelo pai a conscientizar-se de que a maior graça que um homem pode esperar é aquela de não conhecer o próprio futuro.

Foi por isso que César, removida qualquer curiosidade sobre a duração do seu destino e sobre a dos outros, viveu uma existência serena e culta.

Nostradamus teve com Anne Ponsard quatro filhos homens e quatro mulheres. Os homens foram César, Michel, Charles e André, que se tornou capuchinho. As mulheres foram Jeanne e Madeleine, que desposaram nobres de Salon, e Anne e Diane, que continuaram solteiras.

O bem estar derivado das riquezas paternas permitiu-lhe dedicar-se ao estudo da história, da poesia, da pintura, sem deixar de cultivar as relações sociais adequadas ao seu nível elevado, já que foi cônsul de Salon. Tal como o pai, ganhou a estima do rei, apesar da sucessão das dinastias e do fim dos Valois, protetores de Nostradamus. O novo rei Luís XIII o tratou com simpatia e deferência, conferindo-lhe a honraria de gentilhomme ordinaire da Câmara. Para cúmulo da sorte, foi também feliz no amor, pelo pouco que se sabe do seu bem-sucedido matrimônio com Claire de Grignan, donzela da corte.

Nos pólos extremos desses destinos — na tragédia do estouvado Michel e no sucesso de César —, reside talvez o ensinamento mais concreto e humano que se pode aprender do acontecimento humano que foi Nostradamus.



19 - A grande ilusão renascentista

Também o exercício da arte profética, como cada manifestação do pensamento, ressentiu-se do grande processo evolutivo renascentista, tendente a estabelecer as bases para uma renovada concessão do saber universal. O critério dominante, por parte daqueles que haviam fixado as novas regras da pesquisa científica e filosófica, foi o de entender o conhecimento como síntese das matérias mais disparatadas, de modo a constituir para o intelectual renascentista — para o cientista tal como para o artista e o literato — um patrimônio abrangente de noções de qualquer gênero, de ordem naturalista e metafísica ao mesmo tempo, médico e filosófico, matemático e literário, alquímico e religioso.

Não eram mais apenas os astrólogos e os adivinhos, portanto, a difundir profecias, mas sim sábios destinados a exceder em muitos outros campos do saber, médicos e naturalistas como o grande Paracelso, filósofos como Marsilio Ficino e Giordano Bruno, artistas e inventores da estatura de um Leonardo, polemistas animados como Savonarola por uma fé impetuosa e reformadores empenhados, como Lutero, a desordenar os cenários da cristandade ocidental.

Paracelso entre super-homem e homunculus

Um dos mais singulares e completos protagonistas dessa grande saga do engenho humano — desse fervor intelectual destinado a produzir uma visão totalmente nova do mundo — foi o suíço Teofrasto Bombast von Hohenheim, dito Paracelso, médico e filho de médico, instruído pelo pai na profissão e depois laureado na Universidade de Basiléia. Mas, além de estudar medicina e filosofia, o jovem Hohenheim dedicou-se à alquimia sob a orientação do abade Tritêmio — um dos mais eruditos ocultistas do seu tempo — e ao estudo dos metais. Aperfeiçoou tais conhecimentos trabalhando por conta de um anômalo alquimista rico dos círculos de Tritêmio, um tal Fugger, proprietário de bancos e minas, que lhe permitiu

efetuar um estudo aprofundado do mundo mineral junto a algumas cavernas rochosas no Tirol.



O abade Tritênio, mestre de Paracelso, no estudo das ciências secretas.

Desse entremeado de disciplinas aparentemente tão distantes surgiram as premissas para a moderna medicina homeopática, pois Paracelso, elaborando uma complexa teoria sobre a "interseção do organismo humano com o universo", chega à conclusão de que o similar se cura com o similar. Dela derivam novos sistemas de cura, baseados no uso terapêutico das substâncias minerais e de outros produtos naturais.

A teoria de Paracelso não estava totalmente isenta de sugestões mágicas, baseando-se na convicção de que pudesse substituir uma correspondência direta entre o macro e o microcosmo, isto é, entre o universo e o corpo

humano, mas, em substância, prevalece um interesse experimental que levou a resultados de grande importância científica, como a primeira intuição da existência de uma relação de causalidade entre germes e doenças.



Paracelso, profeta e médico, previa a crise ecológica e a desorientação social no mundo moderno.

É evidente que essas novas teorias não deixariam de esbarrar na medicina oficial, sustentada pelas facções mais retrógradas do clero, tanto católico quanto luterano, temerosos quanto às implicações teológicas da filosofia natural proposta por Paracelso, a qual estabelecia como preâmbulo da sua pesquisa científica uma nítida distinção entre revelação divina e — como a definiu nos seus Sermões — revelação natural, sustentando que para obter esta última cada um deve agir por iniciativa própria, através da observação direta dos fenômenos e da experimentação.

Contribuirá, pois, para torná-lo suspeito de heresia o fato de que, ao expor sua doutrina sobre a relação entre o universo e o corpo humano, ele se aventurava em perigosas considerações sobre a alma e sobre suas correspondências astrais.

O ressentimento acadêmico e a prevenção eclesiástica são aumentados por sua decisão de dar aulas em língua vulgar, em vez de latim, na Universidade de Basiléia, para onde foi chamado a lecionar, com pouco mais de trinta anos, em 1526. As tensões se exacerbaram quando contestou as teorias médicas de Galeno e Avicena, chegando ao exagero de queimar publicamente as obras de ambos. Isso deu um pretexto a seus detratores para forçá-lo a deixar Basiléia.

Seguiram-se anos de lendárias peregrinações, que o levaram a atravessar a Europa de um extremo a outro — aclamado e seguido, venerado às vezes como um santo —, e a deslocar-se até a África e a Ásia em busca daquilo que definia como o árqueo e a quintessência, isto é, os primeiros ativos da existência, dos quais brota a vida.

Foram-lhe atribuídas curas miraculosas, operadas mediante rituais de "simpatia", ou seja, tendentes a transferir a doença de um enfermo para um animal, uma planta ou outro organismo vivo. É certo que percebeu primeiro a exigência — só levada a sério pela medicina oficial no início do século XIX — de combater a dor física, além do mal, mediante o uso anestésico do éter e de pílulas de láudano, por ele mesmo confeccionadas e ministradas com êxito extraordinário, não obstante o sarcasmo dos outros doutores, para os quais não passavam de "esterco de rato". Mas os seus prodígios mais inquietantes aconteceriam durante experimentos tendentes a reproduzir in vitro a vida biológica. De fato está associada ao seu nome a tentativa de gerar o homunculus, mítica criatura de imitação humana que no imaginário renascentista pareceria antecipar uma idéia de fecundação artificial. Ainda que, em substância, não tenha se tratado de nada mais, para médicos e ocultistas, que o sonho vão de imitar Deus.

Nesta ótica de super-homem se estabelecem as suas profecias, através das quais se esforça, sobretudo, para pôr em guarda a humanidade futura, contra o mau uso da ciência. É fortemente polêmico, nestas predições, em relação "àqueles que ferem o sol" ou que definitivamente "envergam as roupas do sol". É evidente a referência ao uso impróprio das energias naturais,

agravado pela tentativa de usá-las por ambição, vaidade e orgulho.

Para os cientistas que tentarão no futuro servir-se do sol para fins de poder, Paracelso prevê um ruinoso destino: "O sol é vida, mas nas mãos dos homens se tornará morte."

Não será apenas a gestão irresponsável da ciência, contudo, a gerar um difuso mal-estar na humanidade. Paracelso preconiza para os séculos vindouros convulsão social, ânsia e desorientação: "Todos correrão. (...) Haverá cabeças demais a buscar vantagem própria, e o justo será excluído."

É crítico em relação aos confrontos do sistema democrático de governo, ao qual atribui a responsabilidade pela degradação geral: "Muitas cabeças governarão, e ninguém se dará conta de que só uma deveria governar." Virá, porém, um "novo tempo" em que a ordem será restabelecida com métodos fortes: "Cabeças demais cairão. (...) Uma só será a cabeça, uma só a espada."

Será necessário destruir "para nos tornarmos adultos". E somente crescendo, paradoxalmente, o homem encontrará "a civilidade da infância". Somente crescendo poderá "voltar a viver como as crianças, que não conhecem astúcia nem logro". Leões ferozes e rugentes se tornarão mansos e doces como crianças, e também os sábios poderão redimensionar sua erudição, pois finalmente a humanidade "compreenderá que o grande saber não traz paz, mas sim agitação".

Para a mensagem que tentam transmitir ao homem contemporâneo, as profecias de Paracelso são de fato um corolário cortês das suas pesquisas sobre o mistério das forças naturais atuantes.

Seus estudos sobre mecanismos da existência biológica se estenderam além de cada limiar de credibilidade científica, indo atrás de ilusões que parecem concretizar-se na faculdade de dominar o próprio destino ao ponto de mudar de sexo. Após sua morte, foi encontrado em seu corpo uma espécie de hermafroditismo que, se procurado intencionalmente por ele próprio, permitiria supor sua vontade de verificar em si mesmo a perfeição original do estado paradisíaco primordial. Uma tentativa de deflorar a imortalidade através do arrepio da criação, que, porém, não vale para assegurar-lhe a longevidade.

Paracelso morreu aos 47 anos, em 1541, em Salzburgo, onde havia

finalmente encontrado proteção, depois de tanto perambular, junto à diocese de um bispo progressista genuinamente interessado no seu saber. Quis deixar no epitáfio ditado para o próprio túmulo um claro sinal da sua convicção de que vida e morte nada mais são que dois momentos de uma mesma operação. Está escrito em sua lápide no cemitério de São Sebastião, em Salzburgo:

Anno MDXLI die XXIII septembris

Vitam cum morte mutavit.

"Em 23 de setembro do ano 1541 transformou a vida em morte."

Marsilio Ficino e a cúpula do mundo

A pressa em conciliar magia e religião, ou ainda, mais especificamente, a especulação filosófica com os princípios fundamentais da doutrina cristã, foi o centro do humanismo renascentista. Torna-se particularmente intensa nos círculos neoplatônicos florentinos, e em especial entre os membros da academia formados por volta de 1470 em torno de Marsilio Ficino, promotor da discussão sobre a natureza divina do homem, graças à qual este último estaria em condições de conhecer Deus e de elevar-se até Ele.

Para demonstrá-lo, o filósofo se valeu de alguns princípios fundamentais da doutrina platônica, sustentando que a alma do homem, por sua natureza, não pode senão voltar à mesma fonte da qual emanou, isto é, Deus. Daí, derivaram estranhas tentativas de individualizar uma precisa colocação da alma na ordem natural das coisas, situando-a em posição intermediária entre Deus e a matéria. É reconhecido o seu papel de cúpula do mundo, isto é, ligação, momento de união entre a realidade do infinito — do qual participava enquanto imortal — e a realidade finita da natureza ou do fato. Enobreceu-a, por fim, atribuindo-lhe um desejo de beleza que era desejo de bem, animado pela força inesgotável de um amor voltado à conjunção com Deus.

Livres sobre esta base da suspeita de cultivar vocações heréticas, os

neoplatônicos tiveram uma liberdade relativamente ampla (com algumas exceções, como no caso de Pico della Mirandola, pela sua tentativa de conciliar a Cabala hebraica com a teologia cristã) para aventurar-se pelos profundos meandros do hermetismo, apropriando-se de um conhecimento em torno do qual giravam os símbolos da alquimia e da adivinhação.

Marsilio Ficino contribuiu decisivamente para isso traduzindo do grego o *Corpus hermeticum*, um conjunto de dezessete tratados de natureza iniciática, que comunicava segredos mágicos e oraculares em forma de diálogo entre o adepto e a divindade. Tratava-se de escritos em que era evidente a influencia da religião egípcia tardia, atribuídos pela fantasia popular ao mítico Hermes Trismegisto, fundador de todas as religiões, mas na realidade redigidos nos dois ou três primeiros séculos depois de Cristo.

Os ensinamentos contidos no *Corpo hermético* são, com freqüência, formulados de modo profético. Exerceram por isso sobre os neoplatônicos — e sobre os filósofos renascentistas em geral — uma influência voltada a alimentar a sensibilidade para as antigas práticas divinatórias, que foram, portanto, bastante comuns entre os intelectuais da época.

Os símbolos presentes no texto evocam, em certa medida, a linguagem apocalíptica, mas as predições são na maioria acessíveis em seu significado real, que parece às vezes de uma extraordinária simplicidade (e atualidade, para as referências à decadência do mundo contemporâneo em termos humanos e ecológicos).

Nele se lê que o "o homem envenenará a terra, as águas, a atmosfera" e a essa altura "terá envenenado também seu coração". Deste coração árido não jorrarão mais sentimentos vitais, e então "terá início, por falta de amor, a agonia do mundo".

De nada servirão os grandes poderes conquistados pelo homem sobre a natureza mediante o progresso tecnológico, pois justamente "quando tiver dominado a terra e escalado o céu, quando estará imerso nos abismos marinhos, quando acreditará ter derrotado o tempo, o tempo se abaterá sobre ele".

O discurso se torna aqui escatológico, seja no que concerne aos símbolos, familiares à religião cristã, seja pelos eventos enunciados: "No céu uma mulher com a cabeça coroada por doze estrelas indicará o sol. Sobre a terra o terror apertará os corações, enquanto na cidade entre os dois rios o homem

dos dois nomes assistirá ao tormento de dois mártires. O senhor das trevas se apresentará na aparência da luz. Virá uma cruz gamada para ensangüentar o mundo. Uma foice ceifará vítimas e um martelo as esmagará, até um toque de trombeta anunciar o sétimo dia, para a ressurreição dos mortos.”

A cruz gamada é o signo do Anticristo, emblema de um satanismo hoje difundido em níveis grosseiros de popularidade. Era assim nos primeiros séculos da era cristã, quando a profecia foi formulada, e o é até hoje. A foice e o martelo, cujo valor simbólico atual não é o das origens, suscitam em vez disso o estupor. E mais uma vez ocorre a alusão à cidade entre os dois rios, que Nostradamus também cita nas suas Centúrias, referindo-se provavelmente a Bagdá. De novo se alude, porém, ao homem dos dois nomes que, segundo alguns exegetas, poderia ser um papa, que assiste impotente ao martírio dos seus fiéis.

Por que exatamente em Bagdá?

A questão fica sem resposta nas condições atuais, mas é digno de nota que justamente em uma estrofe de Nostradamus se leia a advertência ao "pontífice romano" para que fique longe da cidade dos dois rios se não quiser "cuspir sangue", ele e sua gente.

O vírus de Leonardo

A fama de alguns grandes personagens do Renascimento nos seus respectivos campos de atividade foi tal que fez passar para segundo plano, muitas outras particularidades do seu intelecto, inclusive certos lampejos de vidência expressos, às vezes, com surpreendente precisão, outras vezes em forma enigmática, à maneira daqueles profetas que preferiram ocultar atrás de um véu hermético o significado daquilo que tinham visto. Mais que uma autêntica vocação profética, portanto, suas predições vieram a ser atribuídas a geniais intuições, talvez devidas à premonição própria de uma sensibilidade cultural superior.

Certamente Leonardo da Vinci foi dotado de uma predisposição natural para direcionar ao futuro a sua própria curiosidade, ele foi autor de profecias distribuídas nos seus códigos, que representam de algum modo a vertente visionária de um gênio que simplesmente havia tentado traduzir na prática — mediante invenções pouco viáveis, porém, como as máquinas voadoras

— os próprios estímulos criativos.

Trata-se de aforismos e sentenças sobre eventos futuros, nem sempre decifráveis. Em certos casos o significado é claro, explícito: "Uma cruel doença virá aos homens, que com as próprias unhas dilaceram as suas carnes." Não há metáfora, é tudo muito simples: entende-se que haverá uma tremenda epidemia, sem que se saiba onde nem quando, e é tudo. Lemos em outro lugar que "sairão da terra animais vestidos de treva, os quais [...] atacam a geração humana que, com ferozes mordidas e mistura de sangue, será por eles devorada". Aqui há metáfora. Estes animais que vêm de fora da terra para exterminar a humanidade representam algo diferente daquilo que a imagem sugere. Poderia se tratar de germes, ainda mais porque vestidos de treva, isto é, invisíveis. Mas é apenas uma conjectura. O significado fica obscuro.

Do mesmo modo, fica claro quando ele diz: "Vejo de novo Cristo vendido e crucificado, e martirizado os seus santos." Evidentemente, anuncia aqui novas perseguições para a Igreja, que no futuro — como este último século mostrou — não faltarão. Não se entende a que se refere quando diz: "Corpos sem alma mover-se-ão por si mesmos, e levarão consigo incontáveis gerações de mortos, tomando as riquezas dos circunstantes viventes."

É uma cena de filme de terror, interpretada por zumbis que roubam os vivos. Mas esta imagem dos vivos perseguidos pelos mortos retorna mais vezes nas sentenças de Leonardo:

"Muitos mortos se moverão com fúria e pilharão e amarrarão os vivos."

"Ver-se-á os mortos carregarem os vivos em diversas partes."

"Homens sairão das sepulturas transformados em pássaros e atacam os outros homens tomando-lhes o alimento das próprias mãos à mesa."

Tudo isso é legível talvez como uma alegoria do remorso. A lembrança dos mortos ata os homens, os arrasta para longe das moradas tranquilas, tira-lhes a vontade de se alimentar.

Retorna a hipótese de um vírus letal em mais uma sentença obscura: "Escorrerá pelo ar a nefanda espécie volátil, a qual atacará os homens e os animais, e daqueles se alimentará com grande alarde: encherá seus ventres de vermelho-sangue." A profecia pareceria referir-se de modo particular à guerra bacteriológica e à natureza volátil dos venenos espalhados pelas armas químicas, destinados a golpear indistintamente homens e animais. O

que poderia também valer como alusão às conseqüências de um apocalipse ecológico.

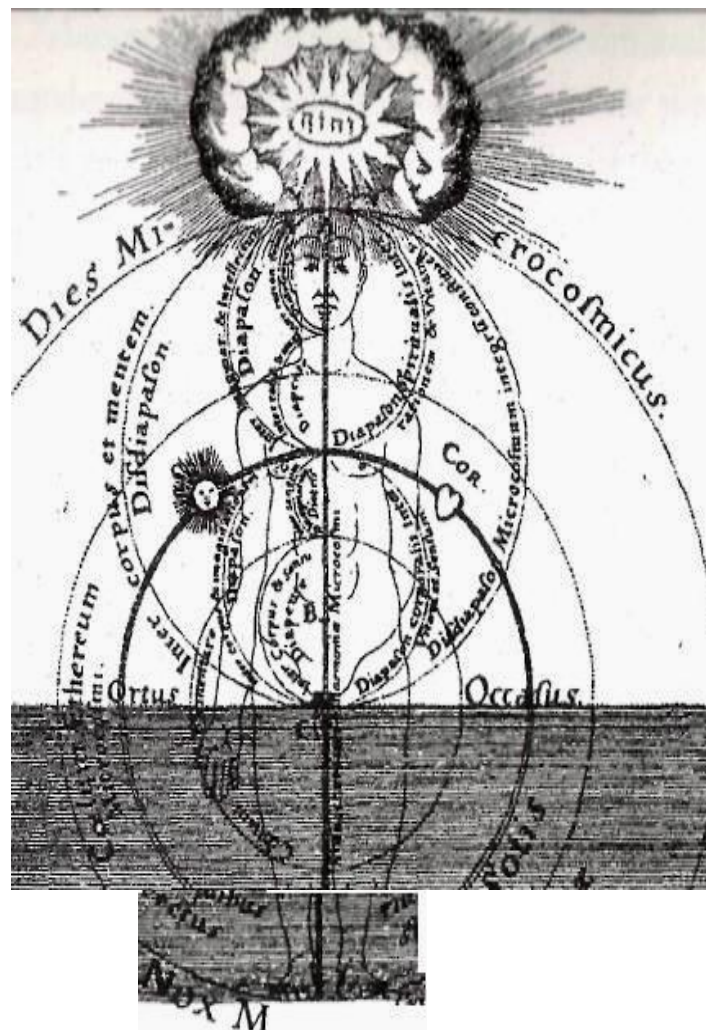
A este último, por outro lado, Leonardo parece querer referir-se em mais pontos:

"Ver-se-á as plantas ficarem sem folhas e os rios interromperem seus cursos [...] e as maiores árvores das selvas serem carregadas pelo furor dos ventos do oriente ao ocidente."

"As árvores e os arbustos das grandes selvas se converterão em cinzas."

"Os animais aquáticos morrerão nas águas ferventes."

"Ao final a terra ficará vermelha pela fogueira de muitos dias, e as pedras se converterão em cinzas."



O homem representado como um microcosmo, submetido às mesmas leis do universo, segundo a concepção filosófica renascentista.

A confusão é tal que subverte a ordem natural dos lugares e das coisas: "Ver-se-á todos os elementos misturados passarem rapidamente com grande revolução ora em direção ao centro do mundo, ora em direção ao céu, e [...] das partes meridionais em direção ao frio setentrional [...] do oriente para o ocidente."

Por fim, os homens, como as plantas e cada outro elemento, "mudarão o hemisfério imediato".

Giordano Bruno: do cosmo à catástrofe

O desastre ecológico e a falta de amor em uma humanidade sempre mais condicionada pela avidez e pela ambição individual foram previstos com desoladora clareza também por Giordano Bruno, trágico herói do pensamento livre, antes de ser queimado como herege.

O filósofo vê além da sua vida um mundo no qual "o dinheiro e o egoísmo reinarão soberanos". Um mundo no qual "se verão santos e madonas por toda parte, milagres e acontecimentos extraordinários e rodas de fogo no céu". Mas não será um mundo pio. Pelo contrário, as ciências ocultas se espalharão, fazendo prosélitos: "Astrologia, magia, alquimia e satanismo envolverão muitas pessoas."

Não será uma simples moda, pois "Satanás estará presente sobre a terra e muitos o seguirão".

Anacronicamente, nesse ínterim, a humanidade se deixará corromper por essas crenças antigas, o progresso científico levará o homem além dos confins do universo. Ao aproximar-se da destruição final, "o homem viajará no cosmo e do cosmo conhecerá o dia do fim".

Também Bruno está, portanto, convencido de que o poder do homem sobre o universo não servirá para salvá-lo; pelo contrário, "exatamente quando o homem se acreditar senhor do cosmo, muitas cidades ricas terão o fim de Sodoma e Gomorra".

Os sinais do firmamento serão similares aos prenunciados por qualquer apocalipse: o céu se dobrará sobre si mesmo, engolfando-se, e "um sol negro engolirá no espaço o sol, a lua e todos os planetas que giram ao redor do sol".

Esta última anotação é crucial, pois revela que, além da intenção profética, Bruno teria abraçado a visão copernicana do mundo — segundo a qual a terra não era mais o centro do universo —, antes que encontrasse confirmação experimental e matemática na obra de Galileu e de Kepler. É um dado que demonstra quão distante estaria das ilusões renascentistas este desafortunado filósofo. Pode-se bem dizer que sua execução, em 17 de fevereiro de 1600, figura entre os grandes ritos de passagem das certezas antigas às dúvidas da era moderna.

Inaugura-se nos reflexos da sua fogueira uma estação melancólica que nada mais tem da luminosa magnificência de uma época. Também as cores do mundo circundante vão se desbotando e destemperando nos tons tênues — porém cada vez mais escuros — do cinza e da noite. O negro se torna a cor mais comum ao alvorecer do século XVII, nos trajes, nas mobílias e na decoração. Compreende-se o motivo. A Europa está de luto pela morte do homem renascentista, pela dissolução do ideal clássico, do último grau de perfeição alcançado por aquele equilíbrio harmônico de corpo e intelecto, que as estátuas de Fídias e os diálogos de Platão haviam consagrado ao primado da natureza.

Agora, enquanto as chamas consomem o corpo estropiado de Bruno, aquele primado é perdido. Na travessia de uma era para outra não existem mais esperanças para aqueles que haviam insistido em estar, no próprio orgulho, no centro do universo. As novas intuições científicas e as audácias de mestres prontos a desafiar o patíbulo por uma idéia rompem as últimas seguranças, provocando ao mesmo tempo uma urgência desmedida de austeridade — de negro, a propósito — e de rigor.

Sem aviso prévio, na virada do século o homem se vê como uma criatura rebaixada de protagonista — espelho e modelo da perfeição divina — a fragmento de um indecifrável vazio. Não é mais o árbitro do universo, mas o pior é que se dá conta de nunca ter sido. A nova verdade é impiedosa: o mundo heliocêntrico de Copérnico é de tal forma confinado e insondável que não só o homem não pode estar no centro, como também nem sequer

tem condições de mensurá-lo e conhecê-lo.

Enquanto Giordano Bruno morre em Roma, Shakespeare, em Londres, escreve Hamlet, tragédia do ambíguo mascarado por piedade filial. Ali também termina uma época de ouro, dissolvem-se as certezas da era elisabetana, o renascimento inglês. São os próprios intelectuais que o suprimem, mas para ficarem órfãos depois. Em Júlio César, um ano antes, um filho tinha matado o pai; em Hamlet, ele o vinga, apreensivo por existirem "mais coisas entre o céu e a terra" do que possa conter a vã filosofia humana.

A abdicação não é indolor. Quando a dúvida aflora, contrapõem-se o integrismo, o ressentimento, o preconceito. Não se renuncia a um primado de tal porte sem reagir com a mais cruel determinação.

Giordano Bruno inclui-se entre os primeiros a pagar a conta. Depois de sua morte, haverá um espantoso incremento nas atividades da Inquisição, tanto no mundo católico quanto no protestante. Será especialmente planejada e reorganizada a "caça às bruxas", com uma ferocidade meticulosa, anotada, obstinada, sem igual nas perseguições mais sanguinárias nos séculos precedentes.

Contam-se entre as vítimas desse cruel preconceito numerosos astrólogos, profetas e videntes das mais diversas origens.



O Excomungado, O santo, O cismático

Três sacerdotes de estatura espiritual extraordinária — um italiano, um espanhol e um alemão, homens místicos e de ação — elevaram sua voz profética na evolução daquele humanismo que assinalou a história da Europa, do crepúsculo medieval a toda a extensão do Renascimento, até o

grande trauma da Reforma. Um acabou na fogueira: Girolamo Savonarola; outro foi santificado: Vincent Ferrer; o terceiro fundou uma nova Igreja, separada daquela de Roma: Martinho Lutero. Não existem pontos especiais de contato entre eles, salvo a radical idealidade das respectivas convicções, por demais distantes entre si. Mas exatamente por esse motivo Lutero, Savonarola e Ferrer merecem figurar lado a lado entre os profetas do seu tempo, como testemunhos de três diferentes maneiras de entender (e de administrar) o poder divinatório.

Savonarola, terrorista de Deus

Para Girolamo Savonarola, dominicano impelido por sua intransigência a impor uma rígida moralização dos costumes na Florença dos Medici, soberbamente culta e festiva, a profecia foi o instrumento terrorista de persuasão. Obtendo plenos poderes após a queda dos Medici, instaurou uma ditadura teocrática (1494) proclamando por decreto Jesus Cristo rei do povo florentino. Apoiado pelo movimento chamado dos piagnoni, que na realidade era uma seita dedicada ao uso de qualquer meio para submeter o povo às regras do mais austero carolismo, pregou com paixão alucinada um evangelho do qual era banida a piedade. Converteu libertinos e prostitutas, destruiu obras de arte consideradas licenciosas, proibiu jogos e festas, substituiu as populares canções carnavalescas por salmos litúrgicos, expulsou da cidade os mercadores judeus. Utilizou para isso um sistema de espionagem e delação sem igual, encorajando crianças a denunciar os pais, e os criados, aos patrões. Mas eram de tal modo inflamadas suas pregações, tão terrificantes suas profecias sobre o fim do mundo, que até mesmo os artistas e filósofos acabaram por ser atraídos por essa sufocante tirania espiritual. Entusiasmaram-se ao ponto de se submeterem às suas regras os Robbia e os Botticelli, o jovem Miguelangelo e, com particular ímpeto, Pico della Mirandola, bastante perto da morte (1494) não obstante os seus trinta anos de idade.

Nesse clima de perpétua penitência, Savonarola quis emprestar solenidade à Quaresma de 1497 com uma espetacular fogueira na praça della Signoria, na qual foi queimado tudo que pudesse recordar o luxo e o divertimento da antiga Florença; e não foram apenas cartas de jogo e frívolas peças de seda,

mas principalmente pinturas preciosas, instrumentos musicais raros, livros de Petrarca e de Boccaccio. Um ano depois, na mesma praça, ardia o seu corpo, junto com outros dois dominicanos, como ele condenados pelos ataques dirigidos a Alexandre VI, indigno vigário de Cristo.

Os historiadores estão divididos quanto ao papel desempenhado pelo frade dominicano e sobre o uso instrumental mais inspirado que fez da profecia. Há quem defenda hoje sua santificação e conteste sua figura como expressão fanática de uma visão do mundo superada. Foi, segundo alguns, um autêntico iniciado, se não exatamente um "protótipo dos profetas iluminados por Deus". Foi, segundo outros, um tirano inspirado por um fundamentalismo religioso levado às últimas conseqüências. E em todo o caso redimensionada a influência por ele exercida sobre a mais evoluída das cidades italianas da época, explicável com as contradições da sociedade humanista, afligida por uma crise espiritual não resolvida, necessitada de respostas civis e religiosas.

Nesta situação de contornos indefiníveis, Savonarola se inseriu com a força das suas profecias, sustentado por uma incurável ânsia sobre a decadência dos costumes e da religião. Assim, exaltado por êxtases que assumiam na sua imaginação a inelutável força da revelação, acabou por acreditar-se "realmente designado pela vontade divina a exercer entre os homens errantes a função de reprecnsor e de profeta".

É ele próprio quem dá garantias da sua boa-fé no Diálogo sobre a verdade profética, onde procura demonstrar que a verdade é uma só e que a mentira é pecado, mais grave ainda se consumada através de profecias enganadoras.

Mas e "se enganasses de boa-fé a ti mesmo"? A tal pergunta, feita pela voz de um interlocutor imaginário, o frade responde: "Não, não é possível. Conheço a pureza das minhas intenções. Adorei sinceramente o Senhor. Procuro imitar suas pegadas. Passei noites em claro nas orações. Perdi a paz, consumi a saúde e a vida pelo bem do próximo. Não, não é possível que o Senhor me tenha enganado. Esta luz é a própria verdade; esta luz ajuda minha razão, rege minha caridade."

Essa luz o inspirou nas suas pregações, transcritas em grande parte por aqueles que o ouviram, seguindo-o com indômita constância de 1483 até o ano de sua morte. Os temas proféticos são extraídos do Apocalipse e das Epístolas de João, das Lamentações de Jeremias, do Gênesis, dos Salmos, do

Êxodo, dos livros de Ageu, Amós, Ezequiel, Rute, Miquéias. A originalidade das suas profecias reside na credibilidade das conexões por ele estabelecidas entre o texto sagrado e a realidade contemporânea. Evitou as investigações teológicas, enunciando suas verdades de forma simples, acessível a qualquer um, como crônica de fatos agora prestes a vir. Ambientou no seu próprio tempo o fim do mundo e o advento do reino de Deus. Identificou o Anticristo em Rodrigo Borgia, no pontífice Alexandre VI, atraindo assim a excomunhão e depois a morte.

Muito se debateu sobre o escândalo suscitado pela sua propensão ao uso político da profecia e as acusações que por represália lhe lançaram as autoridades eclesiásticas. Mas soube habilmente responder que exatamente esta obstinação por parte delas demonstrava a autenticidade de tudo que dizia. “As coisas futuras não incitam à sua perseguição natural”, defende em um dos seus últimos sermões, em 14 de março de 1497, um ano antes de acabar na fogueira, “mas cada vez que virdes que as previsões têm perseguição, principalmente pelos homens maus e os servos do diabo, como têm estas, então é o sinal de que elas são [inspiradas] por Deus.”

No mesmo sermão exortou a duvidar daqueles profetas que, diferentemente dele, não eram perseguidos, pois isso significava que as verdades deles não eram inspiradas pelo Espírito Santo, mas ditas “da própria cabeça” e, portanto, inócuas. Dedicou ao seu trabalho de vidente, glorificado pelas massas populares e detestado pelo alto clero, um opúsculo intitulado *Compêndio das revelações*, onde descreve, junto com as próprias visões, a angústia experimentada ao decidir se o divulgava ou não.

Não se limitou a profetizar eventos de natureza escatológica, como o fim do mundo, mas também fatos de interesse imediato — e privado, como no caso de Pico della Mirandola, ao qual previu a data da morte — que se verificaram pontualmente.

Previu o fim de Lourenço de Medici e do papa Inocêncio VIII no mesmo ano de 1492, o trauma provocado na Igreja romana pela eleição simoniaca de Alexandre VI, a queda na Itália de Carlos VIII — que chamou de o “novo Ciro” - e a sua entrada em Florença no mesmo dia da morte de Pico, 17 de novembro de 1494.

Ferrer coroado de fogo

Não menos terrificantes que as profecias de Savonarola, as de Vincent Ferrer foram igualmente funcionais para um desígnio político e religioso, pois a pregação deste frade — também ele dominicano, e sustentado por uma fé visionária — coincide com o grande cisma do Ocidente. Também Ferrer, portanto, se arrojou com fúria guerrilheira contra aqueles que considerava os inimigos da autêntica Igreja, com grave risco pessoal de acabar na fogueira, uma vez que na grande confusão do momento não era simples distinguir entre papa e antipapa qual fosse o legítimo sucessor de Pedro.

Errou inicialmente, influenciado pelo cardeal aragonês Pedro de Luna, seu compatriota, que o induziu a alinhar-se do lado de Clemente VII, pontífice em Avignon. Arrependeu-se alguns anos depois, quando o próprio Luna sucedeu Clemente com o nome de Benedito XIII. Foi para ele um momento de grande desorientação, que aguçou a intensidade apocalíptica de suas visões, impelindo-o a fazer pregações tão espantosas a ponto de ser representado em certos retratos com a cabeça coroada por línguas de fogo e com as asas do anjo exterminador às costas.

Estremecendo às suas palavras, que produziam autênticas rajadas de pânico e de arrependimento, os ouvintes se aglomeravam em torno do seu púlpito para obter a bênção. Contribuiu sensivelmente para a reunificação da Igreja, sendo santificado em 1455 por Calixto III — passados apenas 36 anos da sua morte, ocorrida em 1419 —, não obstante ter apoiado de início dois antipapas.

Entre as imagens mais sinistras do repertório profético de Ferrer figura a de um dragão que "surgirá do mar da Ligúria e terá por arma [emblemática, no sentido heráldico] uma serpente ostentando três coroas". É uma representação simbólica do poder satânico que persegue a cristandade, ameaçando em particular o seu pastor. A continuação da profecia anuncia fatos que dizem respeito justamente ao papa, e que segundo muitos especialistas se comprovariam. Eis o texto:

"O sumo pontífice será conduzido da Cidade do Sol para Babilônia, mas morrerá nas suas vizinhanças. Surgirá ainda um outro, Sétimo, que será arrastado para o exílio. O dragão colocará um ídolo anticristão misto."

O pontífice ao qual se refere a visão de Ferrer seria Pio VI, deportado, por exigência de Napoleão, de Roma (a cidade do Sol) para a França (Babilônia), onde morreu após muitos sofrimentos, não na capital, mas "nas suas vizinhanças", em Valence. Sucedeu-o um outro Pio (Sétimo), que foi por sua vez deportado por Napoleão na França e depois libertado pela queda do imperador, sendo obrigado a um novo exílio pelo período de "cem dias", sob a proteção dos Savóia em Gênova.

Se este é o sentido da profecia, entende-se por que o dragão deveria "surgir do mar da Ligúria", que banha a Córsega, terra natal de Napoleão. Daquele mesmo trecho de mar, aliás, o imperador surgiu uma segunda vez com a sua fuga de Elba, forçando o papa a um novo exílio.

Também as três coroas da insígnia ostentada pelo dragão encontrariam uma justificação, se esta é a chave correta, enquanto ligada ao império, ao reino da Itália e ao papado, expropriado dos seus territórios pelo invasor francês. Nesse sentido poderiam ser interpretadas as duas invectivas que aparecem logo depois na profecia: "Ai de ti, ó Etrúria! Ai de ti, ó Emília!"

Na nova ordem napoleônica, de fato, o grão-ducado de Toscana tornara-se o reino de Etrúria, e o papado devia ceder as províncias de Bolonha e de Ferrara, junto com a Emília e Romanha.

Resta entender o que pretende o vidente com "ídolo anticristão misto", colocado pelo dragão no interior da Igreja. Se referente a Napoleão, como o resto da profecia, poderia significar a tentativa imperial de impor aos hierarcas católicos uma religião concordatária, laicamente revista e controlada por "Babilônia", como havia acontecido depois da revolução com o clero francês "jurado". Mas o oráculo poderia também querer abrir uma janela sobre outros eventos futuros e referir-se ao surgimento de uma espiritualidade confusa, contaminada por cultos estranhos ao catolicismo, se não absolutamente hostis, como acontece em nossos dias com a proliferação — na própria Roma — de seitas, movimentos e novas crenças ambíguas.

O resto da profecia é lido nessa perspectiva, que fala de perseguição ao clero enquadrando-o em uma época de grave crise da fé, talvez a nossa: "Ai de todos aqueles que trazem a tonsura! Parecerá quase que Deus não quer mais ouvir as preces dos justos."

É uma sofrida admissão do extremo enfraquecimento da esperança do homem na graça divina, que será como que negada por um Deus surdo às

invocações dos justos. Seguirá, porém, a sublevação e, por fim, "o dragão será esmagado, desventrado pelo caudilho Carlos e morrerá como um cão no quarto ano de seu reinado".

Não se entende quem seja este moderno cruzado de nome Carlos, que mata o Anticristo como a um cão, mas formulou-se a vacilante hipótese de que poderia tratar-se do futuro rei da Inglaterra, habilitado a representar a cristandade — enquanto chefe da Igreja anglicana — após a submissão do Vaticano às forças do mal.

Esta última eventualidade é preconizada explicitamente por Ferrer, como muitos outros profetas antes e depois dele: "Muitos que usam a tonsura adorarão o ídolo anticristão e queimarão incenso em sua honra." Daí se deduz que no clero da última era não estarão somente perseguidos em nome de Cristo, mas perseguidores em nome do Anticristo. Um usurpador se sentará então no trono de Pedro, indicado na profecia como "o imperador dos romanos", que morrerá com o dragão quando enfim prevalecerem as armas do bem.

É o último ato de uma luta sem quartel, ao fim da qual "o grande caudilho Carlos reconduzirá o pontífice à Cidade do Sol e será pelo mesmo pontífice coroado imperador do Oriente e do Ocidente".

Com esta investidura triunfa definitivamente o reino de Deus sobre a terra, em conformidade com a revelação de João e dos outros apocalípticos, aos quais Ferrer se adapta repropondo um modelo de perfeito Estado cristão universal. É a utopia, jamais abrigada pelo imaginário político medieval, de um "povo de Deus" governado por um chefe espiritual absoluto, protegido nas suas prerrogativas por um único soberano (do Oriente e do Ocidente) que ele próprio legitimou ao pôr-lhe na cabeça a coroa.

Deveria durar, uma vez realizada, até 2.537, ano do fim do mundo segundo os cálculos do santo profeta, com base na numeração dos Salmos.

Os diabos de Lutero

Martinho Lutero, o irrequieto pai da reforma protestante, não ficou imune à obsessão do Anticristo, que antes dele havia atormentado hereges e santos. Também ele insiste em tê-lo personificado no papa, tal como Savonarola, e considerou assim como certo que o fim do mundo fosse iminente.

Estabeleceu que sobreviria em 1550, com base em contagens efetuadas segundo a tradição bíblica em torno das três idades do mundo. Até-m-se a isso por dados comuns às culturas hebraica e cristã, compartilhados tanto pelo Talmude quanto pelos Padres da Igreja, segundo os quais o fim sobreviria em seis mil anos a partir da criação, assim definidos: dois mil de leis naturais ou de caos, dois mil de lei mosaica, dois mil de lei messiânica. Leva em conta possíveis variantes determinadas pela contagem diferente que deveria ser feita de certos tempos extraordinários, remetidos à vida e à morte do Cristo. Redige enfim, como apoio à sua predição, uma cronologia intitulada *Supputatio annorum mundi*, isto é, Contagem dos anos do mundo. Em 1540 escrevia: "Exatamente neste ano são transcorridos 5.500 anos [da criação]." Dever-se-ia deduzir, segundo a teoria por ele seguida, que faltavam quinhentos anos para o fim do mundo, previsto, portanto, para 2.040. Acrescentava, porém, que uma correta avaliação dos três dias decorridos entre a morte e a ressurreição do Cristo (que "foram na realidade dois dias e meio") induzia a antecipar tal data para 1550.

Não viveu o bastante para poder constatar a não-confirmação de sua conjectura profética. Morreu quatro anos antes, na reconfortante certeza de ter-se redimido e de ter redimido a humanidade com a sua oportuna revolução teológica. Procurou longamente os sinais do fim agora próximo, atribuindo ao castigo divino muitas calamidades do seu tempo, entre as quais a expansão da sífilis, que entrou na literatura exatamente naqueles anos, através de um poema de argumento mitológico intitulado *Syphilis, sive de morbo gallico* (Sífilis, ou a doença francesa), publicado em Pádua em 1530 por Girolamo Fracastoro, astrônomo e médico de cardeais. É possível que ao ter personalizado um tal flagelo, atribuindo-lhe o nome gentil de um pastor arcádico, filho de Níobe, tenha contribuído para acentuar em certos humanistas devotos algo mais que dê a sensação de poder reconduzir os efeitos a um desígnio sobrenatural.

Além, contudo, da propensão a buscar na realidade circundante os sinais de um iminente apocalipse, o elemento que principalmente aguçou a sensibilidade profética do jovem Lutero, quando ainda não passava de um frade agostiniano acometido de crises místicas profundas, foi o senso da predestinação, percebida como uma condenação ou uma promessa, às quais, de qualquer modo, não se poderia escapar.

Em uma carta a Melanchton, seu fiel colaborador e primeiro teórico da Reforma, escreveu em 1521: "Quando assumi os votos monásticos para grande desdém do meu pai, recordo tê-lo ouvido dizer, depois que se acalmou: 'Contanto que não seja um logro de Satanás!' Estas palavras fincaram raízes tão profundas no meu coração que nada, de todas as coisas ditas por ele, ficou impresso em mim com mais tenacidade. Creio que foi Deus quem falou pela sua boca, como se de longe, para me prevenir e corrigir."

Mas Deus não intervém só para aconselhá-lo: decide todo o curso da sua existência, contradizendo nos fatos tudo que o próprio Lutero pregou em matéria de livre-arbítrio. E ele, com uma certa ênfase, o admite: "O meu Deus me carrega, o meu Deus me impele à frente em vez de conduzir-me. Não sou o patrão de mim mesmo. Queria repousar, e eis-me, em vez disso, bem no meio da luta."

É uma luta feroz, na qual Satanás participa como entidade pensante, ativa, providente: "Creio que Satanás, desde a minha infância, tenha previsto em mim aquilo que hoje sofro", lê-se numa outra carta, para Hans Lutero, "e por isso interferiu com incríveis maquinações com o objetivo de me desorientar e de criar obstáculos, de modo que com freqüência me pergunto se entre todos os mortais não escolheu só a mim."

A fobia do Diabo esteve entre os aspectos que mais aproximou Lutero, em termos de comportamento cotidiano, dos profetas milenaristas. Desde a idade da ordenação sacerdotal e por toda a sua vida, esse grande líder religioso insiste em ser fisicamente agredido por Satanás, com o qual dizia manter extenuantes pugilatos à noite, vendo-se pela manhã machucado e banhado de suor. Atribuía ao seu inimigo a moléstia produzida por nuvens de moscas ou outros eventos aparentemente fortuitos, como o fragor de barris postos a rolar pelas escadas por mão infernal. Afirmava reconhecer a passagem do rumor de gravetos crepitantes que o acompanhava. Reagia, quando a náusea se tornava insuportável, com invectivas violentas, às vezes obscenas, que, segundo suas palavras, punham em fuga o adversário.

Restavam, porém, na sua casa certos espíritos malignos, duendes e fantasmas que lhe bagunçavam a cozinha, movendo vassouras, frigideiras e panelas, ou também fazendo saltar as nozes no prato que tinha à sua frente. Estava sinceramente convencido de que deveria olhar ao jogar seixos num

poço, para não despertar os espíritos adormecidos no fundo.

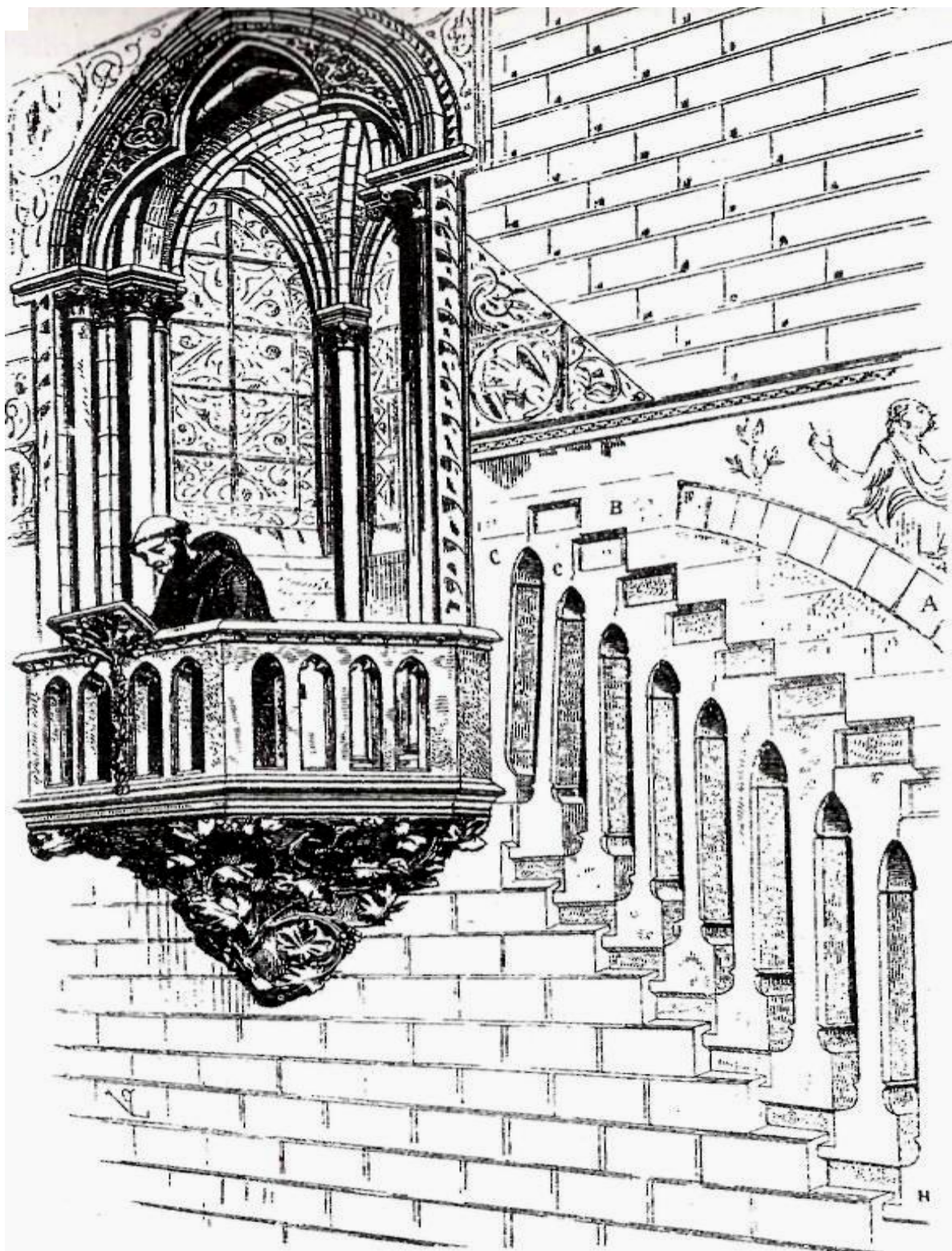
Estava ainda seguro de que cada coisa, por mais abominável, fosse funcional ao cumprir-se a predestinação assim como está configurada nos desígnios de Deus. Também a obra do demônio, portanto, não obstante os tormentos que lhe provocava, devia ser considerada algo necessário à consumação de um destino profético, em harmonia com um projeto preordenado. Justificou desse modo o suicídio, explicando que era uma fatalidade urdida por Satanás, que preparava com sua própria mão a arma ou o laço para o pobre predestinado.

Ele mesmo reconhecia ser invadido em certos momentos de prostração pelos horrendos e espantosos pensamentos. Atribuía sua origem à atenção da qual era objeto por parte do demônio. Certa vez confidenciou isso ao prior Staupitz, monge agostiniano de extraordinária sabedoria e bondade de alma, que lhe respondeu: "Não sabes, Martinho, o quanto te é necessária e útil essa tentação: verás que Deus não te põe à prova em vão, e sim porque quer utilizar-te para coisas grandiosas."

Extraiu dessa premonição uma enorme segurança sobre seu próprio destino e sobre o da Reforma, que considerava inspirada por Deus, tal como os Evangelhos e certas grandes profecias do passado. Interrogado uma vez sobre as possibilidades de reconciliação com Roma que ele podia entrever, respondeu: "Se é obra humana se dissipará por si mesma, se vem de Deus nada poderá detê-la." Nem mesmo mil diabos.

Dessas monstruosas criaturas da sua fantasia, enviadas contra ele para impedir seu empreendimento, Lutero fala impetuosamente de um hino composto às pressas (em viagem, enquanto seguia para expor suas teses perante a Dieta de Worms) e que logo se tornou a Marselhesa da Reforma:

Fosse também a terra povoada de demônios
prontos a nos devorar
Não tremeremos ao aspecto deles
e nossa seria a vitória.



Monge, do púlpito do refeitório, em uma abadia do século XIII.

Se o príncipe das trevas passar à ação
estamos protegidos dos seus golpes,
pois sua condenação já está escrita
e bastaria uma palavra para dispersá-lo.

Nos tomam, pois os demônios o corpo e os bens
e os filhos e as mulheres: tudo
deixaremos que levem,
pois a nós restará o reino dos céus.

Tanta certeza tornou Lutero arrogante em relação a quem quer que o contradissesse, induzindo-o a agredir o opositor com o mesmo turpilóquio do qual se servia para exorcizar os demônios. Deixava escandalizados alguns dos mais tolerantes, livres e despreconceituosos intelectuais da Europa.

Severo foi o julgamento de Erasmo de Roterdã sobre os tons da pregação luterana: "Gritam sem parar: Evangelho! Evangelho! Mas gostaria de ver explicado só esse. (...) Vejo novos hipócritas, novos tiranos, mas não vejo uma centelha de espírito evangélico."

Ainda mais indignada foi a contestação de Thomas Morus, o moderado autor de Utopia, que depois acabou no patíbulo anglicano por não ter abjurado o seu credo católico: "Lutero só fala de latrinas, de esterco e de lama, usando a língua nos modos mais ultrajantes. Se continuar a servir-se dessa linguagem da prostituição, e a encher a boca de água suja, urina e defecação, outros poderão adequar-se ao seu estilo ou fazer até pior. Ao que nos diz respeito, daremos as costas às suas obscenidades, deixando que ele mesmo faça bom proveito das suas expectorações."

Concorda com ele, dois séculos depois, também Voltaire, filósofo certamente não suspeito de simpatias pelo papa: "Não se pode ler sem um sorriso de piedade o modo como Lutero trata com a maior rudeza os seus adversários, principalmente o papa: papinha, papão, és um asno, um asninho, segue devagar porque a estrada está congelada, poderias quebrar uma perna e as pessoas perguntariam que diabo aconteceu, como é que se

estropiou este asno de papa."

Mas a intolerância luterana vai bem além do escárnio em relação aos católicos, contra os quais assume aspereza de cruzada: "Qualquer um que ajudar com o braço ou com os próprios bens a devastar os bispos e a hierarquia episcopal é um bom filho de Deus, verdadeiro cristão que observa os mandamentos do Senhor." Nem mesmo lhe ocorreram dúvidas quando incitou seus seguidores a uma autêntica guerra de extermínio: "Se contra os ladrões adotam a força, contra os assassinos, a espada, contra os hereges, o fogo, não lavaremos as mãos no sangue destes mestres de perdição, destes cardeais, destes papas, destas serpentes de Roma e de Sodoma que contaminam a Igreja de Deus?"

Não teve, aliás, piedade pelos camponeses alemães, homens que haviam aderido à sua reforma, quando se rebelaram contra os príncipes, de cujo apoio o movimento protestante tinha, evidentemente, necessidade maior. Existem atrozes testemunhos da impiedosa determinação com que Lutero incitou os nobres a massacrar o povo: "Vamos, vamos, príncipes, feri, trespassai: é chegado o momento maravilhoso em que um príncipe pode, ao trucidar vilões, merecer o paraíso mais facilmente do que outros com pregação!

Justificou a carnificina, apesar dos motivos que a haviam provocado, como puramente de cunho religioso, como vontade de Deus: "Acho que todos os campônios devem perecer, porque atacam príncipes e magistrados, já que empunham a espada sem a autoridade divina. (...) Nenhuma misericórdia, nenhuma tolerância é devida aos campônios, mas à indignação dos homens de Deus, (...) Os campônios estão banidos por Deus: pode-se tratá-los como a cães raivosos!"

Mas a pior crueldade Lutero a expressou em consequência daquela demonomania que esteve entre as constantes mais irracionais da sua existência, e que o induziu a incentivar além de qualquer limite a caça às bruxas nos territórios por ele controlados. Assumiu, para tal fim, as regras do *Malleus Maleficarum* (Martelo das feiticeiras), o manual compilado pelos inquisidores alemães Kramer e Sprenger para uso dos tribunais eclesiásticos, assim chamado pelo seu objetivo de "martelar as feiticeiras". Deixou sobre estas pobres mulheres definições que continuam sendo os testemunhos mais delirantes do preconceito do qual foram vítimas:

"São as prostitutas do Diabo, que roubam o leite, desencadeiam tempestades, cavalgam bodes e vassouras, estropiam e tornam inválida a pessoa aleijando-a, atormentam as crianças no berço, transformam os objetos em outras coisas, dando assim a um ser humano o aspecto de um boi ou de uma vaca, induzem homens e mulheres à fornicção e à imoralidade."

Endereçou cada esforço contra esta última, tendendo como Savonarola a modificar os costumes do povo de maneira radical, até privá-lo de qualquer atrativo de ordem profana. Teve resultados análogos no que diz respeito às regras de vida impostas nas cidades alemãs, das quais baniu diversões e festas, estigmatizando em especial a poesia como corruptora, a filosofia como diabólica, as ciências como inúteis.



21

Sonhos Célticos

A civilização dos antigos celtas, com seus druidas e suas feiticeiras, seus elfos e suas sinas, deixou vestígios que se mantiveram vivos por muitos séculos depois do advento do cristianismo. O que aconteceu com evidência maior junto àqueles povos que, ameaçados e mortificados na sua independência, perceberam uma necessidade especial de salvaguardar as próprias tradições, embora em contraste com as regras da religião dominante. Daí a extraordinária propensão dos povos da Escócia e da Irlanda para as práticas mágicas, as profecias, os conjuros; e o zelo persecutório, em represália, por parte da monarquia inglesa, que claramente intuía o desafio subentendido na sobrevivência da herança paga.

O entrelhe de razões políticas e religiosas estreitou-se mais nos anos das tensões provocadas pela criação da Igreja anglicana, com o ato de submissão do clero à autoridade régia, determinando um pavoroso crescendo de processos e execuções. Nesse período, durante o reinado de Henrique VIII, tornou-se popular na Inglaterra com o nome de Mamãe Shipton a vidente Ursula Sonthiel, a qual, não obstante a fama de bruxa, não foi perturbada até sua morte em 1561, protegida pelo temor que seus poderes suscitavam em qualquer um que se aproximasse.

Dizia-se que era filha de uma feiticeira, depositária dos segredos de uma das tantas assembléias secretas proliferadas sobre os restos da religião druídica. Granjeou e aumentou tal fama com seu estilo de vida, escolhendo por habitação uma gruta nos ermos de Yorkshire, junto às ruínas de um templo megalítico circular, à orla de um bosque denominado Witchwood, ou Floresta das Bruxas.

Teve também o aspecto de uma bruxa, de acordo com os mais comuns estereótipos das fábulas. Contam todos aqueles que a encontraram que era uma espécie de gigante "com o corpo deformado e a cara horrível, mas dotada de excepcional inteligência".

Foi sepultada em um lugar desconhecido, que devotos e ocultistas procuraram por muito tempo identificar, convencidos de que dali ela continuasse a exercer as suas misteriosas faculdades.

O mundo de “ponta-cabeça” de Mamãe Shipton

Há uma extraordinária modernidade nas profecias de Mamãe Shipton que destoa do contexto camponês do qual elas possam ter sido remanejadas — se não até mesmo inventadas, em boa parte —, depois de sua morte. A vidente, ou alguém por ela, se permite descrever um futuro tecnologicamente avançado, no qual "as carruagens andarão sem cavalos e os pensamentos darão a volta ao mundo em segundos [...], o homem transporá as montanhas sem necessidade do cavalo e descerá sob a água andando, dormindo, falando [...], o ferro flutuará sobre o mar como uma nave de madeira, o fogo e a água farão maravilhas".

Existem, portanto, automóveis e ondas de rádio nas visões atribuídas a Mamãe Shipton, e aeroplanos capazes de transportar o homem além das

montanhas, submarinos, escafandros para mergulho, navios de estrutura metálica e uma maravilhosa energia gerada pelo fogo e pela água, ou seja, o vapor. Não há, porém, felicidade. O mundo, por causa do uso imoderado de todos esses meios, será "desolado por infortúnios". Haverá uma riqueza ambígua, pois "se achará ouro aos pés de uma planta", ou seja, será fácil descobrir sempre novas fontes de energia ou de ganho, mas não se obterá um bem-estar autêntico. O mundo será como "virado de ponta-cabeça", e a riqueza se concentrará nas mãos de poucos, sem ser distribuída.

Esse quadro realista e decadente antecipa um fim do qual Mamãe Shipton indica a decadência exata, pouco mais de quatro séculos após sua morte: o mundo deveria acabar categoricamente, no seu entender, em 1991. E o que se lê nas predições que fizeram circular em seu nome na primeira metade do século XVII, coligidas em 1641 em um volume intitulado *As profecias de Mamãe Shipton* durante o reinado de Henrique VIII. Deve ser dito, porém, que a perspectiva escatológica dessa insólita vidente resulta um tanto confusa, e 1991 não é a única data por ela designada como a última praia sobre os oceanos do tempo. Indica em outra profecia o ano de 1681, prazo muito mais próximo da humanidade da época, que gerou um certo pânico à sua aproximação.

O fato de que tais anotações não encontrem correspondência com o evento prenunciado permitiria pôr uma pedra definitiva em cima das profecias de Mamãe Shipton, tão populares à época, mas sem redimensionar o efetivo papel descoberto na história divinatória dessa mulher de origem miserável, que teve peso e consideração naqueles mesmos ambientes políticos nos quais vigorava o mais irredutível preconceito em relação à bruxaria, o que se explica com a grande quantidade de profecias referidas a questões contingentes do seu tempo e à personalidade da corte.

Além de impelir-se rumo aos cenários apocalípticos em um futuro remoto, de fato Mamie Shipton previu a ascensão e ruína do cardeal Thomas Wolsey, do chanceler Thomas Cromwell e de outros personagens próximos a Henrique VIII. Previu a coroação de uma mulher que reinaria por longo tempo sobre a Inglaterra, e é o que acontece com Elisabete, filha de Ana Bolena e de Henrique. Previu a decapitação de Maria Stuart e de um "rei branco", seu descendente, no qual não é difícil reconhecer Carlos I pela predileção que tinha pela cor branca nos seus trajes. Previu, enfim, com

uma profecia sibilina, o advento de "um príncipe não nascido, que desnudará as cabeças raspadas": tratava-se de Eduardo VI, vindo ao mundo por parto cesáreo, o qual dissolveu as ordens monásticas e confiscou todos os seus bens.

Nas profecias de Mamãe Shipton há também uma invasão da Inglaterra, jamais acontecida. O tempo indeterminado e o invasor indefinido, porém, deixam espaço para as hipóteses mais incontrolláveis. Poderia ocorrer sabe-se lá quando, ou referir-se à perda de territórios de ultramar. Poderia por outro lado querer indicar, por extensão, toda a sociedade ocidental.

Uma disputa sobre o fim dos Tempos

Uma curiosa disputa sobre a data do fim do mundo indicada por Mamãe Shipton foi provocada depois de sua morte por um adivinho escocês chamado Mac Duff, muito menos famoso do que ela e desejoso de aparecer. Declarou solenemente que, baseado nas Escrituras e nos seus próprios cálculos, o apocalipse não poderia sobrevir antes do ano 6.000, quatro mil anos mais tarde do tempo previsto por Shipton.

Quem conciliou as duas datas foi um abade erudito que conhecera a vidente em vida: o prior de Beverly, citando a tese do bispo irlandês Usher, à época no auge, sobre as origens do universo. Não havia contradição, disse, entre as profecias de Mamãe Shipton e as de Mac Duff, porque ela havia contado os anos a partir do nascimento de Jesus, e ele a partir do dia da criação, correspondente, segundo Usher, ao dia 22 de outubro de 4.004 a.C. Tanto por uma quanto pela outra, portanto, o fim do mundo deveria sobrevir por volta de 2000.

A defasagem entre as duas previsões, concorda-se, era totalmente irrelevante: para Mamãe Shipton o calendário da humanidade deveria parar em 1991, para Mac Duff seis mil anos depois de 4.004 a.C., isto é, em 1996. E o que representavam cinco anos de diferença em cima de seis milênios de toda a história do homem?

O destino atroz de Brahan Seer

Um destino menos feliz do que aquele que coube a Mamãe Shipton, que passou incólume através das perseguições do seu tempo, envolveu o místico escocês Coineach Odhar, nascido na ilha de Lewis no início do século XVII e celebrizado com o nome de Brahan Seer, que significa "o vidente".

Também se disse que era filho de uma bruxa, na realidade uma pastora com distúrbios mentais adquiridos pela vida solitária nas montanhas. Comentou-se especialmente que a mãe, antes de o dar à luz, teria encontrado nas imediações de um cemitério uma turba de mortos recém-saídos das sepulturas, que se dirigiam para uma montanha. Do grupo do além-túmulo, segundo a lenda, tinha-se destacado uma jovem que, apresentando-se a ela como "a filha do rei da Noruega, morta afogada em uma tempestade e aqui sepultada", tinha-a presenteado com uma pedra azul.

— Leva-a para teu filho — teria dito antes de desaparecer. — Com esta pedra, ele poderá ver sem limites de tempo nem de espaço.

Além, contudo, desses preâmbulos lendários, Brahan Seer adquiriu rapidamente a fama de grande adivinho não tanto por suas previsões milenarísticas, expressas em termos simbólicos complexos, às vezes incompreensíveis, mas pelas respostas simples e extremamente precisas que ele costumava dar a todos que o interrogavam sobre questões pessoais, da mais estreita intimidade.

E foi tal simplicidade que o destruiu, pois uma de suas consulentes, a condessa de Seaforth, não suportou ter recebido dele a confirmação de suas próprias dúvidas sobre a fidelidade do marido. Assim, após comprovado que este tinha uma amante, foi tomada por tamanha crise de raiva que ordenou que o vidente fosse imerso em uma caldeira de piche fervente. A época, na bárbara Escócia dos clãs, era enorme o poder de vida e morte que a nobreza podia exercer sobre os seres humanos comuns.

Condenado a esse fim atroz, Brahan Seer morreu lançando anátemas contra a casa dos Seaforth, sobre cuja extinção se alongou numa série de detalhes tão penosos quanto inúteis. Disse que o último varão da família se tornaria "prisioneiro do silêncio" e que a última fêmea ("uma mocinha de capuz

branco") teria matado a irmã. Assim aconteceu realmente, dois séculos depois, quando o último senhor de Seaforth foi acometido de uma doença que o deixou surdo-mudo e sua filha atropelou a irmã com uma caleça, matando-a. No momento do acidente a jovem usava um capuz branco na cabeça.

Esses tristes detalhes e a lamentável sorte de Brahan Seer, infeliz vítima de um dos mais cruéis suplícios jamais reservados para um bruxo, não devem distrair do efetivo interesse que mais tarde suscitaram algumas de suas profecias de sinal escatológico, especialmente em referência à monarquia inglesa.

Redundante de símbolos aparentemente insignificantes é uma profecia, famosa pelo interesse suscitado em seguida entre os ocultistas, sobre o fim da Inglaterra. Brahan Seer vê "uma vaca cinzenta e sem chifres que, aparecendo de repente, demolirá as seis chaminés da Gairloch House". Acrescenta que então "ninguém poderá mais ouvir o canto do galo e haverá uma grande desolação [...] cairá do céu uma chuva negra e se ouvirá um rumor infernal".

Independentemente da dificuldade de decifrar as imagens, a predição não foi tomada com a devida consideração à época, uma vez que aparecia adulterada desde o início por uma aparatosa inexatidão. A Gairloch House não tinha seis chaminés. Aliás, não as tinha de fato. Era uma construção rústica de um só andar, assim chamada por ser usada como casa de campo da família Gairloch, em uma aldeia escocesa homônima por motivos de antiga vassalagem.

Mas por volta do final do século, vários anos depois da morte do vidente, a

casa foi restaurada e ampliada. Foi dotada de um novo sistema de aquecimento e sobre o telhado apareceram as seis chaminés que ninguém, exceto Brahan Seer nas suas fantasias visionárias, tinha podido ver até então. Daí se deduz que, se o detalhe das chaminés se tornara imprevisivelmente autêntico, também o resto da profecia poderia se tornar.

A modesta aldeia de Gairloch adquiriu, portanto, para a Inglaterra o mesmo significado apocalíptico que o Coliseu sempre tivera para Roma. Fora dito no passado, pelo monge Beda e por tantos outros videntes, que "quando cair o Coliseu cairá também Roma". Do mesmo modo, Brahan Seer dissera

que "quando caírem as seis chaminés da Gairloch House cairá a Inglaterra".

Ocorreu assim, no século XVIII, uma notável retomada de curiosidade e interesse em torno das profecias do desventurado adivinho escocês, com particular relação com a chamada "das seis chaminés", sempre objeto das mais variadas interpretações. Pensou-se que a vaca cinzenta e sem chifres poderia querer indicar, com sua repentina aparição no horizonte, um míssil ou um bombardeiro atômico, ou mesmo um submarino capaz de semear a destruição em volta. Cairiam, portanto, ao seu surgimento as chaminés da Gairloch House, que indica a parte pelo todo, isto é, as ilhas britânicas ou todo o mundo civil. O resto, do fragor infernal das explosões à chuva negra do céu, reconduz a um verossímil cenário nuclear, com sua desolação imensa e a subversão das regras naturais mais comuns, a começar pela sucessão normal dos dias.

Nenhum galo, portanto, saudará mais com seu canto, após a passagem da vaca cinzenta, o nascer do sol.

As 444 luas do monge Sean

Foi muito popular na metade do século XVII na sociedade gaélica, que agrega as culturas da Escócia e da Irlanda, uma profecia atribuída ao monge irlandês Sean, que viveu no século XIV e é considerado o intérprete privilegiado do Apocalipse de João, do qual se insiste que tivesse aprendido em sonhos segredos surpreendentes. Variadamente batizada nas ilhas britânicas, a profecia de Sean é chamada "do oitavo selo" pelos irlandeses e "do quinto cavalo" pelos escoceses. Para os ingleses, é "o chamado da morte".

Tratar-se-ia de uma espécie de continuação do Apocalipse, um apêndice que

fornece novos detalhes de interesse, sobretudo, ecológico sobre o fim do mundo. "São João escolheu-me pois sou João", começa o monge no seu escrito, alegando ser um sinal de predestinação a homonímia entre ele e o evangelista, dado que em gaélico Sean quer dizer João, "para revelar-me a última verdade que no seu livro não está escrita. [...] Fitou-me nos olhos e me entregou uma pena dourada, ordenando-me que escrevesse [aquilo que

é necessário conhecer] a fim de que os selos sejam completamente rompidos e os homens possam afinal saber, de pai para filho, como será o último pôr-do-sol. E eu escrevi aquelas palavras que se expandiam como flores de morte dos lábios de um gigante."

Porque na visão de Sean o evangelista é um homem de estatura física enorme, envolvido numa túnica branca manchada de preto. Tal combinação de cores foi interpretada como sinal de luto, e é por isso que a profecia é chamada pelos ingleses de "o chamado da morte" (death's call). Porém, mais do que as palavras ditas pelo gigante contam as imagens que a essas se sobrepõem, mostrando aos olhos do atônito Sean "um cavalo que corre enlouquecido sobre a terra, seca e estéril como o ventre de uma velha, sob céus opacos como véus de morte sobre o rosto de um homem em agonia".

É o quinto cavalo do Apocalipse, que aos flagelos trazidos pelos quatro primeiros acrescenta agora a loucura, nova e única companheira do homem em um mundo que não tem mais nada a doar, pois tudo o que tinha foi dissipado e destruído. Por isso a profecia é chamada pelos escoceses "do quinto cavalo".

Depois Sean viu "o homem", uma pobre criatura perdida entre o céu e a terra, que estendia a mão à procura de alimento "sem encontrar nada que não água pútrida e pães de cicuta". Monstros horríveis comiam o ar em torno, sempre mais fétido e rarefeito. Do alto um anjo anunciava: "Faltam ainda 444 luas."

Soaram, portanto, as sete trombetas do juízo, a humanidade foi dizimada por todo tipo de calamidades, e, quando o último selo foi rompido, os sobreviventes se dispersaram sobre a terra "como um bando de cavalos enlouquecidos". Não havia possibilidade de escapar a essa privação geral de juízo, pois "a loucura descia do céu como chuva sobre odres vazios".

Todo homem foi assim abastecido com sua dose de alienação, que o tornou solitário e mudo, incapaz de falar aos seus semelhantes e por fim consigo mesmo. É nesse cenário marcado pela incomunicabilidade e pelo silêncio que se conclui a profecia do monge Sean, chamada pelos irlandeses "do oitavo selo" porque narra aquilo que acontecerá depois de rompido o sétimo.

Procurou-se enxergar nesse desolador afresco de melancolia céltica, ofuscado

por névoas que parecem evocar brumas atlânticas, uma antecipação da crise existencial do homem moderno enquadrada na mais vasta crise ambiental do planeta. Os monstros que devoram o ar subtraindo a respiração dos viventes seriam, segundo tal interpretação, as maquinarias dos complexos industriais ou ainda, numa ótica mais avançada, as centrais nucleares. Outras passagens aludem explicitamente a rios e extensões marinhas contaminadas por enxofre e líquidos infernais, como a dizer infectados ao ponto de não mais poderem conter formas de vida.

Não ocorrem enfim esforços de fantasia particulares, a fim de reconhecer o povo das metrópoles atuais nesses seres humanos só pela aparência, em estado de perene depressão, que, segundo o oráculo, "morrerão em solidão mesmo vivendo entre milhares de pessoas".

Por outro lado, parece obscuro o significado das 444 luas que deveriam preludiar, com a sua sucessão, o sobrevir da catástrofe final. Considerado em termos de tempo real, o ciclo de uma lua esgota-se em um mês. Há quem tenha tirado a conclusão de que o desenrolar dos eventos ligados ao rompimento do oitavo selo deveria consumir-se no giro de 37 anos, equivalente a 444 luas. Poderia tratar-se, querendo insistir em tal conjectura, da idade do Anticristo, protagonista cruel do extremo declínio do mundo.

Outros preferiram dar ao número uma interpretação simbólica, como foi feito anteriormente para o 666 da besta. Seguindo, portanto, a síntese esotérica do 444, conseguiram chegar mediante duas adições ($4 + 4 + 4 = 12$, e depois $1 + 2 = 3$) à Trindade, meta de perfeição humana e divina.

22

O Aranha Negra

É conhecido com um pseudônimo pitoresco, devido ao fato de que "assinava" as próprias profecias desenhando no início de cada folha uma minúscula aranha negra. Não são conhecidas as suas generalidades nem o tempo e o lugar exato onde viveu, ainda que habitualmente se costume identificá-lo com um monge bávaro que viveu entre o fim do século XVI e o início do XVII. Dão crédito a esta colocação temporal do vidente chamado Aranha Negra (o Schwarze Spinne, dada a origem alemã) os seus

escritos proféticos, que prosseguem ordenadamente por anos, a partir dos primeiros do século XVII, assinalando para cada período as ocorrências — e mais ainda as atmosferas, as situações — principalmente significativas. Estendem-se até o ano 3.000, que designam como o tempo do "dilúvio de estrelas", preâmbulo de um fim que "inexoravelmente" sobrevirá a 7 de junho do ano de 3017.

Nesse dia "a terra será abalroada por uma terra [...], se moverá como um bêbado, cambaleará, se partirá em dois pedaços [...] e a glória e a sapiência e a riqueza dos terrestres se dissolverão no espaço eterno, sem deixar qualquer sinal de si".

Um "dilúvio de estrelas"

Tudo isso chegará como uma libertação, pondo fim a um período de seca e de luz cegante que terá reduzido os homens no nível de "animais errantes". Assim Aranha Negra descreve essa era de desolação, por tê-la visto "nos céus eternos" como em um espelho:

A noite será uma mãe avara. Uma perene luz diurna queimará os olhos. Secarão as nascentes e o vento transportará areia em fogo por toda a parte. As florestas se tornarão deserto, as cidades serão como cemitérios abandonados. Os filhos dos homens não serão mais homens, mas seres irreconhecíveis, vagando como animais errantes. Lento e silencioso será o último tempo do homem. Aparecerão e desaparecerão nos céus corpos sem nome, deixando uma esteira de sombra e de luz. A terra se abrirá como um cadáver em putrefação, de cujas feridas sairão fumaça e veneno...

Também para o Aranha Negra, portanto, como para o monge Sean e outros videntes de uma época na qual o desastre ecológico não era previsível, o fim do mundo será precedido por uma degradação mortal do meio ambiente. O homem será envenenado através de uma assimilação lenta e dolorosa, que provocará um verdadeiro processo de transmutação genética, tornando-o irreconhecível em relação ao que fora em certa época. Ambos os monges concordam enfim ao preverem para os últimos herdeiros da espécie humana um futuro de alienação e de silêncio, incomunicabilidade e solidão.

Dessa época de horror aos nossos dias descobre-se que, embora procrastinado de um milênio em relação à mais difusa opinião daqueles videntes que o haviam colocado por volta do ano 2.000, o fim do mundo já começou. Tratar-se-ia, segundo o Aranha Negra, de um processo assinalado por fases alternadas de retomada e recaída, progresso e degradação, destinado a concluir-se de qualquer modo pela decadência para ele indicada do ano 3.017. Vimos de que modo. Vejamos agora através de que passagens nos deveria chegar a história.

Ascensão e derrota do "príncipe negro"

Os últimos anos do século XX assinalam para o Aranha Negra "a demolição do Templo", isto é, da Igreja cristã. O Anticristo, a quem chama de "o príncipe negro", seria já nascido em 1966 e teria iniciado sua pregação em 1996, ao completar trinta anos, propondo às massas leis enganosas e aliciadoras: "Gozai até o êxtase e sereis felizes, adorai César e sereis exaltados, roubai e sereis honrados." Porém a coisa mais surpreendente é que este príncipe infernal se instalaria com a sua corte exatamente no Vaticano: "Terá banquetes à sombra da grande cúpula, e milhares de pescadores [de almas, supõe-se, portanto padres] beijarão sua mão [...] que abençoa e destrói."

Poder-se-ia deduzir que entre o Anticristo e o papa exista um estreito entendimento. Não é uma hipótese nova: muitos textos apocalípticos — e as próprias mensagens marianas do século XX, a começar por Fátima — denunciam um risco similar.

Mas o Aranha Negra inclina-se para a eventualidade de uma submissão do pontífice ao Anticristo mais do que a de uma autêntica cumplicidade. Afirma de fato que, em 1997, Pedro será encerrado numa caverna, vigiado pelo velho lobo. Será, portanto, refém, e não aliado, do "príncipe negro".

A palavra deste último germinará, enquanto o legítimo pastor não terá mais nenhum poder sobre o seu rebanho. A ordem natural das coisas será subvertida: o pastor se nutrirá da relva amarga dos prados e as ovelhas se sentarão à mesa "diante da garrafa de vinho e do queijo". E não deverão voltar à noite ao redil, pois o pastor "não terá mais o cão" para conduzi-las. "Não haverá mais guardiães. Haverá, porém, ainda mais patrões." O que

ele quer dizer? Que os adeptos do "príncipe negro" governarão, fazendo promessas que não poderão cumprir, também pela sua inércia no comando. "Pegai o trigo", dirão às massas os novos chefes, "e o trigo se tornará cinzas. Pegai a luz, e a luz se tornará treva. Pegai a casa do pai, e seus muros exibirão as rachaduras dos séculos."

Deveria ter início dessa maneira — em 1998, escreve o monge bávaro — a verdadeira e própria "demolição do Templo". Sobre seus muros "se abrirão rugas milenares", enquanto "as pilastras se vergarão como bambus ao vento".

Haverá uma diáspora que fragmentará o povo cristão em "duas mil irmãs", isto é, assembléias secretas, seitas ou também comunidades de prece autênticas, mas "somente alguns a cobrirão de verdadeira luz". E em 1999, ano da "ressurreição de Caim", o Anticristo celebrará sua vitória: "Virá sobre a terra o filho do mal, e será o alferes do príncipe negro. [...] Verdes estandartes triunfarão ao vento [é a cor do integrismo islâmico e da bandeira da Líbia] e Caim enxugará seu cutelo em uma bandeira da cor do leite e do sol [a bandeira do Vaticano é branca e amarela]. A palavra do príncipe negro é uma tempestade que carrega a nave [tradicional metáfora da Igreja], um fulgor que despedaça o carvalho [representação do poder leigo].

Mas no próprio ano da sua apoteose o "príncipe negro" será traído e vendido "por trinta flores murchas". Nisto, como quer a tradição milenarista, a figura do Anticristo é especular no mal aquela do Cristo: é traído aos 33 anos, e também ele por trinta moedas, eficazmente simbolizadas por efêmeras flores sem vida.

Serão aqueles mesmos "homens verdes" que o haviam aclamado a "preparar uma armadilha no levante [mais uma vez a referência à terra islâmica] na qual o grande príncipe da noite cairá e será amarrado com cordas, como se costuma fazer com os chacais".

E eis que chega 2.000, ano da "glória do fogo". Explodirá a esta altura uma guerra devastadora e fulminante, capaz de poder representar o fim do mundo, porém não será ainda o fim, mas uma prova indispensável para a obtenção de "uma paz solene, uma paz majestosa, ilimitada, sem horizontes".



O acordo entre Satanás e a Igreja, previsto e temido por todas as profecias apocalípticas.

Como prova, será tremenda e tão rápida a ponto de não deixar aos homens "nem sequer o tempo de erguer os olhos para o céu". Ao contrário do verdadeiro fim do mundo, que sobrevirá "lenta e silenciosamente" mil anos mais tarde, esta será "fugaz como um relâmpago". Causará a impressão de que tudo esteja acabado, e inutilmente os homens "procurarão agarrar-se aos destroços à deriva do que foi a barca de Pedro". Serão arrastados para o mar, onde submergirão numa água de fogo "e em chamas se concluirá uma era".

Haverá, contudo, "quatro transtornados sobreviventes sobre os escombros de dois mil anos", os quais "entenderão que tudo não passou de um sonho amargo". Entenderão, além disso, que não estava na glória, mas sim na busca da paz, o verdadeiro sentido da vida. A esses será confiada a reconstrução do

"novo tempo", com a recomendação de liquidar tudo aquilo que poderá ser desviante ou danoso em relação às necessidades reais da existência:

Fazei com que a oliveira reverdeça, mas queimai a rosa.

Uma tragédia da autodestruição

Começa depois de 2.000, para os sobreviventes à "glória do fogo", um caminho de renascimento e purificação, que comportará novas provas e muitos "triunfos": no bem (triunfo do amor, do belo, do saber) como no mal (triunfo de Caim, de Judas, do sangue), até o declínio extremo e o "dilúvio de estrelas".

O Aranha Negra insiste em que o caminho do homem no terceiro milênio atravessará três fases, muito menos idílicas do quanto prometem certos delírios tranqüilizadores da new age sobre a era de Aquário.

Haverá uma fase de formação da nova sociedade, que se consumará no prazo de 160 anos, assim subdivididos: medo no primeiro decênio (2001-2010), reequilíbrio no segundo (2011-2020), retomada no terceiro (2021-2030), loucura no quarto (2031-2040) e nova recaída nos anos restantes (2041-2160). Seguir-se-á o tempo dos triunfos, que durará por quatro séculos e quatro decênios, determinando a evolução de uma humanidade rumo a metas mais abrangentes, simbolicamente representadas pela apoteose da mulher (2161-2200), do guerreiro (2201-2250), do sol (2251-2300), do pai (2301-2350), do espaço (2351 -2400), da carne (2401 -2450), do amor (2451 -2500), da beleza (2501-2550) e do conhecimento (2551-2600). Outros triunfos menos exaltantes determinarão a partir desse momento o envio da parábola descendente, destinada a consumir-se no "dilúvio de estrelas". Triunfarão antes que o mundo acabe os grilhões (2601-2650), a noite (2651-2700), depois Caim (2701-2750), Judas (2751-2800), e o sangue (2801-2850), a peste (2851-2900), a morte (2901-3000). Caso se queira dar um sentido àquilo que o incógnito monge bávaro deixou escrito, suas profecias devem ser lidas como tragédia da autodestruição humana. Tudo que de mal deveria acontecer segundo o Aranha Negra nos tempos por vir não se deve a um destino inexorável, mas sim ao comportamento do homem e às suas escolhas. Não é uma fatalidade, mas

um castigo, ou pelo menos a conseqüência da disseminada presunção humana de poder dominar o universo. O que leva a entrever, além das névoas do apocalipse por ele projetado — como de qualquer outro, de resto —, uma margem de salvação, uma possibilidade de intervenção do homem sobre o seu próprio destino.

É a mesma mensagem encontrada na revelação de João e no crepúsculo pagão dos deuses germânicos, na premonição virgiliana sobre a nova idade do ouro e nas aparições marianas. Significativa nesse sentido é a surpreendente intensificação destas últimas em época recente, não obstante a manifesta relutância das autoridades eclesiásticas em dar crédito ao fenômeno como evento sobrenatural. Todas têm em comum, junto à severidade do veredicto sobre o fim agora iminente, a advertência triste à humanidade para que mude, conjurando in extremis a catástrofe por meio da conversão e da prece.

Também nas mais lúgubres e inevitáveis premonições do Aranha Negra, por outro lado, aparecem símbolos que deixam entrever a possibilidade de uma regeneração sem recaída. Podem ser atribuídos valores decididamente positivos para momentos assinalados pelo triunfo do amor, da beleza, do conhecimento, que pareceriam propor de novo em um cenário futuro antigas harmonias de signo helenístico, renascentista, neoclássico. E se a estes momentos se sucedem outros de caráter destrutivo, nos quais prevalece a cultura dos grilhões e do sangue, isso não se deve ao desígnio inelutável de um deus cruel, mas sim às pulsões de morte que o homem cultiva e realiza em si mesmo. São estímulos que se pode, voluntariamente, resistir. A "sorte do homem" depende do fato de que isso aconteça ou não, ao contrário de uma predestinação perversa.

É para isso que converge, no fim das contas, o mesmo Aranha Negra, quando reconhece que o homem é "ator do tempo que desaparece" e que sua mente é "como um campo de trigo, cujas espigas parecem iguais, mas são diferentes", a ponto de poder produzir ou negar o próprio fruto com base em um projeto de livre-arbítrio.

Triunfos de morte

O homem destinado a atravessar esse milênio de "triunfos" — e depois, segundo o Aranha Negra, sucumbir— será dotado de sete sentidos em vez de cinco, graças aos quais "dominará a matéria". Serão sentidos com toda probabilidade telepáticos, uma vez que permitirão falar "sem abrir a boca" e viajar "sem sair do lugar". Suas pesquisas o levarão a insistir em ter descoberto "a casa da alma", que, tal como foi descrita pelo vidente, assemelha-se à internet, a mãe de todas as redes", mas com efeitos desestabilizadores para o espírito, que ficará perturbado. Haverá progresso da medicina e "muitas doenças serão curadas ao se tocar o cérebro com um alfinete de ouro", graças também à recuperação de um saber perdido: "retornarão muitas palavras desaparecidas, ressurgirão muitas coisas sepultadas, para morrer de novo".

Vão se aguçar junto aos dotes telepáticos as potencialidades mediúnicas do cérebro, permitindo a qualquer um "ouvir a fala dos mortos". Cairão as barreiras entre a vida e a morte, provocando uma certa confusão, "pois haverá homens vivos já se acreditando mortos e homens mortos achando que ainda estão vivos".

Não satisfeitos em operar curas prodigiosas, os detentores do poder científico irão intervir sobre a natureza humana, produzindo sensacionais mutações, mas "o homem modificado pelo homem [através de experiências de engenharia genética, dir-se-ia] será um monstro". Um monstro que poderia ser a imagem espelhada do homem do qual será extraído, porque clonado.

Será necessário, para pôr um fim a tais horrores, a chegada do céu de um profeta "sobre um carro puxado por quatro leões".

Haverá nos primeiros tempos da regeneração uma retomada do senso religioso e "o homem voltará a falar com o seu único Senhor, que está nos céus". Surgirão novas igrejas, outras serão destruídas.

"Deus conhece todas as línguas", escreve o vidente, "e não precisa de intérpretes." Deduz-se que a urgência de prece envolverá todos os povos.

Não bastará, porém, impedir que o gênio científico avance até o limite extremo da autodestruição, elaborando a arma que levará á extinção definitiva do gênero humano. Esta arma estará já pronta nos anos do

"triunfo do sol", graças provavelmente à descoberta da energia nuclear. Irá se aperfeiçoar nos séculos seguintes, através de novas guerras, que cancelarão os efeitos purificadores do fogo, trazendo entre os homens o ódio e as paixões mais deterioradas, até o crepúsculo definitivo.

Inutilmente, na virada de 2.900, os últimos sábios ainda dotados de um resquício de razão seguirão pregando novos caminhos de salvação, pois "todas as estradas levarão à grande fornalha, onde foi celebrado o eterno matrimônio entre o gelo e o fogo".

O fim começará "no vale dos últimos sábios, onde César deixou suas pegadas", provavelmente o Egito, mas talvez também na própria Roma. Ali "cairá uma estrela enorme, e onde antes verdejavam as plantas se abrirá uma imensa cratera. Em vão, três cavaleiros partirão para um lugar que o monge chama a Nova Roma "para procurar a vida". Serão detidos por uma estrela "na estrada que conduz à pequena colina", onde assistirão a um horrendo espetáculo: "Homens arrancarão a pele de outros homens e muitas mães desmembrarão os próprios filhos."

O calendário da loucura humana

A inquietude suscitada pelas profecias do Aranha Negra na idade moderna, a partir do século passado, explica-se com os achados sobre fatos já acontecidos, por ele previstos em datas precisas. Diferentemente de outros videntes do passado, e do próprio Nostradamus, o anônimo monge bávaro trata de enquadrar suas visões em um impecável esquema cronológico, elaborando um calendário capaz de permitir acesso ao exato contexto histórico de cada visão sem ser preciso recorrer a chaves especiais.

Foi possível assim constatar que havia previsto a migração dos puritanos denominados pilgrim fathers das costas inglesas para as americanas (1620), a decapitação de Carlos I da Inglaterra (1649), a constituição dos Estados Unidos (1776), a Revolução francesa (1789), a coroação de Napoleão como imperador (1804) e a sua morte (1821), a fuga de Pio IX de Roma (1848), o regicídio de Umberto I (1900), a Revolução Russa (1917), as duas guerras mundiais e por aí vai, para citar apenas alguns de seus memoráveis instantâneos históricos.

Para cada uma dessas predições serviu-se de expressões simbólicas, mas

pertinentes, de fácil interpretação, caracterizadas em certos casos por uma lírica transparência. Vejamos:

Escreveu que uma flor deslizaria sobre a água "até alcançar a margem deserta", e é o que acontece aos exilados puritanos que alcançaram, em 1620, como por ele indicado, a costa selvagem de Massachusetts a bordo de um navio chamado Mayflower, ou seja, "flor de maio".

Previu que 1649 seria "um ano de sangue para são Jorge", padroeiro da Inglaterra, e naquele ano foi decapitado o rei Carlos depois de ter juntado "novas folhas sobre a árvore, já mortas": as folhas às quais se referiam eram as modificações efetuadas pelo soberano nos rituais da Igreja anglicana, tendentes a restaurar as ostentações exteriores do catolicismo, à época suprimidas. Acrescenta que depois da execução as maçãs assumiriam o lugar dos camponeses na aragem do campo: permaneceram de fato no poder os "cabeças-redondas", como eram chamados os seguidores do dilador Cromwell, com uma expressão que parecia evocar a forma de uma maçã.

Associou 1776 ao nascimento de uma nação "sobre um tapete de estrelas", e a 4 de julho daquele ano na Filadélfia foi constituída a federação americana, cuja bandeira estrelada simboliza a união dos estados-membros. Quis especificar que a liberdade explodiria "ao 13º. toque do sino", e votaram de fato os expoentes das treze colônias em luta pela independência, cada qual saudado com um badalo de sino.

Viu a faustosa monarquia de Versalhes convulsionada em 1789 por "um turbilhão de sangue entre os blocados", e em 5 de maio se reuniram nos seus salões os Estados gerais, representando o clero, a nobreza e o povo (Terceiro Estado), indicados na profecia como "três lobos famélicos, prontos a se dilacerarem". Explodiu pouco depois a insurreição, e a Bastilha foi tomada.

Disse que em 1804 uma águia subiria ao altar para receber uma coroa "por mão anelada", e é o que acontece na catedral de Notre-Dame, onde Napoleão foi consagrado imperador por Pio VI. A águia era o seu emblema, porém o que mais espanta no texto profético é o verbo usado para descrever a dinâmica do evento: não é dito que o papa teria coroado a águia, como seria correto, mas que lhe teria oferecido materialmente a coroa. As coisas ocorreram de fato segundo um ritual insólito: o papa não

pôs a coroa sobre a cabeça de Bonaparte, mas a entregou a ele, que se coroou com as próprias mãos.

Da águia napoleônica o Aranha Negra previu também a "morte sobre a água" em uma ilha perdida no oceano, em 5 de maio de 1821. Mas viu simplesmente surgir, naquele mesmo ano, para logo desaparecer, uma grande ilusão de liberdade "na Terra de Pedro", como chama no seu vocabulário a Itália. E eis os fatos: uma insurreição dos carbonários no Piemonte obriga Vítor Emanuel I a abdicar em favor do irmão Carlo Felice, na ausência do qual o regente Carlo Alberto concede a constituição, mas é desautorizado pelo rei, que a revoga e pede aos austríacos que intervenham. Carlo Alberto é indicado como "a estrela" das esperanças liberais, mas não é um astro fulgurante: por suas dúvidas e mudanças de opinião o profeta o define como "estrela pálida e fugaz, de luz incerta", antecipando o julgamento de todos que o ridicularizaram perante a história como o "Hamlet itálico" (Carducci) e o "rei Bamboleio".

Ainda no âmbito da Renascença italiana, o Aranha Negra traçou uma crônica detalhada do que teria acontecido a Roma em 1848, com a fuga de Pio IX para Gaeta depois do assassinato do seu ministro Pellegrino Rossi: "Enquanto a lua minguar, Bruto golpeará mais uma vez [Bruto é sinônimo de delito político, em nome da liberdade], e o sangue cairá sobre pedras milenares que Pedro deixará para trás." Mas não serão apenas pedras que o papa deixará para trás, abandonando o próprio posto: "Pedro deixará para trás as formigas [isto é, o povo] para refugiar-se em um novo redil adornado de pedras preciosas." É evidente a reprovação do vidente ao comportamento do pontífice.

A continuação da profecia descreve a proximidade do povo com o poder: "Três degraus separarão as formigas do portão." De fato, três meses depois é proclamada a república romana, governada por um triunvirato. O "portão" é o que hoje se chama jornalisticamente de "palácio", ou seja, a sede do poder político. Os "três degraus" podem indiferentemente indicar os três meses que se levou para instaurar o novo regime ou ainda os triúmviros (Mazzini, Armellini e Saffi) que serviram de filtro às aspirações populares.

A Guerra de Secessão americana figurou entre os cenários descritos com particular apreensão pelo Aranha Negra, que viu se adensarem em 1861

“nuvens contra nuvens na Terra Nova [americanos contra americanos] para desencadear uma tempestade sob o mesmo céu”. O profeta recorreu também nesta ocasião à metáfora das estrelas, por ele usada para indicar os Estados Unidos. Escreveu que parte dessas estrelas teriam escolhido “o caminho da pólvora”, isto é, da derrota, como ocorreu para os estados secessionistas, que conseguiram de qualquer modo “brilhar na primeira metade da noite”. Obtiveram de fato vitórias no início, mas foram obrigados à rendição depois de um banho de sangue “no ano do loureiro” (1865). Há uma espécie de simpatia piedosa, da parte do monge, por esses infelizes protagonistas de uma guerra que não foi travada por eles em defesa do escravismo, como superficialmente é apresentada, mas sim pela autonomia sulista do poder central de Washington: chama-os em conjunto de “a flor cortada”, em referência talvez à rosa amarela do Texas, símbolo imortalizado por uma canção muito cara ao imaginário secessionista.

A Terra Nova volta também em uma profecia de interesse italiano, relativa ao assassinato de Umberto I, ocorrido em Monza em 29 de julho de 1900. Da Terra Nova surge de fato “o corvo para o grande funeral”, isto é, o anarquista Gaetano Bresci, proveniente da cidade de Paterson, Nova Jersey. Mas não é o único detalhe surpreendente de tudo que o Aranha Negra escreveu com três séculos de antecedência sobre a “coroa ensangüentada” deste Savóia. Contou de fato em uma profecia precedente, referente a 1897, que uma serpente teria dado “um salto para uma sebe” com a intenção de fazer cair uma estrela, a qual permaneceria, em vez disso, “alta no céu”. E a 22 de abril daquele ano, enquanto Umberto se dirigia ao hipódromo de Capannelle, em Roma, um jovem saltou de uma sebe à margem da estrada sobre o estribo da carruagem, desferindo uma punhalada no rei, porém sem feri-lo gravemente. “O veneno não será mortal”, dissera o vidente, e Umberto sobreviveu à mordida da “serpente”, para vir a morrer três anos depois em Monza, fulminado pelo revólver do “corvo” chegado da Terra Nova.

Sobre o fio da eternidade "entre Jogo e fogo"

Emergem das profecias do Aranha Negra para o século XX os fantasmas das primeira e segunda guerras mundiais ("uma planície de cruzes" e "uma chuva de sangue"), da Revolução Russa ("o grande incêndio"), da guerra civil espanhola ("um grande tapete estendido para a prece dos mortos") numa sucessão de mortandade sem solução de continuidade, sem trégua "entre fogo e fogo", sem pausa "entre sangue e sangue". E todos são envolvidos: os ditadores com suas ideologias de morte (Hitler, Mussolini e Stalin são os "três lobos famélicos que adentram a floresta [do mundo] com as suas três hordas sanguinárias"), mas também as democracias com as suas medrosas hipocrisias (as tentativas diplomáticas de prevenir o massacre são "uma macabra dança de esqueletos"), e o próprio pontífice, com os Pactos de Latrão, "abre a porta" por mero interesse ao fascismo, O Aranha Negra é severo sobre as escolhas de Pedro na trágica situação da guerra: diante da "girândola de sangue" a política do papa é "branca como o leite de uma novilha, mas astuta como um lagarto ao sol". Leite e sol, branco e ouro, como as cores da bandeira do Vaticano.

Concisa e essencial, no que se refere à Itália, é a síntese da parábola fascista: o êmulo de César "parte montado num cavalo vermelho, que se tornará negro, para depois se afogar na corrente do rio das três embocaduras". Mussolini começa como socialista (vermelho) para depois virar fascista (negro) e ser envolvido pela derrota do Eixo, a aliança Roma-Berlim-Tóquio, simbolicamente representada pelas três embocaduras de um mesmo curso d'água.

Afogou nos mesmos vagalhões o mais sinistro e tirânico dos seus aliados. Assim o Aranha Negra descreve o fim de Hitler: "A toca do lobo será reduzida a um monte de escombros, que serão divididos por uma espada." E este foi o destino de Berlim, sob cujas ruínas ficou sepultada a loucura do ditador no seu bunker.

A espada dos vencedores dividiu em quatro a cidade e a nação.

Na espiral do "nazismo mágico"

Deve-se paradoxalmente ao nazismo o relançamento do interesse em torno das profecias do Aranha Negra no século que passou.

Parece que os manuscritos originais se haviam perdido em grande parte no início do século XIX e se dispersado entre vários proprietários, que em muitos casos não faziam idéia do seu valor. Alguns foram reencontrados na França e outros junto à Biblioteca de Colônia no final do século. Submetidos a novos estudos, concordaram em encomendar uma moderna interpretação do seu conteúdo, com base em achados relativos ao que havia acontecido anteriormente. Os resultados de tais estudos deveriam, porém, alarmar nos anos 1930 os círculos esotéricos nazistas, morbidamente sensíveis a cada forma de magia e adivinhação, que evidentemente perceberam o significado catastrófico dos eventos ligados ao futuro da Alemanha.

Hitler era reconhecível como "o lobo" destinado a desaparecer sob os escombros da sua toca, e eram reconhecíveis os acontecimentos do desenrolar de uma guerra que jogaria por terra as insígnias do Reich. Foi então empreendida pelos serviços secretos uma caçada sem trégua aos manuscritos ainda dispersos, conduzida em sintonia com outras operações análogas com vistas à descoberta de textos e relíquias que tivessem um valor antimaléfico, tais como a lança de Longino e por fim o Santo Graal, como resultaria de escavações empreendidas à época na França meridional, explicáveis com a convicção difundida entre muitos ocultistas de que o cálice místico tivesse pertencido aos hereges albigenses chamados cátaros, exterminados sete séculos atrás. Expedições arqueológicas procuravam, enquanto isso, no Tibete as "provas" da pureza original da raça ariana e no Egito as chaves do saber antigo.

Não se sabe se as profecias restantes do Aranha Negra chegaram a ser encontradas, mas em 1938 foi confiado a um erudito chamado Ludwig Birzer, da Gestapo, a missão de reelaborar o conteúdo, trazendo-lhe novos significados. Na realidade, os expoentes do "nazismo mágico e o próprio Hitler estavam animados em relação a esse insólito vidente por intenções contraditórias: se por um lado queriam cancelar algumas de suas profecias, pelo que nelas se pudesse deduzir sobre os destinos da Alemanha, por outro

também queriam valorizar e relançar a mensagem abrangente, tratando-se da obra — genial a seu modo, único no seu gênero — de um autor alemão. O Schwarze Spinne podia ser na realidade utilizado como típica expressão cultural de uma germanidade lendária, sensível aos mitos e às exaltações visionárias, capaz de gerir com desenvoltura — mas com organização exemplar, quase maníaca — a própria vocação natural para o domínio de poderes sagrados e mágicos. Podia sobrepujar no imaginário europeu a fama do francês Nostradamus, contrapondo às suas Centúrias, tão herméticas, tão inacessíveis, um resumo profético imponente para ir muito além pela simplicidade expressiva, cuidado nos detalhes, regularidade cronológica.

Foi assim que as suas profecias, relidas e expurgadas pelo professor Birzer, vieram a ser divulgadas durante o segundo conflito mundial, obtendo impressionante sucesso popular. O "lobo famélico" no qual se podia identificar Hitler foi transformado em "nova estrela", e muitos detalhes trágicos da iminente história alemã foram manipulados de modo a poderem ser referidos a outras nações, mas no conjunto a obra do Aranha Negra era fiel e eficazmente transmitida.

Qual possa ter sido, em substância, a intervenção acertada entre Ludwig Birzer e a Gestapo sobre aqueles textos jamais se saberá, pois alguns anos depois o estudioso morreu num bombardeio. Ou foi vítima dos próprios serviços secretos, que assim mascararam o homicídio.

A reaproximação alemã com o mito profético ligado ao monge bávaro não foi uma operação recente. Os ingleses já se haviam apropriado dele fazia um bom tempo, inserindo-o desde o século XVIII no seu patrimônio folclórico e lendário. Por ele foram atraídos, sobretudo, os escoceses, junto aos quais tornou-se popular com o nome de Foreteller Monk, isto é, o "monge vidente". Foi também chamado, com conotação mais diabólica, de Wizard Monk, ou "monge mago", e invocado pelas feitiçarias mais extravagantes.



23

A Monja de Dresden

Quando Napoleão esteve à beira da morte no seu exílio em Santa Helena, comentou-se que "o grande pecador, ao apagar de sua estrela, encontrará paz e perdão entre os braços de uma santa". A santa era provavelmente a ilha na qual morria. Ou pelo menos assim pareceu quando a singular previsão foi divulgada pelo abade austríaco Nicholas Holbne, talvez interessado politicamente em redimensionar a fama de blasfemo do imperador, grande inimigo da Igreja, ou simplesmente atraído pela tentação de fazer-se passar por vidente.

Mas provou-se que a profecia não era sua, e sim de uma freira que viveu um século antes em um convento perto do rio Elba e que ali morreu bem jovem, em 1706, à idade de 26 anos. Dela não se conhecia generalidades nem origens, salvo o fato de que nascera em Dresden e de que se tratava de "uma moça de condição humilde, chamada por uma voz celeste para transcrever mensagens divinas para os poderosos da terra". A essa ordem ela havia obedecido com zelo, enviando relatórios circunstanciais das próprias visões a papas e monarcas, tanto em latim quanto em alemão, mesmo sendo semi-analfabeta.

Deduz-se que tenha sido ela a Santa entre cujos braços morria o imperador, arrependido dos seus pecados, visto que ela havia prenunciado sua conversão.

Pouco importa qual fosse na realidade o sentido dessa profecia, e se devemos entender por santa a ilha de Santa Helena ou a piedosa virgem que previra o evento com mais de um século de antecedência. O que

importa é que pela ressonância mundial da morte de Napoleão, acrescida pelos boatos de uma reconciliação com a Igreja, criou-se em torno da anônima monja de Dresden uma aura de curiosidade intrigante, que envolveu não apenas padres e ocultistas, mas também historiadores de visão aberta, interessados em estudar o caso sob uma ótica científica, como exigia a cultura racionalista da época.

As pesquisas levaram à descoberta de trinta cartas, resíduo de uma correspondência bem mais vasta, da qual foi possível extrair espantosas considerações sobre o nível cultural da autora, que, se realmente inculta — no limite do analfabetismo, como as notícias recolhidas em ambientes religiosos deixavam supor —, devia efetivamente tê-las escrito em um estado de transe muito similar àquela condição de vidência extática que os crentes chamam de inspiração divina.

A Grande Inquietação do século XXI

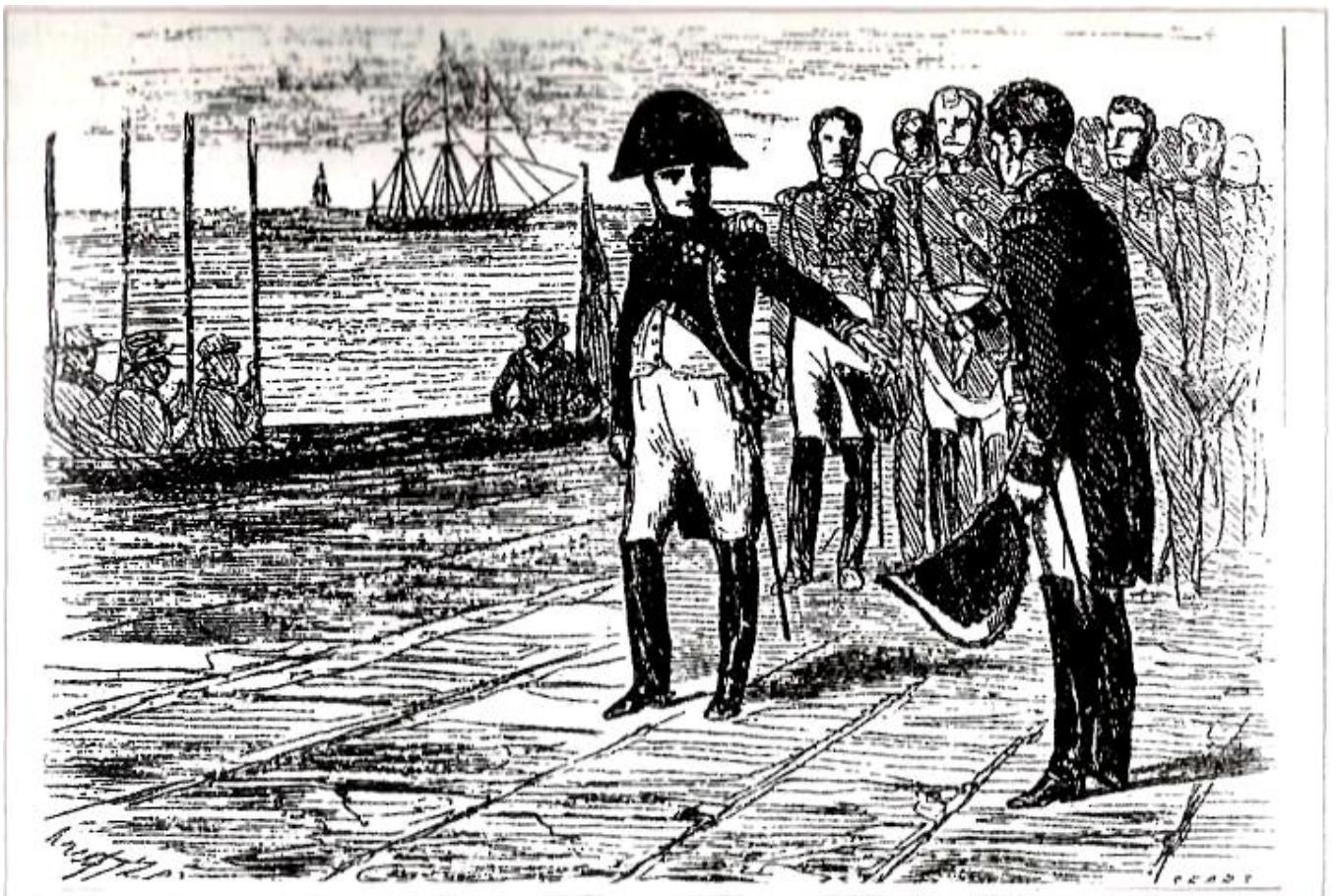
A coisa mais surpreendente nas profecias atribuídas à monja de Dresden é que elas correspondem a um esquema totalmente análogo àquele elaborado ao fim do século XII por Joaquim da Fiore, o abade "dotado de espírito profético" que causara tanta impressão em Dante Alighieri e em outros grandes espíritos medievais, com a sua escatologia sistemática, perfeitamente enquadrada em evangélica filosofia do fim do mundo. Até ela, que não havia provavelmente aprendido a ler nem muito menos compreender o Comentário ao Apocalipse e os outros escritos proféticos do cisterciense Joaquim, além de outros banidos pelos teólogos, divide o arco da história em três tempos: "três milênios dedicados ao Eterno". Ela também coloca cada um desses períodos sob a influência de uma figura da Trindade. E fixa a data do juízo final nos últimos tempos do terceiro. Prevê que o fim do mundo se consumará no ano 3.033, calculando o tempo a partir do sacrifício (a Redenção) antes do nascimento do Cristo.

Passou o milênio do Pai. Aquele que estamos vivendo é o milênio do Filho. O terceiro e último será o milênio do Espírito Santo. Depois virá a inquietação da terra.

A monja diz "depois virá", mas na mesma carta se lê que essa

"inquietação" (da terra e dos povos: *turbatio terrae et turbatio gentis*) terá início com vários séculos de antecedência do fim dos tempos e aumentará em dolorosa sintonia com a degradação da humanidade, até manifestar-se na sua extrema potência na data prevista. Já em 2.413, diz a Voz que inspira a vidente, deverá considerar-se "abençoado o homem que jaz agora sob a terra". Horrores espantosos lhe serão poupados, uma vez que a partir daquele ano "muitas terras serão convulsionadas [...] e onde navegavam barcos caminharão os carros, e onde andavam os carros se agitarão as ondas do mar".

E isso "será só o início", sublinha a Voz, "porque inquietações sucessivas ocorrerão em 2.419, em 2.483, em 2.490, em 2.516, em 2.526". Assim sucessivamente, a intervalos regulares e breves, até 2.953, quando se dará o último abalo antes daquele final.



Napoleão embarca no Bellerofonte. O nome do navio foi predito por Nostradamus na Centúria VIII, estrofe 13.

As três pragas

Os cenários apocalípticos da monja de Dresden não diferem grande coisa dos muitos que remontam à idade bíblica: "Tudo tremerá, e a terra se agitará como as ondas do mar, os carvalhos seculares se vergarão como juncos ao vento, os rios transbordarão para inundar as cidades. Enormes crateras se abrirão para engolir países inteiros, como o homem abocanha um pedaço de pão."

Terão, porém, a característica de relatar de maneira sistemática as mais variadas desditas do tipo de purificação — não só no sentido de expiação, mas também de prova —, exigida pela particularidade do tempo no qual sobrevivem, que no seu caso (e no nosso) é a idade do Filho, necessitada de "uma limpeza geral, pois o homem manchou tudo". Tal limpeza "exigirá padecimento e dores para toda a humanidade, que ao fim do milênio será expurgada por três pragas".

Vejam os quais são as três pragas:

Haverá uma epidemia mortal, que virá como uma chuva, atingindo, sobretudo, os corrompidos na carne, os viciados, os filhos de Sodoma e Gomorra. Depois virá o fogo, mas ninguém verá as chamas nem a fumaça, e tudo irá virar cinzas, e naquelas cinzas estará a morte. Ocorrerão por fim uma grande seca e uma grande fome, e sobre a terra se abrirão feridas profundas e o trigo não mais germinará, apenas relva envenenada.

São pragas que a humanidade deste nosso tempo conhece: a epidemia tem todas as características que a opinião comum associa à Aids, doença "punitiva" por excelência; o fogo que produz cinzas mortais sem mostrar-se ao olho humano, porque não tem chamas nem fumaça, é com toda certeza uma energia contaminante, provavelmente nuclear; a fome é a fome, um mal já endêmico do planeta, que aflige quatro quintos da população mundial, estreitamente ligado por sua natureza à seca, sobretudo, na África.

Às três pragas, que não são difíceis de reconhecer entre os males efetivamente representados na realidade contemporânea, irão se sobrepor ao fim deste milênio três sinais "lúgubres como abutres, cujo vôo dará início ao cortejo fúnebre". Dará início, isto é, aos ritos de passagem da

atual idade do Filho àquela, iminente, do Espírito Santo. E eis o que deveria acontecer:

"Cairão sobre a terra luzes do céu, e o último César cairá na poeira. No céu se refratarão clarões de sangue e tudo será fogo, tudo será doloroso como uma ferida, porque as águias irão penar até a morte. O delírio invadirá a terra, e este será o último sinal."

Tais sinais, para quem souber entender o sentido, terão a função salvadora da "mão que quer impedir a queda no abismo". Não haverá outros, porque "depois não existirão mais abismos".

Muitos não entenderão sua advertência "porque sua única preocupação será a de acumular ouro". Tal será a ânsia de riqueza que, "quando o ouro mudar para a cor do sangue, eles dirão que tem a cor das rosas".

Aqueles que, pelo contrário, reconhecerem os sinais encontrarão "a estrada da Grande Vida, na qual cada um receberá aquilo com que sonhou, não aquilo que pediu [...], um longo caminho flanqueado por prados floridos e cortado por frescos regatos nos quais homens, animais e plantas beberão juntos. Tudo será paz, e o homem sorrirá no seu caminho. Tudo será silêncio, e os pássaros pousarão sobre ramos repletos de frutos".

Assim serão os homens que terão superado as provas previstas para a virada de 2000, livres da ânsia de acumular riquezas e do afã de se altercar com outros primatas inúteis. Sobre a estrada do Grande Caminho seguirão apenas uns poucos, sem pressa:

Nenhum desses correrá, nenhum gritará.

Ninguém, sobretudo, será oprimido pela necessidade de defender-se:

Ninguém portará armas, porque não haverá mais inimigos.

Os 6.666 dias do demônio

Não serão apenas sinais a reconhecer e provas a superar para se poder entrar com pleno direito, como homens livres, na era do Espírito Santo. Será preciso enfrentar, adverte a monja, entidades maléficas operantes a fim de realizar um desígnio inteligente de corrupção, conduzido com cada meio e a cada nível da sociedade. Seu fim seria a instauração do reino de Satanás na terra.

A vidente indica nesta virada de milênio o período no qual a presença diabólica será principalmente ativa sobre a terra. Afirmar em uma das suas cartas ter individualizado o projeto e conhecer seus artifícios, que a esta altura já deveriam estar entre nós, perfeitamente inseridos em um tecido social em boa parte correspondente às suas expectativas.

Como agentes do demônio, enganaram facilmente os homens, deixaram entender a profecia, que, além de não saberem reconhecê-los, teriam achado aliciadoras as suas propostas, totalmente de acordo com a difundida avidez, por riquezas profanas.

O tempo deles sobre a terra estaria, porém, prestes a se concluir, e seus planos a ponto de fracassar, não obstante a eficiência da organização da qual dependem e a perversa genialidade de quem os guia. Desde que os cálculos da monja sejam exatos:

De 1940 a 2010 Lúcifer sediará sobre a terra um guia seu [...] que falará a língua de Átila e envergará os trajes de César. A corte de Satanás será composta de seis lucífugas [dignatários infernais, assim chamados porque fogem à luz] e do guia Weighor, que dominará triunfante a terra por 6.666 dias. Será o tempo da grande pestilência, da floresta da iniquidade. Mas depois toda a corte será jogada no fogo, e os últimos demônios reduzidos a cinzas envenenadas.

A concepção hierárquica e organizativa da corte infernal aqui enunciada pela monja é digna de especial nota, de um ponto de vista cultural, pois mostra um conhecimento detalhado da "moderna" demonologia elaborada por escritores como Wier, Bouguet, Remy e o próprio Jaime I da Inglaterra, no qual vinha racionalizado o preconceito conferindo a antigas superstições um fundamento cientificista distorcido.

Para uso da Inquisição, e evidentemente de qualquer um que pretendesse ganhar autorização para interferir em relação à perdição ou salvação do gênero humano, toda a cosmogonia infernal foi recenseada e reordenada nos últimos dois séculos — da decadência do Renascimento a todo o século XVII — em uma espécie de contra-sociedade complexa e aristocrática, atuante em antinomia com aquela terrena para provocar a ruína.



**EFFIGIES IOANNIS WIERIANNO ATATIS LX SALVTIS
MDLXXVI.**

**Jean Wier, o jesuíta demonólogo que catalogou sete milhões de diabos no
século XVI.**

Esta aristocracia malvada tinha os seus líderes, na maioria demônios herdados do paganismo, como Asmodeu e Astaroth, ímpias divindades do Oriente Médio que exigiam sacrifícios humanos, ou este Weighor de origem provavelmente nórdica; cada líder tinha os seus seguidores, burocraticamente investidos de autoridade sobre legiões e companhias de diabos numericamente comensurados pelo seu grau. O jesuíta Jean Wier havia-os catalogado em mais de sete milhões (7.405.926, para sermos exatos), divididos em 1.111 legiões de 6.666 demônios cada uma, sob comando de 72 príncipes. Bouguet havia prevenido que os que se infiltraram na corte infernal sobre a terra se multiplicavam "como larvas em nossas hortas". Michaelis havia invocado para aquele que se envolvesse com esses agentes de Satanás "uma morte nada comum, para servir de

exemplo a todos". Remy o apoiou, explicando que o suplício, quanto mais terrível possível, era do próprio interesse dos bruxos, tratando-se da única possibilidade que tinham de se redimir do domínio do Diabo. Veio por fim dar um verniz régio a essa disputa de ócio europeu o rei Jaime I da Inglaterra, já rei da Escócia desde 1.567, como Jaime VI, que, obcecado pela idéia de poder cair vítima de um "complô de magia", havia induzido o Parlamento a votar um estatuto contra os encantamentos. Depois envolveu-se com as técnicas da caça às bruxas, escrevendo um tratado no qual explicava como reconhecê-las. E, ainda ao final do século XVII, sofisticados intelectuais de diversos países se aprofundavam em acuradas lamentações sobre o perigo social representado pela bruxaria.

Pode-se bem compreender em que medida tal "debate" poderia ter envolvido pregadores e profetas, sempre orientados a sondar as vias mais desconhecidas dos futuros destinos do homem. A monja de Dresden nos dá nesta profecia uma demonstração convincente.

O próprio recurso ao 6.666 para indicar os dias do triunfo infernal sobre a terra (dezoito anos e oito meses) não é um franco apelo em causa própria do 666 apocalíptico, mas sim uma provável informação sobre o número de demônios ao comando do guia e dos seus lucífugas, que a piedosa mulher insiste em corresponder à lista elaborada por Wier. E, visto que os lucífugas são seis, cada um vem a dispor de 1.111 unidades maléficas, ou seja, o equivalente, em nível individual, ao número completo das legiões.

Não demonstra nada, mas a recorrência de números e de circunstâncias aparentemente fortuitas na adivinhação não é nunca considerada casual, mas sim comprobatória de alguma coisa que, fugindo à razão comum, tem uma razão especial de ser.

Anjos e Venenos

Há um fundo de racionalidade nas visões da monja de Dresden que se exprime, sobretudo, através de informações particularizadas acerca de um progresso tecnológico impensável à época, com amplas alusões ao uso de instrumentos hoje ao alcance de todos, como o telefone, a televisão, o rádio:

Voará um dia a voz, e os homens se falarão além dos mares e montanhas;

voarão as imagens, e os homens poderão se ver além dos mares e montanhas...

Contudo existe mais desencanto que estupor exaltado nessas suas crônicas do futuro. Certas faculdades lhe parecem inúteis, em certo sentido, dado que não procuram a felicidade. A televisão, afirma explicitamente a monja, mesmo que não saiba do que se trata, não está a serviço do bem:

As imagens voarão como os anjos, mas não irradiarão as luzes dos anjos.

Essa desoladora avaliação do progresso se deve, claramente, à propensão da vidente em considerar o desastre ecológico — como, aliás, muitos de seus precursores — entre as maiores causas da hecatombe para a qual o homem se encaminha: "Com a aproximação do fim tudo será um veneno, porque o homem terá decretado matar o homem. [...] O ventre da terra se tornará pútrido, e tudo aquilo que está nela murchará, mas os homens continuarão a comer o interior do seu ventre e morrerão. A morte terá a cor do ventre, mas os homens dirão que aquele é o odor da natureza."

Parece que a monja, ao advertir as futuras gerações da degradação para a qual caminha a natureza, queira colocá-las de sobreaviso contra as adulterações dos alimentos. Já hoje os novos alimentos manipulados pelo homem, enlatados, quimicamente tratados, assumiram cores desconhecidas, odores insólitos, mas a publicidade não faz mais que exaltar-lhes as qualidades "naturais", tentando exatamente demonstrar que eles têm as cores e os odores da natureza.

No entanto "o ventre murcho [da natureza] provocará mais mortes do que uma guerra. Depois, quando tudo estiver murcho, quando tudo for morte, na aurora da era do Espírito Santo [isto é agora, a aurora do século XXI], o enorme ventre será enchido de enxofre e purificado. (...) Os seus venenos voarão pelo ar, espalhando a morte em torno".

Diz a monja de Dresden que o homem teria gasto 333 anos para envenenar o planeta e 666 para eliminar os venenos. Visto então que nos primeiros anos do século XXI a terra deveria ter alcançado o grau máximo de más condições de vida, deduz-se que o processo de envenenamento deve ter começado por volta de 1670, com um século de antecedência à Revolução Industrial, naquela fase de passagem da oficina têxtil do artesão para as

grandes manufaturas que na história da economia é chamada de proto-industrial.

Os 666 anos necessários para o saneamento do planeta representam um evidente pretexto para exigir a atenção sobre a inevitabilidade da presença diabólica, também nos períodos de regeneração, mas estão somente a indicar o quanto é mais difícil reconstruir do que destruir, a ponto de exigir o dobro do tempo.

As águas mortais de Veneza

Causa particular impressão, nessa perspectiva de mortal degradação ambiental, a previsão daquela que deveria ser a morte de Veneza, sufocada por "águas viscosas e venenosas". A monja compara a inclinação da lagoa à fúria barbárica dos hunos que devastaram em 452 a majestosa cidade de Aquiléia: "Aquiléia foi destruída por Atila. [...] Veneza será destruída pelo novo Átila de aço quando os séculos a terão tornado pútrida. Imensas bocas de fogo se elevarão para o céu, vomitando venenos que cairão sobre as águas, tingindo-as da cor do sangue seco."

Não é difícil reconhecer no moderno Átila de aço o complexo industrial da vizinha Marghera, e nas bocas projetando suas línguas de fogo para o céu as chaminés das fábricas. É possível, por outro lado, numa passagem da profecia, tentar deduzir quanto ainda restaria de vida à cidade dos canais: "Cinco vezes a sombra de Aquiléia se projetará sobre Veneza, e depois Veneza será Nínive e Ishtar, e por sua vez, em ruína, afundará no sepulcro de sangue seco."

O que significa? Que é preciso multiplicar por cinco, a conselho dos especialistas, a data do fim de Aquiléia. Depois disso Veneza sofrerá o mesmo destino de Nínive com o seu templo de Ishtar. Se a hipótese está correta, o ano de seu afundamento definitivo no Adriático poderia ser .2260.

Causa um certo alarme o fato de que a monja tivesse especulado naquela mesma carta sobre outras datas acerca dos destinos de Veneza, que se revelaram depois fundamentadas. Escrevera, entre outras coisas: "Dez anos se passarão da minha morte [ocorrida em 1706] e o leão perderá as garras." Com efeito, entre 1716 e 1718, a República sofreu golpes, como a perda da

Moréia reconquistada pelos turcos, que redimensionaram definitivamente o seu poder.

O Apocalipse Direcionado

A agonia de Veneza e o seu fim, que por anos se tornaram lendários, figuram entre as profecias da monja de Dresden que abordam mais de perto a realidade italiana contemporânea.

De particular interesse em tal sentido é a previsão segundo a qual deveria aflorar no Adriático, em anos não muito remotos, uma faixa de terra entre a Itália e o litoral da antiga Iugoslávia ou da Albânia. Seria uma espécie de caminho entre as águas, destinado a unir os dois litorais.

Uma interpretação por assim dizer realista dessa profecia induziu certos especialistas a considerar a eventualidade de um abalo sísmico, de tal potência que fizesse empalidecer a lembrança dos terremotos de Messina e de San Francisco juntos. Mas as palavras da monja podem ser lidas num valor simbólico, que leve em conta o que aconteceu — e continua a acontecer, num crescendo — depois da desintegração da federação iugoslava e da república popular albanesa. Nesta luz, o caminho entre as águas poderia ser uma metáfora do fluxo migratório, por meio do qual, milhares de desesperados vêm desembarcando já faz algum tempo, clandestina e arriscadamente, no litoral italiano.

Não se trataria, portanto, de uma faixa de terra material, mas de algo que do mesmo modo determina um tráfego direto e incontável entre territórios um dia mantidos afastados pelo mar. Ao se aproximarem hoje até se estabelecer uma intercomunicação, se tal hipótese de leitura é viável, seria um trauma político em vez de geológico. Um terremoto, sim, mas institucional e econômico.

Um discurso análogo pode ser feito em torno da eventualidade, também ventilada pela monja, de que o mar Tirreno deva se transformar num lago. Também aqui se pensou num transtorno telúrico sem precedentes, de proporções realmente apocalípticas, na acepção comum — não iniciática— do termo. Tudo bem, mas em uma perspectiva igualmente realista, conquanto metafórica, pode-se dizer que esse mar já possa ser considerado um lago destinado às manobras aeronavais da OTAN, teatro de eventos

misteriosos e tramas obscuras, de cuja impenetrabilidade é testemunha a não solucionada tragédia de Ustica.

Além desses cenários que se prestam a múltiplas interpretações, a Itália do século XXI é para a monja de Dresden o espelho de uma sociedade em crise, talvez no declínio definitivo, tornado ainda mais dramático pela existência de vínculos às vezes obscuros entre poder religioso e poder civil, entre César e Pedro, envolvidos num abraço nebuloso, de contornos ambíguos:

Fui conduzida em sonho ao cimo de uma colina, aos pés da qual estendia-se a cidade abençoada, mas não conseguia distinguir nada mais que o Coliseu. Todas as pilastras estavam adornadas com bandeiras vermelhas, multidões a ela tinham acesso por 62 portas, enquanto das arcadas superiores choviam moedas de ouro, que tão logo tocavam a terra se transformavam em pequenas chamas de fogo para depois se extinguirem imediatamente. E o povo lutava para se apoderar de uma moeda de ouro, degolando-se, mas tão logo alguém conseguia pôr as mãos em cima, percebia que não havia nada, pois as mãos só conseguiam agarrar o ar. O povo continuava a entrar [...] e de repente houve uma terrível confusão. Arcadas e pilastras começaram a oscilar, depois a desabar, fazendo cair pesos enormes sobre as pessoas, de modo que ninguém podia entrar ou sair. [...] Vi depois surgir uma procissão de cardeais e bispos que, em vez de rezar, brigavam entre si. "Querem relacionar a Igreja a Jerusalém", gritava alguém, "fizeram um pacto com o Diabo", gritavam outros. A seguir houve um grande estrondo e elevou-se uma nuvem de poeira.



LUCIFUGE ROFOCALE

Símbolo e assinatura de um demônio pertencente à categoria dos lucífugas, sobre os quais se detém a monja de Dresden nas suas profecias.

Como em uma transmissão televisiva comum pode-se assistir a uma imponente manifestação sindical — ou partidária, o que dá no mesmo —, representada como uma espécie de Pentecostes vermelho, já que no Coliseu se mantém por tradição os ritos da Semana Santa. Mas não é o fogo do Espírito Santo, mas sim uma chuva de moedas de ouro, que se espalha sobre os fiéis da nova religião; e todos se empenham para se apoderar delas, deixando-se envolver num estéril jogo de azar. As fichas postas no pano são, porém, de valor tão efêmero que se consomem como fogo-fátuo sob os olhos dos contendores. Segue-se a essa desengonçada competição uma espécie de talk show que aprisiona os participantes em uma arena cujas portas são obstruídas por escombros. Os homens do poder (eclesiásticos, neste caso) dão um lamentável espetáculo de si mesmos, brigando como lojistas lesados nos seus próprios interesses. Uma grande

nuvem de poeira cobrirá por fim suas vergonhas.

Dir-se-ia quase que a monja de Dresden, além de intuir o enorme poder do meio televisivo, pudesse ter tido uma acurada visão dos programas. Com pena e argúcia, e com imperceptível ironia.



24

As Esposas de Deus

Muitíssimas religiões foram pródigas em profecias que ficaram em certos casos famosas, a partir do século XVII, por todo o século do Iluminismo e da Revolução Francesa, com interessantes desdobramentos no século XIX e por fim em nossos dias. Retomou-se assim um costume que foi muito difundido na Idade Média — que havia envolvido grandes nomes da cristandade, como Brígida da Suécia e Catarina de Siena —, para depois decair na época renascentista, até desaparecer com o veto do V Concílio, de Latrão ao exercício das práticas divinatórias, em 1516, especificamente voltado para impedir as predições apocalípticas. Este último, um detalhe que não devia ser desprezado, visto que uma constante das profecias formuladas pelas sibilas cristãs foi a visão escatológica do fim do mundo. A outra constante foi a relação epitalâmica com Deus, ou seja, nupcial em sentido místico, motivo pelo qual foram muitas a insistir que podiam se considerar, nos seus abandonos visionários, suas esposas.

O caso da monja de Dresden inclui-se entre os mais evidentes, mas não o único no qual o milenarismo adquiriu uma importância por assim dizer científica, graças a uma análise racional do processo involutivo do

homem, mesmo simplesmente no sentido mais lato que se possa imaginar, sem renunciar àqueles nítidos delírios que aproximam certas visões proféticas ao êxtase dos santos. "Viram" do mesmo modo o fim do mundo e eventos ligados ao mais comum decurso da história, como a guerra, as revoluções e as vicissitudes dos poderosos, freiras de variada cultura e extração social, dedicadas o mais das vezes ao isolamento e à contemplação. Estiveram entre elas estigmatizadas, como a agostiniana Catarina Emmerich, que reconheceu mais vezes o Anticristo nas suas visões; apaixonadas musas proféticas da grandeza de um papa, como a dominicana Pomba Ardente, que previu com riqueza de detalhes a eleição de Pio IX; mulheres famosas por operarem milagres e curas, como a franciscana da ordem terceira Teresa Gardi; anônimas videntes ocultas atrás de um pitoresco pseudônimo, como a "Sibila do Último Céu"; e tantas outras criaturas que viveram à sombra dos conventos, cujas grades da clausura não as impediram de perscrutar cenários muito distantes e tremendos, mas também os locais mais próximos do cotidiano, prenunciando eventos triviais de administração comum, acontecidos realmente depois em curto prazo.

Foram estes últimos, em muitos casos, a maioria DAS profecias sobre destinos extremos da humanidade a dar aval à credibilidade de uma vidente, devido à imediata possibilidade de achados, e a procurar uma popularidade com freqüência desmesurada, tal como chamar para si a atenção dos poderosos.

O Anticristo revolucionário de Jeanne La Royer

Jeanne La Royer, que viveu no mosteiro de Fougères na segunda metade do século XVIII, destacou-se entre as monjas videntes da época pelas acusações dirigidas às hierarquias eclesiásticas nos anos da Revolução Francesa.

Mulher de escassa cultura, ao ponto de ter continuado analfabeta, tal como sua mais célebre coirmã de Dresden, adquiriu popularidade sustentando com notável antecedência da Revolução ter visto "uma grande potência elevar-se contra os céus e saquear o vinhedo de Deus, a ponto de transformá-lo numa via pública". Foi mais explícita ao descrever "a França transformada num exterminado deserto, invadido por uma solidão

espantosa, dividido em províncias similares a charnecas desoladas, atravessadas por viajantes que roubavam e destruíam cada coisa".

Lamentava com particular ênfase, nessas suas primeiras profecias, o oportunismo e a velhacaria dos padres que se submeteriam à ordem republicana, aceitando suas condições. Definia-os como "covardes, indignos, falsos pastores, lobos camuflados com peles de cordeiro [...] entrados nos redes com o único objetivo de enganar as almas ingênuas, esfolar os rebanhos de Deus e permitir a profanação dos altares".

Advertiu, não obstante a ignorância a ela atribuída, sobre o peso anti-religioso da filosofia iluminista, demonizando-a com uma alegoria visionária: "Vi um dia sob uma montanha uma árvore verde e forte, carregada de flores e frutos. Vi uma outra a poucos passos, muito menos forte, mas que parecia da mesma espécie. Entre as duas estava surgindo uma terceira, que aos meus olhos pareceu destinada a crescer tanto que superaria as outras. [...] Mas uma voz gritou: 'Cortai as raízes desta árvore a fim de destruí-la para sempre.' Perguntei por que, e foi-me dito que a primeira árvore era a Igreja, a segunda era a planta das ordens religiosas nascidas a sua sombra, a terceira representava as filosofias que nos últimos tempos tentaram envenenar a mensagem do Cristo."

Naqueles que chamava de os últimos tempos, aliás, Jeanne La Royer já se acreditava estar, considerando a Revolução como uma espécie de apocalipse, destinada a evoluir para a devastação e as guerras mundiais. E como em cada apocalipse que se preze, o mal seria devastador, mas não triunfante. Ao Anticristo se contraporía o Cristo restaurador: "Serão impostos falsos cultos [como aconteceu com a deusa Razão], mas serão sucessivamente abolidos [como ocorreu com a Restauração] e as antigas tradições serão restabelecidas."

A profecia realizou-se a curto prazo, com o fim da ordem republicana e depois napoleônica, mas Jeanne não teve como testemunhá-lo, pois morreu em 1798.

Entre os sinais que mostrariam no futuro a infiltração de forças satânicas na Igreja estava, predisse, a supressão da "língua das catacumbas", ou seja, o latim, dos seus rituais. Tratar-se-ia, denunciou, de uma precisa tentativa anti-religiosa voltada a espoliar a liturgia de sua vestimenta mística original. Caso se leve a sério tais análises, a abolição da missa em latim

deveria significar para os nossos tempos que o Anticristo já chegou. Mas junto ao Anticristo viria novamente também o Cristo. Jeanne comunica ter recebido o anúncio Dele mesmo em visão: "A imagem do mundo está passando e o dia da minha última vinda se aproxima. Quando o sol está para se pôr, diz-se que o dia termina e a noite está para chegar. Para mim, todos os séculos são como um dia só. Calcula tu quanto deverá durar ainda o mundo pelo percurso que o sol ainda tem de fazer. Estas últimas palavras deveriam conter uma chave sobre os tempos do fim do mundo, mas a única coisa que se pode deduzir é a relatividade das convenções cronológicas de uso corrente. À mesma fonte divina Jeanne La Royer atribui os juízos sobre as hierarquias eclesiásticas, semelhantes a outras registradas, sempre por via sobrenatural, em tempos mais recentes: "Não têm mais o direito de falar no meu nome, porque traíram a causa da minha Igreja. (...) Seja o que for que pretendam de vós, não os atendeis. Separai-vos deles." Os padres que a monja encontra nas suas visões premonitórias estão sempre "vestidos com camisas elegantíssimas e finíssimas, como para uma festa solene, mas não vestem casulas nem pluviais. São afetados e bem-cuidados, de comportamento alegre". Resumindo, são simpáticos e desabusados, de uma desenvoltura cativante, mas a voz de sempre adverte: "Cuidado, minha filha, não confies."

A Sibila do Último Céu

A corrupção da Igreja de Roma na decomposição geral do mundo aparece também nas visões da Sibila do Último Céu, uma religiosa assim chamada pelo uso freqüente que faz desta imagem para indicar os dias do juízo. Os dias "do último céu" deveriam sobrevir, a seu ver, "pouco antes que o milênio se junte ao milênio", ou seja, ao findar do século XX. Mas antes que a cortina se feche definitivamente sobre a história do homem - e que Deus despeje sobre a terra aquelas calamidades que marcam cada apocalipse — deveria verificar-se uma miraculosa "conversão da Igreja de Roma ao cristianismo". A profecia, do modo como é enunciada, subentende um juízo ainda mais crítico em relação ao clero católico, pois significa que a sua religião "não tinha mais nada a ver com

aquela pregada pelo Cristo", a ponto de exigir uma nova conversão. Com este evento "o século se tornará de tal forma suave de tal modo que pareça um único ano [sem estações, nem frio nem quente] e a luz do sol iluminará também a noite, entre estrelas cadentes".

E "uma mulher que chega envolverá a cabeça com seu diadema real". É a passagem mais obscura da profecia. Quem é esta mulher de estirpe real? Poderia ser, segundo os especialistas, a Igreja ou a cidade de Roma, que afinal são a mesma coisa na linguagem das grandes profecias. Poder-se-ia deduzir um retorno do catolicismo, depois da conversão, ao esplendor espiritual das origens.

No suave declínio deste século das noites iluminadas pelo dia, os verdadeiros cristãos viveriam "o sonho dos moribundos", praticando modelos de vida análogos àqueles dos apóstolos nas comunidades primitivas, na mais total comunhão dos bens e das intenções.

Poderia talvez tratar-se de uma renovação cristã em sentido socialista? É um cenário possível, se for considerado o rigor das críticas feitas pela Igreja, depois da derrocada do comunismo, em relação ao sistema capitalista, muito distanciado por sua vez da prática evangélica.

A hipótese de que com essa imagem a vidente pretendesse aludir a um transbordamento de cristianismo original antes do fim — como preâmbulo de salvação para o maior número possível de crentes — é endossada pela sua insólita descrição do que acontecerá sob "o último céu". Não inundações nem terremotos, nem torrentes de fogo ou guerras de extermínio, mas "mortos que ressurgem" e outros beneficiários de milagres que felizmente encontram por si mesmos o modo como sempre haviam sonhado ser:

Correrá veloz o aleijado, recobrará a audição o surdo, a visão o cego, a fala o mudo; e viverão todos em comunidade, pois comum será a terra, superabundante de frutos sem ser dividida por sebe ou muro...

Encontra-se na profecia, além da claríssima alusão à abolição da propriedade em sentido tradicional, uma fiel citação dos milagres de cura que caracterizaram o itinerário terreno de Jesus e de seus apóstolos. E é nesta perspectiva feliz que deveria concluir-se, longe dos horrores familiares ao imaginário apocalíptico, a história do mundo.

Tais profecias foram divulgadas por volta de 1730. É a única data que temos da Sibila do Último Céu.

A vestal do santuário traído

Bem mais tenebroso é o cenário que imagina para o fim do mundo a mística Elisabetta Canori-Mora no início do século XIX. Há fartura de testemunhos nos relatos dos seus arrebatamentos extáticos, autênticas inversões em um esplendor definido por seus biógrafos como "inacessíveis ao homem", através do qual "via-se intimamente unida a Deus, de modo que não se distinguiu, sentindo-se como se transformada naquela luz divina".

Mas além daquela soleira, em vez de paisagens serenas, ela vê coisas espantosas, que ilustra (como neste escrito de 1818) em um estilo lento e constante, pródigo de detalhes terrificantes: "Foi-me mostrado o mundo. Eu o via todo em revolta, sem ordem, sem justiça. Os sete pecados capitais eram levados em triunfo e por toda parte via-se reinar a injustiça, a fraude, a libertinagem e todo tipo de iniquidade. O povo estava mal-acostumado, sem fé, sem caridade [...] com fisionomia mais animalesca que humana, deformada pelo pecado."

Ela assegura ter "visto" a Igreja de Roma traída por seu clero. Denuncia por isso as "infidelidades de alguns ministros do Santuário, que em vez de apoiar a Igreja traíam-na com as falsas máximas do mundo e com o fato de se deixarem levar pela política mundana".

É o próprio Deus que lhe mostra os estragos que os padres infiéis fazem no seu templo, comunicando-lhe com infinito desdém a decisão de "mudar para outro lugar o púlpito verdadeiramente infalível da santa Igreja". Não é a única profecia que prenuncia, para os últimos tempos, uma transferência do papado para uma sede diferente e distante de Roma.

Mas quando surgirão esses "últimos tempos"? Segundo o que escreveu Canon-Mora, deveremos estar quase chegando lá. Isso lhe teria sido confidenciado pelo seu interlocutor celeste ao exprimir-lhe a própria indignação pelas más ações humanas e por aquelas ainda mais graves dos padres, por bom tempo mais culpados do que qualquer outro pecador: o fim deveria consumir-se, segundo a palavra de Deus transmitida por sua

escrupulosa porta-voz, entre menos de dois séculos a partir da data da visão, que caía exatamente em 19 de março de 1820.

O Deus que dialoga com Elisabetta Canori-Mora está entre os mais severos de todos já encontrados na literatura apocalíptica. Quando levanta o braço armado de "terrível chicote" o faz porque decidiu exterminar "quase todos os homens". Elisabetta piedosamente intercede, implorando-lhe que descarregue sua ira sobre ela: "Voltai para mim o forte castigo, aniquilai-me, fazei de mim o que vos aprouver, mas salvai os pobres pecadores, salvai a Igreja."

Suplicando assim para ser escolhida como "vítima de reconciliação", encontra justamente a coragem para aferrar o Pai Eterno por um braço e detê-lo. A esta altura Deus "suspende" o castigo, mas não perdoa. Não totalmente aplacado, comunica que a sua ira voltará a explodir em futuro não muito distante.

Elisabetta tem a audácia de perguntar-lhe quando. "Não será assim tão distante quanto pensas", responde o Senhor.

Diante de tal resposta, a vidente se dá conta de que não resta muito a fazer. Adiamentos posteriores são impensáveis, explica em outro escrito seu, pois "as preces das almas que o Senhor se digna a chamar de prediletas vão postergando o castigo, mas virá aquele tempo terrível e tremendo em que Deus fará ouvidos moucos e não escutará prece alguma". O castigo, em outras palavras, pode ser procrastinado, mas não cancelado.

A segui-la estarão não apenas os anjos do Senhor, mas os diabos do inferno, que por vontade divina serão soltos de seus grilhões e deixados livres para assolarem a humanidade impenitente. Canori-Mora conta ter visto uma legião sair das fossas infernais e espalhar-se sobre a terra como "ministros da justiça divina", devastando palácios, vilas, aldeias, cidades e províncias inteiras. Recorda com indizível horror "o tenebroso e terrificante abismo de onde saíam aqueles espíritos infernais com as mais horrendas e nojentas formas de monstros, e de homens nefandos que andavam destruindo e devastando todos aqueles lugares onde Deus foi ultrajado, profanado, idolatrado e tratado sacrilegamente, não deixando o menor vestígio".

Do mesmo modo como fez Jeanne La Royer em relação ao Iluminismo, Elisabetta Canori-Mora reconhece no positivismo do seu tempo a antecâmara do integrismo laico, genitor prolífico das doutrinas materialistas mais extremas. Arremete por isso contra "as perversas máximas da moderna filosofia" e em especial, com particular furor, contra aquilo que tais máximas tentam conciliar com a moral cristã.

Em 1824, escreve ter sido conduzida por Deus a um denso matagal e de ter parado diante de cinco árvores de altura desmesurada, que com suas raízes produziam e alimentavam milhões de plantas estéreis e selvagens". Eram "as heresias que infestam o mundo em nossos tempos, opondo-se totalmente ao nosso santo Evangelho".

É sintomático que a visão de Elisabetta volte a propor a mesma filosofia florestal de Jeanne La Royer, para ela certamente desconhecida, descrevendo as filosofias da época como árvores a cortar.

Devem igualmente ser cortadas as plantas estéreis aos pés delas, que a vidente descreve como "pobres almas inumeráveis, depravadas na sua consciência, sem fé, sem religião [...], almas subvertidas e todas dedicadas às falsas máximas da filosofia de nossos tempos, que aviltam a santa lei de Deus e os seus divinos preceitos".

Mais pareceriam almas perdidas que malvadas, necessitadas mais de piedade que de rigor, mas o Deus inspirador de Canori-Mora não reconhece nenhuma atenuante para elas; são criaturas "não apenas estéreis, mas nocivas e péssimas, merecedoras de serem jogadas no fogo eterno".

Chora a mística Elisabetta na luz que a une ao seu "divino Amo", interrogando-o entre um gemido e outro com enfático arrebatamento. "Meu Deus, quando será que poderei fazer com que sejais visto com honra e glorificação, como convém, por todos os homens? (...) Como são poucos aqueles que vos amam e como é grande o número daqueles que vos desprezam! Por quanto tempo ainda prosseguireis deixando que vos ofendam?"

Deus tem para ela palavras de consolo, cujo sentido é, porém, terrível para o resto do gênero humano: "Alegra-te, minha filha diletta, enxuga tuas lágrimas: o tempo está nas minhas mãos, e posso abreviá-lo o quanto me aprouver."

Jamais de um profeta veio uma definição mais seca e eficaz da relatividade

do tempo do homem nas vontades de Deus.

Anna Maria dos Pontífices

Anna Maria Taigi, da Ordem Terceira Descalça, morta em Roma em 1837, e a dominicana Rosa Pomba Ardente, morta dez anos depois no mosteiro de Santa Catarina, em Taggia, cimentaram-se mais realisticamente sobre o destino político do papado, transtornando em certos casos as previsões da diplomacia internacional. Ambas deram as provas mais convincentes das próprias capacidades divinatórias sobre prognósticos relativos à eleição ou à morte dos pontífices, mas também sobre a duração e os fatos salientes de cada pontificado, com referências às vezes imprevisíveis à política européia, suscitando surpresa e sensação entre as autoridades eclesiásticas.

Esteve no centro de interesse destas últimas, sobretudo, a Taigi, que não obstante uma vida esquiva e reservada ganhara fama de vidente dotada de uma especial predisposição para tudo que dizia respeito aos papas. Havia previsto o retorno de Pio VII do exílio e exatamente o dia em que diria novamente a missa em São Pedro, a eleição de Leão XII e a sua morte, a eleição de Pio VIII e a brevidade do seu pontificado. Causou alvoroço a notícia da iminente morte do pontífice que ela fez chegar ao seu secretário e pontualmente se confirmou na data apontada.

Suas profecias foram a partir de então solicitadas e atentamente avaliadas pela cúria romana, que era assim informada com preciosa antecedência sobre eventos de especial importância política e social, como a revolução que eclodiu logo depois da eleição de Gregório XVI e uma epidemia de cólera.

Interrogada sobre quem seria o sucessor de Gregório, deu indicações aptas a identificar com mais de dez anos de antecedência o futuro pontífice Pio IX, que à época era apenas um sacerdote, completamente desconhecido para ela. Foram-lhe feitas perguntas pormenorizadas, visando entre outras coisas a verificar se o papa ao qual aludia já fazia parte do Sacro Colégio. Respondeu decididamente que não, frisando que no momento não passava de um simples padre, destinado a uma delicada missão em terras longínquas. E de fato, na época, o padre Giovanni Maria Mastai Ferretti era missionário no Chile. Foi-lhe perguntado em que cidade tinha nascido ele,

e ela respondeu que no Estado romano, mas não em Roma, e sim nas costas do Adriático. Mastai Ferretti era de Senigallia.

A outras perguntas respondeu fornecendo detalhes muito pormenorizados sobre acontecimentos do novo pontificado. Disse que este papa seria "aclamado pelo povo" e "obsequiado também pelo turco e outros povos não-cristãos", que deveria reagir a oposições de todos os lados, que ficaria isolado na pátria, mas receberia apoio do exterior, que reformaria o clero e a estrutura do Estado, que imporia submissão também aos soberanos.

Quem coletou as declarações de sóror Anna Maria foi um sacerdote romano chamado Pallotti, o qual, coordenando os vários elementos, foi capaz de identificar no agora cardeal Mastai Ferretti, antes que o conclave se pronunciasse, o papa por ela indicado. Falou antes com um abade cisterciense, pároco da igreja de são Bernardo nas Termas de Diocleciano, e em seguida com o padre capuchinho Fulgenzio da Carmagnola, prior do convento da Madonna di Campagna, cujos testemunhos contribuíram para aumentar o interesse canônico pelas profecias dessa misteriosa monja descalça, há pouco desaparecida em odor de santidade, levando para o túmulo os segredos de pelo menos cinco papas. Assim se colocaram as premissas pela beatificação, ratificada setenta anos depois, sob o pontificado de Benedito XV

Ficou de tal forma enraizada na idéia de que os destinos da humanidade gravitassem em torno da figura do papa — e em especial no momento da sua eleição —, para profetizar que os únicos a se salvarem no apocalipse iminente seriam "aqueles poucos que se converteram para eleger um novo papa".

Uma Pomba piedosa com os príncipes

Também deve sua fama a uma profecia sobre Pio IX a freira dominicana Rosa Pomba Ardente, que por sua vez indicou como sucessor de Gregório XVI "um papa pio de nome, de natureza e costumes". Previu, além disso, que perderia o trono e que o reconquistaria graças a Napoleão III, não ainda imperador dos franceses. O que acontece quando este último, para contrabalançar a presença austríaca na Itália e recompensar o próprio eleitorado católico, debilitou em 1849 a República Romana reconduzindo o

papa ao seu posto.

Descreveu a visão da intervenção francesa como tripudio de "muitas bandeiras tricolores com a bandeira do papa", mostrando-se indulgente sobre o espetáculo dos padres "obrigados a abençoá-lo".

Diferentemente da Taigi, a Pomba Ardente se apoia em suas profecias numa observação atenta do mundo político laico, além do religioso, deixando-se também envolver emotivamente nos casos de seus protagonistas. Mostrou, por exemplo, uma simpatia que raiava a ternura por Luís Filipe de Orléans, o "rei-cidadão", do qual previu a derrubada do trono: "Pobre Luís Filipe", falou sobre ele. "Será obrigado a fugir da França para ir morrer na Inglaterra." Não foi igualmente sensível à sorte de Napoleão III, do qual disse, equivocando-se, que o seu reinado duraria muito pouco.

Mas foi bem-sucedida ao verificar os fatos de suas predições sobre casos do ressurgimento italiano. Previu com exemplar concisão o destino de Carlo Alberto, para o qual manifestou uma espécie de piedade subentendida: "O rei do Piemonte acorrerá em primeiro lugar para combater, mas será derrotado e forçado ao exílio. [...] Morrerá nos confins da Espanha. Será sucedido pelo jovem filho primogênito."

Figurou entre aqueles videntes, não muitos, que previram a data da própria morte. Deu um retrato de si mesma, de como se tornaria antes da passagem ("consumida e quase transparente, à quisa de um esqueleto"), e acrescentou que a sua hora seria chegada "no instante em que os frades dominicanos realizassem a procissão do Santo Sacramento, no domingo a partir da oitava do Corpus Christi". Isso se deu em 6 de junho de 1847, cumprindo-se suas palavras.

Suas profecias suscitaram particular interesse no alto clero francês. Foram compiladas pelo bispo de Ventimiglia, que assim impediu sua dispersão. Em 1860 foram publicadas pelo cardeal Caum, também ele francês.

As profecias "domésticas" de Teresa Gardi

Nem todos aqueles que tiveram o dom da profecia, muito comum entre os fiéis agrupados nas primeiras igrejas cristãs, o usaram para grandes fins escatológicos ou para desatar os nós da alta política européia. Dedicaram-

se a profecias mais "domésticas", mais próximas das necessidades simples das respectivas comunidades às quais se pertenciam, a imolense Teresa Gardi e a bolonhesa Clelia Barbieri, talvez ambas cientes do pouco tempo que tinham de vida.

Foram por isso, muito amadas por seus concidadãos, que reconheceram na aparente banalidade das suas profecias cotidianas uma utilidade imediata e um desapego quase total pelas mesquinhas vaidades do mundo.

Enquanto monja terceira franciscana, Teresa Gardi informou com um ano de antecedência aos seus confrades sobre a supressão das ordens regulares, ocorrida em 1810, garantindo-lhes porém a sobrevivência da deles. Avisou-lhes com igual solicitude, em 1818, que o convento da Observância, ao qual pertenciam, estava para ser restaurado. Comunicou isso ao seu confessor pouco antes do alvorecer de 10 de maio, e por volta do meio-dia chegava do Vaticano uma carta que confirmava a providência. Predisse ao cardeal Justiniani, bispo de Ímola, de partida para o conclave de 1830, que lhe seria oferecida a candidatura pontifical, mas que um grave obstáculo impediria sua eleição, sem que ele, porém, ficasse desiludido. Aconteceu de fato que Justiniani fosse votado por ampla maioria para a inclusão no turno final (7 de janeiro de 1831) e que sua candidatura acabasse bloqueada pelo rei da Espanha. Foi eleito então Gregório XVI, mas Justiniani foi igualmente gratificado com uma prestigiosa recompensa, pois o novo papa o quis junto a si no Vaticano no estratégico posto de secretário dos memoriais.

Tendo grande intimidade com seu confessor, amargurado ao mesmo tempo pelas medidas contra a ordem franciscana, consolou-o prevendo-lhe que de qualquer modo morreria envergando seu hábito religioso, mas dali a muitos anos, depois dela. Os frades puderam de fato vestir o próprio hábito, depois de dez anos de redução ao estado secular, em setembro de 1819, o que permitiu ao confessor da vidente ser sepultado com o hábito da ordem, quando morreu em 1840.

Teresa o havia precedido em alguns anos, como predissera, expirando em 1º. de janeiro de 1837. Foram-lhe atribuídos vários milagres, sobretudo curas e intervenções contra a esterilidade feminina.

O sonho da madre Clelia, freira menor

São atribuídos prodígios de vários gêneros também a Clelia Barbieri, morta aos 23 anos em 1870, depois de ter realizado o temerário desígnio de fundar uma nova ordem monástica, chamada das Freiras Menores de Nossa Senhora das Dores. Indicou às suas irmãs, carentes de uma casa que as acolhesse, o campo no qual esta seria erguida. Foi nos seus últimos dias de vida, em inícios de um julho ensolarado.

Já sem forças, Clelia estava "ligeiramente apoiada no peitoril da janela", e dali "com doce complacência o seu olho lúcido vagueava sobre a extensão de um belo campo de erva medicinal, no meio do qual flamejava o vermelho rústico das papoulas". Foi a esta altura que "rompeu-se na sua mente o véu do futuro", e depois de ter chamado com um doce aceno as outras freiras para junto de si, apontou o indicador além do peitoril, assim dizendo: "Naquele campo surgirá a vossa casa; e lá ireis morar, mas não sereis sempre unidas, mas sim espalhadas pelo mundo a trabalhar no vinhedo do Senhor. Não vos acompanharei, mas estarei sempre convosco. E lá virão carroças e cavalos."

Madre Clelia Barbieri morreu poucos dias depois, a 13 de julho de 1870. E dentro de alguns anos, lá onde ela a tinha "visto" antes de morrer, a casa foi edificada; e inaugurada com um afluxo espetacular de "carroças e cavalos", totalmente insólito para um evento de interesse religioso na Itália de Porta Pia, laica e anticlerical.

Conta-se que até hoje naquele lugar madre Clelia faz ouvir sua voz pelos que se recolhem em prece.

O Diabo no convento

O demônio e o Anticristo foram os protagonistas mais assíduos das histórias sobre o fim do mundo que essas sibilas em hábito de freira verificaram no decorrer de suas visões, dando um atemorizado testemunho a respeito.

Por tradição medieval o Diabo sempre foi familiar nos conventos femininos. E com maior razão nas celas daquelas religiosas "dotadas de espírito profético" que quiseram se estender além dos limites do tempo

rumo àquela data desconhecida que "o homem não deve conhecer, porque o Pai reservou para si esse segredo". Assim diz Santa Hildegarda, a iluminada de Bingen, que para começar, porém, não leva em conta tal proibição, anunciando desde o tempo das cruzadas que o apocalipse chegaria por volta do ano 2000, tanto é que, para preparar o evento, diversos anticristos teriam freqüentado a terra entre 1955 e 1980 com as piores intenções.

Muitos já se depararam com esses senhores do mal, tanto em nossos dias quanto no mais profundo passado, extraindo perturbadoras experiências. Também no plano físico, pois são incontáveis os casos de pancadas, sevícias e tormentos corporais infligidos pelos demônios às vítimas designadas, com tanto maior empenho quanto mais resoluta a reação delas. Vítima freqüente de entidades demoníacas foi a dulcíssima Gemma Galgani, um dos vultos mais ternos e sedutores do calendário litúrgico, morta aos 25 anos (em 1903) depois de ter vencido a incredulidade dos médicos com os seus êxtases cruentos, com as suas chagas, com suas levitações. Os diabos a rodeavam no decorrer de seus arrebatamentos místicos e, repelidos, a maltratavam, provocando-lhe lesões que em vão a ciência tentou classificar como de natureza histórica.

Outra que também teve êxtases sanguinolentos foi Caterina Emmench, por volta de 1830, durante os quais encontrou "mais anticristos", todos juntos, dedicados a uma espécie de prova geral do fim do mundo. Justificou-lhes a presença como necessária, explicando que muitos emissários de Satanás devem ser postos em liberdade sobre a terra, antes do juízo, como "castigo e tentação" para os homens.

Uma irmã enfermeira do hospital Saint-Omer, na França, Bertina Bouquillon, morta com indícios de santidade, previu em 1850 a instauração de uma espécie de relação privilegiada entre as monjas e o Anticristo. "Nós não o veremos, e nem mesmo as irmãs imediatamente depois de nós", disse, "mas aquelas que o seguirem cairão sob o seu domínio." Acrescenta que "nada parecerá mudado, quando ele chegar, e tudo na casa continuará como de costume, os exercícios espirituais, as atividades habituais... e as nossas irmãs descobrirão que o Anticristo é quem manda".

Conheceu em visão, "três dias de treva contínua, no decorrer dos quais farão luz, somente as velas de cera abençoada", a estigmatizada Marie Julie

Jahenny em La Fraudais, no departamento do Loire. "Viu", naqueles três dias dominados pelo Anticristo, "aparecer os demônios em forma abominável, fazendo o ar ressoar de blasfêmias horríveis", e todo o planeta transformar-se em "um imenso cemitério".

Mas nem todos os homens seriam dominados. Uma outra freira, Maria Jesus Crucifié, de Pau, no Languedoc, avaliou com base em visões análogas, por volta de 1880, que sobreviveria "a quarta parte da humanidade". Isto é, muitas, muitíssimas pessoas, mais de quantas não foram contadas dos outros apocalipses.

A conclusões mais consoladoras, sem se dar ao trabalho de contar os mortos que havia "visto", chega a monja catalã Filomena de Santa Colomba, depois de quatro anos de incubos no mosteiro de Vais, em 1868: "Por quatro anos vi de modo terrível os castigos e as catástrofes que pairavam sobre o mundo. (...) Mas tive, apesar disso, o consolo de saber que do Coração de Jesus brotaria um rio de graças que fecundaria de novo o mundo cristão e tornaria a Igreja triunfante."

Deduz-se que os esquemas desse novo milenarismo, atualizado e corrigido pela sensibilidade mística feminina, tenderiam a receber com particular ímpeto o sentido de salvação das antigas revelações, reconhecendo a uma mais abrangente representação do gênero humano a possibilidade — se não exatamente o direito, legitimado pelo amor divino — de superar a prova do apocalipse. Como intuindo que a horrores em massa se possam contrapor os efeitos de uma redenção em massa, como a operada por Cristo.



A dupla profecia da "amendoeira florida"

Houve duas profecias chamadas "da amendoeira florida", uma no século XVIII, na França, e a outra ao findar da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, sem que entre ambas exista qualquer nexó visível, nem de estilo nem de conteúdo. Ambas têm, porém, em comum a particularidade do seu achado, que aconteceu de maneira totalmente fortuita entre as pedras demolidas de dois santuários históricos, o primeiro em Palos de Moguer, em Portugal, onde Cristóvão Colombo parou para rezar antes de sua viagem, o segundo em Berlim, ao escavar os destroços da igreja de São Paulo, bombardeada em abril de 1944. Ambos os manuscritos estavam contidos em recipientes lacrados, o primeiro num cofre de antiga feitura artesanal, o segundo em um moderno tubo de chumbo.

A ditadura invisível

Foram dois pedreiros empenhados na demolição de um portal da igreja de Palos, ao final do século XVII, que acharam o primeiro cofre, contendo dois rolos de pergaminho que o tempo tornara quase ilegíveis. Neles se reconheciam símbolos herméticos e uma caprichada escrita em caracteres góticos.

Decepcionados por não terem encontrado um tesouro, como os fizera esperar o cuidado como o cofre fora ocultado em um interstício da parede, os operários venderam por umas poucas moedas o que haviam encontrado. Os manuscritos foram acabar na França e ali reemergiram como precioso documento esotérico alguns decênios mais adiante, por iniciativa de alguém que foi capaz de decifrá-los, chegando também a identificar o autor como um monge cisterciense de origem alemã. Era essa de fato a língua usada pelo autor do documento, ainda que entremeada por símbolos e hieróglifos que exigiam árdua interpretação.

Foi chamada profecia "da amendoeira florida", porque o autor se servira desta imagem para nomear o número das primaveras — portanto dos anos — às quais se referia. Foi difícil, não obstante essa indicação, identificar datas

exatas, pois o tempo da redação era incerto e, portanto, não se podia estabelecer qual seria o ponto de partida para contar as florações da amendoeira indicadas pelo vidente. Foi contudo possível identificar alguns grandes perfis históricos, como o da águia destinada a ser envolvida por "nuvens tempestuosas" de Leipzig e Waterloo (Napoleão, claramente) e dos "dois césares sem coroa" que iriam ensangüentar a Europa (Hitler e Stalin, ou Mussolini).

Foram enunciadas com exagero, onde o texto era legível, muitas alusões tremendas guerras futuras, mas também a tensões e golpes de mão que convulsionariam as "flores da Europa", como eram chamados no documento os vários Estados. Encontraram-se diversas referências a experiências totalitárias, a personagens que pisoteariam com o maior desprezo os mais elementares direitos humanos, a conflitos ideológicos destinados a degenerar em sangrentos ajustes de contas. Descobriu-se enfim que diversas dessas profecias diziam respeito à "terra de Pedro", isto é, à Itália, onde fizeram circular o oráculo na segunda metade do século XIX, depois de ter sido provavelmente manipulado e adaptado ao gosto da época pelos almanaques populares.

Provocou certa curiosidade uma tentativa de retratar a história italiana recente — do último pós-guerra até hoje, bem entendido — como uma escadaria de "degraus que descem", expressão ainda mais estranha caso se considere que cada escada contém em si a potencialidade da subida e da descida, segundo o ponto de vista de onde nos situamos, jamais uma só das duas. Mas os "degraus" da Itália republicana deveriam retratar, na ótica da "amendoeira florida", apenas o movimento descendente. Como a querer simbolizar uma progressiva degradação da democracia.

Tais degraus eram assinalados por imagens atrás das quais se queria identificar com certa desenvoltura os presidentes da República, tal como se procedeu para os papas na profecia de Malaquias. É possível se reconhecer Enrico De Nicola no "navegante ousado" que deveria ser o timoneiro da nave Itália nos anos difíceis do pós-guerra; Luigi Einaudi no "bom celeiro", por causa da sua perspicácia econômica; Giovanni Gronchi na "medalha dupla", ao ser eleito com os votos do governo e da oposição; Antônio Segni na expressão "do mar aberto", como primeiro presidente de origem insular, pois era da Sardenha; Giuseppe Saragat no "sol ao levante", pela chamada

ao emblema do seu partido; Giovanni Leone no "navegador silencioso", talvez por causa do silêncio que quis ou teve de observar depois do escândalo que causou sua renúncia; Sandro Pertini no homem "da única lei", pela política de imagem que o havia colocado em uma condição de privilégio tal que impedia no nascedouro qualquer crítica ou divergência em relação a ele.

Uma nota de particular coerência parece ser colhida no retorno da alusão à origem insular no caso de Francesco Cossiga, também ele da Sardenha como Segni, ligeiramente modificada em uma dicção quase sinônima da primeira, como "do mar de César" em vez de "do mar aberto". Vale dizer do Mediterrâneo, o antigo mare nostrum dos romanos.

A seqüência muda de tom após o oitavo presidente, deixando as metáforas adaptáveis ao único líder para ilustrar uma situação confusa e tensa, determinada por um processo de mudança institucional em ação. Uma situação no decorrer da qual o chefe de listado poderia ser induzido a "concentrar nas suas mãos muitos poderes", por iniciativa própria ou por pressões de um determinado alinhamento. Poderia ter partido da necessidade de "corrigir o rumo da nave enlouquecida", mas também da atribuição, decidida pelo Parlamento, de novas competências mais concretas à figura presidencial, inicialmente concebida com um papel mais representativo do que decisivo.

Aqui param as previsões da primeira "amendoeira florida" para a Itália, interpretadas, como se viu, em uma chave de parábola descendente, em conclusão da qual o sistema democrático pareceria degenerar em uma espécie de ditadura invisível, mais semelhante a uma oligarquia — a um acordo entre forças de extração diferente e portadoras de interesses múltiplos, também em contradição mútua — que à centralização manifestada pela autoridade governante sob a égide de um único partido.

É curioso que nessa brevíssima panorâmica metafórica compareçam nada menos que seis imagens de inspiração náutica, tais como o rumo a corrigir, os dois navegantes, o sol levantino e as alusões à origem insular de dois presidentes. Como se o divulgador do texto tivesse desejado facilitar de alguma maneira a identificação do país ao qual pretendia referir-se, por excelência marinho.

A morte do "leão enganchado"

A igreja de São Paulo estava reduzida a um monte de escombros, naquela triste primavera berlinense de 1944, quando um homem desesperado como tantos outros, escavando à procura não se sabe de quê, encontrou um tubo de chumbo estranhamente lacrado em ambas as extremidades, constituindo assim um rudimentar recipiente cilíndrico. Abriu-o antes de entregá-lo à polícia, como previam em tais casos as rígidas leis de guerra, e descobriu no seu interior um manuscrito enrolado.

O documento foi examinado clandestinamente, talvez pela mesma pessoa que O havia encontrado ou por outros a quem o cedera, e imediatamente reconhecido por uma mensagem de esperança. Anunciava na verdade, em uma linguagem arcana que parecia evocar certas alegorias de Nostradamus, a queda do nazismo entre a "13ª floração da amendoeira", data reportável, segundo os cálculos de quem primeiro interpretou o documento, ao próximo ano de 1945. O evento era indicado como "morte do leão enganchado", com uma imagem que poderia ter sido tranquilamente extraída do bestiário fantástico de mestres anteriores.

À parte isso, não era um vaticínio dos mais originais. Já fazia algum tempo que se falava do fim iminente da Alemanha, e pelo andamento da guerra parecia que não tardaria muito. Não havia nada de transcendental, portanto, no manuscrito extraído das ruínas da igreja de São Paulo, a não ser que se queira dar a ele uma validade miraculosa, em parte motivada pelas circunstâncias do achado, no meio dos detritos de um santuário demolido pelo ódio, em parte pelo estado de ânimo da pobre gente que o tivera nas mãos, gente comum, extremada pelos bombardeios e pela fome, afligida em muitos casos pelo luto, para a qual não existia sonho mais ansiado que a "morte do leão enganchado".

A paternidade da profecia foi atribuída a um monge beneditino do século XIX; e também nisso, como nas características do achado, houve simplesmente uma analogia histórica transitória entre as duas profecias "da amendoeira florida".

O conteúdo derrotista da mensagem, mal o boato começou a circular entre a população berlinense, pôs em alarme a polícia, que tentou identificar os divulgadores, sem obter sucesso, por causa também da trágica precipitação

dos eventos. Esta validação, por assim dizer política e militar do documento, induz a ventilar a hipótese de que pudesse ter sido inspirada pela intenção de acelerar a retirada da frente interna — ou por motivos quaisquer de propaganda — e que por isso tivesse sido escondido numa igreja.

É um aspecto que contribui para redimensionar notavelmente a já frágil credibilidade do oráculo no conjunto das suas previsões, que se estendem bem além da derrota da Alemanha, até o século XXI.

Cada ano, até a virada do milênio, é indicado com expressões de uma certa sugestão poética, mas tão enxugado a ponto de não deixar espaço para verificações circunstanciadas. O ano de 1975 aparece ligado, por exemplo, a uma "tempestade de cruzeiros", e o de 1987, a uma "clareira de cruzeiros". Mas que ano, entre extermínio, guerras, cataclismos, não o foi? O ano de 1974 é proposto como "caminho das estrelas". Talvez pela inauguração no Cáucaso de um telescópio faraônico, que com a sua lente de 42t podia prescrutar os mais remotos cantos do cosmo? E por que o ano de 1984 é chamado de o ano do "delírio espacial"? Porque dois astronautas americanos tinham "navegado" de corpo livre no vazio, fora do ventre seguro da sua nave? Mas todo ano, na constante sucessão das descobertas, das experiências e das viagens espaciais, é o ano das estrelas.

O ano de 1982 é o "do homem novo". Forçando um pouco, é possível procurar um nexos com a descoberta na França do GHRF, ou seja, do fator que regula o hormônio do crescimento, ou com a aplicação nos EUA, pela primeira vez, de um coração artificial num ser humano. Pode ser um critério, mas um ano depois nasce em Nápoles uma menina concebida em proveta, enquanto o Time proclama o computador o "personagem do ano"; e um personagem, antes de tudo, é forçosamente uma pessoa. Não se poderia, portanto, com igual pertinência, aplicar a esses dois casos a profecia "do homem novo"? Por outro lado, 1983 é chamado de "hosana das pessoas". Por quê?

O ano de 1985 é assinalado como "a voz do Anticristo", e, percorrendo o noticiário, descobre-se que no zôo de Londres nasce naquele ano uma zebra gerada por uma égua em cujo útero foi inserido o embrião. E um experimento ao qual se seguirão outros, e que em muitos casos recordarão as monstruosidades animais do Apocalipse. O que ali pode-se considerar

como "sinais"? Não se passa um ano, de qualquer modo, sem que o Anticristo, pelo que dizem os noticiários, não tenha feito ouvir sua voz. Assim como não há ano em que não se possa, de algum modo, adaptar referências a "sonhos proibidos" (usado para o ano de 1978), à "loucura da terra" (1988) ou à "espera do homem" (1989). Que ano não é de espera para o homem?

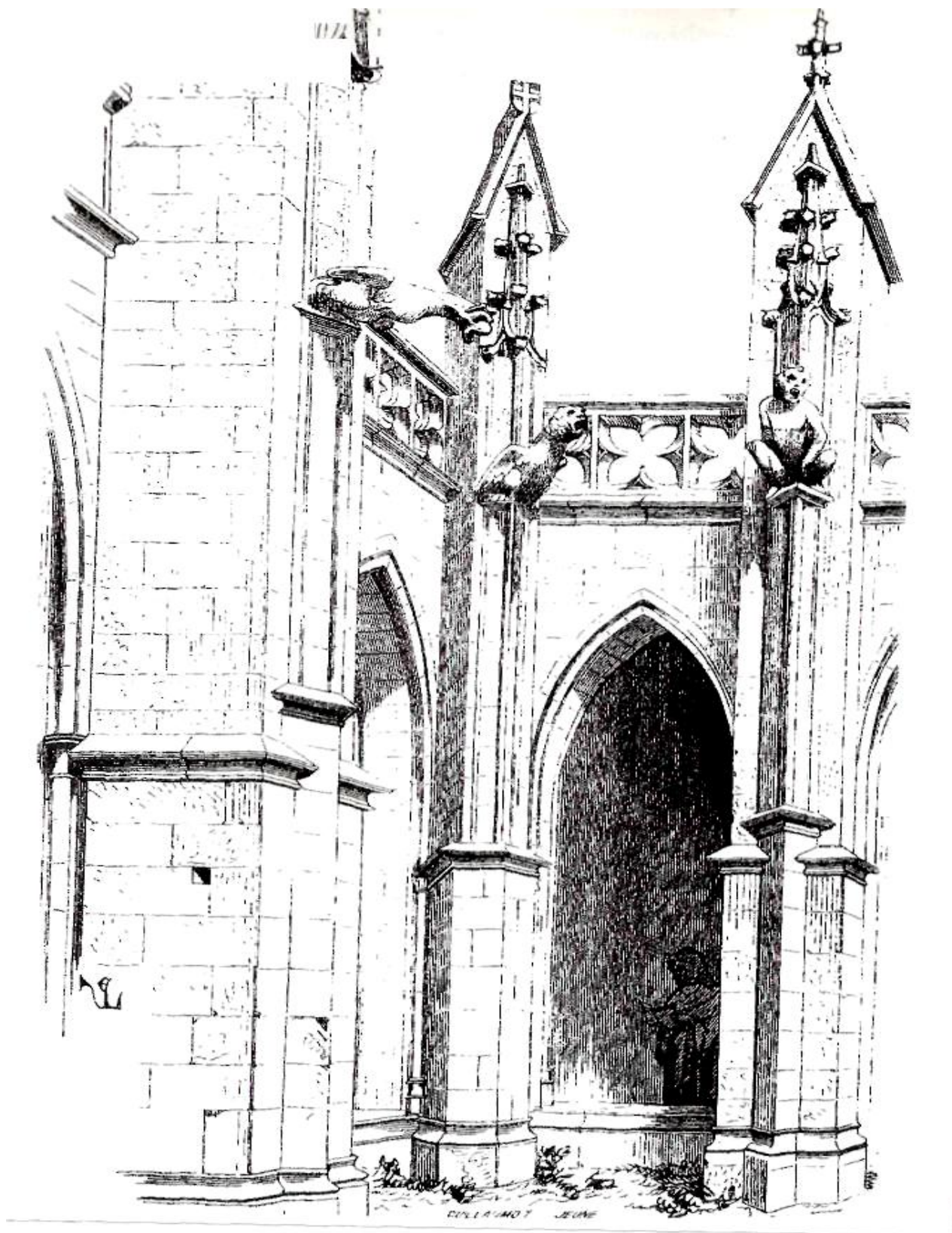
E eis a virada final do milênio: o ano de 1990 é chamado "sinal do céu", 1991 é a "luz da noite", 1992, a "queda das estrelas", 1993, a "morte do homem", 1994, o "urro da fera", 1995, a "solução da mãe", 1996, o "dilúvio sobre a terra", 1997, a "morte da lua", 1998, a "glória nos céus".

O ano de 1999 talvez seja o único ano reconhecido por uma indicação de sentido consumado! "o novo Pedro", Poderia significar não só um revezamento entre papas, mas também, em um sentido mais amplo, uma renovação da Igreja.

A última data, a do século XXI, é assinalada pelo tema "triunfo da oliveira", obsoleto mas encorajador, que pareceria no mínimo excluir quaisquer alusões ao fim do mundo.

As "serpentes" de Paulo VI e o fim do papa Luciani

Muitas profecias, tal como a da "amendoeira florida", foram, no passado, atribuídas a monges anônimos, vagamente identificados com a referência a um lugar, a um mosteiro, a uma ordem religiosa. Só umas poucas são realmente originais, dignas de atenção, merecedoras de ser recordadas em uma história da adivinhação. Quase nenhuma é crível. Representam, todavia, em muitos casos, um documento curioso da propensão humana para traduzir em previsões exorcísticas as expectativas, os temores e as aspirações mais comuns ou, indiferentemente, as fantasias mais inverossímeis.



Mistério e solidão no claustro da catedral de Narbonne, do século XIV

Profecias atribuídas a um certo "monge de Pádua" circularam na Itália em 1700, dando informações pormenorizadas sobre os últimos vinte pontífices. Repropunham de maneira mais detalhada os retratos já focalizados por Malaquias. Depois descobriu-se que tinham sido copiadas quase integralmente das predições de um eremita do século XIV, chamado Teolósforo, já publicados em sua época (em 1527, em Veneza, portanto facilmente encontradas em Pádua) sob o título *Delle grandi tribolazioni dello Stato della Chiesa*. A obra não havia granjeado uma especial popularidade, também porque empanada pela notoriedade de Malaquias. Isso havia facilitado o plágio pelo "monge", que vulgarizara o texto, enriquecendo-o com alguns trechos de sua lavra exatamente sobre a presença do Anticristo na cúria romana da decadência.

A verdadeira crise teria tido início, segundo diz, com o papa assinalado pela epígrafe *Flos Florum* (Paulo VI), sufocado por uma corte "infestada de serpentes". Seria depois avivada por *De medietate lunae* (João Paulo I, seu sucessor), praticamente refém de um conselheiro infiel, descrito na profecia como "um grande colaborador do Anticristo".

Sobre o papa Luciani o "monge" escreve que concluiria seu pontificado no sangue, "vítima dos seus inimigos". Sangue não houve, mas circulou com insistência o boato de que ele teria sido envenenado.

Há também um momento de autêntica glória nessa dramática crônica do que para o monge é o epílogo do catolicismo romano, e é registrado sob o pontificado de *De gloria olivae* (o sucessor do papa Wojtyla) com a reunificação de todas as igrejas cristãs. Mas não será mais que a última labareda de fé "antes da demolição templo". Que ocorrerá em 2013 (nisto o "monge" é mais fiel àqueles a quem plagia), com o incêndio de Roma. Um final coerente com a difundida crença de que Roma e a Igreja estão destinadas a desaparecer juntas.

Seu declínio é comparado ao de Nínive por outro monge, também ele do século XVIII porém autêntico: um frade mendicante chamado Ângelo, o qual, parafraseando o profeta Naum, prenuncia um nebuloso crepúsculo para a cidade "repleta de mentiras".

A profecia localiza o princípio do fim em uma época na qual em Roma "sentar-se-ão dois reis". A unidade da Itália ainda está mais de um século distante, mas a alusão do frade Ângelo parece clara: "Uma coroa entrará

pela porta [fora de metáfora, a Porta Pia] e tentará superar a velha coroa." Então "prevalecerão duas leis e o verdadeiro juiz se trancará na sua torre até quando uma terceira coroa, mas desta vez de chumbo, não portar o ramo de oliveira". E assim foi: o papa se trancou dentro dos muros do Vaticano como numa torre inviolável, em polêmica com o usurpador Savóia, para ficar até que uma terceira coroa (de metal vil: o fascismo) interviesse para conciliar as duas primeiras.

O resto da profecia é retorcido e com freqüência incompreensível. Cita muitas coroas de diversas procedências, que nada têm de régio ou de sacro, mas representam em qualquer caso o poder. De escasso interesse é a hipótese de que frade Ângelo pudesse ter adivinhado quanto tempo reinariam na Itália os Savóia, multiplicando o número dos apóstolos (doze) e dos anjos do Apocalipse (sete), citados sem motivo aparente na profecia. Os Savóia, com efeito, reinaram 84 anos, de 1861 a 1945, ainda que o veredicto definitivo tenha se dado com o referendo de 1946, mas não é como haver descoberto a distância da terra à lua combinando entre si os números da Grande Pirâmide.

De maior interesse é a afirmação de que antes da queda a coroa de Pedro será "cortada em duas por uma foice". Poderia referir-se à consolidação no seio do clero de simpatias marxistas, já emergidas em diversas ocasiões, e aos litígios que às vezes ocorrem com os setores mais conservadores da Igreja. Tais tendências, configurando-se com o tempo em uma verdadeira corrente ideológica, poderiam provocar uma fratura comparável a um cisma.

Daí se deduz que, considerando a imagem da foice sob uma ótica integrista, a fratura já existe.

O furor da "foice" sobre Roma

A eventualidade de que um dia a Igreja possa prestar um "horrendo panegírico" ao materialismo transparece também de um antigo manuscrito encontrado em Urbino, no mosteiro de Santa Clara, do qual foi depois extraído, em meados do século passado, uma espécie de versinho profético. Também deste oráculo, que no estilo canhestro dos versos pareceria ligar-se à tradição das pasquinadas, a paternidade é atribuída a

um monge: Bartolomeo da Saluzzo.

Aparece também no seu escrito o emblema da foice, a "foice do servidor" mais exatamente, isto é, do povo, que a empunha como um símbolo no momento da rebelião:

... e a foice do servidor

baterá com grande furor.

O "elogio" às forças representadas pela foice será a conseqüência natural desse "furor". Será uma espécie de humilhante compromisso, que colocará a igreja de joelhos diante de um antigo inimigo. O poeta parece deleitar-se:

Ver-se-á como bem domada

se tornará a Roma depravada.

A Roma de frei Bartolomeo é "abjeta e porca", agora pronta para um fim trágico e vergonhoso, um massacre que não desculpará as vítimas (padres e freiras) dos seus pecados. Não será o sangue nobre do martírio que escorrerá quando se erguer a foice, mas o da carnificina.

Ai de mim, quantos covardes
entre monjas, padres e frades!

Ai de mim, como humilhados
serão os prelados,

amarrados, aprisionados, acorrentados
e para o exílio mandados...

A Roma abjeta e porca
que o grande fardo de Pedro suporta,
verá o sangue escorrer
dos muitos destinados a morrer...

Será no decorrer desse morticínio, entre gritos de "mata, mata, mata", que o Anticristo triunfante receberá, segundo Bartolomeo da Saluzzo, o ato de submissão por parte da Igreja, em forma de "horrendo panegírico" à

facilmente reconhecível ideologia da foice.

Serão envolvidas na ruína da "desavergonhada Roma" as outras cidades da Itália:

... cidades ornadas e ricas,
como Florença a bela e a Nápoles gentil,
cada uma se tornou um canil.
Junto com a Roma ímpia e depravada
entrarão numa grande enrascada...
Nem os genoveses estarão seguros
se penetrarem seus fortes muros...
O povo mal preparado
de Rimini e de Arezzo,
de Roma e de Faenza
será pisoteado, desolado,
erradicado, arruinado...

E assim o povo de Milão, de Veneza, de Bolonha, de Parma e Piacenza, enquanto toda a península não for purificada "pela foice, pela espada e pela lança":

Logo serás pingada,
ó Itália profanada.

É um apocalipse vermelho e provincial essa hecatombe cantada por frei Bartolomeo em versos que não se adequam à grandiosidade do cenário evocado. Sua própria truculência é mais pitoresca que assustadora, mais rumorosa que dolorosa. Cheira a taverna romana. Mais do que com a ira divina, parece ter de ajustar as contas com o ressentimento pessoal do frade contra as hierarquias eclesiásticas. Isso se evidencia pela aspereza com que se dirige aos cardeais em fuga:

Ficai com o manto vermelho,
conservai o crucifixo no pescoço,
serão de grande valia
entre a medula e o osso.

Quando? O frade não diz, mas garante que "quando o povo for bem castigado, bem flagelado e desolado", virá um novo pastor, capaz de governar "com zelo e amor" o papado. O "papado", diz Bartolomeo da Saluzzo, não a Igreja como comunidade dos fiéis em sentido lato: o "papado", como se podia entendê-lo na Roma de Pio IX (os versos são datáveis entre 1850 e 1870), na plenitude das suas atribuições temporais. Deduz-se que massacres e atos anticristãos não deveriam provocar o fim, mas sim o renascimento.

A múmia de Viterbo

O nascimento de uma profecia em circunstâncias muito similares àquelas que caracterizaram a descoberta das "amendociras floridas" deu-se em 1720 em Viterbo, onde, escavando num cemitério, operários encontraram em uma cripta subterrânea um cadáver perfeitamente conservado, que, pela túnica que vestia, provou ser um monge penitente, que apertava na mão um pergaminho.

O achado de um cadáver intacto não tem em si nada de necessariamente miraculoso. Diversos fatores podem contribuir para a mumificação do corpo, como a umidade e a temperatura, o mofo, a presença de determinadas substâncias químicas na terra. Mas no passado representava um sinal da santidade do defunto, em especial se era um religioso. Aumenta a aura prodigiosa da descoberta, no caso da múmia de Viterbo, a presença daquele pergaminho que comprimia no punho e que, entregue às autoridades eclesiásticas, acabou por conter revelações proféticas.

Estas estavam escritas em ordem cronológica, como na "amendoeira florida", mantendo, porém, uma cadência decenal em vez de anual. Enunciavam com maior clareza os eventos aos quais se referiam, não obstante a forma sucinta, deixando-se entrever a substância. Realística e clara era a referência às guerras coloniais americanas ("de 1760 a 1780 a América arderá": America ardebit), à perseguição ao clero durante a Revolução Francesa ("de 1790 a 1800 a Igreja de Deus ensangüentará : ex ecclesia Dei scaturiet sanguinem), às guerras de independência na Itália, de hegemonia na Europa e de secessão nos Estados Unidos ("de 1860 a 1870 a ira de Deus sobre o mundo inteiro": ira Dei super omnem terram).

No que se refere ao século XX, a profecia se difundia piedosamente sobre os anos do segundo conflito mundial, evidenciando a falta de fé que espalharia a desolação na terra de 1940 e 1950. Não fazia distinção entre a primeira e a segunda metade do decênio, entre guerra e pós-guerra, como se o verdadeiro mal não fosse o conflito em si, mas o espírito pagão que o havia gerado, e que perdurando nos anos de paz se traduzia na recusa cabal em celebrar ritos adequados de reparação ou agradecimento. Textualmente, de fato, citando uma frase do livro de Daniel, o divulgador do texto lamentava por todo o decênio a "falta de sacrifícios" no sentido antigo de oferendas ao Senhor.

Mas isso se explicava com a aproximação do século XXI, um encontro que amadureceria os tempos para a vinda do Anticristo. E é por isso que de 1950 em diante não podia haver outra visão para o profeta que não "abominação e desolação" sobre a terra.

Deste modo declinante "desaparecerão muitas espécies animais, condenadas à morte pelo homem", que depois condenará simplesmente a si mesmo "porque tudo aquilo que crescerá sobre a terra será a essência da morte". Virá completar a obra de extinção ao fim do milênio "uma pestilência chovida do céu, que tolherá qualquer força do homem" a ponto de impedi-lo por fim de lutar "contra os vermes que rastejam pelo solo".



A Revolução Francesa inspirou muitos videntes, que precederam os seus horrores, descrevendo em detalhes matanças e episódios salientes. Houve eclesiásticos entre esses arcanjos da guilhotina, como Jeanne La Royer, de quem já se falou, sensibilizados evidentemente pela precognição das violências às quais o clero seria submetido, mas também adeptos de

sociedades iniciáticas e ocultistas ligados à corte, como Cagliostro. A mais impressionante entre as profecias sobre o que estava para acontecer na França veio, porém, de um escritor de sucesso como Jacques Cazotte, autor, entre outras obras, de um romance triste que antecipava o gênero gótico romântico (*O diabo apaixonado*, 1772) e de curiosos contos de imitação da novelística árabe (*Continuação das Mil e uma noites*, 1789). A profecia foi pronunciada em janeiro de 1788, durante um jantar oferecido por um membro da Academia Francesa. Estavam presentes literatos e personalidades da corte.

Há um relato detalhado do dramaturgo Jean François La Harpe, um dos poucos sobreviventes entre todos que estiveram no jantar. Ele reportou acuradamente as falas, estupefato, como qualquer outro comensal, pelo que estava sendo dito. Tratou-se em resumo de uma conversação culta e mundana, tornada depois terrificante para a maior parte dos presentes, chamados pessoalmente por causa de Cazotte, que não era apenas um intelectual na moda, procurado nos salões por seu espírito arguto, mas principalmente — deve-se recordar — um iniciado na doutrina secreta do "filósofo desconhecido" Louis-Claude de Saint-Martin.

Os Patíbulo da Razão

O jantar terminara havia pouco. O poeta Nicolas-Sébastien Roch de Chamfort havia lido alguns de seus versos libertinos. Começou-se a falar de literatura, depois de filosofia e, inevitavelmente, das futuras mudanças. Mencionou-se a Revolução. Cazotte ficava insolitamente à parte, sem intervir, mas ouvindo com muita atenção aquilo que era dito.

Todos expressaram muita simpatia pelas novas idéias iluministas, elogiando particularmente Voltaire. Foi proposto um brinde ao triunfo da filosofia da Razão. Alguns dos mais idosos, erguendo as taças com os outros, manifestaram um amargo queixume pelo fato de que não poderiam talvez assistir, por causa de sua idade avançada, à aurora dessa nova idade da Razão.

— Ireis vê-la, senhores — disse então Cazotte, levantando-se para se despedir. — Todos vereis esta grande revolução sublime que tanto desejais. Sereis todos atendidos, vos asseguro. Como sabeis, sou um

pouco profeta...

— Não é preciso ser profeta para dizê-lo — comentou alguém a esta altura, provocando risadas gerais.

— É verdade — rebateu o escritor —, mas é preciso sê-lo para o que ainda me resta a dizer-vos. Sabeis o que acontecerá com esta revolução e com todos vós aqui presentes? Sabeis que conseqüências trará o triunfo da Razão?

Todos se voltaram contra ele, dizendo-lhe que o advento da Razão só podia trazer coisas ótimas, nenhuma conseqüência com a qual deveriam se preocupar. Com especial ardor, um membro da Academia lhe fez notar que no reino da Razão triunfariam os mais nobres ideais: a filosofia, a humanidade, a liberdade.

— E é exatamente em nome da filosofia, da humanidade, da liberdade, que será decretado o vosso fim, marquês de Condorcet — replicou Cazotte.

— O que pretendeis dizer?

— Que no reino da Razão morrereis contorcendo-se no chão de uma cela, depois de vos envenenardes para escapar da carnificina. — Em seguida, dirigindo-se aos outros, o escritor os interpelou com imensa tristeza: — Quanto a vós todos, recordai que haverá uma verdadeira religião, a da Razão, pois fará erguer os seus templos em toda a França.

— Jamais me tornarei sacerdote daqueles templos — sorriu então Chamfort, cuja moralidade decadente o protegia de qualquer contágio demagógico.

— Ireis vos tornar — objetou melancolicamente Cazotte —, pois vos cortarão as veias com 22 golpes de navalha, caro Chamfort, mas só morrereis depois de meses de agonia.

Prosseguiu, no embaraçoso silêncio que se seguiu às suas últimas palavras, dirigindo-se a um outro comensal:

— Vós, por sua vez, monsieur Vick d'Azyr, não tereis apenas as veias cortadas; elas serão abertas seis vezes num só dia, por um ataque de gota, e morrereis na mesma noite. — Dirigiu-se aos outros no mesmo tom: — Vós, monsieur de Nicolas, morrereis no patíbulo. Vós, monsieur de Bailly, no patíbulo. E também vós, monsieur de Malesherbes. No patíbulo...

Foi interrompido por um dos presentes, que ainda não tivera seu nome citado:

— Estais condenando toda a Academia!

— Também sereis decapitado, monsieur de Roucher.

— Mas isto é uma fixação! — reagiram os demais. — Decidistes exterminar todos nós?

— Eu não... Não fui eu que o jurei.

— Quem foi então? Os turcos, os mongóis?

— Não, de modo algum. Foi a filosofia da Razão... — Todos se entreolharam, sem entender. Cazotte fitou um por um à sua volta, depois, com um tom explicativo, repetiu: — Aqueles que vos condenarão serão todos filósofos: terão constantemente na boca as mesmas máximas que estais adulando há uma hora, repetirão vossas próprias palavras, citarão como vós as frases de Voltaire e de Diderot.

— E quando deveria acontecer tudo isto?

— Tudo estará terminado dentro de seis anos, no máximo.

— Se isto é verdade, há algo de miraculoso no que dizeis — observou La Harpe, que o havia escutado, ao contrário dos outros, em respeitoso silêncio.

— Miraculoso é o que vos acontecerá.

— Dizei-me o que é.

— Renunciareis à vossa fé protestante para tornar-vos católico.

— Então estamos tranquilos — zombou Chamfort com um sorriso. — Se esperarmos até que La Harpe se converta, nos tornaremos imortais.

Encorajada pela tirada, interveio neste ponto a duquesa de Grammont:

- Não profetizastes a morte de nenhuma mulher - ironizou. — Nós pelo menos podemos ficar tranqüilas.

— Vosso sexo não vos salvará desta vez.

— O que quereis dizer?

— Que sereis tratadas como os homens, sem qualquer distinção.

— Mas então é o fim do mundo!

— Não sei, mas sei que subireis ao patíbulo com outras damas, todas na mesma carroça, e tereis as mãos atadas às costas.

— Ah, não! Que me espere pelo menos uma carroça com cores de luto. — Riu. Ninguém a acompanhou.

— Damas superiores a vós, duquesa, seguirão na mesma carroça, com as mãos atadas às costas.

— Superiores a mim?... Então serão princesas reais!

— Mais superiores ainda.

Mas quem está acima das princesas de sangue senão a rainha? O jogo se tornara pesado demais para ser levado adiante. A duquesa tentou desviar o discurso com um comentário:

— Vai acabar que não me permitirão sequer um confessor!

— Exatamente, duquesa. Não o tereis. Nem vós nem as outras. O último ao qual será permitido um, por graça especial, será...

Cazotte hesitou. Houve uma pausa bastante tensa. Depois alguém ousou perguntar:

— Quem?

— O rei.

O dono da casa a esta altura se levantou e, com firme cortesia, fez notar que com esta afirmação ele havia ofendido a sensibilidade de todos os presentes. Cazotte anuiu e se curvou numa mesura. Mas a duquesa ainda queria provocá-lo:

— E o que teríeis a dizer de vós, meu caro profeta?

— Algo que se lê na Bíblia acerca do sítio de Jerusalém. Houve um homem que, enquanto se combatia, fez por sete dias o giro dos muros, entre sitiados e sitiados, gritando sem parar: "Desgraça para Jerusalém, desgraça para Jerusalém!" No sétimo dia gritou: "Desgraça para Jerusalém e para mim mesmo!" E naquele momento uma pedra catapultada contra os muros o atingiu, massacrando-o.

Dito isto, Cazotte repetiu a mesura e, sob silêncio geral, se retirou.

Isto é tudo que sabemos sobre aquele espantoso sarau através do fiel testemunho de La Harpe, que figurou entre os poucos opositores da revolução a ter a vida poupada, mesmo acabando preso como inimigo do povo. Miraculosamente, é o caso de se dizer, se levarmos em conta o fim que coube à quase totalidade dos aprisionados junto com ele.

Converteu-se ao catolicismo depois de ter estado encarcerado.

Mas Cazotte não escapou ao patíbulo. Foi guilhotinado em 25 de setembro de 1792, quatro anos após predizer aquele destino aos comensais da Academia e a si mesmo.

Menos rápido e muito mais penoso foi o fim do amigo Chamfort, que para evitar a prisão suicidou-se desastrosamente, como predito, passando por um longo sofrimento.

"Sangue, sangue, sangue..."

Uma outra profecia ligada à Revolução Francesa foi pronunciada em uma abadia da Borgonha (Mousytier St. Jean, em Auxoir) em 3 de dezembro de 1750. Testemunha direta foi o padre prior, que depois de tê-la ouvido em presença de outros confrades, transcreveu-a para depois enviá-la à abadia de Cluny, a matriz da mesma ordem cisterciense, onde está conservada até hoje. Chamam-na "profecia de padre Calixto", do nome do frade ao qual foi atribuída.

No manuscrito se lê que "três flores de lírio da coroa real cairão no sangue, uma outra na lama e uma quinta se eclipsará", enquanto "os malvados se devorarão mutuamente". Depois, como um sinistro estribilho repetido em mais trechos: "Sangue, sangue, sangue se beberá..."

O lírio é o emblema dos Bourbon da França. As três flores a cair no sangue são o rei Luís XVI, sua mulher Maria Antonieta e a irmã do soberano, Elisabete, todos os três guilhotinados em 1793. A flor caída na lama é o delfim, o herdeiro de apenas oito anos, confiado por desdém à família do sapateiro Simon e que desapareceu sem deixar vestígios. O eclipsado é o conde de Provença, irmão do rei, destinado depois do exílio a tornar-se Luís XVIII.

Assim, entre patíbulo e exílio, "as altezas serão rebaixadas", ainda que entre os seus verdugos reinará igualmente a morte.

A profecia continua para evidenciar aquelas que serão, na onda revolucionária, as desgraças da Igreja: "Igreja de Deus, tu gemerás. Ministros do Senhor, chorareis sobre as novas profanações. Mas não serão apenas os aristocratas e padres a sofrer. "A vingança celeste golpeará todas as classes."

A Revolução será de fato uma divindade cruel que, segundo uma feliz imagem mitológica, devorará os seus filhos tal como Saturno. Como negar, por outro lado, que, entre aqueles que subiram ao patíbulo nos anos do

Terror, estiveram mais burgueses e politikeiros, envolvidos pelos sobressaltos do poder, do que nobres e eclesiásticos perseguidos como tais? Como ignorar que todo o povo francês, e não apenas os membros de uma classe antes privilegiada, tenha sofrido e pagado as conseqüências da Revolução? Como ignorar, enfim, que as próprias guerras napoleônicas, pelo altíssimo tributo cobrado em vidas humanas, tenham sido algo muito similar a um castigo para toda a nação?

Também padre Calixto, como Jeanne La Royer e outros videntes condicionados pela própria fé cristã, "vê" os eventos revolucionários em uma chave escatológica do fim do mundo: "A vingança celeste se aproxima, o tempo encolhe. [...] A iniquidade sujou a terra. [...] Que santos rezarão por nós? [...] Nós abusamos do Sacrifício [da redenção] e o Sacrifício cessará."

As condições executadas por ordem dos "tristes" carneiros da Revolução adquirem sob esta luz uma função quase sacra, de instrumento da justiça divina: "Nós somos unidos à terra [...] e a terra culpada será purificada com fogo. [...] Sangue, sangue, sangue se beberá. [...] As sentenças dos tristes serão executadas: a morte colherá padres, monges e laicos..."

É a lógica cruel da regeneração apocalíptica. O homem acreditou-se capaz de "poder servir pelo menos como esteio Dele", e Ele o excluiu, abandonando "povo e rei à própria sorte."

Não fica claro o que Calixto pretende dizer mais adiante, ao afirmar que "uma espada de fogo se elevará do mar e por duas vezes imergirá rubra de sangue nas suas ondas". Está claro, porém, que o mar representa o caminho da salvação e do exílio para os sobreviventes: "As relíquias do grande naufrágio serão impelidas pelas ondas do norte."

As ondas do norte são as da Mancha, através das quais procuram refúgio na Inglaterra os sobreviventes das grandes famílias da França. São elas, verdadeiramente, as "relíquias" do naufrágio que afundou o seu mundo. Levam consigo as patentes e as insígnias dos seus privilégios perdidos. E também um simples anel nobiliárquico no dedo, uma árvore genealógica transcrita sobre um antigo pergaminho, assume nesta diáspora de época uma mística dignidade de relíquia toda própria.

A profecia refere-se de qualquer modo aos esquemas apocalípticos tradicionais prevendo um renascimento após a expiação. E depois de todos

aqueles lírios cortados, pisados, dispersos, é ainda a mesma flor a trazer a salvação: "Uma flor de lírio resplendente desce das nuvens. [...] A fé ressurgue: um homem, instrumento de Deus, vem reacender os archotes. Felizes aqueles que sobreviveram. [...] Glória a Deus!"

É difícil considerar "resplendente" um personagem opaco como Luís XVIII, mas é indiretamente a ele que se refere a profecia, enquanto portador emblemático, mesmo sem mérito de tudo que os lírios haviam representado para a França antes da hecatombe revolucionária. Uma vez que não são necessariamente as qualidades dos homens a dar um sentido à história, mas sim o que cada uma delas representa no momento em que a atravessa — e só naquele momento — enquanto "instrumento de Deus."

O Anticristo "místico"

Uma possível alusão à Revolução Francesa, com particular atenção às perseguições em relação ao clero, é colhida em uma profecia conservada na biblioteca dos capuchinhos de Genzano, datável entre a segunda metade do século XVII e o início do XVIII, portanto um século antes dos eventos que menciona. "Surgirá na França um novo império", lê-se, "e então ai de vós, ó sacerdotes, porque sereis dispersados, perseguidos e exilados."

É discutível se o termo império deva ser lido como sinônimo de poder, de nova ordem política, e, portanto, também de revolução, ou se está relacionado, em sentido literal, ao império napoleônico. Diversos detalhes do texto induzem a considerar mais correta a segunda hipótese, que de qualquer modo não empana o interesse histórico do vaticínio, em qualquer caso assimilável às profecias ligadas à revolução, da qual o império teve filiação direta. E também a advertência aos sacerdotes conserva toda a sua validade se ela se refere ao regime napoleônico, fortemente persecutório em relação a eles, e não ao dos jacobinos. Não são, portanto, vazias de significado — qualquer que seja a interpretação do escrito — as premonições relativas à abolição das ordens religiosas e ao confisco de seus bens, pelos quais "todos os eclesiásticos [serão] reduzidos a mendigar dos leigos o sustento e tudo que é necessário para o próprio sustento e para o culto".

A própria maneira como chegou ao fim essa ditadura hostil à Igreja, pela forma como aparece ilustrada no oráculo, não deixaria dúvidas. O novo império será de fato derrotado por uma aliança "entre potências orientais e setentrionais", depois do que "a Igreja de Jesus Cristo gozará de sossego, mas por pouco tempo". Reconquistada de fato sua plena tranquilidade com a queda de Napoleão, o papado voltará a perdê-la pelas vicissitudes ressurgimentais, até ser espoliado por completo do seu território.



Luís XVI obrigado a pôr na cabeça o barrete frígio em uma estampa popular do século XVIII.

A profecia, até aqui de fácil interpretação, elabora mais adiante uma complexa trama escatológica, prenunciando a vinda de um “Anticristo místico”, contra o qual deveria levantar-se um líder "da estirpe de Carlos Magno, por todos, considerada extinta".

Em primeiro lugar, o trecho desperta curiosidade por conferir ao Anticristo o atributo "místico", jamais usado em lugar algum. É possível que o vidente tenha desejado assim dar uma idéia da extraordinária predisposição do demônio em mostrar o contrário daquilo que realmente é, assumindo as aparências da santidade até mimetizar-se entre as mais altas hierarquias eclesiásticas, o que coincidiria com tudo que reportam muitas outras profecias sobre a infiltração satânica no Vaticano.

De grande interesse é também a dinâmica do conflito entre o Anticristo e esse descendente de Carlos Magno, que o papa "coroará e declarará legítimo imperador dos romanos", consignando-lhe o estandarte e o crucifixo. O novo soberano "destruirá todas as heresias e derrotará totalmente o imperador do norte, chamado de Anticristo místico". Participará, pois, com o pontífice da reforma da Igreja, "assumindo o governo temporal". Libertará por fim o papa e os bispos de cada problema contingente, conferindo-lhes prebendas vitalícias, para que possam "viver em paz, separados todos de qualquer avareza terrena, até o fim dos séculos.

Livre por isso de qualquer preocupação, o pontífice "escolherá doze fiéis de sua religião e os enviará pelo mundo em missão, e estes terão o dom de converter as pessoas à religião de Nosso Senhor Jesus Cristo, à reserva [com exceção] dos hebreus, os quais estão reservados para o fim do mundo".

Concluía-se assim, repondo o antigo preconceito da "diversidade" dos hebreus, a profecia do desconhecido capuchinho de Genzano. Sem deixar entender, no fundo, se o ser "reservados para o fim do mundo" devia ser considerado um anátema ou um privilégio.



Dom Bosco, Profeta em Sonho

O dom da profecia se exprime nos santos através do êxtase, da aparição reveladora, da percepção de vozes. Constitui uma significativa exceção a esta regra são João Bosco, profeta por excelência entre as grandes figuras religiosas da idade moderna, que teve suas visões quase exclusivamente em sonhos. Tanto que faz seu principal biógrafo, o sacerdote Lemoyne, dizer que "o nome de dom Bosco e a palavra sonho são inseparáveis".

As mortes anunciadas

Os sonhos de dom Bosco foram essencialmente de três espécies: aqueles que se referiam a ele, aqueles que se referiam aos outros (e foram os mais tremendos, dada a sua propensão para "ver" em sonho a morte das pessoas que conhecia, adivinhando em muitos casos a data) e aqueles relativos aos grandes eventos históricos. A estes últimos se juntam certos sonhos espetaculares, simbólicos, sobre os destinos da Igreja e de toda a humanidade, verdadeiras sagas oníricas de inspiração apocalíptica.

Sonhou desde rapaz, no que diz respeito a si mesmo, que se tornaria padre e que fundaria congregações religiosas; que cuidaria dos jovens, transmutando muitos lobos potenciais em cordeiros; sonhou com os meios que lhe permitiriam realizar o seu projeto; com a cidade que deveria procurar para poder empreender sua missão. Sonhou coisas que aconteceriam por outros sessenta anos, desde a mais tenra adolescência (seu primeiro sonho premonitório, sobre a missão para a qual se sentia convocado, ocorreu quando tinha nove anos, em 1824) até a morte, que sobreveio em 3 de janeiro de 1888, em Turim.

Mas os sonhos que lhe deram a extraordinária fama de vidente — em certos aspectos sinistra, ainda que compensada por uma bondade inata e espontânea, jamais separada da vontade prática de traduzir-lhe os efeitos

em obras concretas — foram aqueles nos quais prevê o fim de tantas pessoas, sobretudo entre os seus discípulos. Há documentos escritos dessas premonições, como a anotação encontrada em 1864 na enfermaria do oratório, na qual havia assinalado a morte iminente de dois jovens aprendizes. Eis o texto:

"Oratório de São Francisco de Sales, 30 de janeiro de 1864. Dom Bosco me disse na noite de 29 de janeiro: Caro Moncardi, dois são os artesãos que antes de findar a próxima quaresma deverão ir ao paraíso: Tarditi e Palo. Fica atento. Moncardi Ignazio, enfermeiro."

O aviso foi respondido pelo enfermeiro em um envelope lacrado e entregue ao padre Alasonatti, sacerdote salesiano, que em cima anotou: "Para abrir depois da Páscoa de 1864."

Ao abrir-se o envelope, a profecia se realizou: Palo morreu em 26 de fevereiro, Tarditi em 12 de março, quinze dias antes da Páscoa, que naquele ano caía em 27 de março.

Testemunho de um episódio análogo foi prestado por dois de seus discípulos, Giuseppe Buzzetti e Modesto Davico, que contaram terem sido exortados um dia por dom Bosco, repentinamente, a se ajoelharem e orarem "por aquele dos nossos companheiros que esta noite morrerá". Na manhã seguinte, ao dizer a missa, convidou todos os aprendizes a dizer um *De profundis* por um deles, um tal Rosário Pappalardo, morto antes da aurora.

Predisse do mesmo modo a morte de outros jovens do oratório, como Marchisio, Foranzio, Maestri, indicando com frequência a data do óbito. A um rapaz chamado Francesco Dalmazzo disse que viveria 49 anos e se tornaria padre: "Estarás no oratório comigo", acrescentou, "e depois da minha morte serás feito canônico." F tudo correu exatamente assim: padre Dalmazzo se tornou canônico e reitor de Catanzaro depois do fim de dom Bosco, morreu com 49 anos, em 10 de março de 1895.

Idêntica previsão fez para um outro sacerdote, Pietro Cogliolo, ao qual disse que viveria 57 anos, como realmente aconteceu. Porém a mais surpreendente dessas predições aparentemente lúgubres, que ele, no entanto, considerava úteis para aqueles às quais se referiam, pondo-os em condições de se prepararem para a passagem, foi feita para o pequeno Michele Rua, destinado a se tornar seu íntimo colaborador.

Notou o menino na primeira vez em que foi ao oratório e, depois de tê-lo olhado atentamente, tomou-lhe uma mãozinha entre as suas, fazendo menção de dividi-la em duas. Não lhe explicou ali o significado do gesto, mas em seguida, tendo o menino lhe perguntado explicitamente, disse: “Significa, Michelino, que tu com dom Bosco farás sempre a metade.

E, ao crescer, Michele Rua dividiu com dom Bosco muitas coisas, a começar pelo trabalho do oratório, até se tornar seu mais fiel assistente, seu burocrata, seu vigário, seu sucessor. Dividiu por fim a morte, expirando na mesma idade em que morreu seu mestre, no mesmo lugar e do mesmo mal.

Os "avisos" do Senhor

A espontaneidade com que dom Bosco costumava comunicar aos interessados certas profecias, convencido talvez de que conhecer a data da própria morte pudesse ser um privilégio para um cristão, às vezes lhe provocou aborrecimentos. Como quando o comissário de Turim o convidou a abster-se de falar das futuras mortes, já que eram notícias capazes de causar perturbações e que, de qualquer modo, não se provavam corretas.

A esta última objeção dom Bosco replicou que jamais lhe acontecera anunciar uma morte que depois não se consumasse na data prevista. E para demonstrá-lo disse ao comissário o nome de um seu subordinado de apenas 26 anos, Giovanni Boggero, destinado a morrer brevemente. O comissário, levando em conta a ótima saúde e a curta idade de Boggero, se permitiu duvidar. Foi desmentido dentro de três meses.

Evitou, a partir de então, desafiar de novo o sacerdote como se fosse um reles charlatão.

Não é necessário, porém, sustentar que essa funérea particularidade do dom profético do vidente fosse por ele aceita com espírito leve. Pelo contrário, provocava-lhe emoções dolorosas, mas, sobretudo, no início, sérias dúvidas sobre a credibilidade do que "via" em sonho e sobre a oportunidade de contá-lo. Ele próprio admite o quão lenta e trabalhosa foi sua evolução no modo de gerir tais profecias: "Ao contar estes sonhos,

anunciando mortes iminentes, prevendo o futuro, muitas vezes permaneci na incerteza, não acreditando tê-los compreendido e temendo dizer mentiras. [...] Só anos depois, quando morreu o jovem Casalegno e o vi no caixão, sobre duas cadeiras no pórtico, tal como no sonho, então não hesitei mais em crer firmemente que aqueles sonhos fossem avisos do Senhor."

Tantos “grandes funerais” na corte

As profecias de dom Bosco sobre lutos por vir envolveram também, de modo repetitivo e dramático, a casa de Savóia, provocando no soberano, perturbações pelas quais o vidente veio a ser advertido. Aconteceu pela primeira vez em 1854, em uma circunstância que tornou ainda mais desagradável o anúncio, visto que o parlamento cisalpino estava para votar as leis sobre a abolição de certas ordens religiosas e a profecia podia parecer uma intimidação eclesiástica. Na verdade dom Bosco, depois de haver sonhado diversas vezes com um valete que anunciava primeiro "um grande funeral", depois "grandes funerais na corte", escreveu duas cartas a Vítor Emanuel II informando que "a mão da morte" estava estendida sobre a casa reinante.

Recebeu por duas vezes a visita de um emissário do rei, o marquês Domenico Fassati, que o questionou severamente, desafiando-o a persistir nos seus vaticínios. Não ficou impressionado e, com toda a serenidade, respondeu que "a verdade em certos casos não pode nem deve ser silenciada".

Morriam dali a pouco a rainha-mãe Maria Teresa, viúva de Carlo Alberto, a 12 de janeiro de 1855, e oito dias depois a rainha Maria Adelaide, consorte de Vítor Emanuel, aos 33 anos de idade. Morria na mesma noite o irmão do rei, Ferdinando Maria Alberto, duque de Gênova, também com 33 anos. Morria por fim, em 17 de maio, poucos dias antes que o rei assinasse as leis sobre as ordens religiosas, o pequeno príncipe Vítor Emanuel Leopoldo, de apenas quatro meses, que ao nascer provocara a morte de Maria Adelaide.

Aniquilado por todos esses "grandes funerais da corte", o rei quis ir pessoalmente ao oratório salesiano e conversar com dom Bosco, do qual

se tornou um devoto entusiasmado, a ponto de exprimir a convicção de que se tratasse de um santo, algo decididamente insólito para um soberano de pouca fé que sempre demonstrara ser.

O sacerdote também "viu" o fim de Vítor Emanuel, no Natal de 1877. Evitou, porém, fazer declarações públicas, limitando-se a exortar os fiéis a rezar pelo rei, que em 9 de janeiro seguinte faleceu de uma súbita pneumonia. "Viu" no mesmo sonho a morte de Pio IX, acontecida um mês depois da do soberano.

Não foi essa a última profecia sobre a casa reinante. Previu, depois da morte de Vítor Emanuel, que seus herdeiros só manteriam o cetro por mais três gerações.

Outras dinastias, além da dos Savóia, tiveram de dom Bosco impiedosos prognósticos sobre o seu próprio futuro. O ex-rei de Nápoles, Francisco II de Bourbon, exilado em Roma, que havia desejado encontrá-lo para perguntar-lhe quando reconquistaria seu trono, recebeu a resposta: "Jamais recuperareis vosso trono, e nem sequer voltareis a ver Nápoles".

Escreveu de próprio punho em uma folha ainda conservada nos arquivos do Instituto Salesiano de San Severo, em Puglia, uma profecia sobre o fim dos Habsburgo: "Quando a águia bicípite descer na tumba, a aguiazinha será derrubada do trono."

A profecia vai até os últimos anos de vida do santo. Francisco José era imperador da Áustria-Hungria. Desceria ao túmulo em 1916, deixando à "aguiazinha" Carlo somente o tempo de sentar-se no trono para ser logo derrubado.

Sinais de fogo

Embora privilegiando a visão onírica, as profecias de dom Bosco encontraram também outras maneiras de expressão. Continuam famosas as revelações que teve por meio da manifestação de línguas de fogo em momentos de especial tensão interior. Certa vez ocorreu-lhe, enquanto realizava exercícios espirituais com alguns devotos, ficar como que paralisado após ter recitado um *De profundis* e visto pairar sobre o altar duas chamas semelhantes àquelas recorrentes na iconografia pentecostal.

Correspondendo a uma época apareceu escrito "apostasia", correspondendo à outra "morte". Depois do que as duas chamas rodopiaram em direção aos fiéis reunidos em prece para depois pararem sobre a cabeça de dois deles: aquela com a palavra "morte" sobre a cabeça de um aristocrata e a outra sobre a de um comerciante, notório por sua profunda devoção.

Este último, num breve lapso de tempo, teve uma crise religiosa e abraçou a fé protestante. O nobre morreu.

Uma língua de fogo, do mesmo modo, fez dom Bosco reconhecer um jovem francês, que jamais tinha visto antes, como um predestinado à vida eclesiástica. Este fora à igreja de Maria Auxiliadora para encontrá-lo com o objetivo de pedir-lhe conselhos sobre a eventualidade de tornar-se sacerdote, sem haver, porém, anunciado antes sua visita. Mas tão logo dom Bosco o viu, iluminado pela mística chama, o chamou à parte, dirigindo-lhe em francês as respostas que ele esperava, mesmo sem ainda ter formulado qualquer pergunta.

Esse jovem chamava-se Antoine Malain. Tornou-se salesiano, depois missionário e por fim bispo.

Tais episódios, por mais espantosos que fossem, não tiveram de qualquer modo uma influência especial no reconhecimento da santidade de João Bosco, por parte da Igreja, em 1934. Foram de fato privilegiados, no exame de Canonização, os seus grandes méritos de educador, que o levaram a cuidar de milhares de rapazes pobres e desajustados, fundando para eles escolas profissionais e colégios. Mais que os aspectos místicos e visionários da sua personalidade, teve importância, portanto, para os fins da santificação, sua sensibilidade social, que o induziu, entre outras coisas, a promover uma intensa atividade missionária em uma nova ótica humanitária, como atividade de serviço dirigido às pessoas mais necessitadas de assistência material do que espiritual.

As profecias de dom Bosco, em outras palavras, são de um ponto de vista eclesiástico um optional. Podemos crer ou não nelas, dar-lhes um valor miraculoso ou considerá-las como ramificação psicológica de uma personalidade ultra-sensível. Num e noutro caso não são arranhados nem acrescidos os elementos sobre os quais a Igreja (e a história) se baseou para a sua santificação.

Dois plenilúnios para um "íris de paz"

Além de tantas premonições de interesse individual, são atribuídas a dom Bosco múltiplas profecias de significado histórico universal, que escondem atrás de uma linguagem fortemente simbólica indicações precisas, capazes de permitir o reconhecimento dos fatos e do período a que se referem. Há uma profecia plena de esperança para a humanidade, segundo a qual "o pecado terá fim" e se abrirá um processo de paz destinado a concluir-se com a aparição sobre o mundo de "um sol tão luminoso como nunca o foi, das chamas do Cenáculo até hoje, e que nem se verá até o último dos dias".

Quando? Um detalhe induziria a sustentar que o processo, destinado evidentemente a cumprir-se a longo prazo, já tenha tido início. O texto da mensagem diz de fato que "o íris de paz" desapareceria da terra "antes que transcorram dois plenilúnios no mês das flores". Não é um fenómeno comum a concomitância de dois plenilúnios em um mesmo mês, e a última vez que ocorreu em maio (o 'mês das flores', dedicado além disso à Virgem, que dom Bosco amava com especial arrebatamento) foi em 1988. Coincidiu com os fatos que levaram à desagregação do império soviético, à derrubada do muro de Berlim e assim por diante, preconizados além de tudo na segunda mensagem de Fátima.

Referências ao comunismo se repetem em outras profecias de dom Bosco, tal como a chamada "do cavalo vermelho", na qual se assiste ao irromper de uma diabólica besta no oratório, com um tal ímpeto capaz de aterrorizar os rapazes até então serenos e pô-los em fuga. Era "um cavalo vermelho que corria velozmente na direção deles, a crina ao vento, as orelhas eretas e os olhos coruscantes, corria tão veloz que parecia ter asas".

Em sonho, o sacerdote se perguntava se não poderia ser "um demônio saído dos abismos infernais". Uma voz lhe respondia: "É um cavalo do Apocalipse."

A visão é comumente interpretada como uma representação da "democracia sectária" (é a expressão usada pelo biógrafo Lemoyne, já citado) que avançava na tentativa de impor-se "sobre governos, escolas, municípios e tribunais". A fuga dos rapazes do oratório era o sinal da sua

"obra devastadora em prejuízo da ordem social, da sociedade religiosa, das instituições pias e do direito de propriedade privada".

Outras bestas em outros sonhos cumprem uma mesma função simbólica. Uma vez é um sapo gigantesco, assinalado também por um emblemático signo vermelho. Uma outra são os cavalos dos cossacos que bebem nas fontes de São Pedro. É talvez a mais popular das imagens transmitidas à posteridade por dom Bosco, não sendo naturalmente entendida em sentido literal. Aqueles cossacos e aqueles seus cavalos — e o lugar no qual beberam — são a metáfora de qualquer outra coisa, que vai além da fobia do comunismo, ainda que na superfície permaneça esta interpretação mais comum, com freqüência com o objetivo de suscitar ironias compreensíveis.

Parece muito mais plausível que o vidente tenha desejado aludir desta maneira à decadência da Igreja contemporânea, arrefecida nas suas tradições e nos seus ritos. Lida em tal sentido, a profecia aparece de modo mais verossímil, direcionada a estigmatizar — como outros oráculos insuspeitados de ambigüidade ou má-fé, também no âmbito mariano — certas formas de desmoronamento ideológico e de compromisso por parte de um clero forte, talvez condicionado ao seu próprio interior por bajuladores impulsos anticristãos.

Tal leitura confirma o zelo com que dom Bosco se faz porta-voz de Deus, em outra profecia, contra a inércia desses padres, preguiçosos na melhor das hipóteses, corrompidos na pior: "Por que não correis para chorar entre o vestíbulo e o altar? Por que não andais sobre os telhados, nas casas, nas ruas, nas praças e em cada lugar, mesmo inacessível, para levar a semente da palavra divina?"

É a Igreja da luta contra o mal, não da aquiescência e do cálculo político, que dom Bosco "vê" navegar em um apocalíptico cenário marinho, majestosa, bem armada, à testa de uma grande esquadra, mas com o vento contrário, em uma tempestade que "parecia favorecer os inimigos". Até quando, inspirado pela visão de uma coluna assinalada pelo nome de Maria Auxiliadora e de uma outra sobre a qual resplandia uma eucaristia, o comandante supremo pensou, para derrotar o inimigo, em "reunir em torno de si os pilotos das naves secundárias e pedir conselho sobre o que fazer". Travou-se portanto uma batalha, e "o pontífice se pôs ao timão

para levar a nave na direção das duas colunas". A luta foi feroz e "muitos navios adversários afundavam no mar", mas a certa altura "o pontífice fica ferido e cai com honra: sollicitamente socorrido, é golpeado pela segunda vez, cai e morre". Mas enquanto já se grita vitória nos navios do Anticristo, entra um novo pontífice, que "supera qualquer obstáculo e guia a nave para as colunas", enquanto os vasos adversários se dispersam e afundam.

Desejou-se buscar neste épico sonho de inspiração milenarista, voltado a descrever a Igreja dos últimos tempos, agredida, mas por fim triunfante, a maior quantidade possível de achados sobre a história recente do papado e previsões para a futura. Tentou-se reconhecer na reunião com os comandantes das naves o Concílio Vaticano II, pronto a imprimir uma manobra decisiva na condução da esquadra; no primeiro ferimento do pontífice, o atentado de Ali Agca, ao qual deveria seguir-se um segundo, mortal, não necessariamente em relação a ele, mas ao seu sucessor; na coluna de Maria Auxiliadora uma referência ao M desejado pela devoção mariana por João Paulo II sobre o próprio brasão; nos ventos e na ação violenta dos inimigos as perturbações e os obstáculos contra os quais lutou e ainda luta a Igreja de fim de milênio. Tudo isso, porém, é relativo. O que conta é a evidência dos significados de fundo do afresco que representa a comunidade cristã em luta pela própria liberdade e sobrevivência, com justa magnificência de armas e equipamentos. É uma chave para poder entrar no sentido efetivo de outras profecias, na aparência, banais.

"Distrações" e vida breve de Domenico Savio

Há um dos discípulos de dom Bosco que, por ser como ele dotado de espírito profético e por ter-lhe deixado uma recordação tal a ponto de induzi-lo a escrever sua vida, não pode ser ignorado; é Domenico Savio, aluno no Oratório Salesiano de Turim, morto em 1817 à idade de quinze anos. O que se sabe dele se sabe principalmente do mestre, que no giro de dois anos publicou em *Letture cattoliche* uma comovente biografia do discípulo, depois ampliada e reimpressa mais vezes.

A breve vida de Domenico foi pródiga de êxtases e momentos de grande

beatitude, no decorrer dos quais teve visões que dom Bosco, especialista inigualável na matéria, considerou de notável interesse. Era reticente ao falar delas, chamando-as simplesmente de "distrações".

De uma em particular, porém, exprimiu o desejo de que o papa fosse informado, tratando-se de uma questão atinente à conversão ao catolicismo de todo um país. Confiou-a a dom Bosco, nestes termos: "Gostaria de dizer a Sua Santidade, se pudesse falar-lhe, de não deixar nunca de ocupar-se com especial solicitude da Inglaterra, pois Deus está preparando um grande triunfo do catolicismo naquele reino.

O sacerdote lhe perguntou então em que elementos baseava essa convicção, e Domenico, antes de responder-lhe, recomendou que a coisa ficasse só entre eles. Obtida a garantia, assim respondeu, fornecendo um testemunho tecnicamente precioso para o conhecimento dos modos através dos quais costumava deslizar da prece em êxtase e do êxtase em visão, até sentir uma espécie de transe divinatório: "Na manhã de 7 de setembro passado, enquanto fazia o agradecimento depois da comunhão, fui tomado por uma forte distração, e me pareceu ver uma vastíssima planície, cheia de gente envolta por uma névoa densa. Caminhavam como homens que, tendo perdido a vida, não vêem mais onde metem os pés. Este país é a Inglaterra, disse alguém próximo a mim [Domenico é, portanto, parte, a esta altura, da sua própria visão]. Quando ia perguntar outras coisas, vi o sumo pontífice, assim como o vira retratado em tantos quadros. Avançava através daquela imensa turba, majestosamente vestido, segurando entre as mãos um luminosíssimo archote. E quanto mais se aproximava, mais a névoa ia desaparecendo naquele clarão, de modo que os homens pareciam envoltos na luz do meio-dia. Aquele archote é a religião católica, que deve ainda iluminar os ingleses, explicou-me o amigo." E talvez não seja um detalhe desprezível a presença nessa paisagem visionária de um amigo desconhecido, que à maneira de Virgílio explica ao viajante extático tudo aquilo que é preciso saber sobre o lugar em que se encontra e sobre o objetivo final da profecia.

Essa conversação entre dom Bosco e Domenico Savio teve lugar em setembro de 1856. Seis meses depois, em 9 de março do ano seguinte, Domenico estava morto, "distraído" também na passagem por maravilhosas visões, que expirando o fizeram dizer ao pai, como para

consolá-lo da imensa dor que demonstrava: "Meu papai, se soubesses que coisa bela estou vendo..."

O rapaz se foi sem poder realizar o desejo de comunicar a Pio IX o vaticínio sobre a Inglaterra. Dom Bosco o fez um ano depois, suscitando no papa curiosidade e enternecimento.

A profecia pode hoje ser lida na perspectiva do desígnio ecumênico em relação ao qual estão se orientando cada vez mais as igrejas cristãs, mas também em referência a um crescimento específico da atenção anglicana, muitas vezes manifestada nestes últimos tempos, pela catolicidade romana.

Domenico Savio foi proclamado santo no centenário da sua morte por Pio XII, que o designou padroeiro dos estudantes. E considerado no imaginário litúrgico como "a obra-prima pedagógica" de dom Bosco.



A grande besta

Satanás também teve seus "santos" e seus profetas. Na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX, ele foi prolífero de adeptos e de sociedades mais ou menos secretas, tendentes a virar pelo avesso não só os valores evangélicos (ou seja, os da religião cristã, a inimiga por excelência), como também qualquer outro culto, inclusive o da razão.

Um bom testemunho é dado por Aleister Crowley, um dos mais turvos e discutidos personagens do mundo mágico moderno, em uma carta a um confrade: "Hoje eu disse: ao diabo o cristianismo, o racionalismo, o budismo, todo o peso dos séculos. Trago-lhes uma realidade positiva e primordial que se chama magia; e graças à magia construirei para mim um novo paraíso e uma nova Terra. (...) Eu quero blasfêmia, assassinio, estupro, revolução, tudo, bom ou mau, contanto que seja forte!"

Aleister Crowley, "santo" de Satanás

O sonho de poder construir para si "um novo paraíso e uma nova Terra" era para Crowley totalmente natural, convencido como estava de ser algo similar a um deus; assim, para usar suas palavras textuais: "um deus coroado, que todos os homens adorarão e blasfemarão por séculos.

A que gênero de divindade pretendia se referir fica evidente pelo seu comprazimento em atribuir a si mesmo títulos como "a grande besta" ou ainda "o santo de Satanás". Costuma transcrever junto a tais definições, como ulterior esclarecimento da sua identidade demoníaca, o número 666, que no Apocalipse de João designa o Anticristo. Pois não lhe bastava qualificar-se, como tantos outros satanistas da época, profeta do Anticristo: ambicionava ser o próprio Anticristo e ganhar a fama de o pior dos viventes, amplamente reconhecido pela imprensa internacional, concorde ao designá-lo como "o mais perverso dos homens".

Mas não bastava sua espetacular insuperabilidade no mal para realizar o novo Éden, baseado em uma síntese extrema de magia sexual e antigos cultos pagãos. Ocorria que uma nova era se abria, liberando a humanidade dos vínculos com as antigas leis morais, religiosas e civis. Neste desígnio se coloca o papel de mago profeta por ele assumido, e da revelação da qual se fez portador ao término de complexos ritos mediúnicos no Cairo, no decorrer dos quais eram invocados espíritos e deuses do antigo Egito. Entre estes, manifestaram-se o deus Hórus, invocado por Crowley como "o vingador da cabeça de falcão", e uma entidade de nome Aiwass, apresentada como "anjo guardião" do mago. Um espírito pertencente a um círculo de "chefes secretos", no qual declarou possuir o grau de ipsissimus, ou seja, qualquer coisa que na sua intraduzibilidade pareceria

indicar o eu profundo do operador de magia, o seu próprio limite, como por efeito de um desdobramento esquizofrênico. E o que disse a Crowley foi de fato aquilo que o próprio Crowley pensava e desejava: "Não nos ocupamos dos rejeitados e dos indignos: que morram nas suas abjeções. Porque esses não ouvem. A compaixão é o vício dos reis: pisoteia os infelizes e os fracos. Esta é a lei dos fortes, esta é a nossa lei e a alegria do mundo. Não pensar, ó meu rei, naqueles que mentem dizendo: deves morrer. Porque na verdade não morrerás, mas viverás."

Como anjo, pelas coisas que diz, Aiwass não tem nada de celeste. Aparece a Crowley e a sua companheira Rose, que o assiste no rito com seus dons de vidente, sob a pele de "um homem alto e moreno, abaixo dos trinta, bem-proporcionado, forte e voluntarioso, com um rosto de rei bárbaro, e os olhos velados para impedir que seu olhar incendeie aquilo que vê". Declara o que realmente representa convidando o mago e sua mulher a beber um elixir inebriante como sacramento de gratidão ao seu "senhor deus o Diabo". Crowley descobrirá em seguida que Aiwass não é outra senão Ájax, um semideus micênico no qual reside o espírito de um dos dois heróis que com o mesmo nome participaram da tomada de Tróia, ora a serviço do deus Set, o fraticida, matador de Osíris e destruidor de qualquer coisa, chamado também Shaitan e, para os cristãos, Satanás.

Alguns anos mais adiante, os progenitores do nazismo, reunidos a sua volta em sociedades secretas de inspiração satânica, irão se entreter com os ensinamentos de Aiwass sobre a "necessidade" de pisotear os fracos e os infelizes, enquanto isso, o herói ou semideus ou "anjo guardião" de Crowley comunica ao mestre a profecia que o legítima como o "deus coroado" de uma nova ordem mundial, anunciando-lhe o advento de uma nova era sob a égide de Hórus, a partir daquele ano de 1904. Crowley torna pública a profecia, denominando-a o novo éon de Hórus. Permutou o termo, indiferentemente, da linguagem misteriosa da antiga Grécia ou da filosofia gnóstica dos primeiros séculos cristãos: na primeira acepção, o éon está indicando o tempo como absoluto, adorado como divindade; na segunda, uma entidade espiritual indefinida, proveniente diretamente do princípio criador do universo, dotado de poderes de intermediação entre as trevas e a luz. Ambas as acepções caem bem, pois nos dois casos o éon corresponde a algo de eterno e fugidio, destinado a existir eternamente.

Servindo-se, portanto, dessa definição, Crowley supera cada restrição milenarista: sua era não durará nem mil nem um milhão de anos, mas para sempre.

A lei de Aiwass, anjo guerreiro

Mas para que o éon possa ser expresso na total malignidade dos seus efeitos é necessária a aplicação de certas normas essenciais, que Aiwass dita em forma de versículos ditirâmbicos pelo horrendo tenor. Crowley extrai o seu Livro da lei. Eis uma passagem:

Seja vetada a misericórdia: malditos aqueles
que têm compaixão.
Mata e tortura: não poupes ninguém.
Para me adorares toma vinho e drogas estranhas
que indicarei ao meu profeta:
embriaga-te,

O ditado do "anjo" Aiwass concluía com a imposição de recusar qualquer lei, com exceção da vontade de fazer aquilo que se quer. Assim, em termos muito ambíguos, o demônio apropriava-se de um ensinamento fundamental de santo Agostinho: Ama e jaze aquilo que quiseses, retirando-lhe, porém, o imperativo ama.

Crowley a chamou de lei de Thelema (que em grego quer dizer vontade) e fundou na Sicília, em Cefalú, uma abadia satânica com tal nome, onde pudesse praticá-la em toda liberdade com seus seguidores. O juramento para admissão era, com algumas variações, o seguinte, que aliás foi subscrito pela Mulher escarlata, como Rose, a vestal de Crowley, era conhecida entre as iniciadas:

Eu me dedicarei por completo à Grande Obra.

Eu me erguerei no orgulho.
Cumprirei obras de perversidade
Matarei o meu coração,
Serei escandalosa e adúltera.

Eu me cobrirei de jóias e roupas faustosas.
Não terei peias na presença de todos os homens.
Prostituirei de graça o meu corpo
à concupiscência de todos os seres vivos
que o solicitarem.
Eu reclamo os títulos de Mistério dos Mistérios,
Babalon a Grande
Número 156
Roupa da Cortesã
e Taça das Abominações.

A história dessa pobre mulher, que à época do juramento tinha 41 anos e havia compartilhado por completo as monstruosas experiências de Crowley, dando-lhe entre outras coisas uma filha com o nome inverossímil de Hécate Noite Athatur Safo Jezabel Lilith, é contada por ela mesma no seu Diário mágico de Babalon, vida e loucura da "esposa do caos", como costumava também chamar-se. Testemunho de uma união vista como "ininterrupta orgia sexual", ao fim da qual a autora nada mais deseja senão "morrer entre os braços da besta 666, que era e é o meu amante, meu companheiro, meu pai, meu filho e tudo aquilo que uma mulher pode querer encontrar num homem".

A nova era de Hórus

Às práticas de magia negra na abadia de Telema, da qual nasce também uma espécie de filosofia telemita, inspiradora de várias confrarias satânicas contemporâneas, deveriam servir para consumir a profecia de Aiwass, favorecendo a incidência do éon ou nova era de Hórus, iniciada em 1904, mas bastante longe de ser sequer uma pálida realização dos seus objetivos. O trabalho para levá-los adiante, a fim de que o oráculo pudesse cumprir-se na plenitude dos seus efeitos, era imenso, além das forças de qualquer mortal comum. Precisava cancelar uma eternidade e substituí-la por outra. Era necessário, para dar espaço ao novo éon, "tirar do meio os destroços do velho éon", isto é, do cristianismo e da história humana na sua complexidade: "A civilização, assim como a conhecemos, e todos os

seus valores devem ser destruídos e cancelados por completo, do mesmo modo como foi destruída e cancelada a Atlântida." Era preciso dar vida, em breve, a uma nova Idade Média, um parêntese de barbárie que deve ser atravessado, a fim de libertar O homem de qualquer vínculo não apenas ético mas também estético.

"Ê preciso amar a putrefação", lê-se em uma carta de Crowley a um dos seus adeptos mais chegados, Mudd, enamorado de Rose, "e transmutá-la em forma de beleza." Depois, a Rose: "A propósito do meu amor pela putrefação, está exatamente aqui a raiz do meu amor pelas piores prostitutas, as negras, Olga do nariz quebrado e assim por diante, até a última impureza, o esqueleto..."

Os ritos na abadia de Telema baseavam-se numa promíscua e exasperada atividade sexual, intercalada com a celebração de missas negras e outros ritos satânicos, com grande derramamento de sangue sacrificial.

"Não esqueçais de sacrificar grandes e pequenos animais, como prescrito no Livro da lei", recomendava Crowley, dando ele próprio o exemplo crucificando aranhas após tê-las batizado com água benta. Os pequenos animais eram seguidamente comidos durante os banquetes rituais.

Das lições de Crowley se aprende que "o melhor sangue é aquele do ciclo mensal da lua, depois o sangue fresco de um menino, depois o dos inimigos, depois o do sacerdote ou dos fiéis, por fim [apenas em último lugar] o de um animal".

Nesie sangue seriam empastados pães especiais, a serem usados em uma paródia blasfema da Eucaristia: "Fazei o pão para comê-lo em minha honra", ordenava a besta aos seus seguidores, "colocai-o sobre meu altar e condimentai-o com o perfume de vossas preces.

Mas além dessas pantomimas vulgares, que pela sua meticulosidade litúrgica não podiam ser entendidas como manifestações de anarquia espiritual, mas sim como aceitação de uma nova escravidão, havia na profecia do novo éon um projeto que, em sentido mais amplo, poderemos definir como "político" e que em boa medida influenciou sobre o curso dos mais dramáticos eventos do século XX. Ou seja, havia a intenção declarada de determinar no homem "o desmoronamento da mentalidade humanitária" mediante uma ação combinada "de força e de foco", isto é, dos elementos inerentes à natureza divina de Hórus. Nisso resultava que

"o primeiro ato do seu reino" devia ser o de "arrojar o mundo na catástrofe de uma guerra imensa e impiedosa".

Esta guerra imensa e impiedosa ocorreu, assim como a ação combinada de Forças tendentes a eliminar a mentalidade humanitária do planeta. Nisso a profecia da besta teve os mesmos achados de outras profecias que, como a de Fátima, se propunham o fim oposto de salvaguardar "a mentalidade humanitária". Como o porta-voz de Hórus augurava a guerra, os porta-vozes do Deus cristão a receavam: ambos, à verificação dos fatos, "viram" um evento que depois realmente aconteceu. Mas é também verdade que com a prova da força e do fogo foram os exércitos de Hórus, portadores da tentativa desumanizante vaticinada por Crowley, que sofreram uma fragorosa derrota.

A "maldição" de Nietzsche

É fácil intuir que tipo de sugestão os ideais de superioridade mística condensados no Livro da lei possam ter exercido sobre os primeiros teóricos do nazismo, seja pelo seu conteúdo específico, seja pela sua encenação: o rito noturno, a evocação de antigos deuses, a aparição do anjo guerreiro Aiwass, portador de uma nova "revelação" perturbadora, em muitos aspectos análoga ao credo anti-humanitário expresso por Friedrich Nietzsche no seu Anticristo: "À humanidade alguém deve ser superior, por força, por grandeza de alma, por desprezo."

Como Crowley — com levíssima antecedência, sinal de que a "maldição" estava no ar —, Nietzsche havia elaborado sua invectiva contra o homem em forma de Maldição do cristianismo. Como Crowley, havia superado os tradicionais conceitos do bem e do mal dizendo que conta somente "o senso de poder, a vontade de poder, o próprio poder", assim como havia indicado a felicidade naquilo que se experimenta "quando uma resistência é vencida". Como Crowley, havia reconhecido um novo dever em vez da piedade de uma época: "Os fracos e malsucedidos devem sucumbir, e é preciso dar-lhes uma mão neste sentido."

Ao contrário de Crowley, porém, Nietzsche permaneceu só na própria loucura. Crowley, não. Descobrira em si um protetor de poder sobre-humano, refugiando-se sob a asa negra de Satanás e profetizando seu

advento. Havia procurado prosélitos e instrumentos para a divulgação do seu credo desde a primeira juventude, entrando na poderosa seita da Aurora Dourada (Golden Dawn), à qual pertenciam personagens como o romancista Bram Stoker, autor de Drácula, e o Poeta William Butler Yeats, que depois se tornou senador pela Irlanda e ganhador do prêmio Nobel.

DA CHI SARA L'ANTICHRISTO G E N E R A T O .



O nascimento do Anticristo no frontispício de um oráculo popular.

Rapidamente se tornara mestre, mas havia saído após os devastadores efeitos de um autêntico duelo de magia negra com um outro despótico líder da seita, um tal Samuel Liddel Mathers, evocador também ele de nefastas entidades demoníacas. Havia continuado a entretecer relações nas suas viagens com artistas e literatos de fama internacional, como Rilke, Rodin, Frank Harris e Somerset Maugham, tornando-se popularíssimo pelo estilo orgiástico da sua vida além de pelos rituais praticados nos locais das antigas religiões. Manteve a fé na sua fama, rapidamente conquistada em menos de trinta anos, celebrando espetaculares cerimônias entre as ruínas de um templo asteca no México e depois na Indonésia, Japão, Ceilão e no Cairo, onde havia recebido a profecia de Aiwass.

Aderiu em seguida à Ordo Templi Orientis (a OTO, aquela mesma Ordem do Templo do Oriente, sediada na Suíça alemã, entre cujos membros ocorreu em tempos recentes uma espantosa mortandade, com grande ressonância na imprensa), assumindo bem cedo o seu controle. Faziam parte da seita personalidades de grande prestígio intelectual, como Rudolf Steiner — que se retirou em 1913 para criar a sua própria escola antroposófica —, mas também expoentes deteriorados do novo esoterismo alemão de signo nazista.

Notável foi o intercâmbio de influência entre as duas vertentes desta filosofia desviada, sobre a onda de envolvimento emotivo recíproco, que em seguida induziu Crowley a entrever em Hitler um instrumento dos desígnios de Hórus para a realização da nova era vaticinada por Aiwass.

O nazismo reprimiu, depois da subida ao poder, muitos círculos aos quais estiveram ligados muitos dos seus primeiros sustentáculos, entre os quais a Ordem do Templo do Oriente, e foi provavelmente nessa ocasião que Crowley pronunciou uma frase reveladora do seu próprio senso de impotência (e de inveja, mas também de admiração) diante do quanto a Alemanha estava realizando no mal: "Antes de Hitler, era eu."

Meio grama de heroína

Foi talvez o ressentimento por não ter podido ser em primeira pessoa o artífice da sangrenta catástrofe que deveria inaugurar o seu éon, ou também a tentativa extrema de obter para si aquele poder que por toda a

vida tinha perseguido, o que impeliu Crowley, depois da deflagração da guerra, a solicitar uma audiência com Churchill para propor-lhe um sistema mágico seguro a fim de derrotar a Alemanha. Mas Churchill, habitualmente atento às sugestões mais dementes dos ocultistas sobre como lidar com Hitler, se não por outra coisa pelo menos com o objetivo de imaginar que reações poderia ter o adversário em determinadas circunstâncias, recusou-se a recebê-lo. Preferiu a consultoria do austríaco Waltet Johannes Stein, autor de uma História do mundo à luz do Santo Graal— obra que fez Heinrich Himmler, depois de lê-la, ordenar a prisão de Stein para induzi-lo a colaborar com o Anherbe, o secretíssimo "escritório oculto" das SS. Escapando à prisão e refugiado na Inglaterra, Stein tornara-se consultor pessoal de Churchill sobre motivações psicológicas do Führer e seus dons mediúnicos, fornecendo indicações preciosas quais seriam os seus comportamentos.

Churchill obteve outras informações sobre a dependência de Hitler por certos condicionamentos esotéricos da primeira hora de prescritos ligados anteriormente ao nazismo, como Hermann Rauschning, que deu testemunho dos gritos noturnos do Führer, dos despertares repentinos, das frases extravagantes, aparentemente privadas de significado e intercaladas por "números", que costumava balbuciar nos períodos de sono-vigília. Há quem tenha relatado tais reações histéricas às fórmulas mágicas da Aurora Dourada, da OTO e de outras associações nas quais a invocação diabólica era uma prática comumente voltada para a aquisição de superpoderes.

De qualquer modo, porém, Aleister Crowley foi interpelado sobre certos assuntos — ele que tanto o havia desejado e que morreu só, desesperado e na indigência mais extrema —, pouco depois de ter visto quanto extermínio tinha trazido ao mundo a guerra preconizada pelo anjo Aiwass como prólogo da nova era de Hórus.

Permanecem, como testemunho das suas últimas angústias, as anotações por ele escritas entre uma dose e outra de heroína: "Experimentar meio grama: bastará a dose? Feito, 17h15. (...) Mais heroína, estou precisando. Mas qualquer outra coisa faria o mesmo efeito. É o tédio do AD [Anno Domini]. (...) Uma garota ou uma partida de xadrez poderia bastar. (...) Não tenho mais energia para começar uma revisão ou uma pesquisa. (...) Sete da noite, aquela dose despertou pensamentos melancólicos,

pensamentos sobre as coisas preciosas que perdi. A minha inconsciente loucura. (...) Que idiota sou. (...) A heroína me ajudará a esquecer?"

Com estes pensamentos no coração, morreu, em 1947, o "deus coroado" Aleister Crowley, em cuja doutrina se quis recentemente entrever uma antecipação da assim chamada Era de Aquário e dos ideais próprios da new age. Se assim fosse, teriam razão todos que olham com desconfiança para a incontrollável difusão de novas espiritualidades de conotação incerta, voltadas mais para desconjuntar do que reforçar a predisposição humana pelas verdades transcendentais.

As sete eternidades da Blavatsky

Passou pouco menos de um século do advento do éon de Hórus até o início de uma "nova eternidade" na qual muitos epígonos do crowleynismo quiseram ver o anúncio de "maravilhas maiores do que aquelas testemunhadas por Dante". Mas a expressão "nova eternidade" é uma contradição em termos: a eternidade não pode ser mais que uma. Como o infinito: se somamos dois deles, temos dois mundos finitos. Assim se daria com duas eternidades: somando-as, não obteremos mais que duas épocas finitas.

É, porém, significativo que de mais eternidades fale uma grande contemporânea de Crowley, madame Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, algo intermediário entre uma seita e uma nova escola de pensamento, na qual se formou o próprio Steiner.

Blavatsky imaginou o tempo universal como uma entidade vivente, adormecida no seu próprio regaço infinito. Nisso se deduz um conceito de extremo interesse pelos cultores da arte profética, como se o tempo nada mais fosse que um destilado de eternidade (ela as conta em sete, mais exatamente) ou apenas "uma ilusão produzida pela sucessão de consciência enquanto viajamos através da Eterna Duração".

O tempo é, portanto, uma convenção, ele não existe, nunca existiu. Entende-se que uma tal afirmação, se aceita, explicaria cada forma de profecia como um comuníssimo efeito dos sentidos, tendente a reportar coisas vistas ou sentidas na peregrinação da consciência por meio daquilo que, por pura comodidade, chamamos de séculos ou milênios.

Blavatsky fala sobre isso em uma das primeiras estrofes da sua monumental obra *A doutrina secreta*, sem a menor modéstia subintitulada "síntese da ciência, da religião e da filosofia", indicando também ela como o termo éon como as suas sete eternidades. Em sentido hermético grego, em sentido gnóstico? É totalmente irrelevante. O que conta é que, embora debatendo-se na tentativa de demonstrar que a "palavra eternidade, do modo como é entendida na teologia cristã, não tem nenhum significado para o ouvido asiático", e que na religiosidade védica, mais familiar para ela, a própria imortalidade tem um término, aconselha então a necessidade de dar às suas sete épocas uma avaliação temporal computável em termos convencionais. Mesmo que para isso se adotem parâmetros que tornam praticamente insondáveis aos olhos da história as sete idades de que fala, fixando sua duração em arcos temporais que vão além dos limites tradicionais do conhecimento humano.

Tratar-se-ia na realidade de ondas de energia provenientes da imensidão do universo, que Blavatsky chama também de "raios", cada um dos quais teria alimentado um éon da civilização humana. Mas todas se relacionariam, no seu conjunto, a uma única "grande idade" (em língua védica, um Manvantara ou Mahàkalpa), correspondente a 311.040.000.000.000 anos humanos ou cem de Brahma. A cada Manvantara segue-se um outro, e assim as eternidades se acumulam entre si, produzindo a civilização.

Um único dia de Brahma, segundo esse calendário esotérico, corresponde a 4.320.000.000 anos mortais, mas não se pode revelar aos profanos o quanto dura cada eternidade individual, pois sua duração só se realça através "dos cálculos mais secretos", multiplicando o número 7 por expoentes variáveis segundo a colocação daquela eternidade no mundo subjetivo e real ou mesmo objetivo e irreal. Blavatsky garante ter apreendido mediunicamente o segredo de mestres tibetanos, colocados pelo seu saber além do tempo, como Djwhal Kuhl e Koot Homi, caracterizando este último por uma especial afinidade com Cristo.

Sem aprofundamentos posteriores, pode-se compreender como esses cálculos vedados à consciência comum são capazes, de algum modo, de fornecer aos iniciados uma chave para abrir as fechaduras do tempo, ou pelo menos dar-lhes a ilusão de poder fazê-lo. Certamente, em uma ótica

que não é a da percepção humana.

Blavatsky também teve tentações demoníacas, como demonstraria a publicação em 1887, em Londres, da revista *Lucifer*, por ela dirigida, na qual dava apoio às razões do anjo rebelde e decaído, considerado em certas teogonias gnósticas como "o verdadeiro portador da luz", em contraposição à vontade obscurantista de uma divindade prevaricadora.

Todos profetas no mundo novo de Steiner

Uma contribuição inteligente à compreensão dos mecanismos através dos quais poderia cumprir-se a atividade profética, permitindo a um ser humano comum "ver" e relatar eventos colocados em uma dimensão diferente de tempo e de lugar, vem, no início do século XX, de Rudolf Steiner, figura genial de cientista animado por especial propensão ao estudo dos mistérios que fogem à razão. Esteve junto de Blavatsky nos primeiros anos de afirmação do pensamento teosófico, viveu em seguida a experiência de uma sociedade iniciática como a OTO, realizou enfim sua plena autonomia cultural fundando a Sociedade Antroposófica, voltada para o estudo profundo dos mistérios ligados à criatura humana, assim como a teosófica o era em relação aos de natureza transcendente e divina. Em tal contexto, que comportava um entrecabo de estudos entre ciências moderna e antiga, taumaturgia e medicina, biologia e espiritismo, pedagogia, religião, artes e tecnologia, Steiner elaborou uma teoria própria sobre fatores que determinam o desenvolvimento psíquico do homem, colocando a profecia entre as manifestações mais elevadas do espírito e da mente, sinal certo de uma evolução intelectual agora avançada.

Defende de fato em sua obra, *A ciência oculta*, imponente síntese dos estudos antroposóficos sobre a natureza real do homem em relação à própria evolução e à da física, da química, da agricultura. Evoluindo assim em direção a níveis superiores de sensibilidade e de conhecimento, o homem seria capaz, segundo Steiner, de aprender tais leis e decodificá-las. Conhecendo-as, poderia intuir de modo variado quais teriam sido os desdobramentos seguintes do caminho humano — e do próprio —, até colher deles os aspectos mais imprevisíveis e obscuros.

O dom da profecia, considerado sob esta luz, não teria nada de sobrenatural, mas seria a consequência natural de um progresso espiritual e/ou intelectual de tal forma completo, que daria ao homem condições de "ver" além da cortina do tempo.

Isso não significa que a vidência, entendida em sentido steineriano, deva ser considerada efeito de um asséptico exercício das funções mentais, pois os métodos praticáveis por aqueles que atingiram um adequado nível evolutivo são múltiplos, segundo o rumo seguido na própria evolução, que pode ter privilegiado a inteligência ou o espírito, ou outros componentes da personalidade, abrindo as mais variadas portas às chaves da percepção.

Enobrecida de tal modo a arte divinatória, Rudolf Steiner formulou as próprias profecias sobre aqueles que serão os futuros estágios evolutivos da humanidade. O homem, depois de ter passado através de planos de existência influenciados pelo Sol, pela Lua e por Saturno, se apressa agora rumo a uma era governada por Júpiter, no decorrer da qual as capacidades perceptivas se aguçarão até permitir a comunicação com guias espirituais que bem poucos atualmente são capazes de sentir. O dom profético se tornará comum então a todo o gênero humano, transformando-se em uma capacidade natural, fisicamente encontrável em qualquer um. O que trará também um equilíbrio diferente entre nascimento e morte, unindo numa mesma corrente da vida todo o gênero humano e as novas criaturas com as quais entrará em contato.

Pode-se entender tudo isso como vaticínio da conquista, por parte do homem, de um estado de imortalidade? Steiner deixa entender que, se não exatamente de imortalidade, se tratará de continuidade da existência no cosmo, além dos limites até aqui impostos à vida terrena.

Parece digno de nota um detalhe que há algum tempo acompanha a profecia de Steiner: é que com a aproximação da nova era de Júpiter (ou seja, agora ou em breve) teríamos de atravessar fases preparatórias, no decorrer das quais a humanidade manteria contato com entidades angélicas. Assim, com objetivo quase propedêutico, levando-se em conta aqueles que deveriam ser os encontros fundamentais com os guias espirituais de um futuro agora próximo, os homens estariam prestes a travar conhecimento com arcanjos e querubins, serafins, coros de anjos e outras criaturas reveladas até agora, desde as origens do mundo, apenas a uns poucos eleitos. O que provoca

curiosidade nesse detalhe à primeira vista extravagante da profecia de Steiner — e que induz a não subavaliar a credibilidade — é o fato de que exatamente nestes últimos anos, depois de séculos de desinteresse também por parte da Igreja, manifestou-se de maneira totalmente espontânea, como estimulado por sabe se lá qual misteriosa inspiração, um interesse de massa pelos anjos, caracterizado por uma morbidez popular que não tem igual em outros fenômenos análogos.

Isso é atestado pelo surgimento inesperado de uma literatura não-elitista, de cunho marcadamente divulgativo e comercial, na qual há tudo que se possa desejar conhecer sobre esses espíritos gentis e resolutos, tão difíceis de imaginar no seu dia-a-dia, nas suas relações com os homens, nas suas intervenções de proteção ou de comunicação, que pela primeira vez estariam para ser chamados para absorver em vasta escala, fora do místico canal dos milagres, sua função de mensageiros.

Um outro elemento a ser lido como um possível achado atual da predição de Steiner é o anúncio de que nesta fase de progresso as diferenças raciais tenderiam a desaparecer. E é aquele que a prazo não necessariamente longo estaria por verificar-se em seguida à aglomeração e à rapidez assumidas pelos grandes fluxos migratórios, com milhões de indivíduos confluindo para as mesmas metas a partir dos cantos mais diversos (e desesperados) do mundo. Mas talvez a profecia, enquanto deduzida da análise de um processo evolutivo do homem, deva ser lida em um sentido mais nobre, qual auspício além da previsão de uma superação dos ódios, dos preconceitos e das discriminações que ainda dilaceram o gênero humano.

Lado a lado com esta hipótese de homologação das raças, segue a do advento de uma religião única, que Steiner chama de "ciência religiosa", brotada de uma síntese das verdades profundas que em forma e medida diversas estão presentes em qualquer credo. As tentativas de levar à consumação o processo ecumênico em curso entre as igrejas cristãs — e as barganhas entre as grandes religiões de cada latitude, com freqüência mancomunadas por uma mesma urgência em participar das grandes manifestações pela paz, em Assis como em outros centros emblemáticos da fé — tornam esta eventualidade nada mais que utópica.

Pode-se deduzir por esses achados que a contribuição mais original de Steiner para uma validação realista da arte divinatória e das suas

possibilidades tenha surgido da intuição de que clarividência e arte de ver longe são reações semelhantes, destinadas a se integrar e se compensar toda vez que se manifestar no homem o "espírito profético". Pois, para ser profeta, é necessário saber ver claro, mas também de longe, e não apenas ver, mas olhar ou — como a etimologia sugere — mirar.

A arte de ver claro e longe foi útil a Steiner para formular hipóteses não só sobre o futuro da humanidade, mas também sobre o seu mais remoto passado.

Identificou na sobrevivência da parte psíquica e espiritual do homem o instrumento para reconstruir o que se chamava de "o passado primordial". Este procedimento também é descrito na Ciência oculta, onde se lê que "se um ser entra na existência corpórea, sua parte material desaparece depois da morte física, mas as forças espirituais que da sua profundidade geraram e sustentaram o corpo não desaparecem do mesmo modo". Tais forças "deixam traços, imagens exatas, impressas no fundamento espiritual do mundo". Estes traços são perceptíveis aos olhos de "qualquer um que seja capaz de elevar a própria faculdade perceptiva do mundo visível para o invisível".

Steiner foi dotado de tais faculdades, sendo capaz de avançar com os próprios sentidos naquela imensa arena espiritual em que são conservados "todos os eventos passados da história mundial". Não havia possibilidade de não crer nele quando contava tais coisas, pois "não descrevia, mas via verdadeiramente os objetos e as cenas daqueles reinos desconhecidos, tornando-os tão visíveis aos outros a ponto de fazer-lhes aparecer os fenômenos cósmicos em ação". Este último testemunho é de Edouard Schuré, depositário, também ele, de um conhecimento profundo dos antigos mistérios — transposto na obra *Os grandes iniciados* —, que encontrou Steiner em Paris após ter assistido a uma conferência dele em 1906.

Os brancos "cavaleiros" do Graal e os magos negros de Hitler

Entende-se que os nazistas tivessem odiado Steiner pela sua fé no homem, assim como haviam admirado Crowley pelo seu anseio de destruição e de morte. O templo do saber antroposófico, materialmente edificado na Suíça de Steiner e chamado de Goetheaneum em homenagem a Goethe, seu primeiro grande mestre ideal, foi incendiado em 1923. Steiner construiu um segundo e prosseguiu na sua pesquisa, suscitando um rancor cada vez mais profundo em Hitler, que dizia considerá-lo culpado pela derrota alemã na Primeira Guerra Mundial em consequência da influência que ele exerceu, com suas faculdades paranormais, sobre o general Helmuth von Moltke, comandante supremo do exército alemão na fase crítica da invasão da Bélgica e da França.

Em realidade não se pode dizer que Moltke tivesse um estável equilíbrio mental: acreditava ser a reencarnação de um papa (Nicolau I) e de poder encontrar o Santo Graal. Foi exatamente esta paixão pelo Graal que suscitou nele uma grande atração pela filosofia iniciática de Steiner e a incrementar a amizade entre eles, mas por certo não foi essa a causa da derrota alemã. O próprio Hitler o sabia, mas se obstinava em lançar sobre Steiner uma acusação tão louca para encobrir os verdadeiros objetos do seu ódio.

Tratava-se com efeito de um desafio entre iniciados de formação oposta, um tendendo à realização do mal na sua forma mais extrema, o outro, inclinado à salvação da humanidade. Uma contraposição manifestou-se concretamente através da filiação de Steiner a sociedades iniciáticas (como a OTO, antes da sua degeneração) de símbolo humanitário, que o induziram, entre outras coisas, a valorizar a mensagem evangélica por meio de uma teoria do "Cristo cósmico".

Esta sua particular conotação iniciática e a posse de faculdades paranormais haviam determinado a admissão de Steiner num círculo restrito de cultores do mito do Graal, que se contrapunha ao uso satânico que do mesmo mito pretendiam fazer os círculos esotéricos nazistas, em especial a seita denominada Thule Gesellschaft, da qual faziam parte Rudolf Hess e tudo da pior espécie entre os magos negros alemães.

Steiner e os outros "cavaleiros" do Graal haviam descoberto as tramas

satânicas da Thule, e iam por ser mortos por sicários da seita, designados segundo rituais análogos aos praticados nas antigas sociedades alemãs "de justiça e de vingança", como a histórica Santa Vehme.

Foi uma profecia que salvou a vida de Steiner, contra o qual a Thule havia preparado um atentado a ter lugar na estação de Munique, aonde ele chegaria da Suíça em abril de 1922. Veio-lhe uma premonição telepática, como habitualmente lhe acontecia. Não quis, porém, levá-la em conta, pois na lógica dos fiéis do Graal não se deve modificar o próprio destino por meio de instrumentos mágicos, como a profecia por ele recebida. Foi então para Munique, e teria sido morto à sua chegada, se adeptos de sua própria fraternidade não tivessem ido aguardá-lo, estando por sua vez cientes do atentado por meio de um dos seus, infiltrado na Thule.

Isso não foi magia, mas sim atividade regular de espionagem, e Steiner o aceitou como uma solução natural para induzi-lo a mudar seus planos e regressar na mesma hora à Suíça.

Não voltou mais a Munique e dedicou-se com todas as suas energias à pesquisa antropológica, permanecendo ainda por muitos anos entre os principais objetivos dos sicários nazistas, dos quais, porém, sempre conseguiu escapar. Não tiveram a mesma sorte muitos outros intelectuais, pesquisadores e, sobretudo, cultores de estudos esotéricos, assassinados naquele mesmo período por ordem dos tribunais ocultos da Thule. Foram 367 as vítimas confirmadas desses homicídios, em sua maior parte considerados "políticos" nos primeiros quatro anos de vida do partido nazista. Houve entre eles muitos "cavaleiros" do Graal e adeptos de cultos secretos que nada tinham a ver com política, e que ninguém mais reconhece por aquela que era a sua efetiva identidade espiritual.

Entre Cristo e Sigfried

O profetismo nazista não era um fenômeno autônomo do movimento hitlerista, por este gerado, mas algo anterior, cuja origem deve ser pesquisada numa espécie de religiosidade étnica muito difundida na Alemanha no início do século, inclinada a alcançar novos ideais dos antigos cultos bárbaros.

A humilhação sofrida pela Alemanha ao término da Primeira Guerra

Mundial havia incentivado tal tendência em vez de mitigá-la. Existiam já muitas associações dedicadas à exaltação mística do "espírito nacional", como as Comunidades Religiosas Alemãs (fundadas em 1907 pelo pintor Fahrenkrog), a Ordem Alemã (1911) e a Comunidade de Fé Alemã (1917), com fins análogos aos da Thule e das outras seitas secretas, embora, ao contrário delas, atuassem às claras. Outras surgiram depois da guerra, como a Associação Germânica dos Países Nórdicos (em Berlim, em 1924) e a Comunidade Religiosa do Norte (1928), com a intenção de "realizar a imortalidade do homem nórdico através de sua progênie", isto é, aquilo que Hitler tentaria fazer com as suas depurações raciais. O general Erich von Ludendorff — chefe do estado-maior na fase final da guerra (1915-1918), depois aliado de Hitler no fracassado Putsch de 1923 — acabou por fim fundando uma seita, dando-lhe o nome de Sociedade do Bosque de Abetos, com evidente referência ao papel sagrado e mágico destas árvores tipicamente nórdicas no esoterismo da natureza, o que demonstrava um sectário desprezo por tudo que não fosse alemão e um incurável pessimismo em relação à sociedade civil.

Merece ser destacado, como o paradoxo grotesco de uma história sob outros aspectos trágica, o fato de que os fundamentos ideológicos dessa exasperada teoria da superioridade germânica tivessem sido elaborados por um francês, o conde Joseph Arthur de Gobineau, no seu Ensaio sobre a desigualdade das raças (*Essai sur l'inégalité des races humaines*, 1855), baseado na certeza de que os destinos do mundo deveriam depender da sobrevivência de uma única raça, ariana e "civil", sobre todas as outras.

O objetivo declarado dos grupos que se haviam inspirado em tal doutrina em termos absolutamente religiosos era o de neutralizar em conluio com os nazistas a hegemonia das "duas religiões principais" na Alemanha, portanto do cristianismo católico e protestante, a fim de reafirmar "a espiritualidade nórdica dos padres". Para que isso pudesse acontecer era necessário escolher "homens e mulheres de pura raça alemã" de cada vínculo com a Igreja romana, e é claro que a questão não era apenas religiosa, pois o conceito de "pura raça alemã" implicava a eliminação das outras. Necessidade da qual teve trágica experiência, primeiro e mais do que qualquer outra raça, o povo hebraico, cujo holocausto teria sido seguido pelo dos católicos, se a Alemanha não tivesse sido novamente derrotada.

A perspectiva da conquista do mundo, que pareceu aos alemães não muito remota depois da ascensão de Hitler ao poder, tornava viável a idéia de que essa religiosidade folclórica pudesse triunfar, permitindo aos seus adeptos impor "a potência divina da alma nórdica sobre a terra e em tudo".

Tratava-se de "escolher entre Cristo e Sigfried". Uma alternativa que posteriormente demonstra o quão historicamente motivadas foram as conjecturas daqueles que quiseram reconhecer em Hitler o Anticristo (embora por demais manifesto, por demais visivelmente mau, ao passo que o Anticristo é uma figura que sabe ocultar sua verdadeira identidade) e um projeto satânico nos seus planos de conquista mundial,

Ao Reich que lhes abria os braços, dissolvendo até mesmo numerosas seitas, os novos profetas impuseram condições que não deixavam margem a dúvidas sobre os seus objetivos: "Nós não aderimos ao Terceiro Reich junto com as outras religiões, mas no lugar das duas fés principais e de qualquer outro culto como a única e verdadeira força religiosa alemã."

A profecia da qual eram portadores previa um processo de evolução cósmica ao fim da qual sobre a terra seria constituído um único reino, regido por uma única estirpe, no qual encontrariam lugar e merecida glória apenas os seguidores da religião aclamada, isto é, a de Sigfried. Com a condição de que sempre observassem as virtudes essenciais da honra e da fidelidade, tivessem discernimento no que se refere à Natureza, e, portanto, orgulho das próprias raízes e zelo pela sua integridade.

Como profecia, se comparada aos grandes mitos escatológicos do autêntico paganismo germânico, não era grande coisa. Não apenas ignorava tudo aquilo que o imaginário alemão havia produzido de realmente grandioso no passado sobre os destinos do mundo, como também tirava da magnificência trágica do "crepúsculo dos deuses" uma imagem de tranquilizante bem-estar, longe de qualquer epopéia guerreira.

Mas era isso que servia ao Reich, mesmo com o risco de diluir a crueldade ideológica do nazismo em uma espécie de romântica divagação sobre temáticas inutilmente fabulescas. Hitler havia intuído isso e, para evitar que pudesse acontecer, manteve a rédeas curtas Ludendorff e outros que, como ele, eram por demais maleáveis às sugestões do folclore. Muitas sociedades foram banidas, inclusive a "do bosque de abetos". Mas foi por fim aprovada por lei, em 1936, a definição de "fiel" ou "crente" em sentido nacionalista,

com base num formulário no qual se lê, entre outras coisas:

Nossa igreja é a Pátria alemã.
Nossa comunidade é o Povo alemão.
Nossa Bíblia é a alma alemã.
Nossos sacerdotes são todos os alemães
conscientes da idéia de raça.
Nosso credo é sangue e terra, liberdade e honra.
Nosso símbolo é a antiga suástica pagã.
Nosso futuro se chama Alemanha.

Podia-se ver que futuro era esse. E em que forças se basearia de fato a religião de Sigfried.

A aspiração de poder "libertar a Pérsia e o Iraque", berços ancestrais da estirpe ariana, permanece até o fim entre as esperanças mais alucinantes do Führer. É quando os seus exércitos desfecharam no Cáucaso a malsucedida ofensiva de 1942, que com o seu fracasso precipitaria para a Alemanha o início do fim, uma unidade de alpinistas das SS escalou o pico do Elbruz, monte sagrado dos crentes no mito ariano, para fincar lá em cima a bandeira com a suástica. O ritual inútil — que provocou em Hitler uma reação inexplicavelmente raivosa, como se tivesse lido um presságio do que em breve aconteceria — foi precedido por uma cerimônia "religiosa" oculta, no decorrer da qual a bandeira a ser fincada no monte, foi benzida segundo a liturgia luciferiana da Ordem Negra.

Vale lembrar que o teto do Cáucaso, como era chamado o Elbruz com os seus 5.641 m de altitude, é para a mitologia clássica a rocha à qual foi amarrado Prometeu, por ter se rebelado contra os deuses, portanto sagrada para os adoradores do anjo rebelde por excelência, reunidos à época na seita chamada "dos amigos de Lúcifer".

Evidencia-se até que ponto ficaram gravadas na personalidade de Hitler influências demoníacas daquilo que lhe disse pouco antes de morrer um dos sete fundadores da Thule, o satanista Dietrich Eckart, veterano do exército e mago negro, desiludido talvez por não ter sido ele a assumir pessoalmente os destinos da grande partida que estava para ser jogada: "Sigam Hitler. Ele dançará, mas fui eu que escolhi a música. Eu o iniciei nas artes secretas, abri sua vista embaçada e lhe dei o meio para se comunicar com as potências

supremas. Não tenham pena de mim. Influenciei a história mais do que qualquer outro alemão."

Hitler, por sua vez, assim falou sobre ele, após tê-lo visto em ação: "É um homem que me orgulho em admirar. Conhece o verdadeiro significado do ódio e sabe demonstrá-lo."



Profecias Negras

Principalmente no início e por volta dos meados do século XX surgiram profetas autênticos ou pretensos, magos e curandeiros, que tentaram exercer certa influência na história para satisfazer uma urgência selvagem de poder pessoal; e que para consegui-lo se puseram a serviço de déspotas terrenos (como o russo Rasputin e o alemão Hanussen) ou do próprio Anticristo, com o qual chegaram a identificar-se (como se viu no caso do inglês Crowley) até o ponto de enlouquecer. Foram grandes portadores de infortúnios para si mesmos e para os outros, mas dotados de cordas iniciáticas incomuns, entre as quais teve uma proeminência trágica a intuição profética. Pois a autêntica capacidade de adivinhar o futuro não é um dom exclusivo dos santos e daqueles que por uma efetiva propensão para o bem são merecedores disso, mas de qualquer um que consiga se apropriar deles nos modos mais discutíveis, independentemente da bondade de seus objetivos. Podem, portanto, ser boas pessoas, mas péssimos profetas, ou mesmo escória, porém dotadas de extraordinárias qualidades divinatórias. Por sorte nem sempre é assim, mas acontece.

A história nos mostrou charlatões de bom coração, animados pelas melhores intenções, mas totalmente incapazes pela própria mediocridade natural de levar a cabo uma única boa ação, e bruxos sem escrúpulos, motivados pelo egoísmo mais sórdido, capazes de consumir assombrosos prodígios no próprio interesse. O monge siberiano Grigorij Efimovic Rasputin, como muitos videntes que acreditaram poder crescer na consideração do mundo com o favor dos poderosos, inclui-se entre os exemplos mais evidentes desta última espécie. Realizou curas miraculosas e legou-nos detalhadas profecias, que se abateram como uma maldição sobre quantos lhe sobreviveram. Causou uma desgraça irreversível para quem lhe deu crédito e foi o primeiro a ser envolvido. E ainda difícil avaliar qual foi o seu peso real na ruína da família imperial russa, exterminada pelos bolcheviques em Ekaterinburg em 16 de julho de 1918. Naquela data Rasputin já estava morto havia dois anos, assassinado por eminentes personalidades da corte numa tentativa já tardia de libertar o czar Nicolau II, e, sobretudo, a czarina Alexandra, da sua nefasta influência.

A Tragédia dos Romanov

Em diversas ocasiões os aristocratas haviam tentado afastar Rasputin da direção de São Petersburgo, mas a ascendência adquirida sobre a czarina com as misteriosas curas praticadas no seu filho Alexis, hemofílico, era tal que o tornava praticamente irremovível. Mas no início de 1916 esse louco vidente, dotado de uma sensibilidade demoníaca e de um inexplicável poder taumatúrgico, deu-se conta de que o seu tempo estava para findar. Teve premonição do que se tramava contra ele e que o jogo era mortal, pois não se tratava mais de simplesmente afastá-lo da corte, mas de eliminar de uma vez por toda sua incômoda presença. Escreveu então ao czar, em 18 de abril, uma carta contendo uma sinistra profecia, que não se tratava apenas de uma prova da sua instintiva vidência, mas do uso chantagista que costumava empregar, exercendo um obscuro poder sobre todos à sua volta.

Rasputin informava ao soberano já ter certeza de que morreria "antes do ano-novo", colocando-o subdolosamente diante de uma dupla possibilidade: "Se eu for morto por assassinos comuns, e em especial pelos meus irmãos camponeses, não temas por teus filhos, czar de todas as Rússias, porque

reinarão mais cem anos. Mas se eu for morto pelos nobres [...] eles deverão deixar a Rússia e ninguém da tua família se salvará" Em breve intimava o czar a salvar-lhe a vida, sob pena de um fim traumático da sua dinastia, Não obteve desta vez a proteção necessária e a profecia se cumpriu na sua totalidade: no que se referia a ele próprio, foi morto "antes do ano-novo", em 16 de dezembro, pelo grão-duque Dimitri Pavlovic e pelo príncipe Felix Yussupov; quanto aos nobres, foram obrigados pela revolução a deixar a Rússia; no que se referia aos Romanov, foram massacrados por completo (incluindo a criadagem) pelo soviete de Ekaterinburg, nos Urais.

Uma profecia igualmente sinistra, de fortes princípios intimidativos, havia assinalado o momento de maior ascendência de Rasputin, alguns anos antes, sobre o casal imperial. Era janeiro de 1912. A presença deste santarrão intrigante na corte se prolongava por cinco anos, com efeitos deletérios sobre a imagem de Nicolau II além de sobre suas escolhas políticas, que de alguma maneira conseguia condicionar a ele. Altos oficiais e dignitários pressionaram o czar para que se livrasse dele. Pontual, chegou também desta vez uma profecia do monge, que se afastando por iniciativa própria lançou um ultimato nem um pouco velado: "Esperarei dia e noite que o czar me chame para seu lado. Se não o fizer, perderá dentro de oito meses seu filho e pouco mais adiante o trono."

Era mais uma maldição do que um vaticínio, e surtiu incrivelmente efeito. Em 20 de setembro, dentro dos oito meses, o pequeno Alexis sofreu um ferimento superficial no joelho, pouco mais que um arranhão, mas era o quanto bastava, dada a sua hemofilia, para pôr em risco sua vida.

O herdeiro do trono, que tinha oito anos à época, foi acometido de febres fortíssimas enquanto a perna inchava de modo apavorante. Foi diagnosticado "um grave envenenamento do sangue", diante do que os médicos foram obrigados a reconhecer sua própria impotência. O professor Fedorov, luminar russo de fama internacional, ratificou aquela que era para todos os efeitos uma sentença de morte: "A medicina nada pode fazer." Tal como as preces do povo russo, exortadas em massa pelos popes nas igrejas de sua imensa pátria.

O filho do czar agonizava. O corpo todo lívido e o estado incipiente de coma não davam esperanças.

Foi a esta altura que a czarina impôs sua decisão, que para o czar era uma

espécie de capitulação aos desejos do monge: "Mande chamá-lo."

Rasputin foi localizado na Sibéria, na sua aldeia natal de Pokrovskoe, de onde saiu para depois difundir por todas as Rússias a sua fama de taumaturgo, capaz de realizar as curas mais miraculosas. E com efeito se dizia que havia redimido doenças incuráveis, curado gente desenganada já a um passo da morte, recuperado a visão de cegos e estancado hemorragias mortais, em uma quase imitação dos milagres evangélicos.

Os guardas enviados para buscá-lo comunicaram-lhe em que estado se encontrava o pequeno Alexis e o intimaram a seguir com eles para São Petersburgo. Respondeu que não era necessário e se retirou para um quarto, onde entrou em uma espécie de transe. Passou horas em contemplação, como colhido por um êxtase que, dado o personagem, seria difícil considerar de inspiração divina. À noite, voltando a si, escreveu para a czarina uma seca mensagem, dizendo-lhe que não devia mais temer pela vida do filho: "Deus contou tuas lágrimas, ouviu minhas preces. Teu filho se salvará. Mas que os médicos o deixem em paz."

Em São Petersburgo o herdeiro do trono saía do coma.

Observando o corpinho não mais lívido e a febre em nítida diminuição, Fedorov teve que admitir pela segunda vez a sua própria impotência: "É uma melhora totalmente inexplicável, totalmente estranha às pesquisas da ciência."

Como não fora capaz de curar a enfermidade, o grande médico não estava em condições de explicar a cura. A feitiçaria do monge siberiano havia vencido. Rasputin foi chamado de novo à corte, recebido como um santo, recoberto de novos e antigos privilégios.

Permanece um mistério qual tenha sido na realidade a fonte da magia exercida pelo monge, cujos poderes não derivavam certamente da ascese.

Não obstante a ostentação de certos arrebatamentos extáticos, de fato, não houve nada de efetivamente "santo" na sua vida, sobre cuja extrema dissolução concordam todos os testemunhos históricos. Foi homem de uma sensualidade descontrolada, brutal, dedicado a todos os excessos. Foi imoderado na bebida e glutão à mesa, capaz de consumir, sem conseqüências para sua lucidez, incríveis quantidades de vodca e comida condimentada. Reuniu mulheres de todos os tipos em banquetes e orgias de onde saíram comprometidas, para dizer o mínimo, damas da corte muito

próximas à czarina.

Na noite em que foi morto ingeriu uma grande quantidade de doces e licores envenenados, que não tiveram nenhum efeito sobre ele, obrigando os conjurados a alterar seus planos. Morreu lutando fisicamente contra seus assassinos e quase estrangulando um deles, mesmo tendo sido alvejado por muitos tiros de revólver, confirmando também nesta última prova a existência nele de uma força que não era humana, não era natural, nem tampouco sobrenatural no sentido místico subentendido habitualmente pelo termo. Seu segredo permanece, portanto, entre os mais impenetráveis e dignos de aprofundamento entre os muitos dos quais se disseminou a história do esoterismo e da grande arte profética em especial.

O oráculo de Rasputin

Destaca-se no período de maior prestígio de Rasputin na corte, logo depois da cura de Alexis, sua profecia sobre o futuro da Rússia e sobre grandes mudanças que marcariam a história. Nela se fala do advento de "um czar que não será mais czar, porém terá mais poder que o czar". Não é difícil reconhecer aí o perfil de uma liderança totalitária, detentora de um poder absoluto e incontrolável, em duas palavras, o rosto do socialismo real.

O oráculo anuncia que "quinze luas depois da morte a Santa [ou seja, a Rússia] será tirada dos altares e um coro de setecentos demônios cantará uma nova música em um pântano de sangue. [...] A cruz será posta de lado, os martelos baterão sobre os altares, as igrejas arderão em chamas".

A morte com a qual se abre a visão é aquela do próprio profeta, sem a qual não ocorreria aquele trágico desenrolar dos eventos que agora se prepara para narrar. É Rasputin quem conta os anos a partir do próprio sacrifício, como convém ao negro messias do qual representa o papel.

Há três datas certas naquilo que diz, verificáveis a partir do início da revolução: os quinze meses passados entre sua morte (16 de dezembro de 1916) e a transferência da capital para Moscou (14 de março de 1918), que sancionou de fato a mudança; o triunfo do ateísmo, que retira a Rússia dos altares; os setecentos membros da assembléia constituinte (707, mais exatamente) com a sua "nova música". Explícitas são as referências aos massacres (os pântanos de sangue), aos novos símbolos do poder soviético

(o martelo sobre os altares), às perseguições religiosas (a cruz ultrajada e as igrejas em chamas).

O texto profético continua com o ritmo e a pontualidade de uma saga romanesca, cujas fases são detalhadamente ilustradas por símbolos de fácil interpretação: desde o início desencadeia-se "uma furiosa rixa em família". Os protagonistas são uma serpente e um abutre. O réptil está em fuga, pois se fala de "caça à serpente". O abutre, para liquidá-lo, "afia a espada em uma nuvem". Reunido assim o ápice do seu poder, "investirá contra os seus vermes" até ser por sua vez liquidado após a passagem de "uma nova serpente".

Não é preciso uma agudeza especial para ler os acontecimentos, identificando-se o abutre em Stalin e a serpente no seu grande inimigo Trotski, refugiado no México e lá alcançado por "uma nuvem", ou seja, por um sicário sem uma própria identidade histórica, uma figura de baixo perfil, ao qual foi dado o encargo de eliminá-lo (a "espada"). Não se deve excluir, em uma lógica visionária, que a escolha dos dois animais simbólicos possa ter sido inspirada pela premonição do lugar onde se daria o ajuste de contas, pois o brasão do México representa exatamente uma águia que aperta nas garras uma serpente.

Claro que é uma referência aos expurgos stalinistas, nos quais viram-se envolvidos os próprios colaboradores do déspota; o abutre investe contra seus vermes, é dito na profecia. A "nova serpente" é sem dúvida Krushev, pronto a mudar de pele com a morte de Stalin, passando clamorosamente "de coração a coração", isto é, da idolatria incondicional do ditador à sua execração.

Segue-se uma calma apenas aparente: "A água corre tranqüila no leito do grande rio, mas debaixo dele se agitam centelhas de fogo e brilhos de morte." E a certo ponto sobrevirá a crise: "Abrir-se-ão as portas do estábulo quando estiver repleto de bois, e então adeus... adeus, Santa, adeus Santa das Santas." Foi o que aconteceu com a abertura das fronteiras, a queda do muro e a diáspora do império soviético: havia tantos bois no seu estábulo, mas bastou abrir as portas "e adeus, Santa das Santas". É interessante que esta última expressão, que não alude simplesmente à Rússia (a Santa), mas ao conjunto de Estados sob ela federados (Santa das Santas).

O que aconteceu "no tempo do sol": significa durante o pontificado de João

Paulo II, indicado nas profecias de Malaquias com o lema De labore solis, ou “trabalho do sol”. O achado histórico pareceria de resto imprevisto: quem é, se não Wojtyla, o papa que, "depois de tanta desolação e tanta desordem", repôs "a cruz da Santa sobre os altares"?

A queda do império seguir-se-á a escassez: "não crescerá um talo de relva às margens do Volga", e a Rússia terá necessidade de ajuda. Também isto aconteceu. Nos últimos anos viu-se "a Santa maldita" correr afanosamente "do grande mar à língua de mar", isto é, do Atlântico ao Mediterrâneo, pedindo socorro aos Estados Unidos e à Europa.

"Sinos de paz" foram ouvidos quando veio à Roma "o homem marcado na fronte" (Gorbachev), mas se tratou de aparência: "em breve se aperceberam de que quem puxa as cordas [dos sinos] é a morte". Seguem-se novos jogos de poder ambíguos, representados por Rasputin com a imagem de um rato que foge do gato para depois devorá-lo. O rato é Yeltsin? Gorbachev é o gato? Como quer que seja, "prepara-se um logro sutil para o mundo inteiro", segundo o oráculo de Rasputin, e novas desgraças para a Rússia, de tal forma espantosas que "não sobrará terra para sepultar os mortos".

O nazista que "viu" um incêndio premeditado

Foi vítima da própria profecia — como muitos outros dos astrólogos e sensitivos que buscaram fortuna sob a asa do nazismo — o austríaco Erik Hanussen, um dos videntes mais populares do período que vai do fim da Primeira Guerra Mundial à década de 1930, consultado várias vezes pelo próprio Hitler.

Sua história é em muitos aspectos obscura e deixa indagações em aberto sobre a efetiva natureza da relação que teve com os nazistas, a cujos serviços secretos foi de algum modo ligado. Figurou decerto entre os ocultistas que suscitaram o interesse das hierarquias hitleristas, particularmente atraídas e influenciáveis, como o próprio Führer, por oráculos e charadas mágicas. E não resta dúvida de que procurou extrair vantagem desse interesse por ele, satisfazendo a irracional necessidade dos próceres nazistas — e do próprio Hitler — de conhecer o futuro.

Viu-se, por outro lado — e está historicamente comprovado —, como foi mórbido o envolvimento dos círculos esotéricos alemães nos

acontecimentos que deram origem ao partido nazista, entre cujas ascendências ideológicas inclui-se procurar ritos e mitos de um paganismo heróico, super-humano, papel representado por congregações dedicadas ao homicídio e ao sacrilégio — principalmente a Thule, campo ideológico para Rudolf Hess e outros hierarcas de primeira hora —, na elaboração daquele conjunto de doutrinas pairando entre delírio de onipotência e sugestões demoníacas das quais extraíram linfa e os mais degenerados fantasmas do imaginário nazista.

A popularidade de Hanussen se estendia bem além da atenção demonstrada no que se refere às personalidades do regime então nascente. Apresentava-se em público nos maiores teatros alemães, atraindo milhares de espectadores por suas profecias, das quais dava espetáculo entrando em transe em pleno palco.

Havia traduzido em best-seller as coisas "vistas" durante suas fugas de consciência, publicando um livro de cunho profético, intitulado *O fim de Nova York*, onde contava a evolução e a decadência da metrópole americana em um futuro próximo, com profusão de detalhes científicos à moda de Júlio Verne. Muitos desses detalhes, sobretudo no que concerne ao abuso de novas tecnologias na vida cotidiana, revelam-se hoje consumados. Estava, portanto, no ápice de um sucesso destinado a crescer quando decidiu, em 1933, inaugurar em Berlim um templo esotérico pessoal, que queria chamar de Palácio do Oculto. Estava à época com 44 anos, tendo nascido em 1889, e possuía uma extraordinária veia criativa, na qual conviviam ambições de charlatão e autênticos dons proféticos.

Para agitar a inauguração, pensou em surpreender seu grande público — composto também por personalidades do partido e intelectuais do regime —, com uma profecia clamorosa, capaz de ressoar na imprensa no dia seguinte.

Catástrofes e incêndios sempre foram argumentos de grande apelo popular, adequados entre outras coisas a satisfazer a vaidade daqueles adivinhos que acreditam poder se igualar aos grandes videntes apocalípticos. Apresentou, portanto, uma profecia deste tipo, anunciando durante o seu transe, autêntico ou simulado que fosse, um incêndio de dimensões épicas para uma data muito breve. Chamou-a de "o incêndio de uma grande casa", deixando para a fantasia dos espectadores a interpretação do que poderia

significar.

Era a noite de 26 de fevereiro. No dia seguinte os nazistas incendiaram o Reichstag, sede histórica do Parlamento alemão, para jogar utilmente a culpa nos comunistas. O efeito da jogada foi para Hanussen, em termos publicitários, de um benefício extraordinário, porém letal.

Podia ser interpretado como espantosa confirmação dos seus dons proféticos, e assim foi para muitos, mas também como o fruto de uma indiscrição sussurrada nos ambientes nazistas que costumava freqüentar. Nos dois casos, mostrava a periculosidade de Hanussen, que, se inspirado por uma autentica vidência, podia deixar escapar nos seus estados de transe revelações incontroladas; se impelido por intenções fraudulentas, podia tentar outros truques desfrutando dos segredos dos quais tinha conhecimento por sua familiaridade com os mais diversos expoentes da classe dirigente.

O fato é que, pouco mais de um mês depois, em 7 de abril de 1933, Hanussen foi seqüestrado por desconhecidos e morto, junto com sua amante Adrianna Bierdzynska, também ela uma sibila típica do grande circo que era o alemão.

O motivo mais plausível do homicídio, levado a cabo no estilo da polícia secreta, por executores jamais identificados, pareceria ser devido à profecia sobre o incêndio da "grande casa", divulgada de modo tão inoportuno às vésperas do evento. E a solução mais simples, negociada. Mas é igualmente plausível que outras profecias mais reservadas, confiadas pessoalmente a Hitler, pudessem ter irritado ou assustado o ditador, induzindo-o a ordenar a eliminação do vidente. Se tais previsões tivessem a ver, por exemplo, com o futuro da Alemanha, pelo modo como correram efetivamente as coisas, não seria de espantar uma dura sentença de morte, motivada em primeiro lugar pela intenção de evitar sua divulgação. Não se deve excluir, por outro lado, que, pela sua colaboração com os serviços secretos, Hanussen pudesse ter vindo a conhecer fatos que deveria ignorar.

Foram suprimidos no mesmo período outros expoentes do círculo esotérico nazista, como Karl Gunther Heimsoth, astrólogo de Rohm, e o ex-padre Bernard Stempfle, proveniente como Hess do "circuito" da Thule. Diversos elementos, portanto, permitem pensar que muitos ocultistas poderiam estar envolvidos nos ajustes de contas em andamento entre diferentes facções do

nazismo na escalada rumo à conquista definitiva do Estado.

Não se deve enfim menosprezar um detalhe de modo algum secundário: Erik Hanussen era judeu, e sua familiaridade com os mais eminentes entre aqueles que se tornariam os perseguidores do seu povo — e que já se instruía em perversas doutrinas sobre raça — se apressava agora para tornar-se mais que contraditória, inadmissível. Ainda mais que Hitler, além de consultá-lo, pedira-lhe por um certo período autênticas "lições" de astrologia, estabelecendo com ele uma intimidade dificilmente compatível com a imagem de si mesmo que havia imposto à Alemanha.

O Mago de Stalin

Teve um destino análogo ao de Hanussen, ainda que tenha sido muito menos popular em vida — tendo por isso de atuar na mais absoluta clandestinidade, em um estado de semidetenção —, o ocultista russo Aleksandr Barcenko, a serviço de Stalin nos anos negros da NEP, a "nova política econômica" (Novaja Ekonomiceskaja Politika) inaugurada por Lenin e levada adiante por seu sucessor até o fim dos anos 1920. Foram também os anos da ascensão e da consolidação de Stalin no poder, depois da eleição para secretário-geral do partido, em 1922, e da morte de Lenin, em 1924. Foram, sobretudo, os anos da insurgência e do agravamento do conflito com Trotski e outros poderosos inimigos, como Kamenev e Zinoviev, contrários a uma política caracterizada por um parcial retorno aos métodos capitalistas, até mesmo por motivos de sobrevivência do Estado socialista.

Nesta situação de tensão persistente, envenenada pela divergência agora irreversível com um líder destinado, como Trotski, a constituir uma referência para o comunismo internacional, Stalin recorreu a qualquer instrumento de luta possível, estabelecendo as premissas para aqueles que seriam os grandes expurgos dos anos 1930. Neste contexto se insere a presença entre seus colaboradores de Aleksandr Barcenko, um esoterista de Petrogrado com uma particular predisposição para o hipnotismo e para a leitura do pensamento, destinado a desaparecer no giro de poucos anos sem deixar vestígios senão nos arquivos da polícia secreta, aos quais os jornalistas tiveram acesso após o colapso da União Soviética.

É só a esta altura que se soube como também Stalin, tal como Hitler, teve por um certo tempo o seu vidente pessoal; e não se deve excluir que possa ter tido outros, pois em geral o recurso às práticas mágicas — e em especial a divinação, mesmo limitado a breves períodos — cria estados de dependência dos quais é difícil se libertar. Sobretudo em níveis de poder que comportam uma ânsia contínua de conhecer, de prever, de prevenir aquilo que matura nas mentes alheias.

Não por acaso, uma constante na literatura sobre grandes ditadores e sobre sua relação com o universo mágico reside na sua ambição de poder ler o pensamento de todos à sua volta.

E foi exatamente com este fim que Stalin se serviu de Barcenko, no quadro de um programa de pesquisa paranormal, evidentemente secreto. Não se sabe muita coisa, mas parece que puseram à disposição de Barcenko um aparelhado laboratório nos porões da Lubianka, histórica sede dos serviços secretos de Moscou. Ali se desenvolveriam experimentos complexos com cobaias humanas, tendentes à pesquisa de um método de transmissão (e de leitura, presumivelmente) do pensamento.

A notícia, por si mesma pobre, tem sua importância para o universo que lhe serve de fundo, demonstrando que força de penetração poderia ter conservado vidência e práticas mágicas no imaginário político de homens no vértice de um regime que havia banido transcendência e religião — e a própria psicanálise —, como expressões das superstições mais deterioradas. Entende-se que pelo seu envolvimento neste paradoxo Barcenko não podia senão ser suprimido, no mínimo em virtude de ter conhecimento da submissão de Stalin a uma ilusão para ele inadmissível.

A vidente que reconheceu os "demônios" do poder

Nem todos aqueles que buscaram um contato com os ditadores para fornecer indicações sobre a sorte que os aguardava foram movidos por avidez ou poder. Motivos bem mais nobres de humanidade e altruísmo inspiraram uma mística visionária chamada Elena Ajello, conhecida pelos seus êxtases sangrentos, culminados em 1922 com o aparecimento de chagas sobre as quais se realizaram acurados estudos médicos, a ponto de induzir a Igreja a empreender depois de sua morte, ocorrida em 1966, um processo de

beatificação.

Mulher dedicada exclusivamente à sua vocação religiosa — e aos encargos derivados de sua posição de fundadora de uma comunidade monástica feminina e de mais de vinte abrigos para menores abandonados —, Elena Ajello foi acometida nos anos 1930 pela urgência de comunicar a Mussolim as desgraças que o esperavam caso se aliasse à Alemanha.

Como muitas outras videntes de inspiração cristã, extraía mensagens das próprias visões, reportando o que vez por outra, dizia ela, lhe era comunicado por Jesus, pela Madona ou por diversas entidades celestiais. Era ajudada no recebimento de tais "avisos divinos" — não raro sobre temas totalmente estranhos aos seus conhecimentos, como, por exemplo, a política externa do fascismo — por suas irmãs em correntes de prece. Mas é também possível que seus dons de sensitiva a pusessem em condição de perceber a forte conotação satânica do nazismo, apesar de nada saber da sua matriz ideológica e dos projetos de morte cruéis que dele surgiriam.

Não foi ouvida, e o resto da história é mais do que sabido. Perseverou depois da guerra na intenção de induzir aqueles que detinham os destinos dos povos a desistir dos seus planos de hegemonia. Eram os anos da guerra fria, e as consciências tentavam se recuperar do trauma do conflito recém-terminado, receando a todo momento que eclodisse outro ainda pior.

Novos erros foram difundidos no mundo por "uma propaganda ímpia", voltada a "suscitar em toda parte perseguições, ruína e morte". Isso trazia grande angústia para a Virgem, que assim avisava aos homens pela boca de Elena em abertura daquilo que não parecia um decênio de esperança (7 de janeiro de 1950): "Se os homens não pararem de ofender meu filho, não estará longe o tempo em que a justiça do Pai mandará sobre a terra o devido flagelo, e será o pior castigo já visto na história da humanidade."

No tom e no estilo, o aviso repropunha aquilo que já se ouvira em Fátima e no decorrer de outros célebres encontros marianos do século XX: o oferecimento de um novo pacto de conversão, que servisse para conter a ira divina. Foi repetido muitas vezes por Elena Ajello nos anos seguintes, com a cadência regular (e de certo modo obsessiva) dos pregadores medievais:

"O flagelo está próximo: um fogo jamais visto descera sobre a terra e grande parte da humanidade será destruída. Serão horas de desespero para os ímpios." (1952)

"A ira de Deus está próxima: o mundo será atormentado por grande calamidade, revoluções sangrentas, fortes terremotos, escassez, epidemias e espantosos furacões. Tudo será convulsionado por uma nova e terrível guerra." (1955)

"O mundo se tornou como um vale de aluvião abarrotado de detritos e lama. Terá ainda que suportar as mais duras provas da justiça divina antes que a chama infernal arda sobre toda a humanidade. Grandes calamidades trarão confusão, lágrimas e dores para todos." (1959)

A guerra está sempre, de qualquer modo, no centro de qualquer mensagem, descrita com uma fartura de detalhes que em termos puramente dialéticos enfatizam a credibilidade da revelação. Sabe-se enfim quanto durará: setenta horas, no decorrer das quais "se verá o poder da luz sobre o poder das trevas".

Também nestas mensagens dos últimos tempos da sua vida, como aqueles sobre Hitler e Mussolini de vinte anos antes, a vidente investe com terríveis julgamentos contra os líderes políticos no poder: "Aqueles que governam se tornaram verdadeiros demônios encarnados, e enquanto falam de paz preparam as armas mais mortíferas para destruir povos e nações."

A Igreja, como representante do poder do povo de Deus, é a primeira adversária desses novos criminosos, sustentados e inspirados, como Hitler no seu tempo, pelas forças do mal: "Os ditadores da terra, verdadeiros monstros infernais, derrubarão por terra as igrejas com os sagrados cibórios e destruirão povos e nações, e as coisas mais caras." Não são exceção os políticos "que se dizem cristãos". A infâmia está implícita nessa mesma condição de governante, independentemente da fé praticada, pois pela própria natureza "aqueles que governam não compreendem, não possuem o verdadeiro espírito cristão". Em uma palavra, o que falta é a capacidade de "ver" a verdade. E "também na Itália são como lobos rapaces vestidos em pele de cordeiro, porque enquanto se dizem cristãos abrem as portas do materialismo, fazendo espalhar-se a desonestidade dos costumes".

Daí derivará "um verdadeiro e grande duelo entre mim e Satanás", confia a entidade a Elena em uma das últimas aparições, "e todos gritarão que é o fim do mundo". Mas também esta eventualidade pode ser conjurada "se os homens retornarem a Deus com uma vida verdadeiramente cristã". O sentido da mensagem é duplo: por um lado, renova a proposta do

pacto, por outro, deixa entender que o Anticristo pode ser também derrotado sem traumas nem flagelos, através da prática de "uma vida verdadeiramente cristã".

O amargo destino de Kennedy e Marilyn

Entre as profecias que sinistramente se abateram sobre grandes cenários políticos do século XX causam particular impressão as da americana Jeane Dixon sobre John Kennedy, fruto de uma visão tida na catedral de São Mateus em Washington, onde tiveram lugar alguns anos depois os funerais do presidente assassinado em Dallas. Dixon tanto prenunciou a vitória nas eleições de 1960, especificando a data, quanto a morte antes de findar o mandato, fez isso na televisão, suscitando um eco de estupefação na opinião pública.

A visão, por ela registrada em 1956, remontava a 1952, quando o futuro presidente não passava de um deputado democrata no Congresso dos EUA. Dixon "viu" esse jovem de olhos azuis, alto e hem-apessoado, com o característico topete desordenado sobre a testa, apoiado na entrada da Casa branca. A imagem estava de início envolta por "uma deslumbrante luz branca" e sobre o edifício iam se formando os quatro algarismos do ano de 1960. Depois tudo estava obscurecido por "uma nuvem negra e ameaçadora", enquanto os números iam se desfazendo até desaparecer sob uma chuva leve, mas constante.

A vidente completava o relato acrescentando que à visão sobrepusera-se uma voz, proveniente do vazio em torno de si na igreja, anunciando-lhe que aquele homem se tornaria presidente dos Estados Unidos, mas não terminaria o mandato. Sobre isso, disse ainda Dixon, a voz foi ainda mais clara, especificando que seria assassinado.

Não se pode dizer que Jeane Dixon fosse uma aventureira do oculto em busca de publicidade fácil. A época da profecia já era uma das mais conhecidas clarividentes do mundo, famosa por suas rubricas astrológicas sobre os maiores cotidianos da América, freqüentemente interpelada por pessoas de primeiro plano no mundo da política e do cinema. Foi consultada pelo presidente Roosevelt em outubro de 1944, o qual, já doente e sabendo do fim iminente, queria saber se teria tempo para ver a conclusão da guerra.

Respondeu-lhe que estaria morto dali a seis meses, como efetivamente aconteceu.

Não foi uma predição espantosa, pois as condições do presidente eram tais que qualquer um intuiria o pouco tempo de vida que lhe restava, mas predisse com exatidão outras mortes de destaque, todas violentas, como as de Gandhi, de Martin Luther King e de Dag Hammarskjold, o secretário geral da ONU que se espatifou com seu próprio avião durante uma das suas febris missões. Previu, além disso, no círculo dos Kennedy, o desolador fim de Marilyn Monroe e o de Robert, assassinado cinco anos depois do irmão, enquanto se preparava para emulá-lo na campanha presidencial.

Predisse o sucessor de Roosevelt, Harry S. Truman, que seria reeleito em 1948. O cumprimento da predição criou uma notável sensação, pois contradizia qualquer prognóstico político, tendo os democratas do Sul provocado uma cisão e apresentado seu próprio candidato.

Muitos dos seus oráculos, oscilantes entre premonições extremas de sucesso e morte, de vitória e de catástrofe, foram pronunciados em transmissões televisivas e radiofônicas dirigidas ao grande público, fascinando e desconcertando milhares de pessoas.

Não ficou imune ao senso de angústia que habitualmente acompanha nos sensitivos a percepção do futuro, sobretudo se tendente a coletar dele mais os desdobramentos trágicos do que os felizes. Confidenciou a um de seus biógrafos: "Quando tenho de anunciar esses eventos que deverão acontecer na nossa geração e além, de cunho freqüentemente catastrófico, sou invadida por uma grande ansiedade." Confirmou que o seu método divinatório baseava-se essencialmente em "visões, mensagens telepáticas e sensações psíquicas". Além disso, revelou estar convencida de que cada homem fosse dotado de meios aptos a se comunicar com a mente divina e que em alguns suavizasse "um espírito similar ao dos profetas bíblicos",

Usou, porém, suas profecias, em muitos casos, com fins abertamente propagandísticos, atribuindo ao comunismo internacional a responsabilidade por catástrofes nem sempre verificáveis. É lícito suspeitar, no que se refere a este aspecto da sua atividade, que mantivesse contato com a CIA ou outros órgãos interessados em alimentar uma psicose anticomunista no Ocidente, Daí derivaram alarmismos e diagnósticos errados sobre aqueles que seriam os futuros equilíbrios mundiais. Com lapsos às vezes clamorosos, como no

caso da profecia sobre a terceira guerra mundial: caberia à China desencadeá-la nos anos 1980, invadindo a Rússia e em seguida a Finlândia e a Noruega. Por outro lado, errou ao profetizar invasões soviéticas no Irã e na Palestina. Viu, porém, com perfeição a conversão da Rússia ao cristianismo, coincidindo nisto com a profecia de Fátima.

O messias de Aquário

Há um lugar para Jeane Dixon também na literatura escatológica sobre o fim do milênio. De fato, profetizou o nascimento em 1962, no Oriente Médio, de um menino que, ao crescer, se tornaria um grande iniciado e converteria todos os povos a uma única fé. Para a data indicada, da qual se deduzia que chegaria à idade do Cristo pouco antes da virada do século, e pelo fato de que teria pregado uma nova religião, insiste em poder identificar nele o Anticristo. Dixon insiste particularmente em que seria o portador de "uma nova cristandade", totalmente desnaturada em relação ao ensinamento evangélico, alterada com o objetivo de desvirtuar a Igreja de Roma e absorver qualquer outra religião. Ampliou a capacidade dialética e a capacidade de seduzir, dons peculiares do Anticristo, acrescentando que teria começado a mostrar sua força na década de 1980 para depois crescer em poder na década seguinte, até lançar o ápice da sua afirmação em 1999. Apareceria aos olhos das massas, quando fosse chegado esse tempo, como uma espécie de messias enviado para "responder às invocações do mundo". Aumenta a sugestão mágico-religiosa da profecia o fato de que Dixon tivesse sonhado o menino - assim disse - nos braços da rainha egípcia Nefertite, grande sacerdotisa do deus solar Aton no século XIV a.C., da qual seria gerado um descendente.

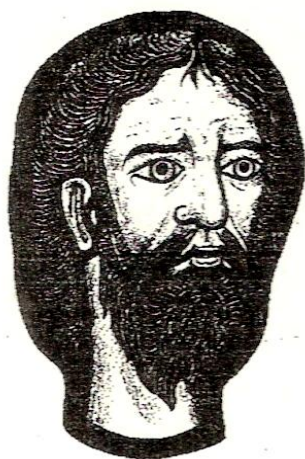
Hoje, passados mais de 35 anos do anúncio, esse predestinado deveria estar entre nós, cercado de prosélitos, pronto a pôr em ação seu projeto mundial. Já deveria ter sido revelado de algum modo, com sinais perceptíveis para alguns, não para todos, e apressar-se rumo à consolidação definitiva do seu poder. Deveria, segundo a profecia; mas ninguém pode dizer até que ponto ela seja previsível.

Nicholas Campion, um famoso astrólogo, rastreou-lhe o horóscopo com base nos dados fornecidos por Dixon, segundo os quais nasceria, pouco

depois da meia-noite (aos dez minutos, mais exatamente) de 5 de fevereiro de 1962, em Jerusalém. Resultou que todos os planetas estavam em Aquário.

Daí se deduz que poderia ter sido o messias da new age, evidentemente disponível em alguns de seus exageros a se fazer representar por tudo de pior que até aqui havia gerado o imaginário apocalíptico.

Vem aumentar as expectativas um eclipse solar no dia anterior àquele fixado para o nascimento. Fácil, deduzida e inevitável foi a presunção de que poderia se tratar de um sinal de Aton.



30

Mundos perdidos

A Bíblia e os Mundos Perdidos, da Atlântida à civilização egípcia, estão presentes no repertório fantástico dos maiores profetas americanos do século XX como estímulo a enobrecer o futuro - ou dar-lhe uma idéia espetacular, caso se queira - e como resultante de grandes experiências passadas. O que, porém, não impediu os videntes mais populares de conciliar esta urgência de "nobreza histórica" com a grande demanda de profecias de interesse prático e imediato, concernente a fatos e personagens ligados à atualidade. Foi visto, no caso de Jeane Dixon com quanto zelo esta sensitiva dotada de um aguçado sentido de autopromoção havia inundado a opinião pública de espantosas predições sobre a vida e a morte de presidentes, sobre equilíbrios internacionais e tudo o mais que pudesse ser notícia na imprensa, sem com

isso deixar de construir para si uma imagem ligada aos faustos faraônicos do antigo Egito.

Do mesmo modo, Edgar Cayce - chamado o "profeta adormecido" por sua especial propensão a visitar os universos mais impenetráveis através da hipnose - previu eventos de particular relevância econômica e social, como a quebra da bolsa de Wall Street e as possibilidades de especulações imobiliárias no litoral da Virgínia, permitindo que muitos enriquecessem com os seus conselhos, mas deu prestígio às próprias pesquisas investigando sobre o mistério da Atlântida, com resultados que a arqueologia submarina confirmou em parte.

O reencarnado da Atlântida

Como Jeane Dixon havia extraído sua profecia sobre o Anticristo de um sonho no qual asseverava ter encontrado a rainha Nefertite, Cayce extraiu a dele sobre a Atlântida revivendo em estado hipnótico uma vida anterior, no curso da qual foi - assim disse - sacerdote do rei marinho Posêidon na capital do continente perdido. Garante ter assistido ao cataclismo final e ter afundado no oceano com os outros habitantes. Atribuiu as causas da catástrofe ao uso disseminado de poderosas energias de origem cósmica, que já anteriormente, fugindo ao controle humano, haviam provocado desastres. Contou sobre a danosa explosão de um cristal no qual se achava concentrada a energia solar, literalmente "capturada" e armazenada com tecnologias avançadíssimas. Descreveu maremotos causados por desequilíbrios energéticos e outras espantosas calamidades naturais. Confirmou em tom altamente sugestivo tudo que Platão havia contado no Timeu e no Crítias. Reportou que os sobreviventes da civilização perdida da Atlântida navegaram até a América ou a África, dando vida a novas sociedades evoluídas no Egito, México e Peru. As pirâmides seriam uma prova disso.

Vista dessa perspectiva, a história da Atlântida era apenas uma fascinante excursão no passado, uma retrocognição de grande interesse parapsicológico, mas carente de aspectos precognitivos, sem desembocar, portanto, no futuro. Conquistou em vez disso um valor profético quando Cayce focalizou suas visões num futuro não distante, prenunciando a

descoberta dos restos da antiga civilização no fim dos anos 1960 no oceano Atlântico. Especificou inclusive a área, ao largo das Bahamas. E, com efeito, em 1968, foram identificadas lá onde o vidente indicava, na costa de North Bimini, ruínas de grande interesse arquitetônico, das quais se devia deduzir a existência em idade remota de uma civilização adiantada, engolida pelas águas, da qual não se tinha notícia histórica, apenas lendária.

Cayce não pôde dar sua opinião sobre aqueles escombros, estando morto há mais de vinte anos à época, desde 1947.

O “anel de fogo”

A Atlântida para Cayce não foi apenas o objeto de uma pesquisa em torno de eventos já ocorridos - ou que se supunha tivessem acontecido -, mas sim a metáfora mítica de catástrofes que deveriam convulsionar a terra dali a poucos anos. Sustenta de fato que boa parte dos territórios mais populosos do planeta, como o Japão e a América setentrional, seria coberta pelas águas no fim do milênio. Devido ao rebaixamento dessas terras - e pela reemersão de outras -, haveria o deslocamento do eixo terrestre, que teria começado a modificar sua disposição desde 1936.

E eis o mapa, por ele mesmo traçado em 1934, das catastróficas "modificações" que alterariam a face do planeta por volta do ano 2000:

A Europa setentrional mudará de aspecto dentro de poucos segundos. O solo se abrirá em uma área norte-ocidental da América. O Japão submergirá quase por completo. Uma terra emergirá ao largo da costa oriental da América. Na Groenlândia o gelo, ao se soltar, liberará grandes massas de água. Nos oceanos Ártico e Antártico ocorrerão erupções vulcânicas nas zonas tórridas. Entre a Terra do Fogo e a Antártida emergirá uma nova terra. Os pólos sofrerão uma inclinação que determinará um clima tórrido em zonas hoje frias ou subtropicais.

Já se fala há bom tempo de mudanças climáticas, e as previsões científicas coincidem em boa medida com as do vidente. Do mesmo modo, encontram eco em certos temores dos cientistas as afirmações de Cayce sobre as causas das inundações por ele preconizadas, devido ao gradual crescimento do

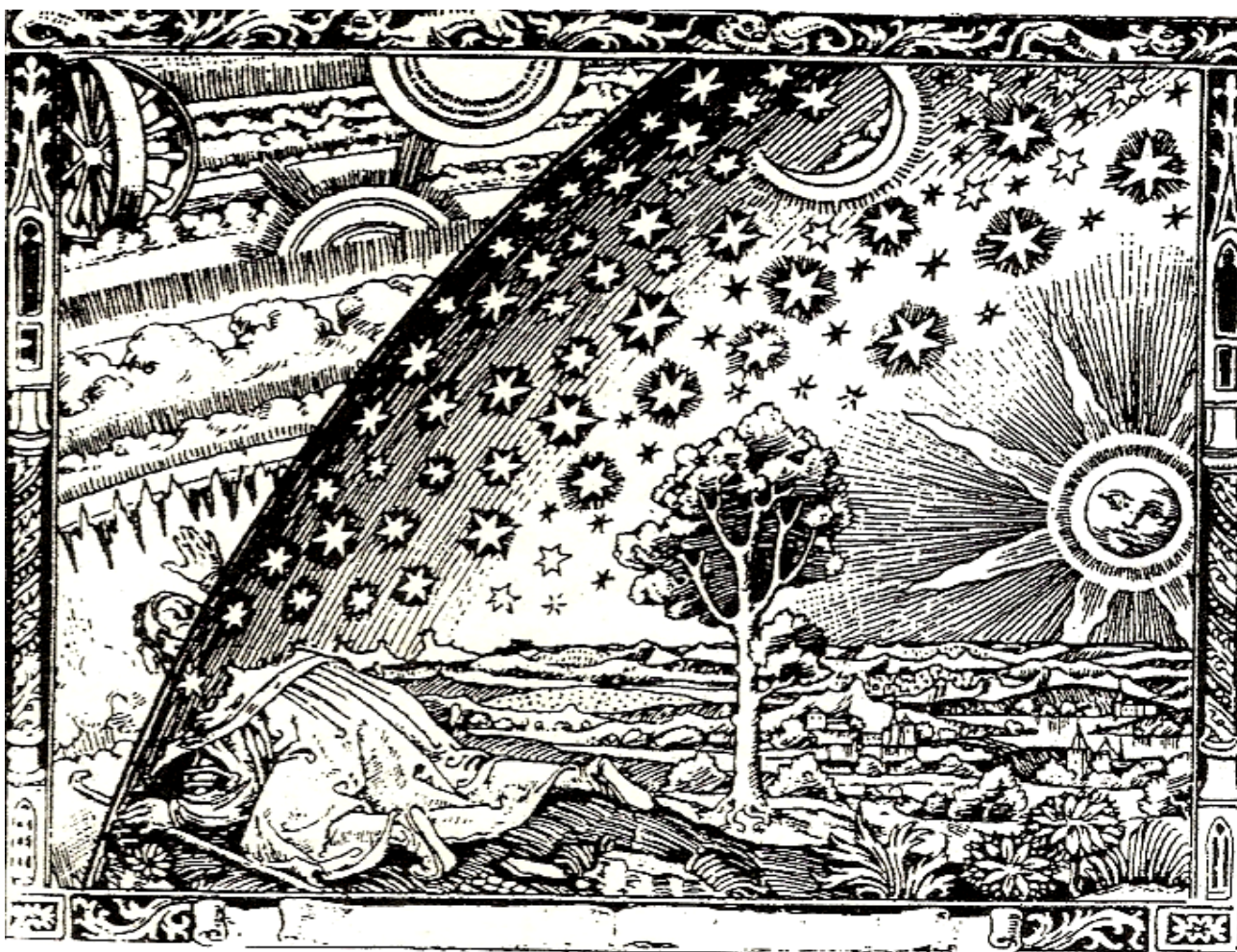
nível do mar, que em sua opinião deveria sofrer no fim do século um repentino acréscimo de dez metros.

Este fenômeno estaria se verificando de fato - não nas proporções apocalípticas indicadas por Cayce - por causa das lesões na camada protetora de ozônio que envolve a terra, das quais derivaria a longo prazo um derretimento das calotas polares.

Um papel determinante nessas catástrofes iminentes seria representado pela atividade dos vulcões que, segundo a teoria de Cayce, teriam comunicação subterrânea entre si. Existiria, a seu ver, um "anel de fogo" em torno do Japão, da China, da Indochina e da Austrália, destinado a provocar alterações geológicas sensíveis no subsolo, com terríveis conseqüências em todo o mundo. Grande atenção foi dedicada pelo vidente - no que se refere a esse aspecto telúrico das suas profecias - à atividade dos vulcões italianos Etna e Vesúvio, que através da hipnose ele "via" ligada àquela de outros vulcões da Martinica e de outros lugares. Da concomitância das suas erupções se poderia intuir uma retomada geral das atividades vulcânicas sobre toda a terra, preâmbulo das grandes transformações prenunciadas em 1934.

Sonhou os cenários futuros do planeta imaginando voltar à vida através da reencarnação. "Viu" estados americanos inteiros, como o Missouri e o Mississippi, submersos por pavorosas inundações; "viu" transbordarem os grandes lagos na fronteira com o Canadá, e suas águas se espalharem Estados Unidos abaixo, passando pela Louisiana até o golfo do México; "viu" o nada onde uma vez existiu Nova York, submersa por um terremoto tal qual a Atlântida; "viu" em seguida operários trabalhando para reconstruí-la.

Mas não foi somente um profeta apocalíptico. Predisse tal como Dixon a morte dos presidentes Roosevelt e Kennedy, tensões raciais e mudanças sociais nos EUA, o fim do comunismo e o retorno da religião na Rússia, fazendo também ele próprio a verdade de Fátima. Mas o que lhe proporcionou maior fama na juventude, e que atraiu para seu estúdio de Virginia Beach uma clientela cada vez mais vasta, foi seu grande talento ao formular as mais inverossímeis previsões econômicas, das quais extraíam muitas vantagens.



O adivinho que busca resposta às suas indagações além dos confins do cosmo.

À época, ou seja, no início do século XX, Edgar Cayce tinha trinta anos, tendo nascido em 1877, e uma discreta fama de taumaturgo. Visitava os doentes através da hipnose e com freqüência conseguia realizar curas surpreendentes. Praticando essa atividade de maneira cada vez mais intensa, deu-se conta de poder reconstruir, sempre através da hipnose, o passado e o futuro dos próprios pacientes, propiciando conselhos que no mais das vezes se revelaram bem-fundamentados.

Da hipnose dos pacientes passou em seguida à sua própria, entrando em estados de transe no decorrer dos quais havia começado a "ver" eventos freqüentemente destinados a se consumir, outras vezes situados em um futuro mais distante, que não podiam ainda ser comprovados. Tinha assim atraído para si a atenção de cientistas e políticos, além da atenção das

peças comuns. A fé na reencarnação havia feito o resto, induzindo-o a viagens extraordinárias nas suas vidas passadas bem como naquelas por vir. Fez descobertas originais ao expor ao grande público o sentido das suas visões. Como quando formulou uma espécie de paradigma daqueles que podiam ser considerados os "pecados" peculiares das diversas nações civis. O pecado dos EUA era o de eles não terem adequado os próprios comportamentos ao lema inscrito na sua moeda, ou seja: "Cremos em Deus" (In God we trust); o pecado da Grã-Bretanha era a soberba nacional; o da França, a luxúria; da China, o isolamento. Quanto à Itália, berço do cristianismo, o seu pecado era o de ter-se desviado e não seguido o ensinamento. Assim como o da Índia, berço de outra grande civilização religiosa, era inverso: o de ter aplicado a tal ponto a espiritualidade que negligenciou as necessidades do homem.

Também esses singulares "boletins" internacionais eram deduzidos pelas realidades conhecidas em estado de hipnose, pois o nível cultural de Cayce em estado de vigília era bastante modesto, não lhe permitindo, portanto, análises aprofundadas de ordem histórica e social. O aspecto profético do quadro assim formulado consistia em prever para cada país um castigo dirigido a punir eminentemente o seu pecado. Como por exemplo, para os EUA, um mal-estar social de proporções cada vez mais vastas, tendente a restringir a margem de distância entre riqueza e pobreza.

A alma do mundo

Hipnose e mediunidade foram os instrumentos essenciais da arte profética de Cayce, que insiste poder entrar em contato através delas com a alma do mundo - com o Akasha dos grandes iniciados orientais, a causa criadora primordial, ligada a todos os fenômenos naturais, também ignorados pela ciência - e folhear aquilo que chamava o Livro da Vida, testemunho de uma inteligência universal e do seu saber oculto, emergente do fundo de uma consciência comum à humanidade inteira. Por ele foram influenciados mestres da estatura intelectual de Carl Gustav Jung e Rudolf Steiner. O primeiro na elaboração da sua teoria do "inconsciente coletivo" e dos "arquetipos" através dos quais se manifestaria a comunhão ancestral de todas as criaturas humanas; o segundo ao lançar as bases de um novo

espiritualismo ocidental, que pusesse o homem em sintonia com a sociedade mediante o recurso ao Testemunho do Akasba, outro nome usado por Cayce para indicar o Livro da vida.



A roda da vida e da morte na interpretação do budismo tibetano.

Esta evidente presença de elementos orientais no sistema divinatório de Cayce entrou em colisão com a exigência típica dos grandes pregadores e profetas americanos de atingir pelos próprios sermões ou profecias da

Bíblia. Pelo contrário, muitos dos argumentos deduzidos do pensamento védico e budista foram enunciados pelo "profeta adormecido" naquela linguagem retórica e bombástica que havia, como os demais, herdado das origens puritanas do sentimento religioso americano.

Foi pródigo, portanto, nas suas profecias, de alusões à função catártica dos desastres anunciados, depois dos quais teria tido início uma "segunda redenção" da humanidade. É por isso que daqui a poucos anos o Cristo deverá novamente encarnar-se sobre a terra para guiar os homens e depois tê-los, mais uma vez redimidos, na construção da Nova Jerusalém, por Cayce definida como "não apenas um lugar, mas uma condição da alma". Não havia em tudo isso nem sequer a sombra de uma contradição, a sua concepção do mundo combinando com o que havia extraído dos cultos orientais.

Sob esse aspecto, as profecias representam na sua originalidade um processo coerente com aquela tradição que tivera entre os seus primeiros protagonistas, os movimentos pela conotação milenarista em sentido quase medieval, animados por uma ânsia escatológica que beirava a obsessão, como a dos mórmons, sempre numerosos no território americano, e dos milleritas extintos ou reunidos nas igrejas adventistas depois do fracasso de cada cálculo deles sobre a data do fim do mundo.

A Nova Jerusalém americana

Sobre o advento da Nova Jerusalém também basearam o seu desígnio profético os mórmons, seguidores de uma doutrina de inspiração bíblica que conta hoje com cerca de 5 milhões de adeptos em mais de cinquenta países, mas com quatro quintos concentrados nos EUA. Ali edificaram sua "cidade santa" de Salt Lake City às margens do Lago Salgado, no Utah, por eles mesmos colonizado na metade do século XIX.

A sua Nova Jerusalém, contudo, ao contrário daquela vaticinada por Cayce, não deveria ser construída pelos homens, mesmo orientados pelo Redentor, mas sim descer diretamente do céu em um lugar do qual não se conhece a localização e que os mórmons chamam de Sião. Como se justifica a expectativa de um prodígio de tais proporções: através da fé no progresso espiritual do homem, que à época já deveria ter alcançado um nível tal capaz

de torná-lo similar a Deus. Nos textos sagrados lê-se a respeito dessa seita fundada em 1830 em Fayette (Nova York) pelo pregador Joseph Smith, vulgo Joe, que "Deus foi por um tempo assim como atualmente é o homem" e que, portanto, "o homem pode se tornar assim como agora é Deus".

Baseia-se nessa presunção o ponto de força (ou de debilidade) da profecia mórmon, segundo a qual o homem para ter sido criado "à semelhança de Deus" é potencialmente idêntico ao seu criador, em condições, portanto, de alcançá-lo na sua perfeição, que representa o último estágio insuperável de uma evolução à qual cada ser humano inteligente pode aspirar. Por isso os mórmons insistem que quando a humanidade amadurecer para tanto, o Cristo ressurgido lhe aparecerá acima do templo de Salt Lake City e fundará em território americano um "reino mórmon milenar", cujos habitantes viverão todos cem anos (meta final de contas modestas, caso sejam considerados os atuais objetivos da medicina).

A profecia, de pura inspiração milenarista, prevê à data dos mil anos de vida do reino uma nova revolta de Satanás, que no entanto será derrotado e confinado definitivamente no inferno com aqueles que o seguiram. Esta será para eles "uma segunda morte", enquanto todos os outros se tornarão imortais. Vão se salvar também aqueles que tiverem as suas culpas, mas não a ponto de merecerem os castigos infernais, e que viverão em um estado de modesta porém perene felicidade, como em um limbo. Os outros serão divididos em duas categorias: os "honrados", isto é, aqueles que se aproximarão da verdade sem conseguirem colhê-la, e os "eleitos", que em vez disso terão recebido a essência. Os primeiros receberão a "glória celeste". Subirão além das nuvens e atravessarão diversos níveis novos de perfeição, prosseguindo no seu itinerário até se identificarem com Deus.

Os mórmons estão hoje reunidos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia, mas além desse distorcido chamado ao cristianismo, a doutrina deles se distancia cada vez mais da letra evangélica. Convencidos de que Jesus fosse unido em matrimônio com Maria Madalena, Marta e Maria, os mórmons praticaram a poligamia até serem impedidos por uma lei do Congresso aprovada em 1862, por eles formalmente aceita somente em 1890. Concebiam por outro lado as relações entre vivos e mortos sob uma luz totalmente particular, contemplando a possibilidade de matrimônio com os falecidos, que chamam "núpcias pela eternidade". Praticam também, em

grande segredo, um rito chamado "batismo dos mortos", dedicado aos antepassados que em vida não puderam ser iniciados na doutrina mórmon, ainda não revelada.

A particularidade do rito é que não se trata de uma genérica função de sufrágio para os defuntos, mas de um sacramento concedido a indivíduos anagraficamente identificados, "rastreados" através de meticulosas pesquisas genealógicas entre os progenitores dos fiéis. Daí a importância dos arquivos anagráficos para o povo mórmon, que considera a função sagrada.

Os acontecimentos ligados à afirmação da comunidade mórmon se incluem entre os mais sofridos que assinalaram o nascimento de numerosos cultos de origem bíblica e evangélica nos EUA. O fundador Joseph Smith e seu irmão Hiram foram linchados em 1844 em Carthago, Illinois, depois de terem sido presos sob a acusação de destruir a sede de um jornal hostil a eles. Contribuiu para fomentar a ira da multidão o ressentimento de outras "igrejas" concorrentes da mormônica, considerada ademais portadora de escândalo pelos seus costumes poligâmicos.

Smith deixou 27 viúvas, mas calcula-se que tenha tido mais de quarenta esposas. Seu sucessor, Brigham Young, morto em 1874, deixou dezessete, com uma prole de 56 filhos.

O texto fundamental do credo mormônico é, junto com a Bíblia, o Livro de Mórmon, cujo nome deriva do inglês more (mais) e do egípcio amon (bem). Escrito em hieróglifos reproduzindo caracteres de imitação mesopotâmica, árabe e egípcia, o texto conta a "história" do continente americano desde 600 a.C., quando os habitantes originais (iraeditas) foram expulsos pelos israelitas. Estes colonizaram o território dividindo-se em dois povos: os nifitas, fiéis a Deus e às tradições, e os lamanitas, rebeldes e pagãos, na prática os índios da saga pioneirística, uma experiência que os mórmons teriam conhecido bem, seguindo em caravanas para as fronteiras do Oeste. Os lamanitas exterminaram os nifitas, mas antes que a estirpe se extinguisse, no ano 421 d.C., os últimos sobreviventes (o profeta Mórmon e seu filho Moroni) escreveram esse livro em tábuas de ouro, enterrando-o para que um dia pudesse ser encontrado pelos novos colonos, vindos como os nifitas do mar.

Na noite do equinócio de outono de 1823, o dia 21 de setembro, nas vestes

luminosas de um anjo, Moroni aparece a Joseph Smith, então com dezoito anos, revelando-lhe a existência do livro, sepultado em uma caixa no monte Cumorah, nas imediações da cidade de Nova York. Apenas em 1827 Smith conseguiu ficar de posse dele, graças a uma outra revelação de Moroni. Embora analfabeto, traduziu seu conteúdo servindo-se de dois cristais sacros, também uma doação do anjo, e o fez publicar em 1830.

Inicia naquela data a verdadeira ação de proselitismo dos mórmons e a sua longa marcha de pouco mais de 2.700 km rumo às regiões despovoadas do Oeste, onde em 1847 fundaram a cidade de Salt Lake City.

Sobre o telhado do seu templo, construído entre 1853 e 1859, ergue-se uma gigantesca estátua de Moroni, o anjo da revelação. É ali que deverá mostrar-se Jesus - dentro em breve, segundo a profecia -, quando chegar a hora de fundar um novo reino.

O dia da Grande Desilusão

A obsessão do fim do mundo, que por mais que se expresse em termos de esperança causa quase sempre apreensão, gerou nos Estados Unidos, por volta da metade do século XIX, uma difundida ânsia de que sua data podia ser fixada. Pelos cálculos efetuados quase exclusivamente sobre textos bíblicos nasceram então diversas profecias, todas tendentes a demonstrar a iminência do juízo universal. A mais célebre, pela repercussão e pela vastidão dos consensos suscitados, foi a de William Miller, em torno da qual se formou (no mesmo ano em que nasciam os mórmons, 1830) um movimento chamado millerita.

Miller estava convencido de que por meio das Escrituras o Senhor tivesse desejado transmitir aos homens a chave para identificar a data do juízo universal, a fim de que ninguém seja apanhado de surpresa. Insiste em que a indicação fundamental estivesse no livro de Daniel, lá onde está escrito que "depois de 2.300 dias [anos, esotericamente] o santuário será purificado" (8,14) e que este prazo é "para o tempo do fim" (8,17). Leva também em conta números relativos para a reconstrução e o fim de Jerusalém: "Setenta semanas foram fixadas para o teu povo, para a tua cidade santa, para que seja coibida a prevaricação, tenha fim o pecado, seja cancelada a iniquidade, venha a eterna justiça. [...] Que fique bem entendido: a partir de quando sair

o edito para a reconstrução de Jerusalém até para Cristo, o Príncipe, serão sete semanas mais 62 semanas. Serão reconstruídas as praças e as muralhas em tempos de angústia. Depois de 62 semanas o Cristo será morto. [...] A cidade e o santuário serão destruídos, devastados. [...] Ele confirmará o pacto com muitos em uma semana, e na metade da semana serão menos as oferendas e os sacrifícios, e irromperão no templo a abominação e desolação, e a desolação durará até o fim." (9,24-27)

Sobre este monte de números, nos quais aparecia com inexorável regularidade o setenário, Miller elaborou cálculos complexos, por meio dos quais concluiu que o ano do fim do mundo seria 1843. Computou os anos que iam da reconstrução de Jerusalém à crucificação de Jesus, mais aqueles da crucificação ao fim do paganismo, do fim do paganismo à afirmação do poder temporal dos papas, desta "abominação" ao seu fim, extraindo a prova inequívoca de que o apocalipse chegaria em 1843. Contando do resto 2.300 anos a partir da reconstrução do templo (457 a.C., segundo a sua opinável estimativa), chegava-se a 1843. Portanto, era aquela, de qualquer modo que se calculasse, a data do fim do mundo.

Acreditaram nele.

Extremamente zeloso, buscou confirmação posterior no terceiro livro de Moisés, o Levítico, onde o Senhor ameaça punir Israel sete vezes pelos seus pecados (26, 18-28). Efetuou novos cálculos que lhe permitiram justamente fixar o dia exato do evento: 21 de março de 1843, equinócio da primavera.

Passou o tempo que o separava desta data, agora fatídica para milhões de pessoas, orando de um extremo a outro dos EUA. Foi seguido por multidões de exaltados, para os quais foi necessário organizar enormes acampamentos ao relento ou sob lonas de circo, já que teatros comuns não conseguiam abrigá-los. Os milleritas se multiplicaram e constituíram uma seita que em breve fez chegar a palavra do mestre à Europa e por fim nas longínquas missões africanas.

Além do movimento de Miller, também tiveram grande impulso naqueles anos no continente africano as profecias baseadas em números da Bíblia, com especial atenção às chaves de Daniel. Apoiaram o cálculo dos 2.300 anos da reconstrução de Jerusalém muitos outros videntes e pregadores, como John "Aquila" Brown e William Cummins Davis, nos EUA, José Maria Gutierrez, no México, e Manuel Lacunza, no Chile, promotores estes

últimos de uma escola profética latino-americana. Pouco variavam as datas previstas para o fim do mundo, desde que se considerasse como ponto de partida o ano 457 a.C., como fizera Miller, ou um ano próximo. Não era totalmente seguro, de fato, quando fosse emitido exatamente o decreto para a reedificação de Jerusalém, mesmo se num espaço de tempo estimado à época entre 457 e 453.

Foram assim propotas pela ânsia dos crentes datas oscilantes entre 1843 e 1847, com uma nítida preferência popular por 1843, pela ascendência de Miller sobre as massas.

Cenas históricas saudaram a chegada de 1843, e quando chegou a data do equinócio milhares de pessoas se dirigiram aos campos para esperar sob as estrelas o fim do mundo. A aurora as surpreendeu atônitas e perdidas. Censuraram-se pela fé que nutriam em Miller, o qual propôs um novo cálculo em arrebatados sermões. A data foi fixada para a primavera de 1844 e depois, seguindo-se nova desilusão, para o outono daquele ano, dia 22 de outubro. Mas, quando este novo cálculo também se frustrou, o prestígio de Miller se desfez em pedaços e a seita se dissolveu como neve ao sol.

Os milleritas que haviam doado os seus próprios bens foram considerados pelos tribunais como incapazes de entender e de querer. Ocorreram atos de violência e tentativas de linchamento contra os mais estreitos colaboradores de Miller, mas, sobretudo, uma imensa amargura entre aqueles que acreditaram sinceramente na sua mensagem. Alguns se identificaram com as igrejas adventistas, assim chamadas pela sua espera de um novo "advento" de Cristo. Os demais se dispersaram numa diáspora sem retorno.

Miller morreu dali a alguns anos, em 1849, procurando novas chaves na Bíblia. De infarto, segundo se disse.

Ainda hoje a data de 22 de outubro de 1844, última fronteira da profecia millerita, é recordada por certos historiadores americanos como "o dia da Grande Desilusão".



31

A Grande “Viagem” de Padre Pio

O Papa acabara de conceder à pequena grande santa Teresa de Lisieux, chamada também de Menino Jesus, o título de “doutora da Igreja”, que só duas mulheres de estatura histórica enorme, como Catarina de Siena e Teresa de Ávila, tinham até então recebido em toda a história da cristandade. Padre Pio da Pietrelcina o havia previsto em 1922, antes mesmo que ela, embora com apenas 25 anos e ainda nem de todo conhecida, fosse beatificada.

É uma das profecias "mínimas" desse frade, destinado a se tornar santo por sua vez, que também fez das "grandes". Padre Pio, à época Francesco Forgione, tinha ainda 35 anos e era sacerdote há doze, estigmatizado há quatro e objeto de severas restrições impostas pelo Santo Ofício. Suspeito de impostura, foi-lhe proibido celebrar a missa em público e manter correspondência com os fiéis, os quais, porém, continuavam a venerá-lo e a pedir-lhe a bênção.

Estava por isso em resignada privação no seu convento de San Giovanni Rotondo, naquele maravilhoso canto de Puglia que é o Gargano, quando foi procurado por uma devota que lhe trazia a fotografia de uma freira menor morta com sinais de santidade no Carmelo de Lisieux. Fora-lhe enviada por uma amiga da França e pedia que padre Pio a abençoasse.

O frade sorriu ao olhar a imagem.

- Não é beata ainda - disse -, mas todos já a consideram uma santa. Um dia o será, dentro em breve. Ou melhor, corrijo-me, será uma grande santa.

Teresa de Lisieux foi beatificada um depois e, dali a dois anos, feito santa. Grande logo se tornou, pela onda de devoção suscitada em todo o mundo com os ensinamentos profusos na sua História de uma alma. Apenas hoje

recebeu a confirmação do título de "doutora da Igreja", que a coloca no mesmo plano de Tomás de Aquino, Alberto Magno e Roberto Bellarmino.

O tormento das chagas

Sempre no tema da santidade, talvez a mais importante, das profecias de padre Pio, com certeza a mais trágica por si mesma, foi colocada por escrito quatro anos antes, em 29 de setembro de 1918, nove anos depois de ter recebido as chagas, em carta a uma outra devota. Estava agora transformado em uma efígie sangrenta da paixão de Cristo, com o dorso trespassado pela lança de um arcanjo que lhe apareceu em visão, as mãos e os pés perfurados, o coração lesado. Debilitado e transtornado por tudo que descobrira em êxtases sobre aquilo que o futuro lhe reservava, abatido pela dor física, escreveu que "mil mortes mais atrozes bem pouco representariam diante desta cruz que me foi enviada por Deus e que me acompanhará até o fim da minha viagem".

Não é uma profecia como tantas. É a profecia de um prodígio concatenado e conseqüente àquele, já por si mesmo extraordinário, da estigmatização: "(...) até o fim da minha viagem: Padre Pio previu que à sua morte - e portanto à época - as místicas feridas desapareceriam do seu corpo. Prenuncia, em outras palavras, um fenômeno insólito e cientificamente inexplicável, como o desaparecimento repentino das chagas sobre o corpo do defunto. Fenômeno considerado habitualmente como uma prova da efetiva autenticidade - ou da origem sobrenatural, para quem acredita - das chagas. E é o que acontece no caso de padre Pio, como havia escrito, ao fim da sua "viagem", na noite de 23 de setembro de 1968. As chagas desapareceram por reconstituição espontânea dos tecidos na sua carne morta, em seguida a um processo fisiológico que, tendo se verificado sobre um cadáver, excluía as possíveis causas de histeria, habitualmente invocada pelos céticos (e pelo padre Agostino Gemelli, no seu caso junto com outros detratores) como explicação cômoda para tudo que fugia à razão.

Ao prever o prodígio que se verificaria após sua morte, padre Pio preconizava a data. Sabia - e o disse em seguida, pouco antes do fim - que sua "viagem" estaria terminada em exatos cinquenta anos após o desaparecimento das chagas, como de fato aconteceu.

“Nada mais de massacres” no século XXI

Ao contrário do que aconteceu no caso de outros grandes protagonistas do misticismo ocidental, é difícil pensar que a fantasia possa ter acrescentado muito à "lenda" de padre Pio ao atribuir-lhe extraordinários poderes. Comenta-se que possuía a maravilhosa capacidade de ler os pensamentos de quem lhe estava à frente (e às vezes cartas em envelopes fechados) e de estar presente em dois lugares ao mesmo tempo (bilocação), de descobrir verdades distantes no tempo, de resistir a lutas extenuantes com o demônio. Bem, de cada um desses fenômenos, que tanta perturbação provocaram no seu tempo nas hierarquias eclesiásticas a ponto de induzi-las a uma autêntica perseguição a ele, existem achados que puseram em prática "o personagem religioso talvez mais conhecido do século XX, conhecido também entre os protestantes, hindus, budistas e por fim ateus", como veio a dizer numa entrevista o padre Paolino Rossi, que defendeu sua beatificação. Mas foi também um dos homens mais atribulados e sofrendores, misteriosos e imprevisíveis do mundo católico contemporâneo, lacerado entre as beatitudes da ascese e as penas da crucificação.

Neste vaivém de êxtase e mal-estar - com febres de até 48°C, desmaios e violentas alterações físicas com entidades maléficas - aparecem profecias de ar milenarista que extrapolam as previsões apocalípticas tradicionais para indicar o século XXI como meta de felicidade e bem-estar.

É a mais surpreendente das coisas ditas no decorrer do século que passou sobre o que aconteceria na virada do milênio. Nem castigos nem catástrofes, nada de inundações e terremotos, guerra, escasseza, desolação, nada disso, mas uma tomada de consciência geral e regeneração também política. O ano 2000, segundo esta profecia colhida em 1957, pelo jornalista americano Daniel Harvey, deveria representar "o momento da grande reconciliação universal e da instauração de uma ordem em marcha há milhares de anos". O que significa que naquela data, ou seja, agora, a humanidade deveria estar preparada para uma nova idade de ouro, pois "Deus dispensa suas benesses apenas se os homens", disse também o frade ao jornalista, "estão em condições de compreendê-las".

Dos políticos da época deu uma definição crítica, mas indulgente: "São como certos doentes que não podem suportar a luz do dia e preferem ficar

numa sala com as persianas fechadas, mas muito em breve haverá que se abrir os olhos ou, se não eles mesmos, os seus sucessores.” Previu, ao dizer isso, o fim das ideologias dentro de uns trinta anos, vale dizer por volta de 1987, como na realidade aconteceu: "Todos os ideais políticos que estão na origem das misérias atuais desaparecerão por vontade de Deus.” Acrescenta que "a ciência tornará inúteis certas batalhas estéreis". Não fica claro ao que se refere, mas poderia ter desejado dizer que a evolução tecnológica levaria à realização de sistemas tais de ataque e defesa que tornariam impraticável um confronto armado.

Na mesma ocasião disse ainda, textualmente: "No século XXI não haverá mais massacres.” Estava ciente do quão inverossímil poderia parecer uma previsão deste tipo no ano em que a conferência da OTAN decidia a instalação de bases de mísseis na Europa, e a dos partidos comunistas, em Moscou (64 países, inclusive a China), reforçava o empenho da luta antiimperialista até o fim. Mas a sua esperança de paz, projetada rumo a um futuro não distante, era intensa: "Eu sei que ainda não vai tudo bem sobre a nossa terra, e que milhões de homens estão prontos a empunhar suas armas. Mas, se Deus quiser, dentro de trinta anos o milagre há tanto esperado se cumprirá.”

Visões de sangue: Aldo Moro e Robert Kennedy

Para ele a terra era como um corpo "ainda afetado por furúnculos", mas capaz de ser curada. A similitude do organismo doente e necessitado de cuidados entrava entre as imagens congeniais à sua sensibilidade taumatúrgica, graças à qual pudera efetuar prodigiosas curas e também, como garantem testemunhos plausíveis, uma ressurreição. Quem voltou à vida teria sido um menino de seis meses, morto durante a viagem empreendida pela mãe para levá-lo a San Giovanni Rotondo, onde esperava que o pequeno, acometido de uma grave doença, pudesse ser curado por intervenção de padre Pio.

O menino deixara de viver no trem, mas a mãe não desanimou e, confiando num milagre, quis prosseguir na viagem até San Giovanni Rotondo.

Que o menino estivesse decididamente morto é demonstrado por um detalhe macabro: a mãe depositara o corpinho em uma mala após envolvê-lo "em

algumas roupas", como reporta escrupulosamente Antonio Pandiscia na sua biografia de padre Pio. E eis o que acontece à chegada, como conta na sua essencialidade Pandiscia, sob o título significativo Como Lázaro: "Quando padre Pio viu o conteúdo da mala, empalideceu e chorou. Voltando os olhos para o céu, rezou intensamente por alguns minutos: 'Mas por que gritas, não vês que o menino dorme?!' O menino, de fato, dormia serenamente."

Estava presente no episódio o professor Guglielmo Sanguinetti, diretor da Casa sollievo della sofferenza, a grande obra hospitalária desejada por padre Pio, que constatou a morte clínica do menino ao abrir a mala, e, logo depois, a inesperada reviravolta.

Eventos do tipo, que aumentavam desmesuradamente o carisma do padre sobre seus devotos, eram por ele desdramatizados e redimensionados, freqüentemente no ato. Conhecia muito bem os limites dos próprios poderes, claramente convencido de não ser nada mais que um intermediário, cuja intercessão podia, em certos casos, provocar uma intervenção divina. Nisso era coerente com o ensinamento das Escrituras sobre a possibilidade de operar milagres ou formular profecias, que não reside no indivíduo, sendo apenas um dom concedido pelo céu.

É nisso que se distingue, por outro lado, o autêntico carisma sagrado das artes dos curadores que, com a imposição das mãos, conseguem infundir uma energia própria sobre o doente. A energia curativa do taumaturgo de Pietrelcina não vinha de dentro de si, mas ele a invocava do alto, em prece, para depois direcioná-la para onde seu coração apontava.

Insistia em deixar isso bem claro. "Como você é bobo", disse uma vez ao jornalista Giovanni Gigliozzi, que o agradecia pela cura de um parente, "Fui eu quem o curei? Foi aquele lá em cima! Não tenho nada a ver com isso:" Havia naturalmente afeto e confiança entre os dois, sendo Gigliozzi à época diretor, por pura devoção, do periódico Casa soliero della sofferenza.

Apontar a cura física de seres humanos individuais, até mesmo recusando aceitar o mérito, tornava-se para padre Pio pretexto profético, do qual extrair por analogia oráculos de alívio universal. A uma senhora americana que havia livrado de uma grave doença de pele que a fizera sofrer por longo tempo, ele disse: "Estás curada, como um dia estará o mundo curado da fome."

Deste modo, através de paralelos e confrontos entre os acontecimentos

humanos individuais e aqueles universais, o vidente mostrava com simplicidade a sua fé na vontade de um Deus do qual nada escapa, em constante tensão de bem.

Assim, um dia, ao dirigir-se a uma turba de peregrinos afligidos por dolorosas doenças, vaticinou a derrota do mal do século: "Vejo a iminente vitória dos homens sobre a doença mais terrível entre todas as que estão matando a cada ano milhares de pessoas: o câncer." Acrescenta que cientistas de todo o mundo deveriam colaborar entre si para descobrir o remédio, evidenciando assim a urgência de solidariedade e irmandade em qualquer empreendimento voltado para o bem da humanidade. Era por isso, talvez, que se deveria "lutar ainda muito", insiste realisticamente em especificar, antes de se alcançar um resultado tangível.

Não escaparam à visão profética de padre Pio os horrores do terrorismo. Um dia, enquanto saía da capela onde costumava encerrar-se em prece, sua atenção foi atraída por um jornal dobrado sobre uma mesa. Estampava com destaque na primeira página uma foto de Aldo Moro. O frade se aproximou, fitando-a com uma expressão primeiro perturbada, a seguir aterrorizada. Cobrindo os olhos com as duas mãos murmurou, quase chorando: "Sangue... Quanto sangue." Era início dos anos 1960.

"Viu" do mesmo modo a morte de Robert Kennedy, que, ao contrário de Moro, não conhecia sequer através da imprensa, já que não lia jornais. Descreveu detalhadamente a cena, exprimindo uma piedade profunda por aquele homem "jovem e sorridente" que varava a multidão convencido de "voar rumo à vitória enquanto Deus já o estava chamando". Porém a coisa mais surpreendente não foi a precisão dos detalhes, como a alusão à origem palestina do assassino, filho de "uma raça que sofre nas suas carnes", mas sim a certeza expressa pelo vidente de que "o crime poderia ter sido evitado", Havia "pelo menos três pessoas" junto à vítima que sabiam o que estava para acontecer, segundo padre Pio, e nada fizeram para evitá-lo. O que coincide com as hipóteses de complô, que a seguir afloraram em torno dos motivos e mandantes desse delito que permaneceu praticamente insolúvel.

Os “Despeitos” de Satanás

Juntamente com outros profetas e iniciados de qualquer época, padre Pio teve a constante adversidade das forças do mal, seja lá como se o queira entender, que no seu caso materializaram os próprios efeitos em agressões físicas, pancadas, terríveis "despeitos". Ele chamava de "cossacos" esses emissários do demônio, que no decorrer da noite realizavam espantosas incursões na sua cela, aterrorizando com o seu alvoroço os outros frades do convento. Seu interlocutor direto, em muitos desses confrontos, era o "cossaco" por excelência, uma personificação de Satanás, que de início tentava conquistá-lo com as mais falsas propostas para depois reagir com fúria inaudita às suas recusas.

Lê-se em uma carta do frade ao seu pai espiritual sobre uma agressão "daquele cossaco" que se prolongou das dez da noite até as cinco da manhã. "Não fez mais que me golpear continuamente: pensei que aquela ia ser a última noite da minha existência." Tais tormentos se intensificaram depois que padre Pio recebeu as chagas: "Caíram-me em cima como tigres esfomeados, amaldiçoando-me, ameaçando que me fariam pagar caro. Mantiveram a palavra: a partir daí começaram a me bater diariamente..."

As violências dos demônios provocavam tanto barulho que aterrorizavam não somente os confrades de padre Pio, mas também os moradores das casas próximas. Decidiu-se uma vez chamar um exorcista, e por algum tempo os fenômenos se interromperam. Uma outra vez, quando estava ainda no mosteiro de Foggia, antes de transferir-se definitivamente para Gargano, foi hóspede dos frades o bispo de Ariano Irpino. O prior do convento, padre Nazareno d'Arpaise, quis pôr o prelado a par, informando-o sobre as estranhas coisas que poderiam acontecer durante a noite. Mas o bispo, homem moderno e atualizado, ironizou seus temores: "Ora, a Idade Média já acabou há muito tempo! Não vá me dizer que ainda crê nessas tolices!"



Monges e eremitas são, por tradição, molestados ou tentados pelos demônios, como neste desenho datado de 1512 de Urs Graf

A conversa acabou ali, mas pouco mais tarde, enquanto o bispo ceava com os frades, ouviu-se por todo o convento um precipitar de passos em direção ao quarto onde estava trancado padre Pio e um estrondo tão violento que parecia uma detonação. Padre Pio foi encontrado quase desmaiado, empapado de suor. O bispo, aquela noite, não quis dormir sozinho.

O frade continuou a sofrer de tais distúrbios por toda a vida; e também no altar, enquanto dizia a missa, aconteceu-lhe às vezes ter de ficar atento a "alguma coisa" que tentava impedir o prosseguimento do rito, sobretudo na proximidade da elevação da hóstia. Não se deve excluir que tais impedimentos pudessem ser atribuídos a certas interrupções ou pausas que prolongavam a duração da missa por uma hora ou pouco mais.

Testemunhos de sacerdotes que o conheceram intimamente fazem crer que as primeiras intromissões do Diabo na vida de padre Pio remontam à sua mais tenra infância. Fala-se de "tormentos diabólicos" desde a idade de quatro anos. O padre Benedito, de São Marcos em Lamis, declarou por escrito que "o Diabo se apresentava em figuras horríveis, com frequência ameaçadoras, espantosas", impedindo-o de dormir. O próprio padre Pio, ao falar daqueles anos, recordava que quando sua mãe apagava as luzes para a noite "e tantos monstros se acercavam de mim, eu chorava". Contava; além disso; sobre "um homem vestido de padre" que o esperava à soleira da casa para não deixá-lo passar, mas que porém fugia ao sinal-da-cruz.

Mas, junto com os demônios, vieram também naqueles mesmos anos os anjos e os santos. Aos íncubos se alternaram as visões beatíficas. "Os êxtases e as aparições começaram ao quinto ano de idade", anotou padre Agostino, de São Marcos em Lamis, no seu diário, "e foram contínuos. Interrogado sobre como tinha escondido isso por tanto tempo, respondeu candidamente que nunca o havia mencionado porque acreditava que fosse coisa comum, que acontecia com todas as almas:"

A literatura sobre a luta entre Satanás e padre Pio é vasta, e tem o mérito de ser muito documentada, não obstante a particularidade do tema. Também os episódios mais inverossímeis têm sempre o aval de alguém que viu, que ouviu, que estava de algum modo presente, para não falar dos achados físicos sobre o corpo do capuchinho, marcados por hematomas e escoriações devidos a maus-tratos de todo gênero.

Entre os mais terríveis relatos em torno dos embates do bom frade com os demônios, inclui-se o do aparecimento - não vamos chamar de aparições - de um monstruoso cão negro num quarto fechado a cadeado do lado de fora. Padre Pio dormia ao lado, e durante a noite ouviu passos além da parede, como se alguém andasse de um lado para outro no quarto. Acreditando que fosse um frade que não conseguia dormir ou estivesse passando mal,

levantou-se para perguntar-lhe através da janela se precisava de alguma coisa. Mal havia chamado do peitoril, toda a resposta que ouviu do interior foi um terrível latido. Teve o tempo justo para recuar e viu saltar pela janela uma besta de proporções enormes, de pêlo liso, negríssimo, que antes de fugir pelos telhados se voltou na direção dele mostrando dois olhos em brasa. O cão desapareceu na noite. Constatou-se na manhã seguinte que o quarto anexo estava fechado há meses.

Mas o Diabo não se dedicava apenas a traumatizar o seu inimigo aparecendo-lhe nas formas mais horríveis. Não deixava de apoquentá-lo, como é tradição diabólica em relação às almas pias, com "brincadeiras" que submetiam a duras provas sua paciência. Interferia, sobretudo, na correspondência de padre Pio, tentando isolá-lo daqueles com os quais tinha ligações de sintonia espiritual. Uma vez fez desaparecer o texto de uma carta que o frade esperava ansiosamente de seu mestre espiritual. À abertura do envelope, a folha apareceu totalmente em branco. Uma outra vez, a escrita tornou-se ilegível por uma repentina mancha de tinta, que se derramara por toda a folha. Mas desta vez padre Pio pegou o aspersório e borrifou a carta com água benta, fazendo sumir a mancha e reaparecer a escrita.

Também disso existe documentação escrita pelo próprio punho de padre Pio, que relatou o ocorrido ao seu correspondente. Além do mais, estava presente à abertura das missivas o monsenhor Salvatore Pannullo, arcipreste de Foggia, que confirmou o acontecido. Estava presente também uma terceira vez, quando padre Pio recebeu uma carta em grego.

Esperava-se que o frade recorresse a alguém que a traduzisse, mas em vez disso ele começou tranqüilamente a lê-la.

- Conhece grego? - perguntou-lhe então o arcipreste, com uma ponta de estupor.

- Não - respondeu padre Pio com a maior naturalidade. - Meu anjo da guarda traduziu para mim.

Voando sobre Gargano

Atribui-se a padre Pio uma profecia sobre a reconversão da Inglaterra à religião católica. Viu-se como um vaticínio do gênero, antecipado por outros

videntes antes dele, encontra hoje uma certa correlação no evoluir do processo ecumênico pela reunificação das igrejas cristãs, apressado a seu tempo pelo papa, mas também - no que diz respeito especialmente à Igreja anglicana - num renovado interesse dos fiéis anglo-saxões pelo ritual romano, desejosos, como a pobre princesa Diana, de assistir a cerimônias litúrgicas tradicionais.

A profecia remonta à década de 1920, e é interessante o contexto na qual foi pronunciada. Deu-se durante uma conversa entre um pastor protestante regressado das missões africanas e um grupo de frades católicos, entre os quais padre Pio. Falou-se de milagres, e o missionário anglicano disse que também entre os seus pastores havia alguns capazes de realizá-los. Um dos capuchinhos negou essa possibilidade. Padre Pio, por sua vez, deu razão ao protestante:

- É Deus quem faz os milagres, e os faz para quem bem entende. Pode, portanto, se sair muito bem uma alma boa que o invoque sinceramente pelas próprias necessidades.

- Mas a graça... - objetou o frade.

- Existem muitas almas boas entre os protestantes - respondeu padre Pio -, como nem sempre elas são encontradas entre nós, que temos a sorte de conhecer toda a verdade e não uma parte... Conheci muitas santas criaturas, inglesas e americanas, provenientes do protestantismo.

- E elas acham possível - perguntou neste ponto o pastor inglês - a conversão da Inglaterra?

- Sim, a Inglaterra se converterá, mas não toda ela... Os ingleses se converterão pouco a pouco.

É uma hipótese que hoje, oitenta anos depois da predição, parece nada mais que remota. O refluxo dos ingleses no catolicismo, se houver, será lento e gradual. Ocorrerá "pouco a pouco", como disse padre Pio.

Seu interlocutor anglicano foi o primeiro. Tornou-se católico depois daquela conversa, dando assim um sinal da credibilidade sobre a qual se apoiava a predição formulada pelo capuchinho com tanta simplicidade e respeito pelas convicções religiosas alheias. Nos anos seguintes, outros protestantes passaram ao catolicismo através do contato com padre Pio. A mais espantosa dessas conversões teve por protagonista um oficial da força aérea americana, estacionado em Bári logo depois da guerra.

O oficial esteve no centro de um episódio entre os mais estranhos do último conflito. Tendo que bombardear um posto militar alemão no Gargano, nas imediações do povoado de San Giovanni Rotondo, havia quase alcançado o alvo no comando de uma esquadrilha de bombardeiros. Estava previsto, para não errar o objetivo, um clássico bombardeio de varredura, segundo os cânones táticos observados à época pelas forças aéreas aliadas. O preço em vidas humanas, entre a população civil, seria elevado. Mas poucos segundos antes de lançar a mortífera carga de bombas, quando já estavam sobre o povoado de San Giovanni, os pilotos americanos viram destacar-se diante deles no céu a gigantesca figura de um frade que agitava os braços, enquanto a instrumentação, como enlouquecida, indicava uma mudança de rota.

E de fato era aquilo que estava acontecendo: os aparelhos se desviaram sem responder aos comandos dos pilotos, despejando sua carga de bombas sobre uma área desabitada dos bosques circundantes.

O depoimento dos outros pilotos envolvidos no inverossímil episódio salvou com toda certeza seu comandante da corte marcial, mas depois da guerra, sendo designado para o quartel-general de Bári, o oficial quis visitar San Giovanni Rotondo, onde lhe foi dito que havia um santuário e um frade com sinais de santidade, capaz de extraordinários milagres.

Acompanhou-o o general italiano Bernardo Rosini, ao qual se deve este testemunho. Foram com eles alguns pilotos que haviam participado da ação sobre o Gargano. Bem, tão logo o oficial americano entrou na sacristia com seu séquito, padre Pio foi ao seu encontro abrindo os braços e, em dialeto beneventano lhe disse: "Ah, então és aquele que queria matar todo mundo!..."

O americano, empalidecendo, se ajoelhou a seus pés. Padre Pio o fez levantar. Os dois conversaram por um longo tempo e se tornaram amigos. A conversação - não só do oficial, mas dos outros pilotos - foi o epílogo natural do encontro. Permanece um mistério a língua através da qual se comunicaram o frade e o oficial americano, pois este não entendia uma palavra de italiano e muito menos daquele complicado dialeto com que padre Pio o havia saudado ao "revê-lo". Mas a quem quer que lhe perguntasse o oficial sempre respondeu que padre Pio se dirigira a ele em inglês.

Fátima além de Fátima

Iniciamos por Fátima, a profecia mais trágica e popular do século XX, entre as mais alarmantes de todos os tempos, e não somente para os cristãos, mas para tantos fiéis de outros cultos, envolvidos em uma idêntica ânsia de conhecer aquele "terceiro segredo" sobre o qual foram formuladas até agora as mais tremendas hipóteses. Partimos de Fátima, um mistério católico que pertence ao mundo inteiro, em torno do qual existem intrincadas reivindicações às vezes surpreendentes, mas legitimadas por uma participação real naquele mesmo mistério, dignas, portanto, de respeito, como no caso dos aiatolás citados, convencidos de que a Senhora da aparição seja uma santa muçulmana e, como tal, escutada. Partimos de Fátima, porque muitos elementos da profecia induzem a procurar um elo, a identificar o fio de uma continuidade com as grandes revelações apocalípticas do passado, principalmente a de João, mas sem desprezar as contribuições dos profetas bíblicos e de qualquer outra religião, documentadas das escrituras antigas ou da boca do povo, de mitos e lendas de origem inclusive pagã, mas em todo caso convergentes no sentido de uma visão comum dos destinos finais do homem.

O itinerário percorrido através das grandes profecias de cada tempo e país - e também as pequenas, que em certos casos representam uma gemação das maiores, úteis para a compreensão delas - oferece pontos de sustentação de uma hipótese do gênero, ou seja, que Fátima possa ser lida, sem nada tolher da originalidade divina da mensagem, como quintessência escatológica da história do homem. Falamos de pontos de sustentação, é bom repetir, mas não de demonstração, de uma possibilidade totalmente intuitiva e aleatória, longe de qualquer certeza, que não nasce de uma tese nem tende a constituir uma; e que não fere a essência misteriosa do evento ao qual se refere, mas tenta favorecer sua compreensão, nos limites profanos em que é possível, até mesmo através de interrogações destinadas a permanecer, por sua natureza, sem resposta.

Partimos de Fátima, em definitivo, para não achar outra possibilidade de concluir o itinerário senão voltando a Fátima. O que, para uma viagem que queria ser de simples reconhecimento histórico, e não o foi, pareceria um

sinal pelo menos extravagante. A prova daquela imprevisibilidade que, por força de coisas que se devem levar em conta quando nos aventuramos, mesmo com a cautela do cronista, vai além da soleira da percepção.

O vidente do Liri

O espírito de Fátima é uma síntese de horrores e ternura, no qual o espanto se entrelaça à esperança, mantendo inalterado o equilíbrio entre a ameaça do castigo e a possibilidade de evitá-lo, entre a justa ira do Pai e o indulgente amor da Mãe.

Também os primitivos apocalipses, como se viu, baseavam-se em um equilíbrio análogo, pelo qual a pena era sempre equilibrada por uma hipótese salvadora. Sem, porém, a doçura de Fátima, em cuja mensagem há uma corda a mais. A do amor.

É uma corda que já vibrou, antes de Fátima, em outras ocasiões de exaltação mística, e continua sempre a vibrar numa sucessão de fenômenos que repropõem o eco em outro lugar - e de outras maneiras, em formas múltiplas, mas assimiláveis a um mesmo desígnio - sobre o fio de uma tradição profética que tem raízes milenares, mas rebentos novíssimos, de floração totalmente imprevisível. Vibrou em Lourdes e Medjugorje, com êxitos de ressonância mundial, mas também em uma infinidade de outros lugares que a devoção popular considera agora "santos". Um dia talvez surgirão santuários nesses lugares, ou não, mas o certo é que aquilo que ali acontece envolve videntes e devotos os mais diversos por cultura e extração, todos igualmente animados daquele espírito de Fátima no qual não existe só a excitação da fé, mas a necessidade íntima de ter acesso a verdades imperscrutáveis.

Ao espírito de Fátima pareceria por muitos aspectos conectável o que há dez anos acontece em Isola del Liri, uma nobre cidade pequena de grandes memórias renascentistas no coração do Lácio, a uns 30km de Frosinone, onde um homem já ancião mas de força extraordinária, também no sentido físico, para as provas às quais é submetido, recebe "mensagens" de teor dramático e ao mesmo tempo salvador de entidades que se manifestam no semblante da Virgem Maria, de Jesus e do próprio Deus Pai. As visões acontecem no decorrer de êxtases com frequência, cruentos, acompanhados

de fenômenos e reações físicas reconduzíveis à cristologia da Paixão, como estigmas, chagas, tumefações e outros sinais de martírio. Mas não obstante certas aparências comuns a toda uma casuística de interesse religioso e antropológico, o caso deste estigmatizado de complexão robusta e rosto franco, de belas feições e olhos claros, chamado Albino Reale e nascido em 1920 em Arpino, apresenta características próprias e incomuns, que exigiram a atenção de médicos, psiquiatras e autoridades eclesiásticas. Com êxitos surpreendentes, tanto no que se refere à natureza dos estigmas no corpo de Albino quanto aos seus estados de êxtase.

Atestam isso os laudos periciais assinados por médicos ilustres, agora nos autos da comissão diocesana instituída (e presidida) por monsenhor Luca Brandolini, bispo de Sora.

O neuropsicólogo Adriano Paolini, membro laico da comissão, assegura que Albino "não é um iludido nem um mentiroso, mas um homem extremamente confiável", que, submetido aos mesmos exames efetuados na sua época em padre Pio, não se provou "nem esquizofrênico nem delirante, nem propenso a psicoses ou outras patologias". Acrescenta que "certamente em boa-fé produz fenômenos inexplicáveis em cada nível", dos quais é provavelmente apenas o meio de transmissão, pois são devidos a "algo que se desencadeia por si só, sem ser desejado nem procurado por ele". Mas deve-se excluir taxativamente, conclui, que a origem do caso possa ser uma síndrome histérica. E Paolini, que se gaba de uma prolongada experiência de estudo em torno de fenômenos considerados extraordinários, com especial referência àqueles de interesse eclesiástico, esteve também entre os especialistas naquela época interpelados sobre as chagas de padre Pio.

A ciência além da fé

No caso de Albino Reale houve acertos tanto em relação às visões quanto às lesões sobre o corpo. No que se refere às primeiras, os testes feitos por Paolini, especialista em hipnologia, demonstraram que Albino "não é paciente sugestionável nem hipnotizável" e que recebe suas mensagens" em estado de consciência alterada". Em uma condição, isto é, que no seu caso parece como "a resultante de um transe no qual confluem as características do êxtase místico, da mediunidade e do sono hipnótico, não aquelas da

possessão diabólica".

Esta última distinção, fundamental em fenômenos do gênero, tornou-se possível através de encefalogramas, efetuados pelo neurofisiólogo Marco Margnelli de Milão, que permitem identificar as características sintomáticas dos diversos estados de consciência através de parâmetros como a sensação de beatitude (presente nos fenômenos extáticos, ausentes nos diabólicos) ou a atividade ideomotora (ausente nos extáticos, presentes nos possuídos), o desdobramento da personalidade (típico da possessão, jamais revelado no êxtase), a modalidade da entrada em transe (repentina no êxtase, progressiva na possessão). Concorrem para estabelecer tais diferenças análises neuro-hormonais (por exemplo, aumento da atividade adrenalínica no transe extático ou diabólico, diminuição na mediúnica ou hipnótica), processos neurofisiológicos (nada de suor no êxtase, freqüente na possessão, sempre na hipnose) e reações musculares visíveis ou de outra natureza.

Quanto aos estigmas e outras lesões, o dr. Adolfo Panfili, da Universidade Católica de Roma, presidente da Associação Internacional de Medicina Ortomolecular (AIMO), atesta que se trata de "feridas topograficamente correspondentes à da crucificação do Cristo", situáveis "no contexto dos sessenta casos analogamente documentados no mundo [...] de 1930 a hoje, segundo o critério de avaliação, universalmente reconhecido pelos institutos eclesiásticos e científicos, de Thurston".

É um atestado tão diligente e tão corajoso do ponto de vista científico, que o próprio bispo Brandolini deve ter ficado sem espaço, tanto que até agora evitou pronunciar-se sobre o caso, neste ponto fiel à tradicional cautela da Igreja. Os outros médicos, por sua vez, compartilham abertamente o conteúdo. Para Paolini, as lesões no corpo de Albino Reale são "absolutamente espontâneas", pois as análises a que foram submetidas mostrariam qualquer tentativa de provocá-las por meio de corte ou perfuração. Para Margnelli, que defendeu com unhas e dentes a excepcionalidade do fenômeno durante um animado debate do programa televisivo Misteri, na RAI-2, não apenas o "caso Reale" apresenta aspectos totalmente inexplicáveis à luz dos atuais conhecimentos científicos, como também aparece assinalado por particularidades que excluem qualquer suspeita de demonismo ou mistificação, tornando-o digno de especial atenção.

Exprime esta particularidade com total evidência o fato, por si só paradoxal, de que são os cientistas a ser impelidos, em vez do bispo, para o terreno da imponderabilidade, e que seja o bispo, por sua vez, a se refrear, como se preocupado não tanto com a eventualidade de uma fraude, mas sim com algo similar a uma onda capaz de arrastar os fiéis para longe da ortodoxia. É, porém, uma eventualidade que parece remota para o dr. Paolini: no fundo, diz ele, na casa de Albino se reza e se realizam obras de conversão, às vezes de cura, sem se aceitar ofertas de qualquer espécie, razão pela qual deve-se excluir a finalidade de lucro. A documentação engloba numerosos casos de mudança radical de vida: casais reunidos depois de períodos traumáticos de separação, alcoólicos e drogados que abandonam o vício, gente de vida desregrada que reencontrou um equilíbrio civil.

Admite, porém, deixando responsavelmente ao bispo a última palavra, que o parecer dos médicos representa "apenas uma verdade científica, não religiosa".

A economia do paraíso

Além desta "verdade científica" e das suas particularidades, o que há de realmente inédito no caso é, por um lado, a personalidade do vidente, homem originalmente carente de impulsos ascetas, dedicado ao seu trabalho de operário na fábrica de papel de Isola del Liri e ao amor por uma esposa que lhe dera duas filhas, depois gradualmente chamado à vida mística, ao sofrimento físico, ao recebimento de mensagens proféticas; por outro, a "qualidade" destas últimas, que retomam com uma especial coerência o fio de tudo que foi dito em Fátima e durante outros históricos encontros marianos, ligando entre si predições diversas para extrair um único suco, com o preciso mandato de divulgá-lo para qualquer um que seja posto a par. Aqueles que receberam a mensagem têm o dever de fazê-la circular. O imperativo da Madona, em uma aparição de 15 de julho de 1990, baseia-se numa lógica desconcertante na sua elementar simplicidade: "Já que sabem, têm a obrigação de avisar os outros." Consegue que "por esta razão, como apóstolos, devem falar e pregar". A advertência é firme, mas razoável: "Falai e, se não vos escutam, não faleis mais. Fizestes o que era possível..." Numa outra aparição, em 23 de dezembro de 1992, Maria explica que "a

difusão das mensagens é obra da caridade, de apostolado, pois o conhecimento delas em muitas pessoas dá frutos inesperados de bem", visto que "estas pessoas, depois de terem lido alguma informação sobre aparições decidem-se a pregar mais, fazer mortificações, praticar mais os mandamentos, buscar a palavra de Deus..."

Convida, portanto, "tu que chegaste a este ponto na leitura da mensagem" a "divulgá-la entre teus amigos e conhecidos". Suas razões são sustentadas pelo bom senso, além de uma imensa piedade pelo gênero humano: "Calcula: se um em vinte ou em cem extraísse uma vantagem espiritual, terias contribuído para cumprir uma ação que tem eternas repercussões..."

É a economia da salvação e da perdição, em que os cálculos podem produzir danação ou beatitude. Ao confrontá-los, a Virgem se mostra dulcíssima ou atormentada, às vezes humanamente desiludida: está "muito descontente", confia certa vez a Albino, em 17 de janeiro de 1993, "porque não foi levada a sério a sua mensagem de 1917".

É a Madona de Fátima que fala, nesta e em outras ocasiões, mas não é a única forma na qual gosta de manifestar-se ao vidente. Não desdenha mudar de traje, para dizê-la em termos profanos, evocando nas suas aparições perfis iconográficos diversos, reportáveis às tantas formas nas quais a devoção popular se expressa. Uma vez é a Madona de Lourdes, outra vez de Pompéia, depois de Medjugorje, de Loreto, de Fátima. Embora "sempre ela, uma só", assinala Albino na sua candura.

É uma outra singularidade do caso, devida talvez à tentativa de corresponder-se com os fiéis através das múltiplas fantasias que o imaginário católico produziu, e nas quais foi prodigiosamente atendido. Mas entre todas é Maria de Fátima aquela que podemos chamar de "a dona da casa" na habitação-santuário do Liri. É ela o estopim que pela primeira vez faz explodir em visão a centelha profética de Albino. Não deixa dúvida a respeito a aparição de 11 de dezembro de 1993, no decorrer da qual a Virgem diz ver "tanta gente que chega de toda parte para visitar este lugar escolhido e abençoado pelo Pai celeste: Isola del Liri se torna a segunda Fátima e toda a cidade deve ser transformada com o passar do tempo".

Em 17 de novembro de 1994, Jesus confirma: "Aqui em Isola del Liri será construído um santuário em honra de minha Mãe:"

É o aval visionário daquilo que representa nesta saga profética - da qual

Albino não é mais que um elo, e Liri uma etapa - o espírito de Fátima, que afinal é o mesmo de Lourdes, de La Salette, de Medjugorje. O que se mantém bem presente, pois a diversificação é sempre apenas virtual, e a Madona - seja lá como se queira chamá-la -, uma só.

Albino a descreve "muito jovem, de carnção clara, loura, com olhos celestes". Os cabelos tendem algumas vezes a escurecer, mas prevalecem sempre na imagem os tons claros. Tem uma voz tênue, dulcíssima. Jesus por sua vez é severo: "Quando a gente o vê, fica espantado", diz Albino. É austero, imponente, robusto: "Um homem bem alto, com 1,93 m." Como ele pode saber com tanta exatidão? "Ele me disse, uma vez em que me pegou pela mão e me levou para caminhar sobre um mome."



Anjos e beatos às portas do céu em uma gravura de Jacques Caillot para o Livro dos Santos, 1636.

E como é fisicamente Deus Pai? Por manual: "Velho, velhíssimo, com uma grande barba branca." Tem uma voz que ribomba como um trovão: "Quando me fala, a casa toda treme."

Aparecem separadamente, mas às vezes juntos, ou também acompanhados por outros santos, É como se o teto se escancarasse, diz Albino, e se formasse sobre ele "uma grande nuvem luminosa, uma espécie de arco-íris", na qual vão se delineando distintamente as fisionomias dos vários personagens. Entre estes, "O arcanjo Miguel e são Pedro, Rita de Cássia, Francisco de Assis, padre Pio...".

Os treze “segredos” de Albino

A insistência com que as figuras aparecem em visão e voltam a assinalar a obrigação de divulgar as mensagens, para qualquer um que delas tenha conhecimento, pareceria um outro sinal do nexo com Fátima. Um dos elementos por que há tanto clamor em torno do "terceiro segredo" é a insistente reticência dos pontífices (sete) em tornar público o conteúdo, em contraste com aquelas que pareceriam ser as diretrizes do céu. Não se entende, de fato, por que a Madona se incomodaria em transmitir uma mensagem de interesse universal para vê-la depois bloqueada exatamente pelo "vigário" de seu Filho, institucionalmente designado para a execução da vontade de Deus na terra. Por outro lado, entende-se por que esteja aborrecida, como diz na aparição de 17 de janeiro de 1993, diante da desatenção com que sua palavra foi recebida. E entende-se que sobre o mesmo conceito insistem tanto Jesus quanto o Deus Pai.

"Cada coisa que desta nossa voz vos é comunicada para a glória de Deus, tendes o dever de difundi-la e não contê-la inativa no vosso coração", diz o Cristo a Albino em um êxtase no dia 19 de abril de 1992. "Quem possui, porque recebeu do Senhor, deve ser portador para o próprio irmão e não fechar-se na alegria da posse da voz do Senhor ou dos seus servos, mas reparti-la com os outros. [...] Lê e faz difundir estas mensagens, porque nestas mensagens existe a riqueza da palavra do Senhor, e para que outros possam gozar da paz que delas emana."

Acrescenta em uma outra visão, em 3 de outubro de 1993, que para difundir as mensagens de Maria "todos os meios à disposição são bons: livros, textos

datilografados, jornais...”.

Mas não existe uma contradição no fato de que exatamente a mais perturbadora destas mensagens, aquela considerada até hoje decisiva em relação a cada outra profecia, esteja encerrada há oitenta anos na caixa-forte do papa? É evidente que sim, a ponto de a própria Virgem confessar o veto pontifical, revelando a Albino que "o famoso terceiro segredo de Fátima" seria já praticamente conhecido desde 1963. Tratar-se-ia do mesmo documento enviado, "a título informativo", pelas autoridades do Vaticano aos EUA, União Soviética e Inglaterra, insistindo ser "necessário, ou melhor, indispensável, a conversão e a cessação das experiências nucleares". Deram-lhes com antecedência o texto, que Maria repropõe na sua aparição de 23 de agosto de 1992, sem variações acerca do que foi relatado à época nos jornais.

Mas então, se o "segredo" é aquele já publicado, por que os papas se obstinam em não querer falar? Exatamente por isso, a rigor de lógica. Por que continuaram a mantê-lo secreto quando na verdade já não o era mais? Como justificar, se assim corresse as coisas, todas aquelas afirmações sobre a inconveniência de divulgá-lo por causa do seu tremendo conteúdo? Por que todo este zelo em quererem aparecer a todo custo como depositários quando o segredo já era de domínio público? Perguntas que, porém, só fazem sentido se os fatos realmente correram daquele modo e se o texto autêntico é aquele do qual se tem conhecimento. Do que, à parte as coisas ditas em visões pela Madona de Albino, não se tem prova alguma.

Mas Albino também tem os seus segredos: treze coisas a dizer sobre destinos futuros do homem, que por enquanto não pode revelar porque foi proibido pelas próprias entidades que as revelaram.

Mas não obstante o segredo e seus treze fatos específicos, transparece das visões um conjunto desolador. "A batalha está entrando nos seus momentos decisivos", anuncia a Virgem em uma profecia datada de 3 de maio de 1993; e recomenda: "Invocai com frequência a proteção de são Miguel, que é o chefe de todo este exército formado pelos anjos e pelos santos, pelas almas em purgação e por vós, para lutar contra o demônio e os maus espíritos”.

Acrescenta: "O tempo do meu triunfo chegou, pois o ápice do poder de Satanás chegou”.

Outras entidades se interpõem. São Pedro diz que "estes são os tempos mais

difíceis que já existiram desde a criação do mundo" (12 de dezembro de 1993). O arcanjo Miguel reforça aquilo que a Virgem já disse, ou seja, invocá-lo: "Só as preces dos homens acendem esta minha espada que se torna forte, e consigo derrotar o mal que existe no mundo inteiro. Eis por que a Virgem Maria, a nossa rainha, insiste em: rezar, rezar, rezar! (...) Só com as vossas preces conseguireis manter acesa a minha poderosa espada." (9 de novembro de 1994)

Três dias depois intervém o Deus Pai, com a autoridade desolada de um genitor a ponto de ter que adotar as medidas mais duras em relação a uma prole incorrigível. Nos seus êxtases, Albino o chama de Jahwé. São 4h45. Extenuado pelas copiosas perdas de sangue, o vidente transcreve as palavras: "Filhos meus, tudo está se cumprindo segundo a Escritura. Concedi um pouco de tempo a minha esposa Maria santíssima para que pudesse fazer a humanidade compreender que a época do fim dos tempos está às portas. A maior parte não quis acreditar, não quis se penitenciar, não quis rezar com o coração sincero. [...] Sou obrigado a intervir para salvar aqueles que me permaneceram fiéis nas provações. Grandes castigos estão para atingir toda a humanidade, porque estou por demais ofendido pela sua indiferença."

Sobre o rigor do pai, apesar de tudo, prevalece o amor pela sua prole extraviada, à qual dirige uma palavra de encorajamento: "Peço-vos, filhos que crêem na minha palavra de verdade, nunca temais, porque eu, o onipresente Jahwé, estou sempre convosco, até o fim dos tempos, e vos abençôo."

Os sinais

Para que cada um esteja preparado e em condições de salvar-se quando sobrevier a catástrofe, Maria revela os sinais através dos quais se possa reconhecê-la. São sinais, diz, já claramente indicados nos Evangelhos e nas cartas dos santos Pedro e Paulo, que começaram a mostrar-se nestes anos. Escolhe a última noite de 1993 para comunicar isto a ele. São cinco horas. Dirige-se a Albino como "mamãe celeste e profetisa destes últimos tempos":

O primeiro sinal é a difusão dos erros que levam à perda da fé e à apostasia.

São erros propagados por falsos mestres, por falsos teólogos que não ensinam mais a verdade do Evangelho, mas sim perniciosas heresias. [...] O segundo sinal diz respeito ao irromper de guerras e de lutas fratricidas, que levarão ao predomínio da violência e do ódio e a um esfriamento geral da caridade, enquanto se tornarão mais freqüentes as catástrofes naturais, como epidemias, escassez, inundações e terremotos. [...] O terceiro sinal será a sangrenta perseguição daqueles que se manterão fiéis a Jesus e ao seu Evangelho e permanecerão fortes na fé. [...] O quarto sinal será o horrível sacrifício consumado por aquele que se oporá a Cristo, ou seja, o Anticristo. Entrará no templo santo de Deus. Virá para colocar-se contra tudo aquilo que os homens adoram e chamam Deus. Virá com o poder de Satanás, com toda a força de falsos milagres e falsos prodígios, usará cada tipo de logro para fazer o mal. [...] O quinto sinal é constituído por fenômenos extraordinários, que ocorrerão no firmamento do céu: o sol escurecerá, a lua perderá seu esplendor, as estrelas cairão do céu e os poderes celestiais serão transtornados. O milagre do sol, ocorrido em Fátima durante a minha aparição, quer indicar-vos que agora entrastes nos tempos em que se cumprirão estas advertências, que vos prepararão para o retorno de Jesus na glória. Então se verá no céu o sinal do Filho do homem: todos os povos da terra chorarão e verão o Filho do homem subir às nuvens do céu com grande poder e esplendor.

Mas a batalha realmente decisiva, como se sabe pela antiga tradição, é aquela empreendida por Satanás para desagregar a Igreja e assumir o domínio. O tema volta nas profecias de Albino como naqueles dos séculos precedentes. "Dize-o, Albino!", exorta a Senhora de Fátima em uma aparição em 17 de janeiro de 1993. "Dize que o demônio está ganhando a batalha decisiva. [...] O demônio quer dominar as almas consagradas [dos sacerdotes] e trabalha para corrompê-los, para induzir os outros à impenitência final, e utiliza todas as astúcias, sugerindo por fim pôr em dia a vida religiosa: além da esterilidade interior. [...] Filhos meus, ou estamos com Deus ou estamos com o demônio."

Significativo é o aceno para pôr em dia a vida religiosa, sinônimo de decadência e perda do sentido da tradição, agora fendida por inovações que cada vez mais a afastam do ensino evangélico. Já o disseram outros profetas,

não apenas na idade moderna, preparando com séculos de antecipação a abolição da missa em latim e outras reformas litúrgicas, tendentes segundo eles a aviltar a sacralidade do rito.

Como reconhecer os servidores de Satanás

O constante apelo ao clero para cuidar dos próprios deveres é um outro ponto de continuidade e de contato temático com Fátima. É recorrente nas mensagens recebidas por Albino o desconcerto divino por um arrefecimento do zelo eclesiástico que cada vez mais degenera em uma espécie de destacada aquiescência, quase uma rendição em relação àquilo que as modas impõem. Não uma rendição mansa, mas medrosa: “tolerância”, é como a chama Jesus em uma aparição em 16 de outubro de 1992, mas trata-se de “uma tolerância que faz envergonhar e enrubescer quem verdadeiramente reza”. Uma rendição, portanto, em matéria de fé, que investe o estilo na prece.

A mensagem é de uma brevidade essencial, mas com acentos quase líricos, cadenciada pelo pranto que lhe destaca o conteúdo: “Chora o meu coração pelos meus sacerdotes, fiadores da minha palavra. Chora ao ver a tolerância deles, que faz envergonhar e enrubescer quem realmente reza fundindo-se com o Espírito de meu Pai.” Dois meses depois, uma mensagem menos dolente na aparência, porém mais seca no desapontamento que exprime: “Que faço eu dos pastores que descuidam do rebanho? Deverão me prestar contas e perecerão vergonhosamente”. É mais uma vez a vergonha, como se vê, o parâmetro da mal-entendida tolerância.

Aparições sucessivas, não apenas de Jesus, mas de Maria na diversidade dos títulos que lhe são atribuídos pela devoção popular, de “Virgem imaculada”, “Consoladora dos aflitos”, “Maria santíssima das graças” e assim por diante, delineando um quadro tendente a mostrar nos detalhes a existência de um plano preciso das forças do mal para sufocar as do bem. Mas é um plano, ver-se-á enfim, que serve a estas últimas para triunfar sobre as primeiras.

Montando entre si os elementos projetados nas várias mensagens, evidencia-se que existe “uma grande apostasia” em ação. Seu objetivo principal é permitir “que o mistério da iniquidade entre no templo santo de Deus”. Mas com a apostasia tem início também uma era de “grande purificação”, que

deverá consumir-se através das duas fases sucessivas da "grande tribulação da qual fala a divina Escritura" e do "grande castigo que prepara a segunda gloriosa vinda do Filho". Em preparação para a batalha final, o Pai "está separando o bem do mal, a luz das trevas; está para tolher a liberdade a Satanás, aos demônios e a todas as forças do mal". Por isso, "nestes dias se manifestarão com grande poder toda a sua força malvada" contra o verdadeiro povo de Deus. O equívoco não é mais possível, pois a separação operada pelo onipotente Jahwé será nítida: "Todos aqueles irmãos que estão na luz estarão nos próximos dias plenos de Espírito Santo, doado por Deus Pai. Todos aqueles que estão na treva serão escravos de Satanás, que fará deles o que quiser, porque não serão mais eles a decidir, mas serão as forças do mal a operar neles."

Como será possível reconhecê-los? "Das obras dele sabereis que são escravos de Satanás".

Não será simples defender-se da sua nefasta influência, pois "nestes últimos meses, antes do encerramento definitivo da era do mal, o demônio tenta penetrar nas vossas mentes, mas também no vosso coração, na confusão dos pensamentos e dos sentimentos, com o único objetivo de enfraquecer a vossa fé". É marcante que o vidente, ao se referir a esta crônica assim como a aprendeu em visão, não fale de "últimos meses" de uma era futura, mas "destes últimos meses", usando o verbo em um presente de tom realístico, não metafórico, bem enraizado em uma atualidade que nem todos estão ainda em condição de reconhecer.

A verdade gritada pela Virgem é que seu inimigo Satanás "sabe que resta para ele pouco tempo e é por isso que se desencadeou com todos os seus exércitos de anjos rebeldes sobre cada família".

Às terrificantes perspectivas das provações que definições como a "grande purificação", ou "tribulação", ou "castigo" deixam entrever se contrapõem, porém, como se dá na tradição profética mariana, certezas tranquilizadoras. "Na tempestade que está vindo estarei sempre convosco", diz Maria de Fátima a Albino. "Cegarei Satanás com a minha prece. (...) Sou a vossa Mãe, posso e quero ajudar-vos. Vereis em toda parte o fulgor que ilumina o céu e a terra. Com ele despertarei quem está adormecido e iluminarei quem está no escuro".

E Cristo, por sua vez: "Não me obrigueis a ser juiz, sou o amigo eterno e o

amor absoluto. Glorificai-me com a vossa existência”. Com o convite para repetir, de dia, de noite, quanto mais vezes for possível: "Se Jesus está conosco, podemos tudo, tudo, tudo.”

Em troca, promete: "Eu não vos deixo. Não vos deixo sozinho e assustados, e vos darei presentes cada vez maiores.”

A recomendação é uma só para todos: "Não sejais colhidos de surpresa”.

Para os sacerdotes há um incitamento especial para "pregar o poderio de Satanás a fim de poder exaltar o poderio infinito de Deus". Serve para evidenciar que também através das tramas do Diabo se realiza enfim o projeto divino. Vale para isso aquilo que disse Maria comunicando que o tempo do seu triunfo era chegando, visto que o de Satanás estava no ápice.

Existe, pois, sempre para o clero, uma advertência que parece ali formulada para a consolação do vidente, obrigado também ele a topar, como qualquer outro profeta ou sensitivo envolvido em fenômenos de origem incerta, com a incredulidade quando não exatamente com a aberta hostilidade eclesiástica. "Parai, bispos e sacerdotes", intima a Virgem, "de obstruir o meu caminho em direção a meus filhos, cessai de combater as minhas aparições”.

O vidente não poderia dizê-lo melhor: sendo ele obstruído, obstruem a entidade divina que se vale dos seus êxtases para se comunicar com os homens. É a influência bíblica que se entrelaça com o espírito de Fátima para repropor a antiga questão da credibilidade dos profetas, que são autênticos, se credenciados expressamente por Deus.

Três dias de extermínio

Existem nas profecias de Albino ecos de outros oráculos que facilmente se conciliam com o espírito de Fátima, o qual, aliás, corre nos tempos como um rio, deixando que na própria corrente confluam águas provenientes das mais remotas nascentes. Existe a influência bíblica, em sentido não só apocalíptico como também metodológico, para o convite a saber reconhecer a mensagem profética. Existe a influência de Joaquim da Fiore e da escatologia medieval, implícita no anúncio de que uma nova era do Espírito Santo estaria agora às portas (visão de 22 de agosto de 1993). Existe a influência de um racionalismo cristão mais moderno, que mitiga e compensa

a intransigência expressa em toda parte sobre a necessidade de manter inalterada a tradição. Vale para isso o raciocínio (recebido em um dos primeiros êxtases, em 2 de maio de 1988) sobre a necessidade de não confiar exclusivamente na fé para a realização dos próprios desígnios: "Muitos, por uma educação errada, ou querem fazer tudo por si ou deixam tudo por conta de Deus. Em geral os primeiros se encontram entre os ateus, os segundos entre os cristãos: ambos os grupos pecam por presunção". Existe, pois, a influência da obsessão milenarista "monacal" pelo feminino, fenômeno de vasto fôlego entre o século XIX e o início do XX, do qual deram dramático testemunho, videntes da estatura mística de Anna Maria Taigi e Marie Julie Jahenny, que "vivenciaram" com extraordinário realismo nas suas visões, os dias do Anticristo.

Acerta em particular o recurso, naquelas que são talvez as mais perturbadoras profecias de Albino, aos mesmos cenários cavernosos de perdição que com tanta profusão de detalhes horríveis foram descritos um século antes por essas mulheres tão distantes, por sensibilidade e formação, por sua cultura simples, solar, apurada pelo eco - dir-se-ia - das cascatas do Liri. Eis de que modo Albino o repropõe pela voz da Madona (profecia de 15 de julho de 1990), do Senhor (4 de novembro de 1992) e mais uma vez da Madona (11 de outubro de 1993).

"O plano dos dias que estão por vir está delineado nos mínimos detalhes no Livro da Vida." Assim exorta a Virgem, anunciando um acontecimento que "assinala o início de terríveis dores", também pela cólera do Pai, que nos últimos tempos "viu aumentar os infanticídios". Com esta referência explícita à atualidade do aborto, incluído entre as pragas anticristãs por excelência, a mensagem entra ao vivo: "Muitos se converterão por causa do fenômeno que meu filho está preparando. Muitos cairão no inferno sem tempo para se arrependerem. Se pudesse pôr o futuro diante de vossos olhos, deixaríeis logo as vossas ocupações mundanas por uma vida de preces. [...] Haverá um grande aviso, depois um milagre e, se depois disso o homem não mudar, será atingido por um cometa. [...] Este virá diretamente do céu e ninguém poderá presumir que seja obra dos homens ou que se trate de um fenômeno natural. De fato [...] será visto por cerca de duas semanas suspensa no céu, antes que venha a golpear a terra, aterrorizando os homens. Aqueles que permanecerem com Deus não terão medo, porque conhecem o

plano do Pai."

Depois da Virgem fala o Senhor, anunciando como iminente a chegada de "uma escuridão imensa que durará por três dias e três noites". O ar se tornará irrespirável, nocivo para a saúde, e "também a luz artificial será difícil de utilizar: apenas as velas benzidas poderão arder e iluminar naqueles terríveis dias". Aparecerão demônios já descritos em outras profecias, horríveis de se ver e ouvir, por suas blasfêmias. "Raios e centelhas entrarão nas casas, mas não conseguirão apagar as velas benzidas; não serão apagadas pelos ventos nem pelos terremotos". O céu será atravessado por "uma nuvem vermelha como o sangue", enquanto "um forte rumor fará a terra tremer", e sobre ela, enfim, "reinará uma grande desolação". A vegetação será completamente destruída e os sobreviventes não serão mais que "uma quarta parte da humanidade".

A profecia contém, além disso, recomendações acerca de como comportar-se quando se ouvir um rumor tremendo: "Deveis fechar as portas e janelas de modo a cobrir a luz que vem de fora, e não sejais curiosos, porque sereis punidos. Ouvireis vozes de pessoas queridas, mas não deveis abrir a porta porque não são elas, e sim demônios que vos enganam para poder entrar nas vossas casas. Recolhei-vos em prece diante do Crucifixo e recomendai-vos em prece diante do Crucifixo e recomendai-vos a Deus com muita fé, sem temor. [...] Se acreditardes em tudo isto, não tendes necessidade de outras revelações".

De fato, não ocorreram outras revelações subseqüentes da Madona acerca dessas jornadas de trevas, que "não serão o fim do mundo", mas apenas "um sinal". Há, porém, uma informação importante: tudo isso acontecerá "quando o trono de Pedro estiver vazio". O que não significa necessariamente o fim do papado, pois poderia também acontecer juntamente com um condave, entre a morte de um papa e a eleição do novo. Não haveria tempo de sobra, não se tratando mais do que três únicos dias: "três dias e três noites em escuridão completa".

No final "surgirá o sol e os homens voltarão para Deus. Na espera, porém, Maria recomenda como mãe preocupada: "Levai aqueles círios para casa e conservai-os sempre prontos, como as virgens sensatas."

Fim da mensagem.

Voltando, portanto, às concordâncias com outras profecias, e em especial

com o milenarismo oitocentista, deve-se destacar que os três dias de treva contínua já tinham sido conhecidos e descritos nos seus êxtases também por Jahenny, Taigi, sóror Maria Jesus Crucifié e outras profecias inspiradas pela mesma obsessão (neste nosso século Elena Ajello, cujas previsões assinalavam que a terceira guerra mundial deveria durar setenta horas, portanto, três dias). Tinham "visto" os demônios horripilantes e ouvido suas blasfêmias, as devastações e a terra transformada em um imenso cemitério. Haviam recomendado o recurso às velas benzidas, que, contudo, só teriam feito luz nos casos dos justos, não dos ímpios. Haviam, enfim, calculado que só um quarto da humanidade sobreviveria.

Os profetas da última hora

O que há então de novo na profecia de Albino? Aparentemente, nada. Caso se tratasse de uma notícia de jornal já deveria ter sido considerada superada. Tratando-se em vez disso de uma profecia, pode-se considerá-la boa ou não, segundo as convicções de cada um, mas "por sua própria conta e risco", como diria um famoso historiador das religiões. Pois repropor cenários já previstos por profetas anteriores é, na economia geral da adivinhação, motivo de crédito a mais. Pelo menos por três bons motivos.

Um, porque as predições escatológicas, direcionadas a adivinhar quais serão os destinos extremos do homem, são forçosamente de coisas ligadas a um único fio, ao longo do qual correm os mesmos prognósticos, vez por outra retomados com variações mínimas ou em versão totalmente idêntica. Como demonstra, aliás, a tradição apocalíptica - que há dezenove séculos repropõe os vários quadros da "revelação" de João nas interpretações mais diversas, mas sem mudar-lhe a substância e com frequência tampouco a forma - também fora do âmbito judaico-cristão.

Dois, porque a "comunicação" de profeta em profeta das mesmas imagens ou palavras faz parte da praxe divinatória, sobretudo em matéria religiosa. Como sistematicamente demonstram as aparições marianas, caracterizadas por interações às vezes exasperantes, no estilo, no vocabulário, na prosódia das várias mensagens, que pareceriam entre si copiados, enquanto simplesmente respondem a um único fim invariável. Nesta ótica, deve-se entender por "comunicação" não apenas a transmissão telepática ou por

canais que escapam ao controle da razão, mas a pura e simples "transcrição" do texto, pois também ao impulso de copiá-lo podem ser atribuídas motivações de necessidade psicológica. Dos quais se encontra respaldo científico na citada teoria jungiana do inconsciente coletivo. E também a alusão ao Livro da Vida na abertura da profecia sobre o "plano dos dias que estão por vir", representa para seus ecos steinerianos um excelente testemunho em tal sentido.

Três, porque não se entende por que um vidente já exposto ao habitual ceticismo alheio deveria chamar para si novas contestações fáceis atingindo textos já conhecidos, publicados e comentados pelos especialistas, se não impelido por uma necessidade superior, percebida por ele talvez inconscientemente, talvez voltada a inserir quem sabe qual nova cunha - ou preencher quem sabe qual voto - no seu mosaico pessoal visionário.

Como negar, ademais, que os mesmos conceitos retomados por um foram igualmente retomados por outro - e por mais um outro antes dele - escavando quem sabe qual arquivo da memória universal? Vale com maior razão para símbolos e sinais que, como aqueles de Albino e das freiras milenaristas antes dele, exigem a atenção do homem sobre eventos hoje mais reconhecíveis do que um tempo, como o desastre ecológico (o ar "nocivo", letal para a saúde), uma crise energética de proporções planetárias ("três dias no escuro", sem sequer luz artificial), a deflagração nuclear (a "nuvem vermelha" seguida de um terrível trovão) e seus subprodutos ("raios e centelhas" que se infiltram em toda parte).

Deste ponto de vista, portanto, o último a falar depois de tantos não passa de um elo da cadeia apenas um pouco mais próximo do fim, investido assim de uma trágica dignidade em relação aos outros, porque diretamente envolvido na catástrofe que ainda continua às portas.

Aos profetas da última hora, quando também premidos a repetir coisas já ditas, é confiada uma responsabilidade dupla em relação aos seus predecessores: comunicar o que está para acontecer, mas também de que modo preveni-lo, pois não há destino apocalíptico que não possa ser mudado. As grandes profecias de cada tempo - e as marianas do último século em especial - são pródigas de conselhos sobre como modificar o curso, transmutando em regeneração o desastre. Não ocorrem especiais chaves para ter acesso a este seu significado profundo. Basta saber ler com

os olhos do coração.

